



“UMA NARRATIVA BRILHANTE,  
REPLETA DE CONHECIMENTO  
HISTÓRICO.” **THE TIMES**

HARRY SIDEBOTTOM

# GUERREIROS DE ROMA

FOGO NO LESTE

HARRY SIDEBOTTOM

GUERREIROS

DE ROMA

FOGO NO LESTE

Tradução de *Ana Ban*

Título Original: *Fire in the East*



E D I T O R A R E C O R D  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2011

*Para Frances, Lisa, Tom e Jack Sidebottom*



# A viagem do *Concórdia* e o itinerário do *Dux Ripae*





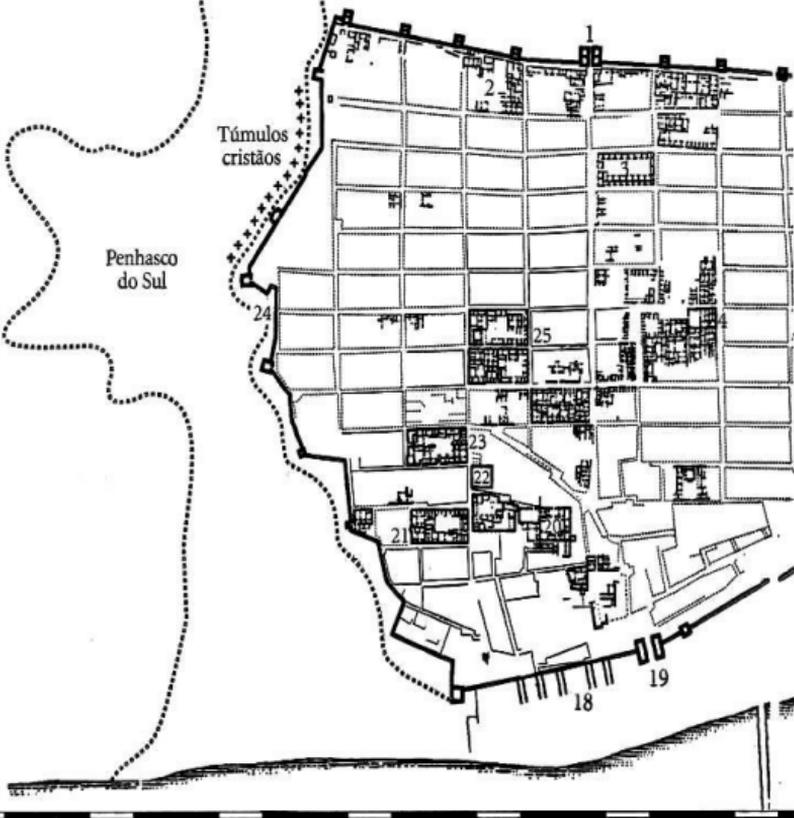
Limite dos túmulos.

Linha de alcance máximo da artilharia (400 passos)

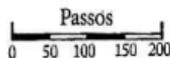
Linha de alcance efetivo da artilharia (200 passos)

Túmulos cristãos

Penhasco do Sul



## Cidade de Arete



- 1 Portão de Palmira
- 2 Igreja Cristã
- 3 Caravançarai
- 4 Ágora
- 5 *Campus martius*
- 6 Templo de Bel
- 7 Casa de Acilio Glabrio
- 8 Portão menor do norte
- 9 Templo de Azzanathcona
- 10 Principia
- 11 Quartel
- 12 Templo de Júpiter Doliqueno
- 13 Banhos
- 14 Celeiro militar
- 15 Palácio do *Dux Ripae*
- 16 Armazém de artilharia
- 17 Anfiteatro
- 18 Passagens abertas na pedra
- 19 *Porta Aquaria*
- 20 Casa de Anamu
- 21 Casa de Iarhai
- 22 Casa de Teodoto
- 23 Casa de Ogelos
- 24 Portão menor do sul
- 25 Templo de Ártemis



*"E que eles, ao cercar uma fortaleza, consigam derrotar quem quer que possivelmente esteja dentro daquela fortificação e da cidade, obtendo por meio disso duas coisas: primeiro — a revelação de seus segredos; e segundo — exercer intimidação e medo por meio de si mesmos. E que um homem seja enviado por meios secretos para desestabilizar a mente deles, e privá-los de qualquer esperança de socorro, e que lhes diga que seu segredo astucioso foi revelado, e que histórias sejam contadas a respeito de sua fortaleza, e que dedos apontem para seus pontos fortes e fracos e para os lugares a que os golpes de ariete serão dirigidos, e aos lugares onde túneis serão escavados, e aos lugares onde escadas serão colocadas, e aos lugares onde os muros serão escalados, e aos lugares onde o fogo será ateado — para que tudo isso os encha de pavor (...)."*

— Fragmento do *Livro de Ayin*, sassânida, da tradução do inglês de James [2004], 31

## Prólogo

(Verão de 238 d.C.)

A guerra é um inferno, A guerra civil é pior ainda. Aquela guerra civil não estava indo bem. Nada acontecia de acordo com os planos, A invasão da Itália estava paralisada em um impasse.

Os soldados tinham sofrido com a travessia dos Alpes antes de o brilho do sol da primavera derreter a neve das passagens, Eles achavam que seriam recebidos como libertadores. Tinham sido informados de que bastaria colocarem os pés na Itália para que todo mundo viesse correndo de encontro a eles com galhos de oliveira nas mãos, empurrando as crianças em sua direção, pedindo clemência, prostrando-se aos pés deles.

Não tinha sido como eles esperavam, Tinham descido das montanhas e se deparado com uma paisagem vazia. Os habitantes tinham fugido, levando tudo que conseguiram carregar. Havia tirado até mesmo as portas das casas e dos templos. As planícies, normalmente agitadas de tanta atividade, estavam desertas. Quando os soldados atravessaram a cidade de Emona, a única coisa viva que encontraram foi uma alcateia de lobos.

Já havia mais de um mês que o exército estava acampado do lado de fora das muralhas da cidade de Aquileia, no norte da Itália. As legiões e as unidades auxiliares passavam fome e sede e estavam cansadas. A cadeia de suprimentos improvisada às pressas tinha se rompido. Não havia nada que pudessem obter no local. Tudo que os cidadãos não tinham juntado do lado de dentro das muralhas, os próprios soldados tinham desperdiçado logo ao chegar. Não havia abrigo. Todas as construções dos subúrbios tinham sido demolidas para fornecer material para o maquinário de cerco. O rio estava poluído com cadáveres de ambos os lados.

O cerco não estava progredindo. Não havia como penetrar as muralhas. Não havia mecanismos de assédio suficientes, a defesa era eficiente demais. Cada tentativa de atacar as muralhas com escadas e torres móveis acabava em fracasso sangrento.

No entanto, não havia como pôr a culpa na coragem do grande homem. Todos os dias, o imperador Maximino Trácio cavalgava ao redor da cidade, bem no limite do alcance das flechas dos inimigos, para incentivar seus homens nas linhas de cerco. Ao passar pelas fileiras, ele lhes prometia que poderiam fazer o que bem entendessem com a cidade e com os habitantes dela. Embora sua coragem nunca tenha sido posta em dúvida, sua avaliação dos acontecimentos sempre fora causa de desconfiança. Agora, a cada novo revés, ele se tornava mais selvagem. Como um animal indomado ou, como muitos diziam, como o camponês meio bárbaro que ele nunca deixaria de ser, atacava com violência as pessoas a seu redor. Os oficiais que lideravam tentativas malfadadas de escalar a muralha

eram executados de maneiras cada vez mais criativas. Originalidade especial era reservada aos integrantes da nobreza.

Balista passava mais fome e sede e andava mais sujo do que a maior parte dos soldados. Ele era um jovem alto, só tinha vivido 16 invernos, passava de 1,80 m e ainda estava crescendo. Ninguém sofria com a falta de comida de maneira mais aguda do que ele. O comprido cabelo loiro escorria pelas costas. Um resquício de nojo o impedia de se banhar na beira do rio. Desde o dia anterior, um cheiro de queimado, um fedor de carne tostada, tinha se juntado aos outros odores que pairavam a seu redor.

Apesar de sua pouca idade e de sua posição como refém diplomático de sua tribo, todo mundo partia do princípio de que alguém com seu berço, descendente de Woden, deveria liderar uma das unidades de irregulares germânicos. Os romanos tinham calculado a altura da muralha, tinham produzido escadas no comprimento correto e, com Balista à frente, os cerca de quinhentos bárbaros dispensáveis tinham sido despachados. Os homens tinham avançado correndo, com o corpo inclinado para a frente no meio da tempestade de projéteis. O corpo volumoso dos germânicos e a ausência de armaduras os transformavam em bons alvos. Vez ou outra, ouvia-se um som repugnante quando um projétil atingia o alvo. Eles pereciam aos montes. Os sobreviventes avançavam cheios de coragem. Logo as muralhas lisas se avultavam acima deles. Alguns perdiam a vida ao deixar de lado os escudos para subir as escadas.

Balista tinha sido um dos primeiros a atingir os degraus. Ele tinha começado a subir com a ajuda de uma das mãos, segurando o escudo como cobertura, a espada ainda na bainha. Uma pedra desceu e atingiu o escudo, quase fazendo com que caísse da escada. O barulho era indescritível. Ele viu uma vara comprida aparecer por cima da muralha e se estender no alto da escada ao lado. Na ponta da vara havia uma ânfora grande. A vara foi virando lentamente, a ânfora se inclinou e uma mistura flamejante de piche e óleo, enxofre e betume derramou-se como chuva por cima dos homens na escada. Eles gritavam, com as roupas em chamas; o tecido encolhia e se colava à pele, queimando a carne. Um após o outro, todos foram caindo da escada. O líquido incendiário se esparramava por cima dos que estavam ao pé da escada. Eles tentavam apagar as chamas dando tapas com as mãos, rolavam no chão. Não havia como extinguir o fogo.

Quando Balista olhou para cima, havia outra ânfora pairando sobre sua cabeça, e a vara estava começando a girar. Sem hesitar, Balista se jogou da escada. Caiu com tudo no chão. Por um instante, achou que tinha quebrado ou torcido o tornozelo e seria queimado vivo. Mas o instinto de auto-preservação fizera com que ele superasse a dor e, berrando para que seus homens o seguissem, ele fugiu para longe.

Já fazia algum tempo que Balista andava pensando que uma conspiração seria inevitável. Por mais impressionado que estivesse com a disciplina romana, nenhuma corporação de lutadores seria capaz de suportar aquele cerco durante muito tempo. E, depois do desastre daquele dia, ele não tinha se surpreendido ao ser abordado.

Agora, enquanto esperava para desempenhar seu papel, percebeu a extensão de seu medo. Ele não tinha vontade de bancar o herói. Na verdade, não tinha escolha. Se não fizesse algo, ou Maximino Trácio o executaria ou os conspiradores iriam assassiná-lo.

Os conspiradores tinham razão. O número de guardas ao redor da barraca imperial era bem pequeno. Muitos dos presentes estavam dormindo. Era aquela hora sonolenta logo depois do meio-dia.

O momento em que se fazia uma pausa no cerco. A hora em que o imperador e seu filho descansavam.

Com um sinal de um dos conspiradores, Balista partiu na direção da enorme barraca púrpura que exibia estandartes do lado de fora. De repente, percebeu como aquele dia estava bonito; era um perfeito dia italiano de início de junho, quente com uma brisa leve. Uma abelha zumbia em seu caminho. Andorinhas rodopiavam no céu lá em cima.

Um vigia pretoriano bloqueou o caminho de Balista com a lança.

— Aonde você acha que vai, bárbaro?

— Preciso ter com o imperador.

Balista falava um latim razoável, apesar do sotaque carregado.

— E quem não precisa? — O pretoriano fez pouco caso. — Agora, saia já daqui, menino.

— Tenho informações sobre uma conspiração contra ele. — Balista baixou a voz.

— Alguns oficiais, os nobres, estão tramando sua morte.

Ele observou a indecisão evidente do guarda. O perigo potencial de não transmitir ao imperador a notícia de uma possível conspiração acabou por superar o medo natural de acordar aquele homem cada vez mais impaciente e violento, para quem as coisas não andavam nada bem.

— Espere aqui.

O pretoriano chamou um colega soldado para ficar de olho no bárbaro e desapareceu barraca adentro.

Ele reapareceu pouco tempo depois e disse ao outro pretoriano que desarmasse e revistasse o jovem bárbaro. Depois de entregar a espada e a adaga, Balista foi conduzido para dentro da barraca; primeiro a uma ante-câmara, depois ao aposento central.

No começo, Balista mal conseguia enxergar. A luz arroxeadada das profundezas da barraca parecia fraca em comparação com o sol que brilhava lá fora. Na medida em que seus olhos foram se ajustando, ele distinguiu o fogo sagrado que sempre era carregado na frente do imperador reinante, queimando fraco em seu altar móvel. Depois, pôde ver uma cama de campanha grande. Dela, erguia-se o enorme rosto pálido do imperador Caio Júlio Vero Máximo, comumente conhecido como

Máximo Trácio, Maximino o Trácio. Ao redor de seu pescoço, reluzia o famoso torque de ouro que ele usava em sinal de reconhecimento como soldado particular do imperador Sétimo Severo,

Do canto mais distante da barraca, uma voz estalou:

— Faça a adoração, prostre-se.

Quando Balista foi empurrado para a frente pelo pretoriano, para que caísse de joelhos, viu o bonito filho de Maximino Trácio sair da escuridão. Com relutância, Balista se prostrou no chão e então, quando Maximino Trácio estendeu a mão, beijou o anel pesado incrustado com uma pesada pedra preciosa com a imagem de uma águia entalhada.

Maximino Trácio estava sentado na beira da cama. Vestia apenas uma túnica branca simples. O filho estava em pé ao seu lado, usando seu traje contumaz composto pela armadura de ornamentação rebuscada sobre o peito e a espada de prata enfeitada, com a empunhadura em forma de cabeça de águia. Balista permaneceu ajoelhado.

— Pelos deuses, ele fede — disse o filho, levando um lenço perfumado ao nariz.

O pai fez um aceno para que se calasse.

— Você está a par de uma trama para acabar com a minha vida. — Os enormes olhos cinzentos de Maximino Trácio estavam fixos no rosto de Balista. — Quem são os traidores?

— Os oficiais, a maior parte dos tribunos e alguns centuriões da *Legio II Parthica, Dominus*.

— Dê-me os nomes.

Balista pareceu relutante.

— Não deixe meu pai esperando. Diga os nomes — disse o filho.

— São homens poderosos. Têm muitos amigos e grande influência. Se souberem que eu os denunciei, vão me prejudicar.

O homem corpulento deu risada: um som horrível, rascante.

— Se o que diz é verdade, eles não vão estar em posição de prejudicar você ou qualquer outra pessoa. Se o que diz não é verdade, o que eles podem ou não fazer com você será a menor de suas preocupações.

Balista lentamente enfileirou uma lista de nomes.

— Flávio Vopisco, Júlio Capitolino, Aélio Lamprídio... — No total, eram 12 pessoas.

Se eram ou não os verdadeiros nomes dos homens participantes da conspiração, àquela altura não fazia muita diferença.

— Como sabe que estes homens desejam me matar? Que provas tem?

— Eles pediram que eu me juntasse a eles. — Balista falou alto, na tentativa de distraí-lo do barulho que só fazia crescer lá fora. — Pedi que me dessem instruções por escrito. Tenho-as aqui comigo.

— Que balbúrdia é esta? — Maximino Trácio berrou com o rosto contorcido em sua irritação habitual. — Pretoriano, diga-lhes que fiquem quietos.

Ele estendeu a mão enorme para pegar os documentos que Balista oferecia como prova.

— Como pode ver... — Balista prosseguiu.

— Silêncio — ordenou o imperador.

Em vez de diminuir, o barulho lá fora aumentou. Maximino Trácio, com o rosto agora contorcido de raiva, voltou-se para o filho.

— Vá lá fora e mande que calem a boca.

Maximino Trácio continuou a ler. Então, uma algazarra fez com que seu rosto pálido se erguesse. Em sua expressão, Balista detectou o primeiro vestígio de desconfiança.

Balista levantou-se de um salto. Agarrou o altar que continha o fogo sagrado e tentou golpear a cabeça do imperador com a peça. Maximino Trácio agarrou o pulso de Balista com uma força incrível. Com a mão livre, deu um soco em seu rosto. A cabeça do jovem estalou para trás. O homem corpulento acertou-o no estômago. Balista desabou no chão. Com uma das mãos, o imperador fez com que se erguesse. Colocou seu rosto, que mais parecia uma pedra, bem perto do de Balista. Seu hálito fedia a alho.

— Você vai morrer devagar, seu fodido.

Maximino Trácio o jogou para longe em um gesto quase despreocupado. O jovem desabou em cima de algumas cadeiras e virou uma mesa de campanha.

Quando o imperador pegou a espada e se dirigiu para a porta, Balista tentou desesperadamente levar um pouco de ar para dentro dos pulmões e esforçou-se para ficar em pé. Olhou ao redor em busca de uma arma, Como não viu nada, pegou um estilo que estava em cima de uma escrivaninha e saiu cambaleando atrás do imperador.

Da antecâmara, toda a cena lá fora parecia enquadrada e iluminada por uma luz forte, como se fosse uma pintura em um templo ou em um pórtico. A distância, a maior parte dos pretorianos corria, Mas alguns tinham se juntado aos legionários da *Legio II* e tiravam os retratos imperiais dos estandartes. Mais perto, ouvia-se um tumulto estalante de corpos. Logo além da entrada da barraca estavam as costas corpulentas de Maximino Trácio. Empunhando a espada, sua cabeça se virava para lá e para cá,

O tumulto parou, e por cima da multidão se ergueu a cabeça decepada do filho de Maximino Trácio, espetada em uma lança. Continuava bonita, mesmo manchada de terra e sangue.

O som que o imperador soltou não era humano. Antes que o homem pesado fosse capaz de se mover, Balista se lançou sobre suas costas.

Como um caçador de bestas em uma arena, tentando se livrar de um touro, Balista enfiou o estilo no pescoço de Maximino Trácio. Com um movimento enérgico do braço, o homem corpulento jogou Balista para o outro lado da antecâmara. O imperador se virou, arrancou o estilo e jogou a peça ensanguentada em cima de Balista. Com a espada em riste, avançou.

O jovem se ergueu com dificuldade, agarrou uma cadeira, colocou-a à frente do corpo como escudo improvisado e recuou.

— Seu fodido traíçoeiro, você me deu sua palavra... fez o juramento militar, o *sacramentam*. — Sangue escorria abundantemente pelo pescoço do imperador, mas isso não parecia detê-lo, Com dois golpes de espada, ele estraçalhou a cadeira,

Balista se contorceu para evitar ser atingido, mas sentiu uma agonia excruciante quando o golpe da espada arranhou suas costelas. Agora no chão, com os braços em cima da ferida, Balista tentou se arrastar para trás. Maximino Trácio colocou-se em pé por cima dele, preparando-se para desferir o golpe final.

Uma lança penetrou as costas desprotegidas do imperador, Ele deu um involuntário passo cambaleante para a frente. Outra lança atingiu suas costas novamente. Ele deu mais um passo e então caiu bem em cima de Balista, Seu

peso enorme esmagava o jovem, e seu bafo quente e fétido era exalado sobre a bochecha de Balista. Os dedos se ergueram para esmagar os olhos do rapaz.

De algum modo, o estilo estava mais uma vez na mão direita de Balista. Com uma força derivada do desespero, o jovem enfiou a peça pontuda na garganta do imperador. O sangue jorrou. Os dedos do imperador recuaram em um gesto espasmódico. O sangue fez os olhos de Balista arderem.

— Vamos voltar a nos ver. — O homem corpulento proferiu sua ameaça final com um sorriso odioso, o sangue gorgolejando e espumando da boca contorcida.

Balista observou enquanto arrastavam o corpo para fora da barraca. Lá, caíram em cima do imperador como uma matilha de cães dividindo a caça. A cabeça foi arrancada e, como a do filho, erguida em uma lança. O corpo enorme foi deixado para quem quisesse pisotear e desmembrar e para as aves e cães dilacerarem.

Muito mais tarde, as cabeças de Maximino Trácio e do filho foram enviadas a Roma para exibição pública. Seus restos mortais foram jogados no rio, negando um enterro a seus corpos e descanso a seus espíritos.

## **Navigatio**

**(Outono de 255 d.C.)**

Quando o navio de guerra ultrapassou o quebra-mar do porto de Brundísio, os espíões já tinham se encontrado. Acomodaram-se no deque, indistinguíveis entre os outros homens do *Dux Ripae*. De sua posição próxima à proa, eles olharam para trás, para a outra ponta do casco estreito da galé, para o ponto onde, a cerca de 30 metros, localizava-se o objeto de sua atenção profissional.

— Bárbaro desgraçado. Três de nós só para vigiar um bárbaro desgraçado. Ridículo! — O *frumentarius* falava baixinho, quase sem mover os lábios.

O sotaque do interlocutor apontava para o bairro pobre de Subura no vale apinhado de gente entre duas das sete colinas da Roma eterna. As origens dele podiam ser humildes mas, como *frumentarius*, ele e seus dois colegas estavam entre os homens mais temidos do Império Romano, o *imperium*. O título de *frumentarii* devia implicar que eles tinham alguma coisa a ver com a distribuição de grãos ou das rações militares. Ninguém acreditava realmente nisso. Era a mesma coisa que chamar o mar Negro agitado de "mar hospitaleiro" ou os demônios da vingança de "gentis". Do cônsul mais patricio de Roma ao escravo mais baixo em uma província longínqua como uma das Britânicas, os *frumentarii* eram conhecidos e odiados pelo que eram na realidade: a polícia secreta do imperador; seus espíões, seus assassinos, seus homens armados com facas. Pelo menos no coletivo, eles podiam ser reconhecidos. Formavam uma unidade especial do exército, com integrantes transferidos de outras unidades e acampamento fixado na colina Caeliana. Individualmente, os *frumentarii* quase nunca eram identificados. Dizia-se que, quando alguém reconhecia um deles, era porque ele queria ser descoberto, e aí já era tarde demais.

— Não sei — disse um dos outros. — Talvez seja uma boa idéia. Não se pode confiar nos bárbaros, naturalmente, e com certeza eles são tão ardilosos quanto se pode imaginar. — A voz dele aludia às montanhas e às planícies castigadas pelo sol do extremo Ocidente; às províncias da Espanha distante ou até mesmo da Lusitânia, onde o Atlântico quebrava na praia.

— Bobagem — disse o terceiro. — Certo, são mesmo uns canalhas em quem não se pode confiar. Mentem a partir do momento em que aprendem a enganar. Mas os do norte, como esse cretino, são parvos, lerdos até não poder mais. Os do norte são grandes, ferozes e burros, ao passo que os do leste são pequenos, matreiros e se cagam de medo de qualquer coisa. — A fala arrastada mostrava que sua primeira língua não era o latim, mas sim o cartaginês, do norte da África; a língua falada quase meio milênio antes por Aníbal, o grande inimigo de Roma.

Todos os homens no deque e a tripulação lá embaixo ficaram em silêncio quando Marco Clódio Balista, *Vir Egregius*, Cavaleiro de Roma e *Dux Ripae*, Comandante das Margens dos Rios, ergueu os braços aos céus para dar início ao costumeiro ritual de início de viagem. A água estava calma ali no limiar do oceano, onde as águas protegidas do porto de Brundisio encontravam o Adriático. Com os remos estendidos em posição de descanso, a galé parecia um inseto gigante em cima da superfície das águas. Em bom latim, que nem por isso deixava de ter um quê das florestas e dos pântanos do longínquo norte, Balista começou a entoar as palavras tradicionais:

— Júpiter, rei dos deuses, poste suas mãos sobre esta embarcação e todos que nela navegam. Netuno, deus do mar, poste suas mãos sobre esta embarcação e todos que nela navegam. Tiquê, espírito da embarcação, poste suas mãos sobre nós. — Ele pegou uma grande tigela de ouro trabalhada com refinamento de um atendente e, lentamente, com toda a cerimônia necessária, derramou três libações de vinho no mar, esvaziando-a.

Alguém espirrou. Balista manteve a pose estendida. O espirro tinha sido indubitável, inegável. Ninguém se mexeu nem falou. Todo mundo sabia que o pior agouro para uma viagem marítima, a indicação mais clara possível do descontentamento dos deuses, era quando alguém espirrava durante os rituais que marcavam a partida. Ainda assim, Balista manteve a pose. A cerimônia precisava ser concluída. Uma onda de expectativa e tensão se espalhou pelo navio. Então, com um gesto abrupto do pulso, Balista jogou a tigela pelos ares. Ouviu-se um suspiro coletivo quando ela bateu na água. Por um instante, reluziu abaixo da superfície e então desapareceu para sempre.

— É típico de um bárbaro fodido - disse o *frumentarius* de Subura. — Sempre tem de fazer um gesto grandioso e estúpido. Ele não pode eliminar o mau agúrio, nada é capaz de fazer isso.

— Com aquela tigela, daria para comprar um belo pedaço de terra da minha região — disse o homem do norte da África,

— Em primeiro lugar, ele deve ter roubado a peça — respondeu o espanhol, retornando ao assunto anterior. — Claro, os bárbaros do norte podem ser burros, mas a traição lhes vem com tanta naturalidade quanto a qualquer um do leste.

A traição era a razão de ser dos *frumentarii*. O antigo ditado do imperador Domiciano, que dizia que ninguém acreditava que uma trama contra o imperador fosse verdadeira até que ele fosse assassinado, certamente não se aplicava a eles. Seus pensamentos eram banhados em traição, ardis e planos de vingança; sua combinação implacável de sigilo, eficiência e obsessão garantia que fossem odiados.

O capitão do navio de guerra, depois de pedir permissão a Balista, requisitou silêncio antes que se colocassem em movimento, e os três *frumentarii* ficaram sozinhos com seus pensamentos. Cada um deles tinha muito em que pensar. Qual deles tinha recebido a tarefa de fazer relatos sobre os outros? Ou será que havia um quarto *frumentarius* entre os homens do *Dux Ripae*, tão disfarçado que eles não o tinham identificado?

Demétrio estava acomodado aos pés de Balista, que chamava de *Kyrios*, a palavra de seu grego nativo para "mestre". Mais uma vez, ele agradeceu a seu próprio demônio por guiar seu caminho recente.

Seria difícil imaginar um *Kyrios* melhor. "Um escravo não deve esperar pela mão do mestre" dizia o velho ditado. Balista não tinha levantado a mão desde que a sua esposa comprara Demétrio para ser seu novo secretário — um entre os diversos presentes de casamento. Os donos anteriores de Demétrio não tinham demonstrado tanto escrúpulo no uso dos punhos, ou em fazer coisas muito piores.

O *Kyrios* agora há pouco parecera magnífico ao fazer seus votos e lançar a pesada tigela de ouro ao mar. Tinha sido um gesto digno do herói do garoto grego, o próprio Alexandre o Grande. Tinha sido uma atitude impulsiva de generosidade, de piedade e de desprezo pela riqueza material. Ele tinha dado sua própria riqueza aos deuses pelo bem de todos eles, para evitar o mau agouro do espirro.

Demétrio considerava que havia muita semelhança entre Alexandre e Balista: o rosto bem barbeado; o cabelo dourado preso para trás, eriçado como juba de um leão e caindo em cachos de ambos os lados da testa ampla; os ombros largos e eretos, os braços e as pernas ágeis. Claro que Balista era mais alto; Alexandre era famoso pela baixa estatura. E então havia os olhos. Os de Alexandre tinham sido desconcertantes, de cores diferentes; os de Balista eram de um azul-escuro profundo.

Demétrio fechou o punho em uma figa, colocou o polegar entre o indicador e o dedo médio para evitar mau agouro, quando lhe passou pela cabeça a idéia de que Balista devia ter cerca de 32 anos, a idade com que Alexandre tinha morrido.

Ele observava sem entender nada enquanto o navio começava a avançar. Oficiais berravam ordens, um gaiteiro soprava notas estridentes, marinheiros puxavam montes misteriosos de cordas e de lá de baixo vinham os grunhidos dos remadores, os respingos provocados pelas pás e o som do casco ganhando velocidade através da água. Nada nos grandes historiadores do passado imortal de seus conterrâneos (Heródoto, Tucídides e Xenofonte) tinha preparado o jovem grego que gostava de livros para o barulho ensurdecedor de uma galé.

Demétrio ergueu os olhos para seu *Kyrios*. As mãos de Balista não se moviam,

pareciam fechadas por cima dos braços de marfim da cadeira curul dobrável, um símbolo romano de seu alto posto. Seu rosto estava imóvel; ele olhava fixo para a frente, como se fizesse parte de uma pintura. Demétrio ficou imaginando se o *Kyrios* seria um mau marinheiro. Será que ele enjoava no mar? Será que já tinha navegado mais do que a curta travessia do dedo da Itália até a Sicília? Depois de um instante de reflexão, Demétrio deixou de lado tais idéias da fragilidade humana. Ele sabia o que estava oprimindo seu *Kyrios*. Não era nada menos do que Afrodite, a deusa do amor, e seu filho travesso, Eros: Balista estava com saudade da esposa.

O casamento de Balista e da *kyria*, Julia, não tinha começado como uma história de amor. Era um arranjo, como acontecia com todos os casamentos da elite. Uma família de senadores no topo da pirâmide social, mas com pouco dinheiro e influência, deu a filha ao oficial militar em ascensão, Todo mundo sabia que ele tinha origens bárbaras. Mas era cidadão romano, integrante da ordem equestre, a categoria logo abaixo dos próprios senadores. Ele tinha obtido distinção em campanhas no Danúbio, entre as ilhas no oceano distante e no norte da África, onde tinha recebido a Coroa Mural por ter sido o primeiro homem a atacar as muralhas de uma cidade inimiga. Mais importante, ele tinha sido educado na corte imperial e era um dos favoritos do imperador da época, Galiano. Se ele era bárbaro, pelo menos era filho de um rei, que tinha chegado a Roma como refém diplomático.

Com o casamento, a família de Julia conquistou sua influência presente na corte e, com sorte, riqueza futura. Balista ganhou respeito. A partir desse início convencional, Demétrio tinha assistido ao amor crescer. As flechas de Eros atingiram o *Kyrios* tão profundamente que ele não fazia sexo com nenhuma das criadas, nem mesmo quando a esposa esteve em confinamento depois de dar à luz o filho deles; isso era algo observado com frequência nos aposentos dos servos, principalmente tendo em vista sua origem bárbara, em toda sua luxúria e ausência de auto-controle.

Demétrio tentava fornecer a companhia de que seu *Kyrios* precisava tanto, Ele ficaria a seu lado durante toda a missão; uma missão que, só de pensar, já lhe revirava o estômago. Até onde precisariam navegar na direção do sol nascente, atravessando mares tempestuosos e terras selvagens? E que horrores estariam à espera deles nos limites do mundo conhecido? O jovem escravo agradeceu a seu deus grego Zeus por estar sob a proteção de um soldado de Roma como Balista.

Mas que pantomima, Balista pensou. Uma pantomima completamente desgraçada. Então, alguém tinha espirrado. Não era nada surpreendente que, entre os trezentos homens a bordo do navio, algum estivesse resfriado. Se era desejo dos deuses enviar um agouro, tinha de haver um modo mais claro.

Balista duvidava muito de que aqueles filósofos gregos sobre os quais tinha ouvido falar pudessem ter razão ao dizer que todos os deuses conhecidos, entre todas as raças de homens, eram na verdade o mesmo, apenas com nomes diferentes. Júpiter, o rei romano dos deuses, parecia muito diferente de Woden, o rei dos deuses de sua infância e juventude entre seu próprio povo, os anglos. Claro que havia semelhanças. Ambos gostavam de se disfarçar. Ambos gostavam de foder com mulheres mortais. Ambos eram implacáveis quando contrariados. Mas havia grandes diferenças. Júpiter gostava de foder garotos mortais, e esse tipo de coisa Woden não aceitava. Júpiter parecia bem menos malevolente do que Woden. Os romanos acreditavam que, se abordado da maneira adequada, com as oferendas adequadas, Júpiter realmente poderia vir em seu auxílio. No caso de Woden, era altamente improvável que o deus do norte fizesse a mesma coisa. Mesmo que você fosse um de seus descendentes (descendente de Woden, como era o caso do próprio Balista), sua melhor esperança em relação ao Pai-de-Todos era que ele o deixasse em paz até sua batalha final. Então, se você lutasse como herói, talvez ele enviasse suas donzelas com o escudo para carregá-lo até Valhala. Tudo isso fez Balista pensar por que tinha feito a oferenda daquela tigela de ouro. Com um suspiro pesado, chegou à conclusão de que precisava pensar em outra coisa. Teologia não era para ele.

Voltou os pensamentos para sua missão. Era razoavelmente simples. Pelos padrões da burocracia imperial romana, era mesmo muito simples. Ele tinha sido nomeado como o novo *Dux Ripae*, comandante de todas as forças romanas nas margens dos rios Eufrates e Tigre e em todo o terreno entre os dois. O título era bem mais grandioso no papel do que na realidade. Três anos antes, os persas sassânidas, o novo império agressivo do Oriente, tinham atacado os territórios orientais de Roma. Ardendo de fervor religioso, hordas de cavaleiros daquele povo tinham varrido as margens dos rios por toda a Mesopotâmia, chegando até a Síria. Antes de retornarem carregados de tesouros saqueados, conduzindo os capturados à frente, tinham levado os cavalos para beber no mar Mediterrâneo. Assim, agora estavam próximos das forças romanas que o novo *Dux Ripae* deveria comandar.

Os detalhes das instruções de Balista, sua *mandata*, revelavam forçosamente o estado frágil do poder romano no Oriente. Ele recebeu ordens de prosseguir até a cidade de Arete, na província da "Síria Vazia" (Cele-Síria), nos limites mais a leste do *imperium*. Lá, ele deveria preparar a cidade para resistir ao cerco dos sassânidas, que era esperado para o ano seguinte. Havia apenas duas unidades de tropas romanas regulares sob seu comando, um destacamento, um *vexillatio*, de infantaria pesada legionária da *Legio IIII Scythica* com cerca de mil homens, e uma coorte auxiliar de arqueiros montados e a pé, com aproximadamente a mesma quantidade de homens. Ele tinha recebido instruções para erguer todas as possíveis barreiras locais em Arete e a pedir soldados aos reis clientes das

idades próximas de Emesa e Palmira, sem, é claro, fazer com que prejudicassem sua própria defesa. Ele teria de proteger Arete até ser substituído por um exército imperial de campo comandado pelo próprio imperador Valeriano. Para facilitar a chegada desse exército, ele tinha sido instruído a providenciar a defesa do principal porto da Síria, o de Seleuceia em Pieria, e a capital da província, Antioquia. Na ausência do governador da Cele-Síria, o *Dux Ripae* teria todos os poderes deste governante. Quando o governador estivesse presente, o *Dux* teria de se curvar a ele.

Balista se pegou sorrindo de maneira sombria frente ao absurdo dessas instruções, típico de missões militares planejadas por políticos. O potencial atrito entre ele e o governador da Cele-Síria era imenso. E como ele seria capaz de defender pelo menos mais duas cidades com as forças completamente despreparadas que lhe tinham sido designadas e com os camponeses locais que pudesse convocar, ao mesmo tempo que estivesse sob o cerco de um exército enorme em Arete?

Ele tinha se sentido honrado em ter sido convocado à presença dos imperadores Valeriano e Galiano. Pai e filho imperiais tinham falado com ele de maneira mais do que gentil. Ele admirava os dois homens. Valeriano tinha assinado a *mandata* de Balista e o designara ao cargo de *Dux Ripae* com a própria mão. Mas não dava para dizer que a missão fosse algo mais do que mal concebida. Além disso, os recursos para ela eram poucos: pouquíssimo tempo e um contingente mínimo de homens para uma área excessivamente vasta. Em termos mais dramáticos, parecia-se muito com uma sentença de morte.

Nas últimas três semanas apressadas antes de deixar a Itália, Balista tinha levantado todas as informações possíveis a respeito da distante cidade de Arete. Localizava-se na margem oeste do Eufrates, cerca de 80 quilômetros abaixo da confluência do Eufrates e do Chaboras. Dizia-se que suas muralhas tinham boa fundação e que, em três de seus lados, ravinas profundas faziam com que fosse impenetrável. Além de um par de torres de vigia insignificantes, era o último posto avançado do *imperium Romanum*. Arete era o primeiro lugar que um exército persa sassânida que avançasse Eufrates acima alcançaria. Receberia a força total de um ataque.

A parte da história da cidade que Balista tinha conseguido descobrir não inspirava muita confiança. Originalmente fundada por um dos sucessores de Alexandre o Grande, primeiro tinha caído nas mãos dos partos, depois nas dos romanos e depois, apenas dois anos antes, nas dos persas sassânidas, que tinham derrubado os partos. Assim que o principal exército persa tinha se retirado para o interior de seu território no sudeste, os habitantes locais, com a ajuda de algumas unidades romanas, tinham organizado um levante e massacrado a guarnição que os sassânidas haviam deixado para trás. Apesar das muralhas e dos declives das

ravinas, estava claro que a cidade tinha suas fraquezas. Balista poderia descobrir quais eram quando estivesse no local, ao chegar à Síria. O comandante da coorte auxiliar posicionado em Arete recebera instruções para vir a seu encontro no porto de Seleuceia em Pieria.

No caso dos romanos, as coisas nunca eram bem o que pareciam. Certas questões passavam pela mente de Balista. Como os imperadores sabiam que a invasão dos sassânidas se daria na primavera seguinte? E que eles tomariam a rota do Eufrates em vez de escolher algum trajeto pelo norte? Se as informações da inteligência militar eram sólidas, por que não havia sinal de mobilização de um exército de campo imperial? E, em uma avaliação mais pessoal, por que Balista tinha sido escolhido como *Dux Ripae*? Ele ganhara de fato uma certa reputação como comandante de cerco: cinco anos antes, tinha estado com Galo no norte, na defesa bem-sucedida da cidade de Novae contra os godos; antes disso, havia tomado diversos assentamentos nativos tanto no extremo Ocidente quanto nos montes Atlas. Mas nunca tinha estado no Oriente. Por que os imperadores não tinham mandado algum de seus engenheiros de cerco mais experientes? Tanto Bonito quanto Celso conheciam bem o Oriente.

Ele ao menos podia ter recebido permissão para levar Julia consigo. Como ela havia nascido em uma antiga família senatorial, o labirinto da política na corte imperial romana, tão impenetrável para Balista, era muito familiar para ela. Ela poderia desnudar os mistérios dos padrões em constante mutação de poder e intriga e dissipar a névoa de desconhecimento que rodeava seu marido.

Pensar em Julia lhe trouxe uma pontada de saudade, aguda e física: o cabelo comprido cor de ébano, os olhos tão escuros que pareciam pretos, as curvas dos seios, o movimento dos quadris. Balista se sentia sozinho. Ele sentiria falta do corpo dela. Mais ainda, ele sentiria falta de sua companhia, isso sem mencionar os balbucios de derreter o coração do filho pequeno dos dois.

Balista tinha pedido permissão para que eles o acompanhassem. Ao recusar a solicitação, Valeriano havia ressaltado a natureza perigosa da missão. Mas todo mundo sabia que havia outra razão para a recusa: a necessidade do imperador de impedir a existência de reféns para garantir o bom comportamento de seus comandantes militares. Generais demais da última geração tinham se revoltado.

Balista sabia que iria se sentir sozinho, apesar de estar rodeado de gente. Ele contava com uma equipe de 15 homens: quatro escribas, seis mensageiros, dois arautos, dois harúspices para ler os presságios e Mamurra, seu *Praejectus fabrum*, o engenheiro-chefe. De acordo com a lei romana, ele os tinha escolhido de listas gerais de membros dessas profissões com aprovação oficial, mas ele não conhecia nenhum dos homens pessoalmente, nem mesmo Mamurra. Era algo natural que alguns desses homens fossem *frumentarii*.

Além da equipe oficial, ele trazia alguns de seus próprios criados domésticos consigo: Calgaco, seu servo pessoal, Máximo, seu guarda-costas, e Demétrio, seu secretário, O fato de ele ter nomeado o jovem grego que agora estava a seus pés para administrar suas instalações, para ser seu *accensus*, causaria o ressentimento de toda a equipe oficial, mas ele precisava de alguém em que pudesse confiar. Em termos romanos, eles faziam parte de sua *familia*, mas, para Balista, pareciam substitutos medíocres para sua verdadeira família.

Algo incomum no movimento da embarcação chamou a atenção de Balista. Seus odores familiares (o pinho do alcatrão usado para selar o casco, gordura de cordeiro usada para fazer com que o couro dos suportes de remo fosse à prova d'água e o suor fresco e rançoso dos homens) o lembravam sua juventude no oceano agitado do norte. Este trirreme *Concórdia*, com seus cento e oitenta remadores em três níveis, dois mastros, dois enormes remos de direção, vinte tripulantes de deque e cerca de setenta marinheiros, era no todo uma embarcação mais sofisticada do que qualquer navio longo de sua juventude. Era um cavalo de corrida em comparação com um animal de carga. No entanto, assim como um cavalo de corrida, tinha sido criado para uma coisa: velocidade e facilidade de manobra em mares calmos. Se o mar encrespasse, Balista sabia que estaria mais seguro a bordo de um dos longos navios primitivos dos homens do norte.

O vento tinha recuado para o sul e estava ficando mais forte. O mar já se erguia em ondas cruzadas feias e encrespadas que pegavam na viga do trirreme, dificultando para os remadores tirar os remos da água e dando à embarcação o início de um sacolejar desconfortável. No horizonte, ao sul, nuvens escuras de tempestade se avultavam. Balista então percebeu que o capitão e o homem do leme conversavam em tom sério já fazia algum tempo. E, enquanto ele os observava, os dois chegaram a uma decisão. Trocaram algumas poucas palavras, ambos assentiram e o capitão traçou os poucos passos que os separavam de Balista.

— O tempo está virando, *Dominus*.

— Qual é a sua recomendação? — perguntou Balista.

— Como a nossa rota era navegar para o leste até o cabo Acroceraunia e depois seguir pela costa ao sul, até Corcira, pela vontade dos deuses, estamos mais ou menos no meio do caminho entre a Itália e a Grécia, Como não podemos contar com nenhum abrigo para nos refugiar, se a tempestade vier precisaremos nos adiantar a ela.

— Faça o que for necessário.

— Sim, *Dominus*. Posso pedir que diga a sua equipe para se afastar dos mastros?

Enquanto Demétrio percorria o deque para transmitir a ordem, o capitão mais uma vez conversou brevemente com o homem do leme, então deu uma seqüência de ordens. Os taifeiros e os marinheiros, depois de afastarem a equipe do comandante para as amuradas laterais, conseguiram baixar o cabo do mastro principal em cerca de 1,5m. Balista aprovou. O navio precisaria pegar vento suficiente para poder ser manobrado, mas vento em excesso faria com que ficasse difícil controlá-lo.

O trirreme agora sacolejava com violência, e o capitão deu ordens para que fosse apontado para o norte. O homem do leme transmitiu comandos ao mestre dos remos e ao oficial de proa e então, a seu sinal, todos os três deram ordens aos remadores, o gaiteiro gemeu e o homem do leme acionou os remos de manobra. Inclinando-se de modo alarmante, a galé deu a volta e se colocou em sua nova rota. Com mais uma torrente de ordens, a vela principal foi ajustada, presa de modo a revelar apenas uma pequena área de tela, e os remos dos dois níveis mais baixos foram recolhidos para dentro da embarcação.

Agora o movimento da embarcação poderia ser controlado mais facilmente de popa à proa. O carpinteiro apareceu na boca da escada e fez seu relatório ao capitão.

— Três remos a estibordo quebraram. Uma boa quantidade de água entrou na embarcação quando a parte acima da linha de submersão a estibordo entrou na água, mas as bombas estão funcionando e as tábuas devem inchar e interromper o fluxo por conta própria.

— Providencie vários remos sobressalentes. A viagem pode ficar bem agitada.  
— O carpinteiro esboçou uma saudação e desapareceu lá embaixo.

Era a última hora do dia quando a tempestade desabou com toda a força. O céu ficou tão escuro quanto o Hades, preto azulado com um tom surreal de amarelo; o vento berrava, o ar estava cheio de água que voava e o navio jogava de modo selvagem para a frente, com a popa para fora do mar. Balista viu dois membros de sua equipe escorregarem pelo deque. Um foi pego pelo braço de um marinheiro. O outro foi de encontro à amurada. Por cima do uivo do vento, escutou um homem berrando de agonia. Ele detectou dois perigos principais. Uma onda poderia quebrar diretamente em cima do navio, as bombas falhariam, a embarcação iria se encher de água, passando a não atender ao leme e então, cedo ou tarde, emborcaria no meio da tempestade e afundaria. Ou então poderia capotar, com uma onda que erguesse a popa tão alto e submergisse a proa tão fundo que a embarcação iria se perder sob as ondas. Pelo menos essa última alternativa seria mais rápida. Balista desejou poder se levantar, segurando firme e deixando que o corpo tentasse se movimentar com o sacolejo do navio. Mas,

assim como acontecia nas batalhas, um exemplo precisava ser estabelecido, e ele tinha de permanecer na cadeira de seu cargo. Agora percebia por que ela estava presa tão firme ao deque. Olhou para baixo e percebeu que o garoto Demétrio se agarrava a suas pernas na pose clássica de um suplicante. Deu um apertão no ombro do menino.

O capitão se arrastou na direção da proa. Segurando-se com firmeza no mastro posterior, ele vociferou as palavras ritualísticas:

— Alexandre vive e reina.

Como que em sinal de rejeição, um grande raio brilhante reluziu no mar a bombordo e um trovão ressoou. Calculando a inclinação do deque, o capitão meio que correu, meio que escorregou até Balista. Deixando de lado toda a deferência da hierarquia, ele agarrou-se ao trono curul e ao braço de Balista.

— Preciso deixar espaço suficiente para poder manobrar. O verdadeiro perigo é se um remo de manobra quebrar, A menos que a tempestade piore. Devemos rezar a nossos deuses.

Balista pensou em Ran, a cruel deusa do mar do norte, com sua rede que afogava, e chegou à conclusão de que as coisas já estavam bem ruins.

— Há alguma ilha ao norte em que possamos aportar para nos proteger? — ele gritou.

— Se a tempestade nos levar bem para o norte e nós ainda não estivermos com Netuno, há as ilhas de Diomedes. Mas... nestas circunstâncias... pode ser melhor para nós não irmos até lá.

Demétrio começou a berrar. Os olhos escuros dele brilhavam de pavor, mal dava para escutar suas palavras.

— ... histórias idiotas. Um grego... soprado para o fundo do mar... ilhas que ninguém viu, cheias de sátiros, com rabos de cavalo crescendo do traseiro e paus enormes... jogaram uma moça escrava para eles... estupraram-na de todas as maneiras... o único modo que tinham para escapar... juraram que era verdade.

— Quem sabe o que é verdade... — gritou o capitão, e desapareceu na direção da proa.

Ao amanhecer, três dias depois de a tempestade ter começado e durando dois dias mais do que o previsto, o trirreme imperial *Concórdia* contornou a ponta da praia e atracou no pequeno porto semi-circular de Cassiope, na ilha de Corcira. O mar refletia o azul perfeito do céu mediterrâneo. Um pequeno vestígio da brisa noturna do mar que ia morrendo soprava nos rostos dos homens.

— Não foi um bom começo para a nossa viagem, *Dominus* — disse o capitão.

— Teria sido bem pior sem a sua experiência e a da sua tripulação — Balista respondeu.

O capitão assentiu em reconhecimento ao elogio. Ele podia ser bárbaro, mas este *Dux* bem que tinha boas maneiras. Também não era nenhum covarde, Não tinha metido os pés pelas mãos durante a tempestade. Em certos momentos, quase parecera estar gostando daquilo, dando risada feito um louco.

— A embarcação foi muito castigada. Creio que precisaremos de pelo menos quatro dias antes que possamos voltar ao mar,

— Não há nada a se fazer — disse Balista. — Quando estiver reparada, quanto tempo vamos demorar para chegar à Síria!

— Vamos descer pela costa oeste da Grécia, atravessaremos o Egeu por Delos, navegaremos em mar aberto de Rhodes ao Chipre e de lá para a Síria... — O capitão franziu a testa, pensativo. —... Nesta época do ano... — Seu rosto se desanuviou. — Se o clima estiver perfeito, nada quebrar no navio, os homens permanecerem saudáveis e nós nunca passarmos mais de uma noite ancorados, posso levá-lo até a Síria em apenas vinte dias; chegaremos em meados de outubro,

— Com que frequência uma viagem se passa assim tão bem? — Balista perguntou.

— Eu já dei a volta no cabo Tainaron mais de cinquenta vezes e, até agora, nunca...

Balista deu risada e se voltou para Mamurra:

— *Praefectus*, reúna a equipe e faça com que todos se hospedem na casa de postagem do *cursus publicus*. Fica em cima daquela colina, à esquerda, em algum lugar. Vai precisar da *diplomata*, os passes oficiais. Leve meu servo pessoal consigo.

— *Sim, Dominus*.

— Demétrio, venha comigo.

Sem receber ordem, seu guarda-costas, Máximo, também foi atrás de Balista. Não disseram nada, só trocaram um sorriso desolado.

— Primeiro, vamos visitar os feridos.

Felizmente, ninguém tinha morrido ou se perdido a bordo. Os oito homens feridos estavam deitados no deque, próximo da proa: cinco remadores, dois taifeiros e

um mensageiro da equipe de Balista. Todos tinham ossos quebrados. Um médico já tinha sido chamado. A visita de Balista era uma cortesia. Uma ou duas palavras trocadas com cada um deles, algumas moedas de baixo valor e pronto. Era necessário; ele teria de trabalhar com esta tripulação até chegar à Síria.

Balista se espreguiçou e bocejou. Ninguém tinha dormido muito desde a noite da tempestade. Ele olhou ao redor, apertando os olhos ao sol brilhante do início da manhã. Cada detalhe das montanhas desoladas de Epiro, com sua cor ocre, podia ser distinguido a cerca de 3 quilômetros de distância, do outro lado dos estreitos Ionianos. Ele passou a mão pela barba por fazer de quatro dias e pelo cabelo, que estava espetado e duro na cabeça, cheio de sal do mar. Ele sabia que devia estar parecido com todas as estátuas de um bárbaro do norte que eles se lembravam de já ter visto; só que, na grande maioria das estátuas, o bárbaro ou estava acorrentado ou moribundo. Mas antes que tivesse a oportunidade de se barbear e tomar banho, precisaria cumprir mais uma obrigação.

— Aquele deve ser o templo de Zeus, logo ali.

Os sacerdotes de Zeus estavam esperando nos degraus do templo. Eles tinham visto o trirreme combalido atracar no porto. Não podiam ter sido mais receptivos. Balista apresentou algumas moedas de alto valor e os sacerdotes entregaram o incenso e as ovelhas de sacrifício necessárias para que os pedidos para aportar em segurança feitos por ele publicamente no auge da tempestade fossem atendidos. Um dos sacerdotes inspecionou o fígado da ovelha e pronunciou que as previsões eram auspiciosas. Os deuses apreciariam a refeição da fumaça dos ossos queimados envoltos em gordura, enquanto os sacerdotes iriam se deleitar com uma refeição substancial assada mais tarde. O fato de Balista ter abdicado de seus direitos a uma porção mais farta foi, de maneira geral, considerado como agrado aos homens e aos deuses.

Quando saíram do templo, um daqueles pequenos problemas que ocorrem em viagens se deu. Os três homens estavam sozinhos, e nenhum deles sabia exatamente onde ficava a casa de postagem.

— Não tenho intenção de passar a manhã toda vagando por estas montanhas — disse Balista. — Máximo, será que você pode ir até o *Concórdia* para pegar o endereço?

Quando o guarda-costas estava a distância suficiente para não ouvi-los, Balista voltou-se para Demétrio.

— Achei melhor esperar até ficarmos sozinhos. O que era aquela coisa toda que você estava balbuciando durante a tempestade, a respeito de mitos e ilhas cheias de estupradores?

— Eu... não me lembro, *Kyrios*. — Os olhos escuros do jovem evitavam os de Balista. Ele permaneceu em silêncio e, de repente, o garoto começou a falar apressado, despejando as palavras. — Eu estava com medo, falando besteira, só porque estava apavorado com o barulho e com a água. Achei que iríamos morrer.

Balista olhou fixo para ele.

— O capitão estava falando sobre as ilhas de Diomedes quando você começou. O que ele estava dizendo?

— Não sei, *Kyrios*.

— Demétrio, que eu saiba, você é meu escravo, minha propriedade. Não é verdade que um de seus adorados escritores antigos descreve um escravo como sendo "uma ferramenta com voz"? Diga-me sobre o que o capitão e você conversavam.

— Ele ia narrar para você o mito da ilha de Diomedes. Eu quis detê-lo, de modo que o interrompi e contei a história da ilha dos sátiros. Está em *A descrição da Grécia*, de Pausânias. Minha intenção era mostrar que, por mais sedutoras que sejam, já que até mesmo um homem culto como o escritor Pausânias se rendeu a elas, é difícil que todas as histórias desse tipo sejam verdade. — O garoto parou, acanhado.

— Então, qual é o mito das ilhas de Diomedes?

As bochechas do garoto enrubesceram.

— É só uma história tola.

— Conte — Balista ordenou.

— Algumas pessoas dizem que, depois da guerra de Tróia, o herói grego Diomedes não voltou para casa, mas se fixou em duas ilhas remotas no Adriático. Há um santuário lá, dedicado a ele. Por toda sua volta, há pássaros enormes, com bicos grandes e afiados. Segundo a lenda, quando um grego aporta, os pássaros permanecem calmos. Mas se um bárbaro tenta ir até lá, eles revoam e mergulham no ar, tentando matá-lo. Dizem que são os companheiros de Diomedes, que foram transformados em aves.

— E você desejava poupar os meus sentimentos? — Balista jogou a cabeça para trás e deu risada. — Obviamente, ninguém o informou que, na minha tribo, nós realmente não nos dobramos a sentimentos... só quando estamos muito bêbados.

## II

Os deuses tinham sido benevolentes desde Cassiope, A fúria inesperada de Notus, o vento do sul, tinha dado lugar a Boreas, o vento do norte, de humor gentil e delicado. Com as montanhas verdejantes de Epiro, de Acarnania e do Peloponeso à esquerda, o *Concórdia* tinha avançado principalmente a vela pelo flanco ocidental da Grécia. O trirreme tinha dado a volta no cabo Tainaron, atravessado a passagem entre Malea e Citera e então, com o uso de remos, apontado para o nordeste e entrado no Egeu, direcionando seu aríete feroz para as Cíclades: Meios, Serifos, Siros. Agora, depois de sete dias, faltando apenas a ilha de Reneia a ser rodeada, eles chegariam a Delos em um par de horas.

Como uma rocha minúscula, quase estéril, no centro do círculo das Cíclades, Delos sempre tinha sido um lugar diferente. No começo, tinha vagado na superfície das águas. Quando Leto, seduzida por Zeus, o rei dos deuses, e perseguida por sua esposa, Hera, tinha sido rejeitada por todos os outros lugares na terra, Delos a acolheu, e lá ela deu à luz o deus Apolo e sua irmã Ártemis. Como recompensa, Delos se fixou no mesmo lugar para sempre. Os doentes e as mulheres próximas ao parto eram levados de balsa até Reneia; ninguém devia nascer ou morrer em Delos. Durante longas eras, a ilha e seus altares tinham florescido, sem muralhas, nas mãos dos deuses. Na era dourada da Grécia, Delos tinha sido escolhida como a sede da liga criada pelos ateneus para assumir a luta por liberdade dos persas.

A chegada de Roma, a nuvem do oeste, tinha mudado tudo. Os romanos tinham declarado Delos como porto livre; não por piedade, mas devido à sordidez do comércio. Sua riqueza e cobiça transformaram a ilha no maior mercado de escravos do mundo. Diziam que, em seu auge, mais de 10 mil homens, mulheres e crianças desgraçadas eram vendidas a cada dia em Delos. No entanto, os romanos não tinham sido capazes de proteger Delos. Em vinte anos, a ilha sagrada fora saqueada duas vezes. Com ironia amarga, aqueles que ganhavam a vida com a escravidão foram levados por piratas e transformados em escravos. Agora, seus santuários e sua posição favorável como local de parada entre a Europa e a Ásia Menor continuavam a atrair alguns marinheiros, mercadores e peregrinos, mas a ilha era apenas uma sombra do que já tinha sido.

Demétrio continuou olhando para Delos. A distância, a sua direita, estava o contorno cinzento do monte Cinto. Em seu cume ficava o santuário de Zeus e de Atenas. Embaixo dele aglomeravam-se santuários para outros deuses, egípcios e sírios, além de gregos. Abaixo destes, projetando-se para o mar, ficava a cidade antiga, um emaranhado de muros caiados e telhados vermelhos que brilhavam ao sol. A estátua colossal de Apolo chamou a atenção de Demétrio. A cabeça

com o cabelo comprido trançado, esculpida há incontáveis gerações, estava virada para o outro lado. Sorria fixamente para longe, para a esquerda, na direção do lago sagrado. E ali, ao lado do lago sagrado, estava a visão que Demétrio temia desde que soube para onde se dirigia o *Concórdia*.

Ele só tinha visto o lugar uma vez, havia cinco anos, mas ele nunca esqueceria a Ágora dos povos itálicos. Ele tinha sido despido e banhado — os produtos precisavam ficar com sua melhor aparência — e então levado para o bloco. Lá, fora exibido como um modelo de escravo dócil, com a ameaça de surra ou coisa pior nos ouvidos. Ele era capaz de sentir o cheiro da aglomeração humana sob o sol mediterrâneo implacável. O leiloeiro fizera seu discurso persuasivo:

— Bem educado... daria um ótimo secretário ou contador.

Fragments dos comentários grossos de homens abrutalhados flutuavam:

— Otário educado, eu diria...

— Foi bem usado se já pertenceu a Turpilio.

Depois de um leilão breve, o negócio estava feito. Ao se lembrar, Demétrio sentiu o rosto queimar e os olhos arderem de lágrimas não derramadas.

Demétrio tentava nunca pensar na Agora dos itálicos. Para ele, o lugar era um ponto baixo nos três anos de escuridão que sucederam a suave luz primaveril do período anterior. Ele também não falava sobre aquilo; dava a entender que tinha nascido escravo.

O bairro dos teatros da antiga cidade de Delos era um emaranhado de alamedas estreitas e cheias de curvas, por cima das quais se avultavam inclinados muros de casas miseráveis. O sol tinha dificuldade em entrar ali no melhor dos horários. Agora, com o sol poente por cima da ilha de Reneia, a escuridão era quase completa. Os *frumentarii* não tinham pensado em levar uma tocha nem em contratar alguém para portar uma.

— Merda — disse o espanhol.

— O que foi?

— Merda. Eu acabo de pisar em um monte enorme de merda.

Após ele mencionar, os outros dois repararam como o beco fedia.

— Pronto. Ali está uma placa para guiar os marinheiros ao porto — disse o homem do norte da África.

Havia um falo grande esculpido na altura do olhar. A ponta em forma de sino exibia um rosto sorridente. Os espiões seguiram a direção indicada; o espanhol

parava de vez em quando para tentar limpar a sandália.

Depois de uma curta caminhada na escuridão, que só fazia aumentar, chegaram a uma porta ladeada por dois falos entalhados. Um porteiro grande e abrutalhado os fez entrar, então foram conduzidos a um banco ao lado de uma mesa por uma mulher velha incrivelmente feia. Ela pediu dinheiro adiantado antes de lhes trazer bebida; duas partes de vinho para cinco de água. Os únicos outros clientes eram dois idosos moradores locais envolvidos em uma conversa intensa.

— Perfeito. Absolutamente perfeito, porra — disse o espião de Subura. Se era possível dizer alguma coisa, era que o cheiro era pior lá dentro do que do lado de fora. Odores rançosos de vinho e suor se juntavam ao fedor predominante de umidade e de podridão, de mijo e de merda. — Como é que vocês dois se tornam escribas bem pagos e bem respeitados na equipe do *Dux* e eu, um romano de nascença, um dos próprios descendentes de Rômulo, tenho de fazer o papel de mero mensageiro?

— É culpa nossa o fato de você escrever tão mal? — disse o espanhol.

— Quanta besteira, Sertório. — O apelido derivava de um famoso rebelde romano que tinha se radicado na Espanha. — Roma não passa de uma madrastra para você e para o nosso Aníbal aqui.

— É, deve ser uma maravilha nascer na fossa de Rômulo — disse o homem do norte da África.

Eles pararam de implicar um com o outro quando foram servidos por uma prostituta de idade avançada usando uma boa quantidade de maquiagem, uma túnica muito curta e um bracelete com uma variedade de amuletos: um falo, o bastão de Heracles, um machado, um martelo e uma imagem de Hecate com três faces.

— Se ela precisa de tudo aquilo para expulsar a inveja, imaginem como são as outras.

Todos beberam.

— Há outro trirreme imperial no porto — disse o espanhol. — Transporta um procurador imperial da província de Lícia a Roma. Quem sabe o *Dux* não providenciou para encontrá-lo aqui?

— Só que ele ainda não foi se encontrar com ele — respondeu aquele que tinha tanto orgulho de ter nascido na cidade de Roma.

— Isso pode ser ainda mais suspeito.

— Bobagem. O nosso *Dux* bárbaro veio para cá porque ouviu dizer que havia

uma consignação de escravos persas à venda e ele queria comprar um rabo novo; um persa com a bunda macia feito um pêssego para substituir aquele garoto grego desgastado.

— Eu estava conversando com Demétrio, o *accensus*. Ele acha que é tudo algum tipo de afirmação política. Parece que, muito tempo atrás, os gregos usaram esta porcaria desta ilhazinha como base para uma guerra religiosa contra os persas. Afinal, para onde estamos indo, se não para defender a civilização de um bando de persas? Parece que o nosso *Dux* bárbaro quer se mostrar como um porta-estandarte da civilização.

Os outros dois assentiram perante as palavras do homem do norte da África, apesar de não acreditarem nelas.

A porta se abriu e mais três clientes entraram. Como qualquer membro da equipe do *Dux* devia fazer, os *frumentarii* se levantaram para saudar o *Praejectus fabrum*, Mamurra. Também falaram com o guarda-costas, Máximo, e com o valete, Calgaco. Os recém-chegados retribuíram as saudações e foram se sentar em outra mesa. Os *frumentarii* trocaram olhares discretos, deleitando-se com sua perspicácia. Tinham escolhido o bar certo.

Os dois irmãos proprietários do bar observaram os últimos clientes com certo temor. O escravo velho e feio com a cabeça desfigurada que tinha sido cumprimentado como Calgaco não causaria nenhum problema... mas nunca se podia ter certeza. O *Praejectus*, Mamurra, assim como todos os soldados, podia ser problemático. Ele usava vestes de campo: túnica branca bordada de suásticas, calças escuras e botas. Usava um *cingulum*, uma cinta militar rebuscada, ao redor da cintura, à qual estava preso um boldriê igualmente ornamentado, que passava por cima do ombro direito. O *cingulum* tinha um drapeado extravagante enfiado, de modo a formar um laço à direita da fivela. Estava pendurado e terminava com os ornamentos de metal tilintantes habituais. Ambas as cintas exaltavam seu serviço e sua posição. Estavam cobertas de prêmios por honra ao mérito, amuletos e lembranças de diversas unidades e campanhas. Em seu quadril esquerdo havia uma *spatha*, uma espada longa, e no direito, um *pugio*, uma adaga militar. Nos bons e velhos tempos, ele usaria apenas a adaga, mas a época intranquila mudava as coisas. Sua grande cabeça quadrada, como um bloco de mármore, era grisalha; barba, cabelo e bigode estavam bem aparados. A boca parecia uma ratoeira e era muito séria; os olhos, que quase não piscavam, reforçavam a idéia de que ele estava longe de ser um desconhecido da violência.

O terceiro homem, o tagarela que os outros tinham cumprimentado como Máximo, era pior. Estava vestido de maneira semelhante ao oficial, mas não era soldado. Usava um *gladius* antiquado, uma espada curta espanhola e uma

infinidade de ornamentos brilhantes e baratos. O cabelo preto era mais comprido do que o do outro homem e ele tinha barba curta, porém espessa. A cicatriz onde antes ficava a ponta do nariz destacava-se branca contra o bronzado profundo de sua cara de passarinho. Os donos do bar acharam que parecia uma bunda de gato. Não tinham a intenção de dizer isso ao homem. Toda sua aparência apontava para o tempo que passara na arena e em seu emprego atual como brutamontes de aluguel. Mas o que realmente preocupava eram seus olhos. Azules, bem abertos e levemente ausentes, os olhos de um homem que era capaz de recorrer à violência extrema subitamente.

— Esta rodada é por minha conta. — Mamurra ergueu o rosto desfigurado para capturar o olhar de um dos proprietários. O homem no bar assentiu e fez um gesto para que uma menina levasse a bebida aos três homens.

— Por Júpiter, aquele atendente do bar é um canalha feioso — disse Calgaco com um atroz sotaque do norte.

— Veja bem, meu caro *Praejectus* — Máximo disse a Mamurra —, o nosso Calgaco aqui é um tipo de especialista em beleza. Tudo vem de sua juventude. Pode parecer difícil de acreditar, mas quando ele era jovem, sua beleza brilhava como o sol. Homens e garotos... e até mesmo mulheres e garotas... todos o desejavam. Quando ele foi escravizado, reis, príncipes e déspotas o enchiam de ouro na esperança de obter seus favores. Dizem que, em Atenas, ele foi causa de um tumulto. Você sabe como os atenienses são pederastas dedicados,

Não era difícil de acreditar, era impossível. Mamurra observou Calgaco de perto; ele tinha um queixo fraco, que não se escondia por baixo da barba por fazer, boca amarga e fina, testa enrugada, cabelo bem curto com entradas e, seu traço mais marcante, o crânio em formato de domo que se erguia por cima das orelhas. Demorou um instante para Mamurra perceber que se tratava de uma brincadeira de Máximo. Pelos bagos de Netuno, este aqui vai ser uma tarefa difícil, ele pensou. Não era um homem que tinha afinidade com ironias leves e divertidas.

Uma menina com peitos pequenos e bunda ossuda chegou com o vinho deles. Quando ela pousou a grande tigela de mistura, Máximo passou a mão na perna dela, por baixo da túnica curta, e chegou às nádegas. Ela sorriu, travessa. Os dois estavam fazendo o que achavam que se esperava deles.

No curso normal das coisas, o *Praejectus fabrum*, Mamurra, não estaria bebendo com uma dupla de escravos bárbaros, muito menos pagando bebida para eles. Mas todo mundo dança quando Dionísio pede. No *imperium*, o poder vinha da proximidade a poderes ainda maiores. O *Dux Ripae* tinha poder porque tinha recebido uma missão direta dos imperadores. Estes dois escravos tinham poder

por serem próximos ao *Dux Ripae*. Estavam com Balista havia anos. Fazia 14 anos que o *Dux Ripae* tinha comprado Máximo, e Calgaco tinha chegado ao *imperium* com ele. Para que a missão do próprio Mamurra fosse bem-sucedida, era vital descobrir tudo que fosse possível a respeito do novo *Dux*. De toda forma, ele aceitava o fato de que, tendo em vista sua própria posição, seria hipocrisia fazer cerimônia. Como se de fato Mamurra fosse o nome que ele tinha recebido ao nascer!

Ele examinou seus dois companheiros. Calgaco bebia devagar, com firmeza, determinado. Como uma rosca de Arquimedes bombeando água para fora do casco de uma embarcação, ele ia fazendo o nível do copo baixar. Máximo também estava dando conta de sua parte, mas ele dava golinhos ou golões, quando os gestos entrecortados de aceno de suas mãos, que ilustravam seu discurso infundável, permitiam. Mamurra esperava seu momento.

— Que estranho o garoto grego Demétrio ter recusado uma bebida, Acham que ele está desconsolado porque Balista comprou aquele bonito rapaz persa hoje? Um garoto de diversão com medo de outro garoto de diversão em casa? Nada é pior em uma residência do que o preferido de ontem.

Mamurra observou os traços de Máximo, normalmente móveis, paralisarem-se. Seu rosto se fechou.

— Os gostos do *Dominus* não vão nesta direção. Na tribo dele, essas pessoas são mortas, do mesmo jeito que acontece... no exército romano. — Máximo se voltou para olhar Mamurra bem de frente.

O *Praejectus fabrum* sustentou o olhar do guarda-costas por um momento ou dois e então desviou os olhos.

— Tenho certeza de que as coisas são assim. — Mamurra percebeu que o atendente do bar tinha trocado um olhar com segundas intenções com o homem, feio o bastante para ser seu irmão, que cuidava da porta.

Mamurra resolveu tentar outra abordagem. Sua caneca de vinho era decorada com a imagem de uma orgia vigorosa. Era uma cópia tosca do antigo estilo dos vasos pintados que agora eram colecionados com tanta frequência pelos ricos como se fossem antiguidades ou peças de uma coleção. Assim como toda a decoração do salão, incluindo as duas colunas dóricas falsas, ridículas de tão enormemente desproporcionais, que flanqueavam a porta que levava à escada, as canecas de beber tinham a intenção de dar ao frequentadores pobres do bar uma impressão ilusória do estilo de vida das elites. Mamurra sabia disso porque com frequência havia estado em casas de ricos, às vezes de maneira legítima.

— Acho que uma trepada iria me fazer bem — ele disse. — Se algum de vocês quiser uma moça, eu estou oferecendo.

— Isto é extremamente gentil de sua parte, meu caro *Praefectus*. Estamos no mar há muito tempo, e tenho certeza de que um homem educado como você sabe que no mar não há sexo. Os marinheiros dizem que isso traz o pior tipo de sorte. Fico me perguntando se isso inclui sexo consigo mesmo. Se for assim, é um mistério termos conseguido chegar ao porto, já que o nosso Calgaco aqui passa o tempo todo se agitando feito Priapo nos aposentos das mulheres. — Máximo olhou ao redor do salão. — Ali! Bem ali! Uma visão! Uma visão de beleza!

— O quê? A gorda? — Calgaco perguntou, seguindo a direção do olhar dele.

— Quentura no inverno, sombra no verão. — Máximo se animou e foi até lá fazer negócio.

Agora, vamos ver se conseguimos arrancar alguma coisa desse canalha caledônio velho e miserável, Mamurra pensou.

— Como é que você agüenta? — perguntou.

— Ele é assim.

— Reparei que às vezes ele fala desse jeito até mesmo com o *Dux*. Como é que ele não se mete em encrencas?

Houve uma longa pausa enquanto Calgaco fazia baixar ainda mais o nível de sua bebida.

— Pelo fato de ter salvado sua vida — finalmente disse.

— Quando foi que Máximo salvou a vida dele?

Mais uma longa pausa.

— Não, o *Dominus* salvou a vida de Máximo. Isso cria um vínculo.

Começando a se desesperar, Mamurra voltou a encher a caneca de Calgaco.

— Por que o *Dux* tem nome de máquina de cerco?

— Talvez ele tenha recebido o nome de Balista porque sempre se interessou por máquinas de cerco.

Isto aqui é uma porra de uma inutilidade, Mamurra pensou.

— Ele deve ser um bom *Dominus* para se servir.

O escravo idoso bebeu e pareceu refletir sobre a questão.

— Talvez

— Bom, ele parece ser um mestre fácil. Não faz pedidos especiais — Mamurra

não era nada além de insistente.

— Ovos quentes — Calgaco disse.

— Perdão?

— Ovos quentes moles. Faz o maior barulho por causa deles. Eles precisam estar sempre no ponto exato.

Balista estava sentado nos degraus que saíam das docas e desembocavam na água. Pela primeira vez desde Brundísio, ele se sentia feliz. Ele tinha acabado de escrever uma carta para Julia e incluíra um bilhete para que ela lesse para o filho deles. Ele tinha enviado Calgaco, com sua aparência detestável, até o outro trirreme imperial, para perguntar ao procurador se ele faria a gentileza de entregá-la. Mesmo que já tivessem trocado Roma pela mansão na Sicília, coisa que não era provável, a mensagem logo deveria alcançá-los. O sol de outono batia quente em seu rosto, e fazia o mar azul vivo reluzir.

Ele pegou sua cópia de *Como defender uma cidade sob cerco*, de Enéas o Tático, e percorreu o rolo de papiro até encontrar o ponto certo. "Anuncie uma recompensa monetária para qualquer pessoa que denunciar um conspirador contra a cidade (...). A recompensa deve ser anunciada abertamente na ágora ou em um altar ou templo." Balista já tinha lido aquele roteiro. Sua maior recomendação era a necessidade de estar de sobreaviso constante contra traidores internos.

Quando Enéas escreveu, o Mediterrâneo era um mosaico de cidades-Estado em guerra, cada uma bem provida de revolucionários em potencial. Nunca se deveria descartar a possibilidade de traição, mas os tempos eram outros. As questões agora eram mais simples; a menos que houvesse guerra civil, era o *imperium Romanum* contra os de fora. O maior problema com que Balista se depararia em Arete seriam as estratégias de cerco regulares dos persas: artilharia, aríetes, rampas e túneis. Esse era o tipo de engenharia de cerco prática que o homem alto do norte era capaz de entender.

Seu guarda-costas se aproximou, trazendo consigo o escravo persa recém-adquirido ao longo das docas, Balista agradeceu Máximo e o dispensou. Sob o bronzeado do guarda-costas havia uma palidez insalubre; ele suava bem mais do que o sol merecia e seus olhos, que espiavam por trás das pálpebras, estavam quase completamente fechados. Máximo fez um leve aceno com a cabeça e se retirou. Como que por magia, Demétrio apareceu com seu estilo e bloco de escrever em punho.

Balista examinou o garoto persa. Ele era alto, quase tão alto quanto o próprio homem do norte, com cabelo preto encaracolado. Os olhos escuros eram

desconfiados, e ele ostentava um inconfundível ar de hostilidade.

— Sente-se — ele disse em grego. — Bagoas é seu nome de escravo?

O garoto persa assentiu.

— Demonstre respeito! Sim, *Kyrios*! — Demétrio explodiu.

— Sim, *Kyrios* — disse o persa, em um grego com sotaque carregado.

— Qual era o seu nome antes de ser escravizado?

Houve uma pausa.

— Hormizd.

Balista desconfiou de que ele estivesse mentindo.

— Quer voltar a ser chamado de Hormizd?

A pergunta deixou o rapaz desorientado.

— Hum... não... *Kyrios*.

— Por que não?

— Seria uma vergonha para a minha família.

— Como você foi escravizado?

Mais uma vez, houve uma pausa enquanto o persa refletia sobre a resposta.

— Eu fui capturado por... um árabe qualquer... bandidos, *Kyrios*.

Mais uma resposta evasiva, pensou Balista, com os olhos seguindo o vôo de uma gaivota ao longe, em direção ao norte,

O garoto pareceu relaxar um pouco.

— Vou dizer por que o comprei. — O garoto ficou tenso no mesmo instante, Ele temia o pior. Parecia disposto a fugir ou até a brigar. — Quero que você me ensine persa. Quero aprender tanto a língua quanto os costumes dos persas.

— A maior parte dos persas de classe alta fala um pouco de grego, *Kyrios* — disse o menino, parecendo aliviado.

Balista o ignorou.

— Dê conta de suas obrigações e será bem tratado. Tente fugir e o matarei! — Ele mudou de posição na cadeira. — Como os persas sob a casa dos sassânidas derrubaram os partos? Por que com tanta frequência soltam seus cavaleiros para cima do *imperium Romanum*! Como é que conseguiram derrotar os romanos

tantas vezes?

— Foi a vontade do deus Mazda — veio a resposta instantânea.

Se a primeira estratégia para derrubar as muralhas falha, é necessário tentar outra. Balista prosseguiu.

— Conte-me a história da casa sassânida. Quero conhecer os ancestrais do rei Sapor e as histórias de seus feitos,

— Existem muitas histórias sobre as origens da casa.

— Conte-me aquelas em que você acredita.

O garoto estava desconfiado, mas Balista esperava que o orgulho fosse levá-lo a começar a falar.

O menino organizou os pensamentos.

— Há muito tempo, quando o lorde Sassan viajou pelas terras, chegou ao palácio do rei Papak. Papak era adivinho, e pôde dizer que os descendentes de Sassan tinham sido destinados por Mazda a levar os persas à grandeza. Papak não tinha filha nem outra parenta para oferecer a Sassan, de modo que ele ofereceu sua própria esposa. Ele preferiu a glória duradoura dos persas sassânidas à sua própria vergonha. O filho de Sassan foi Ardashir, o Rei dos Reis, que há trinta anos derrubou os partos. O filho de Ardashir é Sapor, o Rei dos Reis, o Rei dos Arianos e dos Não Arianos, que pela vontade de Mazda esmaga os romanos, — O rapaz ficou olhando fixo e de modo desafiador para Balista.

— E Sapor quer recuperar todas as terras que já foram governadas pelos persas em tempos antigos, antes de Alexandre o Grande tomar seu império? De modo que ele tomaria dos romanos o Egito, a Síria, a Ásia Menor e a Grécia?

— Não... bom, sim,

— Qual dos dois? Não ou sim?

— Sim no sentido em que são terras ancestrais que precisam ser recuperadas, mas não no sentido de que elas não são tudo que ele pretende tirar dos romanos.

— Os olhos do garoto brilhavam com zelo.

— Então, que outras terras ele gostaria de ter? — Balista desconfiava do pior.

— O Rei dos Reis Sapor, em sua perfeita humildade, aceita o fato de ser um mero instrumento do deus Mazda. Ele compreende que é o destino de sua casa levar os fogos sagrados de Mazda ao mundo todo, para fazer com que todos os povos louvem Mazda, para transformar o mundo todo em ariano!

Então era isso. A sensação efêmera de felicidade de Balista tinha evaporado. Os persas não tinham necessidade de utilizar gentilezas temporais como ajusta causa. Não havia esperança de acordo, nem de postergação. Aparentemente, não havia esperança de que o fim chegaria: aquela era uma guerra religiosa. Por um instante, Balista enxergou o mundo da mesma maneira que o garoto persa o enxergava: os exércitos dos corretos, em número equivalente ao das estrelas no céu, atacando em direção ao oeste para limpar o mundo. E a única coisa que bloqueava seu caminho era o próprio Balista e a isolada cidade de Arete.

### III

A bebida demorou a abandonar o corpo de Máximo. Assim que Balista o dispensara, ele saiu para comprar pão, queijo, azeitonas, água e um pedaço pequeno de favo de mel no mercado principal e procurou um lugar calmo para se sentar. Encontrou um jardim deserto e escolheu um local em que ambos os pontos de entrada possíveis estavam à vista. Depois de conferir a vegetação rasteira em busca de cobras, das quais tinha pavor especial, ele se acomodou com o único livro que possuía: *Satyricon*, o romance de Petrônio. Máximo havia lido outros livros desde que Balista o ensinara a ler Latim na África, alguns anos antes, mas nenhum tinha tanto significado para ele como aquele. A obra mostrava os romanos como eles realmente eram: voluptuosos, bêbados, gananciosos, mal-intencionados e violentos... homens bem parecidos com ele próprio.

No dia seguinte, Máximo se sentia cheio de vida. Logo depois do amanhecer, o capitão tinha anunciado que, como era possível enxergar o pico do monte Tenos, o dia trazia bons presságios para viajar. Balista tinha efetuado o ritual corretamente, e o *Concórdia* tinha se soltado de suas amarras. Máximo agora estava em pé junto ao *epotis*, ou orelha de madeira, logo atrás do aríete do navio, aproveitando a vista perfeita à frente do mar azul. Mas que bela ironia: lá estava ele, um escravo, aproveitando o sol e o borrico da água do mar no melhor assento do navio, enquanto atrás e embaixo dele 180 homens livres, tecnicamente soldados de Roma, muitos deles voluntários, estavam sentados em bancos duros na penumbra sem ar, remando aquela grande embarcação. Os canalhas que fiquem com farpas na bunda, ele pensou.

A escravidão não pesava para Máximo. Outros a aceitavam com dificuldade: o jovem Demétrio, por exemplo. O garoto grego parecia infeliz desde que tinha sido anunciado que fariam uma parada em Delos. Talvez aquilo tivesse a ver com a maneira como a pessoa havia se tornado escrava. Algumas nasciam na escravidão. Outras eram abandonadas em montes de esterco quando bebês e recolhidas por comerciantes de escravos. Algumas eram tão pobres que se vendiam à escravidão. Algumas eram escravizadas por causa de crimes; outras, capturadas por piratas ou bandidos. Fora do *imperium*, muitas tinham sido escravizadas pelos poderosos exércitos de Roma; isso acontecia menos agora que os exércitos romanos pareciam ter adquirido o hábito de perder. E, por fim, havia as pessoas que tinham chegado a essa condição como o próprio Máximo chegara.

Na época em que era um homem livre, era conhecido pelo nome de Muirtagh. Sua última lembrança de liberdade era de estar dando risada com alguns outros

guerreiros. Eles tinham amarrado um camponês a uma árvore, devido à pequena possibilidade de que ele talvez tivesse um pote de ouro escondido, e passavam um saco de couro cheio de cerveja de mão em mão. Sua primeira lembrança de servidão era de estar deitado na parte de trás de uma carroça. As mãos estavam amarradas firmes nas costas e, a cada sacolejo da estrutura sem molas, a dor em sua cabeça ficava mais forte. Ele não tinha lembranças de nada que tivesse ocorrido entre os dois fatos. Era como se alguém tivesse pego seu rolo de papiro do *Satyricon*, rasgado várias folhas e então colado novamente as pontas rasgadas, ou melhor, como se tivesse arrancado várias páginas de um daqueles novos livros encadernados. A história simplesmente saltava de uma cena para a outra.

Outro guerreiro cuja vida tinha sido poupada para a escravidão, Cormac, também estava na carroça. Aparentemente, eles haviam roubado um pouco de gado de uma tribo vizinha e alguns guerreiros do lugar os tinham alcançado. Houve uma batalha, Muirtagh foi atingido na cabeça por um estilingue e caiu feito uma pedra. Agora estavam sendo levados pelo litoral para serem vendidos a mercadores de escravos romanos.

Cormac não foi vendido. Um ferimento pequeno em sua perna tinha ficado feio, e ele tinha morrido. Muirtagh, porém, foi. Seu primeiro dono achou que Máximo era um nome adequado para um recruta em potencial para a arena, de modo que ele deixou de se chamar Muirtagh. Máximo foi enviado para a Gália e vendido a lanista, o treinador de um grupo itinerante de gladiadores. No começo, ele lutava com o cruel *caestus*, a luva de boxeador com pontas de metal. Então ocorreu um incidente: Máximo e um *retiarius*, lutador de rede e tridente, se desentenderam por causa de dinheiro. Para recuperar a perda pelo aleijamento do *retiarius*, Máximo foi vendido para outra trupe, com a qual passou a lutar com o escudo oblongo e a espada curta de um *murmillio*.

Máximo lutava no grande anfiteatro de pedra de Arelate quando Balista o viu pela primeira vez. O anglo tinha pago bem mais do que ele valia, e por um bom motivo. Naquela época, a caminho do extremo Ocidente, Balista precisaria de duas coisas: alguém para proteger sua retaguarda e alguém para lhe ensinar celta.

Máximo não era obcecado em conquistar sua liberdade, como outros escravos eram. Os romanos demonstravam generosidade descomunal no caso das libertações, mas só porque esse era um meio bastante efetivo de evitar que os escravos cometessem atos desesperados, fugas em massa ou revoltas. Em nível individual, era uma maneira de a elite romana demonstrar sua condescendência. A libertação de grandes números de escravos aumentava a demanda por novos, a liberdade, para Máximo, vinha atrelada a expectativas e obrigações. Ele não se incomodava muito em ter ou não um teto sobre a cabeça, e certamente não fazia a menor diferença se o teto era dele próprio ou não. Ele queria a barriga cheia,

de bebida e também de comida; queria uma fileira de moças dispostas, mas, de vez em quando, a relutância tinha seus atrativos; e ele gostava de uma briga. Ele era bom com violência, e sabia disso, Se tivesse ficado em casa e se mantido vivo, teria conquistado essas coisas na comitiva de um rei hibernico local. Aqui, na função de guarda-costas de Balista, ele tinha tudo o que desejava, com vinho e também cerveja, e uma gama maior de mulheres. E, depois, não havia a questão da liberdade até que ele tivesse retribuído sua obrigação para com Balista. Sempre se recordava: seus cravos escorregando pelo piso de mármore (nunca mais use aquelas porcarias), a espada mandada para longe de seu alcance quando caiu (sempre tenha um prendedor de pulso de couro na empunhadura), o rosto pardo feroz, o braço armado de espada erguido para o golpe fatal, e o corte com que Balista tinha arrancado aquele braço.

Quando era jovem e não tinha viajado a lugar nenhum, sua tagarelice lhe valera o nome de Muirtagh da Estrada Longa. Agora que o nome combinava com a verdade, somente Balista o chamava daquele jeito, e ainda assim apenas ocasionalmente.

Ele se sentia bem feliz onde estava. Claro, gostaria de voltar para casa algum dia, mas não para ficar muito tempo: só o suficiente para matar os homens que o escravizaram, estuprar suas mulheres e incendiar suas casas.

A travessia do *Concórdia* estava absolutamente de acordo com o cronograma. O sol do começo de outubro trouxe calor e brisas suaves durante os dois dias que a embarcação levou para navegar de Delos para Cnido; primeiro para o leste até a ilha de Ícaro, depois a sudeste até a cadeia de Espórades entre os puritanos da ilha de Kos e os decadentes do continente da Ásia Menor e, finalmente, até a peninsular Cnido. Ali eles tinham parado durante um dia para se abastecer de água e para inspecionar os quadris manchados de sêmen da estátua de Afrodite de Cnido.

Na manhã em que eles zarparam de Cnido, uma névoa marítima tinha se instalado. O capitão disse que isso não era assim tão incomum naquelas águas do sul do Egeu; a neblina geralmente não era tão pesada, mas sempre havia algum tipo de aborrecimento pelo menos durante metade do ano. Com a visibilidade reduzida a menos de 3 quilômetros, ele estabeleceu a rota ao longo do litoral sul de Cnido até o cabo Onougnathos, depois partiu a sudeste até chegar à costa norte da ilha de Sime. Um navio mercante ancorado indicava o quanto estavam próximos do lugar. O *Concórdia* passou por ele e se preparou para tomar o rumo de Rhodes,

— Duas velas. Bem à frente. Piratas. Godos!

Um pandemônio se instalou no deque do *Concórdia* até que o capitão berrou

pedindo silêncio. Quando a balbúrdia arrefeceu, ele ordenou que todos se sentassem. Balista caminhou com o capitão até a proa. Lá estavam eles, emergindo da névoa marítima, cerca de 3 quilômetros à frente. Não havia como se enganar a respeito do formato das embarcações, o contorno típico de duas pontas, como se a parte anterior e a posterior se erguessem em forma de proa. Um mastro central, um remo de manobra no quarto do estibordo, muitos escudos pendurados nas laterais. As duas embarcações góticas tinham cerca de dois terços do comprimento do *Concórdia* cada uma, mas, com apenas um nível de remadores, eram consideravelmente mais baixas na água.

— A julgar pelo comprimento delas, deve haver cerca de cinqüenta canalhas em cada uma — disse o capitão. — Claro que você deve saber tudo sobre eles.

Balista ignorou a alusão implícita a suas origens bárbaras. Ele realmente sabia muita coisa a respeito deles. Eram boranis, um povo germânico pertencente a uma confederação indefinida conhecida como gótica. Todos os piratas godos que vagavam por essas águas eram boranis. Em anos recentes, um número cada vez maior deles tinha zarpado de portos e riachos inumeráveis do mar Negro, atravessado o Bósforo e começado a pilhar as costas e as ilhas do Egeu. Esses dois navios tinham se colocado em uma boa posição em uma rota marítima muito usada entre as ilhotas de Diabetai e a ilha de Sime.

— Permissão para entrar em ação, *Dominus*?

— Prossiga. Não há necessidade de esclarecer cada ordem comigo. Você é o capitão deste navio. Meu guarda-costas e eu só vamos nos somar aos seus marinheiros e nos colocar à disposição do seu *optio*, seu braço-direito.

— Obrigado, *Dominus*. — O capitão deu meia-volta, mas retornou. — O senhor pode pedir ao maior número de homens possível de sua equipe que se aperte nas cabines embaixo do deque e que o resto se abrigue na cobertura da popa?

Demétrio tinha aparecido subitamente. Enquanto Balista transmitia as instruções, observou que o jovem parecia apavorado.

— Demétrio, pode se assegurar de que a equipe permaneça calma?

O garoto pareceu se animar com a confiança implícita que tinha sido depositada nele.

— Tripulação do deque principal, baixe a vela principal, depois desmonte o mastro. Prenda ambos com bastante firmeza. Tripulação do deque anterior, faça o mesmo com a vela da proa — o capitão berrava. Em um navio de guerra, essas peças seriam lançadas ao mar, mas o capitão não estava em posição de dispensar boa madeira a qualquer possível sinal de piratas.

Quando Balista chegou à popa, Máximo apareceu carregando seu equipamento de guerra, abrindo caminho contra a enxurrada de homens que desciam. Balista tirou a cinta da espada por cima da cabeça, desafiou a cinta militar e colocou as duas ao redor de sua cadeira curul. Ele se colocou de joelhos e abriu os braços, facilitando que Máximo o ajudasse a vestir sua cota de malha. Sentiu o peso sobre os ombros aumentar quando ficou em pé mais uma vez. Afivelou o *cingulum* apertado, deixando um pedaço de cota de malha sobrar por cima do couro, assim tirando um pouco do peso dos ombros, e voltou a vestir a cinta da espada. Amarrou o lenço grosso na gola da veste de cota de malha. Ao ajustar o capacete de guerra na cabeça, seus dedos remexeram nos laços embaixo do pescoço. Balista sempre se sentia desajeitado antes de uma batalha, mas sabia que seu medo desapareceria quando a ação começasse. Quando ele pegou o escudo, um círculo de 90 centímetros de tábuas bem coladas com cobertura de couro e acabamento em metal pesado, com alça no centro, ele viu que Máximo já tinha quase terminado de entrar em sua própria cota de malha, agitando o corpo "como um salmão nadando contra a corrente", como o próprio hibernico teria dito.

— Marinheiros, armar. Peguem as lanças e os machados de bordo! — Mais ordens vindas do capitão. — Equipes de maquinário removam as coberturas, chequem as tiras e os projéteis. Um tiro de teste.

Tanto Balista quanto Máximo agora estavam equipados.

— Mais uma etapa na estrada longa de Muirtagh — disse Balista.

— Que os deuses coloquem suas mãos sobre nós.

Com as palavras de Máximo, os dois homens sorriram e trocaram socos leves um no ombro esquerdo do outro. Como sempre, Máximo assumiu sua posição à direita de Balista. Sem qualquer pensamento consciente, Balista realizou seu próprio ritual silencioso anterior à batalha: pondo a mão direita sobre a adaga no quadril direito, puxou-a para fora cerca de um dedo da bainha e então colocou-a para dentro mais uma vez; pondo então a mão esquerda sobre a empunhadura da espada, liberou cerca de dois dedos da lâmina com a mão direita e então voltou a guardá-la; finalmente, a mão direita tocou na pedra de cura amarrada à empunhadura.

— Ah, merda, lá vamos nós de novo. Pelo menos desta vez a responsabilidade não é minha.

Suas palavras foram interrompidas pelo zunido, deslizamento e baque do primeiro projétil lançado como tiro de teste. O projétil voou bem longe à esquerda. Foi rapidamente seguido por mais três, dois à direita e um à esquerda. A equipe da máquina de estibordo anterior trabalhava com fervor, ajustando a

tensão das tiras, os feixes de pelos torcidos que forneciam uma força de torção impressionante.

Outras ordens vinham do capitão:

— Remos sobressalentes em todos os níveis. Espalhem areia no deque. Silêncio completo. Escutem os comandos com atenção. Apenas os oficiais falam.

Como as asas de um pássaro enorme, os três grupos de remos do *Concórdia* o levaram em direção a sua presa. A distância agora era de menos de 1 quilômetro.

— Por que eles só ficam lá parados? Por que os canalhas não fogem? — Máximo sussurrou.

— Talvez estejam pensando que, se conseguirem evitar o aríete, cerca de cem deles poderão vencer os nossos cerca de setenta marinheiros em ação a bordo, apesar da vantagem de altura do *Concórdia*.

— Então são uns tolos, e merecem tudo que vão receber!

— Máquinas anteriores, abram fogo a 150 metros!

A água chiava no casco, e a distância ia se fechando com rapidez. Zunido, deslizamento, baque, o lançador de projéteis de estibordo cumpriu sua função. Com velocidade estonteante, o projétil se afastou do *Concórdia*. Por um segundo, parecia que ia atingir o barco inimigo em cheio, mas, em vez disso, passou voando por cima da cabeça dos guerreiros góticos. A tripulação já estava se preparando para disparar o próximo projétil. O tiro quase no alvo despertou um efeito semelhante a agitar um formigueiro. Por cima da água veio o *barritus*, o grito de guerra germânico, um rugido crescente. Um bárbaro agitava de maneira frenética um escudo vermelho por cima da cabeça.

— Merda! Ah, que merda! — alguém gritou na proa. De trás das protuberâncias baixas de pedra das ilhotas de Diabetai, apareceram mais duas embarcações góticas.

— Acho que agora sabemos por que eles não fugiram — Máximo sussurrou.

— Preparem-se para uma virada rápida para a esquerda! — Havia pouco mais de 100 metros separando o *Concórdia* das duas primeiras embarcações góticas. — Ao meu sinal, o lado de estibordo rema com pressão total, o lado de bombordo força para baixo, o homem do leme faz sua parte! — Ouvia-se apenas o barulho do navio singrando a água. — Agora!

O *Concórdia* se inclinou para a direita. O nível mais baixo de fileira de remos chegou a ficar submerso. Mil juntas de madeira gemeram, reclamando. O

mastro principal se movimentou contra as cordas que o seguravam, mas o navio fez a curva como uma enguia, passando em alta velocidade pelas proas dos góticos, a apenas cerca de 20 metros de distância. Então já estava se endireitando e se afastando. Tinha feito uma curva de 180 graus em um espaço de menos de três vezes seu comprimento.

Então veio uma vibração, e alguma coisa se abateu sobre o deque a 2 metros de Balista.

— Flechas! Escudos para cima!

Condenando sua própria desatenção, Balista se agachou atrás de duas tábuas pesadas de madeira de tilia. Ouviram-se mais choques e tinidos na medida em que as flechas encontravam a madeira ou o metal. Em algum lugar, um homem berrou quando uma delas encontrou sua pele desprotegida. Então, duas vezes, em sucessão próxima, zunido, deslizamento e baque quando os dois lançadores de projéteis posteriores responderam aos arqueiros góticos. Balista espiou por cima do escudo, mas se abaixou novamente. Outra chuva de flechas estava chegando. Desta vez, mais homens berraram. O capitão estava em pé ao lado de Balista. O homem do norte se sentiu acanhado perante a frieza do sujeito.

— Podemos escapar deles sem problemas. Mas talvez precisemos lu... — A ponta da flecha saiu subitamente de sua garganta. Surpreendentemente, havia pouquíssimo sangue. Pareceu que o capitão olhou para baixo horrorizado, então caiu para a frente. Quando a ponta da flecha bateu no deque, o cabo se quebrou no fundo do pescoço dele, abrindo a ferida, fazendo o sangue jorrar para todos os lados.

Com o escudo erguido na direção da popa, e com Máximo também tentando protegê-lo com o seu próprio, Balista foi até o homem do leme. Ele avançou inclinado para a frente, como se estivesse caminhando sob chuva pesada. O homem do leme, apesar de protegido pela popa curvada para cima do navio e pelos escudos de dois marinheiros, parecia histérico. Seus olhos estavam fixos no corpo sem vida de seu capitão. Se algo não fosse feito, a moral do *Concórdia* podia esvaziar como um saco de vinho furado.

Dúzias de arqueiros atiravam na direção do navio, cuja única resposta era formada por dois lançadores de projéteis.

— Vou assumir o comando — Balista disse para o homem do leme. — Está ferido?

— Não, *Dominus*. — O homem não parecia confiante. Balista sabia que ele tinha suas dúvidas sobre o homem do norte ter algum dia comandado um trirreme. Tinha razão em duvidar.

Erguendo a voz contra os ruídos do navio e da batalha desigual de projéteis, Balista gritou:

— Eu estou no comando! *Optio*, venha falar comigo! Mestre dos remadores, está ferido? Oficial da proa, e você?

Os dois oficiais do navio ergueram as mãos em uma saudação bem armada e gritaram de volta a resposta militar padrão:

— Faremos o que for ordenado e a cada comando estaremos de prontidão,

— Onde diabos está o *optio*?

— Entre os feridos, *Dominus* — alguém respondeu.

— Certo. Marinheiros, vocês vão receber ordens minhas. Homem do leme, tome conta dos remadores do navio. Tire a embarcação do meio desta tempestade de flechas, agora! Mas não se afaste tanto. Sei que podemos ser mais rápidos do que eles. Mas eles provavelmente não sabem disso. Os bárbaros do norte não são capazes de imaginar o que um trirreme imperial pode fazer em ação até verem com os próprios olhos, Eu sei o que estou dizendo! — ele soltou uma risada impiedosa. — Tente manter a distância de cerca de 100 a 150 metros à frente deles. Bem no limite do alcance das flechas. Mantenha o interesse deles. Se eles não permanecerem unidos, vamos poder pegar um por um. — Naquele instante, Balista se lembrou do navio mercante ancorado nas proximidades de Sime e, com um sorriso determinado, disse: — Eu tenho um plano.

Quando o navio mercante voltou a aparecer na linha do horizonte, a popa em forma de cisne do *Concórdia* parecia uma almofada de agulhas, mas só mais uns poucos homens tinham sido alvejados, e as esperanças de Balista estavam se concretizando. O maior dos navios góticos estava à distância de sete ou oito vezes o comprimento da embarcação à frente de sua companheira original. Balista estimou que a tripulação devia ser de pelo menos cem guerreiros, que remavam com determinação, de certa forma incentivados pela presença do "escudo vermelho", que obviamente era o líder. Os dois navios originais tinham uma bela vantagem em relação às duas outras embarcações inimigas, que tinham se escondido atrás das ilhotas de Diabetai, Agora elas haviam ficado para trás, à distância de quase 1 quilômetro do segundo barco, Balista disse ao homem do leme para conduzir o *Concórdia* à direita do navio mercante, mantendo-se o mais perto de sua lateral possível. Estava quase na hora de colocar seu plano em operação.

Quando o ariete se aproximou da proa do navio mercante imóvel, Balista deu uma sucessão de ordens.

— Preparem-se para fazer uma curva rápida para a esquerda! Quando eu

mandar, os remos de bombordo descem com força, os de estibordo remam com força, o homem do leme força os remos de direção!

A lateral da embarcação grande e redonda passou em alta velocidade pelo *Concórdia*.

Pai-de-Todos, permita-me fazer isto direito, pensou Balista. Ele não tinha dificuldades em imaginar que poderia dar a ordem antes do tempo certo e os remos do lado bombordo do *Concórdia* se quebrariam na popa do navio mercante, ou depois do ideal, e o plano todo falharia já de início.

— Virem agora!

Mais uma vez, o longo navio de guerra se inclinou, os remos mais baixos de estibordo mergulharam para baixo da linha d'água. Mais uma vez, milhares de partes de juntas de madeira rangeram, e o enorme mastro principal fez força contra suas amarras.

Dois rostos barbados olharam surpresos por cima da amurada de estibordo do navio mercante quando o *Concórdia* passou em alta velocidade. Em questão de momentos, Balista gritou para que o homem do leme o endireitasse e que os remadores da esquerda voltassem a remar. Agora o *Concórdia* disparava de volta na direção de onde tinha vindo, mas pelo outro lado do navio mercante.

Bem como Balista esperava que acontecesse, quando surgiram da sombra da embarcação mercante, lá estava o barco gótico seguinte ainda atrás do rastro do trirreme, seguindo às cegas seu curso original, A viga gótica estava totalmente à disposição do aríete do *Concórdia*.

— Homem do leme, desvie dos remos do inimigo! Remadores, deem velocidade para atacar com o aríete! — Em um movimento ágil, os remos de direção apontaram o navio de guerra na direção do navio gótico. — Remos de bombordo, preparem-se para recolher, — Segundos se passaram. Quando, quando, porra? Balista estava preocupado. *Agora!* — Recolher remos!

Nem um instante antes do momento certo, as grandes peças foram recolhidas para dentro do navio, colocadas fora de perigo, O homem do leme lançou os remos de direção para a direita, e o aríete de ferro acertou o casco da embarcação gótica em um ângulo enviesado. Ouviu-se um barulho horrível de metal entrando na madeira quando o aríete acertou a lateral do barco inimigo. Os godos, tomados totalmente de surpresa, não tiveram tempo de recolher os remos, que se despedaçaram como gravetos. Quando o *Concórdia* passou, alguns de seus marinheiros, sem receber ordens, lançaram flechas do deque mais elevado no navio do norte. Gritos de angústia e dor subiram.

Droga! Eu devia ter dito aos marinheiros para fazer isso, pensou Balista enquanto a popa do trirreme deixava o inimigo para trás. Mas seu plano tinha funcionado.

Os godos não haviam conseguido reagir e, agora, sem metade de seus remos, estavam paralisados sobre a água.

— Mire na segunda embarcação, ataque com o aríete de popa a popa — Balista gritou para o homem do leme.

A segunda tripulação de godos ficou tão surpresa quanto a primeira. Agora, tentava fazer uma curva para o outro lado. Era fácil ver o pânico crescente nas remadas erradas e na reação lenta do navio.

— Velocidade de ataque com o aríete! — Berrou o homem do leme. O *Concórdia* avançou com rapidez. — Preparem-se para o impacto!

Com um estrondo fortíssimo de madeira estilhaçada, o aríete penetrou a viga do inimigo. O impacto fez Balista cair no deque. Máximo o levantou. Balista estava sem fôlego. Dobrado ao meio, tentou sugar o ar para dentro dos pulmões. Ele ouviu o homem do leme berrar:

- Para trás! Para trás! Pressão total!

O *Concórdia* parecia entalado, com o aríete enterrado no fundo dos destroços do outro navio. Esta tripulação pensava mais rápido do que a primeira. Já havia cordas grossas com ganchos na ponta curvando-se no ar, na direção da proa do trirreme.

— Para trás! Força, seus fodidos! Força! — Os gritos do homem do leme soavam desesperados. — Marinheiros, usem as lanças de abordagem para nos soltar!

Balista endireitou o corpo e foi até a proa correndo, cheio de dor. Se não conseguissem se desvencilhar, seriam alvo fácil quando os dois outros navios góticos chegassem. Agarrou uma lança de abordagem e foi até a amurada. Quando chegou lá, um rosto barbado apareceu pelo lado. Da direita, o escudo de Máximo acertou em cheio o rosto do godo, fazendo o homem se estatelar, ensanguentado, no deque de seu próprio navio. Balista enfiou a lança no casco do navio dos bárbaros, que não soltava do aríete, e empurrou com toda a força. Um marinheiro se juntou a ele. Máximo segurava um escudo por cima dos dois. Durante um intervalo que pareceu uma eternidade, nada se moveu. Pelo canto do olho, Balista viu um marinheiro pular para cima da amurada. De algum modo, o homem conseguiu se equilibrar e cortou com um machado uma das cordas que saía da embarcação gótica e se prendia ao *Concórdia*. Depois de três golpes, uma flecha atingiu a coxa do marinheiro. Com um berro, ele caiu na água. Quando Balista conseguira respirar com dificuldade duas ou três vezes, um segundo marinheiro apareceu em cima da amurada. Com um golpe poderoso de seu machado, a corda se partiu e o marinheiro pulou de volta para o deque.

— Um, dois, três, EMPURREM! — Balista percebeu que era ele que gritava, tentando colocar as palavras para fora, apesar da dor no peito, e fazer com que fossem ouvidas por cima do ruído terrível da batalha. — EMPURREM!

Finalmente, com um som de torcedura, o *Concórdia* começou a se mover. Primeiro lentamente, depois ganhando força, afastou-se da embarcação gótica. Zunido, deslizamento, baque, a equipe dos dois lançadores de projéteis anteriores teve a presença de espírito de criar ainda mais problemas para a tripulação de godos. Uma flecha de 90 centímetros da artilharia atravessou a cota de malha de um godo e o pregou ao mastro.

Era improvável que a embarcação bárbara fosse afundar. Navios de guerra de madeira tinham a tendência de se encher de água e ficar boiando à deriva até se desfazer. Os godos que estavam na água ou que tinham se agarrado aos destroços podiam ser deixados lá para se afogar por conta própria ou, se houvesse tempo, ser usados como alvo de treino mais tarde. De qualquer maneira, eles já não faziam a menor diferença nessa batalha.

Balista precisava saber o que as outras embarcações góticas estavam fazendo. Espiando de trás de seu escudo, bem protegido, viu que as duas embarcações que não tinham sido atingidas já estavam batendo em retirada. Ainda estavam a quase 1 quilômetro de distância, e a tripulação do *Concórdia* estava cansada. Não havia sentido em ir atrás delas, Balista correu para olhar da popa. O navio gótico que eles tinham atacado tinha conseguido redistribuir seus remos que restaram e tentava sair tropeçadamente de cena,

— Homem do leme, leve-nos para cerca de 150 metros de distância daquela embarcação. Vamos dizer a eles que se rendam, Mas estaremos prontos para lutar. — Enquanto sua ordem era executada, Balista, com Máximo atrás do ombro direito como o sempre, percorreu o deque, falando com os marinheiros e os taifeiros; palavras de elogio aqui, solidariedade para com os feridos ali.

O *optio*, que tinha sido ferido logo no começo, deu seu relatório, Só havia três mortos, incluindo o capitão, mais dez feridos, incluindo ele próprio. Todas as baixas eram marinheiros, menos uma. Quando terminou, ele se levantou desajeitado e remexeu no curativo do braço. Então Balista proferiu as palavras que o *optio* mais queria escutar.

— Com a morte do capitão, você assume o comando do navio como trierarca em exercício até retornar a Ravena.

Enquanto o *Concórdia* manobrava para entrar em posição, Balista refletiu que o fato de o capitão de um trirreme ter posição hierárquica equivalente à de um centurião nas legiões dizia muito a respeito do pensamento romano, mas um trierarca comandava quase trezentos homens alistados e um centurião,

geralmente, não passava de oitenta.

— Rendam-se! — Balista gritou em germânico.

— Vá se foder! — O sotaque do borani era forte, mas não havia dúvida em relação às palavras.

— Eu sou Dernhelm, filho de Isangrim, líder de guerra dos anglos. Dou a minha palavra, como descendente de Woden, que suas vidas serão poupadas e que não serão mandados para a arena.

— Vá para o inferno! Mercenário! Servo! Escravo!

— Pense nos seus homens.

— Eles me prestaram juramento. E melhor morrermos sobre os nossos pés do que vivermos ajoelhados, como você!

Durante duas horas, os lançadores de projéteis do *Concórdia* bombardearam a embarcação gótica. Como estavam fora do alcance efetivo das flechas, os godos não podiam fazer nada além de esperar. Durante esse tempo, a força fantástica dos projéteis perfurou as laterais do navio e dilacerou o couro e o metal que não eram capazes de proteger a pele macia dentro da embarcação. Alguns projéteis atravessaram dois homens de um único golpe e os pregaram juntos de modo grotesco.

Quando não havia mais perigo de resistência, Balista ordenou que o *Concórdia* atacasse a embarcação gótica com o aríete bem no meio.

— São tantos! Foram corajosos. E uma pena que todos tenham de morrer — disse Balista enquanto o trirreme se afastava dos destroços.

— É — concordou Máximo. — Eles teriam valido um bom dinheiro.

Balista sorriu para seu guarda-costas.

— Você realmente é um canalha desalmado, não é mesmo?

#### IV

Foi a maior decepção. A cerca de 1 quilômetro para a esquerda, Demétrio conseguia ver o Chipre, a ilha de Afrodite, a deusa do amor, ficando para trás. Durante toda a sua jovem vida, o garoto grego sempre quis visitar o altar dali, mas agora não havia tempo a perder. Tinha sido assim desde o encontro com os godos. Aquilo parecia ter enchido Balista de energia. Lutar contra os bárbaros do norte tinha agitado seu sangue de um jeito estranho, e feito com que ele ficasse mais ansioso para enfrentar os do leste. Ele se tornara irrequieto durante os quatro dias que tinham passado em Sime, o tempo que foi necessário para reparar o *Concórdia* (a hipozomata, fosse lá o que fosse, precisou ser apertada). Nesse ínterim, a dúzia de prisioneiros que tinha sido pescada dos destroços do primeiro navio gótico foi vendida para comerciantes de escravos. Nenhuma promessa tinha sido feita a eles; seu futuro não seria bom. O *Kyrios* ficara andando de um lado para o outro nos deques durante a travessia de um dia até Rhodes. Sua impaciência era contagiosa, e quando o Chipre enfim apareceu, depois de três dias, Máximo, Mamurra e Prisco, o trierarca em exercício, também estavam andando de um lado para o outro sem parar.

Durante a travessia de Rhodes ao Chipre, a primeira vez na viagem em que o *Concórdia* realmente navegava em mar aberto, até mesmo o letrado Demétrio tinha percebido que um trirreme era um lugar extremamente apertado. Não havia espaço para os remadores fazerem exercício nem se lavar. Eles tinham de dormir em seus bancos.

Não havia provisões para oferecer comida quente. Assim, a rotina, sempre que possível, de fazer o trirreme aportar duas vezes por dia (ao meio-dia, para a tripulação almoçar e mais uma vez ao anoitecer, para jantar e dormir) agora fazia total sentido.

Tanto por uma necessidade de observar as gentilezas sociais quanto por uma questão de praticidade, foram obrigados a realizar uma parada de dois dias em Nova Pafos, a sede do governador romano na ilha do Chipre. Ele era superior em hierarquia a Balista, e por isso não podia ser ignorado. O pró-cônsul os recebeu em uma casa grande, bem localizada e próxima ao mar, para pegar qualquer brisa marinha. Tinha sido uma ocasião de certa formalidade, e isso tinha ocupado boa parte do primeiro dia.

No segundo dia, cada um dos viajantes tinha cuidado de suas próprias tarefas ou interesses, Demétrio caminhou mais ou menos 1 quilômetro até a agora para adquirir suprimentos; o *Kyrios*, acompanhado por Calgaco, retornou para mais conversas com o pró-cônsul a respeito dos acontecimentos na cidade eterna. Prisco e Mamurra ficaram ocupados com o *Concórdia*. Novas preocupações a

respeito de alguma coisa chamada parexeiresia tinham se juntado às inquietações a respeito da hipozomata. Máximo foi a um bordel e voltou bêbado.

No dia seguinte, ao amanhecer, o *Concórdia* recolheu as escadas de embarque e soltou as amarras. Os remadores levaram a embarcação para longe do porto, o vento do norte encheu suas velas e o navio se afastou da ilha pelo sudeste. Demétrio estava debruçado por cima da amurada de bombordo próxima à popa. Estavam se afastando de um dos locais mais sagrados para os gregos. Ali, ainda na alvorada do mundo, Cronos tinha castrado Urano e lançado seus genitais cortados ao mar. Afrodite nascera da espuma. Em algum lugar logo à esquerda de Demétrio ficava a pedra que marcava o local de onde ela tinha saído da concha de vieira e, nua, colocara os pés em terra pela primeira vez.

Mais ou menos a 1,5 quilômetro da praia, Demétrio achou que podia enxergar os muros do santuário da deusa. Aquela tinha sido a primeira morada de Afrodite. Era tão antiga que o objeto de culto não era uma estátua feita por homens, mas sim uma pedra preta em forma de cone. Quando flagrada em adultério, tinha sido para cá que Afrodite fugira. Aqui, as Graças a tinham banhado, ungido e vestido, longe da fúria de seu marido e do escárnio dos outros deuses.

Balista disse algo que fez com que Demétrio mais uma vez voltasse a atenção para dentro do barco:

— Então, o grande historiador Heródoto entendeu tudo errado.

Como é que o *Kyrios* podia ficar lá sentado escutando essas bobagens? Zoroastro, que tinha fundado a religião persa, geralmente era considerado um sábio, mas os ensinamentos que eram transmitidos agora não passavam de superstição e charlatanismo.

Balista prosseguiu:

— Apesar de ele ter razão em dizer que a educação de um garoto persa consiste apenas em aprender a cavalgar, atirar com arco e flecha e não mentir, ele compreendeu mal a última parte. Ser ensinado a não mentir não significa que os persas nunca sejam econômicos com a verdade, que nunca alterem um pouquinho a realidade. Em vez disso, o ensinamento religioso diz que se deve fugir "da mentira", que significa o mal e a escuridão.

A cabeça de Bagoas balançava de cima para baixo como se fosse explodir; o coração de Demétrio se apertou ainda mais.

— E "a mentira" é o demônio Ahriman, que está preso em um combate perpétuo com o deus Mazda, que é a luz e que é representado pelos seus fogos sagrados de *bahram*. E, na batalha final, Mazda vai vencer e, a partir de então, o destino da humanidade vai ser feliz... Mas como é que tudo isso se dá nesta vida?

— Todos precisamos lutar com todas as nossas forças contra Ahriman.

— Isso inclui o rei Sapor?

— Sapor acima de tudo. O Rei dos Reis sabe que é o desejo de Mazda que, da mesma maneira que o deus, sendo correto, luta contra o demoníaco Ahriman, neste mundo o correto Sapor lute contra todos os governantes ímpios e descrentes. — Havia um brilho de certeza e desafio nos olhos de Bagoas.

— Então os guerreiros são tidos em alta conta por Mazda? — questionou Máximo, que tinha ficado até então sentado em silêncio, com os olhos fechados, passando a impressão de estar inconsciente por conta de uma ressaca.

— Saiba que os arianos são um corpo. Os sacerdotes são a cabeça, os guerreiros as mãos, os agricultores a barriga e os artesãos os pés. Quando os descrentes ameaçam os fogos de *bahram*, o guerreiro que foge da batalha é *margazan*. Aquele que morre em batalha é abençoado.

— *Margazani*

— É aquele que comete um pecado pelo qual merece a morte.

— Abençoado?

— Aquele que vai direto para o primeiro dos céus.

Cinco noites tinham se passado, e aquela era a última da travessia, de madrugada, talvez o terceiro turno de vigia. Balista estava deitado de barriga para cima, imóvel. Seu coração batia rápido, e ele suava em profusão. Mais uma vez ouviu o barulho perto da porta. Já sabendo o que veria, forçou-se a olhar. A pequena lamparina de barro ia se apagando lentamente, mas ainda emitia luz suficiente para iluminar a cabine minúscula.

O homem era enorme, alto e largo ao mesmo tempo. Vestia um *caracallus* vermelho escuro esfarrapado. O capuz da capa estava sobre a cabeça, e a ponta tocava o teto. Ele permanecia parado ao pé da cama sem dizer palavra. Seu rosto era pálido, mesmo com a sombra do capuz. Os olhos cinzentos brilhavam com malícia e desprezo.

— Fale — Balista ordenou, apesar de já saber o que ele diria.

Em latim, com sotaque do Danúbio, o homem disse:

— Eu vou voltar a vê-lo em Aquileia.

Juntando coragem, como tinha feito tantas vezes antes, Balista disse:

— Nós nos veremos lá, então.

O homem deu meia-volta e foi embora e, depois de um longo tempo, Balista caiu no sono.

Balista acordou com o balanço da embarcação e os cheiros misturados de madeira, sebo e piche: estava seguro em sua pequena cabine apertada a bordo do *Concórdia*, prestes a embarcar no dia final da travessia em mar aberto até o destino final do trirreme, o porto de Seleuceia em Pieria. De maneira inconsciente, ele sabia que o vento soprava para o oeste, na viga do *Concórdia*, em seu trajeto para o norte subindo o litoral da Síria. Despertando um pouco do sono, ele ficou imaginando se Prisco mantinha o navio a distância suficiente da costa, dando espaço o bastante para passar pelo promontório do monte Cassios.

De repente, todo o conforto o abandonou. As vagas agitações no fundo de sua mente se juntaram para formar uma lembrança terrível. *Merda. Achei que nunca mais a veria.* O lençol embaixo dele parecia úmido, encharcado de suor. Ele começou a rezar:

— Pai-de-Todos, Aquele que Tem Um Olho Só, Trabalhador do Mal, Terrível, Encapuzado, Realizador de Desejo, O que Se Livra das Lanças, Andarilho, — Ele duvidava que fosse surtir algum efeito.

Depois de um tempo, se levantou. Ainda nu, abriu a porta, passou por cima de Calgaco, que dormia, subiu até o deque e mijou por cima da amurada. O ar do início da manhã batia frio em sua pele. Quando voltou para a cabine, Calgaco estava servindo seu desjejum, e Máximo comia a maior parte dele.

Não adiantaria nada perguntar, mas ele precisava fazer isso.

— Calgaco? — O caledônio se virou. — Você viu ou ouviu alguma coisa ontem à noite?

O homem desfavorecido sacudiu a cabeça.

— Máximo?

O guarda-costas, com a boca cheia de pão e queijo, também sacudiu a cabeça. Depois de engolir a comida com um gole do vinho misturado com água de Balista, ele disse:

— Você parece péssimo. Por acaso aquele grandalhão está de volta?

Balista assentiu.

— Nenhum de vocês dois deve mencionar isto a ninguém, A ninguém mesmo. O pessoal já está sobressaltado demais desde que aquele canalha espirrou quando estávamos de partida. Pensem em como vão se sentir se souberem que seu comandante bárbaro veio com seu próprio demônio particular?

Os outros dois assentiram em um gesto solene.

— Talvez o pessoal esteja sobressaltado por saber aonde você está indo — Máximo sugeriu com um sorriso. — Sabe, com a probabilidade muito alta de que todos nós vamos morrer.

— Estou fora de forma — disse Balista. — Máximo, pegue o nosso equipamento. Precisamos treinar.

— As espadas de madeira para treinamento?

— Não, as de aço mesmo.

Estava tudo pronto. Era a quinta hora do dia, um pouco menos de uma hora antes do meio-dia. Apesar de já ser fim de outubro, fazia calor. Balista tinha escolhido o final da manhã para treinar por diversos motivos. Isso permitia que ele mostrasse polidez para com o trierarca em exercício ao pedir permissão para treinar no deque de seu navio de guerra. O atraso permitiu que a tripulação consumisse o desjejum e desse conta de qualquer tarefa essencial. Acima de tudo, dava uma oportunidade para que a expectativa aumentasse, talvez até mesmo para que algumas apostas fossem feitas.

Balista amarrou o capacete e olhou ao redor. Todos os marinheiros, taifeiros e os próprios integrantes da equipe de Balista, assim como os remadores que puderam obter permissão, estavam sentados ao longo das amuradas do navio. O público era formado por homens bem informados. Apenas os marinheiros eram espadachins treinados, mas todos a bordo eram militares. Nos lugares em que havia soldados, havia gladiadores, e onde havia gladiadores, havia quem achasse que conhecia bem a luta de espada. Balista deu um passo à frente na área aberta. A luz parecia bem mais forte ali; o espaço ao redor dele, mais amplo; e o deque, que até então mal parecia se inclinar ou se mover, sacudia e mudava de posição de maneira alarmante. O sol castigava e ele apertou os olhos para examinar os rostos cheios de expectativa ao seu redor. Um murmúrio baixo percorreu a multidão.

Balista desempenhou seu ritual de hábito, pegando a adaga, a empunhadura da espada e a pedra de cura presa a ela, uma de cada vez. Ele ficou se perguntando por que estava lutando. Seria uma tentativa calculada de impressionar seus homens? Ou uma maneira de mandar para longe a lembrança do homem, morto havia quase vinte anos, que o visitara na noite anterior?

Máximo então entrou no cercado improvisado. O hibernico usava o mesmo equipamento que Balista (capacete, camisa de cota de malha, escudo), mas os dois carregavam espadas diferentes. Máximo dava preferência ao gládio, a

espada curta, feita principalmente para ser apunhalada, que havia muito tempo já tinha deixado de ser a arma preferida das legiões, mas que ainda era usada por muitos gladiadores, inclusive os *murmillos*. Balista usava a *spatha*, mais conhecida como arma de corte.

Depois de alguns movimentos vistosos com seu gládio (giros para dentro e para fora, figuras em forma de oito ao redor da cabeça e assim por diante), Máximo se agachou bem junto ao chão, na pose típica de um homem mais baixo armado com uma espada de trespassar. Balista percebeu que estava fazendo a *spatha* girar na mão. Apressado, colocou o laço de couro no pulso. Assumiu sua pose de prontidão: corpo ereto, pés afastados, peso distribuído de maneira uniforme, um lado mais para a frente, o escudo a uma certa distância do corpo, os olhos apontados por cima do ombro esquerdo, a espada em riste atrás do direito.

Máximo foi para cima dele correndo. Por conhecer o ímpeto do hibérnico, Balista esperava por isso. Seus escudos colidiram. Permitindo-se ser empurrado para trás, Balista deu um passo para a direita com o pé de trás e colocou o pé da frente, o esquerdo, para trás, dando assim um giro de 180 graus com o corpo. O ataque de seu oponente o trouxe para a luta, em um estratagemas Tessaliano de execução perfeita. Quando Máximo passou por ele, Balista baixou a espada, com a palma da mão para baixo e, tirando a maior parte da força do golpe, acertou o ombro do hibérnico. Foi brindado com um tilintar ruidoso quando a ponta da *spatha* atingiu a camisa de cota de malha. De maneira menos agradável, um momento depois ele sentiu e ouviu o impacto do gládio de Máximo em suas costas.

Os dois homens começaram a girar e atacar um ao outro de maneira mais circunspeta. Máximo, ocupado em se lançar para a frente, projetar-se, manter os pés em movimento, era o que atacava mais.

A única outra pessoa que sabia sobre o homem grande era Julia. Ela tinha sido criada como epicurista e desprezava sonhos e aparições como sendo meros truques da mente. Elas apareciam quando a pessoa estava cansada, sob estresse físico e mental. Balista não vinha se sentindo bem desde o embate com os boranis. Em certa extensão, as palavras do chefe deles tinham acertado em cheio. Metade da vida no *imperium Romanum* tinha feito Balista mudar e fazer coisas que preferia não ter feito (e a primeira delas era ter matado o homem grande). Talvez Julia tivesse razão: não era um demônio, era apenas culpa. Mas, mesmo assim...

Balista jogou a cabeça para trás, para fora do caminho do gládio de Máximo que passou perto demais para ser confortável. *Droga*, ele pensou. *Concentre-se, seu tolo. Preste atenção à lâmina*. Ele lutava melhor quando dependia de uma mistura de treino, prática e instinto, permitindo que a memória dos músculos desse conta das coisas na medida em que iam acontecendo. Mas a mente dele precisava

estar concentrada dois ou três golpes adiante na luta... não em uma morte que ocorreria 17 anos antes.

Balista fez um movimento para tomar a iniciativa. Passou o peso para o pé esquerdo e deu um passo à frente com o direito para acertar a cabeça. Então, quando Máximo ergueu o escudo para impedi-lo. Balista alterou o ângulo do golpe para mirar na perna. As reações de Máximo foram rápidas. O escudo desceu bem a tempo.

O guarda-costas deu um golpe com o escudo na direção do rosto de Balista. Abrindo espaço, este caiu sobre o joelho direito e agitou a *spatha* na altura do tornozelo, abaixo do escudo de seu oponente. Mais uma vez, as reações de Máximo o livraram do perigo.

Balista mirou outro golpe na lateral da cabeça. Dessa vez, Máximo veio para a frente, entrando no golpe, e baixou o gládio em um movimento de corte na direção do antebraço de Balista. O ângulo não foi rápido o suficiente para tirar o braço da frente. Máximo tinha virado a espada, mas o golpe da parte achatada da lâmina doeu.

Balista sentia sua raiva crescer. Seu braço estava doendo. Ele não admitiria ser vencido na frente de todos os seus homens, superado por este canalha hibernico convencido. Seu medo da noite anterior misturou-se com a dor no braço para formar um jato quente de raiva. Dava para sentir que estava perdendo o controle. Ele se lançou em uma série de ataques selvagens, na cabeça e nas pernas de Máximo... ou qualquer parte do corpo que ele achasse que poderia acertar. Vez após outra, sua lâmina quase o penetrou, mas Máximo bloqueava o golpe ou se esgueirava. Finalmente, surgiu uma abertura. Balista lançou um golpe maldoso com as costas da mão na cabeça de Máximo. O rosto do hibernico estava completamente aberto. A *spatha* de Balista não podia errar o alvo. A gaita de fole do mestre dos remadores, soando aguda por cima do ruído da respiração forte e dos passos pesados, invadiu rasgando a consciência de Balista. No último segundo, ele deu o golpe.

— Porto. Seleuceia em Pieria, A estibordo da popa — o oficial de proa alertou.

Balista e Máximo se afastaram e baixaram as espadas. Balista se sobressaltou fisicamente quando os homens deram vivas. Ele demorou um instante para perceber que não estavam comemorando o fato de o destino final do *Concórdia* estar à vista, mas sim o trabalho dele e de Máximo com a espada. Ele ergueu a mão em reconhecimento e caminhou até seu guarda-costas.

— Obrigado.

— Claro, foi um prazer tentar me manter vivo — respondeu Máximo. — Você seria capaz de dar conta de uma horda inteira de homens menos treinados.

– E, na minha raiva, deixei-me abrir vez após outra a um golpe assassino de um bom espadachim que quisesse me matar. Obrigado.

– Ah, eu sabia que, na verdade, não queria me matar. Seria muito caro me substituir.

– Foi mesmo o que pensei.

Tinha sido um grave erro não tirar a armadura. Na medida em que cada integrante de sua equipe foi aparecendo no deque com roupas limpas, com a aparência de quem tomou banho e estava refrescado, Balista amaldiçoou a si mesmo por não ter pensado em perguntar ao trierarca em exercício quanto tempo demoraria até o *Concórdia* aportar em Seleuceia. Pediu um pouco de vinho misturado com água. Cansado e com calor por causa da luta de espada, ele suava profusamente sob o sol da Síria.

Agora havia mais este atraso. Um navio mercante grande e pesado tinha feito a maior confusão ao se aproveitar da brisa que começava a soprar do oeste. De algum modo, entrou por engano no caminho de um navio de guerra imperial. As amarras da proa das duas embarcações estavam totalmente embaraçadas, e os navios bloqueavam a entrada do canal que levava ao porto principal.

Em pé na proa, Balista conferiu a posição do *Concórdia*. A sul do mastro de estibordo erguia-se a protuberância verde do monte Cassios. A sudeste do quarto de bombordo ficava a planície chata de aparência verdejante do rio Qrontes. Diretamente à frente estava Seleuceia, ao sopé do monte Pieria, que se erguia em uma longa extensão por bombordo até desaparecer em uma série de zigzagues.

O navio de guerra, uma pequena galé liburniana, libertou-se do navio arredondado, deu meia-volta e, com uma variedade interessante de gestos obscenos vinda do deque, deslizou para o noroeste na direção da baía de Issos. Possivelmente emendado, o navio mercante ajustou suas velas para abrir caminho com a ajuda do vento até ter espaço suficiente na água para tomar sua rota planejada costa acima ou abaixo.

Seleuceia, o porto principal da Síria, tinha dois ancoradouros. Um era uma coisa horrível, que não passava de um semicírculo aberto para os ventos dominantes. Era notoriamente perigoso, adequado apenas para os pescadores locais que trabalhavam ao longo da costa. O outro era mais grandioso, em todos os sentidos, uma enorme bacia construída por mãos humanas em forma de polígono, protegida dos ventos do oeste por um longo canal recurvado.

Balista tinha em mente sua *mandata* imperial, que dizia que ele deveria garantir a segurança de Seleuceia, apesar de ainda não saber ao certo como faria isso já

que iria se fixar a várias centenas de quilômetros dali, em Arete. Ele examinou os acessos à cidade. Como o canal só tinha largura suficiente para dois navios de guerra lado a lado, seria bem fácil colocar uma corrente ou um mastro para fechá-lo. Porém, não havia sinal de que algo parecido existisse ali.

O porto era um pouco mais estimulante. Era grande, e havia várias embarcações mercantes ancoradas, mas o cenário exibia um ar de negligência. Um pier tinha desabado e havia uma grande quantidade de lixo boiando. Mais preocupante para Balista era o fato de só haver três navios de guerra na água. Os aríetes de outros seis apontavam para fora de seus abrigos. Este era o porto-base da frota síria, e havia apenas nove navios de guerra. Ao avaliar o estado dos abrigos dos navios, Balista duvidou que alguma daquelas galés estivesse pronta para a ação.

O *Concórdia*, ignorando um garoto que estava dentro de um bote que quase desaparecia embaixo do aríete, fez uma volta completa ao redor do porto, parou e entrou de ré com muita habilidade na principal doca militar. Do alto de uma das escadas de embarque, Balista enxergou uma comissão de boas-vindas bem numerosa: sessenta soldados e um par de oficiais com um porta-estandarte na frente. Certamente tinham tido tempo de sobra para se preparar, tanto em longo prazo, já que o *Concórdia* estava vários dias atrasado, quanto em curto prazo, enquanto ele percorria o canal.

— O oficial encarregado de recebê-lo é Caio Escribônio Muciano. Ele é o tribuno que comanda a *cobors* auxiliar. — Demétrio sussurrou o lembrete no ouvido de Balista. Alguns lares romanos maiores teriam um escravo especial para momentos assim, mas na *família* pequena de Balista, seu secretário tinha de exercer o papel duplo como *memória*.

O novo *Dux Ripae* começou a desembarcar. Ele tinha plena consciência de que todos os olhos estavam sobre ele: os de sua própria equipe, os da tripulação do trirreme e os das fileiras de soldados auxiliares. É estranhamente difícil caminhar normalmente quando se tem a certeza de estar sendo observado. Quando Balista desceu da escada, tropeçou. O pier pareceu se mexer sob suas botas e então subir em sua direção. De joelhos, ele precisava pensar rápido. Aquilo era vergonhoso. Pior ainda, alguém poderia considerar um mau agouro. Claro que eram apenas suas pernas vacilando após três dias no mar; isso sempre acontecia. Tinha acontecido com Alexandre e com Júlio César. Eles tinham feito o incidente funcionar a seu favor com algumas palavras inteligentes. Ao voltar a ficar em pé, tirando o pó dos joelhos com gestos despreocupados, ele desejou ser capaz de lembrar o que eles tinham dito.

— Eu cheguei a Ásia com tudo. — Ele abriu os braços em um gesto largo. Com um sorriso, voltou-se para o trirreme.

A tripulação e sua equipe deram risada. Ele se virou para os auxiliares. O riso

começou a se espalhar pelas fileiras. Foi cortado por um ríspido olhar do oficial,

— Marco Clódio Balista, *Vir Egregius*, Cavaleiro de Roma, *Dux Ripae*, Comandante das Margens dos Rios.

Tudo pareceu quieto de maneira artificial depois do ribombar da voz do arauto. Houve possivelmente um momento de hesitação antes que o oficial dos auxiliares desse um passo à frente.

— Tito Flávio Turpio, *Pilus Prior*, Primeiro Centurião da *Cohors XX Palmyrenorum Milliaria Equitata*. Faremos o que for ordenado e a cada comando estaremos de prontidão. — O homem prontamente fez uma saudação elegante.

O silêncio se esticou. O rosto quente de Balista foi ficando pálido na medida em que sua raiva crescia.

— Onde está seu oficial de comando? Por que o tribuno da coorte não está aqui, como lhe foi ordenado? — Em sua fúria, o nome do tribuno tinha escapado da mente de Balista.

— Não sei, *Dominus*. — O centurião parecia infeliz, mas também desorientado.

Balista sabia que este era um péssimo início para sua missão na Ásia. Para o inferno com o tropeção, a culpa era toda daquela afronta, O canalha do tribuno tinha desobedecido a uma ordem específica. Por que essa grosseria deliberada e ostensivamente pública? Seria devido ao fato de Balista ser um mero equestre, não um senador? Seria por causa de suas origens bárbaras (o que era bem mais provável)? Uma desobediência flagrante como essa só podia servir para minar a autoridade do novo *Dux* entre as tropas. Mas Balista sabia que, quanto mais ele se esforçasse, pior as coisas poderiam ficar. Ele se forçou a falar em tom civilizado com o centurião.

— Vamos inspecionar os seus homens.

— Comandante, permita-me apresentar o decurião desta *turma*, unidade de cavalaria, da coorte. — O centurião fez um gesto na direção de um homem mais novo, que deu um passo à frente.

— Tito Cocio Malchiana. Faremos o que for ordenado e a cada comando estaremos de prontidão.

Enquanto os três homens caminhavam pelo píer largo, o centurião Turpio mantinha um fluxo de conversa ansioso.

— Tenho certeza de que foi informado de que a *Cohors XX Palmyrenorum Milliaria Equitata* é uma unidade de força dupla de arqueiros, com mais de mil homens. É um agrupamento misto, com 960 homens de infantaria e trezentos de

cavalaria. O que nos torna únicos no exército é a nossa organização. A coorte só tem seis centúrias de infantaria e cinco *turmas* de cavalaria, mas todas têm força dupla. Então, temos 160 homens em vez de oitenta em uma centúria, e sessenta em vez de trinta cavaleiros em uma *turma*. Temos vinte homens montados em camelos também, principalmente para servirem como mensageiros e coisas assim, apesar de serem úteis para assustar cavalos destreinados... porque os cavalos de fato detestam o cheiro dos camelos, ha ha. — Balista ficou imaginando o motivo daquela mistura óbvia de orgulho e nervosismo extremo. O fluxo rápido das palavras do centurião cessou quando alcançaram a primeira fileira de soldados.

Havia de fato sessenta homens na *turma* de Cocio. Os soldados estavam desmontados e os cavalos não estavam à vista. Os homens estavam dispostos em uma formação de 30 de comprimento e 2 de largura. Seus capacetes de cavalaria e armadura de escamas na altura da cintura estavam bem polidos. As espadas pendiam em bainhas nos quadris esquerdos. Aljavas e capas de arco combinadas apareciam por cima dos ombros esquerdos. As mãos direitas seguravam lanças e em cada ante- braço esquerdo estava preso um pequeno escudo redondo pintado com a imagem de um deus guerreiro. Acima da cabeça deles, o estandarte da *turma*, um *signum* verde retangular, agitava-se com a brisa do oeste.

Balista não se apressou. Percorreu as fileiras, examinando tudo de perto. Os soldados de fato contavam com uma boa apresentação. Mas eles haviam tido tempo de sobra para se aprontar. Um desfile era uma coisa, a ação, algo bem diferente. Ele ficou imaginando se não estava detectando uma insolência silenciosa no rosto daqueles homens... mas era possível que seu tombo e o fato de Escribônio Muciano não estar presente o tivessem deixado suscetível demais.

— Muito bem, centurião. Os homens já almoçaram? — Era a oitava hora de luz do sol, quase o meio da tarde. — Não? Então que sejam dispensados para seus alojamentos. O dia já está avançado demais para pensarmos em seguir até Antioquia. Vamos marchar amanhã. Se partirmos ao amanhecer, devemos chegar lá bem antes do cair da noite. Não é verdade?

Ao receber garantias de que sua suposição estava correta, Balista anunciou que iria até a acrópole da cidade para fazer um sacrifício pela chegada a salvo do navio.

Avaliar as defesas de Seleuceia em Pieria sob a desculpa de honrar os deuses era paradoxalmente deprimente. A cidade era bem fortificada por natureza, Ravinas cercavam três de seus lados e o mar ficava bem próximo do quarto, Tinha sido bem fortificada por mãos humanas, As muralhas foram construídas por uma boa alvenaria com pedra de cantaria e possuíam torres altas semi-circulares bem dispostas em intervalos regulares, O grande portão do mercado na estrada para

Antioquia era quase uma fortaleza em si. A única maneira de se chegar à acrópole era por uma escada cheia de curvas e voltas, entalhada na pedra da encosta íngreme. Suas defesas eram naturais. E, no entanto, tinha caído nas mãos dos sassânidas três anos antes.

A casa de banhos acoplada à nova fortaleza imperial em Antioquia tinha decoração suntuosa. Turpio pensou que era típico do *imperium Romanum* de hoje o fato de estar funcionando plenamente ao mesmo tempo que a fortaleza estava inacabada. Ele estava esperando no corredor na frente do *apodyterium*, a sala de vestir. Sob seus pés havia um mosaico típico das casas de banho espalhadas por todo o império: um atendente negro com uma vasilha de água em cada mão, uma coroa de louros na cabeça.

Marco Clódio Balista, o novo *Dux Ripae*, talvez se deleitasse com os três nomes que eram a marca de um cidadão romano, mas era um bárbaro completo. No trajeto a cavalo até Antioquia, ele ficara olhando para os lados feito um idiota, Turpio o tinha conduzido pelo portão à ponte, através das ruas com colunatas da cidade, e depois até a ilha no Orontes onde a nova fortaleza estava sendo construída. Não era surpreendente o império enviar um de seus favoritos (e ainda por cima nada menos que um bárbaro) para um cargo acima de um romano que tinha conquistado sua posição por meio do serviço militar.

Turpio olhou mais uma vez para o mosaico. Um pênis enorme escapava de baixo da túnica do atendente. O artista tinha detalhado a ponta em forma de sino, em roxo. Turpio deu risada, como era a intenção do artista. Era bom dar risadas ali. As casas de banho podiam ser lugares perigosos e todo mundo sabia que ir afastava os demônios.

Finalmente, os homens saíram do *apodyterium*. Assim como Turpio, estavam despidos, à exceção dos tamancos de madeira que protegiam os pés do piso quente. Todos à exceção de Balista carregavam frascos de óleo, *strigils*, toalhas.

— Caralho! Calgaco, deve ser um dos seus parentes — disse aquele que tinha o nariz igual a uma bunda de gato, apontando para o mosaico no chão. — Olhe só para o tamanho daquela coisa!

O garoto grego corou. Balista e Calgaco ignoraram o comentário. Turpio, desacostumado a ouvir coisas tão ousadas saindo da boca de um escravo, seguiu o exemplo deles. Com Balista à frente, eles entraram no *caldarium*, a sala quente, cujo caminho estava indicado pelo pau protuberante do atendente.

— Não é verdade, meu caro Calgaco, que durante anos você foi conhecido em Roma como *Buticosus*, "o grande recheador"? — O guarda-costas estava se divertindo.

Turpio observou que o escravo chamado Calgaco de fato tinha um pênis grande.

Bom, os bárbaros eram famosos por isso. Seus paus grandes indicavam sua falta de auto-controle em questões de sexo, assim como em todas as outras questões. Pênis pequenos sempre tinham sido uma das marcas do homem civilizado.

– Dizem que apenas a morte prematura daquele imperador magnificamente pervertido, Elagábalo, impediu que os *frumentarii* seqüestrassem o nosso Calgaco aqui dos banhos públicos para que ele pudesse empregar essa arma poderosa em Sua Majestade Imperial.

Era surpreendente o fato de o novo *Dux* permitir que um de seus escravos ficasse falando assim na companhia de homens livres, de cidadãos romanos. Era um sinal de fraqueza e estupidez, um sinal de sua natureza bárbara. Tudo isso estava bem, muito bem. Assim, seria menos provável que Balista pudesse descobrir alguma coisa.

Fazia frio e havia neblina. O tempo tinha permanecido fechado durante a semana que passaram em Antioquia. Balista puxou a capa encerada para cima das orelhas. O dia estava amanhecendo, e não havia vento algum. Estava acomodado em cima de seu novo cavalo cinzento ao lado da estrada para Beroea. Até agora, tinha se sentido aquecido o suficiente e bem alimentado: de algum modo, Calgaco tinha conseguido mingau de aveia quente com mel e creme. Balista ergueu os olhos para o outro lado do portão: construídas de tijolos, duas enormes torres quadradas se projetavam. Haveria portões duplos do lado de dentro, criando uma boa área de matança, e posições protegidas para artilharia no meio do trabalho ornamental com os tijolos.

A sensação de relativo bem-estar de Balista começou a se dissipar quando ele examinou as marcas chamuscadas ao redor dos buracos das posições de artilharia. Sete dias para comprar suprimentos e organizar uma caravana fora tempo suficiente para confirmar sua suposição inicial de que Antioquia era um local razoavelmente forte. A leste, Antioquia subia pelas encostas do monte Silpio até uma cidadela, enquanto o rio Orontes fazia suas curvas pelos outros três lados, criando um fosso. Na extremidade norte da cidade, um lago em forma de U encerrava uma ilha grande. As muralhas da cidade pareciam em um estado decente. Com exceção da cidadela e da fortaleza na ilha, havia diversos edifícios grandes (anfiteatro, teatro, hipódromo) que podiam servir de pontos de defesa improvisados. As largas ruas principais poderiam servir como boas linhas internas de comunicação e reforço. Havia um belo fornecimento de água vindo do Orontes e de dois pequenos riachos que desciam a montanha. E, apesar de tudo isso, a cidade tinha sido tomada pelos persas.

Era uma típica história grega de traição. Um integrante da aristocracia de Antioquia, chamado Mariades, tinha sido pego desviando fundos de um dos grupos de bigas. Ao fugir da condenação certa, ele se tornou foragido. Depois de

uma breve mas inicialmente bem-sucedida carreira como bandido, ele fugiu para o outro lado do Eufrates. Quando Sapor invadiu a Síria três anos antes, Mariades tinha atuado como seu guia. Quando os persas acamparam a pouca distância de Antioquia, os ricos fugiram da cidade. Os pobres, talvez mais prontos para mudanças, ou talvez sem meios para fugir, não saíram do lugar. Amigos de Mariades abriram os portões. Se promessas foram feitas aos traidores, parece que não foram cumpridas. A cidade foi saqueada e grande parte dela, incendiada. Mariades tinha voltado para a Pérsia com Sapor.

Para um homem que recebeu ordens de cuidar de sua segurança, e que era também um engenheiro de cerco, Antioquia, assim como Seleuceia, era bem deprimente. Havia duas conclusões óbvias a serem tiradas. Primeiro, os persas sassânidas eram bons em tomar lugares fortes e bem protegidos. Segundo, os habitantes locais eram ruins em defendê-los. Balista ficou imaginando quantos deles iriam se revelar iguais a Mariades, quantos poderiam resolver passar para o lado dos persas ou simplesmente não lutar contra eles. Quanto mais ele conhecia a Síria, pior sua missão parecia. Ele ficou imaginando o que teria acontecido a Mariades.

Seus pensamentos se voltaram para Turpio. Por que raios ele estava demorando tanto para colocar sua *turma* de cavalaria em ordem para a marcha? Ele e Cocio, o decurião, percorriam a coluna de cima a baixo, entravam e saíam dos aglomerados de tochas acesas, gritando.

Aos olhos de Balista, individualmente, os soldados pareciam adequados: cavalos em boas condições, capacetes e armaduras bem cuidados, armamento completo e pronto para o uso. Eles pareciam resistentes, mas havia algo de errado. Eles não trabalhavam juntos como uma unidade. Os homens atrapalhavam uns aos outros. Pareciam mal-humorados. Não havia nada da comunhão que Balista esperava de uma unidade alegre.

Finalmente, Turpio apareceu. Ele estava com a cabeça nua, o capacete preso à sela. O cabelo cortado rente e a barba estavam úmidos por causa da neblina.

— A coluna está pronta para marchar. — Balista sempre ficava com a impressão de que Turpio o desafiava a questionar suas palavras ao mesmo tempo que se apavorava com essa idéia. Ele não tinha chamado Balista de *Dominus*.

— Muito bem. Máximo, desfralde o meu estandarte pessoal e vamos inspecionar os homens.

O guarda-costas tirou a capa protetora do *draco* branco. A biruta em formato de dragão ficou pendurada, murcha com o ar parado, quando ele a ergueu.

Balista apertou o cavalo com as coxas, e o animal cinzento começou a andar a passo. Primeiro examinaram a retaguarda, trinta soldados sob o comando de

Cocio, depois o comboio da equipe de Balista e o de bagagem sob a responsabilidade de Mamurra e, finalmente, a guarda avançada formada por mais trinta soldados, que estariam sob o comando direto de Turpio. Deixando de lado os problemas rotineiros com os civis contratados do comboio de bagagem, tudo parecia aceitável.

— Muito bem. Vou cavalgar aqui com você, centurião. Envie dois batedores à frente da coluna.

— Não há necessidade. Não há nenhum inimigo em centenas de quilômetros.

Balista sabia que precisava afirmar sua autoridade.

— Faça com que sigam cerca de 1 quilômetro à frente da coluna.

— Estamos logo na saída do portão da capital da província. Não há um único persa deste lado do Eufrates. Nenhum bandido encararia este número de homens.

— Precisamos nos acostumar com a formação de guerra. Dê a ordem.

Turpio obedeceu, e dois soldados saíram para o meio da névoa espessa. Balista então deu o comando para que dessem início à longa marcha até os reinos-clientes de Emesa e Palmira, e depois até a cidade de Arete, aquele isolado posto avançado do *imperium Romanum*.

— Há apenas três anos tinha muitos persas por aqui — ele disse.

— *Sim, Dominus.*

Apesar da atitude do homem, Balista decidiu agir com tato.

— Há quanto tempo está com a *Cohors XX*!

— Dois anos.

— O que acha destes homens?

— São bons homens.

— Escrivônio Muciano já estava no comando quando você chegou?

— Estava. — Mais uma vez, à menção do nome do tribuno ausente, Turpio assumiu aquela atitude agressiva de presa acuada.

— O que acha dele?

— Ele é meu oficial de comando. Não é meu papel fazer comentários sobre ele. Da mesma maneira que não seria meu papel falar sobre você para o governador

da Síria. — Ele não fez muito esforço para esconder a ameaça implícita.

— Você lutou contra os Sassânidas?

— Sim, em Barbalissos.

Balista incentivou Turpio a contar a história da terrível derrota do exército romano da Síria, que tinha levado diretamente à pilhagem de Antioquia, Seleuceia e tantas outras cidades; que trouxe tanta desgraça em tempos difíceis, havia apenas três anos. O ataque desferido pelos enxames sassânidas de arqueiros montados colocou os romanos em uma situação muito difícil. Quando abriam as fileiras e tentavam expulsar os arqueiros, eram esmagados pela cavalaria pesada, os *clibanarii*, homens vestidos em cota de malha montados em cavalos com armadura. Quando permaneciam em formação rígida para segurar os *clibanarii*, transformavam-se em alvo perfeito e vultuoso para os arqueiros. Horas nas fileiras sob o sol da Síria, atormentados pela incerteza da segurança das muralhas de Barbalissos, visíveis em uma direção, assim como pela sede com as águas reluzentes do Eufrates visíveis em outra. Então vinha o pânico inevitável, a fuga e a carnificina.

Ao mesmo tempo que Balista obteve poucas informações sobre a batalha além do que já sabia antes, ficou com a impressão de que Turpio realmente era um profissional competente — então por que essa *turma* da *Cohors XX* parecia tão mal-humorada e desorganizada?

— Qual era o tamanho da tropa?

Turpio não se apressou em responder.

— É difícil dizer. Muita poeira e confusão. Provavelmente menor do que a maior parte das pessoas pensa. Os arqueiros montados não paravam. Assim parece que eles são mais numerosos do que na realidade. Possivelmente não mais de 10 a 15 mil homens no total.

— E a proporção de arqueiros montados em relação aos *clibanarii*?

Turpio ergueu os olhos para Balista.

— De novo, é difícil ter certeza. Mas havia muito mais homens da cavalaria leve do que da pesada. Algum número entre cinco para um e dez para um. Muitos dos *clibanarii* carregam arcos, e isso deixa as coisas confusas.

— Eram todos de cavalaria?

— Não. Os da cavalaria são os nobres, os melhores soldados dos sassânidas, mas eles também têm infantaria: os mercenários com estilingues e os arqueiros são os mais eficientes; o restante é formado por recrutas camponeses que carregam

lanças.

A névoa estava se dissipando. Balista enxergava o rosto de Turpio com clareza. Tinha perdido um pouco de sua aparência defensiva.

– Como eles executam os cercos?

– Usam os mesmos artifícios que nós: túneis, aríetes, torres, artilharia. Alguns dizem que eles aprenderam conosco; talvez à época do velho rei Ardashir, quando ele tomou a cidade de Hatra, há cerca de 15 anos.

Eles cavalgavam pelo sopé do monte Silpio. Folhas pretas, mortas, agarravam-se às árvores que flanqueavam a estrada. Restos de neblina rodeavam a base das árvores e deslizavam para cima dos galhos. Na medida em que se aproximavam da crista da cadeia de montanhas, Balista reparou quando uma folha se moveu. À frente, o sol começava a irromper entre as nuvens e Balista percebeu que não tinha visto uma folha, mas sim um pássaro... um corvo. Ele observou com mais atenção. A árvore estava cheia de corvos. Todas as árvores estavam cheias de corvos.

Desta vez, Balista sabia que não havia frase ou gesto que pudesse desfazer o mau agouro. Um espirito tinha uma explicação humana, um tropeção também, Mas os corvos eram as aves de Woden. No ombro do Pai-de-Todos empoleiravam-se Huginn, *Pensamento*, e Muninn, *Memória*. Ele os enviava para observar o mundo dos homens, Balista, descendente de Woden, carregava um corvo no centro de seu escudo e outro na crista de seu elmo. Os olhos do Pai-de-Todos estavam sobre ele. Depois de uma batalha, o campo atingido ficava coalhado de corvos, assim como as árvores estavam agora.

Balista seguiu em frente. Alguns versos de uma poesia havia muito esquecida lhe vieram à mente:

*O corvo negro terá sua palavra*

*E dirá à águia como teve medo durante o banquete*

*Quando, disputando com o lobo, limpava os ossos dos cadáveres.*

À esquerda da estrada, Balista viu placas indicando que estavam a apenas alguns quilômetros da cidade de Emesa. O padrão dos campos mudou de maneira abrupta. As campinas largas, verdejantes, geralmente sem definição, comuns no vale do rio Orontes, deram lugar a campos menores, retângulos rígidos que formavam uma grade, com os limites traçados de maneira muito clara por valas e pedras de delimitação. Esse sistema, o *centuriation*, fora instituído pelos fiscais de terras romanos, os agrimensores, imposto originalmente quando Roma assentou seus veteranos em colônias criadas em terras confiscadas de seus inimigos. Posteriormente, como aconteceu ali em Emesa, foi adotado pelos súditos de Roma, ou por razões práticas ou para indicar sua afinidade com Roma e suas aspirações a se tornarem romanos. O *centuriation* era difundido no âmbito do império havia tanto tempo que parecia a ordem natural das coisas ali. Mas, para as pessoas nascidas e criadas fora do *imperium Romanum*, incluindo o próprio Balista, aquilo era algo fora de propósito e que ainda carregava uma infinidade de conotações de conquista e de perda de identidade.

Balista conduziu o cavalo para fora da estrada e acenou para que a coluna prosseguisse, avisando a Turpio que os alcançaria em breve. Os homens passaram em ritmo de caminhada. Nove dias na estrada tinham transformado a unidade de certa forma. Os homens pareciam um pouco mais disciplinados e muito mais contentes. Apesar do comboio de bagagem civil, formado por trinta cavalos de carga e seus condutores, e dos 15 homens de sua equipe, o grupo já não era mais a visão atroz que tinha sido na saída de Antioquia.

A marcha tinha sido fácil, nunca além de 32 quilômetros por dia, alojamento em cidadezinhas ou vilarejos em quase todas as paradas; acamparam sob as estrelas apenas uma vez. A tranquilidade da marcha tinha feito um certo bem a eles.

Balista observou os homens que passavam. Até que ponto eles se dedicavam a Roma? A coorte era uma unidade do exército romano regular, mas seus homens tinham sido recrutados de Palmira, ao mesmo tempo reino-cliente e parte da província romana de Cele-Síria. A primeira língua deles era o aramaico; para os que tinham uma segunda, era o grego. O latim deles se limitava a comandos militares e obscenidades. Seus capacetes, armaduras, escudos e espadas eram típicos do exército romano, mas as aljavas e capas de arco combinadas eram de modelo oriental, e altamente personalizadas. Ornamentos orientais balançavam e se chocavam nos arreios dos cavalos e nas cintas deles, calças listradas e de cores fortes por baixo da armadura romana indicavam as origens estrangeiras dos homens.

Que efeito isso teria sobre a missão no leste? Sempre tinham lido que os sírios

não tinham coragem para lutar, e a queda das cidades bem fortificadas de Seleuceia e Antioquia parecia ser a prova de que era verdade. Mas talvez o fato de outros passarem gerações e gerações chamando-os de covardes tenha surtido algum efeito. O clichê possivelmente formatou a realidade, em vez de refleti-la. E o que pensar sobre os reis-clientes de Emesa e Palmira? Será que eles se sentiam romanos o suficiente para fornecer a Balista os soldados que ele tinha recebido ordem de requisitar?

A tarefa nada agradável de requisitar soldados, cada vez mais próxima. Aquilo fez com que os pensamentos de Balista retornassem a um velho questionamento. Por que ele não tinha recebido soldados romanos para trazer consigo? Qualquer pessoa era capaz de ver que as duas unidades em Arete eram inadequadas, sem a menor possibilidade de vitória na tarefa a cumprir. Por que ele, sem a menor experiência no Oriente, tinha sido escolhido para defender esses remotos postos avançados contra um ataque?

Passar das preocupações humanas às sobrenaturais era um passo fácil para uma pessoa criada nas florestas e nos pântanos do norte da Germânia. Por que o demônio do homem grande tinha vindo atrás dele mais uma vez? Balista tinha ficado livre dele nos dois anos anteriores. Não fazia diferença, ele tinha encarado o canalha tantas vezes, uma quando Maximino ainda estava vivo e várias outras desde que o matara. O agouro dos corvos era bem diferente. Era muito pior, Nenhum mortal era capaz de vencer O Encapuzado, O De Um Olho Só, Woden o Pai-de-Todos.

Para tirar esses pensamentos tão ruins da cabeça, Balista fincou os calcanhares em seu cavalo cinzento e fez com que ele saltasse sobre a vala do lado esquerdo da estrada. O cavalo não teve dificuldade de atravessá-la. Com um grito crescente que não era muito diferente de seu *barritus* nativo, Balista impeliu a montaria a um galope enlouquecido através dos campos.

— Emesa é meu tipo de cidade — Máximo pensou. — Cumpridas as obrigações da religião, chegará a hora de arar o campo. — Ele não estava em busca de nada familiar, mas sim de situações novas e exóticas e, se tivesse sorte, a filha de um dos nobres locais. De qualquer modo, uma virgem, e uma completa desconhecida.

Era costume local toda moça ir ao templo uma vez antes do casamento. Lá, a maior parte das garotas, com uma corda trançada amarrada à cabeça, senta-se no recinto sagrado. Cada uma delas fica esperando até que um dos homens que circula pelos corredores marcados jogue uma moeda de prata em seu colo. Então ela sai com ele, independentemente de quem seja, rico ou pobre, bonito ou feio, e permite que ele lhe tire a virgindade.

Claro, devia ser difícil para algumas moças (as que eram realmente

desfavorecidas passavam anos ali expostas, tendo de agüentar de tudo), mas, de modo geral, pareceu uma excelente idéia a Máximo. A parte de sair com elas o intrigava um pouco. Elas certamente já estavam do lado de fora, não? Será que isso significava que era preciso alugar um quarto? Ou será que estavam falando de fazer encostados em uma parede, em um beco? Ele nunca tinha se sentido totalmente contente com esse tipo de coisa desde aquele incidente infeliz em Massilia.

No entanto, não tinha sido bem isso que tinha instigado sua imaginação. Apesar de não poderem fugir das exigências de seus deuses, as filhas da nobreza não podiam se misturar com as filhas dos criadores de porcos (para falar a verdade, provavelmente ninguém ali era criador de porcos, porque aquela gente parecia não comer a carne desse animal). Podiam ser forçadas a fazer sexo com desconhecidos, mas certas imposições sociais precisavam ser mantidas. Rodeadas por servos, as moças ricas eram levadas ao templo em carruagens fechadas, e esperavam dentro delas. Máximo saboreou a idéia.

Ele estava bem ansioso para participar das cerimônias religiosas. Diziam que esses tais sírios — fenícios, assírios, seja lá o que fossem — ofereciam um belo espetáculo. Para dizer a verdade, era um tanto difícil dizer o que eram esses moradores da cidade de Emesa. De todo modo, fossem o que fossem, eram conhecidos por suas cerimônias grandiosas, em que louvavam seu deus do sol, Elagábalo.

Aconteceu logo antes do amanhecer. O público foi acomodado em um semicírculo ao redor do altar de acordo com a posição social, cada pessoa segurando uma tocha acesa. Começaram a entoar um cântico, e Sampsigeramo, o rei de Emesa e sacerdote de Elagábalo, apareceu. Uma banda de flautas e gaitas começou a tocar e Sampsigeramo iniciou uma dança ao redor do altar. Ele usava uma túnica que ia até o chão, calça e sandálias, tudo cor de púrpura e ornamentado com pedras preciosas, uma tiara alta e uma infinidade de colares e pulseiras. Outros se juntaram a ele na dança, contorcendo-se e virando, agachando e saltando. A música chegou ao ápice e eles pararam, cada um em uma posição para demonstrar uma atitude. O público aplaudiu: a comitiva de Balista, de maneira educada; a maioria, com bem mais entusiasmo.

A chegada do gado indicava o próximo estágio. Um grande número de novilhos e carneiros foi conduzido para dentro do semicírculo. O sacerdote-rei de aparência delicada delegou a matança dos primeiros dois animais, mas inspecionou as entranhas pessoalmente, erguendo a carne fumegante nas mãos. As previsões eram auspiciosas; Elagábalo estava feliz.

A cerimônia acabou quando os primeiros raios de sol apareceram sobre o templo. Foi esplêndida; talvez tivessem faltado alguns macacos, cobras e genitais decepados, mas foi esplêndida, e agora que tinha acabado... Os pensamentos de

Máximo foram interrompidos quando Balista fez um sinal para que sua comitiva o seguisse para dentro do templo. No interior havia uma grande águia dourada, com uma cobra se contorcendo em seu bico. Mas o que dominava a cena era o volume escuro e enorme da pedra cônica que era Elagábalos, a luz das velas, as marcas enigmáticas em sua lisa superfície negra pareciam se mover.

O diminuto sacerdote-rei Sampsigeramos falou com Balista, e o homem do norte voltou-se para seus homens.

— O deus deseja me favorecer com uma audiência particular. — A voz dele tinha um tom neutro. — Demétrio e Calgaco, é melhor esperarem. Mamurra, Turpio, Máximo, estão livres para fazerem o que quiserem. — As portas do templo se fecharam atrás dele.

Máximo ficou imaginando por onde começar. Presumivelmente, todo o complexo do templo contava como recinto sagrado. Onde estavam as moças?

Com Mamurra atrás dele, começou a procurar na rua à frente do portão principal. Havia algumas carruagens, mas havia gente de ambos os sexos entrando nelas e indo embora. Obviamente não continham nenhuma virgem à espera. Ele estendeu sua busca para as ruas que ladeavam o recinto sagrado. Mais uma vez, não teve sorte. Então, com Mamurra ainda atrás dele, examinou todo o bosque de coníferas. Finalmente, procurou no pátio atrás do templo.

Marchou de volta para o templo e foi direto até o garoto grego.

— Demétrio, seu moleque insolente, você me enganou! Não tem porra nenhuma de carruagem ou pedaço de corda ao redor da cabeça. Provavelmente não tem uma única porra de virgem na cidade inteira, muito menos aqui. — O jovem grego parecia apreensivo. — Você me disse que havia virgens aqui. Do mesmo jeito que você disse que havia virgens à espera nos templos de Pafos, e nos arredores de Antioquia, se tivéssemos ido até lá.

— Não, não, de jeito nenhum — Demétrio gaguejou. — Eu só li para você uma passagem famosa de Heródoto a respeito da prostituição sagrada na antiga Babilônia e disse que havia rumores de que a mesma coisa tinha acontecido na antiga Pafos, no pântano de Dafnie perto de Antioquia e aqui. — O rosto do secretário era a imagem da inocência. — E que algumas pessoas diziam que isso talvez ainda acontecesse.

Máximo olhou irado para Demétrio, depois para Calgaco.

— Se eu descobrir... — Sua voz foi sumindo, e ele olhou de novo para o garoto grego. — Ah, bom, suponho que isso vá fazer você parar de ficar resmungando sobre o fato de não ter visitado aquele altar antigo de Afrodite no Chipre... tem uma merda de uma pedra aqui, é exatamente a mesma coisa. — Ele se voltou

para Mamurra. — Ainda assim, não precisamos desperdiçar o dia todo. Um bom caçador sabe onde lançar suas redes para pegar corças. Venha, meu caro *praejectus*, vamos descobrir as dissimuladas... eu vou farejá-las. Pena que precisaremos pagar,

Ele se afastou, feliz de ter desdenhado de Demétrio, Os preciosos altares gregos dele eram exatamente a mesma coisa que os dos sírios, ou qualquer porra que fossem os moradores de Emesa.

Mais um amanhecer, mais uma partida. Balista estava parado ao lado de seu cavalo de cor pálido: um cinzento cavalo castrado de quatro anos com as ancas um pouco malhadas, mas com o resto do pelo branco. Ele tinha constituição óssea mais fraca do que as dos cavalos com que Balista estava acostumado, mas não era delicado demais. Revelava uma boa mistura de força e docilidade; o que lhe faltava em velocidade, ele compensava com vigor; e tinha passos firmes. Balista estava satisfeito com ele, e decidiu que lhe daria o nome de Cavalo Pálido.

Homem e cavalo recuaram quando o portão se abriu e a luz alaranjada das lamparinas encheu o pátio do palácio. De trás dele vinha um xingamento abafado e o som de cascos raspando nas pedras do calçamento.

Sampsigeramo apareceu em seu campo de visão e parou no alto da escada. Balista entregou as rédeas para Máximo e caminhou até ele.

— Adeus, Marco Clódio Balista, *Vir Egregius*, Cavaleiro de Roma, *Dux Ripae*, Comandante das Margens dos Rios. Agradeço pela honra que demonstrou para com o meu lar.

Seu fodido odioso, aposto que o seu cu é do tamanho de uma cisterna, Balista pensou. Em voz alta, ele disse:

— Adeus, Marco Júlio Sampsigeramo, Sacerdote de Elagábalo, Rei de Emesa. A honra é toda minha. — Balista inclinou o corpo para a frente e assumiu uma expressão de sinceridade com os olhos arregalados. — Não vou me esquecer da mensagem que o deus me transmitiu, mas não vou falar sobre ela com ninguém.

— Elagábalo, *Sol Invictus*, o Sol Invicto, nunca erra.

Com um movimento de efeito dramático da capa, Balista deu meia-volta, desceu dois degraus de cada vez e se lançou para cima do lombo do cavalo. Fincou os calcanhares no animal, acenou uma saudação e saiu montado do pátio.

Nada de soldados. O rei de Emesa não forneceria soldados para lutar contra os persas. Foi uma recusa sem ambigüidade, seguida por ameaças veladas a respeito da possibilidade de ter soldados disponíveis para outras finalidades.

Enquanto ele e sua comitiva trotavam na direção do portão do leste, Balista ficou avaliando por que Emesa tinha se transformado em um foco de rebelião. Durante séculos, se é que ela já existia, não tinha absolutamente interferido na história. Agora, em apenas pouco mais de uma geração, tinha produzido uma série de pretendentes imperiais. Primeiro, o jovem pervertido, amplamente conhecido por seu nome de deus, Elagábalo (ele tinha sido despachado e lançado em um esgoto de Roma, no ano em que Balista nasceu). Então, alguns anos antes, houvera um tal de Iota- piano (decapitado) e, no ano anterior, Urânio Antonino, que tinha sido arrastado por correntes até a corte imperial.

Talvez motivados por dinheiro, A demanda sempre crescente dos romanos por produtos de luxo tinha feito aumentar muito o comércio do Oriente, Emesa ficava na melhor rota de comércio: da Índia para o golfo Pérsico, subindo o Eufrates até Arete, do outro lado do deserto via Palmira até Emesa e de lá para o Oriente. Talvez fosse o acaso. Uma mulher da família dos reis-sacerdotes tinha se casado com um senador chamado Sétimo Severo, e posteriormente ele tinha se tornado imperador, de maneira bem inesperada. Os filhos dela herdaram o trono. Depois que uma cidade produz um par de imperadores, passa a se sentir como se devesse produzir mais. Talvez fosse por falta dos romanos, Quando Roma não pôde mais protegê-la dos persas, a cidade rica, confiante e amada por seu deus que era Emesa teve de buscar sua própria salvação.

Os pretendentes vinham todos de ramificações diferentes da mesma família de reis-sacerdotes. Dava para perceber por que os imperadores tinham escolhido elevar esse tal de Sampsigeramo ao trono de Emesa, Certamente, se alguém nessa família repleta de sacerdotes barulhentos não iria causar nenhum problema, seria aquele homenzinho ineficiente e afetado.., será? Ele agora parecia estar agindo de acordo com sua linhagem: naquele momento conturbado, Emesa não podia abrir mão de nenhum de seus homens para defender Arete, uma cidade distante e provavelmente já malfadada, Mas os homens corajosos de Emesa sempre atenderiam a um chamado de Elagábalo em uma causa justa com possibilidade de sucesso, Ele havia feito insinuações vagas mas não muito veladas a respeito da revolução na mensagem do deus a Balista ("o mundo ordenado vai se tornar desordenado... um réptil de pele escura.., em um ataque enraivecido contra os romanos... um bode que anda de lado"), provavelmente uma traição, mas o caráter obscuro da linguagem profética talvez dificultasse o entendimento.

O réptil era, presumivelmente, o rei persa. Será que o bode era o próprio Balista? Eles poderiam ter apresentado um animal mais nobre, digamos um leão ou um javali. Pouco importava, Ele escreveria aos imperadores sobre suas suspeitas, Apesar das insinuações de Sampsigeramo, Balista duvidava que pensassem que ele já estivesse envolvido.

O Pai-de-Todos sabia que tipo de caos eles encontrariam no portão de Palmira. No dia anterior, Balista tinha assentido que uma caravana de propriedade de um mercador de Arete viajasse com eles. Turpio tinha lhe pedido a permissão com muita veemência. O mercador, Iarhai, era um dos homens mais proeminentes em Arete. Seria imprudente ofendê-lo. Ainda que aquilo pudesse evitar uma ofensa (será que o canalha do Turpio tinha aceitado suborno?), quase com certeza causaria confusão e atraso, com camelos, cavalos e civis vagando soltos pela estrada.

O céu exibia um delicado tom rosado. As poucas nuvens estavam iluminadas pelo sol nascente. Mamurra permanecia parado no meio da estrada, esperando.

— Que tal lhe parece, *Praejectus*?

— Tudo bem, *Dominus*. Estamos prontos para marchar — Mamurra exibia um ar de quem desejava dizer mais coisas. Balista esperou, mas nada aconteceu.

— *O que foi, Praejectus*?

— É a caravana, *Dominus*. — Mamurra parecia preocupado. — Eles não são comerciantes, São soldados.

— De que unidade?

— Eles não são de unidade nenhuma. São mercenários... parte do exército particular deste homem, Iarhai. — O rosto quase quadrado de Mamurra parecia estupefato. — Turpio... ele disse que daria explicações.

Surpreendentemente, se é que era possível dizer alguma coisa, Turpio parecia um pouco menos na defensiva do que o normal. Havia até um esboço de sorriso em seu rosto.

— Isto é totalmente legal — ele disse, — Todos os governadores da Síria permitiram. Os grandes homens de Arete devem sua posição à escolta das caravanas que atravessam os desertos. Eles contratam mercenários. — Era improvável que o homem estivesse contando uma mentira deslavada.

— Nunca ouvi falar disso nem de nada parecido — disse Balista.

— Acontece em Palmira também. E o que torna essas duas cidades diferentes de qualquer outra. — Turpio abriu um largo sorriso. — Tenho certeza de que Iarhai vai explicar com mais eloquência como tudo funciona. Ele quer falar com você no começo da coluna. Eu convenci Mamurra de que seria melhor se os homens de Iarhai fossem à frente; eles conhecem os caminhos do deserto.

Turpio e Mamurra montaram e se colocaram um de cada lado de Balista. Com seu guarda-costas e seu secretário logo atrás, ele avançou em um trote solto. O

*draco* branco esvoaçava acima da cabeça deles. Balista estava completamente furioso.

Quando passaram, homens da *Cohors XX* disseram o tipo de coisa que é auspiciosa de se dizer antes do início de uma viagem. Balista estava irritado demais para fazer algo além de forçar um sorriso e acenar.

Os mercenários estavam em silêncio. De canto de olho, o homem do norte os inspecionou. Eles eram muitos; montados e organizados em colunas de dois, provavelmente somavam quase cem no total. Não houvera nenhuma tentativa de impor uniformidade sobre eles. Suas roupas eram de cores diferentes, desbotadas pelo sol. Alguns tinham capacete, outros não usavam nada na cabeça. A praticidade tinha imposto um padrão a algumas coisas. Todos usavam roupas orientais adequadas ao vasto deserto: botas de cano baixo, calças largas e túnicas, com capas volumosas. Cada um deles portava uma espada longa em uma bainha, um estojo de arco, uma aljava e uma lança presa à sela. Pareciam disciplinados e resistentes.

— Maravilha, que porcaria de maravilha, fomos ultrapassados em número por mercenários a respeito dos quais nós não sabemos nada. Uns canalhas que estão tão bem equipados e organizados quanto nós - Balista resmungou para si mesmo.

Um homem estava a sua espera no começo da coluna. Não havia nada de espalhafatoso a respeito dele ou de sua montaria, mas era óbvio que ele era o responsável.

— Você é Iarhai?

— Sou. — Ele falava baixo, com um tom de voz de quem está acostumado a ser ouvido por toda a extensão de uma caravana de camelos.

— Fui informado de que era um mercador.

— Foi mal informado. Sou um *synodiarch*, um escoltador de caravana, — O rosto do homem confirmava suas palavras. Era coberto de rugas, com a pele grossa, castigada pela areia. O osso do pômulo direito e o nariz já tinham sido quebrados. Havia uma cicatriz branca do lado esquerdo da testa.

— Então, onde está a caravana que os seus cem homens escoltam?

— Balista olhou ao redor, tanto para conferir que nenhum dos mercenários estava se movendo quanto para efeito de retórica.

— Esta não é uma viagem para ajudar mercadores, mas sim para cumprir uma promessa ao deus sol.

— Veio aqui para ter com Sampsigeramo?

— Vim aqui para ver o deus. — O rosto de Iarhai permaneceu impassível. — Sampsigeramo é o motivo pelo qual trouxe estes cem homens.

Balista não acreditava nem um pouco em Iarhai. Mas havia algo em seus traços que era cativante, e a desconfiança do sacerdote-rei empertigado pareceu boa a Balista.

Iarhai sorriu, gesto que de uma maneira geral não foi nada reconfortante.

— Muitos de vocês, ocidentais, acham difícil de acreditar que o império permita aos nobres de Arete e Palmira comandar soldados, Mas deixe-me provar que é assim.

Com um gesto seu, um dos cavaleiros se adiantou; trazia nas mãos uma pasta de couro com documentos. Demorou um instante para Balista perceber que era uma moça, uma moça linda vestida de homem, montada com as pernas abertas. Ela tinha olhos muito escuros. Fios de cabelo preto escapavam de baixo de sua touca. Ela hesitou e estendeu a pasta.

Eles não têm certeza se um bárbaro do norte sabe ler, pensou Balista. Ele deixou sua irritação de lado (o Pai-de-Todos sabia que ele tinha prática nisso). Podia ser útil eles acharem que era analfabeto,

— Meu secretário vai nos dizer o que são.

Quando ela se inclinou para entregar a pasta para Demétrio, sua túnica se apertou contra os seios. Eram maiores do que os de Julia. Ela parecia mais curvilínea de maneira geral, embora um pouco mais baixa. Estava em forma devido às cavalgadas.

— São cartas de agradecimento a Iarhai por vigiar caravanas, de diversos governadores da Síria e de alguns imperadores... Filipe, Décio, outros... Iarhai às vezes é mencionado como *strategos*, general.

— Devo me desculpar, *Strategos*. Como você mesmo disse, nós, ocidentais, não esperamos uma coisa dessas. — Balista estendeu a mão direita. Iarhai a apertou.

— Não se incomode, *Dominus*.

Não foi só a moça que fez Balista se decidir por deixar Iarhai ir à frente da coluna; mas também o desconforto de Turpio com sua presença.

*O draco* branco de Balista e a bandeira rebuscada de Iarhai — um semi-círculo com fitas, um escorpião vermelho em fundo branco — esvoaçavam sobre as cabeças da coluna. O *signum* verde vinha mais atrás, na metade do grupo, onde os oitenta mercenários terminavam e os sessenta homens da *Cohors XX* começavam. Iarhai tinha enviado dez de seus homens à frente como guarda avançada, enquanto outros dez tinham sido enviados como guardas de flanco.

— Fale-me sobre o clima em Arete — disse Balista.

— Ah, é agradabilíssimo. Na primavera há brisas suaves e cada pequena depressão no deserto se enche de flores, Um de seus generais ocidentais disse que o clima era saudável... tirando a disenteria, a malária, o tifo, o cólera e a peste — respondeu Iarhai.

A moça, Bathshiba, sorriu.

— Meu pai está brincando, *Dominus*. Ele sabe que está perguntando sobre a temporada de campanha. — Os olhos dela eram de um preto intenso, confiantes e travessos.

— E a minha filha esquece qual é o seu lugar. Desde que a mãe morreu, permito que corra solta. Ela esqueceu como tecer, e agora cavalga como uma amazona.

Balista viu que, além de estar vestida como os homens de seu pai, ela também estava armada igual a eles.

— Quer saber quando os persas vão chegar. — Era uma afirmação. Balista ainda estava olhando para ela quando Iarhai voltou a falar. — As chuvas começam em meados de novembro. Podemos ter sorte e chegar a Arete antes que caíam. Elas transformam o deserto em um mar de lama. Uma pequena força como a nossa consegue passar, ainda que com dificuldade. Mas seria muito mais difícil mover um exército numeroso. Se esse exército estivesse acampado na frente de uma cidade, seria impossível levar suprimentos até lá.

— Durante quanto tempo Arete estará em segurança? — Balista percebeu que não ia adiantar muito negar aquilo que os dois obviamente já sabiam.

— As chuvas costumam cessar em janeiro. Se chover de novo em fevereiro, significa que a época do plantio será boa. — Iarhai se virou em cima da sela. — Os sassânidas vão chegar em abril, quando há capim para seus cavalos e não há chuva para estragar seus arreios.

Então devemos sobreviver até novembro, pensou Balista.

O que primeiro veio à cabeça de Mamurra foi a improbabilidade da localização de Palmira. Era um lugar muito estranho para se encontrar uma cidade. Era como se alguém tivesse decidido construir habitações nos charcos e pântanos dos Sete Mares na cabeça do Adriático.

Tinham demorado seis dias para chegar lá de Emesa, dias monótonos de viagem difícil. Havia uma estrada romana em bom estado, mas a jornada fora árdua. Dois dias subindo até o cume da cadeia de montanhas sem nome, e mais quatro

descendo. Nos cinco primeiros dias, tinham passado por um povoado e um pequeno oásis. Fora isso, não tinham visto nada, só um emaranhado sem fim de pedras de tom pardo que fazia os sons de sua passagem ecoarem. Agora, de repente, na tarde do sexto dia, Palmira apareceu à frente.

Eles estavam no vale das tumbas. Cavalos, camelos e homens se apequenavam pelas estruturas altas e retangulares que cobriam as laterais íngremes do vale, Mamurra achou aquilo desconcertante. Toda cidade tinha uma necrópole nos arredores, mas não de tumbas que se avultavam feito fortalezas.

Na posição de *Praejectus Fabrum*, ele se mantinha bem ocupado tomando conta do comboio de bagagem, tentando impedir que se misturasse com o tráfego aparentemente infinito que se dirigia para a cidade. A maior parte do tráfego era local, vindo dos vilarejos do noroeste, e era constituído por burros e camelos carregando sacos de couro de cabra com azeite de oliva, gordura animal e pinhas. Aqui e ali havia mercadores vindos de mais longe, do oeste, trazendo lã italiana, estatuetas de bronze e peixe salgado. Demorou algum tempo até que ele estivesse livre para olhar para Palmira.

A nordeste, havia pelo menos 3 quilômetros de construções, fileira após fileira de colunas ordenadas. Jardins se estendiam por uma distância similar até a extremidade mais distante das muralhas a sudeste. A cidade era enorme e claramente próspera.

Suas muralhas eram de tijolos de argila, baixas, e com apenas cerca de 1,80 m de largura. Não havia torres se projetando. Os portões eram feitos simplesmente de madeira. No alto, a oeste, as muralhas não formavam uma barreira contínua. Em vez disso, havia extensões isoladas da muralha com a intenção de reforçar barreiras naturais. Uma vala atravessava toda a cidade, e os jardins apontavam para uma fonte de água dentro das muralhas, mas o aqueduto que corria da necrópole poderia ser interrompido com facilidade. Lentamente, considerando tudo, Mamurra chegou à conclusão de que as defesas da cidade não eram boas. Ele já tinha trabalhado como *especulador*, batedor do exército, e cada identidade abandonada deixava sua marca. Mamurra tinha orgulho desse conhecimento de uma maneira que nem tinha como expressar.

Havia uma grande confusão no portão, mas conseguiram entrar. Os homens e os animais receberam um local para se acomodar, e Mamurra saiu para procurar Balista. O *Dux* estava esperando com Máximo e Demétrio.

— O nome dele é Odenaeto — o garoto grego lembrava Balista. — Em grego ou latim, ele é conhecido como o Rei de Palmira. Em seu dialeto nativo de aramaico, ele é o Senhor de Tadmor. Fala grego perfeitamente. Acredita-se que ele tenha colocado pelo menos 30 mil cavaleiros em campo para lutar contra os persas há três anos, em um momento conturbado.

Iarhai, junto com a filha de aparência travessa, aproximou-se a cavalo. Mamurra e os outros voltaram a montar. Balista requisitou a Iarhai que os guiasse até o palácio de Odenaeto e eles partiram, avançando lentamente pelas ruas movimentadas, ladeadas por colunatas cheias de lojas. O lugar era repleto de cores. O cheiro era pungente, mas não de todo desagradável, especiarias exóticas misturadas com os odores mais familiares de cavalo e de gente. Eles atravessaram uma bela praça, cruzaram por uma ágora e um teatro e chegaram ao palácio, onde foram convidados a entrar por um camareiro que estava à espera.

Além de dar um passo à frente quando apresentado e depois retornar ao seu lugar, Mamurra não tinha outra obrigação a desempenhar na recepção do novo *Dux Ripae* por Odenaeto, rei de Palmira, de modo que ele pôde se concentrar em observar as pessoas que agiam de acordo com seus papéis, Odenaeto fez um breve discurso formal de boas-vindas: grandes distâncias não tinham sido capazes de diminuir a reputação marcial de Balista... ele tinha toda a confiança no futuro agora que Balista tinha chegado, etc. A resposta de Balista, depois de uma introdução igualmente cerimoniosa, terminou com um pedido educado, porém nada ambíguo, por soldados. Odenaeto então falou longamente a respeito da natureza desconcertante do Oriente desde a invasão persa: bandidos por todos os lados, os árabes, nômades do deserto incitando uma fúria de avareza, ele estava acabado, mas seus homens estavam sendo usados para assegurar, e apenas para isso, a paz no deserto.

Era difícil enumerar todas as coisas que Mamurra não gostava em Odenaeto, o Senhor de Tadmor, e na corte dele..., a começar pelo cabelo e a barba do rei, cuidadosamente cacheados e perfumados. Depois havia a maneira delicada como segurava a caneca de vinho apenas entre o polegar e dois dedos, as listras bordadas e as pregas de suas roupas, as almofadas macias e recheadas sobre as quais se sentava, elas também cheias de estampas, exalando perfume, E, se era possível dizer alguma coisa, sua corte era ainda pior, O ministro-chefe, Verodes, e os dois generais estavam vestidos como cópias de seu senhor, e os dois últimos tinham ridículos nomes bárbaros, praticamente iguais, Zabda e Zabbai, Havia um filho pequeno com um sorriso afetado que parecia vender o rabo em uma esquina e, para piorar a situação, sentados ali com toda a audácia possível, havia não apenas um eunuco (provavelmente alguma espécie de secretário, se não fizesse parte do entretenimento), mas também uma mulher de aparência lasciva chamada Zenobia, que era a nova esposa de Odenaeto.

— Deve ser porque isto aqui fica no meio do nada — Mamurra disse baixinho a Balista. A recepção tinha terminado. Eles estavam do lado de fora mais uma vez, esperando seus cavalos.

— Sobre o que está falando?

— Este lugar. — Mamurra fez um gesto apontando seu entorno. — Palmira é tão rica quanto Croeso. Não tem porra nenhuma para se defender, e é controlada por um bando de afeminados com menos colhão do que os eunucos ou as mulheres deles. Sua segurança deve-se a estar no meio do nada, Se quiser minha opinião, é bom que estejam assustados demais para nos dar algum soldado.

Balista fez uma pausa antes de falar.

— Acho que seria exatamente esta a conclusão a que eu teria chegado se não tivesse passado bastante tempo conversando com Iarhai. Agora já não tenho tanta certeza.

Mamurra não respondeu.

Balista sorriu.

— A *Cobors XX* foi criada originalmente aqui, e ainda tira a maior parte de seus recrutas deste lugar. Eles parecem bem corajosos. Mas, bem, há também os mercenários de Iarhai. Alguns são recrutados entre aqueles que vivem em barracas, os nômades do deserto, mas a maioria vem daqui ou de Arete. Ambas as cidades têm tradição em fornecer mercenários... para servir aos romanos e a outros.

Os cavalos chegaram. Ao montarem, Balista prosseguiu:

— Esperamos que guerreiros tenham aparência de guerreiros, como por exemplo um romano grisalho ou um bárbaro peludo do norte. Talvez neste caso as aparências enganem. Talvez nem todos os orientais sejam covardes.

— Tenho certeza de que é isso. — Mamurra não tinha realmente certeza, mas não desprezaria a idéia logo de cara. Como era típico dele, refletiria sobre a questão.

Na verdade, os pensamentos de Balista iam longe quando as palavras de Mamurra o trouxeram de volta. Disparavam em muitas e muitas direções, mas sempre retornavam à recusa do rei de Palmira — e antes dele a do rei de Emesa — em fornecer soldados. Não estavam com medo de lutar; eles tinham lutado três anos antes. Eles na realidade não queriam lutar. Por quê? A riqueza de Palmira e Emesa dependia do comércio entre Roma e seu vizinho a leste. Estavam localizadas entre Roma e a Pérsia. Recusar o pedido de Balista era de fato recusar o pedido dos imperadores romanos. Será que eles tinham decidido se voltar para o lado da Pérsia? E ainda havia a certeza com que eles o tinham dispensado, quase como se não existisse a possibilidade de haver alguma reprimenda dos imperadores romanos, nem mesmo qualquer resqúicio de má-

vontade. Será que os imperadores tinham lhes dito em confidência que poderiam se recusar a atender o pedido de Balista? Será que todos esperavam seu fracasso?

Os três *frumentarii* estavam no ambiente que gostavam: um bar em um beco. Era escuro, fedido e seguro. O disfarce deles estava garantido. Para qualquer um que olhasse lá para dentro, eles pareciam dois escribas e um mensageiro tomando algumas bebidas, apenas algumas, porque seu *Dominus* tinha ordenado mais uma partida ao amanhecer. Amanhã eles dariam início à última parte de sua longa viagem até Arete.

O *frumentarius* da Subura colocou três moedas na mesa.

— O que você acha?

Dos três *antoniniani*, três perfis absolutamente comuns de homens usando coroas radiantes olhavam fixamente para seus observadores à direita.

— Acho que o aumento de preços é de apavorar. Mas, trabalhando com a teoria de que uma moça custa mais ou menos o pagamento diário de um soldado, dá para arrumar uma que seja bonita por esse valor — disse o espanhol.

Todos os *frumentarii* deram risada.

— Não, Sertório, seu fodido miserável, eu queria que vocês olhassem para as cabeças nas moedas e pensassem nos lugares em que estivemos. — O romano pegou uma das moedas. — Mariades, um rebelde com base na Antioquia. — Depois as outras duas. — Iota-piano e Urânio Antonino, mais dois rebeldes, ambos com base em Emesa. E onde nós estivemos? Na Antioquia e depois em Emesa. O nosso *Dux* bárbaro nos levou para um passeio pelos locais de revoluções recentes. Ele está vendo se ainda há brasas de revolta.

Passaram um tempo bebendo em silêncio.

— Possivelmente, devemos ir pela outra direção. De Arete a Palmira e a Emesa nos dá a extremidade oeste da Rota da Seda — disse o homem do norte da África.

— E daí, Aníbal? — O romano agia com sua tenacidade de sempre.

— A renda dos impostos da Rota da Seda poderia financiar qualquer tipo de levante.

— Ainda não estou convencido de que existe uma Rota da Seda — disse o da Espanha.

— Ah, não comece de novo, Sertório. Você realmente inventa umas teorias absurdas. Daqui a pouco vai afirmar que este bárbaro não está aprontando nada. E todos nós sabemos que ele está tramando uma traição porque, se não, o imperador não teria designado nós três para este caso.

Escondido atrás da cortina, um quarto *frumentarius* observava e escutava. Ele ficou satisfeito com o que ouviu. Seus três colegas eram perfeitos: uma lição objetiva dos perigos de se ter *frumentarii* trabalhando como equipe; a rivalidade, a atmosfera incômoda que forçava o crescimento de teorias de conspiração cada vez maiores e cada vez mais absurdas. Para lhes dar crédito, talvez estivessem todos fazendo jogo duplo. Se um deles apresentasse uma conspiração plausível o suficiente para convencer os imperadores, ele não seria idiota a ponto de desejar compartilhar a glória dessa descoberta, muito menos o avanço e os benefícios materiais que se seguiriam a ela. De todo modo, eles continuavam sendo perfeitos em outro aspecto: o *Dux Ripae* certamente desconfiava que havia *frumentarii* em sua equipe, e se ele os procurasse, iria encontrar esses três bem antes de o descobrirem.

**Praeparatio**

(Inverno de 255-256 d.C.)

## VI

A distância em linha reta de Palmira a Arete virou tema de discussão. Turpio achava que eram apenas cerca de 190 quilômetros; Iarhai achava que estava mais para 240. Não fazia muita diferença. Ambos aceitavam o fato de que era muito mais longe por estrada... e que estrada! Fazia o trecho anterior, de Emesa a Palmira, parecer um passeio tranquilo em um parque de caça ornamental persa, um daqueles que esse povo chamava de paraíso. Os três primeiros dias não foram tão ruins, era uma estrada romana que ia para o nordeste, com um vilarejo para pernoite. No quarto dia, eles fizeram uma curva para o leste e, a partir de então, passaram a seguir uma trilha não pavimentada de caravanas. Demoraram três dias para descer das montanhas. Daí, chegaram ao deserto.

Apesar dos anos que tinha passado no norte da África, Balista, assim como tantos homens do norte, esperava que o deserto consistisse de quilômetros de dunas de areia dourada, como uma versão ampliada das praias de sua infância, mas sem o mar. Aquele deserto não tinha nada a ver com isso. Havia areia, mas a característica dominante era a infinidade de pedras, afiadas e duras, que pareciam animais imóveis, e sob elas havia escorpiões e cobras esperando para atacar os seres humanos,

A caravana se arrastava de poço em poço. A média provavelmente mal passava de 16 quilômetros por dia. Cada dia era igual ao anterior. Na sela antes de o sol nascer, e depois homens e animais suando no calor do dia. A cada 1 ou 2 quilômetros uma parada era necessária, quando um animal empacava ou perdia a carga. O silêncio só era quebrado pelo som das passadas dos animais, o rangido do couro e um xingamento mecânico ocasional de algum dos homens.

A repetição aparentemente interminável dos dias fez Demétrio pensar em Sisifo, castigado no submundo com a tarefa de rolar uma pedra enorme para cima de um íngreme a cada dia, só para ao fim vê-la rolar para baixo mais uma vez, Balista pensava em Skoll, o lobo que corre atrás do rabo do sol. Máximo se preocupava constantemente com as cobras.

No sexto dia, uma cadeia de colinas íngremes apareceu a distância, à frente. Estavam quase lá: dava para ver Arete com clareza do alto das colinas, Balista avançava em trote rápido, à frente da coluna. Máximo, Demétrio e um porta-estandarte recém-nomeado — um homem de Palmira que, ao se juntar ao exército romano, tinha adotado o nome ridiculamente romano de Rômulo — vinham montados atrás dele. O *draco* que ele carregava estalava e assobiava no ar.

Balista parou com seu cavalo pálido no topo e olhou para baixo, para a cidade de Arete. Emergia a cerca de 1 quilômetro de distância e 90 metros abaixo dele. De

onde estava, ele enxergava a cidade e era capaz de distinguir suas principais características. A primeira avaliação foi bastante encorajadora.

Na extremidade mais distante, a leste, no fundo do que parecia ser uma ribanceira profunda, ficava o Eufrates. Ele fazia por merecer sua reputação como um dos grandes rios, um dos *limes imperii*, os limites do império. Era enorme, tão exuberante quanto o Reno ou o Danúbio. Assim como eles, não corria em um único curso. Havia diversas ilhas, e uma maiorzinha se destacava bem perto da cidade. No entanto, o Eufrates era tão largo que não havia chance de um inimigo atravessá-lo sem reunir um grande número de barcos ou construir uma ponte. De qualquer maneira, este processo seria demorado e não daria para ser escondido, podendo ser detido.

Ao norte e ao sul, a cidade fazia limite com penhascos. O lado engenheiro em Balista imaginou as águas das chuvas de inverno erodindo a rocha ao longo de milênios. O penhasco ao sul era o mais curto. Estendia-se perto das muralhas, erguendo-se ao nível da planície cerca de 300 metros além da cidade. Havia um espaço um pouco maior entre as muralhas e a beirada do penhasco do norte, apesar de ter apenas alguns metros. Essa formação se dividia em duas, sendo que um braço se curvava ao redor da muralha oeste da cidade e o outro desaparecia na direção das colinas a noroeste. Na maior parte de seu trajeto, os dois penhascos tinham pelo menos 200 metros de largura, justamente o limite do alcance do fogo de artilharia.

A linha de ataque óbvia era pelo oeste. Do sopé das montanhas, uma planície achatada e pardacenta chegava até as muralhas da cidade. Tirando algumas pedras espalhadas, não tinha nenhuma característica natural a ser destacada.

Balista estudou a cena com olhos profissionais. Daquela distância, as muralhas pareciam aceitáveis; altas e em boas condições. Ele conseguia enxergar cinco torres retangulares projetando-se das muralhas ao sul e ao leste, três na do norte e nada menos do que 14 na do oeste. As muralhas que davam de frente para a planície e o Eufrates exibiam portões fortificados, cada um com suas próprias torres de flanco. Um grupo de homens com burros se aproximava do portão principal, provavelmente camponeses trazendo legumes e verduras dos vilarejos a noroeste. Usando-os como medida, Balista estimou que a muralha de frente para a planície tivesse quase mil metros de comprimento. Isso significava que a distância média entre as torres era de cerca de 66 metros. Apesar de as torres na direção da extremidade norte se aglomerarem juntas, comprometendo a média, um exame cuidadoso indicava que não havia duas torres que se distanciassem por mais de 100 metros. Tudo isso era satisfatório. As torres permitiam que a defesa atirasse projéteis tanto ao longo quanto para fora das muralhas. A maior parte das torres estava dentro do alcance de uma lança leve e todas estavam dentro do alcance efetivo de uma flecha. Quem chegasse para atacar e se

aproximasse da muralha, portanto, teria de enfrentar projéteis vindos de três direções. Parecia que os construtores das muralhas de Arete tinham concentrado seus esforços no lugar certo — uma vez que torres exigiam tempo e custavam caro.

O único problema óbvio era a necrópole. Túmulo atrás de túmulo; havia pelo menos quinhentos, ele calculou por alto, provavelmente mais, estendendo-se por cerca de 1 quilômetro da muralha oeste, a meio caminho das colinas. E eram iguais aos de Palmira: torres altas feitas de pedra. Cada uma delas fornecia proteção contra projéteis disparados das muralhas da cidade, e era uma plataforma em potencial para ataques. Juntas, eram uma fonte enorme de materiais para construir máquinas de cerco. Iam dificultar muito sua vida, em mais de um aspecto.

Balista voltou a atenção para o interior das muralhas. Atrás do portão do deserto, a rua principal de Arete era uma reta, e outras ruas partiam dela em intervalos determinados, formando ângulos de exatos noventa graus. O arranjo de quarteirões retangulares uniformes cobria toda a cidade, rompendo-se apenas no canto sudeste, onde havia um emaranhado de alamedas serpenteantes. No canto noroeste, Balista enxergou uma área aberta, provavelmente o *campus martius*, a área de desfile militar que Turpio havia mencionado.

Balista examinou a cidade mais uma vez, agora procurando ver o que estava faltando: não havia teatro, nem arena, nenhuma ágora aparentemente e, acima de tudo, nada de cidadela.

Sua avaliação era confusa. A área aberta e a disposição de quarteirões regulares ao estilo de Hipódamo facilitariam a reunião e a movimentação das tropas de defesa. Mas se o inimigo rompesse as muralhas, não havia segunda linha de defesa, nem qualquer construção adequada com as quais improvisá-la, e a regularidade da disposição da cidade então ajudaria os invasores. Tantos homens morreriam em Arete na primavera seguinte...

— *O Kyrios* está pensando! — O sussurro furioso de Demétrio interrompeu os pensamentos de Balista. Ele se virou sobre a sela. Máximo e Rômulo olhavam, impassíveis, através e além de seu comandante, Demétrio tinha virado o cavalo e o mantinha atravessado no caminho.

— Deixe-a passar, Demétrio.

Bathshiba sorriu para o garoto grego que, obviamente, estava tentando não retribuir com um olhar cheio de ódio. Ela colocou seu cavalo ao lado do animal do homem do norte.

— Então, está pensando. Vale a pena? — ela perguntou.

— Em certo sentido, sim. Mas não sei ao certo sobre o que você está falando.

— Vale a pena para um general famoso romano, um guerreiro do norte como você, viajar até tão longe para defender uma porcaria de cidade fedida como esta? E disto que estou falando. E ainda mais uma porcaria de cidade fedida cheia de sírios lascivos, decadentes e afeminados.

— Meu povo conta uma história... obviamente nos poucos momentos em que não estamos nos pintando de azul, ficando bêbados ou matando uns aos outros... de que certa noite um homem apareceu diante de Asgard, o lar dos deuses, e se ofereceu para construir uma muralha ao redor do lugar se permitissem que ele ficasse com Freia, a bela deusa.

— Não tenho certeza se o meu pai ou a sua esposa ficariam felizes com as suas tentativas de me elogiar.

Balista riu.

— Tenho certeza que não. E tenho certeza de que você não está aqui só pela minha companhia.

— Não, meu pai quer sua permissão para enviar um mensageiro na frente, para que nosso povo possa se preparar. O mensageiro dele também pode avisar os conselheiros da cidade para que venham a seu encontro no portão.

Balista pensou por um instante.

— Claro que o seu pai pode enviar um mensageiro para o povo de vocês. Mas vou enviar alguém da minha equipe para avisar aos outros conselheiros. Agradeça a seu pai pela oferta. — Eis um incômodo político evitado, pensou Balista.

Bathshiba virou o cavalo.

— E o desconhecido ficou com ela?

— Não, os deuses o enganaram. As histórias do norte geralmente não têm um final feliz.

Anamu estava à espera do novo *Dux Ripae* ao portão de Arete.

A coluna de poeira estava deixando as montanhas e se dirigindo para a cidade. Pelo menos o novo senhor bárbaro tinha boas maneiras, ou tinha sido bem aconselhado, a ponto de enviar um mensageiro. Aliás, quase tudo já estava pronto havia alguns dias e, naquela manhã, os observadores que Anamu colocara no cume das colinas tinham-no avisado que o novo *Dux Ripae* estava chegando.

Os homens de Ogelos também aguardavam lá.

Anamu olhou para o outro lado da estrada, para Ogelos. Como sempre, Anamu estava irritado com a simplicidade exagerada de suas vestes: a túnica comum até o meio da canela, amarrada com um cordão branco, o chapéu pontudo sem adereços, os pés nus. A imagem de um sacerdote simples e transcendental era minada pela barba ridícula, aparada e retorcida para formar duas pontas (e grisalha, Anamu observou com satisfação). Ogelos trazia um ramo de palmeira em uma das mãos, um jarro, uma tigela e uma faca na outra. Estava em pé ao lado de um vaso alto de água sagrada e de um altar portátil. Uma névoa de calor pairava por cima dele. O fogo fora aceso na hora certa; já não havia mais fumaça. Ogelos era organizado. Anamu nunca o subestimara.

Atrás de Ogelos havia um acólito com vestes deliberadamente contrastantes, em tons de escarlate e branco. Ele segurava um incensório e um chocalho. Atrás do menino, e vestidos como Ogelos, estavam dois sacerdotes corpulentos esperando com o touro para o sacrifício.

Os outros sacerdotes esperavam mais afastados, perto do portão. Todos os grupos religiosos de Arete estavam representados: os sacerdotes de Zeus Megistos, Zeus *Kyrios*, Zeus Teos, Atargatis, Azzanathcona e Aphlad, de Bel e Adônis, e muitos mais. Até mesmo os sacerdotes dos grupos que refutavam a existência dos deuses dos outros estavam ali: o chefe da sinagoga e o líder dos cristãos.

Legionários do *vexillatio* da *Legio IIII Scythica* com base em Arete ladeavam os últimos 100 metros da estrada que terminava no portão. A presença deles servia ao mesmo tempo para demonstrar respeito ao novo *Dux* e para manter afastados os *ciemios*, as classes mais baixas. Não que se esperasse alguma confusão. Seu comandante, Marco Acilio Glabrio, o único montado, estava sobre um belo animal castanho no meio da estrada, bloqueando o portão e passando uma impressão de calma superioridade.

Do lado da estrada em que Anamu estava também se encontrava a maior parte do conselho: homens trajados com togas bordadas, pulseiras, ametistas e esmeraldas, e suas preciosas bengalas com empunhadura de prata e cobertura de ouro maravilhosamente entalhada.

Havia pouca divisão entre religião e política em Arete. A maioria dos sacerdotes também fazia parte do conselho, e cada homem era o chefe religioso em sua casa. As verdadeiras divisões se davam entre os três principais homens da cidade.

No tempo dos nossos pais, devia haver trinta escoltadores de caravana em Arete, pensou Anamu. Mesmo dois anos antes havia uma dúzia. Mas tinha sido necessário habilidade para evitar o exílio e permanecer vivo quando a cidade abriu os portões aos persas pela primeira vez e depois se ergueu e massacrou a

guarnição deles. Agora havia três escoltadores. Ogelos tinha sobrevivido, prosperado, com suas traições mascaradas por sua falsa piedade como sacerdote de Ártemis. Iarhai tinha fugido para junto dos romanos, retornado e organizado o massacre. Ele sempre fora como um touro indeciso na frente de um portão; mudava de idéia de maneira repentina, com a certeza fervorosa de que estava certo. Anamu não tinha sentimentos fortes nem em relação à chegada dos persas nem a seu fim violento. Ele se via como um tamarisco que se dobrava de acordo com o vento, possivelmente um daqueles bosques inteiros dele característicos deste lado do Eufrates, que escondesse um javali selvagem. Anamu brincou com a imagem; a poesia era algo muito querido à sua alma.

A poeira agora ia alta, já alcançava a metade da planície. Tudo estava pronto. Como o *archon* do ano, o principal magistrado, era função de Anamu assegurar que estivesse. Cevada, feno, leitões, porcos adultos, tâmaras, ovelhas, óleo, molho de peixe, peixe salgado... tudo tinha sido entregue ao palácio do *Dux Ripae*. Ele repassou a lista na cabeça; tudo seria pago pelo *Dux*. Lucros e poesia conviviam perfeitamente bem na alma de Anamu.

Um pouco mais para cima da estrada, na planície, a banda começou a tocar. Os tambores e os instrumentos de corda eram manuseados com rapidez, entrecortando os ritmos enquanto os apitos soavam acima. Um coral infantil se juntou ao som, para proclamar o *adventus*, a chegada cerimonial do novo *Dux*.

Primeiro vinha um porta-estandarte, com uma bandeira em formato de dragão; o vento a sacudia, fazendo com que gemesse e chiasse como um animal de verdade. Um pouco mais atrás vinha o novo *Dux Ripae*. Ele aparentava uma figura dramática, apesar de bárbara.

— Seu cretino, Iarhai! — Anamu não tinha certeza se tinha dito aquilo em voz alta. De todo modo, a música encobriria suas palavras. Canalha ardiloso! Anamu já esperava ver Iarhai. Fazia algum tempo que sabia que ele estava viajando com o *Dux* (ele achava que Ogelos também soubesse disso). Mas ele não esperava ver os homens de Iarhai à frente da coluna. Não parecia que Iarhai estava viajando com o novo *Dux*, mas sim que lhe servia de escolta, que o protegia. — Seu réptil astucioso, seu... — Anamu parou ao mesmo tempo que a banda e o coral.

O *Dux Ripae* fez seu cavalo parar. Ergueu a mão direita, com a palma para a frente, o gesto de saudação e poder benevolente. Os representantes da cidade de Arete ergueram a mão direita em retribuição e deram início a suas aclamações.

— Que os deuses o guardem! Que os deuses o guardem! Que os deuses o guardem!

Seu canalha que trepa com um camelo! Por fora, Anamu acenava com seu

ramo e entoava as aclamações com o resto dos homens. Por dentro, estava furioso. Seu cafetão de merda! Como é capaz de prostituir a própria filha!

Bathshiba e Iarhai tinham avançado com seus cavalos. Pararam logo atrás do *Dux*. Iarhai viu que Anamu olhava para ele, e em seu rosto castigado se abriu um leve sorriso.

Anamu não tinha sobrevivido ao período problemático por se deixar levar pelas emoções. Quando os cânticos terminaram, ele já estava totalmente sob controle. Observou enquanto Ogelos molhava o ramo de palmeira no vaso alto, fazia a água sagrada respingar, jogava punhados de incenso no altar, despejava uma libação e passava a faca pela garganta do touro. O touro se comportou e morreu de maneira auspiciosa.

O sofista Calínico de Petra deu um passo à frente para fazer o discurso formal de boas-vindas. Ogelos afirmava que preferia verdades simples ditas de maneira simples, e Iarhai não escondia de ninguém que a oratória simplesmente pró-forma o entediava, mas Anamu estava ansioso por aquele momento. A apreciação da arte da retórica era uma das marcas de um homem culto.

— Com auspícios afortunados, o senhor veio dos imperadores, brilhante como um raio de sol que aparece para nós das alturas... — A introdução, com base na alegria como era a tradição, tinha sido bem sólida, Mas como ele lidaria com o corpo principal do discurso? Iria se concentrar nas ações do sujeito, sua cidade ou nação natal e sua família? — Vai encarar o perigo como um bom homem do leme, Para salvar o navio quando as ondas se erguem altas... — Direto para as virtudes teóricas, um bom recurso. O orador tinha sido prudente em mencionar as origens do *Dux*; e ainda não se sabia nada a respeito de suas ações, O texto continuava pela mesma linha: coragem seguida por justiça, comedimento e sabedoria e, finalmente, o epílogo, — Viemos ao seu encontro, todos nós, com alegria... chamando-no de nosso salvador e fortaleza, nossa estrela-guia... um dia feliz amanhece na nossa escuridão. — Calínico terminou com um floreio de sofista, respirando pesado e limpando o suor para mostrar o esforço da composição *extempore*.

Nada mau, pensou Anamu... mas os atos de Calínico sempre pareciam muito estudados e esmerados, Seria interessante ver como o bárbaro ciaria sua resposta. Era tradição falar da grande vontade que se tinha de ver os ginásios, os teatros, os templos e os portos da cidade, Isso seria bem difícil, mesmo que o *Dux* não fosse um bárbaro, com uma cidade de que ele com quase toda certeza nunca tinha ouvido falar antes de suas ordens chegarem e que não tinha ginásios, teatros nem portos (nada surpreendente, já que ficava no meio do deserto).

O *Dux* começou:

— No passado, eu me sentia aflito e angustiado. Não era capaz de imaginar a

cidade mais adorável sobre a qual o sol brilha, Agora que a vi, deixo de me afligir, coloco de lado a angústia. Vejo tudo por que ansiava, não como se fosse um sonho, mas as muralhas em si, os templos, as colunatas; a cidade toda é um porto no deserto.

Impressionante a maneira como ele foi direto para o que normalmente seria a segunda seção. A cidade toda como um porto foi inteligente. Agora ele fazia um longo elogio ao poderoso Eufrates: rio e deus, guardião que nunca dorme, estrada que não se desgasta, provedor de alimento e riquezas. Depois da natureza vieram os seres humanos: o povo de Arete era hospitaleiro, respeitador da lei, vivia em harmonia e tratava os desconhecidos como seus iguais. Tudo excelente... apesar da ironia não intencional do último ponto.

O *Dux* enfileirou as conquistas e as ações e retornou, no breve epílogo, à cidade como um porto no mar do deserto.

Anamu sentiu seus temores se dissiparem. Tinha valido a pena esperar por este bárbaro. Ele falava bem o grego. Compreendia a eloquência e sabia como fazer um discurso. Anamu seria capaz de lidar com ele.

O lado civil da cerimônia de *adventus* tinha corrido bem. Agora Balista dava uma série de ordens: ele sentia que era importante ser visto no comando desde o início. Primeiro ele faria um sacrifício à Tiquê da cidade e a outros deuses pela chegada a salvo da coluna, depois iria até sua residência oficial, o "palácio" Duas horas depois, ele se dirigiria ao conselho.

As questões cívicas podiam ter se passado sem percalços no portão, mas o mesmo certamente não podia ser dito a respeito do lado militar das coisas.

Um oficial militar, com o cavalo atravessado na estrada, tinha bloqueado a entrada de Balista na cidade.

— Marco Acílio Glábrio, *Tribunus Laticlavius*, comandante do *vexillatio* da *Legio III Scythica* em Arete. — Seu sotaque e seus trejeitos indicariam que ele era de uma antiga família senatorial romana, se seu título de *Laticlavius* já não o tivesse feito antes.

Ele não tinha desmontado para se apresentar ao novo *Dux*. Balista deu uma olhada no rapaz arrogante em seu cavalo, completamente adornado de maneira extravagante, e não gostou dele no mesmo instante.

— Faremos o que for ordenado e a cada comando estaremos de prontidão. — Balista nunca tinha escutado a frase-padrão do exército ser dita com menos respeito.

— Vou inspecionar os seus homens amanhã, na segunda hora de luz do dia, no

*campus martius* — disse Balista.

— Como desejar. — Glabrio não pronunciou a palavra *Dominus*. Isso estava se revelando como um certo hábito entre os oficiais das províncias orientais.

— E depois, na quarta hora, vamos inspecionar as contas da sua unidade no prédio da sede militar.

— Vou informar ao *exactor* e ao *librarius*. — O tom de Glabrio sugeria que ele deixava tais coisas a cargo de seu contador e de seu secretário.

Sua atitude prometia problemas, mas, pelo menos até agora, ele não tinha desobedecido nenhuma ordem, diferentemente do comandante da *Cohors XX*. Mais uma vez, assim como tinha ocorrido em Seleuceia, não havia sinal de Caio Escribônio Muciano. Agora já não havia chance de Balista algum dia esquecer o nome do tribuno. O que o canalha estaria fazendo? Este segundo ostensivo ato de desprezo era ainda pior do que o primeiro. Uma coisa era Escribônio não viajar até Antioquia para receber seu novo *Dux*, apesar de terem sido essas suas ordens; outra bem diferente era nem se dar ao trabalho de ir até o portão da cidade. Só podia ser uma tentativa deliberada de minar a autoridade do novo comando de Balista e arruinar a missão do homem do norte quase antes de ter começado.

Balista olhou ao redor. Lá estava Turpio, claramente desejando estar em outro lugar.

Olhando irritado para ele, Balista disse:

— *Pilus Prior*, quero a *Cohors XX* no *campus martius* na terceira hora amanhã. As contas da unidade serão inspecionadas na sexta hora.

Turpio assentiu à ordem com um gesto curto. Qualquer tipo de relação que a longa viagem tivesse criado entre os dois soldados profissionais, se é que tinha criado alguma, havia desaparecido como se nunca tivesse existido. O rosto de Turpio estava fechado e cheio de hostilidade.

— Diga a seu tribuno que, se ele dá valor a seu futuro, deve comparecer.

Balista tinha certeza de que Turpio sabia mais a respeito da ausência de Escribônio do que estava disposto a dizer. Aceitando o fato de que não descobriria nada diante de um grande público de soldados e metade da população da cidade, resolveu sair dali.

Depois de fazer o sacrifício e se banhar em seu novo palácio, Balista caminhou até o templo de Ártemis. Ali, na entrada do aposento que passava por *bouleuterion*, a sede administrativa da cidade, ele parou e esperou. Ele não se sentia realmente nervoso com o discurso que precisaria fazer a seguir. Não era a mesma coisa que o anterior; este teria um lado duro da realidade.

O distrito de Ártemis ocupava o quarteirão todo, O conselho usava um prédio relativamente pequeno no canto sudeste, O fato de que o *bouleuterion* podia ser afastado da ágora, de que os conselheiros se sentiam livres para se reunir em reclusão, longe do povo, dizia muito sobre o equilíbrio político entre os ricos e os pobres naquela cidade.

— *Dominus*, pode vir por aqui, por favor? — disse o *archon*.

Demétrio sussurrou o nome dele no ouvido de Balista. Anamu era um homem de aparência estranha. Não era intencional. Ele estava vestido com uma toga formal, com uma fina listra púrpura; a barba cheia e o cabelo com entradas tinham corte convencional. O problema era sua cabeça: o rosto era longo demais e os olhos eram arregalados em excesso, os cantos virados para baixo faziam par com os da boca.

Anamu os conduziu a um salão em formato de U que continha cerca de quarenta homens, os conselheiros de Arete.

— Marco Clódio Balista, *Vir Egregius*, *Dux Ripae*, bem-vindo.

— Anamu se sentou no lugar em que seu nome estava escrito, na primeira fileira. Apenas Iarhai e Ogelos, o sacerdote de Ártemis, já estavam sentados ali. Muitos dos outros nomes da primeira fileira tinham sido desfigurados. Obviamente, a política era um negócio mortal naquela cidade. Os três sobreviventes eram os homens que realmente importavam, No entanto, não seria seguro desprezar os outros conselheiros. Balista percebeu que a maior parte dos sacerdotes que tinham ido a seu encontro no portão ocupavam cadeiras no conselho, inclusive o sacerdote cristão hirsuto.

O lugar era silencioso. Partículas de poeira se moviam ao sol. Balista começou a falar.

— Conselheiros, precisam se preparar para enormes sacrifícios. Os persas sassânidas estão chegando. Na próxima primavera, eles vão avançar Eufrates acima. Serão liderados por Sapor, o Rei dos Reis em pessoa. Como o povo de Arete massacrou a guarnição dele no ano passado, nada o deterá na tomada da cidade. Se ele obtiver sucesso, os vivos terão inveja dos mortos. — Balista fez uma pausa.

— Fui enviado pelos imperadores Valeriano e Galiano com poderes plenos para preparar Arete para a defesa. Podemos nos manter até que o grande Valeriano envie um exército de campo imperial em nosso auxílio. Mas será difícil. Vou necessitar de auxílio inquestionável. Podem ter certeza de que, se todos nós não trabalharmos juntos, vamos permanecer separados na cruz da crucificação.

O dia tinha sido muito, muito longo. Parecia difícil a Balista acreditar que tinha visto Arete pela primeira vez naquela manhã. Estava sentado de lado sobre a mureta baixa do terraço. O Eufrates estava a 75 metros abaixo dele. Havia bosques de tamarisco e uma ou outra tamareira deste lado; do outro, campos cultivados se estendiam até quase tão longe quanto ele era capaz de enxergar. Um par de maçaricos corria um atrás do outro no rio. Julia iria adorar este lugar. Bathshiba também.

— Vou beber alguma coisa, obrigado.

Máximo serviu o vinho misturado com água e pousou o jarro com cuidado. Ele se sentou na mureta, um joelho dobrado, de frente para Balista. Nenhum dos dois usava de qualquer formalidade quando estavam sozinhos.

— O seu *palácio* não é nada bom. — Máximo deu uma ênfase estranha à palavra e sorriu. — E uma armadilha mortal. — Ele bebeu um pouco. — O primeiro pátio é razoável, só tem um portão grande. O segundo não tem absolutamente nenhuma segurança, Há um portão no muro norte que dá para os estábulos: um ao sul, para as cozinhas, e portas que o conectam de volta para o primeiro pátio e até aqui. — Ele apontou com a cabeça para os aposentos particulares do *Dux*, — As portas não são o verdadeiro problema. Os muros são baixos, fáceis de pular, Há uma área aberta ao sul, mas há construções que chegam diretamente até nós pelo norte. Em pelo menos três lugares, dá para pular de um telhado para o outro. — Ele tomou mais um gole e pegou uma azeitona.

— Demétrio. — Balista acenou para que o rapaz grego viesse do lugar em que esperava com educação, do outro lado do terraço, — Sirva-se de uma bebida e se sente.

O garoto sentou de pernas cruzadas no chão.

— Precisamos trazer alguma mobília para cá. — Quando Balista falou, Demétrio tirou de algum lugar um bloco de escrever de madeira com urna dobradiça e, com um estilete, escreveu na cera. — Então, como estão as coisas?

Demétrio pegou um pedaço de papiro rasgado. Estudou sua letra pequena e bem-feita.

— No geral, tudo bem, *Kyrios*. Na verdade, temos provisões e vinho demais. Não temos papiro suficiente, mas, fora isso, não precisamos nos preocupar com quantidade nem com qualidade. O problema está no custo. Vou fazer uma pesquisa na ágora antes de pagarmos um só denário ao *archon*, aquele tal de Anamu.

— Saiba que os orientais são assim — disse Máximo, — Eles sabem que um bárbaro analfabeto do norte come feito um porco e bebe feito um peixe, e então

o trapaceiam.

O secretário grego pareceu levemente magoado. Os três beberam e comeram em silêncio.

Balista observou um barco fazer sua travessia da outra margem. A correnteza era muito forte e o barco precisou se desviar um bom pedaço corrente acima para compensar. Os dois remadores se esforçavam, aproveitando quando puderam a oportunidade de descansar no abrigo de uma das ilhas. Partiram novamente. O ângulo parecia correto para levá-los ao cais principal no pé dos degraus íngremes que conduziam até a *Porta Aquaria*, o portão da água.

Da porta veio uma tosse abafada, o gesto mais próximo de um anúncio formal que Calgaco conseguiu emitir. Mamurra considerou a iniciativa e entrou pelo pórtico.

Balista desceu da mureta.

— *Praejectus*.

— *Dominus*. — Eles se apertaram as mãos.

— Por favor, faça-me seu relatório.

— Faremos o que for ordenado e a cada comando estaremos de prontidão. — Mamurra estava com o corpo bem ereto. — Escolhi vinte homens da *Cohors XX* para serem os seus *equites singulares*, sua guarda montada. Dez para a vigia noturna e dez para a diurna. Coloquei dois no portão principal, um em cada portão do estábulo e da cozinha, e outro na porta dos seus aposentos particulares. Os cinco restantes que estão de prontidão vão ficar no salão da guarda que desemboca no primeiro pátio. Quando estiverem fora de serviço, os homens permanecerão no alojamento das tropas e os cavalos no estábulo adjacente.

— Muito bem, *Praejectus*.

Mamura ficou mais à vontade.

— Toda a sua equipe está acomodada nos aposentos dos serventes, na ala sul. Foram alimentados. A viagem foi longa. Dispensei todos nesta noite, menos o mensageiro. Espero que esteja de acordo.

Mamura recusou a bebida oferecida por Balista. Ele saiu e Balista pediu a Calgaco que fosse buscar Bagoas; ele poderia cantar algumas canções de sua terra natal para fazer a noite passar.

*Um Momento, o Desperdício da Aniquilação*  
*Um Momento, provar a água do Poço da Vida*

*As Estrelas estão se pondo e a Caravana  
Sai para o Amanhecer do Nada... Vamos logo na partida!*

Os versos da canção do garoto persa eram carregados pela brisa para o imenso crepúsculo do Eufrates. Até mesmo Demétrio e Calgaco, que não conseguiam entender uma só palavra, gostaram. Cada um estava atrelado a seu destino, como um cão a uma carroça. Estavam todos muito longe de casa.

Do outro lado da cidade iluminada pelo luar, um homem se encontrava em um quarto bem fechado. Com frequência, erguia os olhos do que estava fazendo para conferir se continuava sozinho.

Se a leitura era uma habilidade rara, quase inteiramente confinada às classes altas e a uma minoria de escravos com educação especial, muito mais rara era a habilidade de ler em silêncio. Claro, na medida em que seguia o movimento do dedo, seus lábios formavam as palavras, e ele balbuciava de vez em quando, mas se orgulhava do feito. De todo modo, os balbucios ocasionais eram completamente inaudíveis... e assim deveria ser, tendo em vista o que estava lendo.

Ele sabia que não deveria se orgulhar tanto de sua habilidade, mas pelo menos nunca se gabava dela. As circunstâncias não lhe permitiam fazê-lo: a vaidade poderia ameaçar sua missão.

Colocou os pedacinhos soltos de cera na pequena tigela de metal e a levou ao braseiro. Abriu o bloco de escrever de madeira. Estava sem cera. As palavras estavam escritas diretamente na madeira nua. Ele as releu pela terceira vez.

*O bárbaro do norte enviado pelos imperadores chegou. Ele não traz soldados. Fala sobre Valeriano chegar com um exército no ano que vem. Não diz quando. As pessoas não acreditam nele. Não espera ser atacado antes da próxima primavera. As chuvas atrasaram neste ano. Quando terminarem, se for possível reunir logo um exército e trazê-lo para cá, pode ser que chegue antes de as defesas estarem preparadas. Não foi em fevereiro que o Rei dos Reis esmagou os agressores romanos em Meshike, que a cidade seja para sempre conhecida como Peros-Sapor, e matou o imperador Gordiano III, que tanto gostava da guerra? De toda forma, vou descobrir seus segredos sórdidos, desequilibrar suas mentes e apontar meu dedo aos pontos fracos de suas muralhas.*

Com um estilo gasto, ele mexeu a cera agora derretida. Usando um par de tenazes, pegou a tigela e derramou a cera no espaço de cada uma das folhas do

bloco de escrever. Colocou a tigela de lado e alisou a superfície.

Ele sabia que muitos iriam chamá-lo de traidor, muitos daqueles que lhe eram próximos, aqueles que amava. Apenas uns poucos iriam entender. Mas não estava fazendo aquilo para conquistar elogios passageiros de seus contemporâneos. Era uma obra para toda a eternidade.

A cera assentou. Ele pegou um estilo novo e começou a anotar a carta mais inocente de todas na superfície macia e em branco.

*Meu caro irmão, espero que esta carta o encontre ao me deixar. As chuvas chegaram tarde neste outono...*

## VII

Demétrio acordou e foi logo pegar seu material de escrever. Ele estava ansioso para não esquecer nada, mas ao mesmo tempo era importante anotar tudo corretamente. Ele olhou para o relógio de água. Era o *conticinium*, o momento mais calmo do dia, quando os gaios param de cantar mas os homens ainda estão dormindo. Ele escreveu; "a quarta vigília" e então, com mais precisão, "a décima primeira hora da noite", O horário fazia diferença nessas coisas. Então: "abutres... ágora... estátua". Com esses auxílios à memória fixados, ele relaxou um pouco e se recostou na cama.

Começou a reconstruir os acontecimentos desde o início. Ele tinha entrado na ágora. Mas qual delas? Havia muita gente lá, vestida de maneiras distintas (túnicas e capas gregas, togas romanas, os chapéus altos e pontudos dos citas, as calças bufantes dos persas, os turbantes dos indianos), de modo que isso não ajudava muito para estabelecer a localização: um grande número de estrangeiros viajava para muitas das grandes cidades do *imperium* nestes tempos,

O que mais o marcara era o fato de que nenhuma das pessoas tinha notado os abutres que circulavam lá em cima. Perigosamente perto de cair no sono mais uma vez, Demétrio seguiu seu raciocínio. Os persas deixavam seus mortos expostos para que fossem comidos por aves que se alimentam de carne morta, como corvos, abutres e urubus. Isso significava que eles veneravam os abutres — que seriam o instrumento da vontade de seu deus — ou que tinham um pavor absoluto deles!

Os abutres estavam rodeando a estátua no meio da ágora. A estátua era dourada; ela reluzia ao sol. Era grande, possivelmente maior do que o tamanho natural, mas também retratava um homem alto, Ele estava nu, na posição de um *doryphoros*, um portador de lança. Os músculos de seu braço esquerdo estavam tensos porque ele segurava um escudo longo do tórax, os do direito, mais relaxados, já que trazia na mão uma lança que segurava sem muita força ao lado do corpo. A maior parte do peso estava apoiado na perna direita, com a esquerda levemente adiantada, o joelho dobrado. Acomodados abaixo da crista ilíaca, a saliência que marcava a junção da cintura às coxas, estavam o pênis e os testículos, pequenos o suficiente para indicar um auto-controle admirável e civilizado para um grego. Em vários aspectos, a estátua se afastava do cânone determinado pelo grande escultor Policleto. A figura era mais musculosa e firmava-se no solo de maneira mais sólida.

Demétrio escreveu: "Estátua dourada no meio da ágora, retrato de Balista, em pose de portador de lança, não totalmente ao estilo de Policleto."

Demétrio ficou deitado sem se mexer por alguns minutos, revirando o sonho em

sua mente, pesando os bons e maus agouros. Mas era melhor não julgar as coisas de antemão: com muita frequência as interpretações dos adivinhos de sonhos profissionais confundiam as probabilidades. Não naquele dia, mas assim que fosse possível, ele encontraria um no ágora de Arete.

— Bom dia, *Dux Ripae* — disse Acilio Glabrio. As vogais do jovem patricio soavam como se esse fosse um título que só se encontrasse entre as tribos mais remotas do norte.

— Bom dia, *Tribunus Laticlavius*. Creio que chegamos um pouco adiantados. — Balista e seu grupo tinham saído cedo, Eles caminharam devagar pela cidade, mas chegaram deliberadamente adiantados ao local de desfile. — Se os seus homens não estiverem prontos...

O jovem tribuno não titubeou. Aliás, sorriu.

— Faremos o que for ordenado e a cada comando estaremos de prontidão. — Ele acenou para que Balista e seu grupo se aproximassem do palanque de revisão com um ar de superioridade.

Caminharam cerca de 150 metros em silêncio. Balista tomou seu lugar de direito no meio e na frente do palanque, seguido por Acilio Glabrio e Mamurra, que assumiram suas posições à direita e à esquerda, respectivamente. Máximo ficou atrás do ombro esquerdo de Balista e Demétrio, do direito. Balista também tinha levado o *haruspex* sênior, os dois arautos, três escribas e quatro mensageiros, além de cinco de seus *equites singulares*, e Rômulo, como sempre carregando o *draco* branco, que se agitava com a brisa suave.

Havia quatro soldados assessorando Acilio Glabrio. Enquanto um se distanciava para dar aos homens a ordem de iniciar sua demonstração, Balista examinava o tribuno pelo canto do olho. O jovem patricio usava o cabelo comprido. Puxado para trás da testa, estava penteado em cachos esmerados que caíam por trás das orelhas e chegavam até a nuca. A barba fora aparada bem curta, exceto pelo tufo pronunciado na extremidade mais baixa. Balista admirava muito o jovem imperador Galiano, mas não aqueles que, quase como escravos, copiavam seu corte imperial de barba e cabelo.

Ao toque da trombeta as duas coortes que formavam o destacamento de Arete da *Legio III Scythica* marcharam juntas até a área de desfile. Cada uma delas entrou em separado da direita, em uma longa coluna de 4 homens de largura e 120 de profundidade. Eles pararam, viraram-se em um movimento único na direção da tribuna, fizeram uma saudação e disseram em uníssono:

— Faremos o que for ordenado e a cada comando estaremos de prontidão,

A primeira impressão de Balista foi a de uma eficiência confiante e discreta. Um cálculo rápido indicou que o destacamento estava presente com a força total de

seus 960 homens. Até onde podia ver, todos os legionários estavam com o equipamento completo: capacete de metal ou assemelhado, armadura corporal de cota de malha, escudo oval, lança de madeira pesada de treinamento e espada. Todos os escudos tinham capa de couro de proteção; nenhuma crista rebuscada balançava em cima dos capacetes. Nenhum militar apegado à disciplina tinha tentado impor uma uniformidade completa aos homens: os capacetes eram levemente diferentes no estilo e até mesmo alguns preferiam usar uma carapuça de cota de malha em vez de capacetes. Era uma unidade vestida para a guerra, não para um palácio imperial.

Assim que o novo *Dux Ripae* tinha retribuído a saudação, ambas as coortes passaram para uma ordem mais aberta. A unidade mais próxima deu meia-volta e, com um comando, as duas marcharam em intersecção. Então, cada qual liderada por um centurião, reconfiguraram-se de duas fileiras de frente para o planque em duas fileiras que se estendiam. Tudo foi feito em sincronia perfeita.

Acilio Glabrio se inclinou sobre a cerquinha de madeira e gritou:

– Vocês estão prontos para a guerra?

Mal havia terminado, os quase mil homens urraram em resposta:

– Prontos!

Por três vezes a pergunta foi feita seguida pela resposta quase imediata. As centúrias da coorte do lado esquerdo então mudaram sua configuração e se organizaram na formação de *testudo*; seis tartarugas bem compactas de oitenta homens, escudos à frente, dos lados e atrás, e fecharam-se como telhas bem coladas por cima. Os escudos se uniram exatamente no momento certo. A fileira da frente da coorte à direita avançou e lançou uma saraivada de lanças sem ponta. Enquanto estas lanças ainda cortavam o ar, a segunda fileira avançou além delas para lançar suas armas em mais uma saraivada uniforme. Mais uma vez, e então outra. Ouvia-se um som ensurdecedor e ritmado quando saraivada após saraivada atingia os escudos em sua pesada cobertura de couro. Um toque de trombeta e os papéis se inverteram. Mais uma demonstração perfeita.

Então se fez uma pausa, as duas fileiras ficaram de frente uma para a outra. Os homens deram início ao *barritus*. Baixo no início, com o escudo por cima da boca para reverberar melhor, o rugido transformando-se em um som sobrenatural. O *barritus*, o grito de guerra dos germânicos adotado pelos romanos, sempre fazia as palmas das mãos de Balista suarem, seu coração bater mais rápido e lembranças das coisas que ele tinha perdido junto com seu primeiro lar invadirem sua mente.

Enquanto o som pairava no ar, as duas coortes se lançaram uma contra a outra. As armas eram de madeira pesada, sem pontas de metal nem quinás, mas

mesmo assim podiam machucar, aleijar e até matar se manuseadas com habilidade e intenção.

O sinal foi dado e os dois lados se separaram. Serventes médicos removeram cerca de uma dúzia de legionários com costelas trincadas, membros quebrados ou cabeça machucada. Então as coortes se moveram com suavidade até formar uma falange bem ordenada de 16 homens de profundidade, de frente para o palanque. Um dos arautos de Balista subiu na cerquinha e gritou para as fileiras totalmente silenciosas:

— Silêncio! Silêncio nas fileiras para ouvir Marco Clódio Balista, *Vir Egregius, Dux Ripae*. — Os legionários continuaram em silêncio.

Balista e os legionários se olharam. Os soldados estavam posicionados com os ombros para trás e o peito estufado. Tinham feito bonito e sabiam disso. Mas Balista sentia que estavam curiosos. Ele os tinha visto em ação enquanto eles não sabiam nada sobre Balista além de boatos. Era bem provável que compartilhassem do preconceito de Acílio Glábrio contra os bárbaros do norte.

— *Milites*, soldados. — Balista tinha pensado em chamá-los de *commitiones*, camaradas soldados, mas ele detestava oficiais que faziam de tudo, sem pudores, para serem benquistos: "camarada soldado" era um título que precisava ser conquistado por ambos os lados, — *Milites*, há muitas coisas contra vocês. Há muitas desculpas para um exercício mal executado. Sempre é difícil para um *vexillatio* destacado de sua legião-matriz. Ele permanece longe do exemplo e da rivalidade do restante das coortes. Não está sob os olhos experientes do comandante da legião.

Se era possível, as fileiras dos legionários ficaram ainda mais silenciosas, Para ser justo, é preciso dizer que a calma de patricio de Acílio Glábrio não se abalou,

— No caso de vocês, nenhuma desculpa se faz necessária. Fizemos tudo o que lhes foi pedido em estilo exemplar. O *barritus*, especialmente, foi louvável, Muitos não conhecem a importância do grito de batalha, principalmente frente a soldados sem experiência. Quantos camponeses persas sem treinamento, levados à batalha pelo açoite de seus senhores, vão se agüentar perante o seu *barritusi* Muito bem! Estou impressionado. Criada pelo grande guerreiro romano que foi Marco Antônio, a *Legio IIII Scythica* esteve em ação por todo o *imperium Romanum*. Do norte congelado até aqui, o feroso Oriente, a *Legio IIII* expulsou os inimigos de Roma. Partos, armênios, trácios, dácios, sarmatianos e hordas incontáveis de citas caíram perante suas espadas. A história da *Legio IIII Scythica*, longa e cheia de orgulho, está a salvo em suas mãos. Vamos acabar com os répteis que são conhecidos como persas sassânidas!

Balista concluiu:

— Todos, à exceção dos postos essenciais, a serem determinados pelo comandante de cada um, podem ter um dia de folga. Aproveitem... vocês fizeram por merecer!

Os legionários deram vivas, moveram-se de modo suave para formar uma coluna de quatro homens e, com gestos de saudação, passaram pela frente do palanque e deixaram o *campus martius*.

Já era quase a terceira hora. Balista tinha ordenado que o tribuno Caio Escrivônio Muciano levasse a *Cohors XX* até o campo de desfile naquela hora. Balista temia essa parte do dia; ele não sabia o que faria se suas ordens fossem desobedecidas. Em uma tentativa de transmitir ar despreocupado, ele examinou o *campus martius*. Separava-se da cidade civil atrás dele por um muro de 1,80 metro, que se servia mais como uma barreira para impedir que as pessoas entrassem ali do que para deter um ataque. A sua esquerda, o limite era a muralha oeste da cidade. Essas eram duas linhas bem determinadas. As outras duas eram uma confusão. A sua direita, a divisa era um grande bloco de alojamentos, o *principia*, e um templo a uma deidade local chamada *Azzanathcona* que, ele sabia, tinha sido tomado para servir como base da *Cohors XX*. Mas, no canto da extremidade direita, destacava-se enfiada no meio do campo de desfile a residência de Acílio Glabrio, uma casa particular grande que tinha sido confiscada. Não era culpa do jovem patricio o fato de ela se localizar ali, mas de certo modo era mais um motivo para não gostar dele. Em sua divisa final, o *campus martius* terminava antes de chegar à muralha norte de Arete. Ali Balista pôde ver o grande templo ao deus local, Bel, com a fumaça se despreendendo do fogo eterno no pátio. A sua direita erguia-se a primeira das torres da muralha do norte, a que ficava junto do portão menor. Era estranho o fato de a muralha ter colonata ali e em nenhum outro lugar.

A terceira hora chegou, enfim. Pela terceira vez, Caio Escrivônio Muciano, *Tribunus Cohortis*, oficial comandante da *Cohors XX*, não tinha comparecido. Será que ele estava tentando, deliberadamente, minar Balista ao demonstrar um desrespeito tão grande?

Seja lá o que estivesse acontecendo com o tribuno, Turpio tinha recebido uma ordem direta. Se a unidade auxiliar não chegasse à área de desfile nos próximos minutos, o primeiro centurião estaria lá mais tarde: ao centro, amarrado a uma estaca, com as costelas desnudadas pelo açoite.

A exasperação cada vez maior de Balista explodiu quando um soldado montado apareceu de trás do bloco de alojamentos e transmitiu o pedido do primeiro centurião para que a *Cohors XX* tivesse autorização para iniciar suas manobras.

Os homens de infantaria da *Cohors XX* marcharam para dentro do *campus martius* em uma coluna de cinco. Deveria haver 960 homens, mas para os

diversos olhos com experiência militar que estavam no palanque, era óbvio que o número não chegava nem perto disso. A coluna executou uma série de manobras simples, de maneira bastante desleixada: uma centúria colidia com a outra, um homem esbarrava no outro.

A ordem foi dada para que a primeira fileira atirasse. Balista contou vários segundos entre a primeira flecha e a última. Quando chegou a vez da quinta fileira, quase toda a semelhança com uma saraivada de tiros tinha desaparecido. Durante alguns segundos depois da ordem de cessar, flechas ainda disparavam pelo ar. Era um sinal de falta de disciplina um arqueiro mesmo pronto e em posição de atirar preferir desobedecer a uma ordem de recuar. A manobra da unidade para voltar a formar uma fileira na extremidade mais afastada do *campus martius* foi, no mínimo, pior do que as tentativas anteriores.

— Onde está o resto dos homens e como, entre os que compareceram, apenas metade está equipada? — Máximo sussurrou no ouvido de Balista.

Balista pensava a mesma coisa. O único ponto positivo que ele era capaz de enxergar era que a mira dos soldados não estava assim tão ruim; a maior parte das flechas estava agrupada bem perto dos alvos, do tamanho de um homem, na parte de dentro da muralha oeste.

Uma trombeta soou e, depois de um intervalo, dois grupos de cavaleiros — presumivelmente *turmas* da *Cohors XX* — entraram a galope no *campus martius*. Parecia haver cerca de sessenta homens em cada uma. A mais próxima parecia ser a *turma* de Cocio, que tinha acompanhado Balista desde Seleuceia, mas os soldados de ambos os grupos estavam tão desordenados que era difícil ter certeza de qualquer coisa. Eles se aproximaram dos alvos fixos e, assim que alcançaram uma boa distância, começaram a disparar flechas. A 50 metros, cada soldado virou a montaria para a direita e tentou executar o tiro dos partos, atirando para trás, por cima das ancas do cavalo enquanto ele galopava. Como a *turma* não estava distribuída em colunas disciplinadas, em vez disso avançando em dois aglomerados amorfos, a manobra foi executada sob o risco de um soldado acertar o outro em meio a encontros entre seus cavalos. Tendo em vista as condições, até que não foi tão ruim. Um cavalo refugou, recusando-se a se virar e galopar em linha reta. Seu cavaleiro se jogou de cima dele antes de chegar à área de alvo, onde as flechas estavam caindo. Outro cavalo, ao se virar e ver outra montaria vindo diretamente para cima dele, fincou as patas no chão e empacou. O cavaleiro saiu voando por cima de seu pescoço e foi lançado na areia.

Enquanto isto, as outras três *turmas* tinham chegado discretamente e assumido formação de fileira de quatro homens de profundidade do lado direito do campo de desfile, mas mal pareciam contar com metade de sua força, algo em torno de trinta soldados cada uma. Balista percebia o que Turpio estava tentando fazer:

disfarçar ao mesmo tempo o fato de que a unidade estava enormemente abaixo de sua força e em estado péssimo de treinamento. O centurião devia ter tirado homens de três dos cinco agrupamentos para fazer com que apenas dois tivessem força total, na esperança de que as manobras desses dois desviassem a atenção da falta de homens nas outras.

Depois que os dois cavalos tinham sido recuperados e seus soldados tinham voltado a montar, as duas *turmas* originais se formaram na frente de seus companheiros. Foi dada uma ordem para que cada uma delas executasse o círculo cantábrico — pouco mais do que uma simples formação de deslocamento, em que uma unidade de cavalaria galopava em círculo, sempre virando para a direita para manter o lado do escudo de frente para o inimigo. Quando cada homem chegava ao ponto mais próximo do inimigo, lançava sua arma em um alvo. Todas as unidades montadas do império treinavam esse movimento, mas Balista nunca tinha ouvido falar de algum exército romano que de fato a tivesse empregado em batalha.

No começo, tudo correu bem. O *campus* se encheu com dois círculos rodopiantes de cavaleiros, virando na mesma direção que o sol. Os cavalos se moviam com facilidade em meio-galope. O barulho dos cascos que batucavam no solo, a vibração da corda dos arcos, o zunido das flechas cortando o ar, o baque quando acertavam o alvo ou ricocheteavam nos muros. Poeira se erguia no ar. Flechas e mais flechas voavam. Então o desastre se abateu. A única verdadeira dificuldade com o movimento ocorria se os cavaleiros perdessem a linha do círculo: se virassem rápido demais ou se desviassem do trajeto predeterminado. A segunda possibilidade aconteceu. Um cavaleiro saiu do círculo mais próximo. As tentativas enlouquecidas de um soldado desviar do caminho do outro só serviram para confundir sua montaria. A colisão foi inevitável. Cavalos e homens caíram em um emaranhado de membros e corpos. Depois de um momento, um cavalo conseguiu se levantar e fugiu. Alguns segundos depois, seu cavaleiro se sentou. Mas o outro ficou deitado imóvel, e seu cavalo esperneava com relinchos terríveis enquanto tentava se erguer com uma pata quebrada.

Então houve uma longa demora antes de os serventes médicos carregarem dali o soldado imóvel. Balista observou que eles usaram uma porta em vez de uma maca, o que mostrava não só sua total falta de preparo como também escassez de equipamento. Da mesma forma demorou um pouco até que o ferreiro da unidade chegasse para sacrificar o cavalo ferido. Três homens se sentaram em cima do animal condenado e o ferreiro puxou sua cabeça para trás. Com afeição quase insuportável, ele afagou seu focinho, então enfiou a faca reluzente em seu pescoço. O primeiro jato de sangue jorrou a vários metros; depois veio o sangue arterial. Ele se espalhou com rapidez implacável em cima da areia. As tentativas que o cavalo moribundo fazia para respirar pela traqueia cortada provocaram

uma espuma rosada que se misturou à poça vermelho-vivo.

No final, a coorte fez uma manobra desajeitada e conseguiu se colocar perante o palanque. Vários dos homens estavam com ar envergonhado. Eles não olhavam para seu novo *Dux*, mas sim para o chão ou para as costas do homem a sua frente. Um certo número de homens nervosos, no entanto, erguia os olhos para Balista com uma insolência muda, desafiando aquele bárbaro do norte só com a posição de seus ombros.

O que eu vou dizer para eles? Balista pensou. Pai-de-Todos, como é que eu vou agir agora?

— Silêncio! Silêncio nas fileiras para ouvir Marco Clódio Balista, *Vir Egregius, Dux Ripae*.

O murmúrio continuou.

— Silêncio nas fileiras! — Turpio berrou. Desta vez, houve alguma reação.

— *Milites* — disse Balista. — Parece-me que as manobras militares têm suas próprias regras. Se adicionarmos elementos demais, a coisa toda se transforma em uma pantomima. Acaba por confundir algumas manobras e não permite que se mostre a habilidade das unidades. — Balista fez uma pausa.

Os murmúrios cessaram.

— Vocês desempenharam pouquíssimas manobras. A infantaria não adotou ordem de escaramuça nem desempenhou contramarcha. A cavalaria não tentou fazer manobras complicadas; nem o *xynema*, nem o *touloutegon*. — Os murmúrios retornaram. — No entanto, vocês não são de fato culpados, O número escasso das tropas e a falta de equipamento denotam a negligência de seus oficiais, assim como a sua variedade limitada de manobras e o baixo índice de sucesso em executá-las. A mira de vocês, no entanto, demonstra suas habilidades pessoais.

Os homens estavam em silêncio. A maior parte deles ergueu os olhos para Balista. Agora não eram só aqueles cuja atitude dizia "vá se foder" que o olhavam.

— Até hoje à noite, vocês terão um novo comandante. Em dois dias, vão recommençar o treinamento. Até a primavera, a *Cohors XX Palmyrenorum Milliaria Equitata* estará no auge de sua forma, como é digno de uma unidade de orgulho, que foi estabelecida por Marco Aurélio, que participou de campanhas sob o comando de Lúcio Vero, Sétimo Severo, Caracala, Valeriano e Galiano. — Mais uma vez, Balista concluiu: — Todos, à exceção dos postos essenciais, a serem determinados pelo Primeiro Centurião Tito Flávio Turpio, podem ter um dia de folga.

Mais uma vez, os soldados deram vivas e, em uma ordem nada melhor do que antes, a unidade se retirou do *campus martius*.

O mensageiro se postou ao lado da cabeça de seu camelo e esperou. O *telones*, oficial da alfândega, tinha desaparecido no arquivo do piso térreo da torre sul do Portão de Palmira. O mensageiro ergueu os olhos para a muralha norte do pátio, entre os dois grandes portões de madeira. Acima da altura da cabeça, a muralha era coberta de gesso e pintada com uma cena de oferenda. Ao olhar para baixo, o mensageiro reparou em um mercador que saiu do arquivo, montou em um jumento e, puxando outro animal, foi embora. O mensageiro voltou a examinar a muralha. Abaixo da altura da cabeça, ela era formada por tijolos simples, mas estava coberta de pichações, a maior parte arranhada ou pintada em grego ou aramaico, e umas poucas em latim. Algumas consistiam apenas dos nomes de um homem e seu pai. Na maior parte, essas duas palavras eram precedidas por "agradeço a você, Tiquê de Arete". Sem ter de olhar, o mensageiro sabia que a muralha do sul era bem parecida.

— Ah, é você de novo — disse o *telones*. — Os negócios vão bem.

— Não, os negócios vão mal — respondeu o mensageiro.

— Para onde vai?

— Rio abaixo. Para Charax. Para a Pérsia.

— Homens de negócios precisam que suas cartas sejam entregues, independentemente do que a política diz. O que você tem a declarar? — O oficial da alfândega começou a abrir o cesto do camelo que estava mais próximo.

— Nada. Não há nada aí além das minhas vestes sobressalentes e da minha roupa de cama.

— Um filósofo passou aqui há pouco tempo — disse o oficial da alfândega, revirando tudo de qualquer jeito, — A aparência dele estava totalmente de acordo com o que se espera: nu a não ser por uma capa rústica, barba comprida e cheia, cabelo até a bunda. Sujo. Absolutamente imundo até não poder mais. Mas ele não era um pobre coitado. Tinha um garoto bonito como servente, um estenógrafo e um calígrafo para escreverem sua sabedoria.

O mensageiro observava o *boukolos*, o controlador de rebanhos, do outro lado da estrada, que contava um bando de cabras que um nômade queria levar para a cidade e vender. Ficou imaginando quanto tempo iria demorar para começar a chover.

— Então, eu perguntei ao filósofo: "O que você vai levar da cidade?". E ele respondeu: "Temperança, Justiça, Disciplina"... e mais umas duas coisas que eu

esqueci. — O oficial da alfândega passou para o outro lado do camelo e começou a abrir o outro cesto,

— Não há nada aí além de três blocos de escrever selados, que eu preciso entregar.

— Então eu disse: "Bom, não importa que nomes bonitos você deu a elas, vai ter de pagar imposto de exportação sobre essas putas!". E ele disse algo do tipo: "Você não pode cobrar impostos sobre a virtude!".

O oficial da alfândega deu uma risada. O mensageiro sorriu com educação.

O *telones* fechou o cesto sem mexer nos blocos de escrever lá dentro. O mensageiro colocou algumas moedas na mão dele.

— Isso é que é não entender uma piada. O fodido ficou parado bem onde você está, no meio da estrada, com o garoto bonito dele, o estenógrafo e o calígrafo. Nenhuma moça à vista! Que idiota completo!

O mensageiro montou em sua sela, estalou o chicote e o camelo se levantou.

— Boa viagem,

E foi assim que a carta do traidor deixou Arete.

Grandes nuvens escuras se acumulavam a noroeste. De vez em quando, escutava-se ao longe o rugido de um trovão, Balista estava com uma dor de cabeça que o incomodava. Ele iria se sentir melhor quando a tempestade se abatesse sobre Arete.

Várias horas tinham se passado desde as manobras no *campus martius*. Aquele dia, que já prometia ser longo, tinha se tornado ainda mais comprido. Como tinha sido ordenado, prontamente na quarta hora, Acilio Glabrio, seu contador e seu secretário tinham se apresentado na *principia*. O *exactor* e o *librarius* tinham explicado toda a documentação relevante em detalhes minuciosos para o novo *Dux Ripae*, seu *Praefectus fabrum* e seu *accensus*. Balista, Mamurra e Demétrio tinham se concentrado muito. Acilio Glabrio permaneceu sentado em uma cadeira, examinando sua cinta de espada toda ornamentada. Absolutamente tudo no *vexillatio* da *Legio IIII Scythica* estava em perfeita ordem. A unidade estava praticamente com força total; faltavam pouquíssimos homens, que estavam no hospital ou na cadeia. Os pagamentos e as provisões estavam em dia. Além de os homens estarem totalmente equipados, havia também um bom número de armas, escudos e armaduras de reserva. Depois de quase duas horas, Balista se voltou para Acilio Glabrio, que agora lia um livro de poesia, *A arte do amor*; de Ovídio, e o parabenizou pelo estado de sua unidade. O jovem patricio agiu como se aquilo não fosse mais do que sua obrigação. Na realidade, ele parecia se sentir um pouco humilhado por se encontrar numa posição de ser elogiado por alguém

como Balista.

A sexta hora, é claro, era a hora do almoço. No entanto, era o horário que Balista tinha ordenado para que Turpio apresentasse a contabilidade da *Cohors XX*. A fome nunca melhorava o humor de Balista. Quando o primeiro centurião chegou com o *exactor* e o *librarius* da unidade a reboque, mas sem o oficial de comando, o homem do norte fez um tremendo esforço para refrear sua irritação. Sem nem perguntar sobre Caio Escribônio Muciano, ele ordenou que toda a documentação que tivessem trazido fosse entregue. Em seguida, ele anunciou que iriam até o prédio vizinho, à sede de comando da coorte. Quando o grupo liderado por Balista entrou no convertido templo de Azzanathcona, escriturários militares se dissiparam feito galinhas. No escritório de registros, Balista já tinha pedido os dois registros gerais anteriores e o registro dos depósitos dos soldados "com as normas" no banco da unidade. Balista resolveu usar a fome como aliada e ordenou que Turpio, o contador e o guarda-livros se encontrassem com ele no palácio, à décima hora, o horário do jantar (e se por algum milagre ele aparecesse na frente deles, podiam levar também seu *tribunus*... como prisioneiro). Ele enfatizou que assim ele e sua equipe teriam tempo de examinar os documentos com a devida atenção.

De volta ao palácio, Calgaco providenciou um jantar atrasado: perdiz assada fria, azeitonas pretas, um pão local redondo sem fermento, figos, castanhas e ameixas. Tudo isso estava disposto sobre uma longa mesa na sala de jantar. Na outra ponta estavam os documentos de contabilidade da *Cohors XX*.

Depois de terem comido, começaram a trabalhar. Mamurra tinha examinado o atual registro geral, lendo o nome de cada soldado e a anotação que indicava seu posto. Uma linha reta significava que o soldado estava com a unidade e disponível para a ação; *adjrum (entum)*, que ele tinha saído para garantir suprimentos de trigo; *ad hord (eum)*, que estava trazendo cevada para os cavalos; *ad leones*, que estava caçando leões; e assim por diante. Finalmente, havia os sem sorte, onde ao lado do nome havia apenas a letra grega teta, a abreviação do exército para morto. Outras anotações indicavam onde os destacamentos da coorte estavam fixados: Apadana, Becchufrayn, Barbalisso, Birtha, Castelo Abrão, Chafer Avira e Magdala.

Finalmente terminaram. Mas um padrão tinha aparecido praticamente desde o começo: no papel, a unidade contava com força total, mas havia linhas retas de menos e soldados de mais exercendo outras atividades, caçando leões ou fixados em locais com nomes estranhos. Havia apenas dois tetas.

O estágio seguinte era cruzar as informações do registro geral com a lista de depósitos "com as normas" para descobrir os que tinham e os que não tinham economias em cada tipo de posto.

A nona hora estava chegando, e eles tinham examinado aproximadamente dois terços dos documentos. Mais uma vez, um padrão tinha surgido: quase todos aqueles que tinham uma linha ao lado do nome tinham economias. Quase nenhum dos que estavam em missões fora tinha um único denário em seu nome.

Os trovões estavam mais próximos agora. Brilhos de relâmpagos iluminavam o interior das nuvens negras. O resto do céu era de um tom amarelado. A dor de cabeça de Balista não tinha melhorado. Ele tinha pedido comida e dado instruções para que, quando chegassem, o contador e o guarda-livros fossem colocados em uma sala que saía do primeiro pátio. Calgaco deveria se assegurar de que Turpio escutasse quando lhe oferecessem comida e bebida. O próprio Turpio deveria esperar no salão principal de recepção que saía do segundo pátio. Não deviam oferecer para ele nem uma cadeira, e Máximo deveria ficar de olho nele — ou ficar por perto de uma maneira que fizesse com que Turpio pensasse que estava sendo vigiado.

Calgaco tossiu.

— Eles chegaram.

— Ótimo, Deixe-os suar um pouco.

Balista passou um tempo andando de um lado para o outro no terraço, Na margem oposta do Eufrates, um homem montado em um jumento dirigia-se para o rio. Balista ficou imaginando se ele chegaria antes da chuva. Ele se voltou para Mamurra e Demétrio.

— Tragam-no aqui. Vamos dar continuidade logo a isso.

— Primeiro centurião.

— *Dominus*. — Turpio parecia estar no fim da linha. Os ombros estavam encurvados e a cabeça projetava-se para a frente. Havia bolsas enegrecidas sob seus olhos.

Balista se inclinou com as pontas dos dedos em cima da mesa. Pousou os olhos nos papéis durante algum tempo, então, de repente, ergueu o olhar.

— Há quanto tempo você e Caio Escribônio Muciano estão fraudando o tesouro militar?

Turpio não se abalou,

— Não faço idéia do que está falando, *Dominus*.

— É o truque mais velho do mundo. — Balista tentou conter a explosão de irritação que se ergueu dentro dele. — O primeiro centurião e o comandante da unidade conspiram juntos. — Turpio desviou o olhar. Balista prosseguiu, sem

remorsos. — Quando um homem morre ou é transferido, ele é mantido nos registros. Quando os recrutas são chamados, nomes inventados são anotados. Os recrutas imaginários e os mortos são enviados em "missões de destacamento". Seu pagamento continua sendo retirado. Vai para o comandante e o primeiro centurião. — Balista fez uma pausa. — Você quer que eu acredite que esta unidade tem 85 homens caçando leões? Vários dos lugares que você quer me fazer acreditar que contêm grandes destacamentos desta unidade fixados: Castelo Abrão, Chafer Avira, Magdala... não existem nos itinerários oficiais desta área. — Com o primeiro nome, Turpio ergueu os olhos, depois voltou a abaixá-los. — Funcionou bem durante algum tempo. Agora acabou. Caio Escrivão Muciano e você foram bem cuidadosos, mas não o bastante. Esqueceram de criar economias para os soldados imaginários.

— Balista se inclinou para perto de Turpio. — Acabou. Escrivão fugiu. Deixou você aqui para levar toda a culpa. Se permanecer em silêncio, na melhor das hipóteses, será enviado para as fileiras. Se me contar tudo, as coisas podem terminar melhores para você. Foi idéia de Escrivão?

Turpio endireitou os ombros.

— Ele é meu oficial de comando. Não vou dar informações contra ele.

— A sua lealdade lhe vale certo crédito. Mas ele não merece lealdade. Fugiu como um covarde. — Balista fez outra pausa. A dor de cabeça o estava deixando enjoado. — Você vai me contar tudo, de um jeito ou de outro. — As últimas palavras não precisaram de ênfase.

— Se me contar tudo, tem uma chance de redenção, uma chance de resgatar o respeito por si mesmo e o dos seus homens. Vou deixar você pensar um pouco,

Balista se virou e, seguido por todos menos Turpio e Máximo, foi para o outro lado do terraço. Ele se debruçou por cima da amurada. Sua cabeça estava latejando de dor. O homem no jumento tinha desaparecido.

As primeiras gotas gordas de chuva caíram. Quando eles voltaram para baixo do pórtico, o ar já estava cheio de água. Turpio não tinha precisado de muito tempo para pensar.

— Caio Escrivão Muciano me instruiu do que iríamos fazer no ano passado, depois da luta para expulsar os persas de Arete — ele disse assim que Balista entrou. — A coorte tinha sofrido baixas. Ele disse que era um bom momento para iniciar o esquema. — O centurião fez uma pausa para pensar. — Foi como você relatou. A maior parte dos homens registrados como estando em missão externa não existe. Magdala e Chafer Avira não existem. Ou, pelo menos, não existem mais. Becchufryan fica a quilômetros Eufrates abaixo. Está nas mãos

dos sassânidas. Há anos não existe um único soldado romano lá. Castelo Abrão é real. Talvez seja novo demais para aparecer nos itinerários oficiais. — Ele parou.

— Qual era a sua porcentagem?

— Dez — Turpio respondeu prontamente. — Eu depusitei tudo, toda a quantia, com um homem na cidade. Não gastei nada. Posso devolver tudo.

Ouviu-se o estrondo dos trovões sobre eles. Os homens na sala estavam em silêncio.

Finalmente, Balista falou.

— O que ele tinha contra você para fazê-lo tomar parte nisso?

Turpio não falou.

— Dívidas de jogo? Uma mulher? Um garoto?

— Faz diferença? — Um clarão de relâmpago iluminou o aposento. O rosto de Turpio parecia mais pálido do que nunca.

— Faz, se puder voltar a acontecer.

— Não pode voltar a acontecer — disse Turpio.

— Eu devia mandar decapitá-lo no meio do *campus martius*, — Balista deixou suas palavras pairarem no ar durante um bom tempo.

— Em vez disso, eu o nomeio comandante em exercício da coorte.

— Turpio parecia estupefato. — Agora você precisa comprovar que é um bom oficial. E tarde demais para conseguir novos recrutas, mas, até a primavera que vem, quero que você deixe essa coorte pronta para a luta. Quero que os treine até caírem, Ah, e pode devolver o dinheiro para Demétrio. Ele poderá ser usado na substituição de equipamento.

Turpio começou a agradecer Balista, que o interrompeu.

— Esta conversa não precisa ir além destas paredes. Só não traia a minha confiança.

Dava para ouvir a chuva batendo no telhado plano. A dor de cabeça de Balista estava quase passando.

## VIII

Tinha chovido a noite toda, depois o dia inteiro, Demétrio estava começando a imaginar se aquilo iria parar em algum momento. As calhas que tinham passado despercebidas no terraço do palácio lançavam jatos fortes de água para longe da encosta da ribanceira. No final da tarde, no leito do penhasco do norte, havia uma torrente capaz de carregar pedras pequenas. Na boca do penhasco, as águas do Eufrates tinham assumido um tom pardacento.

O dilúvio primordial devia ter começado assim. Zeus, irritado com os crimes da humanidade, tinha enviado uma enchente para deter a matança, os sacrifícios humanos e o canibalismo. Um homem, Deucalião, avisado por seu pai imortal, o titã Prometeu, tinha construído uma arca. Nove dias depois, guiada por uma pomba, a arca tinha depositado Deucalião e sua mulher, Pirra, no monte Parnassos (ou, como outros chamavam, montes Etna, Atos ou Othrys). Outras pessoas fugiram para terras altas, alertadas pelos lamentos dos pássaros ou pelo uivo dos lobos. Às vezes, Demétrio não tinha muita certeza se Zeus fizera a coisa certa ao ceder.

Assim que chegou o convite de Iarhai para cear, Demétrio soube que se anunciava confusão. Balista tinha aceitado na mesma hora, apesar de saber que o gesto era anti-político: serviria para afastar ainda mais Ogelos e Anamu. Demétrio tinha certeza de que fora Bathshiba a responsável por fazer seu senhor ignorar tais considerações.

Estava quase escuro quando o grupo de dez homens partiu. Os convidados, Balista e Mamurra, foram acompanhados por Demétrio, Bagoas, Máximo e cinco soldados da *equites singulares*. As tochas apagaram-se imediatamente sob a chuva torrencial e, em poucos momentos, Demétrio percebeu que estava perdido. Ele invejava a capacidade que Balista e Máximo tinham de sempre encontrar o caminho.

Um porteiro fez o grupo entrar e Demétrio e Bagoas acompanharam Balista e Mamurra quando estes foram conduzidos para o interior da casa.

A sala de jantar era uma mistura de Oriente e Ocidente. O piso era coberto por um mosaico tipicamente grego ou romano que exibia os restos de uma refeição: espinhas de peixe, ossos de animais, cascas de castanhas, caroços de azeitona, restos de cereja. Havia tapetes persas pendurados nas paredes. Lamparinas de metal rebuscadas produziam uma luz suave. Braseiros esquentavam e perfumavam o local com canela, bálsamo e mirra.

Havia apenas um sofá *sigma*, um semi-círculo com lugar para sete pessoas, com uma mesa no meio. Quatro homens estavam ali bebendo *conditum*, vinho quente

com especiarias. Um deles era o anfitrião, dois Demétrio não reconheceu e o outro era Acilio Glabrio.

— Bem-vindos à minha casa, Balista e Mamurra. — Iarhai estendeu a mão.

— Obrigado por nos convidar. — Eles sorriram e apertaram sua mão.

Balista voltou-se para Acilio Glabrio.

— *Tribunus Laticlavius*.

— *Dux*. — Nenhum dos dois sorriu.

Iarhai ofereceu uma bebida aos recém-chegados, que ambos aceitaram, e apresentou os outros dois homens. Demétrio os marcou como *umbrae*, sombras, clientes do anfitrião.

— A minha filha disse para não esperarmos por ela, que logo irá se juntar a nós.

Tanto Balista quanto Acilio Glabrio se alegraram visivelmente. Demétrio se sentiu desgostoso.

— Diga-me, *Dux*, o que acha do nosso clima? — Iarhai sorriu.

— Maravilhoso, Estou surpreso pelo fato de os senadores eupátridas de Roma não abandonarem todos a baía de Nápoles e começarem a construir suas mansões de férias vergonhosamente extravagantes aqui. — Assim que pronunciou essas palavras, Balista se arrependeu, Acilio Glabrio não aceitaria com leveza o fato de um bárbaro estar caçoando das classes patricias. Ele se virou para o tribuno com um sorriso que esperava parecer aberto e inofensivo. Foi recebido por um rosto inexpressivo. Parecia que, a cada vez que se encontravam, gostavam menos um do outro. Será que a atitude de Acilio Glabrio iria se estender à obediência de ordens? Será que ele não desertaria ou não se revelaria um traidor, como Escribônio Muciano?

— Amêndoas salgadas? — Iarhai colocou-se entre os dois homens. — Um tolo certa vez me disse que, se comermos amêndoas suficientes antes de beber, nunca ficaremos bêbados.

Mamurra entrou na conversa:

— Uma vez ouvi dizer que, se usar uma pedra preciosa, você também nunca fica bêbado... Uma ametista, talvez? — O momento de desconforto passou.

— Vamos para a mesa — Iarhai ocupou o lugar mais alto na ponta esquerda e indicou onde os outros deveriam se recostar: Balista ao lado dele, um lugar vazio reservado para Bathshiba, Acilio Glabrio e depois Mamurra. Os dois *umbrae* ocuparam os lugares de menos honra.

O primeiro prato foi servido. Pelos padrões dos ricos do *imperium*, e não restava dúvida de que o anfitrião fazia parte desse grupo, a comida não tinha nada de ostentação. Anchovas salgadas escondidas sob fatias de ovos cozidos, *escargots* cozidos em vinho branco, alho e salsinha, e uma salada de alface e rúcula, bem equilibrada. Acreditava-se que a rúcula fosse estimulante sexual, a alface, antiafrodisíaca.

Os homens comeram. Demétrio observou que, enquanto os outros agiam de modo contido, Balista e Iarhai bebiam muito.

*Chegue tarde, quando as lamparinas estiverem acesas;  
Faça uma entrada cheia de graça — o atraso ressalta o charme.*

Ao recitar o fragmento de poesia latina, Acilio Glabrio levantou-se com toda a educação.

Bathshiba estava à porta, iluminada. Até Demétrio precisou reconhecer que ela estava estonteante. Ela usava uma veste fina de seda branca que se apertava contra os seios cheios e os quadris, enfatizando-os, Demétrio sabia que ela seria quase irresistível a Balista, Os outros homens se levantaram atrapalhados, nenhum deles com a graça de Acilio Glabrio.

Bathshiba lançou um sorriso deslumbrante para o jovem patricio, com dentes muito brancos em contraste com a pele cor de oliva. Enquanto caminhava na direção do sofá, seus seios balançavam, pesados porém firmes, obviamente soltos por baixo do vestido. Com toda a graça, ela permitiu que Acilio Glabrio lhe desse a mão ao ocupar seu lugar e deu um pequeno sorriso a Balista, que estava a seu lado.

O prato principal foi, mais uma vez para os padrões do anfitrião, bem simples: javali selvagem, almôndegas de cordeiro, repolho temperado com azeite, tutano com molho de pimentão e o pão achatado local. Dois músicos, um com uma lira e o outro com uma flauta, começaram a tocar com suavidade. Ambos pareceram ligeiramente familiares a Demétrio.

Por um momento, a chegada de Bathshiba fez a conversa cessar. O decote generoso e a pele cor de oliva obviamente atraíam tanto Balista quanto Acilio Glabrio. No entanto, o homem do norte parecia estar com dificuldade de encontrar alguma coisa para dizer. Depois de um curto intervalo, ele retomou sua conversa com Iarhai a respeito dos níveis de resistência do camelo e do cavalo. Acilio Glabrio, por outro lado, estava se deleitando profundamente. Atencioso, despreocupado e sagaz, ele obviamente se considerava o companheiro ideal para uma moça durante o jantar. Apesar de a conversa ser em grego, ele não foi

capaz de resistir a uma declamação ocasional de versos em latim:

*O vinho eleva o coração, inclina à paixão:  
Beber muito dilui e acaba com o carinho  
Em um mar de risos, dá ao pobre autoconfiança,  
Alisa rugas, coloca um ponto final  
À dor e à mágoa. Então, o dom mais raro do nosso tempo,  
A simplicidade, abre todos os corações, assim como o deus  
Dissipa a malícia. A mente dos homens sempre se encantou  
Pelas moças em tais momentos: ah, Vênus no vinho  
É fogo dentro do fogo!*

O último prato demonstrou o mesmo comedimento quase extravagante que marcara os dois anteriores: frutas secas, ameixas de Damasco, figos e tâmaras locais, pistaches e amêndoas, um queijo defumado, algumas peras cozidas e maçãs frescas. O vinho foi substituído por uma bebida doce e escura de Lesbos.

Demétrio não gostou nada da aparência das coisas. Balista e Iarhai estavam claramente bebendo ainda mais rápido agora. Havia um brilho estranho no olho de seu *Kyrios* e uma tensão em seus ombros. Ele obviamente estava incomodado com a intimidade de Acilio Glabrio com Bathshiba. O jovem patricio poderia a qualquer momento despertar o que existia de pior no homem do norte. Com toda a honestidade, a frequência cada vez maior das declamações de poesia latina do tribuno estava começando a irritar Demétrio também. Depois de cada exibição, o jovem patricio se recostava com um sorriso que sugeria que ele estava se deleitando com uma piada interna. Ele tomava o cuidado de evitar citar o nome do poeta. Seu público era ou muito educado ou muito relutante em mostrar sua ignorância e perguntar. Assim como a maior parte dos gregos cultos, Demétrio, em público, alegava ignorância a respeito da literatura latina, apesar de, em particular, ter bons conhecimentos sobre o assunto. Ele conhecia os versos, mas naquele momento não era capaz de recordar seu autor.

Uma seqüência de notas exagerada na lira colocou fim a uma canção e chamou a atenção de Demétrio para os músicos. De repente, ele se deu conta de quem eles eram: não eram escravos músicos de jeito nenhum, mas sim dois dos mercenários de Iarhai. Ele os tinha ouvido tocar à beira da fogueira do acampamento. Com apreensão cada vez maior, o jovem grego olhou para a sala ao redor de si. Os quatro escravos de Iarhai eram todos mais velhos, homens de aparência robusta. E não eram escravos: eram mercenários também. Apesar de ele não saber ao certo, os dois *umbræ* que relaxavam à mesa podiam muito bem

ser oficiais da tropa de mercenários. *Pelos deuses, ele pode nos matar a qualquer momento.* Uma cena de Plutarco lhe veio à mente: Marco Antônio e Otaviano jantando no navio principal de Sexto Pompeu, e o pirata Menas sussurrando no ouvido do almirante: "Devo cortar os cabos e transformá-lo no senhor de todo o mundo?".

— Demétrio! — Balista acenava com a caneca vazia e impaciência ao garoto grego que voltou para o presente com um estalo. Iarhai e Balista bebiam juntos, alegres. Por que o escoltador de caravana iria querer o homem do norte morto? Até mesmo Sexto Pompeu tinha rejeitado a oferta: "Menas, eu teria preferido que você agisse em vez de mencionar o assunto com antecedência".

*... não desperdice tempo precioso...*

*Divirta-se enquanto pode, na flor da juventude; os anos deslizam*

*Como um riacho que corre,*

*E a água que se vai jamais pode ser recuperada,*

*A hora perdida nunca retorna.*

Acílio Glábrio se recostou com um meio sorriso estampado nos lábios, roçando de leve o braço de Bathshiba com a mão.

Ovídio. Demétrio lembrou. E o poema era "A arte do amor". Que porco pretensioso. Acílio Glábrio estava lendo aquilo ontem mesmo... como se isso fosse uma grande demonstração de cultura. Não havia nada por trás daqueles sorrisinhos convencidos. Demétrio se lembrou de como a passagem continuava:

*Você que hoje fecha do lado de fora seus amantes vai ficar*

*Velho e com frio e só na cama, sua porta sem nunca*

*Se abrir ao barulho da meia-noite, nunca na madrugada*

*Rosas coloridas espalhadas na soleira! Cedo demais... ah, pavor!*

*A pele fica flácida e enrugada, a aparência*

*Se perde, as mechas brancas que você jura estarem lá*

*Desde o tempo da escola de repente se espalham,*

*Você ficou grisalho.*

As passagens que Acílio Glábrio tinha recitado continham uma série de piadas pejorativas à custa dos outros comensais, que ele sem dúvida considerava ignorantes demais para perceber o que ele estava fazendo.

Como era mesmo a continuação da passagem sobre chegar tarde?

*Você pode ser simples, mas vai parecer maravilhosa para os bêbados:  
Luzes suaves e sombras vão mascarar seus defeitos.*

Demétrio não podia dizer nada a ninguém no momento. De fato, se ele contasse para Balista enquanto ele estava bêbado, o resultado poderia ser catastrófico. Mas pelo menos ele tinha descoberto o segredinho do presunçoso patrício romano.

Iarhai fez um gesto e coroas de rosas frescas e tigelas de perfume apareceram, sinal de que a hora de comer chegara ao fim e que o momento de beber e de fazer brindes a sério estava prestes a começar. Demétrio colocou uma coroa na cabeça de Balista e posicionou a tigela de perfume ao lado de sua mão direita. Depois de se ungir, Balista fez um gesto para que o jovem grego se aproximasse. O homem do norte pegou a coroa extra que Iarhai tinha fornecido exatamente para isso e a colocou na cabeça de Demétrio. Ele então ungiu o garoto.

— Vida longa, Demétrio.

— Vida longa, *Kyrios*.

— Um brinde! — Acilio Glabrio não tinha consideração suficiente por seu escravo para ungi-lo ou colocar uma coroa de rosas nele. — Um brinde ao nosso anfitrião, o *synodiarch*, o escoltador de caravana, o *strategos*, o general. O guerreiro cuja espada nunca dorme. Ao homem que chafurdou em sangue persa até os joelhos para libertar esta cidade. A Iarhai!

Antes que as visitas pudessem beber, Iarhai voltou-se e olhou com ódio para o jovem romano. O rosto castigado do *synodiarch* estava contorcido com uma irritação que ele mal conseguia conter. Um músculo sofreu um espasmo no pômulo direito quebrado.

— Não! Ninguém vai beber a isto na minha casa. — Iarhai olhou para Balista. — Sim, eu ajudei a acabar com a ocupação sassânida desta cidade. — Seu lábio se curvou em desgosto. — Você provavelmente ainda é jovem demais para entender — ele disse ao homem do norte —, ninguém, provavelmente, nunca vai entender — ele fez um gesto com a cabeça a direção de Acilio Glabrio e parou de falar. Seus olhos estavam sobre Balista, mas ele se fechara em seus pensamentos. — Muitos dos integrantes da guarnição persa tinham trazido a família consigo. Sim, eu chafurdei até os joelhos no sangue... o sangue de mulheres, crianças e bebês de colo. Nossos camaradas cidadãos se ergueram e os massacraram, estupraram, torturaram e então os mataram... todos eles. Gabaram-se de estar "limpando" a cidade dos "répteis"

O olhar de Iarhai voltou a se focar. Ele olhou para Bathshiba e depois para

Balista.

— Passei a vida toda matando. E o que um *synodiarch* faz. Você tem de proteger as caravanas. Você fala com desconhecidos, com os nômades do deserto. Você mente, trapaceia, suborna, faz acordos. E quando tudo isso dá errado, mata. Eu tenho sonhos. Sonhos ruins. — Um músculo do seu rosto tremeu. — Eu não desejaria tais sonhos nem a Anamu e Ogelos... Você acredita em vida após a morte, em punição na vida após a morte? — Mais uma vez, seu olhar ficou desfocado. — As vezes eu sonho que morri. Estou parado no bosque de choupos negros perto do riacho oceânico. Pago o balseiro. Atravesso o rio odioso. Radamanto me julga. Tenho de tomar a estrada para os campos de castigo do Tártaro. E eles estão à minha espera, "os benevolentes", os demônios da desforra e, atrás deles, os outros: todos aqueles que matei, com as feridas ainda abertas. Não há pressa, temos a eternidade, — Iarhai soltou um suspiro profundo e então deu um sorriso de autodesprezo. — Mas talvez eu não tenha o monopólio sobre os demônios internos...

A fala arrastada de patricio de Acilio Glabrio rompeu o silêncio.

— Discussão sobre a imortalidade da alma, Este é um verdadeiro simpósio, um diálogo socrático real. Não que eu tenha desconfiado, nem por um instante, que a conversa depois do jantar nesta residência tão estimada iria se assemelhar à do jantar de Trimalquio em *Satyricon*, de Petrônio. — Tudo em seus trejeitos sugeria que era exatamente o que ele pensava. — Sabe, todos aqueles homens livres pavorosos, emergentes, sem cultura alguma, falando tolices sobre lobisomens e coisas assim.

Balista virou o corpo em um movimento pesado. Seu rosto estava vermelho, seus olhos brilhavam de maneira nada natural.

— O nome do meu pai é Isangrim. Significa "Máscara Cinzenta" Quando Woden chama, Isangrim larga a lança e oferece sua espada ao Pai-de-Todos. Ele dança e uiva perante a muralha de escudos. Ele usa uma capa de pele de lobo.

Um silêncio de estupefação se instalou. Demétrio era capaz de ouvir o óleo chiando em uma das lamparinas.

— Pelos deuses, está dizendo que o seu pai é um lobisomem? — Acilio Glabrio exclamou.

Antes que o homem do norte tivesse chance de responder, Bathshiba começou a recitar em grego:

*Faminto como os lobos que rasgam e engolem carne crua,  
Corações cheios do frenesi da batalha que nunca morre...*

*Nas ribanceiras, dilacerando algum cervo com grande galhada  
Eles se banqueteiavam com a presa até sangue pingar das mandíbulas  
... Mas a fúria, nunca abalada,  
Cresce dentro de seu peito.*

Ninguém no *imperium* deixaria de reconhecer a poesia de Homero. Bathshiba sorriu.

– Veja, o pai do *Dux Ripae* não podia estar em melhor companhia quando se prepara para lutar como um lobo. Ele está na companhia de Aquiles e seus Mirmídonos.

Ela olhou de relance para o pai, que entendeu a deixa e, com gentileza, indicou que estava na hora de os convidados irem embora.

O clima confundia a todos. As primeiras chuvas do inverno sempre duravam três dias; foi o que todo mundo tinha dito. Neste ano, elas duraram cinco. Na metade da manhã do sexto dia, o vento noroeste tempestuoso tinha soprado para longe as grandes nuvens pretas. O céu azul lavado levou os moradores de Arete para ruas enlameadas e um bom número deles se deslocou até os portões do palácio. Todos chegaram dizendo que era fundamental falarem com o *Dux*. Traziam relatórios, queixas, pedidos de justiça ou de ajuda. Uma parte da ribanceira no penhasco ao norte, na ponta extrema do portão menor, tinha desbarrancado. Uma fileira de três casas perto da ágora tinha desabado. Dois homens, que tinham sido tolos o bastante para tentar remar até a Mesopotâmia, estavam desaparecidos, provavelmente afogados. Um soldado da *Cohors XX* tinha sido acusado de estuprar a filha de seu senhorio. Uma mulher tinha dado à luz um macaco.

Balista conseguiu dar conta da enxurrada de pedidos, pelo menos a ponto de mandar prender o soldado e, depois de enviar um mensageiro na frente, combinou com Acilio Glabrio de encontrá-lo ao meio-dia na torre da muralha noroeste, perto do templo de Bel, para dar início a uma rodada de inspeções tanto da artilharia quanto das muralhas de Arete. Ele estava acompanhado por Mamurra, Demétrio, Máximo, o porta-estandarte Rômulo, o *haruspex* sênior, dois escribas, dois mensageiros e dois arquitetos locais. Cinco soldados da *equites singulares* tinham sido mandados a cavalo para limpar a área do lado de fora das muralhas,

Ele não se sentia ansioso por esse encontro. Se pelo menos ele tivesse mantido a discrição durante o jantar na casa de Iarhai... O que o havia feito admitir que seu pai, Isangrim, era um guerreiro dedicado a Woden, um guerreiro que, de vez em quando, sentia a loucura dos lobos durante a batalha? Claro, ele estava bêbado. Possivelmente tinha ficado sensibilizado pela confissão de Iarhai. Certamente

estava irritado com a atitude arrogante de Acílio Glábrio. Mas essas eram apenas desculpas.

Poderia ter sido pior. Esse fato não era um segredo como as visitas do fantasma de Maximino o Trácio. Se ele tivesse revelado aquilo, as pessoas ou iriam achar que ele deveria ser mantido afastado por ser assombrado por um demônio poderoso ou que era completamente louco. Além do mais, admitir que tinha matado um imperador, ainda que o morto fosse odiado por absolutamente todos, não era bem visto por quem estava no poder, Poderia ser uma afronta à tolerância até mesmo de um par de governantes tão dóceis e compreensivos como Valeriano e Galiano.

Balista subiu a escada e entrou na plataforma de luta no topo da torre.

— *Dux Ripae*. — Havia um sorriso de desdém mal disfarçado no rosto de Acílio Glábrio, mas a atenção de Balista estava voltada para outra coisa. Ali, no meio da plataforma varrida pelo vento, sem a cobertura, havia uma peça de artilharia enorme, uma balista. O homem do norte tinha recebido seu nome devido a sua enorme fascinação por aquelas máquinas.

Balista sabia que Arete possuía 35 peças de artilharia. Havia uma instalada no topo de cada uma das 27 torres. O portão de Palmira e a *Porta Aquaria* exibiam quatro cada um. Duas no telhado e duas que eram acionadas através de fendas de tiro no primeiro piso. No total, vinte e cinco armas atiravam projéteis de 75 centímetros. Essas eram as armas ofensivas. Dez atiravam pedras. Essas tinham a intenção inicial de destruir o maquinário de cerco do inimigo, mas também podiam ser usadas para matar homens. Todas eram operadas por legionários da *Legio IIII*.

O homem do norte tinha escolhido começar a vistoria por ali porque aquela torre abrigava uma das maiores balistas. Uma moldura retangular de madeira maciça reforçada com ferro de cerca de 3 metros de largura segurava, perto de cada ponta, uma mola de torção de base trançada, cada uma do tamanho de um homem muito alto. Inseridos nessas molas estavam os braços do arco. A haste, de cerca de 6 metros, projetava-se para trás da moldura. Uma peça deslizante se encaixava a ela, sendo que na parte de trás havia ganchos que prendiam a corda do arco. Dois sarilhos fortes puxavam a peça deslizante para trás e a corda do arco, forçando os braços a se retraírem. O projétil era colocado na peça deslizante. Uma lingueta a segurava no lugar, e uma junta universal permitia que ela corresse de um lado para o outro, e para cima e para baixo. O soldado acionou um gatilho, liberando a enorme força de torção das tiras.

Balista deixou que seus olhos percorressem alegremente a madeira escura polida, o brilho fosco do metal. Todas as balistas funcionavam de acordo com os mesmos princípios, mas esta era de qualidade excepcional. Uma bela e terrível

peça de engenharia, a arma enorme lançava pedras arredondadas pesando nada menos do que dez quilos. Arete tinha três outras máquinas daquele porte; duas no telhado do portão de Palmira e uma na quarta torre a norte dali. As outras seis lançadoras de pedras de Arete lançavam projéteis de três quilos. Todas, à exceção de uma, cobriam a muralha oeste, a que ficava de frente para a planície, porque era pelo outro lado da planície que qualquer máquina de cerco inimiga iria se aproximar.

Acilio Glabrio apresentou Balista para a equipe: o único homem de artilharia treinado, o *ballistarius* responsável pela peça, e seus ajudantes sem treinamento, quatro homens para o sarilho e dois carregadores de munição. Eles pareceram deleitados quando Balista pediu um tiro de demonstração. Ele apontou uma pedra a cerca de 400 metros de distância, o limite de alcance da máquina. Balista precisou se controlar para não assumir o comando enquanto eles preparavam e disparavam a arma.

Zunido, deslizamento e baque foram os efeitos produzidos pela peça de artilharia quando o projétil foi disparado. A pedra brilhou nos oito ou nove segundos que ficou no ar. Uma fonte de lama apareceu no lugar em que ela caiu — 30 metros antes do alvo e, pelo menos, 20 à direita.

— Qual é a média de tiro que você é capaz de manter?

O homem da artilharia nem tentou responder à pergunta de Balista, e olhou para Acilio Glabrio sem saber o que fazer. Acilio, pelo menos dessa vez, pareceu levemente constrangido.

— Não sei dizer. O *Dux Ripae* anterior não incentivava, ou melhor, proibiu categoricamente o treino de tiro. Ele dizia que era desperdício de munição cara, que colocava em perigo os transeuntes e iria estragar os túmulos da planície. Os meus homens nunca tiveram permissão para atirar antes.

— Quantos *ballistarii* treinados nós temos?

— Dois em cada centúria... apenas 24 — respondeu Acilio Glabrio, fazendo uma exibição corajosa da situação.

Balista sorriu.

— Tudo isso vai mudar.

O grupo, agora aumentado por Acilio Glabrio, dirigiu-se para o sul dando continuidade à inspeção. Os homens pararam para avaliar as muralhas, com os dois arquitetos à frente. Construídas diretamente sobre o leito de pedra, elas tinham cerca de 10,5 metros de altura e eram dentadas no alto. Eram amplas, com passarelas de cerca de 5 passos de largura. As torres se estendiam uns 3 metros acima das muralhas e se projetavam tanto para a frente quanto para trás.

A parte dentada no alto das torres se estendia para os lados, dificultando a invasão, ao longo da passarela, de algum inimigo que tivesse conseguido escalar até ali.

Os arquitetos locais foram unânimes ao garantir aos presentes que as muralhas estavam em bom estado; provavelmente não havia melhores no *imperium*, nenhuma atrás das quais se pudesse ficar em maior segurança.

Balista agradeceu a eles. Um centurião da *Cohors XX* que marchava em treinamento no *campus martius* chamou sua atenção. Turpio estava levando suas ordens a sério. Balista retornou a atenção às muralhas.

— As muralhas estão boas — Balista continuou —, mas sozinhas não bastam. Precisamos cavar um fosso na frente da muralha oeste para impedir que arietes ou torres de cerco tenham o acesso facilitado, — Ele lançou um olhar para Demétrio, que já estava tomando notas. — A terra tirada do fosso pode formar parte do anteparo, o banco de terra de que precisamos para amortecer as muralhas no caso do uso de um ariete ou de artilharia. — Ele fez uma pausa para avaliar como colocaria a parte seguinte, — Se houver um anteparo, é necessário que haja um contra-anteparo no lado reverso da muralha. Se não, a pressão do banco de terra do lado de fora vai derrubar a muralha. — Ele olhou para os arquitetos, que assentiram.

Um dos arquitetos deu uma olhada na muralha, imaginando o fosso e o anteparo.

— O fosso precisaria ter profundidade sobre-humana para fornecer material suficiente para um anteparo de um lado... ainda mais de dois — ele arriscou. — E de onde mais o material poderia ser retirado?

— Não se preocupe com isso. — Balista deu um sorriso enigmático. — Eu tenho um plano.

Na metade da tarde do segundo dia, Balista tinha terminado sua inspeção com uma longa volta pelo armazém da artilharia, um grande complexo no terreno aberto ao sul do palácio, onde novas máquinas eram construídas, as velhas consertadas, as peças sobressalentes guardadas e os projéteis criados: as pedras eram talhadas até ficarem com o peso certo e quase perfeitamente redondas, as pontas de ferro das flechas eram forjadas e encaixadas nas hastes de madeira.

Foi só aí que Demétrio encontrou tempo para finalmente dar vazão a sua paixão secreta e que lhe enchia de culpa: a oniromancia, fazer previsões sobre o futuro por meio dos sonhos. Ele se esgueirou para fora pela porta dos serventes e saiu às ruas. A cidade loteada e a luz clara do dia deveriam ter facilitado seu objetivo, mas o jovem grego ainda assim conseguiu se perder na caminhada de quatro quarteirões até a água.

Era surpreendentemente pequena para uma cidade daquele tamanho, e foi fácil

para Demétrio encontrar o que desejava: um *oneiroskopos*, um intérprete de sonhos. Ele estava no canto mais distante, perto da entrada do beco onde as prostitutas se encontravam. Apesar do frio e do vento, ele estava vestindo apenas uma capa esfarrapada e um pano na virilha. Seus olhos leitosos olhavam para cima sem enxergar nada. Seu pescoço era magro e as veias dali saltavam, pulsando através da pele quase translúcida. Ele não poderia ter outra profissão.

Quando Demétrio deu um passo audível, os nervosos olhos brancos se moveram em sua direção,

— Você tem um sonho que pode revelar o futuro — o velho disse em grego, com a voz que era mais um coaxar rouco, O adivinho pediu três *antoniniani* para revelar seu significado mas fechou por um, — Primeiro, preciso conhecer você. Qual é o seu nome, o nome do seu pai, a sua cidade natal?

— Dio, filho de Pasicrates de Prusa — Demétrio mentiu. Sua rapidez de pensamento devia-se ao fato de usar sempre o mesmo nome.

A cabeça do homem de idade avançada pendeu para um lado, como se estivesse avaliando se faria ou não algum comentário. Resolveu não fazer. Em vez disso, desfilou mais uma série de perguntas: Escravo ou livre? Ocupação? Situação financeira? Situação da saúde? Idade?

— Sou escravo, secretário. Tenho algumas economias. A minha saúde é boa. Tenho 19 anos. — Demétrio respondeu com a verdade.

— Quando teve o sonho?

— Há seis noites — Demétrio respondeu, contando inclusive a noite do sonho, como todo mundo fazia,

— Em que hora da noite?

— Na décima primeira hora de escuridão. Os efeitos do vinho da noite anterior já tinham passado fazia muito tempo. Foi bem depois da meia-noite, quando a porta de marfim através da qual os deuses enviam sonhos falsos se fecha e a porta de osso pela qual passam os verdadeiros se abre.

O cego assentiu com a cabeça.

— Agora me conte o seu sonho. Precisa me contar a verdade. Não pode adicionar, nem omitir nada. Se o fizer, a profecia resultará falsa. A culpa não será minha, mas sua.

Demétrio assentiu. Quando ele acabou de relatar seu sonho, o oniromante ergueu a mão pedindo silêncio. A mão tremia de leve e era marcada pelas manchas provocadas pela idade avançada. O tempo foi se estendendo. A água estava

esvaziando rapidamente.

De repente, o velho começou a falar:

— Não existem abutres machos, todos são fêmeas. Elas são fecundadas pelo sopro do vento do leste. Como os abutres não experimentam o frenesi do desejo sexual, eles são calmos e inabaláveis. Em um sonho eles significam a verdade, a certeza da profecia. Este é um sonho dos deuses.

Ele fez uma pausa antes de perguntar:

— O seu *Kyrios* mora na ágora?

Ao ser informado que não, o velho suspirou.

— Que coisa. Uma pena. Uma ágora movimentada teria sido um sinal auspicioso, mas, do jeito que as coisas são... — Ele deu de ombros. — Não é nada bom. É um símbolo de confusão e tumulto por causa da multidão que se dirige até lá. Há gregos, romanos e bárbaros no seu sonho, Haverá confusão e tumulto causados e experimentados por todos esses. E o coração de tudo é a estátua. — Ele se retraiu um pouco, como se estivesse pouco à vontade. — A estátua se moveu?

Demétrio murmurou que achava que não. A mão do homem de idade disparou e agarrou o braço do rapaz exercendo uma pressão contínua e firme.

— Pense! Pense com muito cuidado. Isso é realmente importante.

— Não... não, tenho certeza de que não se moveu.

— Isso, pelo menos, já é alguma coisa. — Um fio de saliva se pendurava nos lábios do adivinho. — A estátua era de ouro. Se o seu *Kyrios* fosse um homem pobre, serviria para indicar riquezas futuras, mas o seu *Kyrios* não é um homem pobre, ele é rico e poderoso. A estátua de ouro indica que ele será rodeado de traição e armações, porque tudo em relação ao ouro estimula as pessoas calculistas.

Sem aviso, o velho se levantou. Em pé, causava espanto de tão alto. De maneira categórica, ele coaxou que a sessão estava terminada, e que sentia muito por a profecia não ter sido melhor. Começou a arrastar os pés na direção do beco.

— Espere — Demétrio exclamou. — Espere. Não há mais nada? Algo que não queira me dizer?

O velho se virou da entrada do beco.

— A estátua era maior do que o tamanho natural?

— Não tenho certeza... não acho que fosse.

O velho soltou uma risada horrorosa.

— É melhor torcer para que tenha razão, menino. Se fosse, significaria morte para o seu amado *Kyrios*, Balista.

Mais uma vez, estava claro para Máximo que, apesar de ser um lutador nato, nunca chegaria a oficial. Era o tédio, o insuportável tédio de tudo aquilo. Os últimos dois dias tinham sido péssimos. Assistir aos treinamentos de tiro da artilharia não tinha sido tão ruim, apesar de um pouco repetitivo. Sem dúvida, era mais divertido quando havia alguém para servir de alvo. Mas ficar olhando a confecção dos projéteis tinha sido insuportável. E, no que diz respeito às muralhas, depois que você vê um muro grande, já viu todos. Mas essas coisas não tinham sido nada perto daquela manhã.

Como todo bom comandante romano com alguma coisa na cabeça, Balista tinha convocado seu *consilium*, seu conselho. Era formado apenas por Mamurra, Acílio Glabrio e Turpio, com Demétrio e Máximo como ouvintes. De acordo com a antiga tradição romana, eles tinham se encontrado bem cedo pela manhã, na primeira hora da luz do dia. Desde então, tinham discutido o tamanho da população de Arete. Com riqueza de detalhes. No último censo havia 40 mil homens, mulheres e crianças registrados na cidade e, desses, 10 mil eram escravos. Mas seria possível confiar nesses números? O censo tinha sido feito antes de os sassânidas tomarem a cidade e, de lá para cá, muita gente devia ter morrido ou fugido. Alguns podiam ter voltado e, com a invasão na primavera seguinte, muitos retornariam aos seus vilarejos. Talvez uma coisa compensasse a outra.

Quando Máximo achou que estava prestes a começar a berrar, Balista disse que eles teriam de acreditar nisso e usar os números disponíveis como guia.

— Agora, a verdadeira questão: Como vamos alimentar todas essas pessoas de março a novembro, quando estivermos cercados?

Vamos começar com as reservas de alimento existentes. — Ele olhou para Acílio Glabrio.

— A *Legio IIII* tem estoques de cereais e óleo para suprir nossos mil homens durante 12 meses. — O jovem aristocrata tomou cuidado para não parecer arrogante. Não havia necessidade.

— As coisas estão longe de estarem assim tão boas para os quase mil homens da *Cohors XX* — disse Turpio, com um sorriso torto. — Temos suprimentos secos para três meses, e molhados para apenas dois.

Balista olhou para Demétrio. Os olhos do jovem estavam desfocados; sua mente, em outro lugar.

— Demétrio, os números das reservas municipais e os dos três escoltadores de caravana.

— Desculpe, *Kyrios*. — Em sua confusão, o garoto escorregou momentaneamente para o grego, antes de continuar em latim. — Desculpe, *Dominus*. — Ele consultou suas anotações. — Todos os escoltadores de caravana dizem a mesma coisa, que têm suprimentos suficientes para seus dependentes, incluindo os mercenários, para 12 meses. Aliás, todos alegam ter cerca de trezentos mercenários. As reservas municipais têm cereais, óleo e vinho suficientes para toda a população durante dois meses.

— Obviamente, precisamos assegurar que os nossos soldados estejam supridos. E mesmo sabendo que, em última instância, os civis devem ser responsáveis por si mesmos, acredito que precisamos tentar suprir metade da ração deles durante o cerco — Balista disse. Antecipando a objeção esperada de Acílio Glabrio, ele proseguiu: — Nenhuma lei diz que devemos alimentá-los, mas vamos precisar de voluntários para lutar. Vamos colocar outros em grupos de trabalho. Morrendo de fome, os homens desesperados ficam propensos a se tornarem traidores e abrirem os portões. E é claro que existe um mínimo de senso humanitário.

— Será que podemos providenciar para que suprimentos nos sejam enviados pelo rio? — Mamurra perguntou.

— Uma boa questão. Sim, devemos tentar. Mas isso depende de outras pessoas, e de os persas não terem barcos nem cercarem os lugares rio acima que nos abasteceriam. Eu preferiria que o nosso destino estivesse em nossas próprias mãos. — Todo mundo concordou. — Mas, bem, vamos pensar sobre o assunto quando inspecionarmos os galpões de armazenagem.

Pelo menos os galpões ficavam perto, logo depois do palácio, no canto nordeste da cidade. Depois de se ver um celeiro do exército romano, já se viu todos, pensou Máximo. Criado em uma fazenda, o hispânico bem que admirava a praticidade das enormes construções compridas. Com seu projeto, os romanos tinham eliminado o risco de incêndio, a necessidade de manter a chuva e a umidade longe das paredes e de estar atento à circulação de ar. Mas ele nunca tinha entendido por que eles sempre construíam celeiros aos pares.

Um *contubernium* de dez legionários sob a atenção de um centurião descarregava uma carroça na plataforma de carregamento adjacente. Quando Balista e seu *consilium* subiram os degraus do primeiro celeiro, dois legionários, de maneira discreta porém perfeitamente audível, uivaram como lobos.

— Silêncio nas fileiras — Acílio Glabrio berrou. — Centurião, coloque esses homens sob acusação. — O jovem patricio lançou um olhar esquisito para

Balista. O homem do norte olhou de volta com ódio.

A escuridão fria e arejada de um dos celeiros sucedeu outra e mais outra, e Máximo se perdeu em pensamentos sobre a mulher que tinha dado à luz um macaco. Aquilo ainda ocupava sua mente depois que eles saíram dos celeiros do exército e chegaram ao grande caravancharai próximo ao portão de Palmira, que abrigava os suprimentos municipais. Era improvável que fosse qualquer tipo de augúrio ou aviso dos deuses, ele pensou. Ou ela tinha olhado para um macaco, ou para o desenho de um macaco, no momento da concepção, ou ela de fato tinha tido relações com um macaco. A idéia de que a mulher tinha dado à luz um bebê muito peludo, que por acaso se parecia um pouco com um macaco, nunca ocorrera ao hibernico.

— Certo — disse Balista. — Eis o que vamos fazer. Vamos confiscar este caravancharai e tudo que está dentro dele. Vamos colocar guardas tanto aqui quanto nos celeiros militares. Publicaremos um édito com o preço máximo dos alimentos... Demétrio, você pode elaborar uma lista de preços razoáveis para esta cidade? Qualquer pessoa que vender acima do preço será multada e terá suas mercadorias confiscadas. Vamos anunciar que o *Dux* vai comprar os alimentos a dez por cento acima do preço. Vamos continuar comprando, usando notas promissórias se necessário, até termos o suficiente para prover a ração completa às nossas tropas, mais ao número de milícias que viermos a criar, e metade da ração para os moradores, por nove meses.

Balista estava lívido, com uma irritação tão furiosa que ele achava difícil se concentrar. Aquele canalha do Acilio Glabrio não tinha perdido tempo em contar a história do pai-lobisomem do *Dux* bárbaro. Ele tinha aproveitado a oportunidade para desmoralizar Balista perante os legionários.

Ele forçou sua mente a se concentrar na questão do suprimento de água. Quase todos os prédios maiores na cidade de Arete ostentavam uma cisterna para a qual a água da chuva, recolhida com cuidado, era canalizada. Isso funcionava muito bem como reserva, mas, sozinho, o sistema não agüentaria mais do que algumas semanas. Elevada em seu platô, a cidade estava muito acima do lençol de água para se escavar poços de qualquer tipo. Seu principal fornecimento de água sempre tinha chegado, e sempre chegaria, no lombo de jumentos e de homens, por meio dos degraus íngremes que começavam às margens do rio Eufrates e seguiam até a *Porta Aquaria* ou a uma série de passagens cheias de curvas e túneis abertos direto na pedra. Enquanto as muralhas do oeste estivessem protegidas, chegando ao Eufrates do sopé da ribanceira, esse fornecimento não poderia ser interrompido. As muralhas eram curtas, cada lado medindo menos de 100 passos. Os pontos de acesso a elas, ao longo do fundo dos penhascos, eram difíceis e totalmente abertos aos projéteis das muralhas principais da cidade. Pareciam ser bem seguras, mas era para inspecionar tudo isso que o homem do

norte tinha ido até lá.

Balista desceu os degraus da *Porta Aquaria*. Ele olhou ao redor, para a planície estreita entre as ribanceiras e a água. Estudou as entradas dos túneis: dois tinham portão e três estavam fechados com tábuas, por não serem seguros. Ele avaliou as muralhas curtas e se sentiu mais tranquilo ao reparar que cada uma delas contava com a proteção no topo de uma torre. Finalmente, ele passou os olhos pelo cais e pelos barcos ali presentes. De volta ao topo, arfando um pouco, ele deu suas ordens.

Ninguém deveria tirar água das cisternas sem autorização oficial. Toda a água usada deveria vir do Eufrates. Guardas seriam enviados para todas as principais cisternas dos prédios militares e também ao caravançarai e aos templos principais. Uma centúria da *Legio IIII* seria posicionada na *Porta Aquaria*. Entre outras funções a serem determinadas mais tarde, seus homens deveriam supervisionar o transporte da água para cima e a segurança dos túneis. Aqueles considerados perigosos deveriam ser reparados ou fechados com segurança.

Foi para os túneis, com evidente preocupação, que Balista se voltou. Trouxeram lamparinas, fechos foram puxados e o portão de um dos túneis considerados seguros se abriu. Com a esperança de que sua extrema relutância não fosse notada, Balista adentrou o retângulo escuro. Parou logo, por um instante, esperando que seus olhos se acostumassem com a escuridão. Um curto lance de degraus se estendia à sua frente. Todos eles tinham uma parte mais funda no meio, onde gerações de pés os tinham desgastado. Após 12 degraus, a passagem fazia uma curva abrupta para a direita, Balista repetiu a frase que o tinha feito enfrentar tantas coisas ruins: "Não pense, apenas aja".

Pisando com cuidado, ele desceu os degraus. Ao fazer a curva, foi confrontado por mais um lance curto de degraus e mais uma curva para a direita. Passando esta, as coisas mudaram. Sob seus pés, os degraus deram lugar a uma rampa escorregadia de declive acentuado. Ao apoiar a mão para se equilibrar, Balista percebeu que as paredes eram ásperas e que água escorria por elas. Nenhuma luz do portão penetrava tão fundo. Balista ergueu a lamparina, mas a passagem parecia se estender para sempre. Fora de vista, alguma coisa guinchou e saiu correndo.

Balista queria muito sair daquele túnel, mas sabia que se desse meia-volta antes de a noite chegar todos os homens sob seu comando saberiam que seu novo *Dux* bárbaro, grande e durão, tinha medo de lugares fechados. De repente, o ar ao redor da cabeça do homem do norte estava cheio de silhuetas negras que rodopiavam e tremiam. Com a mesma rapidez com que tinha aparecido, o bando de morcegos foi embora, Balista limpou o suor das palmas das mãos na túnica. Só havia uma maneira de sair daquele túnel horrível. Ele cerrou os dentes e avançou na escuridão fria e úmida. Era como descer ao Hades.

Balista se sentia cansado, exausto. Estava sentado nos degraus de um templo no fim da Rua da Muralha, no canto sudoeste da cidade. Apenas Máximo e Demétrio continuavam com ele, mas nenhum dos dois falava. Era quase o anoitecer, e o dia tinha sido longo.

Todos os dias tinham sido longos desde que chegara ali, Balista pensava. Estamos aqui há apenas oito dias, o trabalho mal começou, e eu já me sinto exausto. O que foi mesmo que Bathshiba disse quando ele viu o lugar pela primeira vez? "Será que vale a pena?", ou qualquer coisa do tipo. Naquele momento, a resposta era não e sempre estivera na mente de Balista. Mas ele tinha sido enviado pelos imperadores, e um não levaria à morte ou à prisão.

Balista também se sentia sozinho e com saudades da esposa. As únicas três pessoas nessa cidade que ele podia chamar de amigos eram de sua propriedade, e isso criava uma barreira. Ele gostava muito de Demétrio; anos de perigos e prazeres compartilhados tinham feito com que ele e Máximo se aproximassem; Calgaco o conhecia desde que era criança. No entanto, mesmo com esses três, havia o constrangimento da servidão, Ele não podia falar com eles da maneira como falava com Julia.

Ele sentia falta do filho. Sentia uma dor quase esmagadora, quase desalentadora, quando pensava nele: seus cachos loiros, tão inesperados devido ao cabelo preto da mãe, seus olhos castanho-esverdeados, a curva delicada da bochecha, a perfeição da boca.

Pelos deuses, Balista desejou estar em casa. Quando formou o pensamento em sua mente, quis não tê-lo feito. Da mesma maneira que a noite se segue ao dia, o pensamento insidioso seguinte se esgueirou, indesejado, para dentro de sua mente: onde ficava sua casa? Será que era na Sicília? Seria a construção de tijolos forrada de mármore no alto das ribanceiras de Tauromenium? A elegante mansão urbana cujas sacadas e jardins tinham como vista a baía de Naxos e o pico fumegante do Etna, o lar que ele e Julia tinham formado e compartilhado durante os últimos quatro anos? Ou será que sua casa ficava ainda mais para o norte? A grande casa comprida com telhado de sapê, com tinta de gesso revestindo a treliça de varas e o reboco? A casa do pai, construída em terreno elevado logo depois das dunas de areia e dos pântanos salobros onde os naçaricos cinzentos chafurdavam e o chamado *keep keep* das batuíras cantava através dos juncos?

Um homem de meia-idade vestido apenas com uma túnica e segurando um bloco de escrever entrou na Rua da Muralha. Quando viu Balista esperando, começou a correr.

— *Kyrios*, sinto muito por estar atrasado.

Balista estava tirando o pó das roupas.

— Você não está atrasado. Nós é que estamos adiantados. Não se preocupe.

— Obrigado, *Kyrios*, é muita gentileza de sua parte. Os conselheiros disseram que queria ver as propriedades na Rua da Muralha?

Balista assentiu, e o escravo fez um gesto para o templo em cujos degraus o homem do norte tinha se sentado.

— O templo de Aphlad, uma divindade local que protege as caravanas de camelos, O interior foi repintado recentemente com dinheiro do nobre Iarhai, — O homem caminhou para trás na rua. — O templo de Zeus, *Kyrios*. A nova fachada foi fornecida pela generosidade do piedoso Anamu. — Chegaram ao quarteirão seguinte e o escravo ficou de costas para Balista. — Residências particulares, incluindo a bela casa do conselheiro Teodoto.

Seu pobre coitado, Balista pensou. Você é escravo do conselho de Arete. Esses homens são seus donos, provavelmente nem sabem o seu nome e ainda assim você se orgulha deles, de suas casas e de seus templos nos quais desperdiçam a riqueza, E esse orgulho é a única coisa que lhe dá um pouco de autoestima. O homem do norte olhou com tristeza para a Rua da Muralha. E eu vou tirar tudo isso deles. Em alguns meses, lá pelo *kalends* de fevereiro, vou ter destruído tudo isto. Tudo será sacrificado em nome do grande anteparo de terra que vai reforçar as defesas de Arete.

Um legionário apareceu correndo na esquina. Ao ver Balista, ele parou subitamente. Esboçou uma saudação e tentou falar. Estava sem fôlego e as palavras não vinham. Ele respirou fundo, inalando uma grande quantidade de ar.

— Fogo. O armazém de artilharia está pegando fogo. — Ele apontou por cima do ombro esquerdo. O vento forte do nordeste soprava a ponta de uma coluna de fumaça preta que se erguia sobre os vários telhados de Arete, diretamente para cima de Balista.

## IX

Balista saiu correndo pelas ruas que iam se enchendo de pessoas agitadas. Desviando-se das aglomerações ou passando pelo meio delas, Máximo e Demétrio corriam junto com o homem do norte. O legionário, que já estava sem fôlego antes, logo ficou para trás.

Quando chegou ao armazém de artilharia, os pulmões de Balista latejavam, seu braço direito estava dolorido de afastar a bainha de sua *spatha* longa para longe das pernas... e o prédio consumia-se em chamas, Mamurra e Turpio já estavam lá. O vento forte do nordeste que estava secando o solo encharcado de chuva avivava o fogo, fazendo com que ele avançasse sem piedade. As chamas saíam em labaredas pelas janelas com barras e ao redor dos beirais, fagulhas voavam alto e então eram carregadas perigosamente na direção da cidade. Turpio estava organizando um grupo de trabalho para erguer uma barreira anti-fogo e molhar as casas a sudoeste. Mamurra fez uma corrente de legionários para tirar material do armazém condenado. Para incentivar os homens, ele mostrava que estava correndo os mesmos riscos que eles, disparando para dentro e para fora pela porta do sul.

Balista sabia que não poderia esperar de seus oficiais e de seus homens que fizessem o que ele não faria. Seguiu Mamurra para dentro do prédio. Estava tão quente ali que o gesso começava a se desprender das paredes e, nas vigas acima da cabeça deles, a tinta parecia borbulhar e ferver. Gotas escaldantes caíam sobre os homens. Havia pouca fumaça no ambiente, mas isso provavelmente era ilusório.

O fogo, sorrateiro, estava se sobrepujando a eles, esgueirando-se para o alto, imperceptível, entrando nas cavidades das paredes. A qualquer momento as vigas poderiam ceder, o teto poderia desabar e os deixar presos, sem ar, queimando-os vivos.

Balista ordenou que todos saíssem, berrando por cima do som inumano do fogo. Ele e Mamurra correram para fora apenas quando o último legionário chegou à porta.

Do lado de fora, todos estavam ocupados carregando a munição resgatada para um lugar seguro, na direção contrária ao vento. Então, ficaram assistindo ao fogo consumir tudo, O prédio não desabou imediatamente. Às vezes, o fogo parecia estar cedendo, antes de explodir em labaredas ainda mais devastadoras. Finalmente, com um rangido estranho e um estrondo terrível, o telhado cedeu.

Balista acordou para uma bela manhã, limpa e fresca. Enrolado em uma pele de ovelha, ele assistiu ao sol se erguer sobre a Mesopotâmia. O vasto domo do céu

assumiu um delicado tom rosado; os poucos resquícios de nuvens eram prateados. Perseguido pelo lobo Skoll, como seria até o fim dos tempos, o sol apareceu no horizonte. O primeiro jorro de dourado se espalhou sobre o terraço do *Dux Ripae* e as construções de Arete. No sopé da ribanceira, o cais e as áreas de juncos que sussurravam permaneciam envoltos em sombras azuis profundas.

Balista só tinha dormido umas poucas horas, mas, surpreendentemente, seu sono tinha sido profundo e restaurador. Ele se sentia fresco e revigorado. Era impossível não se encher de bem-estar em uma manhã como aquela, mesmo depois do desastre da noite anterior.

Atrás de si, Balista escutou quando Calgaco se aproximou do outro lado do terraço. Não foi apenas o chiado da respiração e a tosse ininterrupta; havia também resmungos audíveis. Com lealdade inabalável, em público o idoso caledônio ficava tão silencioso que chegava a ser monossilábico em relação a seu *Dominus*. No entanto, quando estavam sozinhos, por se conhecerem a vida inteira, ele achava que podia dizer o que bem entendesse, como se estivesse pensando alto; geralmente era um desfile de críticas e reclamações:

— Enrolado em uma pele de ovelha... assistindo ao nascer do sol... provavelmente vai começar a declamar uma porra de poema daqui a pouco. — Então, no mesmo volume mas em um tom diferente, disse: — Bom dia, *Dominus*. Trouxe a sua espada.

— Obrigado. O que foi que você disse?

— A sua espada.

— Não, antes disso.

— Nada.

— Que bela manhã. Faz com que eu pense no poema de Bagoas. Deixe-me tentar alguns versos em latim:

*Acorde!*

*Porque a manhã no domo da noite*

*Lançou a pedra que faz as estrelas fugirem:*

*E olhe!*

*O caçador do leste prendeu*

*O torreão do Grande Rei em um laço de luz.*

— O que você acha? — Balista sorriu.

— Muito bonito. — A boca de Calgaco se apertou em uma linha fina, mais maliciosa do que nunca. — Dê-me esta pele de carneiro. Estão à sua espera no portão. — Seus resmungos foram diminuindo de volume na medida em que ele foi avançando palácio adentro: —... lugar e hora... nunca ia ver seu pai declamando poesia ao nascer do sol feito uma garota apaixonada...

Balista caminhou com Máximo e Demétrio até a estrutura queimada do armazém. Mamurra já estava lá. Possivelmente tinha passado a noite toda no local.

— Faremos o que for ordenado e a cada comando estaremos de prontidão. — O *praefectus fabrum* fez sua saudação elegante. Seu rosto e os antebraços estavam cobertos de fuligem.

— Qual é a sua avaliação?

— Não muito boa, mas podia ser pior. O prédio vai ter de ser demolido. Quase todas as flechas estão queimadas. Todas as peças sobressalentes para as balistas... juntas, linguetas, etc... estão soterradas embaixo daquilo tudo. — Ele passou a mão pelo rosto, o gesto de um homem cansado. — Mas todas as pedras entalhadas para as balistas estavam armazenadas do lado de fora, por isso estão em bom estado. Vou mandar usar cordas para tentar derrubar as paredes para o lado de fora. Talvez possamos resgatar uma parte das peças de metal, algumas pontas das flechas... depende da temperatura a que o fogo chegou lá dentro. — Mamurra fez uma pausa, tomou um gole longo de água e derramou um pouco por cima da cabeça. A fuligem escorreu, deixando estranhos rastros pretos. — Mas, pelo menos, não foi exatamente o desastre que alguém pretendia que fosse.

— Tem certeza de que foi um incêndio criminoso?

— Venham comigo. — Mamurra os conduziu ao canto nordeste do prédio. — Não se aproximem muito das paredes. Elas podem desabar a qualquer instante. Mas sintam o cheiro.

Foi o que Balista fez, e seu estômago se revirou. Ele viu mais uma vez o mastro que começava a virar lentamente, a ânfora acima de sua cabeça começando a emborcar, lembrou-se dos berros e do outro cheiro... o cheiro de carne queimada.

— Nafta.

— Depois de sentir o cheiro uma vez, não é possível esquecê-lo mais. Ainda mais se você viu o produto em ação. — Mamurra apontou para uma pequena abertura de ventilação no alto da parede. — Acho que foi derramado por ali. Depois, provavelmente jogaram uma lamparina para dentro.

Balista olhou ao redor, tentando imaginar o ataque em sua mente: a última hora de luz do dia; ninguém por perto. Um homem ou mais? E ele havia fugido ou se misturado à multidão que se formava?

— Temos testemunhas. Duas. — Mamurra apontou para dois homens sentados no chão com expressão infeliz, vigiados por dois legionários. — Eles viram um homem na rua dos fabricantes de foices correndo para o sudeste.

— Temos uma boa descrição?

Mamura deu uma risada.

— Sim, ambas são excelentes, Um viu um homem baixo com cabelo preto, usando uma capa velha, e o outro viu um homem alto, sem capa, careca feito um ovo.

— Obrigado, Mamurra. Você agiu muito bem. Prossiga. Eu voltarei aqui depois de conversar com as testemunhas.

Os dois homens pareciam intimidados e ressentidos. Um estava com o olho roxo. Balista conhecia bem a antipatia mútua entre os soldados romanos e os civis, mas ficou surpreso com a truculência dos militares. Estes homens tinham se apresentado para oferecer uma informação. Acabaram sendo associados ao crime, intimidados, provavelmente surrados. Não haveria como fazer com que voltassem a colaborar no futuro.

Balista, depois de pedir a Máximo que fosse buscar para ele um pouco de água fresca, falou gentilmente com os civis. A história deles era como Mamurra tinha dito. Era possível, simplesmente, que eles tivessem visto dois homens diferentes. Havia uma certa inexatidão a respeito da hora. Mas era igualmente provável que eles simplesmente se lembrassem das coisas de um jeito diferente. Nenhum dos dois tinha reconhecido o homem. O interrogatório não estava levando a lugar nenhum. Balista os agradeceu e pediu a Demétrio que desse um par de *antoniniani* para cada um.

Balista retornou a Mamurra.

— Certo, eis o que vai acontecer. — Ele falou rápido e com confiança. — Mamurra, mande derrubar este prédio e construir outro com o dobro do tamanho, com um muro ao redor e guardas em abundância. Não há nada como fechar a porteira depois que o cavalo fugiu. — Mamurra deu um sorriso obediente. — Você também vai formar e comandar uma unidade independente de *ballistarii*. Os 24 *ballistarii* especializados que já existem na *Legio IIII* vão ser transferidos para você, assim como mais 96 legionários comuns. Cada *ballistarius* vai ser responsável por treinar quatro legionários. Até a primavera, espero ter uma unidade de 120 *ballistarii* especializados.

Mamurra começou a dizer alguma coisa, mas Balista o interrompeu.

— Até lá, também espero que os seus homens tenham construído, testado e fixado mais 21 lançadores de flechas. Há lugar para dois em cada torre, que no momento contém apenas um. Você pode requisitar toda a mão de obra civil de que precisar, além de carpinteiros e ferreiros. Selecione os legionários pessoalmente. Não permita que Acilio Glabrio passe os piores para você.

Um sorriso se espalhou lentamente pelo rosto quadrado de Mamurra.

Quando Balista se afastou, Máximo falou baixinho em celta para ele:

— Se o seu jovem patrício não o odiava antes, com certeza vai odiá-lo agora.

O *telones*, ao vê-los descer pela rua principal, percebeu que não era o momento para piadas jocosas a respeito de filósofos ou de qualquer outra coisa. Certamente não era momento para ser indiscreto, muito menos para praticar extorsão. O *boukolos* na mesma hora começou a afastar uma família de nômades do deserto e seus jumentos do meio do caminho, empurrando animais e pessoas para fora da estrada com brutalidade, xingando-os com palavrões por se demorarem. Avisado por um garotinho que trabalhava para eles, o *contubernium* de dez legionários parou imediatamente de jogar dados e saiu aos tropeções da sala da guarda. Colocaram o equipamento em ordem e assumiram posição de sentido.

O *Dux Ripae* parou o cavalo com suavidade. Ele ergueu a mão e sua comitiva de quatro homens parou atrás dele.

O oficial da alfândega observou quando o homem do norte olhou por cima do Portão de Palmira. Pelos deuses, ele era enorme; alto e feroz, como todos de sua raça.

— Bom dia, *Telones* — disse o bárbaro em bom grego, com uma expressão agradável no rosto. Ele repetiu a saudação afável ao *boukolos* e aos legionários, então indicou a seus homens que eles deviam avançar, e saiu da cidade de Arete,

— Que bruto de péssima aparência, hein? — O *telones* sacudiu a cabeça. — Realmente pavoroso mesmo, Eu não gostaria de me meter com ele. Temperamento selvagem... todos eles são assim.

Cerca de 1 quilômetro depois do portão, no lugar em que a necrópole terminava, Balista puxou as rédeas do Cavallo Pálido. Ele examinou as torres de túmulos. Devia haver pelo menos quinhentas delas. Tirando Palmira, ele nunca tinha visto nada parecido. Cada uma delas ficava sobre um bloco quadrado com degraus, da altura de um homem ou mais alto do que isso. Em cima do bloco havia um primeiro andar, com duas ou três vezes a sua altura, decorado com colunas simples esculpidas em relevo. Pairando sobre este havia mais dois ou três

andares, cada um assemelhado a uma casa com telhado chato e diminuindo progressivamente de tamanho.

Os mortos eram colocados em nichos nas paredes internas com os bens preciosos que levariam para o outro mundo. Parentes de luto entravam por meio da única porta e subiam por uma escada interna até o telhado para fazer uma refeição fúnebre. O fechamento dos nichos e a segurança das tumbas ficavam a cargo de coqueiros.

Deve ter levado gerações para construir tudo aquilo, Balista pensou, e temos três meses para botar tudo abaixo. Se ficarem de pé, podem abrigar um inimigo dos projéteis disparados das muralhas, funcionar como posto de observação, ser convertidas em torres de artilharia ou destruídas pelos persas para fornecer material para maquinário de cerco. Os cidadãos de Arete iriam odiar a idéia, mas o local de descanso eterno de seus ancestrais precisava ser demolido.

— Demétrio — quando começou a falar, Balista viu que seu secretário estava de prontidão —, vamos precisar de guindastes com bolas de demolição. Vamos precisar fazer a remoção... muitos carros de boi para os destroços maiores, jumentos para os menores. — Balista fez uma pausa para se assegurar de que o grego estava acompanhando. — E muita mão de obra. Supostamente, ná 10 mil escravos na cidade. Vamos requisitar todos os homens saudáveis... isso deve nos dar pelo menos 2.500. Depois vamos recrutar os cidadãos e utilizar soldados; vai ser trabalho duro, mas nossos homens realmente gostam de destruir coisas. Em áreas em que ninguém esteja trabalhando, as balistas poderão usar os túmulos como alvo para treinamento. — O homem do norte detectou uma certa apreensão em seu secretário. — Ah, é claro que vamos deixar as famílias removerem seus entes queridos primeiro.

Balista brincava com as orelhas de seu cavalo.

— E você pode, por favor, fazer uma anotação a respeito da segurança nos portões? As entradas menores do norte e do sul devem permanecer fechadas, a menos que eu ordene sua abertura. A guarda no portão de Palmira e no portão da Água deve ser redobrada. Todo mundo que entrar ou sair deve ser revistado, não apenas em busca de armas, mas também de mensagens. Quero que as revistas sejam detalhadas: sapatos, costuras de túnicas e capas, ataduras, arreios dos cavalos... mensagens podem ser costuradas em bridades com tanta facilidade quanto à sola de uma sandália. Informe a Acílio Glabrio que o considero responsável pelo cumprimento destas ordens.

Demétrio deu uma olhada em seu *Kyrios*. Ele parecia tirar energias da ação violenta e do perigo físico. Lutando contra os boranis no Egeu, correndo para dentro do armazém em chamas no dia anterior... depois desses dois acontecimentos, o homem do norte parecia revigorado, mais decidido e de certo

modo mais vivo. Que permaneça assim por muito tempo. Que os deuses coloquem suas mãos sobre ele.

Demétrio não conseguia impedir que seus pensamentos retornassem ao adivinho de sonhos. O encontro o tinha deixado abalado. Será que o velho era uma fraude? Poderia ter simplesmente deduzido que ele era o secretário de Balista. Demétrio revelou o fato de que tinha o costume de usar adivinhos quando mencionou as portas de marfim e de osso através das quais os deuses enviam sonhos falsos e verdadeiros. Como Demétrio nunca tinha consultado o velho, ele podia ter partido do princípio de que ele era novo na cidade... e quem tinha chegado recentemente ao lugar, com um secretário grego estimado a reboque, se não Balista?

O velho tinha previsto tumulto e confusão, traição e armações, possivelmente morte. Será que os sonhos tinham inspiração divina, ou sua interpretação era mais prosaica: um aviso com o intuito de desequilibrar e sabotar? Será que aquilo de alguma forma estava conectado ao incêndio do armazém? Será que ele deveria alertar o Balista? Mas Demétrio se sentia culpado de um jeito tortuoso em relação ao episódio todo e, mais do que isso, temia o riso de Balista.

No entanto, naquele momento, os pensamentos de Balista também eram de traição; ele também estava tentando adivinhar o futuro. Se ele passasse para o lado dos persas e fosse nomeado general, qual seria seu plano de ataque?

Ele montaria seu acampamento mais ou menos por ali; a 500 passos de distância, logo depois da linha de alcance da artilharia. Em sua imaginação, Balista removeu todos os túmulos das redondezas, vislumbrou as defesas como estariam no mês de abril seguinte. Ele lançaria o ataque imediatamente. Teria de atravessar a planície em uma única reta, sem cobertura de qualquer tipo. A partir de 400 passos de distância, flechas e pedras de artilharia começariam a cair, seus homens começariam a morrer. Nos duzentos últimos, flechas e estilingues matariam muitos mais. Haveria armadilhas pelo solo, poços, estacas. E um fosso, mais estacas, mais armadilhas. Os homens teriam de escalar a encosta íngreme, com coisas pavorosas jogadas e derramadas em cima deles do alto das muralhas, esmagando, cegando, queimando-os. Uma vez que as escadas estivessem apoiadas na muralha, os sobreviventes subiriam, com a vã esperança de que elas não fossem se quebrar ou ser empurradas e lançadas ao solo, onde seus ossos iriam se partir com a queda. E então os poucos sobreviventes lutariam corpo a corpo contra homens desesperados. O ataque poderia ser bem-sucedido. O mais provável é que fracassassem. De todo modo, milhares de guerreiros inimigos iriam morrer.

Uma planície coberta de homens mortos e moribundos, um ataque fracassado: o que Sapor faria? Balista pensou em tudo o que Bagoas tinha lhe contado sobre os sassânidas. Era fundamental compreender seu inimigo, tentar pensar como ele. Sapor não iria se deter. Ele era rei pela vontade de Mazdá; era sua obrigação

levar os fogos *bahram* para serem adorados pelo mundo todo. Esta cidade já o iludira uma vez: abrira seus portões e depois massacrara sua guarnição. Esta última oposição seria mais um sinal da natureza maligna de seus moradores. Ele era Sapor, Rei dos Reis, não um bárbaro guerreiro do norte qualquer, pouco superior aos homens que liderava, nem um general apavorado com a desaprovação do imperador. Perdas humanas não seriam problema: os homens que morressem seriam abençoados; seu lugar no céu, garantido. Sapor não iria desistir. Ele não iria descansar até que todos na cidade estivessem mortos ou acorrentados, até que apenas animais selvagens se esgueirassem pelas ruínas de Arete.

O grupo passou para a entrada do penhasco ao sul. Ali, desmontaram e conduziram os cavalos pela encosta pedregosa abaixo. Balista foi na frente, com as botas escorregando em pedras soltas, derrapando na lama. A margem era mais larga, e eles puderam voltar a montar para descer ainda mais. Quando as muralhas de Arete se avultavam imponentes à esquerda, eles realmente haviam descido até o fundo.

Ficou óbvio, apenas com uma olhada rápida, que nenhuma pessoa com a cabeça no lugar tentaria atacar a muralha sul da cidade. Iria demorar uma eternidade para subir, porque a encosta era longa e íngreme e, à exceção de um ou outro arbusto espinhento, as encostas do penhasco eram completamente nuas. Vulnerável a qualquer projétil vindo de cima, era uma área perfeita para uma matança.

Não que a encosta do penhasco não pudesse ser escalada. Havia um portão menor no topo, e era entrecruzada por trilhas de cabras. Seria necessário manter um guarda ali. Muitas cidades tinham caído porque os inimigos tinham escalado lugares difíceis que a defesa tinha sido negligente ao não vigiar. Mas apenas a surpresa ou a traição poderiam permitir que o inimigo entrasse por ali.

Na medida em que foram avançando, o penhasco se abriu na frente deles. A distância, as muralhas da cidade eram invulneráveis a ataque de balistas. O bárbaro do norte reparou em um grande número de cavernas no alto da encosta, logo abaixo das muralhas. Vários caminhos vertiginosos levavam até elas.

— São túmulos, *Dominus* — um dos homens da cavalaria disse, — Catacumbas cristãs. — Ele cuspiu. — Não querem ser enterrados com os nossos mortos na necrópole, e nós não queremos os cadáveres deles lá. — Ele cuspiu de novo. — Se quer a minha opinião, são a causa de todos os nossos problemas. Os deuses cuidaram de nós, mantiveram suas mãos sobre o *imperium* durante séculos. Ai apareceram esses cristãos. Eles negam que os deuses existam e não oferecem sacrifício. Os deuses estão irritados, retiraram sua proteção e assim os problemas apareceram. É razoável. — Com o polegar entre o indicador e o dedo médio, ele

rebateu o olho gordo.

— Conheço pouco sobre eles — disse Balista.

— Que os deuses façam que continue assim, *Dominus* — respondeu o soldado, pegando ritmo. — Já no que diz respeito àquela bobagem de "não matará" deles, eu gostaria de ver como eles se sentirão sobre isso quando uma porcaria de um bárbaro enorme pegá-los pelo traseiro... com o perdão da palavra, *Dominus*.

Balista fez um gesto de negação, como quem diz: Não se preocupe, eu costumo infligir estupro anal a membros de seitas religiosas minoritárias.

O penhasco se estreitou um pouco, depois se abriu ao chegar à planície de inundação do Eufrates. Ao longe, à direita, havia bosques cerrados de tamariscos, um ou outro choupo e tamareiras selvagens. Com uma curva para a esquerda, eles chegaram a um portão colocado em um muro de tal maneira que era necessário virar à esquerda para entrar, assim deixando o lado direito, sem escudo, exposto. O portão era simples e o muro bem frágil, não passando de 3,5 metros de altura, mas Balista não estava nem um pouco preocupado com a insuficiência dessas defesas. Para transpô-las, os persas ou teriam de chegar do rio (improvável, levando em conta que a defesa teria requerido ou afundado todos os barcos no meio do Eufrates) ou seguir o trajeto que o grupo de Balista tinha acabado de percorrer (e isso seria uma imprudência, já que significaria caminhar em terreno hostil por várias centenas de metros, sempre expostos aos projéteis vindos da cidade).

— Demétrio, por favor, faça uma anotação: vamos posicionar pedras pesadas na beira do penhasco ao sul, para serem jogadas em cima de qualquer persa tolo o suficiente para se aproximar por ali.

O portão se abriu e um *contubernium* de legionários o saudou. Balista e seus homens desmontaram e conversaram com eles. Do lado de dentro do muro, no sopé das encostas, outros legionários abriam a entrada de um dos túneis fechados com tábuas. Balista ergueu os olhos para a face da ribanceira. Era bem estratificada, linha após linha de pedra riscada como uma escada. Ele sentiu um calafrio ao pensar no que haveria por atrás daquela entrada, no túnel escuro de paredes gotejantes que ele tinha percorrido com tanta ansiedade dois dias antes.

Proseguiram para o norte, ao longo da beira da água. Todos os lugares fervilhavam de atividade. Odres eram içados do rio com o uso de cordas que corriam por cima de estruturas capengas de madeira, puxadas por jumentos. Animais e homens então carregavam os odres pelos degraus até a *Porta Aquaria*, Barcos ancoravam, provenientes dos campos férteis do outro lado do rio, com o deque cheio de figos, tâmaras e galinhas amarradas e agitadas. Agricultores carregando suas mercadorias se somavam ao trânsito nos degraus da cidade. Um

cheiro de peixe grelhado vinha do mercado.

Passava do meio-dia, bem depois da hora do almoço. O grupo de Balista chegou ao local e um dos soldados encomendou a refeição deles.

Fizeram os cavalos comer e beber e os amarraram à sombra, então os cinco homens se sentaram e se serviram de vinho e pistaches.

O sol de inverno estava quente como um dia de junho na terra natal de Balista. Homens se ocupavam preparando a refeição. Os peixes estripados foram grelhados em uma gaiola de metal pendurada, em cima do fogo, em um galho de árvore. Caldos pingavam e chiavam e a fumaça subia.

Ao pé da escada, um bode fugiu do dono, dando início a uma explosão furiosa de gritos em aramaico. Balista não foi capaz de entender uma única palavra. Pensou na ironia do fato de conseguir falar a língua dos conquistadores desse povo, os romanos, e de seus futuros conquistadores, os persas, mas não o idioma das pessoas cuja liberdade lhe tinha sido confiada.

O sol se refletia no Eufrates enquanto eles avançavam dispostos. Balista ficou imaginando se o solo era firme na ilha mais próxima. Se os persas não adquirissem barcos, ela poderia servir de refugio se a cidade caísse, ainda que provisoriamente. Era fundamental ter algum tipo de plano de fuga. Ele faria todo o possível para defender aquela cidade, mas não tinha a menor intenção de que Arete fosse o cenário de seu último ato.

Depois de parar para trocar algumas palavras com os guardas, o grupo prosseguiu pelo portão norte, idêntico ao correspondente do sul. As encostas do penhasco ao norte também eram íngremes, mas não havia trilhas em seus flancos nus. As silhuetas ao longe, no alto das defesas do portão pequeno, eram escassas.

As chuvas tinham desbarrancado um pedaço da ribanceira embaixo das muralhas da cidade e o monte de pedras e terra que tinha deslizado cobria o penhasco como uma rampa de cerco malfeita. Sua aparência era instável e a superfície parecia traiçoeira. Alguns inimigos poderiam subir nela, mas, com o uso, o mais provável era que logo cedesse e provocasse uma queda irreversível até o final do penhasco. Ainda de bom humor, Balista sabia que, se estivesse na parte de cima da rampa, teria uma vontade imensa de fazer seu cavalo descê-la, só para ver se conseguiriam chegar à parte de baixo inteiros.

— Onagro — disse um dos soldados, baixinho.

O jumento selvagem pastava cerca de 100 passos à frente no penhasco. Estava com a cabeça abaixada, o focinho branco em busca de acácias.

Um dos soldados entregou sua lança a Balista, que nunca tinha caçado onagros. Ele sentiu o cabo de madeira de corniso da lança, liso e sólido, na mão. Com uma

leve pressão de suas coxas, fez o cavalo avançar devagar. O jumento ergueu os olhos. Com a pata dianteira, roçou o solo, agitado. Ficou olhando fixamente para o cavaleiro que se aproximava, então deu meia-volta e, com um impulso das patas traseiras, disparou para longe.

Balista fez sua montaria acelerar. Apesar de não estar nem perto de um galope completo, o onagro se movia com rapidez, absolutamente confiante no terreno acidentado, parcialmente seco, do leito de escoamento de chuva. Seu lombo marrom-amarelado com a listra branca de bordas pretas que o distinguiu avançava rapidamente. Balista fez o cavalo entrar em um galope suave. Apesar de o animal castrado ter passos firmes, Balista não queria arriscar sua montaria em solo instável. Ele tinha muito tempo. Essa seria uma longa perseguição, Não havia nenhum outro lugar para irem além do penhasco.

O penhasco se fechou ao redor deles. Balista sentia que Máximo e os outros estavam ficando para trás. O onagro chegou a um entroncamento. Sem hesitar, tomou a passagem da direita. Balista desacelerou seu cavalo e olhou ao redor. As laterais da ribanceira eram escarpadas naquele ponto. Ele devia estar mais ou menos no mesmo nível das defesas do oeste, mas fora da vista das muralhas da cidade e da planície, Uma curva no caminho o escondia daqueles que vinham atrás. Por iniciativa própria, Cavalo Pálido seguiu o jumento pela passagem da direita.

Ali embaixo, o calor do verão ainda parecia irradiar das pedras. Nuvens de mosquitos, mandadas para o fundo pelas chuvas lá em cima, picavam o rosto de Balista, entravam em seus olhos e invadiam sua boca. A trilha parecia interminável e não parava de subir. Os cascos do onagro levantavam jorros de lama em seu avanço incansável. Cavalo Pálido estava ficando cansado. Balista firmou seu ritmo.

De repente, o cavalo refugou com violência. Com os cascos derrapando para se equilibrar, ele empacou e mergulhou para a esquerda. Sem aviso, Balista foi lançado para a frente. A única coisa que o impediu de ser projetado por cima do ombro direito do animal foi o fato de sua barriga ter ficado presa à parte da frente da sela. O cavalo, com os olhos arregalados de pânico, dava voltas rápidas em um círculo requeño, O movimento estava forçando Balista para fora, empurrando-o além do ponto em que conseguiria se segurar para não cair. Por instinto, ele agarrou a lança na mão direita; a ponta da arma batia e fazia barulho contra as pedras. Segurando-se com toda a força das coxas, Balista esticou a mão e pegou a parte mais próxima da sela com mão esquerda. Com um esforço convulsivo, nascido do desespero, começou a erguer o corpo de volta para cima do cavalo. Sentiu a sela escorregar e a barrigueira soltar.

Só restava algo a ser feito: Balista jogou a lança longe, soltou-se ia sela e deu um impulso forte com as pernas. Com um rangido irritante, a bota esquerda prendeu

na sela. Quando o cavalo se virou, Balista foi lançado quase que horizontalmente pelo ar. Ele tentou dar um chute para soltar a perna. Sua cabeça passou a centímetros das redras afiadas. Lutando contra a força centrífuga, chutou mais uma vez. O pé saiu da bota e ele desabou, rolando pelo solo estéril.

O braço direito ficou todo ralado, o ombro, batido. Ele não parou para conferir os ferimentos. Viu a lança e se arrastou até ela, meio ajoelhado. Segurando a arma com as mãos, ele se agachou e se virou com cautela, à procura do que tinha deixado o cavalo em pânico.

Dois olhos grandes e amarelos, vazios e, no entanto, ardilosos, encaravam-no a cerca de 20 passos de distância. Um leão. Adulto, Devia ter uns 2,5 metros de comprimento. Balista era capaz de escutar sua respiração, sentir o cheiro de seu pelo quente. Achou que podia até mesmo sentir o bafo rançoso. O leão agitou a cauda, mostrou os dentes. O animal rugiu: um som grave, ribombante, aterrorizante... uma, duas, três vezes.

Balista tinha visto leões muitas vezes, confinados em segurança numa arena. Um deles tinha sido morto na caçada aos animais selvagens em Arelate, na primeira vez que viu Máximo lutar. Este seria um bom momento para o hibérnico chegar e salvar a minha vida para pagar sua dívida, Balista pensou.

Ele já tinha visto leões matarem antes: criminosos, assim como alguns caçadores na arena. Eles usavam o momento de vantagem que tivessem para derrubar o homem, imobilizavam-no com seu peso e suas garras afiadas estendidas como navalhas e então fincavam os dentes muito compridos, quase com delicadeza, na traquéia.

Balista sabia que só tinha uma chance. Agachou de lado e, segurando o cabo da lança com firmeza nas mãos, prendeu a ponta embaixo do pé direito, que ainda estava calçado com a bota.

O leão se moveu, acelerando mais rápido do que Balista achava ser possível. Um impulso, dois, três, e ele pulou, com as patas da frente unidas, para o bote. Com a cabeça para a frente, ele se lançou no ar, para cima de Balista.

A lança acertou o leão no peito. Suas mandíbulas se abriram, e seu impulso fez a lança escapar das mãos do homem do norte, Balista se jogou para trás, Uma pata o atingiu de raspão, as garras arranharam seu antebraço, e ele saiu rolando para trás.

O leão chegou ao solo com as patas juntas, o peito para baixo, fazendo a lança penetrar mais fundo em seu corpo. O cabo quebrou. O leão virou de cabeça para baixo, escorregou sobre o lombo e abriu bem as patas.

O animal se levantou. Balista se ergueu e tirou a *spatha* da bainha. O leão desabou.

Máximo e o soldado que detestava cristãos chegaram correndo.

— Você é o melhor! — o hispânico dizia, animado. — Você é o melhor!

Um grupo de cerca de vinte camponeses tinha aparecido do nada. Formaram um círculo ruidoso ao redor do corpo do leão.

— Acho que eles vão querer louvar você — Máximo disse aos berros. Ele continuava contente, — O seu leão andava aterrorizando o vilarejo deles. — Ele apontou com o polegar por cima do ombro, — Percorremos todo o caminho até os vilarejos nas colinas a noroeste da cidade.

Balista ordenou a Máximo que providenciasse para que a pele do leão fosse retirada e depois levada à cidade; então caminhou até onde Demétrio estava, ao lado de Cavallo Pálido.

— Qual é o problema? — Balista ergueu os olhos após inspecionar as patas do animal.

— Possivelmente será imprudente fazer muito alarde por ter matado o leão. — O garoto parecia infeliz. — No reinado do imperador Cômodo, pertencente à família governante de Emesa, um tal de Júlio Alexandre derrotou um leão com sua lança, montado a cavalo. O imperador enviou os *frumentarii* para matá-lo.

— Cômodo era louco. Valeriano e Galieno não são, — Ele deu um apertão no ombro do garoto, — Você se preocupa demais. Vai ficar tudo bem. E se eu tentasse esconder e a notícia se espalhasse, poderia parecer suspeito. — Balista deu meia-volta, então parou. — O que aconteceu com o homem?

— Ele teve de fugir para o Eufrates, em direção ao inimigo.

Demétrio não acrescentou que Júlio Alexandre tinha fugido com um de seus preferidos. O jovem não conseguiu acompanhar, O homem desceu do cavalo, cortou a garganta do rapaz e então enfiou a espada na própria barriga.

Quatro dias tinham se passado desde que ele matara o leão. Parecia a Balista que todos os momentos daqueles dias tinham sido dedicados a reuniões. O elenco fora variado: às vezes era um grupo pequeno, apenas sua *familia*; em outros encontros havia mais gente, quando ele convocava seu *consilium*. Uma vez, chamara os três escoltadores de caravana — Iarhai, Anamu e Ogelos — para participar, O cenário e seus elementos tinham sido sempre constantes: um mapa grande de Arete aberto por cima da mesa de jantar no palácio do *Dux Ripae*; os registros gerais atuais da *Legio IIII* e da *Cohors XX*, agora exatos, expostos ali perto; blocos de escrever, estilos e folhas de papiro por todos os lados. A partir de conversas e cálculos infinitos, Balista tinha formatado seu plano de defesa de Arete. Agora tinha chegado a hora de informar ao *boule*, o conselho da cidade — ou pelo

menos contar a parte de que eles precisavam saber.

Era o *kalends* de dezembro, o primeiro dia do mês. Balista ficou esperando na calma do pátio do templo de Artemis. Mais uma vez, ele refletiu sobre a localização do poder naquela cidade. Em qualquer lugar onde a democracia era mais do que uma palavra, o *bouleuterion* dava a cara para bater na ágora, onde o *demos*, o povo, podia ficar de olho nos conselheiros. Em Arete, o conselho se reunia em uma construção fechada, enfiada no canto de um complexo murado. Era uma democracia protegida de seus próprios cidadãos por homens armados.

Ao observar Anamu caminhar ao sol, Balista experimentou a estranha certeza de que ele já tinha feito tudo aquilo antes. Como um pecador no Hades, estava condenado a repetir essa tarefa, que não causava inveja em ninguém, por toda a eternidade. Ele ficaria esperando no pátio, seria recebido por Anamu e diria aos conselheiros algumas verdades difíceis, algumas coisas que eles não queriam escutar e que os fariam detestá-lo. Talvez fosse um castigo adequado para um homem que tinha matado um imperador que jurara proteger, Maximino o Trácio.

— Marco Clódio Balista, eu o saúdo. — Os cantos caídos da boca de Anamu se movimentaram. Aquilo provavelmente era um esboço de sorriso.

Do lado de dentro, o *bouleuterion* continuava igual ao que era, cerca de quarenta conselheiros dispostos nas fileiras de assentos em forma de U. Apenas Anamu, Iarhai e Ogelos na primeira fileira, sentados bem afastados. Havia um silêncio profundo, cheio de expectativa, no pequeno salão.

Balista começou a falar.

— Conselheiros, para que Arete possa sobreviver, sacrifícios precisam ser feitos. Os que são sacerdotes podem dizer ao fazer as coisas certas para seus deuses. — Aproveitando a citação indireta a Ogelos, esses sacerdotes assentiram em sinal de aprovação. O cristão hirsuto abriu um largo sorriso. — Estou aqui para dizer a vocês como fazer as coisas certas entre os homens. — Balista fez uma pausa e olhou para suas anotações, escritas em um pedaço de papiro. Ele achou que tinha detectado uma expressão de decepção, que provavelmente se transformava em desprezo, no rosto de Anamu. Ao Hades com aquilo... o homem do norte precisava de clareza, não de retórica. — Todos vocês sabem que estou estocando alimentos; os preços foram fixados e apenas os agentes do *Dux Ripae* podem pagar mais, Além disso, vocês todos sabem que as reservas de água foram tomadas pelos militares; toda a água consumida deve vir do Eufrates; as cisternas não devem ser usadas.

Balista estava amolecendo-os, dizendo coisas que já sabiam, coisas às quais eles não tinham grandes objeções.

— Várias coisas serão requisitadas: todos os barcos do rio, todos os estoques de madeira para construção e uma boa parte para fazer fogo. Jarros grandes de terracota para armazenamento e caldeirões de metal também serão requisitados, além de todas as peles de vaca e todo o feno da cidade.

O homem do norte reparou que alguns conselheiros se entreolharam de modo sorrateiro e sorriram. Se ainda estivessem vivos quando o momento chegasse, providenciariam para que aquelas requisições não passassem de caprichos de um bárbaro,

— Mais uma vez, vocês sabem que todos, e tudo que entra e sai da cidade, estão sendo revistados. — Ouviu-se um murmúrio baixo vindo dos assentos de trás. — Isso causa demora, É inconveniente. E uma invasão de privacidade. Mas é necessário. De fato, precisamos fazer ainda mais. A partir de hoje, haverá toque de recolher do anoitecer ao amanhecer. Qualquer pessoa que estiver nas ruas à noite vai ser presa e correrá o risco de ser morta. Todos os encontros de dez ou mais pessoas precisarão obter permissão junto ao *Dux Ripae* para serem realizados. Qualquer pessoa que desobedecer esta ordem, por qualquer motivo, será presa e poderá ser morta.

O murmúrio ficou um pouco mais alto, mas, até agora, os conselheiros tinham ouvido pouca coisa a que pudessem objetar de verdade: se alguns cidadãos comuns fossem mortos nas ruas à noite, não iria fazer muita diferença.

— Alguns soldados estão alojados em casas particulares. — O murmúrio cessou. Agora ele tinha chamado a atenção deles. Considerando que os soldados traziam consigo destruição, roubos, violência e estupro, a decisão de alojar tropas fora dos quartéis sempre era muito mal recebida. — Para que os soldados possam chegar a seus postos com rapidez, o alojamento em residências terá de ser estendido. Construções nos segundos quarteirões da muralha oeste e nos primeiros quarteirões em relação às outras muralhas podem ser confiscadas. Uma indenização razoável será paga aos proprietários dos edifícios.

Um silêncio se instalou. Os conselheiros eram os maiores proprietários de imóveis. Se conseguissem manter os soldados fora de suas próprias casas, talvez também conseguissem escapar desta parte.

— Além disso, o caravancarái próximo ao portão de Palmira será tomado pelos militares. A cidade será indenizada.

O sol entrava no salão pela porta atrás de Balista. Partículas de poeira rodopiavam no ar dourado. Máximo e Rômulo entraram e se colocaram atrás dele.

— Os novecentos mercenários dos três escoltadores de caravana serão

transformados em três *numeri*, unidades irregulares, do exército romano. A eles irão se juntar cidadãos convocados em mesmo número. Os soldados serão pagos pelo tesouro militar. Seus comandantes vão manter o posto e tirar o salário de um *praepositus*.

Iarhai sorriu. Os outros dois fingiram estar fazendo um sacrifício pessoal muito nobre; Ogelos foi mais bem-sucedido do que Anamu. Era um golpe de sorte: seus exércitos particulares dobrariam de tamanho e os homens seriam pagos pelo governo.

— Existe uma enorme necessidade de mão de obra. Todos os homens escravos saudáveis, e estimamos que haja pelo menos 2.500 deles na cidade, serão requisitados para fazer parte de grupos de trabalho pesado. Eles não serão suficientes, nem de longe. Cerca de 5 mil cidadãos também vão integrar esses grupos. Algumas ocupações serão preservadas. Ferreiros, carpinteiros, fabricantes de flechas e fabricantes de arcos serão isentados de tomar parte no trabalho pesado, mas vão trabalhar exclusivamente para o exército. O *boule* vai elaborar as listas necessárias.

Os três escoltadores de caravana não deixaram transparecer nada, mas, atrás deles, os outros conselheiros exclamaram com raiva mal contida. Eles teriam de organizar a entrada de um grande número de seus concidadãos ao trabalho quase escravo.

— Esses grupos de trabalho vão auxiliar os soldados a cavar um fosso na frente da muralha oeste do deserto e a construir uma rampa de terra na frente dela. Também vão ajudar a erguer uma contrar-rampa atrás da muralha.

E agora, Balista pensou, tocando na empunhadura da *spatha* em um gesto inconsciente.

— Para abrir espaço para a contrar-rampa, os grupos de trabalho vão auxiliar na demolição de todas as construções nos primeiros quarteirões depois da muralha oeste.

Por um instante, um silêncio estupefato se instalou, então os homens no fundo começaram a gritar em protesto. Indo contra o ralarulho que crescia, Balista prosseguiu.

— Os grupos de trabalho também vão ajudar os soldados a demolirem todos os túmulos na necrópole fora da cidade. Os destroços serão usados como material para as rampas.

Agitação total se instalou. Quase todos os conselheiros estavam em pé, berrando:

— Os deuses vão nos abandonar se derrubarmos seus templos... Você quer que transformemos nossos próprios cidadãos em escravos, que derrubemos nossas

próprias casas, que profanemos os túmulos de nossos pais?

As exclamações de sacrilégio ecoavam pelas paredes.

Aqui e ali, havia ilhas isoladas de calma. Iarhai continuava sentado, com o rosto inescrutável. Anamu e Ogelos estavam em pé, mas depois de exclamações iniciais, ficaram em silêncio e pensativos. O cristão peludo ainda estava sentado, sorrindo com sua expressão beatífica. Mas todos os outros conselheiros estavam em pé e berravam. Alguns xingavam injuriados e agitavam os punhos fechados.

Mais alto do que a confusão, Balista gritou que, a partir dali, para facilitar a comunicação, seus compromissos seriam listados na ágora. Ninguém pareceu escutar.

Ele se virou e, com Máximo e Rômulo protegendo sua retaguarda, saiu para a luz do sol.

Balista achou melhor deixar a poeira assentar depois da reunião com o *boule*. Os sírios eram conhecidos por agir e falar no calor do momento, e não havia por que arriscar uma troca de palavras duras e impensadas. Durante os dois dias seguintes, ele permaneceu na área militar, planejando a defesa da cidade com seus altos oficiais.

Acilio Glabrio estava irritado por ter perdido 120 de seus melhores legionários para a nova unidade de homens de artilharia. E apesar de eles não estarem presentes, sem dúvida ele não estava nada contente em pensar em Iarhai, Anamu e Ogelos, mais os bárbaros emergentes que lhe apareciam pela frente, sendo catapultados para o comando do exército romano. Ele se recolheu a um ar distante e calculadamente despreocupado, típico dos patrícios. No entanto, os outros se empenharam. Turpio estava ansioso por agradecer, Mamurra mantinha sua atitude cheia de inabalável consideração de sempre e Demétrio, no papel de *accensus*, parecia menos distraído.

Gradualmente, a partir de suas deliberações, um plano começou a se formar na cabeça de Balista: quais seções da muralha seriam vigiadas por quais unidades, onde os soldados ficariam alojados, como os suprimentos chegariam até eles, onde as poucas — realmente poucas — reservas seriam colocadas.

Trivialidades militares também exigiam sua atenção. Uma corte marcial foi estabelecida para julgar o auxiliar da *Cohors XX* que tinha sido acusado de estuprar a filha do senhorio. A defesa dele não era forte: "O pai dela estava em casa, fomos para fora, ela estava dizendo sim até que sua bunda nua encostou na lama". O centurião dele, no entanto, deu uma declaração sobre seu inatacável caráter. Com mais pertinência, dois dos *contubernales* do soldado juraram que a moça já tinha feito sexo consensual com o soldado antes.

O painel estava dividido. Acilio Glabrio, a própria encarnação da virtude republicana, era a favor da pena de morte. Mamurra votou pela indulgência. Em última instância, a decisão era de Balista. Aos olhos da lei, o soldado era culpado. Era bem provável que seus *contubernales* estivessem mentindo por ele. Balista, cheio de culpa, absolveu o soldado: ele sabia que não podia se dar ao luxo de perder um único homem capacitado, muito menos fazer com que seus colegas ficassem contra ele.

Outro caso legal o ocupava. Júlio Antíoco, soldado do *vexillatio* da *Legio III Scythica*, da centúria de Alexandre, e Aurélia Amimma, filha de Abbouis, residente de Arete, estavam se divorciando. Não era um caso de amor perdido, havia dinheiro no meio. Os documentos escritos eram ambíguos, as testemunhas apresentavam posições completamente opostas. Não havia maneira óbvia de

determinar a verdade. Balista se colocou a favor do soldado. Ele sabia que a decisão tinha sido mais conveniente do que justa, O *imperium* o tinha corrompido; a Justiça mais uma vez tinha sido banida a uma ilha de prisão.

Na terceira manhã depois de seu encontro com o *boule*, Balista considerou que tempo suficiente já tinha se passado. Os conselheiros já deviam ter se acalmado. Voláteis como todos os sírios eram, talvez eles até tivessem compreendido sua maneira de pensar. Sim, ele estava destruindo seus lares, profanando suas tumbas e templos, desmantelando suas liberdades, mas era tudo em nome de uma liberdade maior: a liberdade de ser súdito do imperador romano e não do rei persa. Balista sorriu frente à ironia. Plínio o Jovem era quem melhor tinha definido o conceito de *libertas* dos romanos: vocês ordenam que sejamos livres, por isso o seremos,

Balista enviou mensageiros a Iarhai, Ogelos e Anamu, convidando-os para jantar naquela noite com ele e seus três altos oficiais. Bathshiba, é claro, também foi convidada. Ao se lembrar da superstição romana que não recomendava que houvesse um número par de pessoas à mesa, Balista enviou outro mensageiro para convidar também Calínico o Sofista. O homem do norte pediu a Calgaco que dissesse ao cozinheiro para servir algo especial, de preferência com enguias defumadas. O hibernico de idade avançada fez uma cara de quem nunca tinha ouvido um pedido tão ultrajante em toda sua longa vida, e isso rendeu uma nova série de resmungos:

— Ai, ai, ai, mas que grande romano você é... o que vai ser depois disso? A porra do cérebro de pavão e do rato-do-campo ensopado no mel.

Balista chamou Máximo e Demétrio para acompanhá-lo e anunciou que iriam à ágora. A desculpa era ir conferir se os éditos relativos ao preço dos alimentos estavam sendo obedecidos, mas, na realidade, o homem do norte só queria sair do palácio, ficar longe do cenário de suas questionáveis decisões legais. Suas resoluções estavam atormentando sua mente. Havia muita coisa que ele admirava a respeito dos romanos (as máquinas de cerco e as fortificações, a disciplina e a logística, os hipocaustos e os banhos, os cavalos de corrida e as mulheres), mas considerava seu *libertas* ilusório. Ele precisou pedir permissão imperial para morar onde morava, para casar com a mulher com quem tinha casado. Aliás, toda a sua vida desde que passara para o lado do império parecia marcada por subserviência e uma submissão sórdida, em vez de distinguir-se por liberdade.

Seu humor cínico e cético começou a se esvaír quando chegaram ao canto nordeste da ágora. Ele sempre tinha gostado de mercados: os barulhos, os cheiros... a avareza mal disfarçada. Multidões de homens circulavam devagar. Metade da humanidade parecia estar representada ali. A maior parte dos homens usava vestes tipicamente orientais, mas havia também indianos com turbantes,

citadas com chapéus altos e pontudos, armênios com chapéus com dobras, gregos com túnicas curtas, as vestes longas e soltas dos nômades do deserto e, aqui e ali, uma ou outra toga romana ou os couros e peles de um integrante de uma tribo do Cáucaso.

Parecia haver uma demanda excessiva por mercadorias: bastante cereal, principalmente trigo, um pouco de cevada; muito vinho e azeite de oliva à venda em sacos de couro ou ânforas e um número enorme de azeitonas pretas. Pelo menos em sua presença, os éditos sobre os preços pareciam estar sendo observados. Não havia sinal de que tivessem tirado produtos do mercado. Na medida em que o homem do norte e seus dois companheiros foram penetrando no lado norte da ágora, os toldos listrados ficaram mais coloridos e refinados, e os alimentos sobre os quais eles faziam sombra passaram de essenciais do Mediterrâneo aos pequenos luxos da vida: frutas, legumes e verduras, pinhas e molho de peixe e, os mais valorizados de todos, as especiarias como pimenta e açafreão.

Antes de chegarem aos pórticos do lado oeste da ágora, os luxos deixaram de ser comestíveis. Ali estavam as barracas com sândalo e cedro. Caras demais para construir ou queimar, essas madeiras tinham sido excluídas do édito que requisitava o material. Aqui os homens vendiam marfim, macacos, papagaios. Máximo fez uma pausa para examinar uma peça em couro refinado. Balista pensou ter visto uma pele de camelo ser escondida com discrição no fundo da loja. Ele ia pedir a Demétrio que fizesse uma anotação, mas o garoto olhava fixo para o outro lado da ágora, mais uma vez distraído. Muitas das coisas que os homens e as mulheres mais cobiçavam estavam ali: perfumes, ouro, prata, opalas, calcedônias e, acima de tudo, brilhante e incrivelmente macia, a seda de Seres, da beirada mais longínqua do mundo.

Nos pórticos do sul, para o desgosto de Balista, ficava o mercado de escravos. Lá, todos os tipos de "ferramentas com voz" estavam em exibição. Havia escravos para cultivar as terras, para fazer a contabilidade, para pentear o cabelo da esposa, para cantar músicas, para servir bebidas e para chupar o seu pau. Mas Balista examinou as mercadorias de perto; havia um tipo de escravo que ele sempre procurava comprar. Depois de inspecionar tudo o que estava sendo oferecido, o homem do norte voltou para o meio dos cercados de escravos e fez uma pergunta simples, em voz alta, em sua língua nativa.

— Tem algum anglo aqui?

Não houve um único rosto que não se virasse para olhar para o enorme guerreiro bárbaro que berrava coisas ininteligíveis em sua língua bizarra, mas, para o imenso alívio de Balista, ninguém respondeu.

Passaram pelo mercado de animais e chegaram ao pórtico leste, a ponta barata

da ágora, onde os trapeiros, os homens que emprestavam pequenas quantias de dinheiro, os mágicos, os milagreiros e outros que lucravam em cima da miséria e da fraqueza humana se ofereciam ao comércio. Os companheiros de Balista olharam ostensivamente por cima dos ombros ao passar pelo beco onde ficavam as prostitutas. Isso era de se esperar da parte de Máximo, mas no caso de Demétrio foi uma surpresa: Balista sempre tinha imaginado que os interesses do jovem grego fossem outros.

Pai-de-Todos, ele próprio não acharia nada mau ter uma mulher. Em certo sentido, seria tão bom, tão fácil. Mas, por outro lado, não seria nem bom nem fácil. Havia Julia, os juramentos que fizera a ela, a maneira como tinha sido criado,

Balista pensou com amargura na maneira como certos romanos, como Tácito, em sua *Germania*, consideravam a fidelidade conjugal dos germânicos como um espelho para condenar a falta de moralidade dos romanos da época. Mas a tradicional fidelidade rústica estava muito bem enquadrada quando vivida em um vilarejo; não tinha sido feita para aquelas centenas de quilômetros e semanas de viagem longe da esposa. No entanto, Balista sabia que essa aversão à infidelidade derivava de mais coisas do que apenas seu amor por Julia e da maneira como tinha sido criado. Do mesmo modo que alguns homens carregavam um amuleto da sorte para a batalha, ele carregava sua lealdade a Julia. Por algum motivo, ele tinha desenvolvido um pavor supersticioso de que, se possuísse outra mulher, sua sorte iria abandoná-lo e o golpe de espada ou a flecha seguinte não iria ferir, mas sim matar; não arranhar suas costelas, mas penetrar fundo em seu coração.

Pensando então em seus companheiros, Balista disse:

— Para cobrirmos todas as bases, talvez devamos conferir o que está à venda no beco, não? Vocês dois gostariam de fazer isto?

A recusa de Demétrio foi imediata. Ele assumiu ar de indignação, mas foi levemente evasivo. Por que o rapaz estava agindo de maneira tão estranha?

— Acho que estou qualificado para fazer isto sozinho — disse Máximo.

— Ah, sim, acredito que esteja. Mas lembre-se que você só deve olhar a mercadoria, e não experimentá-la. — Balista sorriu. — Vamos estar ali no meio da ágora, aprendendo sobre virtude com as estátuas erguidas para os bons cidadãos de Arete.

A primeira estátua na frente da qual Balista e Demétrio pararam ficava sobre um alto pedestal.

— Agegos, filho de Anamu, filho de Agegos — Balista leu. — Deve ser o pai do nosso Anamu... um pouco mais bonito. — A estátua trajava vestes orientais e,

diferentemente de Anamu, tinha bastante cabelo, que se espalhava em cachos por toda a cabeça. Ele tinha uma cheia barba curta como o filho, mas também exibia um bigode basto, com as pontas enceradas. O rosto era redondo, um pouco gordo. — É, é mais bonito do que o filho, mas isso não é difícil. Por sua piedade e seu amor pela cidade — Balista leu o resto da inscrição —, por sua virtude e coragem, sempre fornecendo segurança para os mercadores e as caravanas, por seus gastos generosos para esses fins, usando seus próprios recursos. Com isso ele salvou a caravana recém-chegada dos nômades e de grandes perigos que a rodeavam, a mesma caravana mandou instalar três estátuas, uma na ágora de Arete, onde ele é o *strategos*, uma na cidade de Spasinou Charax e uma na ilha de Thilouana, onde ele é sátrapa (governador). A sua geografia é melhor do que a minha — Balista olhou para seu *accensus*. — Onde fica Spasinou Charax?

— Na ponta do Golfo Pérsico — Demétrio respondeu.

— E a ilha de Thilouana?

— No Golfo Pérsico, perto do litoral da Arábia. Em grego, chamamos de Tilos.

— E quem governa esses lugares?

— Sapor. O pai de Anamu governava parte do Império Persa. Ele era general aqui em Arete e sátrapa dos sassânidas.

Balista olhou para Demétrio.

— Então de que lado estão os escoltadores de caravana?

À tarde, mais ou menos na hora do *meridiatio*, a sesta, começou a chover, O homem observava a chuva de sua janela no primeiro andar enquanto esperava a tinta secar. Apesar de não ser torrencial como as primeiras chuvas do ano, era pesada. A rua lá embaixo estava vazia. A água escorria pela parte de dentro da muralha da cidade.

Os degraus que subiam até a torre mais próxima estavam escorregadios por causa da água, traiçoeiros. Uma gralha solitária passou voando da esquerda para a direita.

Quando achou que a tinta estava seca, o homem usou o braseiro para acender uma lamparina. Ele se debruçou para fora da janela para fechar as venezianas com o trinco. Em seguida, acendeu outra lamparina. Apesar de ter trancado a porta ao entrar no quarto, olhou ao redor para verificar se estava sozinho. Depois de se garantir, pegou a bexiga de porco inflada do lugar em que a tinha escondido e começou a ler.

O armazém de artilharia foi incendiado. Todo o estoque de flechas de balistas foi destruído. O bárbaro do norte está fazendo estoque de alimentos para o cerco.

Quando tiver juntado bastante, fogo será ateadado sobre eles. Temos nafta suficiente para mais um ataque espetacular. Ele anunciou que a necrópole será colocada abaixo; muitos templos e casas, destruídos; e seus soldados ficarão alojados nas residências restantes. Ele está libertando os escravos e escravizando os homens livres. Seus homens desnudam e estupram mulheres quando bem entendem. Os moradores da cidade resmungam contra ele. Ele escalou cidadãos para unidades de exército que serão comandadas pelos escoltadores de caravana. Realmente, o tolo ficou cego. Ele está se enrolando a tal ponto que se entregará nas mãos do Rei dos Reis.

O dedo dele que se movia sobre as linhas estacou. Seus lábios pararam de delinear as palavras sem emitir som. Aquilo serviria. Sua retórica estava um pouco floreada, mas desestimular os persas não fazia parte de seu plano.

Ele pegou dois frascos de óleo, um cheio e um vazio, e os colocou sobre a mesa. Desamarrou a ponta aberta da bexiga de porco e apertou até o ar sair. Quando a pele desinflou, a escrita se tornou ilegível. Tirou a rolha do recipiente vazio e enfiou a bexiga lá dentro, deixando a ponta para fora. Colocou os lábios na bexiga, agradeceu em silêncio por não ser judeu e voltou a enchê-la. Então ele dobrou o intestino do suíno, que tinha ficado para fora, por cima da boca do frasco, e o amarrou no lugar com um barbante. Depois de cortar o excesso com uma faca afiada, a bexiga ficou completamente escondida dentro do frasco, um recipiente escondido dentro do outro. Com cuidado, ele derramou o óleo do frasco cheio na bexiga que estava dentro do outro frasco. Quando recolocou a rolha em ambos, olhou mais uma vez ao redor para ver se ainda estava sozinho.

Olhou para o frasco de óleo que tinha nas mãos. A revista nos portões tinha sido intensificada. Algumas vezes, abriam as costuras das túnicas e das sandálias dos homens; outras, tiravam o véu de respeitáveis mulheres gregas. Por um instante, ele se sentiu tonto, com a cabeça atrapalhada pelo risco que estava correndo. Então se endireitou. Aceitou a possibilidade de não sobreviver a essa missão. Isso não teria consequência alguma. Seu povo colheria os benefícios. Sua recompensa estaria no outro mundo.

Na fila no portão, o mensageiro não iria saber de nada. O frasco não levantaria suspeitas.

O homem pegou seu estilo e começou a escrever a mais inocente das cartas.

*Meu caro irmão, voltou a chover...*

Da colunata na frente de sua casa, Anamu observava a chuva com mau humor. As ruas estavam mais uma vez cobertas de lama até os joelhos; as chuvas tinham-no obrigado a gastar dinheiro para alugar uma liteira e quatro

carregadores para levá-lo ao jantar no palácio do *Dux Ripae*. Anamu não gostava nada de gastos desnecessários, e agora os carregadores estavam atrasados. Ele tentou acalmar sua irritação com a lembrança vaga de uma frase de um dos velhos mestres do estoicismo: "Estas quatro paredes não formam uma prisão". Anamu não tinha certeza se eram essas as palavras exatas. "Estas paredes de pedra não formam uma prisão." Quem tinha dito isso? Musônio Rufo, o Sócrates romano? Não, era mais provável que tivesse sido o ex-escravo Epicteto. Talvez não tivesse sido um estoico coisa nenhuma... quem sabe ele próprio não tinha escrito aquilo?

Reconfortado por esta fantasia secreta de outros homens citando suas palavras, de pessoas completamente desconhecidas a ele tirando conforto e força de sua sabedoria em momentos difíceis, Anamu olhou para a paisagem lavada pela chuva. As muralhas de pedra da cidade estavam escurecidas pela água que escorria delas. Os postos de guarda estavam vazios, os vigias deviam estar abrigados na torre próxima. Seria o momento ideal para um ataque-surpresa, tirando o fato de que a chuva faria com que o terreno do lado de fora da cidade se transformasse em um lamaçal.

Quando os carregadores de liteira finalmente chegaram, Anamu entrou no veículo e eles partiram, Anamu conhecia a identidade dos outros convidados que estariam presentes no palácio. Pouca coisa acontecia na cidade de Arete sem que ficasse sabendo rapidamente. Ele pagava um bom dinheiro para se assegurar de que fosse assim. A noite prometia ser interessante, O *Dux* tinha convidado todos os três escoltadores de caravana, sendo que todos eles tinham reclamações sobre a maneira com que o bárbaro tinha tratado a cidade. A filha de Iarhai também estaria lá. Se algum dia uma mulher teve um fogo queimando em seu altar, tinha de ser ela. Mais de um de seus informantes contratados tinha relatado que tanto o *Dux* bárbaro quanto o convencido e jovem Acilio Glabrio a desejavam. O sofista Calínico de Petra tinha sido convidado, Ele estava conquistando renome: adicionaria cultura à mistura de tensão e sexo. Com este último assunto em mente, Anamu pegou o pedaço de papiro no qual ele tinha escrito, anteriormente, quando estava sozinho, um lembrete para si mesmo de uma passagem de *Deipnosophistae*, *Os sábios no jantar*, de Ateneu. Anamu era amplamente conhecido por gostar muito de cogumelos e era bem provável que, como ato de respeito, o *Dux* tivesse instruído o cozinheiro a inclui-los no cardápio. Para estar preparado, Anamu tinha selecionado algumas citações esotéricas adequadas dos clássicos a respeito deles.

— Ah, aqui está você — Balista o recebeu, — Como se diz: "Sete fazem um jantar, nove fazem uma briga". — Desde sua exibição de retórica bastante impressionante ao portão, Balista só tinha feito cair na estima de Anamu, A frase de efeito de boas-vindas do homem do norte não tinha contribuído em nada para

reconquistar a posição. — Vamos para a mesa.

A sala de jantar estava arranjada no tradicional *triclinium*, três sofás, um para cada três pessoas, ajeitados em forma de U ao redor das mesas. Chegando mais perto, ficava claro que pelo menos o *Dux* tinha tido o bom-senso de deixar de lado a tradicional disposição de assentos. O homem do norte assumiu o *summus in summo*, o lugar mais alto, na ponta esquerda. Ele colocou Bathshiba a sua direita, depois o pai dela; no sofá seguinte estavam Calínico o Sofista, depois Anamu e Acílio Glabrio; e no último recostavam-se Ogelos, Mamurra e então, no lugar mais baixo, *imus in imo*, Turpio. Tradicionalmente, Balista estaria no lugar ocupado por Ogelos. O problema seria quem colocar à esquerda do homem do norte, *imus in médio*, o lugar tradicional do convidado de honra. Do jeito que as coisas estavam, cada escoltador de caravana ficou em um sofá separado, e nenhum deles ao lado do anfitrião nem ocupou o lugar de honra. De mau grado, Anamu teve de reconhecer que isso tinha sido decidido com muita esperteza.

O primeiro prato foi trazido: duas opções quentes, ovos cozidos e enguia defumada com molho de resina de pinheiro e alho-poró com molho branco; e duas frias, azeitonas pretas e beterrabas fatiadas. O vinho que acompanhava era leve, de Tiro, que ficava melhor misturado em duas partes para três com água.

— Enguias. Os antigos têm muita coisa a dizer a respeito de enguias. — A voz de um sofista era treinada para dominar teatros, assembleias públicas e festivais lotados de gente, de modo que Calínico não teve problemas para atrair a atenção dos presentes ali reunidos. — Em sua poesia, Arquestrato informa que as enguias são boas em Régio, na Itália, e na Grécia, no lago Copais na Beócia, e no rio Strymon na Macedônia.

Anamu sentiu uma onda de prazer por fazer parte de uma noite tão cheia de cultura. Aquele era o ambiente correto para um homem como ele, um dos *pepaideumenoí*, os de alta cultura. No entanto, ao mesmo tempo, ele sentiu uma pontada de inveja: ele ainda não tinha podido participar... até agora, não haviam servido cogumelos.

— Em relação ao rio Strymon, Aristóteles concorda. Lá, a melhor pescaria ocorre na estação da alta das Plêiades, quando as águas estão bravas e lamacentas.

Pai-de-Todos, tinha sido um erro terrível convidar este canalha pomposo, Balista pensou. E provável que ele seja capaz de continuar com isso por horas.

— O alho-poró está gostoso. — A voz de um escoltador de caravana podia não ser tão melódica quanto a de um sofista, mas estava acostumada a se fazer ouvir, e rompeu o fluxo das anedotas literárias de Calínico. Com um gesto da cabeça, Iarhai apontou para as verduras e perguntou a Balista para qual time de bigas ele

torcia no Circus.

— Para os brancos.

— Pelos deuses, deve ser muito otimista. — O rosto castigado de Iarhai se enrugou em um sorriso.

— Não exatamente. Acredito que as frustrações contínuas na pista de corrida têm efeito filosófico positivo sobre a minha alma... fazem com que ela fique mais dura e com que eu me acostume às decepções da vida.

Quando começou a conversar sobre corridas de cavalo com o pai de Bathshiba, Balista notou que ela deu um sorrisinho maroto. Pai-de-Todos, mas como ela era bonita. Estava vestida com mais recato do que na casa do pai, mas o vestido ainda deixava transparecer o corpo generoso que havia por baixo. Balista sabia que corrida não era um assunto com chances de interessá-la. Ele queria fazer com que ela desse risada, queria impressioná-la. No entanto, sabia que não era tão sociável assim. Como a desejava! Assim tudo ficava mais difícil, tornava ainda mais árduo pensar em coisas leves e espirituosas a se dizer. Ele invejava aquele canalha do Acilio Glabrio, que mesmo agora parecia estar conseguindo flertar, mudo, do outro lado das mesas.

O prato principal chegou: um porco de Tróia, recheado com lingüiça, *botulus* e chouriço; dois lúcios, cuja carne tinha sido transformada em patê e devolvida para as peles; depois, dois frangos assados simples. Pratos de verduras também apareceram: folhas de beterraba cozidas com molho de mostarda, uma salada de alface, hortelã e rúcula, molhos de manjerição com azeite *egarum* e de peixe.

O cozinheiro fez um floreio com sua faca afiada, aproximou-se do porco de Tróia e abriu sua barriga com um corte. Ninguém se surpreendeu quando as entranhas escorregaram para fora.

— Que diferente — disse Acilio Glabrio. — E que belo *porcus*. Com toda a certeza, eu quero um pouco de *porcus*. — Seu olhar malicioso e teatral não deixou dúvida de que, ao repetir a palavra, ele a estava usando como gíria para boceta. Olhando para Bathshiba, ele disse: — E *botulus* de sobra para aqueles que gostam.

Iarhai começou a se levantar do sofá para falar. Balista o interrompeu com rapidez.

— Tribuno, cuidado com a língua. Há uma dama presente.

— Ah, sinto muito, sinto muitíssimo mesmo, estou absolutamente envergonhado.

— Os trejeitos dele contradiziam suas palavras. — Eu não tinha intenção de causar constrangimento nem ofender. — Ele apontou para o *porcus*, — Acho que

este prato me tentou. Sempre me faz pensar no banquete de Trimalquio do *Satyricon*... sabem como é, as piadas terríveis e obscenas. — Ele fez um gesto para o lúcio. — Assim como o *porcus* sempre me tira do sério, este prato sempre me deixa com saudade de casa. — Ele abriu as mãos para abranger os três sofás. — Por acaso nós todos não sentimos saudade de um lúcio pescado, como dizem, "entre as duas pontes", acima de ilha de Tibre e abaixo do influxo da *cloaca maxima*, o esgoto principal? — Ele olhou ao redor, para seus companheiros comensais. — Ah, fui insensível mais uma vez... ser romano hoje em dia significa tantas coisas diferentes...

Ignorando o último comentário, Ogelos entrou na conversa:

— Seria difícil para qualquer pessoa pescar um lúcio ou qualquer outra coisa aqui no Eufrates agora. — Falando rápido e com seriedade, ele se dirigiu a Balista. — Os meus homens disseram que os barcos de pesca da minha propriedade foram confiscados pelos militares, Os soldados chamam de requisição; eu chamo de roubo. — Sua barba partida cuidadosamente tremia cheia de uma indignação justificada.

Antes que Balista pudesse responder, Anamu falou:

— Essas revistas ridículas nos portões... meus mensageiros passam horas esperando, meus bens são despedaçados e estragados, meus documentos pessoais são expostos para quem quiser ver, os cidadãos romanos são submetidos às indignações mais grosseiras... Por respeito a sua posição, nós não dissemos nada na reunião do conselho, mas agora que estamos aqui sozinhos, podemos reclamar... a menos que essa liberdade também nos seja negada, não é mesmo?

Mais uma vez, Ogelos aproveitou a deixa:

— Que tipo de liberdade estamos defendendo se dez pessoas, dez cidadãos, não podem se reunir? Ninguém mais pode se casar? Não devemos mais celebrar os rituais dos nossos deuses?

— Nada é mais sagrado do que a propriedade particular — Anamu interrompeu. — Como é que alguém ousa nos tomar os escravos? O que vai ser depois? Nossas esposas? Nossos filhos?

As reclamações continuaram. Os dois escoltadores de caravana iam erguendo a voz, falando um por cima do outro e chegando à mesma conclusão: como é que as coisas poderiam ficar piores sob o poder dos sassânidas? O que mais Sapor poderia fazer contra eles?

Depois de um tempo, os dois homens pararam, como se tivessem recebido um sinal. Juntos, voltaram-se para Iarhai.

— Por que não diz nada? Você foi tão afetado quanto nós. Nosso povo confia em

— você também. Como pode ficar em silêncio?

Iarhai deu de ombros.

— Vai ser como Deus quiser. — Ele não falou mais.

Iarhai deu uma entonação estranha para *theos*, a palavra para deus em grego. Balista ficou tão surpreso quanto os outros dois escoltadores de caravana com seu fatalismo passivo, Ele notou que Bathshiba lançou um olhar afiado para o pai.

— Cavalheiros, estou escutando suas reclamações, e compreendo. — Balista encarou cada um deles por sua vez. — É doloroso para mim fazer o que precisa ser feito, mas não há outra maneira. Vocês todos se lembram do que ocorreu aqui com a guarnição sassânida, o que vocês e os seus concidadãos fizeram com a guarnição persa, com as esposas dos soldados, com seus filhos. — Ele fez uma pausa. — Se os persas derrubarem as muralhas de Arete, todo aquele horror vai parecer brincadeira de criança. Que ninguém tenha dúvidas: se os persas tomarem esta cidade, não vai sobrar ninguém para resgatar os escravizados ou para lamentar os mortos. Se Sapor tomar esta cidade, ela vai retornar ao deserto. Os jumentos selvagens vão pastar na sua ágora, e os lobos vão uivar nos seus templos.

Todos os presentes olhavam fixo e em silêncio para Balista. Ele procurou sorrir.

— Ora, vamos tentar pensar em coisas melhores, Há um *comoedus*, um ator, à espera lá fora. Por que não o convidamos para entrar e ouvimos uma leitura?

O *comoedus* lia bem, sua entonação era boa e clara. Era uma linda passagem de Heródoto, uma história de muito tempo atrás, do tempo da liberdade grega, antes dos romanos. Era um relato de coragem máxima, da noite anterior a Thermopylae, quando o espião persa incrédulo informou a Xerxes, o Rei dos Reis, o que tinha visto no acampamento dos gregos. Os trezentos espartanos haviam tirado as roupas para se exercitar; penteavam o cabelo um do outro, sem prestar a menor atenção ao espião. Era um belo texto, mas desafortunado, devido às circunstâncias. Os espartanos estavam se preparando para morrer.

Turpio esticou a mão para pegar a carcaça de um dos frangos e falou pela primeira vez naquela noite.

— Por acaso os gregos não chamam esta ave de despertador de persas? — perguntou para ninguém em particular. — Então, vamos tratar os persas sassânidas como eu trato isto aqui. — E ele estraçalhou a carcaça.

Os outros explodiram em aplausos, alguns murmuraram em aprovação.

Incapaz de suportar que uma outra pessoa, ainda mais um bruto ex-centurião, recebesse aprovação assim, mesmo que silenciosa, Calínico limpou a garganta.

— Claro que não sou especialista em literatura latina —disse, com um sorriso afetado —, mas não é verdade que alguns de seus autores que escrevem sobre a vida no campo comparam uma raça valente de galo de briga com a Medica, quer dizer, a ave de Medes, que são os persas? Vamos torcer para não encontrar um desses.

A erudição fora de hora foi recebida por um silêncio duro, A risadinha satisfeita do sofista falhou e se dissipou.

A sobremesa que, então, foi servida consistia principalmente das coisas de sempre: maçãs e peras frescas, tâmaras e figos secos, queijos defumados e mel, nozes e amêndoas. Apenas a *placenta* no meio da mesa era fora do comum: todo mundo concordava que nunca tinha visto uma torta de queijo maior ou mais refinada. O vinho foi substituído por Chalybonian, o tipo de bebida forte que, diziam, era o preferido dos reis da Pérsia.

Ao observar o garoto persa, Bagoas, ungiu Mamurra com bálsamo e canela e colocar uma coroa de rosas na cabeça dele, um brilho de malevolência reluziu nos olhos de Acilio Glabrio. O jovem patricio se voltou para Balista com um meio sorriso entre os lábios.

— Precisa ser cumprimentado, *Dux Ripae*, pelo modo como segue o exemplo do grande Cipião Africano.

— Eu não tinha consciência de que seguia um exemplo ilustre do grande subjugador de Anibal. — Balista falava com leveza, com apenas um vestígio de reserva. — Infelizmente, não sou contemplado com visitas noturnas do deus Netuno, mas também não fui julgado por corrupção. — Alguns risinhos educados receberam essa demonstração de conhecimento histórico. Às vezes era fácil demais para as pessoas esquecerem que o homem do norte tinha sido educado na corte imperial.

— Não, eu estava pensando no seu garoto persa aqui. — Sem olhar, Acilio Glabrio acenou na direção dele.

Houve um silêncio. Até o sofista Calínico ficou calado. Finalmente Balista, com desconfiança na voz, pediu ao patricio que explicasse.

— Bom... o seu garoto persa... — O jovem nobre estava se demorando, saboreando o momento. — Sem dúvida, algumas mentes imundas vão fornecer uma explicação nojenta para a presença dele na sua *família* — agora ele se apressou —, mas eu não sou uma dessas pessoas. Eu a atribuo a uma confiança suprema. Cipião, antes da batalha de Zama, que esmagou Cartago, pegou um dos espíões de Anibal se esgueirando ao redor do acampamento romano. Em vez de matá-lo, como normalmente se faz, ordenou que lhe mostrassem o

acampamento, que ele fosse ver os treinamentos, as máquinas de guerra, o armazém. — Acílio Glabrio fez uma pausa para que a última informação fosse registrada. — E então Cipião soltou, enviou-o de volta para fazer seu relatório a Aníbal, talvez tenha até lhe dado um cavalo para apressar seu caminho.

— Apiano. — Calínico não conseguiu se segurar. — Na versão dos fatos contada pelo historiador Apiano, havia três espíões. — Todo mundo ignorou a intervenção do sofista.

— Ninguém devia confundir esse ato com confiança em excesso, muito menos com arrogância ou estupidéz. — Acílio Glabrio se recostou e sorriu.

— Não tenho motivos para desconfiar de ninguém na minha *familia*. — O rosto de Balista estava transtornado, — Não tenho motivos para desconfiar de Bagoas.

— Ah, não, tenho certeza de que tem razão. — O jovem oficial voltou sua expressão mais vazia para o prato a sua frente e, com delicadeza, pegou uma noz.

Na manhã seguinte ao desastroso jantar oferecido pelo *Dux Ripae*, o garoto persa percorreu as fortificações de Arete. Em sua cabeça ele estava se refestelando em uma orgia de vingança. Ignorou detalhes como, por exemplo, a maneira como conquistaria sua liberdade ou como encontraria os nômades do deserto que o tinham escravizado, principalmente como conseguiria subjugá-los. Eles se postavam desarmados a sua frente; ou melhor, um de cada vez, ajoelhavam-se perante ele, estendiam as mãos em súplica. Eles rasgavam as roupas, jogavam terra na cabeça, choravam e imploravam, Tudo em vão. Com uma faca na mão, a espada ainda na bainha, ele avançava. Ofereciam a ele suas esposas, seus filhos, imploravam para que os escravizasse, Mas ele era desprovido de remorso. Vez por outra a mão esquerda se estendia, seus dedos se fechavam ao redor da barba crespa e ele puxava o rosto apavorado para perto do seu, explicando o que iria fazer e por quê. Ignorava os soluços, os apelos. Na maior parte dos casos, ele puxava a barba para expor a garganta. A faca brilhava e o sangue jorrava vermelho no deserto poeirento. Mas não para aqueles três. Para os três que tinham feito as coisas que fizeram com ele, isso não bastava, nem de longe. Sua mão puxou as vestes, agarrou os genitais. A faca brilhou e o sangue caiu vermelho sobre a areia do deserto.

Ele chegara à torre no canto nordeste das muralhas da cidade. Ele tinha caminhado pelas fortificações do norte a partir das proximidades do templo de Azzanathcona, que agora era a base da *Cohors XX Palmyrenorum*, formada por homens montados e por infantaria, com a força efetiva de 180 homens de cavalaria e 642 homens de infantaria. A repetição ajudava a memorizar os detalhes. Era um trecho de cerca de 300 passos sem nenhuma torre. (Em silêncio, ele repetiu: "Cerca de 300 passos sem nenhuma torre"). Desceu os

degraus da passarela da muralha antes que a sentinela da torre tivesse tempo de confrontá-lo ou questioná-lo.

O jantar da noite anterior tinha sido perigoso. Aquele tribuno odioso, Acilio Glabrio, tinha razão. Sim, ele era um espião. Sim, ele causaria a eles todo o mal que pudesse. Aprenderia tudo no coração da *família* do *Dux Ripae*, desvelaria seus segredos, descobriria onde ficavam suas fraquezas. Então, fugiria na direção do exército sassânida que tudo conquista. Sapor, Rei dos Reis, Rei dos Arianos e dos Não Arianos, Benquisto de Mazda, iria erguê-lo do solo, beijaria seus olhos, daria a ele as boas-vindas ao lar. O passado seria completamente apagado. Ele estaria livre para recomençar a vida como homem mais uma vez.

Não que ele tivesse sido maltratado por Balista ou por qualquer integrante de *sua família*, de jeito nenhum. Com a exceção do garoto grego, Demétrio, eles o tinham quase recebido bem. O problema era o simples fato de que eles eram o inimigo. Em Arete, o *Dux Ripae* era o líder dos injustos, que negavam Mazda. Eles negavam os fogos de *babram*. Causando sofrimento aos justos, entoavam serviços para os demônios, chamando-os pelo nome. Falsos no discurso, injustos na ação, eles merecidamente eram *margazan*, amaldiçoados.

Agora ele se aproximava dos celeiros militares. Todos os oito eram iguais. As plataformas de carregamento ficavam em uma ponta; as portas, na outra — tudo muito bem vigiado. Nas laterais ficavam as aberturas de ventilação, mas, localizadas sob os beirais, eram altas demais para que ele tivesse acesso a elas. Havia, no entanto, painéis de ventilação na altura da cintura. Um homem magro poderia ser capaz de se esgueirar através das grades; qualquer um poderia derramar material inflamável por ali. Os celeiros eram de tijolos com telhado de pedra, mas o piso, as paredes e as vigas do lado de dentro deviam ser feitas de madeira, e alimentos, principalmente óleo e cereais, queimavam bem. Um dispositivo incendiário queimaria, na melhor das hipóteses, apenas dois celeiros, e apenas se o vento soprasse na direção certa e tivesse força suficiente para fazer as chamas saltarem a valeta estreita entre o alvo e seu vizinho imediato. Mas os ataques simultâneos causariam mais confusão e levariam a perdas maiores.

Bagoas não tinha conseguido descobrir a quantidade de suprimentos que havia nos celeiros. Ele tinha esperança de que teria uma idéia ao olhar através das portas naquele momento.

Movimentando-se entre os dois primeiros pares de celeiros, ele viu que todas as portas a sua esquerda estavam fechadas, mas que as duas primeiras a sua direita estavam abertas. Quando passou, tentou ver o que havia lá dentro. Dois legionários estavam de guarda perto da porta, mais quatro de folga descansavam ao pé dos degraus. Estavam todos olhando para ele. Ele se apressou em olhar para o outro lado.

— Ei, seu mendigo, venha aqui. Vamos ensinar uma ou duas coisas a você.

O garoto persa tentou passar por eles caminhando normalmente, como se não estivesse preocupado. Então os comentários cessaram. De canto de olho, ele viu um legionário falando baixo e muito sério com os amigos. Ele apontava. Agora todos olhavam ainda mais fixamente para ele; começaram a segui-lo.

Ele não queria correr, agravando a desconfiança dos legionários; preferia caminhar normalmente. Sentiu-se apressar o passo, e pôde perceber que eles também tinham acelerado.

Talvez estivessem indo para o mesmo lado por acaso; talvez não o estivessem seguindo, na realidade. Se ele virasse para dentro de um dos becos que separavam os pares de celeiros, talvez eles simplesmente seguissem em frente. Ele entrou em um beco à esquerda, Um instante depois, eles também entraram na passagem. Ele saiu correndo.

Com as sandálias escorregando na poeira, chutando o lixo espalhado, Bagoas disparou o mais rápido que pôde. Atrás de si, ouvia gente correndo. Se ele dobrasse à direita no fim do beco e passasse pelas plataformas de carregamento, só precisaria dobrar a última esquina e já avistaria a porta norte do palácio do *Dux Ripae*.

Ele derrapou na primeira curva e quase foi de encontro a uma carroça de boi. Desviou do veículo pesado, abaixou a cabeça e disparou mais uma vez. Atrás de si, escutou uma comoção: gritos, xingamentos. Ele estava conseguindo escapar. Só faltavam mais alguns passos, só mais uma esquina para dobrar.

Ao fazer a curva na ponta do celeiro, ele percebeu que não conseguiria escapar. Dois legionários pisavam firme na direção dele. A passagem era estreita, não tinha mais do que 10 passos de largura. Não daria para desviar e se esquivar de ambos. Ele parou e olhou ao redor. Lá estava a porta norte do palácio, a apenas trinta ou 40 passos de distância... mas do outro lado dos legionários. A sua esquerda estava o muro cego do palácio; à direita, a lateral de um celeiro impossível de se escalar. Apesar de sua velocidade e do carro de boi, os outros dois estariam em cima dele em um instante.

Algo o atingiu com força nas costas e fez com que ele se estatelasse no chão. Suas pernas foram agarradas. Ele foi puxado para trás. Com o rosto virado para baixo, seus braços iam se ralando na superfície da passagem.

Ele deu um chute com a perna direita. Ouviu um gemido de dor. Ele tentou se levantar, berrando para pedir ajuda. Viu os dois *equites singulares* que estavam de guarda na porta do palácio olharem para ele sem interesse. Antes que pudesse gritar de novo, um golpe pesado atingiu sua orelha direita. O mundo se liqüefez ao redor dele. Seu rosto foi ao encontro do chão mais uma vez.

— Traidor! Seu traidorzinho imundo. — Ele foi jogado com brutalidade na valeta estreita que se estendia entre os dois celeiros mais próximos, então foi erguido e empurrado para dentro de uma das baías formadas pelo botaréu que se projetava de cada uma das construções. Foi lançado contra uma parede.

— Você acha que pode ficar andando por aí como bem entende, é isso? Passar bem na nossa frente enquanto nos espia? — Um dos legionários agarrou o pescoço do garoto com força e puxou o rosto dele para bem perto do seu. — Nosso *Dominus* nos disse o que você é... uma porra de um espião, uma porra de um vadio. Bom, o seu bárbaro não está aqui para salvá-lo agora. — Ele deu um soco no estômago de Bagoas com toda a força.

Dois legionários puseram o garoto de pé para que os outros dois o acertassem repetidamente no rosto e no estômago.

— Nós vamos nos divertir um pouco com você, moleque. Depois vamos colocar fim nos seus joguinhos para sempre.

Depois de uma seqüência de golpes, largaram-no. Passaram a se revezar para chutá-lo.

Bagoas se encolheu em posição fetal. Os chutes continuaram. Ele podia sentir o cheiro do couro das botas militares, sentia o gosto ferroso do próprio sangue invadindo sua boca. Não, Mazda, não... não permita que seja igual ao que aconteceu com os nômades, não. Por alguma razão que ele não sabia explicar, um fragmento de poesia lhe veio à mente.

*Às vezes acho que a rosa nunca é tão vermelha  
Quanto no lugar em que algum César enterrado sangrou.*

Os chutes cessaram.

— Para que porra você está olhando?

Através dos olhos machucados semi-cerrados, o garoto persa enxergou a silhueta de Calgaco no final da valeta.

— Minha nossa, mas como vocês são valentes... quatro para um garoto só! Talvez possam dar conta de um velho.

Aos olhos do garoto persa, Calgaco parecia mais jovem e mais alto do que nunca. Mas aquilo só podia terminar de um jeito. O jovem queria gritar, queria dizer ao velho caledônio que fugisse, que não iria fazer nenhum bem ele também levar uma surra, quem sabe ser morto, mas nenhuma palavra saiu.

— Não diga que não foi avisado, seu velho fodido.

Os legionários estavam todos de frente para Calgaco.

Ouviu-se uma exclamação de surpresa e de dor. Um dos legionários se projetou para a frente e tropeçou nas pernas esticadas do garoto persa. Os outros três olharam com uma expressão estúpida para o amigo. Quando começaram a se virar, o rapaz viu o punho de Máximo esmagar o rosto do legionário à esquerda. O homem tinha uma expressão quase cômica de choque no rosto quando caiu para trás, de encontro à parede, com o nariz quebrado jorrando sangue.

O legionário que Máximo tinha derrubado caiu de quatro. Calgaco deu um passo à frente e chutou com toda força o rosto dele. Sua cabeça estalou para trás e ele ficou imóvel, gemendo baixinho.

Os dois legionários que ainda estavam em pé se entreolharam, sem saber o que fazer.

— Recolham estes dois merdas e saiam já daqui — disse Máximo.

Os soldados hesitaram, depois fizeram o que tinha sido ordenado.

Escoraram seus *contubernales* até o fim da valeta. Quando chegaram à rua, o que estava com o nariz quebrado olhou para trás e gritou que aquilo não tinha terminado e que eles pegariam os três.

— Sei, sei — Máximo resmungou ao se inclinar por cima de Bagoas. — Ajude aqui, Calgaco, vamos levar este canalhinha para casa.

Às vezes acho que a rosa nunca é tão vermelha Quanto no lugar em que algum César enterrado sangrou.

O fragmento se repetiu na cabeça do garoto persa antes de ele perder os sentidos.

Com um gesto de Balista, o soldado bateu de novo na porta. Até o momento, o dia tinha sido muito cansativo. Balista tinha saído na segunda hora de luz do dia, acompanhado por Demétrio, dois escribas, três mensageiros, Rômulo (que naquele dia não precisou carregar o estandarte pesado) e dois *equites singulares*. Quando os dez homens caminharam até a ponta sul da Rua da Muralha, alguns legionários a distância, longe o suficiente para não serem reconhecidos, uivaram feito lobos.

Balista e seu grupo estavam inspecionando todas as propriedades próximas à muralha oeste que dava para o deserto e que em breve seriam destruídas, envoltas em destroços e lama. As reclamações feitas na noite anterior pelos escoltadores de caravana estavam na boca de todos os moradores. Naquela manhã, pareciam ter um significado ainda maior. Estavam sendo proferidas pelos sacerdotes cujos templos seriam demolidos, cujos deuses seriam despejados. Estavam sendo proferidas pelos homens cujas casas seriam

colocadas no chão, cujas famílias ficariam sem-teto. Alguns tinham ar desafiador; outros seguravam as lágrimas, com a esposa e as crianças espiando à porta do aposento da mulher. Independentemente de o considerarem um protegido irresponsável dos imperadores, um oficial do exército sedento de poder ou apenas um típico bárbaro idiota, ninguém achava que as ações de Balista fossem qualquer coisa além de cruéis, caprichosas e impensadas.

Com uma certa irritação, Balista mais uma vez fez um gesto para que o soldado batesse na porta da casa. Eles não tinham o dia todo, e estavam apenas no final do terceiro quarteirão. Dessa vez, assim que o soldado terminou de bater, a porta se abriu.

Da escuridão do vestibulo surgiu um homem baixo, vestido como filósofo; capa e túnica grosseiras, pés descalços, cabelo comprido desgrenhado e barba. Em uma das mãos, segurava um cajado; a outra manuseava uma carteira pendurada em sua cinta.

— Sou Marco Clódio Balista, *Dux*...

— Eu sei — o homem interrompeu, mal-educado. Era difícil enxergar bem, já que o corpo de Balista obstruía o sol claro; ele olhava para a penumbra, mas o homem parecia muito agitado. A mão esquerda se afastou da carteira e começou a mexer na fivela da cinta, que tinha forma de peixe.

Pai-de-Todos, lá vamos nós de novo, Balista pensou. Vamos tentar cortar este aqui antes que comece a resmungar.

— Que escola de filosofia você segue?

— O quê? — O homem ficou olhando para Balista sem entender, como se as palavras nada significassem para ele.

— Você está vestido feito um cínico, talvez um estoico linha-dura, Mas é claro que os símbolos são adequados para quase todas as escolas.

— Não... não, eu não sou filósofo... Certamente que não, ou algo do tipo, — Ele parecia ao mesmo tempo ofendido e amedrontado.

— E o proprietário desta casa? — Balista prosseguiu. Ele já tinha desperdiçado bastante tempo.

— Não.

— Pode ir buscá-lo?

— Não sei... está ocupado, — O homem olhava ansiosamente para Balista e para os soldados. — Vou chamá-lo. Siga-me. — De repente, ele se virou e os conduziu através do vestibulo até um átrio central pavimentado. — Inspeccione o que for

necessário — ele disse e então, sem dar nenhum aviso, desapareceu subindo alguns degraus que levavam ao andar superior.

Balista e Demétrio se entreolharam.

— Bem, não se pode dizer que a filosofia lhe tenha trazido paz interior — disse o grego.

— Apenas os homens sábios são felizes — Balista citou, mas, para ser honesto, ele não tinha certeza de onde vinha essa frase. — Vamos dar uma olhada no lugar.

Havia um pórtico aberto à esquerda. Bem à frente, entraram em uma sala comprida que tinha quase o comprimento da casa inteira. Era pintada de branco, simples e mobiliada apenas com bancos. Parecia uma sala de aula. Havia um cheiro quase opressor de incenso. Ao retornar ao átrio, examinaram outra sala, oposta ao pórtico. Estava vazia, a não ser por alguns potes de armazenamento em um dos cantos do outro lado. Mais uma vez, a sala era pintada de branco e o cheiro de incenso mascarava todos os outros.

Havia um último aposento no andar térreo, separado do vestibulo pela escada acima na qual o homem tinha desaparecido. Ao entrar, Balista se deteve, surpreso. Apesar de não ter quase nenhuma mobília, como o restante da casa, essa sala era uma explosão de cores. Em uma ponta havia um arco com colunas, pintadas para parecer mármore. O teto era azul da cor do céu, salpicado de estrelas prateadas. Sob o arco havia uma banheira, de tamanho suficiente para uma pessoa, e, atrás dela, a imagem de um homem carregando uma ovelha.

Balista olhou ao seu redor. Para todos os lados, havia pinturas. Ele se pegou olhando para uma imagem tosca de três homens. O da esquerda carregava uma cama na direção do da direita, que estava deitado em outra cama. Acima dos dois estava o terceiro homem, com a mão estendida por cima do personagem recostado.

— Que porra esquisita — disse um dos soldados.

Logo à direita dessa imagem, um homem vestido de camponês pairava por cima do mar. Alguns marinheiros surpresos olhavam para ele, de um barco bem aparelhado.

— Minhas saudações, Marco Clódio Balista, *Vir Egregius, Dux Ripae*. — O interlocutor tinha entrado discretamente atrás deles. Balista se virou e viu um homem alto vestido com uma túnica azul simples, calça branca e sandálias. Seu cabelo rareava e era cortado bem curto nas laterais. Ele exibia a barba cheia, um sorriso aberto e parecia muito familiar. — Sou Teodoto, filho de Teodoto, Conselheiro da Cidade de Arete e sacerdote da comunidade cristã local. — Ele

tinha um sorriso agradável.

Aborrecido consigo mesmo por não ter reconhecido o sacerdote cristão, Balista sorriu como quem pede desculpas e estendeu a mão.

— Espero que perdoe a descortesia da parte de meu irmão Josefo. Compreenda que, depois da perseguição iniciada pelo imperador Décio há alguns anos, nós cristãos ficamos nervosos quando soldados romanos batem à nossa porta. — Ele apertou a mão de Balista e deu uma risada sincera. — E claro que as coisas estão muito melhores agora, sob o sábio governo de Valeriano e Galiano, e oramos para que eles vivam muito, mas é difícil se livrar de antigos hábitos, Achamos melhor sermos discretos.

— Não, eu é que fui grosseiro sem querer. Confundi o seu irmão com um filósofo pagão. — Apesar de Teodoto parecer bastante disposto e amável, Balista achou melhor amenizar qualquer problema, se possível. — Sinto muito, muito mesmo, por precisar destruir seu local de culto. Garanto que isso não aconteceria se não fosse absolutamente necessário. Farei todo o possível para que seja paga uma indenização... se a cidade não for tomada, obviamente.

Em vez da tempestade de protestos e reclamações que Balista estava esperando, Teodoto abriu os braços e deu um sorriso beatífico.

— Tudo vai acontecer de acordo com a vontade de Deus — disse o sacerdote, — Ele escreve certo por linhas tortas.

Balista ia dizer mais alguma coisa, mas uma lufada de incenso entrou em sua garganta e ele teve um acesso de tosse.

— Queimamos muito incenso pela glória do Senhor — Teodoto disse e deu tapinhas nas costas do homem do norte. — Quando cheguei, vi que estava olhando as pinturas. Gostaria de conhecer a história por trás delas?

Ainda sem conseguir falar, Balista assentiu com a cabeça para indicar que sim. Por sorte, ele não trazia em seu grupo naquele dia o soldado que odiava cristãos.

Teodoto mal estava começando quando um soldado irrompeu porta adentro.

— *Dominus*. — O legionário esboçou rapidamente a saudação do exército. — *Dominus*. Encontramos Caio Escribônio Muciano.

Caio Escribônio Muciano estava morto.

Uma morte violenta e inesperada em tempos de paz sempre atrai multidão. Uma densa aglomeração de soldados e civis, velhos e jovens, encontrava-se sob a muralha leste, perto da entrada de um dos antigos túneis de água.

Rômulo gritou alguma coisa em latim, depois em grego e finalmente em aramaico e a multidão se deslocou para o lado com certa relutância, abrindo um pequeno espaço para permitir que Balista e sua comitiva passassem. Mamurra, Acílio Glabrio e um centurião da *IIII Scythica* estavam parados ao lado do corpo. Eles se voltaram e o saudaram.

Balista lançou um olhar inquisitivo para Demétrio, que se inclinou para perto e sussurrou em seu ouvido:

— Lúcio Fábio.

— Lúcio Fábio, pode pedir à multidão que se desloque para trás pelo menos 30 passos?

O centurião vociferou ordens e seus legionários usaram suas pesadas lanças sem ponta, como pastores usando seus cajados, para arrebanhar os curiosos para longe.

Escribônio Muciano estava estirado de costas, os braços e as pernas estendidos, a cabeça virada para o lado em um ângulo nada natural. As roupas estavam manchadas de sangue seco havia muito tempo, e mofo esverdeado. Seu rosto tinha manchas amarelo-esverdeadas, próximo de se transformarem em pretas. Balista já tinha visto mais cadáveres do que desejava. Cinco anos antes, o cerco de Novae tinha lhe dado a oportunidade indesejada de observar os mortos se decompor. Na frente das muralhas defendidas pelo homem do norte e seu general Galo, milhares de godos permaneceram sem ser enterrados sob o sol de verão durante quase dois meses. Balista calculou que o tribuno estivesse morto havia pelo menos esse tempo. Com discrição, pediu a Demétrio que fosse chamar um médico local e um coveiro para darem seus pareceres independentes.

— Como sabem que é ele? — Balista dirigiu a pergunta para os três homens que ainda estavam perto do cadáver.

— Claro que é ele — Acílio Glabrio respondeu. — Não que a aparência tenha melhorado.

Balista não disse nada,

— Um dos soldados reconheceu o anel de selo dele — disse Mamurra, O *praefectus fabrum* refletiu por um momento. — E ele usa o anel de ouro de um eqüestre, a cinta da espada é refinada, as roupas são caras... Havia trinta moedas de prata perto do corpo.

— Perto do corpo?

— Sim, a bolsa foi cortada da cinta, as moedas caíram no chão. — Mamurra entregou a bolsa.

— Então, não houve roubo.

— Não, a menos que tenha havido uma interrupção. — Mamurra sacudiu a cabeça lentamente. — Ele foi revistado. As costuras da túnica e das sandálias foram cortadas. Apesar disso, não foi roubado.

Ouviram-se gritos estridentes, juramentos militares muito altos. Mais uma vez a multidão, que ia crescendo a olhos vistos, movimentou-se com relutância. Através da passagem estreita que se abriu até o corpo, Máximo e Turpio chegaram.

— Bom, ele não incendiou nosso armazém de artilharia — disse Máximo logo de cara. Todo o grupo, à exceção de Balista e Turpio, virou-se para olhar com atenção para o hibérnico. — Vamos lá, isto deve ter passado pela cabeça de todo mundo. Agora sabemos que não foi ele. Está morto há tempo demais. Pelo que parece, já estava morto antes de chegarmos a Seleuceia.

Durante todo o tempo que seu guarda-costas falou, Balista ficou observando Turpio, Seu rosto, geralmente bem-humorado e irrequieto, estava imóvel. Ele não tirava os olhos de Escribônio Muciano. Finalmente, bem baixinho, ele disse:

— Seu canalha desgraçado, seu burro miserável de merda.

Balista se ajoelhou com uma perna ao lado do cadáver e o estudou com atenção, olhando fixamente para a cabeça e descendo a partir dela, com o nariz a centímetros da carne podre. Demétrio, com ânsia de vômito cada vez maior, ficou imaginando como seu *Kyrios* era capaz de fazer uma coisa daquelas.

— Roubaram algo dele, apesar de não ter sido dinheiro. — Balista apontou para a cinta de espada ornamentada. — Estão vendo... aqui e aqui, dois pares de tiras que foram cortados. Era nestas aqui que a bolsa ficava presa. — As pontas cortadas que ele ergueu se encaixavam. Ele pegou as outras tiras. — E nestas aqui, o que estava preso era...

— Um bloco de escrever — disse Turpio. — Ele sempre carregava um bloco de escrever pendurado na cinta. Estava sempre mexendo nele. — Um sorriso

irônico passou pelo rosto do ex-centurião. — Ele sempre o usava para fazer contas e escrever números,

— Ele foi encontrado? — Balista perguntou, O centurião Lúcio Flávio sacudiu a cabeça. — Alguém pode me arrumar um pouco de água e uma toalha? — Balista não ergueu os olhos, mas ouviu alguém se afastar. Pai-de-Todos, o poder está me corrompendo, ele pensou. Eu dou ordens e espero que sejam obedecidas. Nem mesmo sei ou me importo com *quem* obedece minha ordem. A corrupção do poder é tão certa quanto o apodrecimento natural deste corpo.

Balista se preparou, lutou contra sua repugnância e agarrou o corpo podre com as mãos, virando-o de bruços. Resistiu ao impulso de limpar as mãos. A vida no *imperium* tinha lhe ensinado a não demonstrar fraqueza.

— Bom, pelo menos é bem fácil saber como ele foi morto. — Balista apontou para uma ferida horrorosa na lateral e atrás da coxa esquerda de Escribônio Muciano. — Foi isso que o derrubou. Ele estava de costas para o assassino. Talvez estivesse fugindo. Um golpe de espada de um homem destro. Pelo tamanho da ferida, provavelmente foi uma espada militar padrão, uma *spatha*.

Uma jarra de água e uma toalha foram colocadas no chão, Balista mudou de posição para ver o que tinha sobrado da parte de trás da cabeça de Escribônio Muciano. A mistura de carne e cérebro coagulados estava totalmente preta. Um líquido escorria. As feridas pareciam piche e exalavam um cheiro fétido. Balista estava começando a ficar enjoado. Ele se forçou a derramar água nas feridas, para lavá-las com as suas próprias mãos.

— Cinco, seis, sete... pelo menos sete golpes de espada na parte de trás da cabeça. É bem provável que tenham sido feitos com a mesma arma. Deu-se como todo instrutor recomenda que se faça: derrube o inimigo com uma ferida na perna, de quatro, no chão, e então termine com o número de golpes na cabeça que for necessário. — Agradecido, Balista permitiu que um de seus escribas, o que tinha sotaque púnico, despejasse água em suas mãos. Ele agradeceu e pegou a toalha. — Quem o encontrou?

O centurião fez um sinal para que um legionário se apresentasse.

— Caio Aurélio Castrício, soldado da *Vexillatio* da *Legio IIII Scythica*, centúria de Lúcio Fábio, *Dominus*, Faremos o que for ordenado e a cada comando estaremos de prontidão, *Dominus*.

— Onde o encontrou?

— Em uma galeria lateral deste túnel sem uso, *Dominus*. Ali, *Dominus*. — Ele apontou para alguns degraus que desciam a um buraco escuro.

— O que estava fazendo lá?

— Recebi a ordem de dar uma busca em todas as passagens e galerias laterais, *Dominus*. — O legionário parecia levemente acanhado.

— O nosso Castrício aqui tem habilidade para a tarefa — o centurião dele o interrompeu. — Ele adquiriu muita experiência com túneis antes de fazer o *sacramentum*, o juramento militar.

O legionário pareceu ficar ainda mais acanhado. Ninguém descia às minas por escolha própria. Como civil, Castrício deve ter sido condenado por algo bem ruim para ir parar em um lugar desses.

— Muito bem, Castrício, é melhor me mostrar onde o encontrou. — Balista disse a Máximo que fosse junto com ele e que todos os outros permanecessem ali e seguiu o legionário. Ao entrarem no túnel, fizeram uma pausa para acender lamparinas e esperar os olhos se adaptarem. O soldado falava para quebrar o gelo. Balista não o escutava, estava rezando.

Este túnel era muito pior do que o outro. O piso era mais rústico e escorregadio. Havia boas razões para ter sido fechado com tábuas. Várias vezes, precisaram escalar pilhas de pedras caídas do teto ou despencadas das paredes. Em uma ocasião, precisaram se esgueirar por uma abertura que era pouco mais larga do que os ombros do homem do norte. Deve ter sido um inferno tirar o cadáver dali. O caminho descia cada vez mais. Era muito escuro e molhado. Havia água no chão e escorrendo das paredes. Era como uma descida ainda em vida até o Niflheim, o Inferno Enevoado, o reino congelante do inverno sem fim. O reino dos mortos, onde o dragão Nidhogg roía as raízes de Yggdrasill, a Árvore do Mundo, até o fim dos tempos.

— Foi aqui. Eu o encontrei aqui. — Estavam em uma galeria lateral abandonada, um beco sem saída, baixo demais para permitir que um homem ficasse em pé ali.

— Onde exatamente ele estava? — Balista perguntou,

— Bem aqui.

— Em que posição?

— Deitado de costas, com os braços estendidos contra as paredes, os pés juntos.

— Máximo, você se incomoda de deitar na mesma posição do cadáver? — Apesar de os três homens já estarem bem imundos, o guarda-costas lançou um olhar a seu *Dominus* insinuando que sim, ele se incomodava bastante. Ainda assim, o hibernico se deitou e permitiu que Castrício o ajeitasse na posição exata.

— Escrivão Muciano certamente não foi morto aqui. Máximo, pode ficar de quatro, por favor?

O guarda-costas fez uma cara de quem ia fazer uma piada, mas mudou de idéia. Balista desembainhou a *spatha*. Ele tentou imitar o golpe na cabeça de Máximo. O teto de pedra era baixo demais.

— Deve ter sido um inferno trazer o corpo até aqui — Balista disse, — Provavelmente foi necessário mais de um homem.

— É bem provável que sim. Mas talvez um único homem forte o bastante fosse capaz de fazer isso — Castrício respondeu.

Ao voltarem para o sol, foram confrontados por um círculo de rostos. Na frente estavam os oficiais do exército, Mamurra, Acilio Glabrio e Turpio. A eles tinham se juntado os três escoltadores de caravana, com base no fato de que, como comandantes de unidades de *numeri*, agora eles também eram oficiais do exército. Atrás deles, ainda contida pelos legionários, a multidão tinha aumentado. Na frente dela estavam os outros conselheiros, Teodoto, o cristão hirsuto, bem em destaque. O povo comum, o *demos*, estendia-se para trás e, no final, estavam os escravos. Em qualquer aglomeração, o povo do *imperium* tinha a tendência de se organizar por sua posição social, como se estivesse no teatro ou em um espetáculo.

— Pobre tolo, pobre tolo fodido — disse Turpio. — Assim que ficou sabendo da sua indicação, ele começou a agir de maneira cada vez mais estranha. Logo antes de desaparecer, dois dias antes de eu partir para encontrá-lo no litoral, ele tinha começado a falar sozinho. Várias vezes, escutei-o balbuciando que agora tudo ficaria bem, que ele tinha descoberto uma coisa que faria com que tudo ficasse bem.

— O que ele queria dizer? — Balista perguntou.

— Não faço a menor idéia.

Balista estava lutando contra a vontade de deixar sua escrivãzinha. Ele estava com uma leve sensação de desconforto, um forte sentimento de inquietação. Várias vezes na última hora, ele tinha cedido. Andar de um lado para o outro não adiantava, Mas podia ser pior. Não havia recebido a visita noturna do homem alto. De fato, felizmente, o falecido imperador Maximino Trácio não aparecia desde aquela noite a bordo do *Concórdia*, nas proximidades do litoral da Síria, Será que isso destruiu o racionalismo epicurista de Julia, sua visão de que o demônio não passava de um sonho ruim causado por cansaço e ansiedade? Desde que Balista tinha chegado a Arete, andava exausto, e ninguém podia negar que ele estivera sob enorme pressão: um de seus principais oficiais tinha

desaparecido e depois fora encontrado assassinado, o outro era insuportável e insubordinado; a lealdade dos líderes locais era questionável, o armazém de artilharia tinha sido incendiado. E pelo menos um traidor assassino andava à solta na cidade.

Agora eram as disposições militares para a defesa da cidade que o preocupavam. Como um general romano devia fazer, ele tinha convocado seu *consilium*, ouvido suas opiniões, aceitado seus conselhos. Mas, em última instância, as decisões eram só dele. Seus planos tinham sido finalizados, aproveitando ao máximo a força humana que ele tinha à disposição, e estavam prontos para serem revelados a seus subordinados e postos em prática. No entanto, ele se preocupava com a possibilidade de ter deixado passar alguma coisa óbvia, de que houvesse alguma falha terrível nos seus planos. Era ridículo, mas ele estava menos preocupado com a possibilidade desse lapso causar a queda da cidade e levar a uma ruína sangrenta do que a omissão ser percebida logo de cara por um dos oficiais, que ele fosse exposto às risadas de desdém de Acílio Glabrio. Uma grande parte dele continuava sendo o jovem bárbaro de 16 invernos arrastado para dentro do *imperium* dos romanos. Ele ainda tinha mais medo de ser exposto ao ridículo do que de qualquer outra coisa.

Balista levantou-se da escrivaninha e caminhou até o terraço externo do palácio. O céu tinha um perfeito tom de azul mesopotâmico. Era inverno, dia 6 de dezembro, dez dias antes dos idos do mês. Agora o sol já tinha desfeito a névoa do começo da manhã, o clima era o mesmo de um dia esplendoroso de primavera na terra natal de Balista. Ele se inclinou com as costas voltadas para a parede do terraço. Do rio lá embaixo vinham os sons dos carregadores de água e do mercado de peixe, todos agora sob supervisão militar. Mais perto, à sua esquerda, além da parede cruzada que separava o terraço da muralha, ele ouviu crianças brincando. Ele se virou para olhar e viu quatro criancinhas jogando bola. Uma subiu na beirada e se equilibrou ali com precariedade. Sem pensar, Balista saiu correndo na direção do menino. Antes que ele tivesse dado mais do que alguns passos, uma mulher com vestes esvoaçantes, típicas dos nômades, agarrou a criança. A repreensão dela se propagou pelo ar puro.

Balista pensou em seu filho. Marco Clódio Isangrim era o nome que tinha dado a ele. Ninguém podia demonstrar objeção aos primeiros dois nomes: nada podia ser mais convencional do que o primeiro filho ficar com os *praenomen* e *nomen* romanos de seu pai. Julia, no entanto, tinha demonstrado objeção com tanta veemência como só uma mulher italiana é capaz de mostrar ao fato de seu filho carregar um *cognomen* bárbaro.

Balista sabia que tinha sido apenas a boa educação extrema, atrelada a gerações de nascimentos em famílias senatoriais, que tinha impedido que os parentes de Julia torcessem o nariz na cerimônia em que ele recebeu seu nome. Mas aquilo

era importante para Balista. Apesar de ele ter medo do ridículo, era importante que o garoto crescesse ciente de sua origem. Como ele tinha tentado explicar à Julia, não tinha feito aquela escolha apenas por questões emocionais. O *imperium* usava reféns diplomáticos como ferramentas de diplomacia. A qualquer momento, se os imperadores ficassem insatisfeitos com o pai de Balista, eles iriam tirá-lo de seu posto sem um instante de hesitação e enviá-lo de volta ao norte para, com o respaldo de armas e dinheiro romano, tentar instaurá-lo como o novo *Dux* dos anglos. Se Balista estivesse morto, eles enviariam seu filho. Essas coisas raramente davam certo, mas nem ele nem seu herdeiro teriam escolha sobre a questão. Então, o garoto recebeu o nome de Isangrim em homenagem ao avô e estava aprendendo a língua nativa de seu pai.

Chamavam-no de Isangrim. Ele era muito bonito, tinha o cabelo loiro todo cacheado e os olhos verde-azulados. Estava com três anos e brincava à distância de centenas de milhas e várias semanas de viagem.

E o que dizer sobre sua *família* dali? Bagoas tinha levado uma bela surra. Ficaria de cama por um tempo. Calgaco tinha razão quando disse que o garoto devia ser seguido. Parecia que, à sua maneira ingênua, o garoto estava brincando de espião. Tinha sido sorte Máximo estar lá. Calgaco era valente, mas era improvável que o velho caledônio fosse capaz de dar conta de quatro legionários sozinho. Havia duas questões particularmente preocupantes em relação ao incidente. Primeiro, os legionários tinham sido incentivados, pelo menos de maneira indireta, por Acílio Glabrio. Em segundo, dois dos *equites singulares* tinham observado sem intervir quando o garoto foi arrastado. E o que Balista devia fazer com Bagoas quando ele se recuperasse? Mais um motivo para sua mente se agitar.

A tosse de sempre, o chiado e os resmungos em voz alta anunciaram a chegada de Calgaco.

— A garota síria gostosa que você deseja está aqui. Eu disse que estava ocupado, mas ela respondeu que precisava muito falar com você. — A ênfase na palavra "muito" foi acompanhada por um olhar malicioso, lascivo, de proporções épicas. — Espero que possa dar a ela aquilo de que tanto precisa.

— Muito obrigado por sua preocupação. Darei o melhor de mim. Pode fazer com que ela entre?

— Está vestida como um garoto, de calça e tudo o mais. — Calgaco não demonstrou sinal de que iria se mover. — Se pegá-la por trás, poderá ter o melhor dos dois mundos.

— Obrigado pelo conselho. Se puder deixá-la entrar, pode retornar às coisas pavorosas que fica fazendo em seus aposentos,

O caledônio se afastou sem pressa nenhuma, resmungando no volume habitual.

— Coisas que eu fico fazendo... cuido de você pela manhã, à tarde e na porra da noite, é isso que eu fico fazendo.

Balista aprumou o corpo e assumiu seu porte. Queixo erguido, ombros para trás, ele queria parecer bonito.

Bathshiba chegou e se colocou no sol com Calgaco e um dos mercenários de seu pai.

— O *Dux Ripae* vai recebê-la agora — o caledônio disse com certa cerimônia e se retirou.

Bathshiba caminhou na direção de Balista. O mercenário ficou onde estava.

— Ave, Marco Clódio Balista, *Vir Egregius, Dux Ripae* — ela disse com formalidade,

— Ave, Bathshiba, filha de Iarhai — Balista respondeu.

— Meu pai lhe oferece condolências pela morte de seu oficial Escribônio Muciano, e se propõe a ajudá-lo no que for possível para capturar o assassino,

— Agradeça ao seu pai em meu nome. Ele a enviou com esta mensagem?

— Não. Ele enviou Haddudad, aquele ali. Eu disse a Haddudad que iria acompanhá-lo. — Ela riu, exibindo seus dentes muito brancos. — As pessoas ficam muito nervosas ao confrontar bárbaros em suas alcovas. Quem pode saber o que eles vão aprontar?

Balista teve muita vontade de dizer algo leve e espirituoso, Não lhe veio nada. Havia apenas o desejo. Tão real quanto um sonho que se sonha acordado, ele se viu pegando o braço dela e a conduzindo para dentro do palácio, para seu quarto, para sua cama, jogando-se em cima dela, desafivelando a cinta, arrancando...

Ela mudou de posição e o trouxe de volta à realidade.

— Gostaria de beber alguma coisa?

— Não, não posso me demorar. Apesar de Haddudad estar aqui, não seria bom para a minha reputação, — Havia um tom sensual em sua voz que deixou Balista ainda mais desconcertado,

— Antes que vá embora... tem uma coisa que desejo perguntar.

Ela esperou.

— Vi uma estátua na ágora outro dia.

— Há muitas estátuas lá. A maior parte delas erguida pelos moradores agradecidos para celebrar as virtudes dos escoltadores de caravana como o meu pai.

— Estou falando da estátua do pai de Anamu. Ele se chamava Agegos.

Ela não falou nada.

— A inscrição dizia que Agegos era sátrapa de Thilouana. A ilha de Thilouana fica no golfo Pérsico, Faz parte do império dos persas. E governada por Sapor.

Por um instante, Bathshiba pareceu confusa, então soltou uma risada de surpresa genuína.

— Ah, entendo o que está pensando. Está imaginando o quão leal a Roma pode ser um homem cujo pai era sátrapa dos persas. — Ela riu mais uma vez. — Meu pai vai ficar furioso por eu ter perdido uma oportunidade de denegrir um de seus rivais para o *Dux Ripae*... apesar de ele andar estranhamente pacífico ultimamente, até mesmo em relação a eles. — Ela refletiu por um instante, então prosseguiu. — Isso é algo absolutamente normal para um escoltador de caravana. A fortuna de outros homens ricos no *imperium* em última instância depende da terra. Os escoltadores possuem terras ao redor dos vilarejos a noroeste e do outro lado do rio. Recebem aluguel de seus inquilinos, e das propriedades que têm na cidade. Apesar de isso raramente ser mencionado, eles emprestam dinheiro a juros. Mas sua verdadeira riqueza vem da escolha de caravanas entre a Pérsia e Roma. Para proteger as caravanas quando atravessam a fronteira, precisam de contatos, em ambos os impérios. Eles também têm muitas conexões com os nômades do deserto, que não reconhecem nem a Pérsia, nem Roma.

— Obrigado — disse Balista. — Mas uma coisa me confunde. Como é que essa escolta gera a riqueza deles? A inscrição falava sobre o pai de Anamu escoltar caravanas com seus próprios recursos.

— Você tem muito a aprender. — Ela lançou um olhar bem diferente do anterior ao homem do norte, possivelmente um olhar de simples afeição. — É possível que exista alguma verdade na imagem do... bárbaro inocente de além dos ventos do norte. O meu pai e sua casta agem pela generosidade de sua alma. Nenhum mercador jamais sonharia em oferecer *pagamento*, e o escoltador de caravana ficaria ofendido se isso lhe fosse oferecido, mas um presente à altura, uma contribuição absolutamente voluntária, é uma questão bem diferente. Os mercadores se sentem agradecidos pela escolta.

Eles estavam bem perto um do outro. Ela mantinha o rosto erguido para olhar para ele. Ele começou a se inclinar para a frente. Ela se afastou, novamente com

aquele tom sensual na voz.

— Não se esqueça de que tem esposa... e de que Haddudad tem uma espada afiada.

O inverno avançava sobre a cidade de Arete.

Não parecia em nada com os invernos rigorosos da terra dos anglos. Lá, as neves podiam cair pesadas sobre os campos, sobre as cabanas dos camponeses e sobre os salões de telhado alto dos guerreiros durante meses a fio. Além das paliçadas, as névoas congelantes envolviam os desprevenidos e os desavisados. Homens e animais morriam no frio.

O inverno em Arete era um animal diferente, mais suave, porém caprichoso. Na maior parte das noites de dezembro e de janeiro havia geada. Nos dias em que chovia, muitos na medida em que o ano velho ia morrendo e menos depois do solstício, a chuva caía forte. O solo se transformava em um mar de lama. O ar ficava frio. Daí os ventos rortes do nordeste sopravam as nuvens para longe, o sol brilhava em todo seu esplendor, tão quente quanto um dia de primavera perto do mar do norte, e o solo secava antes que voltasse a chover.

Em certos aspectos, a vida em Arete continuava normalmente. Os sacerdotes e os devotos celebravam os festivais de seus deuses: Sol Invicto, Júpiter, Jano, Aphlad, Atargatis e Azzanathcona. Arautos precediam as procissões avisando pelas ruas àqueles que tinham outras crenças que largassem suas ferramentas, para que os sacerdotes e as deidades não tivessem a visão de mau agouro de homens trabalhando em um dia sagrado. Balista tinha se curvado à pressão popular e rescindido seu édito que proibia os encontros de dez ou mais pessoas. Ele esperava que essa concessão pudesse fazer com que as outras restrições que impusera se tornassem mais suportáveis. Certamente a concessão foi bem-vinda nos dois grandes festivais do inverno: a Saturnália — os sete dias de troca de presentes, de jogar e beber no fim de dezembro, quando os escravos comiam como seus donos — e mais uma vez na Comitália — os três dias no começo de janeiro em que rações extras, incluindo as de vinho, eram oferecidas aos serviços.

Como sempre, o primeiro dia de janeiro, o *kalends*, viu a guarnição e os provincianos ansiosos para assistir às autoridades renovarem seu juramento de lealdade aos imperadores e sua família. No mesmo dia, novos magistrados assumiam seus cargos, e Ogelos substituiu Anamu como *archon* de Arete. Como sempre, os soldados estavam ansiosos pelo dia 7 de janeiro: o dia do pagamento, com um jantar de carne assada depois dos sacrifícios: um boi para Júpiter Ótimo Máximo; uma vaca para Juno, Minerva e Salus; um touro para o Pai Marte. Como sempre, os alugueiros tinham de ser pagos no primeiro dia de janeiro; devedores tremiam com a aproximação do *kalends*, *nones* e *ides* de cada mês,

quando se deviam pagar os juros dos empréstimos; e os supersticiosos temiam os "dias negros" azarados que se seguiam.

No entanto, em muitos aspectos, aquele inverno em Arete era atípico. Dia após dia, a cidade ia ficando mais parecida com um acampamento armado. Sob o olhar lento porém cuidadoso de Mamurra, as defesas físicas da cidade começaram a tomar forma. Grupos de trabalhadores braçais impressionados derrubavam as orgulhosas torres das tumbas da necrópole, bois e jumentos levavam os destroços para a cidade. Outros trabalhadores empilhavam o entulho contra a face interna e externa da muralha oeste, lentamente dando a ele a forma de enormes rampas — o anteparo e o contra-anteparo. Quando estivessem recobertos de junco e de tijolos de barro, esperava-se que esses anteparos fizessem com que as muralhas continuassem em pé independentemente do que os sassânidas jogassem contra elas. Enquanto cada área da necrópole era limpa, outros grupos de trabalhadores começaram a escavar o largo fosso que impediria a aproximação pela muralha do deserto.

A parte interna da cidade estava igualmente ruidosa de tanta atividade. Ferreiros transformavam o metal em espadas, pontas de flecha e cabeças de lança. Carpinteiros trabalhavam com vime e madeira para fazer escudos. Fabricantes de flechas produziam sem cessar os inúmeros artefatos de artilharia de que os militares precisariam.

Em cada casa, bar e bordel (pelo menos quando não havia nenhum soldado romano por perto para escutar), discutia-se o caráter atípico do inverno. Por um lado, o bárbaro alto e canalha era unanimemente condenado: lares, túmulos e templos profanados, escravos libertados, homens livres reduzidos ao posto de serviçais, liberdades civis tolhidas, a castidade das esposas e das filhas comprometida. Por outro, apenas o *Dux* oferecia alguma esperança: talvez todos os sacrifícios se comprovassem justificados. As discussões davam voltas e mais voltas, desde as ruazinhas e becos enlameados do pequeno santuário da Tiquê de Arete, atrás do Portão de Palmira, até os telheiros fedorentos perto do rio. Os cidadãos de Arete estavam ao mesmo tempo ultrajados e assustados. Também estavam cansados, E o *Dux* continuava a exigir muito deles.

Os soldados se mostravam empenhados. No Ano-Novo, Balista tinha revelado suas disposições para a defesa da cidade. Ninguém, nem mesmo Acilio Glabrio, deu risada. O homem do norte tinha concentrado a força de trabalho na muralha do oeste que dava para o deserto aberto. Ali, as defesas seriam feitas por nada menos do que oito das 12 centúrias da *Legio IIII Scythica* e todas as seis centúrias da *Cohors XX Palmyrenorum*. De acordo com sua disposição, cada seção de fortificação relativa a duas torres seria defendida por uma centúria de legionários e uma de auxiliares. Uma centúria adicional da *IIII Scythica* seria fixada no portão principal, Na extremidade norte da muralha, apenas uma centúria da

*Cohors XX* estaria disponível para cobrir as últimas quatro torres, mas a ravina do norte fazia curvas e curvas que ofereciam defesa extra e, além disso, as torres eram mais próximas uma da outra.

As outras muralhas estavam mais vulneráveis. A muralha norte, que dava de frente para a ravina, era defendida por apenas uma centúria da *III Scythica* e duas *turmas* desmontadas da *Cohors XX*. A parede leste, que dava para o Eufrates, seria vigiada pelo *numerus* irregular de Anamu, com uma centúria da *III Scythica* cuidando da *Porta Aquaria*, dos túneis e dos dois portões próximos ao rio. Finalmente, a guarnição da muralha sul sobre a ravina consistiria dos *numeri* de Iarhai e Ogelos, com apenas uma *turma* desmontada da *Cohors XX* para vigiar o portão menor.

O verdadeiro ponto fraco do plano era o pequeno número de reservas: apenas duas centúrias da *III Scythica*, uma fixada ao redor do *campus martius* e outra no grande caravançarai, e duas *turmas* da *Cohors XX*, uma vigiando os celeiros e outra, o novo armazém de artilharia. Nos níveis atuais de soldados disponíveis, isso significava apenas 140 legionários e 72 auxiliares.

No entanto, o plano recebeu aprovação discreta. Era certo que o maior perigo se encontrava na muralha oeste. Ela seria defendida por nada menos do que 560 homens da *III Scythica* e 642 da *Cohors XX*. Os auxiliares eram arqueiros e legionários especializados em embate corpo a corpo. Eles tinham o apoio de 25 peças de artilharia, 9 de lançar pedras e 16 de lançar flechas.

Os oficiais seniores se sentiram mais seguros quando Balista delineou as medidas adicionais que seriam colocadas em prática quando o anteparo, o contra-anteparo e o fosso estivessem finalizados. Os últimos 200 metros da muralha oeste seriam encheidos de armadilhas. Haveria milhares de bolas de metal com pontas. Em qualquer lugar que essas bolas caíssem, sempre haveria uma ponta de metal direcionada para cima. Haveria buracos. Alguns conteriam espetos, outros, os enormes jarros que tinham sido requisitados e encheidos com o estoque limitado de nafta. Pedras para jogar sobre o inimigo teriam de ser preparadas em cima das muralhas. Haveria guindastes equipados com correntes, tanto para largar as pedras maiores quanto para prender qualquer aríete sassânida que se aproximasse da muralha. Grandes cubas de metal cheias de areia seriam esquentadas em cima de fogueiras. No cerco de Novae, areia fervente tinha se comprovado quase tão eficiente quanto a nafta da Aquileia.

No sexto dia de janeiro, com os planos bem encaminhados, Balista chegou à conclusão de que precisava de uma bebida. Não um fraco *symposium* grego ou romano, mas sim uma bebida propriamente dita. Perguntou a Máximo se ele poderia encontrar um bar decente ("Por acaso o Pontífice Máximo caga no mato?") e convidou a Mamurra a se juntar a eles. Era o dia depois do *nonas* de janeiro, um dos "dias negros", mas Balista não tinha sido criado dentro das

superstições dos romanos.

— Isto aqui me parece bom. — Balista passou os olhos pelo bar. O salão e as moças pareciam limpos. Na parede a sua frente havia uma pintura de um casal fazendo sexo, equilibrado em duas cordas. A mulher estava de quatro, o homem a penetrava por trás e bebia uma caneca de vinho. Ele olhava para o observador com um ar complacente.

— Escolhi este porque ouvi dizer que Acilio Glabrio o proibiu a seus legionários — Máximo disse.

— Por quê? — Mamurra perguntou.

— Ah, porque ele gosta de um pouco de privacidade quando vem aqui para ser comido pelos atendentes do bar até desmaiar — Máximo respondeu.

Mamura lançou um olhar cheio de sabedoria para o hibernico antes de começar a dar risada. Balista se juntou a ele.

Uma moça loira, bonita, com peitos grandes, pouca roupa e sorriso duro se aproximou com a bebida e alguma coisa para comer. Máximo perguntou qual era o nome dela. Quando ela se inclinou, o hibernico escorregou a mão por baixo da sua túnica e brincou com um de seus peitos, mexendo no mamilo até que ficasse duro.

— Quem sabe nos vemos mais tarde — ele disse bem alto quando ela se afastou.

— Coitada. Trabalhar aqui deve ser a mesma coisa que andar por aí com a túnica erguida, sendo apalpada sem parar por canalhas como você — disse Balista.

— Fala isso porque não sobra nada para você — Máximo respondeu. — Nem mesmo Bathshiba.

— Você quer falar sobre Marselha? — As palavras de Balista puseram fim ao diálogo e os três homens beberam em silêncio por algum tempo.

— Certo, vamos falar sobre duas coisas a respeito das quais precisamos conversar. Vamos direto ao assunto para que possamos relaxar. — Balista fez uma pausa, e os outros olharam para ele cheios de expectativa. — Quem vocês acham que matou Escribônio Muciano?

— Turpio — Máximo respondeu sem hesitar. Balista lançou um olhar afiado para Mamurra, que logo jurou que não iria falar sobre esta conversa com mais ninguém. — Ele tinha um motivo: Escribônio o estava chantageando. Ele teve a oportunidade: era o braço direito de Escribônio. O momento se encaixa: de acordo com o relato do próprio Turpio, Escribônio desapareceu dois dias antes de

ele partir ao nosso encontro. E sem Escribônio presente para estragar a história dele, Turpio se deu bem. Em vez de ser castigado, foi promovido à posição de Escribônio. Não encontramos o dinheiro que Escribônio tomou; é provável que também esteja com Turpio. Aposto nele.

— Se ele fez isso, contou com um cúmplice — disse Mamurra. — Seriam necessários pelo menos dois homens para arrastar o corpo até lá. — Ao ver o olhar que Balista lançava para ele, Mamurra prosseguiu: — Depois que você saiu, eu fiz Castrício me levar até lá.

— Mas nos dias anteriores a seu assassinato, Escribônio estava falando a respeito de ter descoberto alguma coisa que iria fazer com que tudo ficasse bem — Balista disse. — Talvez alguma coisa que fosse me fazer ignorar a corrupção dele e a maneira como era péssimo no comando de sua unidade. Teria que ser algo importante a ponto de alguém matá-lo para manter o segredo. Mataram-no e seu corpo foi revistado para assegurar que ele não carregava nada que pudesse incriminá-los. Levaram seu bloco de escrever. A evidência estava anotada ali.

— Só temos a palavra de Turpio em relação aos últimos dias de Escribônio — disse Máximo. Balista reconheceu o fato e pediu ao hibernico que checasse se alguém na *Cohors XX* podia confirmar o relato de Turpio, e que fosse discreto, muito discreto.

— Certo, mas quanto ao outro assunto, quem incendiou o armazém de artilharia?

— Bagoas. — Mais uma vez, não houve hesitação na resposta de Máximo. — Todos os legionários e algumas outras pessoas estão dizendo que foi ele.

— E você pensa assim?

— Não. Ele estava com Calgaco na hora. Claro, o garoto persa odeia Roma, embora nem tanto quanto detesta os nômades, mas ele não se vê como um sabotador sorrateiro. Ele se vê como um batedor... um homem corajoso que se aventura sozinho ao campo de seus inimigos, coleta informação, descobre seus segredos mais profundos, depois retorna abertamente, cheio de glória, ao seio de seu povo para indicar onde dar golpes de aríete, onde cavar túneis, como derrubar as muralhas.

— O garoto já deve estar quase recuperado da surra — disse Mamurra. — O que vai fazer com ele quando estiver inteiro?

— Ou vou me assegurar de que ele não fuja, ou vou ajudá-lo a partir, assegurando-me de que ele leve aos persas as informações que desejamos que eles tenham. — Balista deu um gole demorado antes de continuar. — Bom, se ele não incendiou o armazém, quem foi?

Desta vez, Máximo não se adiantou. Ele permaneceu em silêncio, seus olhos rápidos saltavam de um de seus companheiros para o outro. A boca de Mamurra permaneceu bem fechada. Sua cabeça enorme, quase cúbica, caiu um pouco para a direita enquanto ele examinava o teto. Ninguém disse nada por um bom tempo. Finalmente, Balista começou a tentar responder a própria pergunta.

— Seja lá quem tenha sido, deseja que a nossa defesa falhe. Quer que os persas tomem a cidade. Então, quem aqui em Arete, soldado ou civil, pode querer que os persas tomem a cidade?

— Turpio — Máximo disse outra vez. Ao ver o ceticismo no rosto dos outros dois, ele se apressou em completar. — Em algum lugar existem provas, que ele não pode suprimir, de que matou Escribônio. Ele sabe que essas evidências virão à luz em algum momento. Então, Turpio prefere as promessas de uma vida nova sob o governo dos sassânidas à certeza da desgraça final e morte sob o domínio de Roma.

— Bem... é uma possibilidade — disse Balista. — Mas não há nada para embasá-la.

Mamurra assentiu.

— Certo, se você não se convence com Turpio, posso falar de Acílio Glabrio, patrício e traidor.

Desta vez, tanto Balista quanto Mamurra sorriram na hora.

— Você simplesmente não gosta dele — disse Balista.

— Não... não, eu não gosto dele... não suporto aquele idiotinha pretensioso. Mas esta não é a questão. — O hibernico prosseguiu. — Não... escutem. — Ele se virou para Balista. — A questão é que ele não gosta de você. O nosso aristocratazinho melindroso não suporta a idéia de ter de receber ordens de um bárbaro emergente, peludo, bruto e desagradável como você. Os sassânidas mexem com a vaidade do idiota, oferecem transformá-lo em sátrapa da Babilônia, da Mesopotâmia ou algo assim, e ele nos vende todos rio abaixo. Afinal de contas, qual é a importância de um bando de bárbaros detestáveis, sírios e soldados comuns em comparação com a *dignitas* de um Acílio Glabrio da vida?

— Não, você está errado. — Dessa vez, não houve pausa para reflexão antes de Mamurra falar. O enorme rosto quadrado se virou para Balista. — Acílio Glabrio não desgosta de você. Ele o odeia. Cada ordem sua que ele precisa obedecer é como uma chaga. Ele quer vê-lo morto. Mas gostaria de vê-lo humilhado primeiro. Concordo com Máximo na questão de que ele pode estar por trás do

incêndio... mas não acho que passaria para o lado dos persas. De que adianta ser um Acílio Glabrio se não estiver em Roma? Ele possivelmente deseja sabotar seus planos para a defesa desta cidade. Daí, quando você for exposto como um bárbaro tolo e idiota... desculpe, *Dominus*... ele se apresentará para salvar o dia.

— Pode ser — disse Balista. — Mas sou capaz de pensar em 40 mil outros traidores em potencial... toda a população desta cidade. Vamos ser sinceros, as pessoas daqui têm poucos motivos para nos amar.

— Se o traidor for alguém da cidade, só precisamos procurar entre os ricos — Mamurra disse. — O incêndio foi iniciado com nafta. Isso custa caro. Só os ricos aqui de Arete teriam dinheiro para isso. Se o traidor foi um morador, ele pertence ao *boule*, o conselho.

Balista assentiu lentamente. Não tinha pensado nisso, mas era verdade.

— E quem é mais importante no conselho do que os escoltadores de caravana? — Máximo interrompeu. — E todos os três têm ligações com o império sassânida. E agora todos estão encarregados de defender as muralhas. Estamos totalmente fodidos, além do que é possível acreditar!

A moça loira chegou com mais bebidas. O sorriso dela congelou quando Máximo a puxou para seu colo.

— Então — Balista disse, voltando o olhar para Mamurra —, um oficial destemido ou um conselheiro alienado... não sabemos qual.

— Mas sabemos que só está começando — Mamurra completou.

— Se fosse você, o que faria? — A pergunta de Balista ficou no ar durante algum tempo, enquanto Mamurra pensava. Com uma naturalidade derivada da prática, a moça loira deu risadinhas como se fossem sinceras e abriu as coxas para receber a mão de Máximo.

— Eu envenenaria as cisternas — Mamurra finalmente respondeu. Houve uma longa pausa. Ao fundo, a moça deu risadinhas mais uma vez. — Eu contaminaria os estoques de alimento... sabotaria a artilharia. — Mamurra estava acelerando. — Eu garantiria que houvesse uma maneira de me comunicar com os sassânidas e então, em uma noite escura, abriria um portão ou jogaria uma corda por cima de uma seção não vigiada da muralha. — A moça suspirou. — Ah, e tem mais uma coisa que eu faria...

— O quê? — Balista perguntou.

— Eu mataria você.

**Obsessio**

(Primavera-Outono de 256 d.C.)

— "Cuidado com os idos de março." — O *telones* sacudiu a cabeça com tristeza ao observar a cavalaria passar. — "Calpurnia virou-se no sono e balbuciou... cuidado com os idos de março."

Depois que o último cavaleiro passara por baixo do alto arco do portão oeste, um silêncio nada natural se instalou, como se todos estivessem prendendo a respiração.

— Mas que porra você está falando? — O *boukolos* sempre parecia exasperado quando era confrontado por algo que ia além de sua experiência limitada.

— Isso é poesia, nada mais. Aquele centurião velho, o que estava sempre bêbado, vivia citando isto, é mesmo... sabe, aquele que os sassânidas pegaram em algum lugar rio abaixo, cortaram as bolas e o pau fora... e os enfiaram na garganta dele. — O *telones* sacudiu a cabeça mais uma vez. — Pobre canalha. Mas, bem, hoje é o idos de março. O dia em que Júlio César foi morto por alguns de seus amigos. Não é um bom dia para começar nada, já que não é o que se pode chamar de auspicioso.

Passando o Portão de Palmira, Balista tinha feito sua pequena força montada parar para se reordenar para a marcha. Dois *equites singulares* foram colocados na frente, e um de cada lado e mais um atrás. O homem do norte não tinha a intenção de ser surpreendido, se isso dependesse dele. Balista lideraria o corpo principal com Máximo, Rômulo e Demétrio. Os dois escribas e os dois mensageiros viriam na seqüência, seguidos pelos cinco serviçais que conduziam os cavalos de carga. Os outros cinco *equites singulares* formariam o final da coluna. Ordenados como um exército em miniatura, com batedores nas alas e a bagagem no meio, a força estava o mais preparada possível para qualquer problema... não que esperassem problemas.

Esta era uma turnê de simples inspeção. O pequeno forte de Castelo Abrão, guarnição de vinte *dromedarii* montados a camelo da *Cohors XX*, localizava-se a sudeste, a cerca de 50 quilômetros em linha reta e 70 pela estrada. Castelo Abrão era agora a possessão romana mais ao sul no Eufrates. Era o chamariz que tinha a intenção de dar o aviso sobre a chegada dos sassânidas. Nenhum inimigo tinha sido avistado, todavia. Especialistas locais garantiram a Balista que havia demorado para os sassânidas conseguirem reunir suas forças na primavera; eles não chegariam antes de abril, quando haveria boa pastagem para cavalos e nenhum perigo de as chuvas estragarem as cordas de seus arcos. Não se esperava nenhum encontro hostil nessa viagem: dois dias de tranqüila cavalgada para chegar lá, mais um dia para dar uma olhada nas defesas e fazer um

discurso para tranquilizar os *dromedarii* e dois dias de tranqüila cavalgada para voltar.

Quando os homens da ponta se adiantaram para assumir suas posições, Balista olhou para trás, para Arete. Os pedreiros davam continuidade a sua tarefa metódica, cobrindo a terra, os destroços e o junco que formavam o centro, mas o grande anteparo que reforçava a muralha oeste já estava praticamente completo. Os 500 passos que separavam Balista dele eram agora um espaço vazio. Baixas pilhas de tijolos espalhadas e pedras despedaçadas eram tudo que sobrara das torres da necrópole, antes tão imponentes.

Olhando para a terra de ninguém que tinha criado, Balista ficou se perguntando o que deveria estar sentindo. Um bom romano provavelmente estaria meditando sobre algo como a imutabilidade do destino. Para sua surpresa, seu principal sentimento, em vez de pena ou culpa, era orgulho: Eu, Balista, filho de Isangrim, fiz isto... olhai para as minhas obras e tremei. Ele sorriu para si mesmo. Todo mundo sabe que os bárbaros gostam de destruição, pura e simples. E talvez não sejamos só nós. Ele se lembrou de um verso do *Agrícola* de Tácito: "Roma cria um deserto e o chama de paz". Tácito tinha colocado as palavras na boca de um chefe caledônio chamado Calgaco. O senso de humor de Isangrim não o tinha abandonado, quando deu este nome ao escravo caledônio que cuidaria de seu filho.

Os homens da ponta estavam posicionados. Balista fez um sinal para que avançassem. A pequena coluna saiu a pé na direção do sul. O frescor da noite ia cedendo perante o sol do início da manhã. A névoa só persistia no fundo das ravinas e na superfície do rio. Logo faria calor... ou pelo menos calor de acordo com os padrões do norte. A estrada não era pavimentada mas, usada de longa data por caravanas, era na maior parte larga e fácil de seguir, além de se estender pelo platô, longe do rio. As vezes até se desviava a uma boa distância para o interior, para dar a volta nos penhascos que se estendiam até o Eufrates; em outras ocasiões, descia nessas gargantas, subindo de vez em quando diretamente pelo outro lado, por vezes seguindo a várzea até que o gradiente permitisse que se subisse mais uma vez ao platô.

A margem do rio, eles pararam para almoçar à sombra de um bosque de palmeiras selvagens. O sombreado era uma paz, com o barulho do rio que corria ali do lado, Balista tinha ordenado que os batedores permanecessem vigiando no alto do platô. Depois de comer o faisão frio, o pão e o queijo que Calgaco tinha preparado para ele, recostou-se e fechou os olhos.

Era bom estar no interior, levemente dolorido e cansado depois de uma manhã sobre a sela, longe das infinitas interrupções e das irritações de organizar a defesa de Arete. O sol que atravessava as folhagens das palmeiras formava contornos mutantes sobre suas pálpebras. O vento do sul estava ficando mais forte, e ele era

capaz de escutar seus movimentos através dos tamariscos. Mas sua mente não conseguia descansar nem mesmo nesta paisagem quase idílica. Castelo Abrão tinha uma guarnição de vinte homens. Era um número pequeno demais para montar uma defesa e mais do que o necessário para um posto de vigia. Ele tinha herdado essa disposição do *Dux Ripae* anterior, Até agora, não tinha encontrado tempo para visitar Castelo Abrão. Agora, talvez fosse tarde demais para começar a alterar as coisas.

Balista se sentou ereto e olhou ao redor, para seus homens. Eles deviam começar a avançar. Mais uma vez, ele se deu conta de como era fácil seguir a maneira como outras pessoas fazem as coisas. Vinte e três homens e 28 cavalos apenas para transportá-lo, para dar uma olhada em uma pequena fortaleza que se localizava a menos de 80 quilômetros de distância. Assim como a guarnição de Castelo Abrão, a coluna tinha o tamanho errado. Era pequena demais para lutar contra qualquer esquadrão de guerra determinado dos sassânidas e grande demais para se deslocar com rapidez. O tamanho da comitiva de Balista, sem que essa fosse sua intenção, tinha se expandido de algum modo para se adaptar às expectativas romanas. Um *Dux* em movimento necessita de escribas, mensageiros, guardas. Era sorte ele não ter incluído também em seu grupo um massagista, um especialista em doces e um filósofo grego cabeludo. Balista tinha a sensação de que deveria ter ido a Castelo Abrão apenas com Máximo e Demétrio. Se eles avançassem com rapidez, poderiam ficar longe de qualquer confusão. Somente algum nômade bem tolo tentaria assaltar Máximo.

Os cavalos amarrados tinham comido seu feno e ora estavam dormindo ora procurando no solo, de maneira calma, alguma coisa comestível. O sol estava quente, mas à sombra do aglomerado de árvores ainda estava fresco. Os homens estavam descansando ou deitados, conversando baixinho; eles tinham todo o tempo do mundo. Balista voltou a se recostar e fechou os olhos. Uma fantasia infantil de repente lhe veio. Por que ele simplesmente não arreava Cavalos Pálidos, saía de fininho e cavalgava sozinho para o oeste, para nunca mais retornar às irritações alvoroçadas de Areie? Mas ele percebeu na mesma hora que era impossível. O que aconteceria com Máximo, Demétrio e Calgaco? E ainda, a grande questão: para onde iriar Recostar-se-ia em seu jardim banhado de sol, nas colinas em Tauromenium, ou beberia ao lado do fogo no salão de telhado alto de seu pai?

No final, foi Rômulo que os fez começar a avançar mais uma vez, observando com um certo tom de reprovação que eles agora não iam mais conseguir alcançar o caravançarai em ruínas, que marcava o ponto intermediário do trajeto, antes do anoitecer. Balista disse que não havia problema. Máximo repetiu em voz bem alta que essa era uma bênção disfarçada: esses lugares sem dúvida estavam sempre infestados de cobras; a céu aberto eles estariam muito mais

seguros.

A tarde seguiu o padrão da manhã, o rio à esquerda, o amplo vazio do céu e da terra, a estrada larga ao longo do platô sempre se estendendo em direção ao sul. Assim como tinha acontecido de manhã, algumas vezes eles seguiam a estrada descendo ravinas, com os cascos dos cavalos mandando chuvas de pedras para a frente; em outras ocasiões a estrada subia íngreme mais uma vez, e às vezes ainda se demorava, serpenteando até o rio e acompanhando a várzea, através de tamariscos e tamareiras, até que aparecesse uma oportunidade adequada para mais uma vez subir ao platô.

O sol baixo de inverno lançava longas sombras à esquerda deles, transformando cavalos e cavaleiros em animais estranhos e alongados, quando algo aconteceu. Começou discretamente. Máximo se inclinou para a frente, colocou a mão no joelho de Balista e fez um gesto com a cabeça para trás, na direção de onde tinham vindo. Balista deu meia-volta com a montaria para enxergar melhor. O oficial da cavalaria encarregado da retaguarda se aproximava galopando, ainda que não em velocidade total. O vento do sul fazia com que a poeira que seu cavalo levantava formasse uma nuvem atrás dele. A coluna parou. Ao perceber que estava sendo observado, o homem da cavalaria segurou as pontas da capa com a mão direita e as ergueu, o sinal usado para indicar inimigo à vista.

Ele ainda estava um pouco longe. Os outros esperaram, com os olhos não o oficial da cavalaria, mas além dele, para ver o que poderia aparecer. Os cinco *equites singulares* que estavam com a coluna se abriram e formaram uma fila. Atrás deles, os serviçais ficaram esperando calmamente com os animais de carga. Os escribas e mensageiros falaram rapidamente entre si. Todos pareciam muito amedrontados, menos o escriba com sotaque espanhol, que esperava tão impassível quanto qualquer um dos soldados.

Nada tinha aparecido ainda no horizonte quando o oficial parou o cavalo na frente de Balista.

— *Dominus*, cavalaria sassânida leve, arqueiros... cerca de cinquenta ou sessenta... a mais ou menos 5 quilômetros de distância.

— Para onde estão se dirigindo?

— Estavam vindo do oeste, das colinas em direção ao rio.

— Eles o viram?

— Sim.

— Eles o perseguiram?

— Não de imediato. Esperaram até que a vanguarda tivesse chegado ao rio, daí

começaram a me seguir, mas a pé.

— Vanguarda?

— Sim, *Dominus*. Eles se dividiram em cinco grupos que se estendem por 5 ou 6 quilômetros entre as montanhas e o rio.

— Eles viram o restante de nós?

— Acredito que não, *Dominus*.

Pai-de-Todos, isto aqui parece ruim, Balista pensou. Todos olhavam para ele, com expectativa. Tentou ignorá-los e pensar com clareza. Olhou ao redor. Ainda não havia nada para se ver.

O homem na ponta da esquerda, a leste, estava a apenas uns 200 passos de distância; depois dele aparecia a ribanceira que levava até o rio. A oeste, o batedor estava a cerca de 400 passos de distância. Bem à frente, ao sul, não dava para ver nenhum dos batedores, mas o vento forte carregava uma grande quantidade de poeira na direção deles, vinda de alguns quilômetros adiante.

— Rômulo, onde exatamente nós estamos? — Balista se esforçou muito para que sua voz parecesse calma, de preferência até um pouco entediada.

— A cerca de 30 quilômetros de Arete, *Dominus*, faltando uns 40 para chegarmos a Castelo Abrão. O caravançarai que foi mencionado antes está uns 5 quilômetros à frente.

— Existe algum abrigo subindo as colinas a oeste? Um forte ou assentamento, ocupado ou não?

— Apenas o vilarejo de Merrha a noroeste. E ocupado e cercado por muralhas, mas os sassânidas estão entre nós e o vilarejo. — Rômulo se alegrou. — Mas podemos ir ao caravançarai. As paredes ainda estão em pé, e podemos chegar até lá bem antes de os persas nos alcançarem.

— Sim, é tentador. Mas acho que é a última coisa que devemos fazer. — Balista girou os braços, chamando os homens da esquerda e da direita. — Rômulo, qual dos *equites singulares* aqui tem a melhor montaria?

Antes que o porta-estandarte pudesse responder, outro interrompeu, atrevido.

— Quanto a isso não há dúvida, *Dominus*. Sou eu. — O homem sorriu.

Demétrio sussurrou ao ouvido de Balista:

— Antígono.

— Certo, Antígono, quero que você vá lá e me traga aqueles dois batedores da

frente. Encontrem-nos no último bosque de tamareiras por que passamos, perto do rio. Vamos estar a sua espera ali. Se não estivermos lá, então vocês três vão ter de ir sozinhos a Arete ou a Castelo Abrão. Protejam-se o melhor possível. Não temos tempo a perder. Explico quando você voltar. Tome cuidado.

Enquanto Antígono disparava para o sul a galope, a coluna retraiu seus passos para o norte, na mesma velocidade. Quando chegaram ao aglomerado de árvores, Balista rapidamente deu ordens que os colocariam em uma nova formação, com a voz pouco mais audível do que um sussurro cheio de determinação. Eles formariam uma cunha, uma ponta de lança. Balista seria a ponta, Máximo ficaria próximo, à direita e meio corpo atrás dele, seguido por três *equites singulares*. Rômulo e os outros quatro *equites singulares* iriam compor o lado esquerdo da formação. Demétrio e o escriba espanhol cavalgariam atrás de Balista e em seguida viriam o restante da equipe e os serviçais com os cavalos de carga.

Balista explicou, baixinho e com calma, o que esperava, qual era sua intenção. O objetivo não podia ser mais simples: eles iriam se lançar contra o grupo de sassânidas mais próximo do rio. Com sorte, os persas seriam tomados de surpresa quando eles surgissem de seu abrigo das tamareiras. Com mais sorte ainda, os persas próximos ao rio naquele momento estariam fora do campo de visão dos outros que estivessem platô acima, o que daria apenas um pequeno intervalo de tempo aos romanos. De qualquer modo, uma vez que tivessem atacado o grupo mais próximo, os romanos iriam cavalgar direto para a segurança de Arete. Se a sorte não os abandonasse, a noite iria mantê-los escondidos do inimigo que os perseguia.

Estava ficando escuro entre as tamareiras. A sombra da ribanceira se estendia pelo Eufrates. A temperatura caía com rapidez.

O vento agitava as folhas de palmeira e os tamariscos. As águas sugavam as margens, Era difícil escutar qualquer coisa com clareza na escuridão que ia aumentando. Em algum lugar do outro lado do rio, um chagal ladrou.

— Como sabe que estamos em uma armadilha? — Máximo sussurrou com a boca bem próxima ao ouvido de Balista.

O homem do norte demorou para responder, imaginando como colocar suas suspeitas em palavras.

— Os sassânidas entre nós e Arete não estão agindo como um grupo normal de batedores em busca de informação. Se assim o fossem, teriam ido atrás daquele que os avistou, eles o teriam perseguido na mesma hora... se o pegassem, poderiam voltar para casa, fora de perigo. Em vez disso, estão se deslocando para o sul a passo lento, espalhados pela planície entre o rio e as montanhas. Eles

foram mandados em marcha de flanco para pegar qualquer um de nós que escapasse da emboscada principal. Aquela linha de poeira no céu ao sul... talvez seja só o vento, mas para mim parece o tipo de poeira erguida por um grupo de cavalaria que se movimenta com rapidez.

Ouviu-se o som de pedras deslocadas e o primeiro dos cavaleiros persas apareceu. Eles saíram da encosta e foram para a várzea, avançando na escuridão cada vez maior. Como o batedor tinha dito, eram de cavalaria leve, arqueiros montados. Vestidos com túnicas e calças, não usavam armadura. Um ou dois tinham capacetes de metal, mas a maior parte estava com a cabeça nua ou usava apenas uma touca ou uma bandana. Cada um deles carregava uma longa espada de cavalaria no quadril esquerdo e alguns traziam um pequeno escudo redondo. Parecia haver pelo menos 15 deles. Se estavam cavalgando em alguma ordem específica, ela tinha se dissipado na descida da ravina. Agora avançavam dispersos, com três cavalos de largura e quatro de profundidade. Chegaram a passo, com as montarias pisando com delicadeza.

Os sassânidas estavam se aproximando. Mesmo com a escuridão, Balista era capaz de ver o cabelo comprido, o brilho dos olhos escuros. Estavam chegando perto demais. A qualquer momento, um deles enxergaria as silhuetas imóveis que os esperavam na sombra mais profunda do bosque de palmeiras. Balista foi capaz de sentir o coração bater quando inspirou o ar para encher os pulmões.

— *Agora! Ataquem! Ataquem!* — ele berrou, cravando os calcanhares nas ancas de Cavallo Pálido. Houve uma pausa de um segundo enquanto o animal dava impulso com as patas e eles já disparavam a toda velocidade entre os juncos que delimitavam o bosque, indo de encontro aos persas. Houve exclamações de surpresa e gritos de alerta. Os inimigos desembainharam espadas. Seus cavalos tinham parado, alguns rodavam sem rumo. Balista mirou em um ponto entre dois sassânidas que vinham na frente. Quando desferiu o golpe, infligiu um corte bem feio na cabeça do persa à sua direita. O homem bloqueou o golpe. O choque atingiu o braço de Balista.

Não havia praticamente intervalo entre os dois próximos sassânidas que estavam na frente do homem do norte. Ele enfiou os calcanhares em Cavallo Pálido e o lançou para cima deles. O ombro esquerdo do animal foi de encontro à genitália do cavalo persa à esquerda. O animal recuou cambaleante. Uma lacuna se abriu, mas o impacto roubou todo o ímpeto de Cavallo Pálido. Balista o chutou com fúria. A reação de sua montaria foi pular para a frente. A sua direita, ele viu a lâmina de Máximo derrubar um e depois outro persa da sela.

Tinham quase terminado; só faltava uma fileira de persas pela frente. Máximo já não estava mais tão próximo dele. Balista ergueu a *spatha* por cima do ombro esquerdo e mirou um golpe forte, descendente, no sassânida à sua direita. De algum modo, o homem o bloqueou com o escudo. Balista soltou a lâmina da

madeira estilhaçada e deu um golpe na horizontal, por cima das orelhas de Cavallo Pálido, para acertar o homem à sua esquerda. Dessa vez, ele sentiu a lâmina atingir o alvo. Não havia mais inimigos à frente.

A força do novo golpe fez a cabeça de Balista pender para a frente. O nariz dele se chocou com força no pescoço do Cavallo Pálido e o sangue jorrou. Estava quebrado. Ele sentia mais sangue escorrendo pela nuca. Por instinto, voltou-se para a direita, erguendo a *spatha* em uma tentativa de deter o próximo golpe no pescoço que viesse, aquele que teria a intenção de acabar com ele.

Lá estava o sassânida, com a espada erguida. O canalha sorriu — e abaixou os olhos, segurando a lateral do corpo com força, olhando com ar de idiota para a ferida feita pela espada do espanhol.

Balista acenou um agradecimento e prosseguiu. O escriba retribuiu com um sorriso e fez um floreio com a espada... e então a expressão de seu rosto congelou em choque. O cavalo desapareceu de debaixo dele. Ele pareceu ficar suspenso no ar por um instante, então caiu na massa tropeçante, deslizando de seu próprio cavalo e sob os cascos tanto da montaria romana quanto da sassânida.

Haveria tempo para pena e culpa mais tarde. De todo modo, Balista não teria conseguido deter Cavallo Pálido. Eles avançaram pela ribanceira, subindo a margem íngreme. Quando chegaram ao platô, a paisagem ficou bem mais clara. Lá em cima, o sol ainda não tinha se posto totalmente. Sem olhar para ver quem ainda estava com ele, Balista estabeleceu o ritmo em galope de disparada. Ele se desviou da estrada, avançando na direção noroeste. Era fundamental que eles se desviassem da ravina seguinte,

O homem do norte olhou por cima do ombro esquerdo. Lá estava o grupo seguinte de persas, com cerca de vinte homens. Eles se viraram e agora vinham direto para cima de Balista e seus homens. As longas sombras bruxuleavam sobre a planície. Os outros grupos de persas também deram meia-volta, mas não teriam como alcançar o penhasco a tempo, por enquanto não apresentavam ameaça.

Balista ouviu Máximo gritar alguma coisa, Ele o ignorou; precisava pensar. Apesar da dor de cabeça crescente, sua mente estava clara. Estava calculando as distâncias e os ângulos. Ele enxergou tudo como se estivesse observando a cena das alturas: o ponto fixo da cabeça do penhasco, os dois corpos em movimento dos cavaleiros que se encontravam ali. Ele se inclinou para a frente na sela, fazendo com que Cavallo Pálido fizesse mais este último esforço, desse mais um ou dois passos com velocidade extra.

Balista e seus homens chegaram lá com um pequena margem de tempo a seu favor. Deram a volta na boca da ravina, com os persas a 50 passos de distância. Seguiram em frente, mas uma parte da urgência parecia ter se perdido na

perseguição. Logo, estavam cerca de 200 passos à frente, Balista relaxou o passo. Chegara o crepúsculo. Havia uma única coisa a ser feita. Ele não queria admitir, mas não havia como evitar. Olhou ao redor para ver quem tinha caído.

Máximo estava lá. Demétrio estava lá. Rômulo estava lá, e quatro *equites singulares*, um escriba, ambos os mensageiros e três serventes, esses últimos ainda conduzindo seus cavalos de carga, ato louvável. As perdas poderiam ter sido maiores: dois soldados, o escriba espanhol e dois serventes. Mas ainda podia aumentar mais, muito mais.

A lua aparecia no céu, mas o vento forte do sul empurrava nuvens esparsas para encobri-la.

— Está tudo bem? Você parece péssimo — Máximo indagou.

— Nunca estive melhor — Balista respondeu, amargo. — Como um escravo na Saturnália.

— Acha que eles vão desistir? — Demétrio perguntou, tentando sem sucesso afastar o tom de otimismo excessivo na voz.

— Não, — Foi Máximo quem esmagou suas esperanças com firmeza. — Eles estão se preparando para atacar de verdade. A intenção deles era acabar conosco durante a noite.

Enquanto o hibérnico falava, uma série de luzinhas piscantes apareceu, estendendo-se entre o rio e as montanhas.

— Ainda temos uma lanterna? — Depois de um serviçal lhe assegurar de que ainda tinham duas, Balista ordenou que uma delas fosse acesa. A ordem foi obedecida em meio a um pavor mudo. A forte luz dourada se espalhou ao redor deles.

— Não quero parecer burro, mas será que a sua lanterna não torna um pouquinho mais fácil para os persas nos seguirem? — Máximo perguntou.

— Ah, sim, mas é exatamente isso que eu quero.

Balista pediu a um serviçal que amarrasse a lanterna bem firme à sela de um dos cavalos de carga. Passaram um tempo cavalgando em silêncio, deslocando-se ao máximo na velocidade de meio-galope. As nuvens estavam aumentando, a lua estava cada vez mais encoberta. Agora estava preto como breu fora do alcance da luz da lanterna.

— Rômulo, você sabe onde fica o vilarejo de Merrha?

— Sei sim, *Dominus*. Ali nas montanhas a noroeste, não muito longe, uns 6 quilômetros talvez.

– Quero que você leve o cavalo de carga com a lanterna nessa direção. Quando achar que já avançou bastante, ou quando os sassânidas estiverem chegando perto demais, solte o cavalo, deixe-o correr solto e vá para Arete.

O porta-estandarte deu um sorriso enigmático.

– Faremos o que for ordenado e a cada comando estaremos de prontidão. — Ele falou em um tom arrastado, Pegou o cabresto do cavalo e saiu na diagonal, atravessando a planície escura.

– Agora vamos seguir nosso caminho de novo.

Em completo silêncio, o pequeno grupo avançou firmemente. À esquerda deles, a luz da lanterna de Rômulo ia pulando pela planície na direção da concentração mais escura de montanhas que mal dava para distingui-las. Espalhadas pelas amplas planícies, viam-se as luzes dos sassânidas. Logo alteraram o curso e saíram atrás da solitária lanterna romana. Balista e os 12 homens restantes seguiram para o norte em segurança.

Nenhum deles estava olhando para trás quando a fileira de luzes sassânidas desviou-se para a lanterna solitária que se dirigia em vão às montanhas.

Foram encontrados pela patrulha logo depois do amanhecer; Turpio estava fazendo a *Cohors XX* se empenhar muito ultimamente: as primeiras patrulhas saíam cedo, sempre no escuro. Quando Balista e sua equipe foram resgatados, ainda estavam a uns 3 quilômetros da cidade, em mau estado. Cavalos e homens estavam totalmente exaustos. Os flancos dos cavalos cobertos com uma espuma branca de suor, as narinas bem abertas, as bocas escancaradas. Os homens traziam expressões duras no rosto, consumidos pelo cansaço. Um serviçal moribundo vinha largado em cima de um cavalo de carga. Os outros estavam caminhando aos tropeções ao lado das montarias. O *Dux Ripae* tinha péssima aparência: o rosto estava coberto por sangue seco e ele mancava, apoiando-se na bainha da sela do cavalo.

Antes de chegarem a Arete, o *Dux* pediu que parassem. Lavou o máximo que pôde de sangue do rosto. Vestiu uma capa com capuz, tomada emprestada de um integrante da tropa. Voltou para cima do cavalo e usou a capa para cobrir seus ferimentos. Entrou na cidade com as costas eretas.

Depois que a cavalaria combalida atravessou o Portão de Palmira, o *telones* olhou para o *boukolos* com um ar de vingança desdenhosa.

– Calpurnia balbucia... Há verdade na poesia, garoto... parece que o velho centurião sabia uma ou duas coisas: os idos de março não fizeram nenhum bem para o nosso *Dux* bárbaro.

– E conhecer poesia também não serviu de muita coisa para a porra do seu

centurião; ele ainda assim teve o saco cortado fora — respondeu o *boukolos*. — Agora, é isto que eu chamo de agouro: a primeira vez que o nosso comandante se depara com os persas e eles quase o matam. Um mau agouro fodido.

A partir desta primeira conversa, discussões sobre os acontecimentos em Castelo Abrão se espalharam pela cidade de Arete.

Mais ou menos uma hora depois do retorno, Balista, Máximo e Demétrio estavam deitados no *tepidarium* dos banhos privados, anexos ao palácio do *Dux Ripae*. O médico tinha chegado e ido embora. Ele tinha dado um par de pontos em um talho na coxa de Máximo e quatro ou cinco no couro cabeludo perto da nuca de Balista. Demétrio tinha saído ileso.

Estavam lá deitados em silêncio, exaustos, doloridos. A cabeça de Balista latejava.

— Não há ninguém a ser culpado além de você... a culpa é toda sua, porra — Calgaco ia resmungando ao trazer um pouco de comida e bebida. Balista observou que agora o Caledônio se sentia à vontade para expressar suas opiniões também na frente de Máximo e Demétrio. — Aqueles avisos que você ficou colocando na ágora: "O *Dux Ripae* vai a cavalo até uma merda de um lugar cheio de moscas no meio do deserto, praticamente sozinho; por que não mandar logo uma mensagem para os sassânidas para que eles pudessem emboscá-lo?" Nunca escuta... igualzinho ao desgraçado do pai.

— Você tem razão — Balista disse, cansado. — Não haverá mais avisos, não vou mais anunciar com antecedência o que nós vamos fazer.

— Claro que pode ser apenas uma eventualidade... má sorte! A patrulha só estava lá por acaso e nós simplesmente nos deparamos com ela. Certamente não deve existir nenhum traidor... — Não havia como se enganar a respeito do tom de Demétrio. Ele estava desesperado para que um deles dissesse que ele tinha razão, que era improvável que aquilo voltasse a acontecer.

— Não, temo que não — disse Balista. — Eles sabiam que estávamos chegando. Aquela nuvem de poeira ao sul era a força principal. A intenção era nos atacar quando estivéssemos acampados no caravançaraí sobre o qual falamos. Estávamos atrasados. Não deveríamos ter visto os outros com os quais nos deparamos. Eles eram só o toque final para pegar aqueles de nós que escapassem do massacre.

— Então — disse Máximo —, você vê virtude na preguiça... uma boa e longa *merdiatio* salvou as nossas vidas.

Quatro horas depois de o *Dux Ripae* ter atravessado o Portão de Palmira, os *Jrumentarii* estavam em seu bar preferido no sudeste da cidade.

— Deixaram-no para morrer feito um cachorro na areia. — A emoção na voz não era falsa, o africano do norte estava mesmo cheio de raiva.

— E... — disse aquele que tinha vindo da Subura. Manteve seu tom de voz neutro. Ele sentia pena do espanhol, Sertório, como o tinha apelidado, mas o que mais o *Dux Ripae* poderia ter feito? Parar e permitir que o grupo todo fosse morto?

— Feito um cachorro... espero que o pobre desgraçado já estivesse morto antes de o alcançarem.

— E... — repetiu o outro. O sotaque púnico do homem do norte da África estava ficando mais forte; o volume, mais alto e, apesar de o bar estar quase vazio, o romano não queria chamar atenção.

— Vou dar um jeito naquele bárbaro canalha... vou escrever um relatório que vai dar um jeito nele... vou escrever um relatório e tanto. Eu só queria poder estar lá quando o *princeps peregrinorum* entregar o relatório ao imperador... para ver a expressão do rosto de Valeriano quando souber que o garoto bárbaro dele fodeu com tudo... canalha fodido.

— Tem certeza de que é uma boa idéia?

— Claro que é... vai servir para dar um jeito naquele cretino.

O tapete persa que separava o salão interno como uma cortina estava recolhido. Mamurra chegou e foi até a mesa dos *frumentarii*. Ele se inclinou e aproximou bem o rosto deles.

— Minhas condolências pela perda do amigo de vocês, — Ele falou com suavidade e saiu andando sem esperar resposta.

Os dois *frumentarii* se entreolharam um tanto consternados. Quanto tempo fazia que o *praejectus fabrum* estava lá? O que tinha escutado? E será que havia alguma intenção na maneira como ele tinha pronunciado "amigo" que implicava o espanhol ser mais do que um colega integrante da equipe do *Dux Ripae*?

Sete dias depois dos acontecimentos em Castelo Abrão, Antígono chegou montado em um jumento conduzido por um camponês, Ele disse ao *telones* e ao *boukolos* que dessem o fora, apresentou-se ao centurião da *Legio III!* responsável no Portão de Palmira e, passada meia hora, estava no palácio. Acomodado nos aposentos particulares do *Dux Ripae*, com comida e bebida à mão, contou sua história.

Sim, Antígono tinha visto os dois soldados encarregados de proteger a ponta da frente. Os sassânidas estavam interrogando-os, pobres canalhas, quando ele passou. Estranhamente, nenhum saiu atrás dele. Havia uma fileira da cavalaria

persa vindo do sul, com muitos cavaleiros. Antígono soltou o cavalo— que, aliás, era um cavalo ótimo— escondeu a maior parte de seu equipamento em uma ravina e nadou até uma ilha no Eufrates. Ele contou com orgulho que era um batavo do Reno. Todos sabiam que os batavos eram ótimos nadadores. Como todo mundo no grupo do *Dux* tinha levado consigo a ração padrão para três dias, ele ficou na ilha durante dois. No primeiro dia, não viu persa algum. Então, nadou até a margem, pegou todo o equipamento que era capaz de carregar e caminhou para o sul, até Castelo Abrão. O que ele viu lá não tinha sido nada bonito. Dezoito cabeças estavam penduradas em cima do portão e nas muralhas. Os outros dois *dromedarii* podiam ter fugido, mas o mais provável era que tivessem sido levados para mais interrogatórios.

— Mas, ao menos — Antígono prosseguiu —, encontrei um camponês que, por pura bondade, ofereceu-me seu jumento e para me levar para casa, até Arete. — Em resposta a um olhar afiado de Balista, ele se apressou em prosseguir. — Não, não, ele está bem. Aliás, está esperando no primeiro pátio pela enorme recompensa que o *Dux Ripae* pagaria a ele.

Balista acenou com a cabeça para Demétrio, que retribuiu o gesto para indicar que iria cuidar disso.

— Tem mais. No caminho de volta, deparei-me com Rômulo... ou com o que restou dele. Um horror... ele foi mutilado, espero que depois de morto.

As histórias que não paravam de mudar se espalharam para muito além da cidade de Arete. Dez dias depois da verdade ter se revelado na escuridão e no medo perto do Eufrates, um mensageiro estava prostrado no magnífico salão do trono da capital persa de Ctesifonte e contou uma versão da história para Sapor, o Rei dos Reis sassânida. Vinte e seis dias depois disso, um mensageiro se prostrou em um palácio no alto da colina Palatina e contou a primeira de muitas versões da história que Valeriano, imperador dos romanos, iria escutar. Mais três dias se passaram antes de um mensageiro encontrar Galiano, filho de Valeriano e também Augustus, às margens frias do Danúbio. A essa altura, muito mais coisas tinham acontecido na cidade de Arete e, para a maior parte das pessoas ali, os eventos em Castelo Abrão eram uma fraca memória.

Das muralhas de Arete, durante muito tempo, o único sinal que se via da aproximação da horda sassânida era uma nuvem negra e espessa ao sul. Na manhã de 14 de abril, o dia seguinte aos idos do mês (sempre um dia azarado), Balista, acompanhado por seus principais oficiais, integrantes de sua equipe e sua *família*, assumiu seu posto nas fortificações acima do Portão de Palmira. Lá estava a nuvem rio abaixo, subindo dos domínios de Sapor. Ainda estava um pouco afastada, tão distante quanto o caravancharai, talvez ainda nem estivesse em Castelo Abrão. Ninguém precisava perguntar o que era a nuvem. Era

impossível fugir da idéia de dezenas de milhares de homens marchando, cavalos e outros animais apavorantes levantando poeira, a fumaça se erguendo oleosa das inumeráveis fogueiras que consumiam tudo no caminho da horda do leste.

Ao crepúsculo, avistava-se uma fileira de fogueiras queimando a cerca de 3 quilômetros da cidade. Os batedores sassânidas estavam se recolhendo para pernoitar ali. Mais tarde, na calada da noite, mais fogueiras ganharam vida, estendendo-se em um arco ao longo das montanhas a oeste. Depois da meia-noite, um terrível clarão laranja iluminou o céu do noroeste, quando os soldados persas da vanguarda chegaram aos vilarejos. Quando o galo cantou, vestígios de fogo e fumaça apareceram do outro lado do rio, a leste. Todos no interior das muralhas de Arete sabiam que estavam cercados, isolados por terra, sem poder receber ajuda nem fugir. E, no entanto, até agora, não tinham avistado um único guerreiro de Sapor.

Ao amanhecer, o *Dux Ripae* e seus homens ainda estavam a postos. A maior parte tinha saído para tentar descansar por uma ou duas horas, mas, para Balista, dormir parecia impossível em uma noite tão crucial. Enrolado em uma pele de ovelha, ele se apoiou em uma das duas peças de artilharia no telhado do torreão do portão — uma balista enorme de dez quilos. Seus olhos doíam pelo cansaço enquanto ele observava a planície oeste. Ele pensou ter avistado movimento, mas, sem saber muito bem se seus olhos fatigados não estariam lhe pregando uma peça à luz cinzenta, esperou até que um dos outros gritasse e apontasse. Lá estavam eles. Mais ou menos no local em que a necrópole terminava, silhuetas escuras se movimentavam com rapidez através da névoa da manhã. Os pequenos grupos amorfos de batedores montados — que se dividiam, voltavam a se reunir e cruzavam o caminho uns dos outros — fizeram Balista pensar em animais correndo para escapar de um incêndio florestal, até que a consciência da imagem se abateu sobre ele. Estes animais não estavam fugindo de nada, eles estavam caçando, procurando modos de atacar o homem do norte em pessoa e todos aqueles que ele tinha a obrigação de proteger. Eram lobos buscando uma maneira de entrar no cercado das ovelhas.

O sol estava bem longe do horizonte e já era quase o fim da terceira hora de luz do dia quando a vanguarda do exército sassânida finalmente apareceu. Balista foi capaz de distinguir duas longas colunas escuras que pareciam se arrastar em sua direção como cobras enormes, em ritmo infinitamente lento, por cima da face da terra. Sobre cada uma delas pairava uma densa nuvem de poeira. A base de uma terceira nuvem ainda não tinha aparecido. O homem do norte foi capaz de distinguir que a coluna mais próxima se compunha de cavalaria; a mais afastada, de infantaria. Lembrou-se de seus tempos de treinamento em luta de campo: isso significava que as colunas deviam estar a no máximo 1.300 passos. Mas, como ele não conseguia distinguir os indivíduos, ainda deviam estar a mais de 1.000

passos de distância. Se ele já não soubesse do avanço na direção dele, os raios de sol que brilhavam perpendiculares às pontas de lança e às armaduras reluzentes teriam lhe mostrado.

O tempo passava devagar na medida em que as colunas continuavam a se arrastar em direção à cidade. Quando estavam a cerca de 700 passos de distância — ou seja, quando a cabeça de um homem já podia ser enxergada como uma bola —, eles começaram a se afastar para o norte. Balista foi até o parapeito e chamou Bagoas para seu lado. Quando as colunas chegaram ao início do terreno vazio, onde os túmulos mais distantes antes se encontravam, movimentaram-se em paralelo à muralha oeste. A terceira coluna então se revelou como o comboio de bagagem e cerco. A coluna mais próxima, a cavalaria, estava perto o suficiente para que Balista pudesse enxergar a mancha mais clara do rosto dos homens, suas roupas e armas, os arreios coloridos de suas montarias, os estandartes acima das cabeças: estavam a cerca de 500 passos de distância, quase ao alcance da artilharia.

Falando em grego, Balista perguntou a Bagoas se ele era capaz de identificar as unidades da horda sassânida e seus líderes.

— Excelente, como o nosso cerco será bem cultivado. Podemos começar com a nossa própria Vista da Muralha. — Apesar de Acílio Glabrio ter interrompido em latim, ele usou a palavra em grego "*tez-choskopia*" para dizer Vista da Muralha. Para qualquer pessoa culta no *imperium*, a palavra imediatamente aludia à famosa cena na *Iliada* de Homero quando Helena olha da muralha de Tróia e identifica cada um dos acádios com armadura de bronze que vieram para arrancá-la de seu amante Páris e levá-la para casa, para seu marido de direito, o Menelau de ombros largos. — E quem melhor do que este maravilhoso garoto persa para fazer o papel da Rainha de Esparta? — Acílio Glabrio sorriu para Balista. — Espero que a nossa Helena não sinta a necessidade de criticar a macheza de seu Páris.

A compreensão que Bagoas tinha de latim podia ser ainda rudimentar e Balista não fazia idéia se o garoto sabia alguma coisa sobre a *Iliada*, mas era óbvio que ele percebeu que estavam caçoando dele, que sua masculinidade estava sendo questionada. Seus olhos estavam furiosos. Antes que ele pudesse fazer qualquer coisa, Mamurra disse a Acílio Glabrio.

— Já basta, Tribuno. Este não é momento para criar discórdias, Todos nós sabemos o que aconteceu com Tróia. Que os deuses façam com que essas palavras de mau agouro recaiam apenas sobre o homem que as profere.

O jovem nobre voltou-se para ele com ar belicoso. Colocou o rosto a centímetros da face do *praejectus fabrum*. Então se controlou. Obviamente, estava abaixo do nível de um Acílio Glabrio bater boca com plebeus sórdidos como Mamurra.

— Os homens da minha família sempre tiveram ombros largos.

— Com o desdém típico de um patricio, ele tirou uma sujeirinha imaginária de sua manga imaculada.

Balista apontou para o inimigo e indicou a Bagoas que deveria começar a falar.

— Primeiro vêm alguns homens não arianos, submissos ao meu senhor Sapor, Veja as capas de pele e as longas mangas soltas dos georgianos, depois os árabes seminus, os indianos com turbante e os nômades selvagens dos sakas. De todos os cantos do mundo, quando o Rei dos Reis chama, eles obedecem, — O garoto brilhava de orgulho. — E ali... ali estão os nobres guerreiros arianos, os guerreiros de Mazda, os cavaleiros de armadura, os *clibanarii*.

Todos os homens no torreão do portão ficaram em silêncio ao observar as fileiras condensadas da cavalaria sassânida pesada, a elite do exército de Sapor. Com cinco homens de profundidade, a coluna parecia se estender por quilômetros cruzando a planície, Até onde os olhos alcançavam, havia homens e cavalos. Alguns pareciam estátuas vivas, cavalo e homem cobertos por escamas de metal, máscaras de ferro ocultando qualquer traço de humanidade. Outras montarias exibiam armaduras de couro vermelho ou de chifre verde-azulado. Muitos usavam sobretudos amarelos vistosos e enfeitavam os cavalos de maneira semelhante: verde, amarelo, vermelho-escarlata e azul. Com frequência, homem e animal exibiam símbolos heráldicos abstratos — meias-luas, círculos e barras

— que proclamavam seu clã. Sobre suas cabeças, os estandartes se desfaldavam e estalavam: lobos, serpentes, animais ferozes ou desenhos exóticos invocando Mazda.

— Você sabe dizer quem lidera cada contingente com base nos estandartes? — Quando comprou o jovem persa, era este momento que Balista tinha em mente.

— Claro — Bagoas respondeu. — À frente dos *clibanarii* vêm os senhores das casas de Suren e Karen.

— Achei que essas eram as grandes casas nobres do antigo regime. Mas não caíram junto com a dinastia dos partos?

— Eles passaram a enxergar a santidade de Mazda. — Bagoas estava radiante. — O Rei dos Reis Sapor, em sua bondade infinita, devolveu as terras e os títulos a eles. O caminho da correção está aberto a todos.

— E os cavaleiros atrás deles?

— São os verdadeiramente abençoados. Os filhos da casa de Sassan: Príncipe

Valash a Alegria de Sapor, Príncipe Sassan o Caçador, Dinak Rainha de Mesene, Ardashir Rei de Adiabene. — O orgulho irradiava do garoto. — E olhe... ali, na seqüência da fileira, os guardas, Primeiro os imortais, Peroz da Espada Longa na ponta. Depois os *Jan-avasper*, aqueles que se sacrificam. E veja... veja quem os lidera... Ninguém menos que Mariades, o imperador de direito de Roma. — O garoto riu, sem se importar com o efeito que suas palavras surtiriam, os castigos que pudessem suscitar. — O caminho da correção está aberto a todos, até mesmo aos romanos,

Da poeira rodopiante levantada pelos milhares de cavalos, enormes silhuetas cinzentas se avultavam. Um, dois, três... Balista contou dez. Bagoas literalmente pulava de alegria, batendo palmas.

— Os elefantes de sacudir o solo de Sapor. Quem pensaria em resistir contra tais bestas?

Balista tinha visto elefantes lutarem nas arenas, mas nunca tinha enfrentado esses animais cara a cara em batalha. Certamente pareciam aterrorizantes, como se fossem de outro mundo. Deviam ter pelo menos 3 metros de altura e as torrinhãs em seus lombos os tornavam ainda maiores. Cada torrinha estava repleta de guerreiros armados. Ao comando de indianos que se sentavam com as pernas abertas atrás das orelhas dos animais, os elefantes moviam a cabeça de um lado para o outro, fazendo as presas enormes, cobertas de metal, mergulharem e sacudirem.

— Assustadores, mas ineficientes. — A confiança na voz de Turpio era reconfortante. — É só acertar o tendão, ou deixá-los loucos com projéteis. Se matarmos os condutores, os *mahouts* deles, saem correndo desembestados. Têm tanta probabilidade de pisotear o lado deles quanto o nosso.

O exército sassânida tinha parado e se virado de frente para a cidade. Uma trombeta soou com clareza pela planície.

Da esquerda, um pequeno grupo de cinco cavaleiros desarmados apareceu, avançando em um leve meio-galope. Entre eles, um enorme estandarte retangular, bordado de amarelo, vermelho e violeta e incrustado de pedras preciosas que brilhavam ao refletir a luz do sol, estendia-se do alto de um mastro. O estandarte tinha por cima uma bola dourada e tiras coloridas de tecido esvoaçavam atrás dela.

— E o *Drafsh-i-Kavyan*, a bandeira de batalha real da casa de Sassan. — Bagoas quase sussurrou. — Foi feito antes do início dos tempos. Carregado por cinco dos *mobads*, sacerdotes, os mais santos, segue à frente do Rei dos Reis em batalha.

Um cavaleiro solitário apareceu da esquerda. Montava um cavalo branco magnífico. Suas roupas eram cor de púrpura e em sua cabeça havia uma coroa

dourada arredondada. Fitas brancas e púrpuras flutuavam atrás dele.

— Sapor, o divino Rei dos Reis dos Arianos e Não Arianos, que louva Mazda, da raça dos deuses. — Bagoas se prostrou ali mesmo nas fortificações.

Quando Sapor alcançou o estandarte *Drafs-h-i-Kavyan* em sua posição, na frente da parte do meio de seu exército, puxou as rédeas do cavalo e o fez parar. Ele desmontou, aparentemente usando um homem ajoelhado como degrau. Um trono dourado foi providenciado e Sapor se acomodou nele. Um grande número de homens corria de um lado para o outro.

— Contingente de inimigos? — Balista lançou a questão em aberto para seu *consilium* reunido no telhado da torre do portão.

— Estimo cerca de 20 mil homens de infantaria — Acilio Glabrio respondeu prontamente, — Depois, aproximadamente 10 mil de cavalaria pesada, 8 mil *clibanarii* sassânidas e por volta de mil georgianos e sakas, Parece haver, por alto, 6 mil bárbaros de cavalaria leve na frente da coluna, talvez 2 mil árabes e o mesmo número de indianos, e mil georgianos mais mil sakas. — Independentemente do que se pensasse a respeito do jovem patricio, não dava para negar que ele era um oficial extremamente competente. As estimativas se equívalem quase exatamente às feitas por Balista.

— A cavalaria leve dos próprios sassânidas? — O homem do norte elaborou a pergunta de maneira sucinta, bem profissional.

— Impossível dizer — Mamurra respondeu. — Eles se espalharam por todo o interior, incendiando e saqueando. Não há como estimarmos sua força. Independentemente do número, a maior parte vai estar do nosso lado do rio. No entanto, haverá bem poucos do outro lado... o vau mais próximo para se cruzar fica a cerca de 160 quilômetros rio abaixo e nós confiscamos todos os barcos em quilômetros. Eles não vão comprometer muitos homens do outro lado do rio,

— Isto que o *praefectus fabrum* está dizendo é verdade — disse Turpio. — Não há como saber quais são os números deles. Em Barbalissos, havia algo entre cinco e dez homens de cavalaria para cada *clibanarius*, mas dizem que, em outras situações, os números eram quase iguais.

— Obrigado — disse Balista. — Então, parece que o inimigo tem algo entre 40 e 130 mil homens contra os nossos 4 mil. Na melhor das hipóteses, estamos em uma desvantagem de dez para um. — Ele abriu um largo sorriso. — É muita sorte nossa eles serem um bando de orientais efeminados que se assustam com o barulho de um jantar ruidoso... que dirá de uma batalha. Com essa proporção, nós não tentaríamos lutar contra ninguém que tivesse um pouco de colhão. — Todos os oficiais do exército riram. Demétrio tentou se juntar a eles.

Balista observou que o comboio de bagagem tinha alcançado as outras colunas, e que sua primeira tarefa foi erguer uma barraca de cor púrpura espaçosa no local atrás do meio das tropas. A barraca, que só podia ser a de Sapor, estava sendo instalada diretamente ao longo da estrada oeste para Arete, a cerca de 600 passos do Portão de Palmira.

Homens continuavam a correr ao redor de Sapor.

— O que está acontecendo? — Balista perguntou a Bagoas, que continuava prostrado.

— O Rei dos Reis vai fazer o sacrifício de um cabrito para garantir que Mazda vá se alegrar com as obras dele aqui, para garantir que esta cidade de descrentes caia perante o exército dos justos.

— Levante esta barriga do chão e tome cuidado com o que diz. Não abuse demais da nossa paciência — Balista explodiu.

Apesar do tom, o homem do norte na verdade estava satisfeito com o escravo persa. Como ele esperava, estava aprendendo muito sobre o inimigo com aquele garoto. Havia o passional fervor religioso, ligado à reverência ao rei, e o fato de que Bagoas não tinha considerado a infantaria sassânida digna de menção. Então, era um exército de fanáticos do qual apenas a cavalaria era boa de luta. Balista só precisava torcer para que esse persa especificamente fosse exatamente como seus conterrâneos, que os representasse.

Quando o garoto levantou, colocou por um instante os braços atrás das costas, como se estivessem amarrados. Balista sabia que esse era o gesto persa de súplica: o rapaz possivelmente estava implorando a Sapor para não culpá-lo por ser escravo de inimigos.

Depois de feito o sacrifício, Sapor foi visto dando ordens ao nobre conhecido como Suren. Quando Balista pediu para que Bagoas explicasse, ele disse que o Rei dos Reis agora enviaria o Suren a ele. Se Balista e seus homens se submetessem e se convertessem ao caminho correto de Mazda, a vida deles seria poupada.

Enquanto observava o Suren avançar em sua direção com o cavalo a passo, ao longo da estrada, os pensamentos de Balista disparavam em sua mente. Quando o cavaleiro ainda estava a cerca de 200 passos de distância, Balista rapidamente deu ordens a dois de seus mensageiros. Todas as balistas da muralha oeste deveriam estar preparadas para atirar no exército inimigo. Deveriam usar a elevação máxima, para poder chegar a seu alcance total, mas os operadores deveriam soltar as tiras de torção com apenas duas voltas das hastas, para que os projéteis caíssem bem antes. Ele esperava que isso fosse enganar o inimigo a respeito do verdadeiro alcance das balistas. Os mensageiros saíram correndo

pela passarela da muralha; um para o sul, o outro, aquele que tinha o sotaque carregado da Subura, para o norte. Com o Suren a cerca de 100 passos de distância, Balista disse a Mamurra que descesse até o primeiro piso da torre e usasse o mensageiro que se aproximava como treino para um dos lançadores de projéteis. Ao comando de Balista, um projétil deveria ser lançado logo acima da cabeça do Suren.

Ele montava um belo garanhão de Nisaia, Era preto como breu, tinha peito largo e media no mínimo 16 palmos. Ainda bem que foi a cavalaria leve que nos emboscou, Balista pensou. Cavalos Pálidos jamais derrubaria um animal como aquele com um coice.

O Suren puxou as rédeas do cavalo. Ele tinha parado a cerca de 30 passos do portão. Balista ficou aliviado. O nobre inimigo teria detectado duas armadilhas que Balista tinha instalado. Ele tinha passado por dois buracos na estrada: um a 100 e outro a 50 passos do portão. Os buracos estavam escondidos da visão, cobertos com tábuas e uma grossa camada de areia por cima, mas o som dos cascos do cavalo serviria para alertar o persa. No entanto, por enquanto ele não devia saber nada sobre o último buraco, a armadilha crucial, a apenas 20 passos do portão.

O Suren se demorou para tirar um capacete alto no formato de uma ave de rapina, possivelmente uma águia. Os traços dele em si, uma vez revelados, não pareciam assim tão diferentes. Com a certeza de um homem cujos ancestrais tinham sido proprietários de amplas pastagens por gerações sem fim, ele ergueu os olhos para os homens nas fortificações.

— Quem é o comandante aqui? — O Suren falou em um grego quase sem sotaque. Sua voz era bem audível.

— Eu sou Marco Clódio Balista, filho de Isangrim, *Dux Ripae*. Sou o comandante aqui.

O Suren tinha deixado a cabeça pender de leve para o lado, como que para examinar melhor o bárbaro loiro com nome e título de romano.

— Sapor, o Rei dos Reis, pede que eu lhe diga que esquente a água e prepare sua comida. Ele tomará banho e comerá em Arete hoje à noite.

Balista deixou a cabeça cair para trás e gargalhou.

— Tenho certeza de que o rapaz efeminado que se faz passar pelo seu *Kyrios* adoraria entrar em uma banheira e oferecer o rabo para qualquer interessado, mas temo que a água seja quente demais; e os meus soldados, brutos demais para a constituição delicada dele.

Aparentemente inabalado pela obscenidade, o Suren começou a abrir, de

maneira metódica, a parte de cima de uma aljava pendurada em seu quadril direito.

— Que raio ele está fazendo? — Balista perguntou a Bagoas em um sussurro.

— Ele está se preparando para declarar guerra formalmente. Ele vai atirar o tubo de junco que simboliza a guerra.

— Nem fodendo que ele vai fazer isso! Discretamente avisem a Mamurra para atirar.

A ordem foi balbuciada de homem a homem por todo o telhado do torreão e escada abaixo.

Depois de supostamente ter extraído a flecha simbólica correta, o Suren tirou o arco do estojo. Ele estava ajustando a flecha quando se ouviu o ruidoso zunido, deslizamento e baque de uma balista sendo acionada. É justo dizer que o Suren mal se sobressaltou quando o projétil passou a alguns pés de sua cabeça. Ele se recompôs, armou o arco e atirou a flecha bem alto por cima das muralhas da cidade. Então fez seu cavalo recuar. O pelo lustroso do garanhão reluziu quando ele se virou sobre as patas traseiras. O Suren virou a cabeça por cima do ombro e gritou:

— Não coma toda a enguia defumada, homem do norte. O meu *Kyrios* gosta muito desse prato.

Balista deu a ordem para que o restante da artilharia atirasse. Enquanto o Suren e sua montaria magnífica iam desaparecendo estrada afora, os projéteis traçavam curvas no ar por cima da cabeça deles, mas caíam um pouco à frente do exército sassânida que assistia a tudo.

— Inteligente — disse Acilio Glabrio. — Foi muito inteligente anular a declaração bárbara de guerra deles com uma versão improvisada da nossa própria cerimônia, muito romana, de jogar uma lança em território inimigo. — O desdém sempre presente desapareceu da voz do tribuno quando ele prosseguiu. — Mas você os enganou e os fez pensar que o alcance da nossa artilharia é de apenas de 300 passos, isso foi uma esperteza muito maior.

Balista assentiu. Na verdade, ele estava pensando em uma outra coisa, em Woden o Pai-de-Todos jogando sua lança nas fileiras de Vanir, na primeira guerra de todos os tempos. E, desde a primeira guerra, era um passo bem pequeno para começar a pensar em Rag-narok, a guerra do fim dos tempos, quando Asgard vai cair e a morte virá para homens e deuses da mesma maneira.

Balista estava apoiado na mureta do terraço do palácio do *Dux Ripae*. Olhava para baixo, para o outro lado do rio. Ele olhava para algo terrível.

De onde tinha vindo aquela mulher? Ele tinha feito com que homens de cavalaria examinassem de maneira metódica a margem oposta e trouxessem todas as pessoas que encontrassem de barco para este lado do rio. Contrariado, pensou que não tinha sido nada fácil transportar duas *turmas* de cavalaria de um lado para o outro no Eufrates. Claro que alguns tolos vão sempre permanecer na segurança ilusória do lar, por mais que se descreva com toda a clareza os pavores que homens e deuses estão prestes a infligir sobre eles. Talvez os sassânidas a tivessem trazido com eles.

De vez em quando, os arqueiros montados fingiam que iam deixá-la fugir. Ela corria na direção do rio. Antes de chegar lá, homens montados a derrubavam. Eles a jogavam no chão e outros dois ou três a estupravam. Havia cerca de vinte deles.

Sem emitir nenhum de seus ruídos tradicionais, Calgaco se debruçou na mureta ao lado de Balista.

— Estão todos lá dentro. Pelo menos desta vez, Acilio Glabrio chegou na hora. O mesmo pode ser dito a respeito de Turpio, Antígono e os quatro centuriões que você mandou chamar. Foi Mamurra que se atrasou.

Os dois homens olharam para o outro lado do rio.

— Canalhas — disse Balista.

— Nem pense em tentar salvá-la — disse Calgaco. — E exatamente o que eles querem. Ela já estaria morta quando você conseguisse colocar soldados em um barco, e então os seus homens cairiam em uma emboscada.

— Canalhas — Balista repetiu.

Os dois continuaram a olhar para o outro lado do rio.

— Não é culpa sua — disse Calgaco.

— O quê?

A chegada silenciosa do caledônio deveria ter servido de aviso para Balista de que havia algo por vir.

— Isso que está acontecendo com a coitada daquela moça ali... o fato de que esta cidade está cercada e que, independentemente de qualquer coisa, muitos de seus habitantes vão sofrer e morrer... o que aconteceu com Rômulo e aqueles batedores... nada disso é culpa sua.

Balista por um instante exibiu expressão hesitante, mas seus olhos permaneceram fixados no rio.

— Você sempre pensou demais. Desde criança. Não estou dizendo que isso seja

algo ruim, mas não ajuda muito homem na sua posição. — Balista não respondeu. — Só estou dizendo que se você se entregar aos sentimentos, então não vai pensar com clareza, e daí as coisas vão ficar muito piores, porra!

Balista assentiu e endireitou as costas. Ao soltar as mãos da mureta, viu que as palmas estavam sujas de pó de tijolo. Ele as esfregou.

Do outro lado do rio, os homens tinham rodeado a mulher. Um deles estava em cima dela. Balista desviou o olhar.

— Suponho que tenha razão. — Ele ergueu os olhos para o céu. — Falta só um pouco mais de uma hora para a noite cair. Vamos entrar e falar com os outros. Temos muito a organizar para a desagradável surpresa que vai recair sobre o Rei dos Reis nesta noite.

### XIII

Estava escuro embaixo do arco alto e arredondado do Portão de Palmira. O portão externo ainda estava fechado e, apesar de o interno estar aberto, muito pouca luz conseguia entrar. A personificação em tamanho exagerado da Tiquê de Arete pintada na muralha norte não passava de um borrão para Turpio, e ele não enxergava os rabiscos de agradecimento pelas viagens ainda que soubesse que estavam anotados embaixo.

Turpio sempre tivera o olfato bem desenvolvido. O cheiro predominante ali era da poeira fria, talvez até úmida, que ficava à sombra do torreão do portão e que o sol nunca alcançava. Havia também o cheiro da madeira trabalhada do enorme portão a sua frente e, surpreendentemente fora de contexto, um cheiro muito forte de perfume: óleo de mirra. As dobradiças estavam embebidas com a substância para não rangerem.

Turpio estava tenso, mas feliz de estar ali no escuro, esperando para liderar o ataque. Ele teve de argumentar a seu favor com muita veemência perante o *consilium*. Acilio Glabrio tinha observado que duas centúrias de seus legionários somavam 140 homens, enquanto duas *turmas* dos auxiliares de Turpio representavam apenas 72 soldados, de modo que, para ser justo, o comandante deveria ser o próprio Acilio Glabrio. Restara a Turpio apelar para Balista com a justificativa de que, ao mesmo tempo que o homem do norte não podia se dar ao luxo de arriscar o comandante patricio dos legionários em sua guarnição, um ex-centurião que comandava auxiliares era bem mais dispensável. No final, o *Dux Ripae* tinha dado sua aprovação.

Turpio tinha consciência de que todos no *consilium* sabiam por que ele estava tão ansioso para liderar este ataque: ele ainda precisava provar o seu valor depois da mancha que Escribônio Muciano tinha deixado a respeito de seu caráter. No decorrer do inverno, ele tinha treinado bem a *Cohors XX*. Certamente não havia mais corrupção. Era uma unidade eficiente, da qual era possível se orgulhar. Mas para que Turpio se desse bem em Arete, para conquistar a confiança de Balista, para fazer tudo que ele queria, precisava se esforçar mais. Ele precisava de uma chance para demonstrar sua competência em ação. O que poderia ser melhor para isso do que um ataque noturno diretamente ao coração do acampamento inimigo? Claro que os riscos eram enormes, mas o mesmo valia para as possibilidades de glória. "*Decapite o réptil persa. Mire na enorme barraca de cor púrpura no centro do acampamento dos sassânidas. Pegue o Rei dos Reis dormindo ou com as calças bufantes arriadas. Traga-me a cabeça dele. Ninguém jamais esquecerá o seu nome.*" Turpio não tinha sido o único a se animar com as palavras de Balista.

Turpio detectou outro cheiro: cravo-da-índia, ou possivelmente flores; um cheiro limpo e agradável, Tinha de ser Acilio Glabrio. O jovem patricio se movimentava devagar e com cuidado pela passagem. Turpio disse seu nome baixinho e estendeu a mão. Os dois homens se cumprimentaram. Acilio Glabrio entregou a ele um pedaço de rolha queimada, desejou boa sorte e saiu. Enquanto Turpio escurecia o rosto e os antebraços, ficou imaginando se não tinha avaliado mal o jovem nobre.

Ele sorriu para si mesmo no escuro. Não, ele não o tinha julgado mal. O jovem nobre continuava sendo um imbecil. Turpio era capaz de sentir a gargalhada borbulhando em seu peito ao pensar na reunião do *consilium*. Quando Balista entrou, Acilio Glabrio o abordara cheio de sua petulância de patricio.

— Gostaria de dar uma palavrinha, *Dux Ripae*.

O homem do norte tinha virado seus olhos azuis desconcertantes de bárbaro bem devagar. Estava com cara de quem nunca tinha visto seu interlocutor. Sua resposta tinha sido expressa nos termos mais gélidos:

— Com prazer, *Tribunas Laticlavius*, em um momento.

Balista tinha pedido a seu novo porta-estandarte, Antígono, que o acompanhasse e conduziu o batavo até o canto extremo do salão. Lá, falou em tom baixo, com frases enfáticas. No final, Antígono fez uma saudação e foi embora. Ao retornar, o rosto de Balista tinha uma expressão aberta e sincera.

— O que deseja, *Tribunus Laticlavius*?

Quando o vento parou de bater nas velas, o jovem patricio, louco de raiva, balbuciou que não tinha pressa.

Uma agitação abafada na passagem atrás de Turpio indicou a aproximação do *Dux Ripae*. Naquela escuridão, mal se distinguia a silhueta ainda mais sombria da altura e da corpulência do homem do norte com o estranho escudo de armas em forma de pássaro em cima do elmo. O homem do norte parecia não ter cheiro algum. Em seu estado de agitação do momento que antecede a batalha, Turpio ficou imaginando por um momento se aquilo era o mesmo que não ter sombra.

— Está tudo pronto. Hora de partir — Balista disse em voz baixa.

— Faremos o que for ordenado e a cada comando estaremos de prontidão.

Trocaram um aperto de mão. Balista deu meia-volta e levantou um pouco a voz.

— Tentem não matar muitos dos nossos rapazes.

Os soldados mais próximos riram. Virando-se para trás, Balista baixou a voz.

— Lembre-se, Turpio... simplesmente entre e saia. Se alcançar a barraca de

Sapor, excelente; se não, não há problema. Não comece a lutar. Você tem só uns duzentos homens. Eles têm cerca de 50 mil. Se for possível, surpreenda-os, mate alguns, incendeie algumas barracas, deixe-os agitados. Mas então saia de lá com rapidez. Não se deixe capturar. Ao primeiro sinal de resistência organizada, volte para casa.

Eles trocaram outro aperto de mão. Balista retornou para a lateral da passagem logo abaixo do contorno pálido da Tiquê. Ele disse baixinho por cima das cabeças dos soldados que esperavam:

— Hora de partir, rapazes, e de dar início às *venationes*, a caçada aos animais.

Apesar do óleo de mirra, os portões pareceram ranger assustadoramente quando se abriram com todo o seu peso. Turpio partiu.

Por sorte, era a noite anterior à lua nova. No entanto, mesmo iluminada apenas pelas estrelas, a planície parecia bem clara depois da escuridão do portão. A estrada brilhava muito branca em sua extensão reta à frente. As fogueiras bruxuleantes dos persas pareciam infinitamente distantes.

Durante um tempo, Turpio se concentrou apenas em caminhar rápido. Logo já estava respirando mais fundo, a estrada sob seus pés parecia lisa, mas extremamente dura. Atrás dele, os 140 legionários da *Legio IIII Scythica* marchavam da maneira mais silenciosa que era possível a soldados romanos. Não falavam e tomavam cuidado para não bater as armas nem as armaduras. Alguns tinham até mesmo amarrado trapos nas botas militares para abafar o som dos cravos das solas. No entanto, havia uma série contínua de pequenos sons tilintantes. Nada seria capaz de persuadir os soldados romanos a remover todos os amuletos de boa sorte de seus cintos.

Quando se lembrou de fazê-lo, Turpio contou 200 passos e então deslocou-se para o lado e voltou-se para fazer uma avaliação. Dez de largura e 14 de profundidade, a pequena coluna de legionários parecia minúscula na imensidão da planície. Turpio olhou para trás, para a cidade. Fiel a sua palavra, Balista tinha conseguido convencer os sacerdotes a organizar uma cerimônia religiosa no templo de Bel. Com a intenção de atrair os olhos e os ouvidos de qualquer sassânida sem sono, a grande procissão com luzes fortes e cânticos ruidosos se deslocava lentamente pela ponta do extremo norte da muralha da cidade. Para ajudar o grupo de ataque a se orientar, uma tocha única queimava sobre o Portão de Palmira e outra na última torre do sul. O resto da muralha estava envolto em escuridão.

Turpio precisou correr para retomar sua posição na cabeça da coluna. Assim como ele, os legionários usavam roupas escuras e tinham enegrecido seu equipamento e a pele exposta. Para Turpio, eles pareciam terrivelmente vulneráveis na estrada branca reluzente, À frente, bem separadas, fogueiras

individuais marcavam a linha de piquete dos sassânidas. Atrás dela via-se o brilho mais difuso do acampamento, espalhando-se até onde a vista alcançava. A linha de repente estava muito mais próxima. Certamente as sentinelas persas não poderiam deixar de notar os legionários... Só a respiração de Turpio já parecia ruidosa o suficiente para se propagar por toda a planície e acordar os mortos.

Estavam cada vez mais próximos dos piquetes na estrada. Turpio foi capaz de distinguir a corda que amarrava os cavalos, chamadas delineadas no fogo, silhuetas escuras enroladas em cobertores no solo. Sem aviso, ele começou a correr, cada vez mais rápido, e desembainhou a espada. Atrás dele, bem próximos, passos pesados e respiração ofegante.

Turpio pulou por cima da primeira sentinela adormecida e desviou da fogueira para chegar ao outro lado do piquete. A sentinela mais próxima do acampamento sassânida se sentou, sua boca se abrindo para gritar, e Turpio desceu sua *spatha* na cabeça dela com toda a força. Foi necessário colocar a bota no ombro do homem para soltar a lâmina. Atrás dele, uma breve confusão de grunhidos, gritos interrompidos e uma série de sons que sempre faziam Turpio pensar em facas cortando repolhos. Então, um silêncio quase completo. Apenas 140 homens arfando.

Ele fez uma avaliação. Não havia gritos, nem toques de trombeta ou silhuetas sombrias correndo pela planície escura para dar o alarme. As fogueiras de piquete mais próximas, dos dois lados, estavam a pelo menos 100 passos de distância. Não havia movimento ao redor deles. Tudo estava em silêncio. Balista tinha razão, o bárbaro canalha e grandalhão tinha razão. Faltava aos sassânidas disciplina, a boa e velha disciplina romana.

Cansados depois da marcha, desprezando o pequeno número de soldados que se opunha a eles, os responsáveis pelo piquete persa tinham se deitado para dormir. Era a primeira noite do cerco, e nenhum nobre sassânida tinha tomado para si a tarefa de impor uma rotina.

Turpio controlou a respiração e disse baixinho:

— Primeira centúria, formar *testado*, — Ele esperou até que o ruído de pés arrastados cessasse e um nó denso de escudos sobrepostos se formasse. — Segunda centúria, venha comigo, — Mais pés arrastados e então silêncio, — Antonino Prior, faça o sinal ao *Dux*. — O centurião mal resmungou e três legionários se separaram do *testado*. Houve uma breve agitação de atividade e três lanternas foram penduradas em uma fileira, com as luzes azuladas piscando sua mensagem transmitida através da planície.

Turpio se voltou para a coluna da segunda centúria agrupada bem perto, atrás dele.

— Espadas e tochas nas mãos, rapazes. — Turpio olhou para o acampamento

sassânida e para a barraca real que pairava enorme no centro. Falou com o centurião a seu lado, — Está pronto, Antonino Posterior? Então vamos lá decapitar o réptil.

Balista estava esperando o sinal, E como esperava! Quando as duas centúrias partiram pela estrada, pareciam terrivelmente expostas, certamente visíveis por quilômetros. Mas logo se transformaram em um borrão indistinto em movimento que desapareceu na escuridão. A flecha do tempo tinha andado para trás. Balista rezou para que não tivesse mandado todos eles para a morte. O ruído das duas *turmas* de cavalaria que estavam à espera chegava até ele no telhado do torreão do portão; o tilintar de um bridão, um casco batendo no chão, um relinchar de cavalo abrupto e ruidoso.

As três luzes azuis apareceram. O coração de Balista deu um salto. Até agora, tudo estava bem, Demétrio sussurrou o nome do decurião sênior no ouvido dele, Balista se inclinou por cima das fortificações.

— Paulino, é hora de partir. Boa sorte.

Setenta e dois cavaleiros em duas colunas, a *turma* de Paulino e a de Apolônio, saíram cavalgando no meio da noite, um homem atrás do outro, tomando velocidade com rapidez. Eles também desapareceram na noite sem luar.

O tempo se arrastava.

*Pai-de-Todos, Capuz Fundo, Atacante, Arremessador de Lança, Cegador da Morte, não permita que eu os tenha enviado para a morte. Não permita que sejam mortos na escuridão como Rômulo.* No entanto, até agora o plano estava indo bem, Para afastar o azar, Balista começou a fechar o punho em uma figa, o polegar entre o indicador e o dedo médio. Se isso continuasse, ele acabaria tão supersticioso quanto Demétrio. Mesmo assim, completou o gesto.

O plano era simples. Depois de ultrapassar o piquete na estrada, uma centúria de legionários permaneceria ali para dar cobertura à retirada enquanto a outra centúria atacava a jugular, correndo para dentro do acampamento inimigo com a intenção de chegar até a barraca do Rei dos Reis. Para ajudar os soldados a disseminar a maior confusão possível, as duas *turmas* de cavalaria iriam se abrir para a esquerda e para a direita e atravessar as linhas de piquete e o acampamento sassânida propriamente dito, lançando flechas incendiárias em cima de tudo que estivesse à vista. A *turma* que se dirigia para o sul, a de Paulino, traçaria sua rota de fuga pelo fundo do penhasco do sul, seguindo todo o trajeto até o portão da comporta perto do Eufrates. Se algum persa fosse bastante tolo de segui-los por ali, pior para ele. Centenas de passos em um caminho difícil e a exposição aos projéteis das muralhas de Arete dariam conta dele. A outra *turma*, a de Apolônio, tinha uma tarefa mais complicada: ir em direção ao norte por uma curta distância e, então, dar meia-volta e entrar em formação na estrada

que levava de volta à cidade para ajudar a centúria que deveria cobrir a retirada. O plano tinha parecido extremamente simples na reunião com o *consilium*. Balista estava rezando para que não se transformasse em algo terrivelmente confuso e em trágica realidade.

O tempo continuava a se arrastar. Quando Balista estava começando a se perguntar se tudo teria sido um grande erro, alguém gritou, quebrando o silêncio: — Olhem lá! Olhem lá! — E foi prontamente calado.

Dava para ver luzes se movimentando no coração do acampamento sassânida. Os primeiros sons fragmentados de alarme chegaram até a cidade de Arete. Turpio e os legionários eram quem estava executando o verdadeiro trabalho da noite: apenas setenta homens desafiando a fera em sua toca.

Agora as coisas estavam se acelerando. A flecha do tempo retomou seu curso. Os eventos se sucederam um após o outro, em meio a uma grande confusão. Balista enxergava chamas amarelas reluzindo e ganhando vida na medida em que os soldados da *turma* iam acendendo suas tochas nas fogueiras do piquete logo à frente. Então duas fileiras de tochas puderam ser vistas afastando-se com rapidez do centro do acampamento persa, uma para o norte, a outra para o sul. As primeiras flechas incendiárias arquearam pelo céu.

Como um animal irritado por ter sido despertado de seu sono, um enorme urro se elevou do acampamento sassânida. O som ecoou pela planície e chegou até àqueles que estavam nas muralhas altas e nas torres de Arete.

Mais e mais luzes — vermelhas, amarelas e brancas — bruxuleavam e ganhavam vida na medida em que flechas incendiárias, tochas lançadas e lanternas chutadas colocavam fogo nas barracas, nas camas macias, na ração de animais estocada, nas reservas de provisões, nos jarros de óleo. Silhuetas piscavam na frente do fogo e desapareciam com rapidez demais para serem identificadas. O barulho, assim como o de um grande incêndio florestal, ricocheteava de um lado para o outro pela planície. Sobre o fundo geral se erguiam gritos estridentes de humanos e animais e o toque agudo de trombetas tentando devolver alguma ordem à horda persa.

Enquanto Balista observava, a fileira de luzes que se dirigia ao sul foi se apagando, uma a uma. Isso devia ser bom sinal: os soldados de Paulino livrando-se das tochas e disparando a toda velocidade na escuridão, em busca da segurança. Mas é claro que também podia ser ruim: os sassânidas em peso ao redor deles, derrubando um por um. Mesmo que fosse uma coisa boa, a *turma* estava longe da segurança de casa. Será que iriam encontrar a entrada da ravina cavalcando assim, na noite sem luar? A descida tinha sido bem fácil para Balista e mais quatro, em velocidade confortável, em um dia claro e ensolarado, mas eles tinham apeado. A tarefa poderia ser bem diferente para homens nervosos

montados em cavalos arfantes, que se esforçavam na escuridão quase total.

Quando Balista olhou para o norte, a fileira de luzes que marcava a *turma* de Apolônio também tinha desaparecido. Os homens podiam ter sido arrancados de seus cavalos por lâminas e mãos ou estar seguindo sem incômodos para o ponto de encontro... não havia como saber.

*Pai-de-Todos, o Desperto, o Andarilho, Aquele que Chama os Deuses, o que está acontecendo? E Turpio?*

Ele urrava. Com a cabeça jogada para trás, ele urrava e ria. Era raro Turpio se sentir assim tão feliz. Não pela matança, ainda que não tivesse objeção alguma a matar: era a facilidade daquilo tudo. A primeira coisa com que eles tinham se deparado no acampamento tinha sido a fileira de cavalos de uma unidade, Tinham demorado apenas segundos para cortar os cabrestos, bater nos cavalos com a parte chata das lâminas das espadas e mandá-los em estouro de manada para cima do acampamento. O tumulto se espalhou com rapidez na medida em que os animais iam invadindo grandes barracas, levando ao chão as menores, derrubando painéis. A cabeça de um persa apareceu de dentro de uma tenda. Um golpe da *spatha* de Turpio bastou para que ela caísse ensangüentada.

Berrando para que seus homens permanecessem juntos, Turpio disparou pelo acampamento sassânida. Em dado momento, ele tropeçou em uma das cordas que prendia uma barraca e caiu de cara no chão, A sola encravada de metal da bota de um de seus próprios soldados pisou em cima de suas costas, antes que braços fortes o arrastassem para que voltasse a ficar em pé e lá se fossem mais uma vez. Correndo enlouquecido pelo acampamento, ele tentava sempre manter a tenda real em foco. Persas sozinhos ou em pequenos grupos surgiam à sua frente. Saíam correndo ou caíam no lugar em que estavam. Não havia oposição organizada.

Pareceu que não demorou nada para chegarem lá. Vários estandartes enormes pendiam frouxos de mastros altos. Meia dúzia de guardas, com suas armaduras metálicas reluzindo devido às fogueiras, formavam uma barreira na frente da enorme barraca púrpura. Deixando alguns dos legionários para dar conta deles, Turpio correu alguns metros para um dos lados e usou a lâmina da espada para abrir um buraco na tenda. Foi sair no que parecia ser um corredor. Em vez de segui-lo, ele abriu um rasgo na parede interna, Agora estava em uma sala de jantar vazia. Alguns restos da refeição noturna não tinham sido retirados. Turpio pegou uma garrafinha de bebida e guardou em segurança na cinta.

— Não há tempo para saques — ele berrou e, com um movimento da espada, abriu um buraco na parede seguinte. Dessa vez, saiu no meio de um pandemônio: gritos agudos, vozes femininas. Ele deu uma volta ao redor de si mesmo com os joelhos dobrados, espada em punho, à procura de alguma ameaça, tentando entender o que era aquele aposento com cheiro doce e luz suave.

— Caralho, é o harém do Rei — disse um legionário.

Havia mulheres e meninas para qualquer lado que se olhasse, Dúzias de moças bonitas. Morenas, loiras. Vestidas de seda, usando kajal em volta dos olhos, encolhidas nos cantos, atrás de móveis delicados, berrando em persa. Turpio não sabia se elas estavam pedindo ajuda ou se imploravam para serem poupadas.

— Eu devo ter morrido e ido para os campos Eliseos — disse um legionário.

Turpio olhou ao redor e avistou uma porta ornamentada. Um eunuco gordo tremia indeciso na frente dela. Turpio deu um chute nele e o tirou do caminho. Gritando para que os legionários o seguissem, ele mergulhou na abertura.

O aposento estava quase escuro, e vazio. Havia um cheiro de bálsamo e de sexo. Turpio foi até a cama ampla e desfeita. Ele colocou a mão nos lençóis. Estavam quentes. *Júpiter Ótimo Máximo, chegamos perto mesmo, porra.*

Turpio captou pelo canto do olho um pequeno movimento. Em um instante, ele deu uma volta com a espada em riste. A moça estava no canto do quarto, tentando se esconder atrás de um lençol. Os olhos dela estavam arregalados, e ela estava nua. Turpio sorriu, então percebeu que aquilo talvez não fosse assim tão reconfortante.

*Por Tiquê!* Se tivesse chegado alguns momentos antes, tudo teria sido diferente. Turpio reparou em uma pulseira de ouro na cama. Sem pensar, ele a pegou e colocou no pulso, *Tiquê.*

Sua reflexão foi interrompida quando um legionário irrompeu porta adentro.

— Os canalhas estão vindo atrás de nós, *Dominus,*

Do lado de fora, um grupo de *clibanarii* sassânidas sem montaria tinha se reunido. Avançavam juntos, vindos da direita. Um nobre alto os comandava.

— Fechem as fileiras. --- Assim que sentiu os legionários ao seu redor, Turpio encheu os pulmões e deu início ao chamado com resposta. — Estão prontos para a guerra?

— Prontos!

— Estão prontos para a guerra?

Na terceira resposta e sem hesitação os legionários avançaram em peso. Turpio viu um calafrio percorrer as fileiras inimigas. Alguns deles desviaram para o lado, tentando chegar mais perto da proteção do escudo do homem à sua direita. Outros deram um ou dois passos para trás.

Excelente, pensou Turpio. Estar no lugar certo na hora certa contra a coesão, a velha equação da batalha. Nós estamos no lugar certo e na hora certa e eles

perderam a coesão. Graças aos deuses.

Enfiando o ombro sob o escudo, Turpio foi para cima de um dos inimigos. O sassânida cambaleou para trás e derrubou o que estava às suas costas, que também perdeu o equilíbrio. Turpio deu um golpe de espada no capacete do primeiro homem. Ele não se rompeu, mas entortou, e a vítima caiu feito uma pedra. O homem seguinte saiu da frente. Turpio avançou. O homem recuou ainda mais.

— Mantenham a posição. Voltem a formar a linha. Agora, fiquem de frente para os répteis, e caminhem para trás. Passo a passo. Sem pressa. Sem pânico.

Os sassânidas permaneceram onde estavam. A lacuna entre os combatentes se alargou. Logo os legionários estavam de volta ao ponto que tinham usado para entrar no pavilhão do rei. Turpio ordenou que o músico mais próximo, um *bucinator*, soasse o toque de reunião.

— Certo, rapazes. Quando eu ordenar, damos meia-volta e saímos daqui em velocidade dobrada.

Sair do acampamento dos sassânidas foi mais difícil do que entrar. Não havia perseguição organizada ou resistência sistemática e o acampamento estava em polvorosa, mas agora os persas estavam acordados. Por três vezes, caóticos bandos relativamente pequenos de persas, com vinte ou trinta homens, bloquearam o caminho e demonstraram resistência. Em cada uma das vezes os romanos precisaram se reunir, retomar a formação, investir e lutar pesado durante alguns instantes antes de poderem continuar sua fuga. Certa hora, Turpio pediu para pararem por achar que estavam perdidos. Fez com que o erguessem em cima de um escudo. Quando conseguiu enxergar a direção em que se encontravam as muralhas de Arete, deram continuidade à fuga. Eles avançavam a passos firmes, percorrendo os becos formados pelas milhares de barracas próximas umas das outras. Às vezes, viravam para a esquerda ou para a direita; normalmente, seguiam direto em frente. Na escuridão, projéteis lançados tanto pelos soldados quanto por aqueles do acampamento que os perseguiam assobiavam pelo ar. De vez em quando, um homem caía. Turpio se esforçava para ignorar o uso de uma *spatha* romana que dava cabo dos que tinham ficado feridos demais para prosseguir. A *Legio IIII Scythica* não deixaria seus homens para trás para serem torturados pelo inimigo.

Pelo menos não havia mais barracas à frente. Havia a estrada para Arete, logo à esquerda, e ali, a cerca de 100 passos de distância, a fogueira de piquete atrás da qual seus amigos os esperavam— a centúria de Antonino Prior com o apoio da *turma* de Apolônio. Turpio e seus homens pareceram cobrir a distância em um instante.

Turpio deu uma seqüência de ordens com a voz rouca de tanto gritar. O grupo de ataque, a centúria de Antonino Prior, deveria seguir diretamente em frente, permanecendo junto mas rumando a toda velocidade para o Portão de Palmira. Eles já tinham feito mais do que o suficiente por uma noite. Turpio se juntou à outra centúria. Em instantes ele e Antonino Prior desfizeram a formação de *testudo* e organizaram os homens em uma fileira de dez de largura e sete de profundidade. Eles partiram para a segurança em velocidade dobrada, com os homens de cavalaria da *turma* de Apolônio trotando cerca de 50 passos à frente, prontos para atirar por cima das cabeças dos legionários em qualquer ameaça que se aproximasse.

Quatrocentos passos. Apenas isso os separava da segurança, Turpio começou a contar, perdeu a conta, começou de novo, desistiu. Tinha tomado seu lugar na fileira de trás que, quando o inimigo os alcançasse, seria atacada. Por cima do ombro, viu as primeiras silhuetas escuras de cavaleiros saindo do acampamento, disparando atrás deles. Não haveria chance de chegar ao portão sem serem incomodados. A frente, ainda a certa distância, ele avistou através da escuridão, ereto ao lado da estrada, o trecho curto de muro que Balista tinha deixado em pé e pintado de branco. Marcava 200 passos, o limite dos tiros de artilharia certos e efetivos disparados das muralhas. E o mais importante para Turpio: o solo dos dois lados da estrada nos últimos 200 passos estava cheio de uma infinidade de armadilhas. Se conseguissem chegar a esse muro branco, estariam um pouco mais seguros. A partir de então, a cavalaria persa só poderia atacá-los diretamente pela estrada. Neste trecho havia apenas alguns buracos e pontas de ferro. Aqui ainda era possível que o inimigo os cercasse e os sobrepujasse.

Turpio olhou para trás e viu que os cavaleiros sassânidas tinham se dividido em dois grupos. Um avançava pela estrada e o outro saiu na direção norte em uma ampla varredura que os colocaria atrás dos romanos em fuga. Parecia haver pelo menos 200 ou 300 cavaleiros em cada unidade. Mais homens de cavalaria iam saindo do acampamento o tempo todo.

Turpio ordenou que os soldados parassem, A cavalaria da estrada avançava. Ia atacar sem esperar que a manobra por trás fosse concluída. Os legionários se viraram de frente para aqueles que os perseguiam. Com um toque alto de trombeta, os persas cravaram as esporas em seus animais e avançaram. Estes eram os *clibanarii*, a cavalaria de elite pesada dos sassânidas. Iluminados pelas fogueiras do acampamento persa ao fundo, tinham aparência magnífica. Em sua maioria, os homens tiveram tempo de vestir suas próprias armaduras (que reluziam e bruxuleavam), mas não as dos cavalos. Eles continuavam avançando, passando do meio-galope para um mais solto. Turpio era capaz de sentir o trovejar dos cascos dos enormes cavalos de Niseia reverberando do solo. Sentiu os legionários a seu redor começando a fraquejar. Que os Deuses os

protegessem, era difícil enfrentar um ataque de cavalaria de frente. Em instantes, alguns dos legionários poderiam recuar, abrindo lacunas na fileira, e então tudo estaria acabado. Os *clibanarii* estariam entre eles, os cavalos mandariam os homens pelos ares, as espadas longas da cavalaria desfeririam seus golpes.

— Não saiam da posição. Mantenham a linha completa. — Turpio não achava que aquilo fosse ajudar muito. Os enormes cavalos de Niseia estavam ficando maiores a cada segundo.

Por cima da cabeça dos legionários, as flechas dos homens de Apolônio assobiavam. Pelo menos eles não nos abandonaram, pensou Turpio. Não vamos morrer sozinhos.

Afortunadamente, uma flecha atingiu uma parte vital de um cavalo sassânida, O animal caiu e deslizou para a frente e para o lado, O cavaleiro foi lançado de cabeça ao chão, Ele permaneceu no ar por um momento incrivelmente longo antes de se chocar contra a estrada, com a armadura tilintando e causando estrondo em volta dele. O cavalo atingiu as patas do vizinho, que também desabou com força, O cavalo do outro lado desviou e foi de encontro ao cavalo seguinte, que perdeu o equilíbrio. A segunda fileira de cavalos não conseguiu parar a tempo. Não tinha opção além de passar por cima dos que estavam caídos. Em instantes, o imponente ataque tinha se transformado em uma fileira que tropeçava e caía no meio do caos de homens e cavalos que gemiam de dor e surpresa,

— Meia-volta, em velocidade dobrada, vamos nos afastar deles o máximo possível.

Eles teriam de dar conta daquele caos. Aquilo tinha feito com que Turpio e seus homens ganhassem alguns minutos e se aproximassem mais da segurança.

Correndo pela estrada, Turpio olhou ansioso à esquerda para ver o que tinha acontecido com o grupo de cavalaria sassânida que vinha pelo norte ao encontro dos outros homens, Não avistou nenhum sinal deles. Sentiu o medo aumentar. Pela bunda peluda de Hércules, como é que tinham conseguido se colocar entre eles e o portão com tanta rapidez? Então ele ficou mais otimista, Eles não estavam entre Turpio e o portão, estavam se retirando em direção ao acampamento. Um grupo de silhuetas com tochas indicava por quê. Um cavalo tinha caído em uma das armadilhas dispersas colocadas na faixa entre 200 e 400 passos da muralha. Um único cavalo tinha caído, e eles tinham desistido.

Agora havia apenas uma ameaça a encarar. Mas provavelmente era o suficiente. Turpio sentia que, da próxima vez que os *clibanarii* sassânidas disparassem pela estrada atrás deles, os legionários falhariam. Tinha sido uma noite muito longa e assustadora. Há um limite para aquilo que um homem é

capaz de agüentar.

— Parem. Meia-volta. Preparem-se para receber a cavalaria.

Desta vez os *clibanarii* não se apressaram. Tinham assumido a formação de uma coluna de sete homens de largura, mas Turpio não conseguia ver qual era sua profundidade. A fileira da frente consistia de sete, que de algum modo tinham encontrado tempo para colocar armadura não só em si mesmos, mas também nos cavalos. Eles cavalgavam joelho ajoelho, homens grandes sobre cavalos grandes. Formavam uma parede sólida de ferro, couro endurecido e chifre de animais, o metal gelado das pontas de suas lanças refletia a luz das estrelas.

Turpio sentiu um calafrio percorrer os legionários a seu redor. Ele era capaz de escutar pés que se arrastavam nervosos, os cravos das solas das botas raspando na superfície da estrada. O homem à sua direita olhava por cima do ombro, para a segurança da cidade. Turpio sentiu o cheiro rançoso do medo. Deles ou seu próprio, não tinha certeza.

— Mantenham a linha. Fiquem firmes. Em pé. Os cavalos não vão correr para cima de uma formação de infantaria. — Turpio gritava tanto que estava ficando rouco. No dia seguinte, não ia conseguir falar. Deu um sorriso quando se deu conta do sentido ambíguo dessa frase. Ele se virou para incentivar as fileiras atrás de si. — Se não nos mexermos, eles não vão poder nos atingir. Mantenham a linha e vai ficar tudo bem. — Pelo saco de Júpiter, o portão parecia mesmo próximo. Qualquer um poderia pensar em virar, correr e ficar a salvo. Faltavam só uns 150 passos para chegarem. Parecia tão perto que dava a impressão de que só levaria um segundo. — Não pensem em correr. Não dá para ser mais rápido do que um cavalo. Se correrem, morrem. Mantenham a linha e nós todos vamos sobreviver. — Os homens não o olhavam no olho; não ia dar certo.

Uma trombeta soou, cortando o som da noite agitada. Os *clibanarii* postaram suas lanças terríveis e começaram a avançar pela estrada a passo. Havia o tilintar de armaduras e o som dos cascos dos cavalos na estrada, mas nenhum som humano. Eles avançavam feito uma comprida serpente, blindados com escamas e implacáveis.

Zunido, deslizamento e baque. O som de um tiro de balista. Zunido, deslizamento e baque. Outro. Depois outro. Mais outro. Mais ruidosa do que qualquer outra coisa na noite, toda a artilharia na muralha oeste da cidade de Arete atirava às cegas no meio da noite escura.

Um silêncio terrível depois da primeira saraivada. Os *clibanarii* tinham parado. Os legionários ficaram paralisados. Todos sabiam que as balistas estavam sendo recarregadas, que as roscas engraxadas estavam sendo torcidas, que as hastes estalavam e as tiras de tensão se retesavam. Todos sabiam que, dentro de um minuto, no máximo, as balistas voltariam a atirar, que mais uma vez, com

velocidade e força sobre-humanas, projéteis choveriam sobre a planície, caindo sobre amigos e inimigos da mesma maneira.

Zunido, deslizamento e baque. A segunda rodada de balistas se fez ouvir.

— Fiquem em pé. Fiquem em pé. Não fujam. — Os homens de Turpio estavam fraquejando, segurando os escudos em cima das cabeças em um gesto patético, uma tentativa inútil de se proteger das flechas ou das pedras de artilharia.

Turpio se virou para olhar os sassânidas na estrada e começou a rir.

— Certo, rapazes, agora levantem-se e CORRAM!

Uma pausa de choque se instalou, então todos se deram conta de que os *clibanarii* galopavam noite adentro, de volta para seu acampamento, para longe do alcance da artilharia das muralhas de Arete. Os legionários deram meia-volta e correram.

Turpio viu Balista esperando ao portão. A luz da tocha fazia o cabelo comprido do homem do norte brilhar em um tom dourado. Ele estava sorrindo. Quando Turpio correu a seu encontro, começou a rir mais uma vez. Eles apertaram as mãos e se abraçaram. Turpio dava tapinhas nas costas de seu *Dux*.

— Brilhante. Foi absolutamente brilhante, porra — Turpio arfou.

Balista inclinou a cabeça para trás e riu.

— Muito obrigado. Eu gostei. Então, não sou um bárbaro do norte tão idiota assim, hein?

— Brilhante... veja bem, eu obviamente percebi de cara que as balistas não estavam carregadas, que só o som delas já serviria para espantar os répteis...

O jovem *optio* estava preparado para ser muito prestativo. A questão refletia bem tanto na *Legio IIII Scythica* quanto no jovem *optio*. E este era um fator a ser considerado para um oficial júnior com uma carreira a construir.

— Caio Licínio Próspero, da *vexillatio* da *Legio IIII Scythica*, *Optio* da Centúria de Marino Posterior. Faremos o que for ordenado e a cada comando estaremos de prontidão. — A saudação foi distinta.

— Conte-me exatamente o que aconteceu. — Balista retribuiu a saudação. Era quase certo de que o "exatamente" era uma redundância. Próspero tinha a clara intenção de aproveitar seu momento, de se demorar para contar a história antes de levá-los até o cadáver. Balista fungou. Dali era possível sentir o cheiro do defunto, ou pelo menos daquilo que o tinha matado.

— Ontem à noite, quando a *turma* de Apolônio foi retirada das funções de guarda nos celeiros militares, para poder participar do ataque ao acampamento

sassânida... aliás, parabéns pelo sucesso do ataque, *Dominus*, foi uma ousadia digna do próprio Júlio César, ou de...

— Obrigado — Balista falou rápido, antes que eles se desviassem para longas comparações entre ele e todos os generais ousados do passado de Roma dos quais o *optio* fosse capaz de lembrar. — Muito obrigado. Por favor, prossiga.

— Claro que sim, *Dominus*. Como eu ia dizendo... como a *turma* de Apolônio não estava de guarda nos celeiros, o senhor ordenou a Acílio Glabrio que selecionasse 32 legionários tirados das centúrias de Naso, Marino Prior, Marino Posterior e Pudens para assumir os postos de vigia. — Balista abafou um bocejo. Era a terceira hora de luz do dia. Ele não tinha dormido na noite anterior e, agora que a agitação do ataque tinha acabado, estava muito cansado. — O senhor me deu a honra do convite para ser o *optio* no comando do destacamento de guarda,

Balista tomou cuidado para não rir. Ele tinha simplesmente dito a Acílio Glabrio que colocasse uma guarda pequena, porém adequada, nos celeiros na noite anterior. Apenas alguns minutos antes, ele nem sabia da existência do jovem *optio*. E tentador juntar todas as hierarquias acima de si em uma classe quase indiferenciada, achar que os seus superiores se conhecem e que o comandante mor sabe quem você é.

— Você mais do que retribuiu a honra com a sua diligência — ele disse, — Agora, por favor, conte-me o que aconteceu.

O jovem abriu um largo sorriso.

— Bom, eu achei melhor posicionar dois legionários às portas de cada ponta dos celeiros. Achei que, se houvesse sempre dois juntos, haveria muito menos risco de serem sobrepujados ou de um deles cair no sono. — De repente, ele pareceu acanhado. — Não que os legionários da *III Scythica*, em quaisquer circunstâncias, fossem cair no sono durante uma sentinela.

Não, mas pode ser que isto aconteça comigo a qualquer momento se você não andar logo, Balista pensou, sorrindo.

— Muito bem — ele disse em tom de incentivo.

— Claro que, com isso, só sobrei eu como patrulha móvel.

Balista refletiu que o jovem *optio* — Próspero, preciso lembrar o nome dele — podia relatar muitas informações desnecessárias, mas ainda era melhor do que uma daquelas testemunhas de língua amarrada, que precisam ser incentivadas e ameaçadas, principalmente estando ele tão exausto naquele momento.

— Eu o avistei pela primeira vez na quarta ronda, no final da décima hora, logo antes de o senhor fazer a artilharia atirar, quando eu estava me deslocando para o

sul, na direção do palácio do *Dux Ripae*, quer dizer, na direção do seu palácio.

Balista assentiu com um gesto pesado, como se tivesse se dado conta de que ele era o *Dux Ripae* e de que o palácio era dele. Pelo menos, finalmente estavam chegando a algum lugar.

— Ele estava caminhando para o norte, entre a muralha da cidade e o celeiro mais ao leste entre os quatro. Claro que há um toque de recolher em vigor, de modo que ele não devia estar lá. Mas sempre há soldados ou escravos circulando à noite. Ele estava vestido como soldado: túnica, calça, botas, cinta de espada; mas eu fiquei desconfiado. Por que um soldado estaria de folga logo ontem à noite? E parecia que havia algo de errado com ele. Agora eu me dou conta de que era a barba e o cabelo. Eram longos demais. Nenhum centurião iria permitir aquilo, nem mesmo em uma unidade auxiliar. Não que dê para ver isso agora, na condição em que ele se encontra. — O rapaz estremeceu de leve. — E ele estava agindo de maneira suspeita. Segurava um jarro grande em uma das mãos, longe do corpo, como se contivesse algo precioso, como se estivesse morrendo de medo de derramar uma gota. E estava levando uma lanterna apagada na outra mão. Mais uma vez, de maneira nada natural, longe do corpo.

— Excelente observação, *optio*.

— Obrigado, *Dominus*. — O *optio* estava na maior animação agora. — Quando eu caminhei na direção dele, ele me viu e entrou no vão entre o primeiro e o segundo celeiro. Eu gritei para que parasse, mas ele me ignorou. Eu berrei o alarme. Corri atrás dele e gritei para os legionários de guarda na outra ponta que havia um inimigo correndo pela valeta, que devia ser detido. — O jovem *optio* fez uma pausa como se estivesse esperando que observações fossem feitas. Nada foi dito. Ele prosseguiu. — Quando eu entrei no beco, primeiro não consegui enxergá-lo. Vi Piso e Fonteio bloqueando a passagem, mas ele estava fora do campo de visão. Eu sabia que ele devia estar escondido em uma das baías formadas pelas grandes vigas dos celeiros.

Uma das baías em que Bagoas tinha sido espancado, Balista pensou.

— Como estava encurralado, achei que ele poderia se tornar perigoso, Então chamei Escauro, da minha ponta, para me acompanhar. Nós sacamos as espadas e entramos no beco com muito cuidado.

Balista assentiu para indicar que o curso da ação foi ao mesmo tempo prudente e corajoso.

— Estava muito escuro. Por isso, avançávamos devagar, cobrindo ambos os lados, esperando ser atacados. De repente, escutamos um barulho de madeira quebrada à frente. E então eu quase fui cegado por uma luz fortíssima duas alcovas à frente. Ouvimos uma espécie de chiado e sentimos um cheiro horrível.

Quando conseguimos voltar a enxergar, corremos para a frente. Piso e Fonteio corriam na nossa direção da outra ponta. Chegamos todos juntos ao local. Nunca vou esquecer. Nunca. — Ele parou de falar.

— *Optio!*

— Desculpe, *Dominus*. Foi horrível. Espero nunca mais ver nada parecido.

— Por favor, prossiga.

— O canalha estava se arrastando para dentro da pequena abertura de ventilação no pé da parede. Não sei se ele entalou ou se a dor o deteve, mas ele estava se contorcendo e berrando quando chegamos lá. Nunca tinha ouvido nada igual. Com a espada, ele deve ter quebrado as barras de madeira por cima do buraco da ventilação, derramado o jarro de nafta em cima do corpo e, com a lanterna, tocado fogo em si mesmo. Então ele tentou se esgueirar para dentro. Ele se transformou em uma tocha humana. Tinha cheiro de... de porco assado.

— O que vocês fizeram?

— Havia fogo por todos os lados. A nafta tinha queimado os restos das madeiras da abertura de ventilação. Havia chamas lambendo as paredes de tijolo. Até a lama ao redor dele parecia estar pegando fogo. Pelos deuses, como estava quente! Parecia que o fogo ia se espalhar pelo celeiro, entrando pelo buraco da ventilação e por baixo do piso de madeira. O lugar todo estava prestes a ser destruído. Foi Escauro quem teve a idéia do que fazer. Ele pegou a pá dobrável dele, enfiou na coxa do pobre coitado, o arrastou para o meio do corredor e o deixou lá. Jogamos terra em cima do fogo até apagar.

O jovem *optio* conduziu Balista pela passagem e o apresentou aos legionários Escauro, Piso e Fonteio. O homem do norte elogiou todos eles, principalmente Escauro, que estava bem chamuscado, e prometeu que eles seriam recompensados. Pediu a Demétrio que tomasse nota. O garoto grego parecia enjoado.

A cena era exatamente o que Balista esperava. O cadáver estava contorcido, os pelos e as roupas, consumidos; os traços, deformados. O corpo estava totalmente irreconhecível; só dava para dizer que pertencia a um homem baixo. O *optio* tinha razão: era nojento e tinha cheiro de porco assado. Tinha o cheiro de Aquileia. A pá dobrável, com a empunhadura de madeira queimada, estava fincada na perna.

— Encontraram alguma coisa interessante no corpo?

— Nada, *Dominus*.

Balista se agachou ao lado do cadáver e conteve a ânsia de vômito. A espada do homem era uma *spatha* fornecida pelo exército, Isso não significava muita coisa. Havia muitas delas disponíveis no mercado aberto. As botas do homem não tinham cravos, mas muitos soldados também tinham modelos assim hoje em dia,

— Você tem razão, Ele não era soldado. — Balista sorriu. — Nada pode convencer um soldado a tirar seus ornamentos, suas condecorações por valor e seus amuletos da sorte da cinta de espada, A única coisa que sobrou da deste homem foi a fivela. — O homem do norte apontou para uma fivela indistinta em forma de peixe. — Com toda a certeza, não é soldado.

De uma pequena distância, veio um som de vômito. Demétrio estava colocando o conteúdo do estômago para fora.

— O que levaria um homem a fazer uma coisa destas? — o jovem *optio* perguntou.

Balista sacudiu a cabeça.

— Não posso nem imaginar.

Todo mundo estava esperando o sol se erguer. O céu do leste já assumia um tom de bronze pálido. Uma brisa fresca e contínua soprava do sul. Patos voavam por cima do Eufrates e o cheiro de pão assado se espalhava pela cidade. Se o observador não olhasse a distância ou se ficasse com os olhos fixos no céu, poderia acreditar que Arete estava em paz.

Uma olhadela por cima das fortificações destruía qualquer ilusão de paz, no entanto. Verdadeiro como o avançar da luz, o deserto agora se mostrava verde. Havia capim e flores silvestres em cada pequena depressão. Passarinhos cantavam. Mas além da delicada cena de primavera havia uma linha negra de cerca de 1.000 passos de largura, A hoste sassânida se postava ombro a ombro. Trinta, quarenta fileiras de profundidade, era impossível saber. Sobre a cabeça deles desfaldavam-se estandartes. Serpentes, lobos, ursos, símbolos abstratos de fogo, de correção, de Mazda, esvoaçavam ao vento.

Atrás das fileiras pairavam os instrumentos de guerra. Dava para distinguir uma fileira de mantelletes, escudos altos montados sobre rodas, quase com a mesma extensão da força. Aqui e ali, as estruturas de madeira de balistas se destacavam; os olhos mais aguçados contavam pelo menos vinte delas. E ali, bem espaçados e inconfundivelmente atrás da fileira estavam os Invasores de Cidades, as três altíssimas torres de cerco.

Balista ficou impressionado e desconsolado. Fazia apenas sete dias que a horda persa tinha descido sobre Arete. Não tinha encontrado nenhum material aproveitável; não havia madeira por quilômetros — os homens de Balista tinham

tirado tudo do campo com antecedência, Não tinha adiantado nada. Os sassânidas tinham trazido consigo tudo de que precisavam. De algum modo, tinham transportado rio acima os instrumentos de guerra de cerco pré-fabricados, quase prontos para serem usados. Durante seis dias, tinham trabalhado pesado. Agora, no sétimo, estavam prontos. Apesar de não confessar para ninguém, e mal admitir para si mesmo, Balista estava preocupado. Esses sassânidas eram diferentes de qualquer bárbaro com que ele tivesse lutado antes. Godos, sarmatianos, hispânicos ou mouros; nenhum deles teria sido capaz de fazer coisas assim, executar um cerco com tanto vigor.

Balista e os homens da defesa não tinham ficado à toa nos sete dias desde o ataque noturno. A investida de Turpio podia ter falhado em matar Sapor, mas ainda assim devia ser considerada um sucesso. As perdas romanas tinham sido muito pequenas. Faltavam cinco soldados na *turma* de Paulino, absolutamente nenhum da de Apolônio. Dos legionários, havia vinte lugares vazios na centúria que tinha de fato penetrado no acampamento persa, a de Antonino Posterior, e um da de Antonino Prior: e isso era estranho, porque esse grupo na verdade não tinha entrado em ação. Todo mundo pensava que este último tinha desertado; mas ninguém dizia em voz alta. No todo, o ataque tinha elevado a moral dos romanos, e era seguro imaginar que tivesse abalado o dos persas. No entanto, um ataque daquela proporção não tinha se repetido. Balista sabia que os sassânidas não estariam de guarda. Ele estava esperando a próxima fase do cerco, o próximo passo previsível da dança: um ataque persa com força total.

Os romanos não tinham feito mais nenhuma investida de peso, mas era improvável que os sassânidas andassem dormindo profundamente em suas barracas. Na própria noite do ataque principal, Antígono voltara do outro lado do rio de madrugada. Ele encontrara a moça que fora estuprada. Ela estava morta; havia sido mutilada. Antígono a deixou lá, mas trouxe a cabeça de um persa. Duas noites depois, ele fora para o sul de barco e retornara com outra cabeça, enrolada em uma capa persa. Na noite seguinte, ele tinha se esgueirado pelo portão da comporta e descido o rio, e dessa vez voltou com duas cabeças. Finalmente, na noite anterior, ele tinha atravessado o rio mais uma vez e trouxe novamente uma trouxa grisalha. De certo modo, cinco perdas não significavam nada em uma horda de provavelmente 50 mil homens. No entanto, manhã após manhã, a notícia de que mais um corpo, inexplicavelmente decapitado, havia sido encontrado provavelmente teria servido para levantar os piores medos no exército persa: um traidor voltando as mãos contra os colegas ou, pior ainda, muito pior, um demônio capaz de atacar quando bem entendesse no meio do acampamento adormecido.

Balista estava satisfeito com seu novo porta-estandarte. Ele não ficava lá muito animado com aqueles troféus pavorosos, mas desembalou solenemente cada um

deles, agradeceu dignamente o homem que os trouxera. Cada um era uma marca de vingança tanto por Rômulo quanto pela moça desconhecida. Antígono tinha um dom para esse tipo de coisa. Balista sentia-se feliz por estarem do mesmo lado.

Além das investidas noturnas de Antígono e da movimentação normal da cidade cercada, a principal atividade daqueles sete dias tinha sido a construção de três enormes guindastes móveis. Todos os carpinteiros da cidade tinham sido convocados para trabalhar neles; da mesma forma, todos os ferreiros forjaram correntes gigantescas e acessórios de fixação. Com as máquinas prontas, Balista tinha em mãos os últimos itens necessários para resistir ao ataque dos sassânidas. Ele olhou a muralha de cima a baixo, viu o ar que parecia tremer com o calor nos lugares em que os grandes caldeirões de metal estavam pendurados em cima do fogo, e sentiu que tinha feito o melhor possível. Estava longe de ter certeza se aquilo bastaria, mas ele tinha tentado.

O sol se erguia por sobre a Mesopotâmia. Uma onda de ouro se espalhava pelos estandartes sassânidas, refletia nas lindas vestes, nas jóias, nas tiaras. Como se fossem um só, cada homem da vasta hoste se ajoelhou e então se prostrou sobre a areia do deserto. Trombetas soaram, tambores bateram e por toda a planície se espalharam os cânticos de "Maz-da, Maz-da" quando louvaram o sol nascente.

O sol agora tinha se erguido muito claro sobre o horizonte. Os cânticos cessaram e o exército persa ficou em pé. Os homens esperaram em silêncio.

No alto das fortificações do Portão de Palmira, Balista também esperava e observava. O vigésimo primeiro dia de abril, dez antes do *kalends* de maio: era o Parília, o aniversário da Roma eterna. Da direita do exército sassânida, precedido pelo *Drafsh-i-Kavyan*, a grande bandeira de batalha da casa de Sassan, vinha a figura vestida de púrpura, montada em um cavalo branco.

— Sha-han-Shah, Sha-han-Shah. — Um novo cântico se espalhou pela planície.

Sapor parou na frente do centro da linha. O grande estandarte incrustado de pedras preciosas se agitava acima da cabeça dele, refletindo a luz do sol, reluzindo em amarelo, violeta e vermelho. O cavalo dele bateu o casco no chão, fez um meneio com a cabeça e relinchou; o som chegou bem alto e claro até o outro lado da planície.

Nas fortificações, Bagoas soltou um pequeno gemido de prazer.

— Este é o sinal. Quando a montaria do Rei dos Reis faz assim perante as muralhas de uma cidade, é certo que o lugar vai cair.

— Silêncio, menino. — Balista não permitiria que seu escravo disseminasse desalento. — Este é um agouro muito fácil de criar.

— O que eles estão fazendo agora? — Máximo perguntou. Uma fileira de sete

homens amarrados com cordas estava sendo conduzida na direção dos sacerdotes, os magos, dando a volta no *Drafsh-i-Kavyan*. — Isto não parece nada bom.

Bagoas não disse nada. Baixou os olhos. Desta vez, parecia estar morrendo de vergonha.

Os homens usavam uniformes romanos. Eles resistiam, mas apanhavam e seguiam em frente. Um caiu. Levou um chute para se levantar, foram conduzidos até onde uma pequena fogueira queimava. Havia uma panela pendurada em um tripé, esquentando em cima do fogo. Os romanos foram forçados a se ajoelhar e outros homens os seguraram firme. A cabeça deles foi forçada para trás. Um dos magos ergueu a panela do tripé e a tirou do fogo.

— Pelos deuses, mas que canalhas! — Máximo virou o rosto.

O sacerdote foi até o primeiro prisioneiro. Dois magos seguravam a cabeça do homem, O sacerdote virou a panela. O homem berrou.

— O que é isso? — Balista tentava manter a voz firme. — O que estão fazendo com eles?

— Azeite de oliva. — Bagoas respondeu em voz muito baixa. — Estão cegando-os com azeite de oliva.

Um único toque inicial de trombeta foi se desdobrando em inúmeros outros. A vasta horda sassânida se agitou e começou a entrar em formação para avançar devagar.

Grupos de homens começaram a empurrar as balistas, colocadas em cima de carrinhos ou rodas, até a distância em que seu alcance seria total, a cerca de 200 passos das muralhas. Dali, os lançadores de pedras fariam mira para destruir a artilharia de defesa da cidade e derrubar as fortificações, ao mesmo tempo que os lançadores de flechas abateriam os soldados romanos nas passarelas das muralhas.

Os manteletes foram colocados na frente. Eles seriam levados até a linha de alcance das flechas lançadas por arcos, a cerca de 50 passos da cidade. Formando uma fileira contínua de madeira reforçada, os manteletes tinham o objetivo de proteger tanto os arqueiros persas quanto os grupos de ataque ao se reunirem.

Mais pesadas do que qualquer coisa, empurradas por centenas de homens cada uma, as três torres de invasão começaram a avançar centímetro por centímetro. As monstruosas estruturas com roda eram feitas de madeira, mas totalmente cobertas por placas de metal e peles molhadas. Água era derramada com frequência nas laterais, do alto, para impedir que o inimigo tocasse fogo nelas.

Tinham balistas nos níveis superiores, mas os armamentos eram apenas secundários a seu objetivo principal. As torres de invasão eram feitas para se aproximar das muralhas. Deixavam cair uma ponte retrátil que possibilitava a entrada de uma massa de guerreiros aos berros nas fortificações. Na medida em que as pontes retráteis fossem descendo, uma hoste de grupos carregando escadas sairia da fileira de manteletes para fornecer apoio.

Balista olhou para elas. Eram fundamentais para o ataque. Tudo o mais iria acontecer ao redor delas. Estavam bem afastadas umas das outras. Uma estava na estrada, dirigindo-se imediatamente para o portão onde Balista se encontrava. As outras tinham a intenção de atingir a muralha além dele, a três torres de distância para o norte e para o sul. Deslocando-se a cerca de um quilômetro e meio por hora, em teoria, poderiam atingir a muralha em cerca de meia hora. Balista sabia que isso não iria acontecer. As torres de invasão fariam muitas paradas, para trocar as equipes de homens que as empurravam, para testar, aplanar e reforçar o solo à frente, além de preencher as armadilhas de Balista — isto, é claro, se fossem detectadas.

Balista avaliou que o ataque provavelmente não ocorreria antes do meio-dia. Infelizmente, isso seria bom para os invasores em muitos aspectos. O sol da manhã não incidiria mais diretamente sobre os olhos deles, como agora. Daria tempo de sobra para as torres de invasão chegarem às muralhas e para prepararem ataques paralelos.

Nuvens de cavaleiros tinham sido detectadas no dia anterior do outro lado dos penhascos do norte e do sul. Balista tinha alterado sua ordem de batalha, mandando que 300 homens, 100 mercenários de cada um dos *numeri* dos protetores de caravana, fossem se juntar à defesa da muralha do norte, que contava com um número perigosamente baixo de homens. Era estranho o fato de essa fraqueza não ter sido notada por seu *accensus*, Demétrio, que não tinha absolutamente nada de militar, nem por ele nem por seus oficiais do exército. Às vezes, a gente fica perto demais das coisas. Como o povo de Balista dizia: não dá para distinguir uma árvore no meio da floresta.

Meio-dia. O homem do norte constatou o horário em um relógio de sol. Meio-dia. O horário em que os romanos faziam sua primeira refeição substancial. Bagoas tinha lhe dito que os persas comiam mais tarde, quase ao entardecer. Ao meio-dia, os persas não estariam com fome, mas os romanos, sim. Balista estava prestes a dar ordens para adiantar o almoço dos soldados quando viu algo que poderia se revelar extremamente importante.

A inconfundível figura vestida de púrpura, que montava um cavalo branco, estava em movimento. Apesar de estar acompanhada de uma comitiva reluzente agora, formada pela alta nobreza e pelos reis clientes, não havia como não identificar o capacete dourado, alto e arredondado, e as fitas compridas em

púrpura e branco que indicavam o Rei dos Reis.

Balista tinha esperado por este momento, tinha rezado para que ele viesse. No exército romano, no início de um cerco, era costume o comandante avançar até a linha de alcance da artilharia dos cercados. Era uma tradição que atendia dois objetivos. Em nível puramente pragmático, dava ao comandante uma boa chance de observar o estado das defesas. Em nível muito mais intangível, mas possivelmente bem mais significativo, permitia ao general que elevasse o moral das tropas ao demonstrar seu desprezo calculado pelas armas dos inimigos. Uma bela tradição, que matava dois coelhos com uma cajadada só. O único problema era que às vezes também servia para matar o general responsável pelo cerco.

Até aquele momento, Balista não sabia se os sassânidas respeitavam essa prática. O fato de ter perguntado a Bagoas não surtiu resposta útil:

— Claro que Sapor, o Benquisto de Mazda, não tem medo das armas do inimigo.

Cada vez mais, o homem do norte ficava imaginando o quanto realmente aquele garoto persa sabia a respeito de guerra. Bagoas obviamente era oriundo da elite persa, mas parecia cada vez mais provável que ele pertencesse a uma família de escribas ou de sacerdotes em vez de uma de guerreiros.

Sapor e seus homens pararam os cavalos bem no limite da linha de alcance da artilharia. Dava para perceber uma conversa animada. O Rei dos Reis era o que mais falava, informando à audiência a respeito de sua visão sobre a direção que o ataque deveria tomar. Sapor traçava amplos arcos e movimentos de varredura com os braços; as fitas esvoaçavam atrás dele.

Balista olhou fixamente, não para Sapor, mas para duas saliências de pedra inconfundíveis, uma de cada lado da estrada. Os lados que ficavam de frente para a muralha estavam pintados de branco. Marcavam 400 passos, o alcance máximo de sua artilharia. Vamos lá, seu canalha oriental covarde. Vamos lá, tenha colhão de entrar na linha de alcance de tiro.

Forçando a mente a pensar em outra coisa, Balista deu ordens para que os soldados almoçassem duas horas antes do normal. Quando os mensageiros foram se afastando, o homem do norte se deu conta, com um terrível baque, de que não tinha dado as ordens mais urgentes: todas as máquinas de artilharia deveriam apontar para o rei persa, mas só deviam atirar quando ele mandasse. Quando a onda seguinte de mensageiros de afastou, Balista se sentiu um pouco mais aliviado ao pensar que a mensagem deles provavelmente seria redundante: apenas um *ballistarius* terrivelmente ruim ainda não teria apontado a arma para o homem montado no cavalo branco.

O truque de virar as hastes, relaxar a tensão e diminuir o alcance aparente das armas era velho e óbvio. Será que tinha funcionado? Mesmo que tivesse, será que o traidor o tinha revelado? Será que o sassânida caçava dele naquele momento?

Sapor cravou os calcanhares e o cavalo branco se deslocou pela estrada na direção do Portão de Palmira. Passando pelas pilhas de pedra caiadas, com seu rastro meteórico dos poderosos, Sapor avançou. *Pai-de-Todos, Enganador, Portador da Morte, entregue este homem para mim.*

Balista estava dolorosamente ciente da expectativa que o rodeava. O silêncio mortal nas fortificações se quebrava apenas pelos ruídos do maquinário bem lubrificadas sendo ajustado com sutileza, enquanto as balistas seguiam seu alvo. *Esperem até que ele pare de se mover. Não se adiantem. Esperem o momento certo.*

Lá vinha Sapor, cada vez mais próximo; aproximando-se da seção da muralha pintada de branco a 200 passos.

Ele parou.

Balista falou.

Antígono ergueu a bandeira vermelha para dar o sinal.

Zunido, deslizamento e baque: a balista poderosa de dez quilos lançou sua pedra arredondada com cuidado. Um instante depois, juntou-se a ela sua gêmea no telhado do torreão do portão. Então, mais zunido, deslizamento e baque: toda a artilharia ao longo das fortificações do oeste entrou na dança. Durante um par de segundos, o homem do norte admirou a geometria de tudo aquilo: a linha fixa da muralha, o triângulo móvel de projéteis que se convergiam todos para o ponto fixo do homem montado no cavalo branco.

O cavaleiro vestido com peles ao lado de Sapor foi derrubado do cavalo. Com os braços abertos, as mangas vazias do casaco ao vento, o homem parecia um inseto grande com seis patas quando o projétil o lançou para trás. Mais para o fim da comitiva dois, talvez três homens e seus cavalos caíram quando as pedras os reduziram a restos ensangüentados.

Depois do ataque, um som surdo de choque se instalou. Apenas sons abafados se faziam ouvir: o clique de linguetas, o rangido da madeira e o tendão sob pressão crescente, e os resmungos dos homens que trabalhavam freneticamente. A quase-paz foi rompida pela horda sassânida tomada pelo pavor.

Sapor surpreendeu aos dois lados. Cravando as esporas na montaria, ele fez com que o cavalo avançasse a galope. Disparando na direção do Portão de Palmira, ele tirou o arco do estojo, pegou uma flecha da aljava e a acomodou na corda. A cerca de 150 passos do portão, ele parou subitamente, puxou a corda e atirou a flecha.

Balista observou sua trajetória no ar. Com um pavor supersticioso, ele sentiu que ela vinha diretamente em sua direção. Como sempre acontece, parecia ganhar velocidade ao se aproximar. Caiu um pouco antes e à direita do homem do norte,

indo de encontro à pedra na muralha.

A boca de Sapor estava se movimentando. Ele berrava seu ultraje, sua raiva, mas não era possível distinguir as palavras dali, na muralha. Dois cavaleiros se colocaram ao lado do rei. Eles berravam. Um chegou a ponto de tentar agarrar as rédeas. Sapor usou o arco como chicote para afastar as mãos. O cavalo branco deu meia-volta e, sacudindo o punho fechado, o Rei dos Reis disparou de volta à segurança.

Zunido, deslizamento e baque: o maquinário de artilharia começou a falar mais uma vez. A essa distância, contra um alvo que se movia com rapidez, Balista sabia que quase não havia possibilidade de um projétil encontrar seu alvo.

De volta à segurança, Sapor pôde ser visto cavalgando ao longo da frente da fileira, animando seus homens. Eles começaram a entoar:

— Sa-por, Sa-por.

Ao longo das muralhas de Arete, um contracântico se espalhou:

— Ba-lis-ta, Ba-lis-ta.

O *Dux Ripae* tirou o capacete. O vento do sul soprou no cabelo comprido e o jogou para trás. Ele acenou para seus homens.

— Ba-lis-ta, Ba-lis-ta.

— Então, quem foi que nós acabamos de matar? — O tom de voz dele era casual.

— O príncipe Hamazasp, filho de Hamazasp, rei da Geórgia.

Emoções fortes, porém difíceis de decifrar, passeavam pelo rosto de Bagoas.

— Se o espírito dele não for vingado, vai ser para todo o sempre uma mancha na honra do Rei dos Reis. Agora não pode haver clemência.

Com espontaneidade de criança, Balista jogou o capacete para o alto e o pegou no ar.

— Isto deve servir para concentrar a mente dos rapazes. — Rindo, ele se voltou para os soldados que o acompanhavam. — Não sei quanto a vocês, mas não estou a fim de deixar aqueles ali colocarem as mãos em mim.

Os homens riram também. Até o início da noite, relatos do acontecido, com frequência alterados e aumentados, atingiria cada canto da cidade.

— Quanto tempo levará até que a fileira deles chegue à linha de alcance extremo da artilharia?

— Pelo menos 15 minutos, talvez mais. — Como era esperado, Mamurra, o *praefectus fabrum*, o homem que devia conhecer o maquinário de cerco, respondeu a seu *Dux*.

— Então, Calgaco, será que você pode arrumar um pouco de comida para nós? A tentativa de matar o conhecido déspota de metade do mundo me deixou com muita fome.

Demétrio observou seu *Kyrios* comer pão e faisão frio, conversando e fazendo piada com os outros homens: Mamurra, Turpio, Máximo, Antígono, as equipes do maquinário de artilharia. Estavam passando uma jarra de mão em mão. O jovem grego nunca tinha admirado tanto Balista quanto naquele momento. Será que o *Kyrios* planejava essas coisas ou elas simplesmente lhe vinham como um clarão de inspiração divina? Será que ele sempre sabia o que estava fazendo? Seja lá como fosse, não fazia diferença: era um ato de gênio. As ações pavorosas dos magos, a morte do príncipe da Geórgia e o diálogo com Bagoas se uniam para formar uma história que qualquer pessoa era capaz de acompanhar. A noite, todos os soldados de Arete se retesariam por saber o que aconteceria se caíssem nas mãos dos sassânidas: a captura significava tortura e morte; era melhor morrer em pé, com a arma na mão.

Logo os persas se aproximaram da linha a 400 passos da muralha, o alcance máximo da artilharia. O *Dux Ripae* tinha reforçado repetidas vezes a necessidade de estabelecer marcadores de alcance, e os que estavam a 200 passos tinham de ser discretos. Tinham de estar visíveis aos homens da artilharia, mas não deveriam chamar a atenção dos responsáveis pelo cerco. A maioria das equipes de artilharia tinha escolhido montes baixos de pedras da cor da areia, de aparência natural, ajeitados com cuidado. Não havia um único homem de artilharia na cidade que não tivesse dado risada, ainda que apenas furtivamente, quando o homem do norte ou seu guarda-costas de aparência terrível estivessem por perto dos marcadores na frente do Portão de Palmira, escolhidos pelo próprio *Dux*:

— Bom, meu irmão, esta é a idéia que um bárbaro tem de discrição: duas porcarias de pilhas de pedras seguidas por uma merda de uma muralha enorme, toda pintada de branco.

Os persas se moviam com sensatez, aproximando-se em boa ordem. O corpo principal avançava à velocidade com a qual as balistas podiam ser movidas. Os manteletes, que podiam ser transportados com velocidade consideravelmente maior, ficavam com a artilharia para servir de escudo. As três grandes torres de cerco estavam a uma boa distância para trás.

Os olhos de Balista estavam concentrados nas duas pedras brancas a 400 passos. Ele, desleixado, segurava um pedaço de pão e queijo em uma das mãos, e uma

jarra na outra. Quando os persas ultrapassassem as pedras, teriam de avançar 200 passos sob a mira da artilharia da muralha da cidade. Avançando com sua própria, os sassânidas não teriam como contra-atacar durante aquele trecho. O homem do norte tinha ordenado a sua artilharia que se concentrasse exclusivamente nas balistas inimigas e nos homens que as deslocavam. De início, não era possível esperar muito: a distância era grande demais para se ter precisão. As coisas deveriam melhorar, entretanto, na medida em que os alvos, que avançavam lentamente, se aproximavam. *Derrube o maior número possível deles antes que consigam nos atingir.* Com sorte, os lançadores de pedras iriam destruir algumas máquinas inimigas. As flechas não seriam capazes de neutralizar as balistas sozinhas, mas podiam matar e assustar os homens que as deslocavam, e isso atrasaria o progresso deles, faria com que passassem mais tempo incapazes de contra-atacar, portanto, mais tempo expostos aos lançadores de pedras na muralha da cidade.

Balista fez um sinal com a cabeça para Antígono. O porta-estandarte ergueu a bandeira vermelha. Zunido, deslizamento e baque; zunido, deslizamento e baque: acima e abaixo da muralha, a artilharia se preparou.

A primeira saraivada não conseguiu nada e, depois de poucos minutos, não havia mais vestígios de tiros. As equipes do maquinário de artilharia trabalhavam em velocidades diferentes. Balista não estava convencido de que os mais rápidos eram, necessariamente, os melhores: talvez fosse bom demorar mais um pouco. Foi um tanto difícil para ele se conter e não carregar a arma com a bola de pedra de dez quilos que estava ao seu lado. O homem do norte foi coçar o nariz e percebeu que trazia nas mãos uma jarra e comida. Ele, então, continuou a beber e comer.

Vivas ruidosos vinham da direita da muralha. Balista olhou bem a tempo de ver uma roda girando no ar, como uma moeda atirada para cima. Uma nuvem de fumaça e pequenas silhuetas vestidas com roupas coloridas saíram cambaleando da planície. Uma das lançadoras de pedra ao norte da muralha acertou em cheio. Uma balista sassânida destruída, faltavam 19.

Mais vivas, desta vez à esquerda. Balista não conseguia enxergar a causa. Máximo apontou.

— Ali! Ali! Pelos deuses, isto fodeu com ele.

Balista acompanhou a direção do braço estendido do hibérnico. Muito, mas muito longe da muralha, bem além da massa de persas, estava a torre de cerco mais ao sul entre as três. A grande estrutura de invasão persa cambaleava como um bêbado para a frente, com as rodas dianteiras afundadas no solo.

— Tiquê — disse Mamurra. — Acho que não cavamos buracos assim tão longe.

O peso deve ter feito com que os túmulos subterrâneos mais distantes cedessem. De todo modo, não vão conseguir reativar este animal de novo hoje.

Qualquer batalha, assim como tudo na natureza, tem fases. Agora, por um tempo, a maré estava do lado da defesa, e as boas notícias vinham em enxurrada. Quando Balista terminou seu pão e queijo, dois mensageiros, um pisando nos calcanhares do outro, subiram correndo as escadas até o alto do torreão do portão.

Enquanto o primeiro falava, Balista passou o jarro que segurava para o outro mensageiro que esperava.

O ataque sassânida à muralha do norte não tinha dado em nada. Um grupo enorme de homens — segundo as avaliações, havia cerca de 5 mil deles — tinha se reunido no platô ao norte do penhasco. Ainda estavam muito afastados, bem nos limites do alcance da artilharia, quando o centurião Pudens ordenou que o lançador de flechas na torre do portão menor tentasse acertá-los. O *ballistarius*, com mais esperança do que expectativa, mirou no cavaleiro que vinha na frente, um homem bem-vestido montando um cavalo todo ornamentado. A flecha arrancou facilmente o homem da sela e o deixou espetado no chão. Com o líder morto, os répteis debandaram.

Balista agradeceu ao mensageiro e lhe ofereceu algumas moedas. O outro entregou o jarro para o colega e deu suas notícias.

Os persas, de algum lugar, tinham reunido cinco barcos e abarrotaram cerca de 200 homens dentro deles. Com muita estupidez, seguiram a margem oeste do rio até chegar a Arete. Assim que os barcos estavam ao alcance dos lançadores de flechas nas duas torres do nordeste, os navegadores, homens locais que tinham sido obrigados a prestar serviço, mergulharam na água pelas laterais, nadaram até a margem e desertaram. A partir de então, os barcos se transformaram em uma grande confusão. Estavam praticamente à deriva enquanto eram atacados por arqueiros. Quando finalmente tentaram atracar perto do mercado de peixes, tornaram-se alvo fácil para pelo menos dez máquinas de artilharia e quinhentos arqueiros do *numerus* de Anamu. Três barcos viraram; um foi a pique logo antes de chegar à ilha mais próxima no Eufrates; outro saiu flutuando rio abaixo. A maior parte dos homens que não morreram atingidos por projéteis se afogou. Apenas aproximadamente vinte deles parecem ter escapado rio abaixo, e mais uns vinte ficaram presos na ilha.

Quando a história terminou, com os sassânidas isolados na ilha, Antígono olhou para Balista com ar inquisidor, que respondeu afirmativamente de maneira enigmática e completou: se ainda estiverem por lá à noite. O homem do norte agradeceu o mensageiro e também lhe deu algumas moedas.

Mas a maré não pode correr para o mesmo lado sempre. Cedo demais, e ao

custo de apenas mais uma balista, a artilharia sassânida atravessara sua zona de impotência. Atingiram as posições de tiro pretendidas, nos limites da linha de alcance da artilharia. Os persas enxameavam para todos os lados, tirando as máquinas de artilharia dos carros, instalando telas de proteção, deixando a munição à mão, instalando de volta as hastes, colocando os projéteis, mirando e atirando.

Balista sentiu um leve tremor percorrer o torreão do portão quando uma pedra o atingiu. O tempo de observação tranqüila tinha chegado ao fim. Agora o ar tinha se tornado ameaçador; em todo lugar, ouviam-se os sons rascantes e cortantes de projéteis. A direita, um homem berrou quando uma flecha o acertou da passarela da muralha. A esquerda, uma seção curta da fortificação explodiu em estilhaços de pedra quando um projétil se abateu sobre ela. Um homem estava estirado no meio dos destroços, gemendo. Outro estava desmaiado. Ao enviar um recado para que os carpinteiros erguessem fortificações improvisadas, Balista refletiu que, se tudo ocorresse da mesma maneira, os defensores deveriam vencer esta batalha de artilharias. Eles tinham 25 balistas contra 18, e contavam com as vantagens de estar em posição elevada, assim como ter muralhas de pedra, não de madeira, para proteção.

No entanto, os acontecimentos não ocorreram dentro do esperado. As duas torres de invasão que ainda tinham mobilidade estavam posicionadas na linha de alcance máximo da artilharia. Bem quando o inimigo estivesse revidando os tiros, o homem do norte diria a seus *hallistarii* para mudar de alvo. Quando chegassem à linha de alcance de tiro, as torres de cerco seriam o único alvo. Então seria a vez dos homens de artilharia de defesa agüentarem os tiros sem possibilidade de revide; pouca coisa poderia ser pior para um soldado, Prestes a enviar os mensageiros para dar a ordem, Balista completou dizendo que qualquer *ballistarius* que mirasse em outro alvo que não fosse as torres de cerco, quando elas estivessem no alcance da artilharia, seria chicoteado até a morte, *Pai-de-Todos, o exercício do poder corrompeu a minha alma*.

Deixando suas balistas a 200 passos da muralha, o corpo principal de persas se apertava o máximo possível atrás da fileira de escudos móveis. Homens caíam nas armadilhas no solo e sob as flechas cortantes que vinham de cima. No entanto, para os homens da defesa, parecia que não tinha se passado tempo algum antes de a fileira de manteletes estar estabelecida a 50 passos da muralha e os arqueiros persas estarem preparando seus arcos. Dez, 20, 30 mil flechas; era impossível calcular. Como uma nuvem encobrendo sol, eles fizeram o dia ficar escuro.

Por toda a extensão da muralha, e atrás dela, as flechas choviam como granizo nos dias do solstício de inverno. Ali, e nas ruas e becos atrás delas, homens caíam. Os arqueiros da muralha revidavam. A defesa tinha algumas vantagens:

estava em posição mais elevada, protegida pelos buracos de tiro na pedra e pelos resistentes escudos dos legionários; quase todas as suas flechas atingiam o alvo: o número de sassânidas era tão grande que eles formavam um alvo denso e os manteletes não eram capazes de proteger a todos. Mas era uma disputa desigual: menos de 650 arqueiros contra milhares.

Flechas sassânidas atingiam o alvo. A defesa estava caindo... e havia perdas demais. Balista ficou imaginando se todo o seu planejamento, se todas as suas espertas artimanhas não se comprovariam inúteis. Será que a simples vantagem numérica prevaleceria? Será que o simples peso dos projéteis acabaria com as muralhas e deixaria a cidade vulnerável?

Resistência. Eles só precisavam resistir. Balista sabia que apenas a tradicional disciplina romana poderia fazer com que eles resistissem. Durante nove dias e nove noites o Pai-de-Todos tinha ficado pendurado na árvore da vida. Com a lateral do corpo perfurada por uma lança, ele voluntariamente tinha resistido na árvore para aprender os segredos dos mortos. O homem do norte sorriu. Até parece que o *Dux Ripae* tinha alguma *romanitas*.

O *draco* branco que sibilava à brisa atraiu toda a ferocidade dos sassânidas. O céu do Portão de Palmira estava repleto de projéteis. Balista estava agachado atrás do parapeito, no meio de uma muralha de escudos improvisada. Era difícil enxergar ou escutar. Então, por cima do terrível clamor de aço e pedra, ergueu-se o som de comemoração. Fraco, meio abafado pelo barulho da batalha, mas exultante, ouviu-se o entoar de:

— Ro-ma! Ro-ma!

Balista espiou pelas reentrâncias da muralha. Protegeu a cabeça quando uma flecha a atingiu. Ele olhou de novo. A metade norte da muralha estava envolta em uma enorme nuvem de poeira em forma de cogumelo. Sem querer desafiar o destino, Balista recuou para trás do parapeito por alguns instantes. Quando voltou a olhar, a poeira tinha baixado um pouco. Pôde ver o motivo pelo qual seus homens estavam exultantes. A torre de invasão mais ao norte já não existia mais. Em seu lugar havia uma estrutura alta e torta de postes e travessões. Enquanto Balista observava, um homem pulou do andar mais alto. Em queda, ele parecia, de modo incongruente, tão elegante quanto um dançarino de pantomima. Mais dois, três, quatro orientais pularam para a morte certa. Então, como era inevitável e todos esperavam, a torre desabou.

Um silêncio estranho se instalou no campo de batalha. A luta arrefeceu na medida em que os dois lados absorveram a enormidade do que tinha acontecido. A torre de cerco estava se dirigindo quase diretamente para uma torre da muralha que abrigava uma das maiores máquinas de artilharia. O repetido impacto de pedras de dez quilos acometendo-a em grande velocidade deve ter,

literalmente, abalado a torre de invasão até ela se despedaçar.

Demétrio olhou ao redor. No auge do combate, o Portão de Palmira ficou forrado, quase completo de projéteis usados. Na medida em que a luta arrefecia, a defesa desmoronava, os homens apoiavam-se nas muralhas ou nas duas enormes balistas. Apesar de tentar se segurar, o jovem grego não conseguiu deixar de olhar repetidas vezes para os dois cadáveres jogados no canto. Uma poça pegajosa de sangue ia se formando embaixo dos corpos. Demétrio dividia-se entre querer ou não saber a identidade deles.

Será que a luta tinha terminado? Zeus, Apolo, Atenas e Ártemis, por favor, permitam que tudo esteja terminado, pelo menos por hoje. Demétrio reparou que alguns escravos carregados de pacotes e jarros surgiram do alçapão. Eles caminhavam com o corpo abaixado. Projéteis perdidos ainda voavam pelo telhado. Por um instante, o jovem grego não entendeu o que os escravos estavam fazendo. Então, olhou para o céu e percebeu que já devia estar perto do fim da quarta hora de luz do dia, o momento em que o *Kyrios* tinha ordenado aos soldados que fizessem sua refeição adiada. De certa maneira, o tempo tinha passado bem rápido; por outro lado, os berros e o pavor pareciam ter durado dias. Demétrio pensou em como Zeus, na poesia divina de Homero, segurou o dia para que Odisseu e Penélope pudessem aproveitar seu amor e dormir. Aquele dia não tinha nada a ver com isso, assim como Arete não tinha nada a ver com Itaca.

Antes, quando Balista havia pedido seu inesperado lanche da manhã, Demétrio fora incapaz de comer; não havia saliva em sua boca. Agora, na medida em que a luta parecia arrefecer, ele se sentia faminto. Pegou um pouco de pão, queijo e cebola e começou a engolir tudo com voracidade.

O *Kyrios* mastigava sem prestar a menor atenção. Estava sentado no chão com as costas apoiadas na muralha do sul, tendo Máximo e Antígono um de cada lado dele. Em tom de voz baixo, eles travavam uma discussão técnica intermitente a respeito dos limites da depressão de peças de artilharia. Demétrio refletiu sobre aquilo. Como é que a repetição era capaz de entorpecer os sentidos de um homem a tal ponto que algo como aquela manhã de terror e contato com a morte pudesse se transformar em algo tão banal quanto uma colheita de milho? Ele começou a rir baixinho. Talvez fosse porque eles eram bárbaros: um anglo, um hispânico e um batavo. Para parar de rir, Demétrio deu uma mordida bem grande na cebola.

Arete estava no olho do furacão. A cidade isolada, anteriormente insignificante, tinha se tornado, pela vontade dos deuses, o último foco da guerra eterna entre o Oriente e o Ocidente. O conflito sempre existiu ali, desde os registros mais antigos. Antes, os fenícios orientais tinham seqüestrado Io e os gregos tinham reagido com a captura primeiro de Europa e depois de Medeia. Depois que os

troianos levaram Helena, as coisas passaram de seqüestro de moças a execução de guerras. Os aqueus incendiaram Tróia, os persas queimaram Atenas e Alexandre tocou em Persépolis.

As areias do deserto se tingiram de vermelho com a destruição das legiões de Crasso em Carrae. Cadáveres romanos abandonados marcaram a retirada de Marco Antônio da Média. Júlio César foi abatido às vésperas de mais uma guerra motivada por vingança. Confrontos desse tipo aconteceram repetidamente com os imperadores Trajano, Lúcio Vero e Sétimo Severo. Então vieram os sassânidas, e o Oriente revidou. Milhares de romanos foram mortos em Meshike e Barba-lissos. Antioquia, a metrópole da Síria, e tantas outras queimaram em períodos conturbados. Oriente contra Ocidente: o conflito que nunca poderia terminar.

Arete era o epicentro de um conflito de proporções cósmicas; um interminável choque de civilizações, uma eterna disputa entre deuses. Toda a força do Oriente lançada contra o Ocidente, e aqui a Roma eterna (a *humanitas* em si, como alguns preferiam, todas as suas artes e filosofia) era defendida por três bárbaros que comiam pão e queijo. Os pensamentos de Demétrio foram interrompidos pela chegada repentina de um soldado.

O mensageiro também pisoteou nos devaneios de Máximo. O hispânico tinha perdido o interesse nos detalhes da depressão da artilharia já havia algum tempo. A mente dele passeava pela moça nova no *A Kratera*: mamilos iguais aos dedões de um sapateiro cego, o pequeno delta bem aparado, oferecida na medida. Isso era algo engraçado nas mulheres: independentemente de que tipo de mamilos tivessem, sempre queriam ter um diferente. A moça do *A Kratera*, com suas grandes aréolas marrons como pratos de jantar, disse que preferia que elas fossem pequenas e certinhas. A garota do bar na ponta norte da cidade, que tinha mamilos pequeninos, rosados e delicados, queria que fossem maiores. Máximo não se importava. Ambas eram loiras vigorosas e com o corpo bem torneado. Certamente ficariam bem juntas.

O mensageiro estava tentando fazer uma saudação com o corpo abaixado. Balista e Antígono retribuíram a saudação sem se levantar. Escravo e não soldado, Máximo sentia prazer por não precisar de participar daquela formalidade.

— Boa notícia, *Dominus*. — O soldado se sentou com alívio quando Balista indicou para que o fizesse. — O ataque bárbaro à muralha do sul foi evitado. Havia cerca de 5 mil homens. Os répteis entraram em formação fora da linha de alcance no platô, Mas quando estavam descendo pelo penhasco, estávamos com dez balistas em cima deles. Os canalhas pareciam abalados quando começaram a subir pelo nosso lado. Quando os arqueiros de Iarhai e Ogelos começaram a atirar, nós rolamos aquelas pedras grandes que o senhor nos fez colocar entre

elas, e os sassânidas saíram correndo feito os verdadeiros orientais que são. Não têm estômago para isso, nem colhões.

Vivendo apenas o momento, quase como uma criança, Máximo realmente tinha se esquecido completamente da ameaça à muralha do sul. Mas a notícia foi bem-vinda: as coisas na muralha do deserto já estavam bem ruins por si só.

Balista agradeceu ao mensageiro e o enviou de volta com uma ordem para que Iarhai mandasse trezentos de seus arqueiros para a muralha do deserto.

Trombetas soaram e tambores ecoaram pela planície. Comandantes sassânidas berraram até ficarem roucos na tentativa de devolver o entusiasmo a seus homens e acelerar o ritmo do ataque. O fluxo de projéteis que se abatiam aumentou. Demétrio se agachou bem perto do chão. Em movimentos cansados, Balista, Máximo e Antígono se levantaram e ficaram abaixados atrás da amurada. Olhavam para fora vez ou outra.

Um estrondo terrível veio da torre ao norte do portão. Mais uma vez, uma nuvem de poeira cor de areia subiu ao céu. Foi seguida por gritos ritmados de dor, como um animal a balir. Um lançador de pedras sassânida acertara em cheio uma das balistas romanas na torre; os pontudos estilhaços de madeira, que voavam em alta velocidade, reduziram a plataforma da torre ao caos.

Antes que Balista pudesse dar qualquer ordem, Mamurra aparecera na torre atingida. O *praefectus fabrum* estava organizando uma equipe de trabalho para tirar os estilhaços do lançador de flechas para fora da torre e mandando os homens buscarem uma máquina de artilharia de reserva no arsenal. Os cadáveres se juntaram aos restos da arma no solo, e aos vivos sobrou a incumbência de fazer a balista restante funcionar.

No momento, o maior problema da defesa era a torre de invasão sassânida que continuava operante. Ela tinha retomado seu difícil avanço na direção do Portão de Palmira. Enquanto estivesse em pé e fosse capaz de se movimentar, toda a artilharia da defesa que pudesse mirar nela não tinha outra escolha. Apenas as torres na extremidade norte da muralha do deserto podiam revidar a artilharia sassânida que as atormentava.

A última torre de invasão estava sofrendo duros golpes. Vez após outra as pedras lisas da artilharia, de três e dez quilos, iam de encontro à estrutura em velocidade incrível. Dardos de balistas e flechas causavam confusão entre milhares de homens que empurravam o monstro. A torre de invasão balançou, pareceu cambalear, mas então, com novos homens nas cordas e o guincho terrível de milhares de juntas de madeira sob pressão intensa, voltou a avançar.

Por duas vezes as equipes de trabalho se apressaram na frente da torre de invasão para dar conta das armadilhas de Balista. Os buracos escondidos cuidadosamente a 150 passos do portão foram preenchidos, mas a um custo

apavorante. As equipes se depararam com um muro quase sólido de aço pontudo. Os buracos foram em parte preenchidos com seus próprios corpos.

Inexorável, a torre de invasão avançava, Se chegasse ao portão, se sua ponte retrátil descesse sobre o telhado do torreão, o cerco estaria acabado, a cidade cairia, Balista sabia que agora só havia uma esperança de impedir que a máquina de cerco alcançasse o portão. Será que os persas sabiam que havia mais um buraco escondido a apenas 20 passos do portão? O Suren não tinha se aproximado tanto assim. Até onde Balista sabia, nenhum persa tinha se aproximado tanto da muralha. Mas será que o traidor os tinha avisado?

A torre coberta de peles se aproximava. O cheiro do couro não curado, da madeira e do suor dos homens a precedeu no torreão. Trinta passos, 25: nenhuma equipe de trabalho adiantada à frente. Vinte passos. Nada, Será que Balista tinha calculado mal? Será que as travas eram fortes demais? Será que a torre de invasão passaria ileso por cima da armadilha?

Ouviu-se um rangido profundo. A superfície da estrada se moveu, as tábuas ocultas por cima do buraco começaram a ceder sob o peso da torre. Um cheiro peculiar se ergueu. Uma por uma, as tábuas quebraram. A torre entortou para a frente. Homens berraram.

Balista pegou um arco e flecha. O cheiro de piche invadiu com força suas narinas. Ele fez com que o material combustível ficasse em brasa. A flecha se acendeu. Ele respirou fundo e saiu da proteção da amurada. Desviou de uma flecha persa que passou rente a seu rosto. Ele soltou o ar e se forçou a inclinar o corpo para fora da muralha, ignorando os perigos e se concentrando no que precisava ser feito, Ele tinha leve consciência dos projéteis que tiravam lascas das pedras ao seu redor. Lá estava a abertura escura da armadilha. Ele encheu o pulmão, puxou a corda do arco e soltou. A flecha pareceu se deslocar em velocidade acelerada, deixando atrás de si um rastro de fumaça.

Outras flechas flamejantes adentraram o buraco, para a boca do grande jarro de armazenamento que tinha sido escondido lá dentro. Com um rugido, a nafta se acendeu. As chamas ergueram-se, recurvando-se e lambendo a torre de cerco, projetando as escadas e os degraus da parte de dentro. Homens berravam. Balista sentiu um cheiro parecido ao de um porco assado.

— Ba-lis-ta, Ba-lis-ta, — O nome foi entoado nas muralhas. — Ba-lis-ta, Ba-lis-ta.

Mas a provação da cidade de Arete ainda não tinha chegado ao fim naquele dia. A visão da torre e dos homens pegando fogo incitou os sassânidas. Trombetas soaram e tambores ecoaram. Nobres urraram ordens.

— Pe-roz, Pe-roz, Vitória, Vitória. — Um cântico orgulhoso veio do deserto. —

Pe-roz, Pe-roz.

Como uma grande onda que se abate contra o litoral pelo frenesi do mar, os orientais saíram de trás da fileira de manteletes e dispararam em direção à muralha. O grupo de ataque era formado por milhares de homens, todos eles de armadura. Os cavaleiros sassânidas, os *clibanarii*, tinham desmontado. Os nobres até carregavam suas próprias escadas de cerco.

A onda humana tinha 50 longos passos para percorrer. Desde o primeiro, os homens começaram a cair: esmagados pelo dardo de uma balista, recurvando-se contra o cabo de uma flecha, agarrando um pé lacerado por uma bola com pontas de ferro, berrando terrivelmente quando um espeto escondido em um buraco penetrava na carne e acertava o osso. Caíam em bando: ao atravessarem o espaço aberto, ao descer no fosso, ao subir mais uma vez. Os sassânidas iam deixando fileiras de mortos e moribundos, mas alcançaram o banco de terra encostado na muralha de Arete, pegaram as escadas de cerco, apoiaram-nas contra as fortificações e, então, os primeiros homens começaram a subir.

Nesse momento, os mais malignos dispositivos, aprimorados geração após geração de criatividade humana cruel e impiedosa, foram soltos para cima dos sassânidas. Na medida em que as escadas batiam contra as muralhas, os defensores se adiantavam com tridentes improvisados. Os soldados prendiam as hastes no meio dos dentes e empurravam a escada para o lado. Apesar das flechas que passavam zunindo por suas orelhas, mais defensores chegaram para ajudar a empurrar, com cada vez mais força. Quando um homem caía, outro tomava seu lugar. As escadas de cerco que não estavam bem firmes na base escorregavam para o lado, ganhavam velocidade e lançavam os homens para longe, e alguns caíam sobre as escadas vizinhas. Guerreiros sassânidas desabavam rodopiando, de cabeça para baixo, no solo implacável.

Pedras enormes, que mal conseguiam ser erguidas por três ou quatro homens, eram colocadas em cima do parapeito. Elas se equilibravam por um segundo e então caíam, derrubando homens das escadas, esmagando os degraus, fazendo com que as hastes se separassem sem que pudessem ser reparadas, até atingirem o solo.

No alto das fortificações surgiram os braços dos três novos guindastes gigantescos de Balista. Alavancas foram puxadas e as fortes correntes soltaram os imensos pedregulhos. Onde batiam, em um piscar de olhos, as escadas se transformaram em gravetos, homens eram reduzidos a polpa.

Por todas as passarelas da muralha, a atividade era agitada. Equipes de quatro legionários enfiavam hastes de metal bem embrulhadas nas alças dos grandes caldeirões pendurados em cima das fogueiras. Com pressa, mas com muito cuidado, tiraram os recipientes incandescentes do calor intenso. Com delicadeza,

manobraram até a beirada a carga que chiava e estalava. Grunhindo por causa do esforço, ergueram as varas até os ombros e então, a parte mais perigosa de todas: com muito cuidado, despejaram o conteúdo por cima do parapeito.

Homens berraram. A areia escaldante correu pela face da muralha até o banco de terra e tocou fogo em cabelos e roupas. Os grãos minúsculos penetravam nas pequenas frestas das armaduras, nos buracos dos olhos dos capacetes, queimando e cegando. Os homens corriam, berrando e retirando a armadura que tinha se transformado em alçóo ao reter a areia massacrante e escaldante. Soldados rolavam no chão, batiam em si mesmos, todos alheios às flechas da defesa que continuavam a chover.

A carnificina embaixo das muralhas era imensa. No entanto, nem todas as escadas sassânidas foram empurradas para o lado ou estraçalhadas. Guerreiros vestidos com roupas festivas, sobretudo de seda e fitas esvoaçantes ao redor das armaduras de aço, ainda subiam em escadas inteiras. Agora ninguém mais entoava cânticos. Estavam guardando o fôlego para a subida, para o que os esperava no topo.

É difícil subir uma escada e lutar ao mesmo tempo. Para a maior parte dos sassânidas que chegava ao topo, tudo que os esperava era uma série de golpes de uma *spatha* romana que os fazia despencar lá para baixo mais uma vez. Mas, em alguns pontos, guerreiros conseguiam ultrapassar o parapeito e entrar nas fortificações. A maior parte desses pontos foi tomada quase que de imediato e encheu-se de homens enquanto os números ainda favoreciam a defesa de maneira esmagadora.

— Olhe, *Kyrios*, ali. — Demétrio apontou para a passarela da muralha logo ao sul do torreão do portão. Um nó de quatro *clibanarii* sassânidas tinha conseguido ultrapassar o parapeito. Estavam lá em pé, ombro a ombro, de costas para a escada. Cinco ou seis corpos, persas e romanos, estavam estendidos a seus pés. Um círculo de defensores tinha se reunido um pouco longe deles. Enquanto o jovem grego observava, outro guerreiro oriental subiu pelo parapeito, depois outro.

— Venham comigo. Máximo, Antígono, *equites singulares*, venham comigo. — Sem parar para ver se a ordem estava sendo obedecida, Balista sacou a *spatha*, saiu rápido pelo alçóo e desceu a escada.

Na medida em que a quantidade de homens no telhado foi diminuindo, Demétrio ficou preocupado. Sacou a espada. Será que deveria seguir seu *Kyrios*? Ele se sentiu um tolo ostentando na mão o gládio que Máximo tinha lhe dado. Se ele descesse, seria morto, atralhariá e faria com que os outros morressem.

Demétrio viu seu *Kyrios* irromper da torre para a passarela da muralha lá

embaixo. O homem do norte saiu correndo. Com a mão esquerda, desafiou e jogou para o lado a capa preta. Ela esvoaçou e foi cair na rampa de terra do lado interno da muralha. Máximo e Antígono estavam com ele, seis *equites singulares* vinham logo atrás. O *Dux Ripae* berrava um grito de guerra em sua língua nativa.

Havia oito sassânidas no grupo quando Balista os alcançou. O mais próximo deu um golpe de voleio tentando atingir a cabeça do homem do norte. Balista puxou a espada do outro lado do corpo, girando o pulso, forçando a lâmina do oponente para o lado de fora e então, aparentemente em um único movimento, desferiu um golpe que atingiu em cheio o rosto do persa. Quando o primeiro sassânida tombou para o lado, Balista mirou uma série de golpes pesados no guerreiro seguinte, que se cobriu com o escudo e se encolheu atrás dele.

Demétrio observava com o coração na boca: tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo! Máximo matou um persa. Depois, Antígono deu cabo de outro. Um dos *equites singulares* pereceu. Caíam mais sassânidas do que romanos. Nas escadas, havia mais persas sendo mandados de volta para baixo do que subindo para as fortificações. Das extremidades um grupo de mercenários de larhai atacava da ponta extrema. Balista desferiu uma seqüência de golpes selvagens que fez um oriental se ajoelhar, largar o escudo e enfiar sua *spatha* no rosto, em um gesto nauseante. Quando o *Kyrios* colocou a bota no peito do homem para arrancar a espada, quase escorregou. A passarela estava banhada em sangue. Um sassânida aproveitou a oportunidade de se projetar para a frente e acertou o capacete de Balista com um golpe oblíquo. Com a mão esquerda, o homem do norte tirou o capacete avariado. Com a direita, desferiu o golpe seguinte. Um dos mercenários de larhai cravou uma espada nas costas do persa.

Estava feito. Como que a um sinal, os três sassânidas que ainda estavam em pé correram para a ilusória segurança da escada. Todos foram abatidos por trás.

Balista enxugou o suor da testa. Examinou os dois lados da muralha. Não havia mais orientais na passarela. Sem deixar de tomar cuidado, agachado atrás do surrado parapeito esburacado, ele olhou por cima da muralha. Estava feito. O pânico se espalhava entre as fileiras sassânidas. Nos pontos em que antes havia indivíduos — os feridos, reais ou fingidos — retornando para o acampamento, agora havia pequenos grupos. Enquanto Balista observava, grupos inteiros de guerreiros davam meia-volta e fugiam. O respingo se transformou em enxurrada. O ataque de Sapor tinha fracassado.

— Ba-lis-ta, Ba-lis-ta. — O nome entoado ressoava por toda a planície, insultando os sassânidas que batiam em retirada, — Ba-lis-ta, Ba-lis-ta. — Alguns dos legionários uivavam como lobos. A história do pai do *Dux*, Isangrim, passara de chacota a uma fonte estranha de orgulho.

Balista acenava para seus homens, trocava apertos de mão ou abraçava aqueles

que estavam por perto. Quando foi solto do abraço de urso de Máximo, o homem do norte reconheceu a líder do grupo dos mercenários de Iarhai.

— Mas que merda você está fazendo aqui? — O tom de voz dele era ríspido. A preocupação dele para com ela estava deixando-o enraivecido.

— Meu pai estava... indisposto. Então, eu trouxe os homens que você pediu. — Bathshiba olhou-o nos olhos. Uma de suas mangas estava rasgada, uma mancha de sangue aparecendo.

— Pai-de-Todos, mas isto aqui não é lugar para uma moça.

— Você não recusou a minha ajuda há pouco — Ela olhou para ele com ar desafiador.

— Foi você?

— Sim, fui eu.

Balista dominou a irritação.

— Então, eu preciso agradecer.

A planície coberta de destruição além da muralha oeste de Arete era uma visão aterradora.

O telhado do torreão possuía vista panorâmica ao horror. Assim como destroços de naufrágio flutuam para a praia após a tempestade, os mortos sassânidas se espalhavam em ondas distintas pela planície. A onda mais afastada estava a cerca de 400 a 200 passos da muralha. Aqui os mortos se apresentavam como indivíduos, esmagados por uma pedra, trespassados por um dardo, enterrados no solo de maneira grotesca na armadilha que os tinha matado. A onda seguinte quase chegava à muralha. Os mortos pelo menos tinham companhia, muita companhia. Eles se dispunham em linhas, grupos, até mesmo em pequenos montes. Tinham encontrado outra maneira de morrer. As penas das flechas, geralmente tingidas com cores vivas, agitavam-se com a brisa fresca do sul. Coloridas e alegres, como bandeirolas em uma festa, elas adicionavam um toque inapropriado e macabro à cena de devastação. Finalmente, havia o terror embaixo da muralha. Empilhados um em cima do outro — com altura de três, quatro, cinco homens — eles cobriam todo o solo. Esmagados, retorcidos e despedaçados, os cadáveres aqui estavam quase todos queimados.

Durante 18 anos, por mais da metade de sua vida, Balista tinha sentido pavor em ser queimado vivo. Desde o cerco de Aquileia, tinha visto homens morrerem em chamas em todos os lugares em que servira. Nos altos montes Atlas, nas pradarias verdejantes da Hibernia, nas planícies de Novae, perto do Danúbio, todos esses lugares tinham apresentado sua cota de queimados e aqui estavam eles mais uma vez, aos pés da muralha de Arete; centenas, possivelmente milhares de sassânidas incendiados com nafta e areia escaldante — o espesso cabelo preto e a barba encaracolada reduzidos a fiapos tostados; a pele alaranjada soltando-se e enrolando-se como papiro chamuscado, deixando se ver a carne, em um tom cor-de-rosa obscuro, que aparecia por baixo.

Apesar de haver o zumbido baixo e contínuo de inúmeras moscas, os corpos pareciam estranhamente preservados. Fazia 13 dias desde o ataque. Em campos de batalha comparáveis no Ocidente, Balista sabia que depois de quatro dias os cadáveres teriam começado a apodrecer, a se despedaçar, a se tornar irreconhecíveis. Aqui, os corpos dos sassânidas pareciam estar secando como troncos de árvores mortas, sem putrefação. Turpio, exibindo seu conhecimento local, atribuiu tudo à dieta e ao clima; os orientais comiam de maneira mais frugal e já eram desidratados pelo calor seco de suas terras nativas.

Os sassânidas não tinham recolhido seus mortos. Possivelmente, acharam que um pedido de trégua para efetuar o resgate seria interpretado como sinal de

fraqueza. Talvez fosse apenas irrelevante, levando em conta que deixariam os cadáveres expostos aos pássaros e aos animais do campo de qualquer forma. Balista observou que os escrúpulos religiosos não os tinham impedido de saquear os mortos. Ninguém podia sair da cidade de Arete; todos os habitantes locais eram refugiados, na cidade ou em outro lugar — que os deuses tenham piedade deles — como prisioneiros dos persas, e, no entanto, a cada manhã havia mais corpos nus, despidos de armaduras, roupas e botas. Os saqueadores só podiam vir do acampamento sassânida.

Milhares e mais milhares de persas mortos; era impossível estimar os números. Demétrio explicou como o rei persa calculava as perdas. De acordo com Heródoto, antes de uma campanha, 10 mil homens se juntavam em pé, o mais próximo possível uns dos outros. Uma linha era traçada ao redor deles. Eram dispensados. Uma cerca, mais ou menos na altura do umbigo, era construída em cima da linha. Dez mil homens por vez, o exército entrava no curral até que todos fossem contados. No final da campanha, o procedimento seria repetido e o Rei dos Reis poderia descobrir quantos homens tinha perdido.

Bagoas soltou uma risada amarga. Ele afirmou não saber nada a respeito desse tal Heródoto, mas obviamente o homem era mentiroso ou tolo. De que adiantaria calcular as perdas em grandezas de 10 mil? Na realidade, antes de Sapor, o Benquisto de Mazda, sair com o intuito de castigar os incorretos, ele fazia cada guerreiro passar por ele e deixar cair uma flecha. Quando o Rei dos Reis, Adorador de Mazda, retornava coberto de fama e de saques das terras dos não arianos, fazia com que cada guerreiro pegasse uma flecha. As flechas que sobravam indicavam o número dos abençoados que tinham ido para o céu.

Demétrio lançou um olhar envenenado para o garoto persa.

Balista não quis estender a questão. Ele sabia que o número de persas mortos não era importante. Mais uma centena de mortos, mais um milhar... a questão, em si, não fazia diferença. Levando em conta a superioridade numérica esmagadora deles, não era a contagem de corpos sassânidas que fazia diferença, mas sim a disponibilidade deles para a luta, e a de Sapor em fazer com que eles se dedicassem a esta. Balista sabia que, para salvar a cidade de Arete, ele tinha de destruir um ou outro. Ele desconfiava que os persas sucumbiriam antes do Rei dos Reis.

Na comparação, as perdas romanas eram insignificantes. No entanto, eram maiores do que a expectativa de Balista e mais altas do que o sustentável. A tempestade de flechas sassânidas tinha sido diferente de qualquer coisa que o homem do norte tivesse visto antes. Durante um tempo, ele achou que aquilo esvaziaria as fortificações de homens de defesa que não tinham como se proteger. Se os orientais conseguissem repetir o ataque três ou quatro dias seguidos, a defesa simplesmente iria acabar. Mas Balista sabia que nenhum

soldado no mundo seria capaz de permanecer perante as muralhas de Arete dia após dia e absorver as perdas que os sassânidas tinham sofrido.

Do lado dos romanos, os que mais tinham sofrido baixas eram os arqueiros. As seis centúrias da *Cohors XX Palmyrenorum* tinham atingido mais de 50 por cento de perdas. Cada centúria agora se resumia ao efetivo de apenas 50 homens. Os legionários da *Legio IIII Scythica* tinham sido os mais poupados. Em média, cada uma das cinco centúrias espalhadas ao longo da muralha oeste tinham perdido dez homens, fazendo com que seus números caíssem para cerca de sessenta cada. Dez dos homens de artilharia de Mamurra estavam ausentes das contagens. Em um fato extraordinário, já que tinham estado no olho do furacão. Apenas dois integrantes da guarda pessoal de Balista, a *equites singulares*, tinham perecido,

No total, as baixas dos romanos passavam bastante de 400 homens, e cerca de metade deles estava morta. Eles foram enterrados na área aberta a leste do armazém de artilharia, que fora designada como cemitério de emergência. Balista estava perfeitamente ciente dos perigos da peste e da perda de lealdade se os corpos dos homens de defesa não fossem tratados com todo o respeito devido. Questões de saúde e religiosas faziam com que o esforço extra de realizar enterros valesse a pena. Os outros homens considerados como baixas estavam feridos demais para lutar. A maioria terminaria morrendo; muitos deles em agonia por envenenamento do sangue. Antes que isso acontecesse, as equipes médicas militares ficariam muito ocupadas. Cada soldado treinado que pudesse retornar às fileiras seria extremamente necessário.

Quando o ataque sassânida fracassou, eles tinham abandonado o campo quase que completamente. Arrastaram para fora da linha de alcance da artilharia seus manteletes e balistas, e os mais afortunados de seus feridos. No dia seguinte, tinham permanecido no acampamento, entregues ao luto; ouvia-se música e lamentos altos e enlouquecidos, que soavam bárbaros aos ouvidos ocidentais. Então, com o luto um pouco aplacado, eles se voltaram novamente para o cerco.

A torre de invasão que tinha sobrevivido, a que estava mais ao sul e tinha caído pelo teto de um túmulo subterrâneo, foi levada de volta ao acampamento sassânida, onde foi prontamente desmantelada. A maior parte de sua madeira foi usada para construir um abrigo muito grande com rodas; aquilo que os legionários chamavam de "tartaruga". Bagoas ficou feliz de contar para todo mundo que o abrigo iria proteger nada menos do que o renomado *Khosro-Shapur*, a ilustre Fama de Sapor, o ariete poderoso que tinha derrubado as muralhas duplas da cidade de Hatra. Durante os 15 anos que tinham se passado desde aquele dia glorioso, o *Khosro-Shapur* tinha descansado, dedicado a deus. Agora Mazda tinha inspirado o Rei dos Reis a levar consigo o grande ariete para renovar a evidência de suas façanhas. Ele teria sido transportado em partes, e agora estava sendo montado para ser pendurado em correntes resistentes sob aquela

cobertura. Nada, Bagoas garantiu com sinceridade para sua audiência, nem portão nem muralha, seria capaz de permanecer em seu caminho.

Treze dias passados do ataque, e tudo iria acontecer outra vez. Balista deu uma olhada na estrutura atarracada da tartaruga sob a qual se abrigava o *Khosro-Shapur*. Ficou imaginando se fizera o bastante para afastá-lo, para mantê-lo do lado de fora. Certamente tinha feito todo o possível para substituir as perdas. Dois soldados foram transferidos para a *equites singulares* da *turma* da *Cohors XXI*, liderada por Antíoco na muralha norte. Da mesma maneira, dez legionários da *Legio III* se juntaram aos homens de artilharia de Mamurra da centúria de Lúcio Fábio na *Porta Aquaria*, na muralha do leste. Balista notara que um dos substitutos que tinha aparecido nas fortificações do Portão de Palmira era Castrício, o legionário que encontrara o corpo de Escribônio Muciano. Quatrocentos homens do *numerus* de Iarhai tinham recebido a ordem de tomar seus postos na muralha do deserto. Balista fora mais específico: trezentos deles seriam mercenários treinados e apenas cem homens recentemente convocados; o escoltador de caravana deveria comandar seus homens pessoalmente; Bathshiba não deveria ser vista nas fortificações. (Balista colocou de lado, como algo a ser considerado mais tarde, quando houvesse tempo, a estranha e nova relutância em lutar de Iarhai.) As novas providências significavam que a muralha do oeste estava quase tão bem guarnecida de homens quanto antes do ataque. No entanto, também significava que as outras muralhas eram agora defendidas por apenas duzentos mercenários com o respaldo de um pequeno número de soldados romanos regulares e, no caso das muralhas do leste e do sul, um grupo de homens convocados na cidade. Balista sabia que, na medida em que o cerco se estendesse, ele seria forçado a depender cada vez mais desse último grupo. Não era um pensamento reconfortante.

Do outro lado da planície, o *Drafsh-i-Kavyan*, o estandarte de batalha da casa de Sassan, brilhava em vermelho, amarelo e violeta com o sol do início da manhã ao se deslocar na direção do enorme aríete de impacto. Foi seguido pela figura agora já conhecida em cima do cavalo branco. Quando Sapor chegou, os magos deram início ao sacrifício. Balista ficou aliviado de ver que, apesar da reputação de necromancia, o ritual não envolvia pessoas. Não havia prisioneiros romanos à vista.

Duas das balistas da defesa tinham sido inutilizadas durante o ataque. Uma tinha sido consertada, a outra, substituída por uma reserva do arsenal. Mamurra tinha trabalhado bem. Três peças de artilharia do inimigo tinham sido atingidas; duas na aproximação, uma durante a retirada. Dava para ver que estas também tinham sido substituídas. Mas não tinha havido novas construções. O rigoroso plano de ação de Balista de não deixar nada em pé que pudesse ser aproveitado estava rendendo alguns frutos. Não havia madeira em um raio de quilômetros. Se

os sassânidas quisessem construir mais máquinas de cerco, teriam de buscar material muito longe. Balista se sentia razoavelmente otimista em relação à artilharia; ele ainda tinha vinte e cinco peças na muralha oeste contra o total de vinte dos persas.

Precedido pelo *Drafsh-i-Kavyan* desfraldado ao vento, Sapor cavalgou até uma plataforma elevada, onde tomou seu assento em um trono reluzente de metais e pedras preciosas. Atrás do trono avultava-se a massa apavorante e enrugada de seus dez elefantes. Na frente estavam os Imortais comandados por Peroz da Espada Longa e os *Jan-avaspar*, "aqueles que se sacrificam", liderados por Mariades.

Balista não achou nada surpreendente o fato de Sapor não ter usado seu submisso pretendente ao trono de Roma para minar a lealdade dos defensores de Arete. Quem seguiria um ex-conselheiro da cidade que se tornou bandido e depois traidor como Mariades? Era tão improvável quanto alguém tentar elevar um guerreiro bárbaro, como o próprio Balista, às vestes púrpuras.

O aríete de impacto estava sendo preparado para a ação; seguidores do acampamento, sacerdotes e sua parafernália se agruparam. Um cântico começou:

— Khosro-Sha-pur, Khosro-Sha-pur.

Este era o grande xis da questão: o aríete colossal, a Fama de Sapor e sua tartaruga de proteção. Pelo lugar em que tinha sido montado, Balista partiu do princípio de que avançaria direto pela estrada até o Portão de Palmira. Ele tinha baseado suas disposições sobre esta premissa. Torcia para estar certo. Tudo que podia usar para frustrar o aríete estava naquele portão. As peles de vaca e o farelo que ele tinha requisitado estavam empilhados ali perto. Será que os conselheiros se lembrariam da cara feia que fizeram quando o *Dux* bárbaro anunciou seu confisco? Os três guindastes móveis de Balista estavam posicionados atrás do portão. Estavam equipados com garras de ferro e um estoque suficiente de pedras enormes à mão. E depois havia uma nova muralha. Durante quatro dias, os legionários tinham trabalhado para terminar a muralha atrás do portão externo. Era uma pena a pintura da Tiquê de Arete ter sido coberta por ela. Os supersticiosos talvez atribuíssem algo àquilo, mas Balista não era um deles.

Será que o Rei dos Reis enviaria o *Khosro-Shapur* diretamente pela estrada para as garras das defesas preparadas com tanto cuidado? Ou será que tinha sido avisado pelo traidor? Desde o ataque frustrado aos celeiros, havia um traidor a menos na cidade de Arete. Mas Balista tinha certeza de que havia pelo menos mais um em ação. Tinham sido necessários pelo menos dois homens para queimar o arsenal, pelo menos dois homens para assassinar Escríbônio Muciano

e se livrar de seu corpo, Era certo que nenhum traidor tinha alertado os sassânidas sobre o recipiente cheio de nafta enterrado bem na frente do portão, que tinha acabado com a torre de invasão central. Mas o homem do norte tinha certeza de que isso era prova de um problema de comunicação e não do fato de que não havia traidor.

Sapor agitava os braços, fitas púrpuras e brancas esvoaçavam, Trombetas soavam e tambores batiam. A grande tartaruga que abrigava o *Khosro-Shapur* avançou, assim como os manteletes, as balistas e as hordas inumeráveis de arqueiros.

— Você acha que ele treina isso? — Máximo perguntou.

— O quê? — foi a resposta de Balista.

— Ficar agitando aquelas fitas de um lado para o outro. Imagine que idiota ele deve parecer treinando sozinho. Mas, bem, é inútil, Não é exatamente uma habilidade prática.

— Por que você passa o pouco tempo que lhe sobra quando não está fazendo a cama ranger ensaiando aqueles movimentos estranhos com o seu gládio?

Máximo deu risada.

— Serve para intimidar meus inimigos. Já vi adultos chorarem de terror com isso.

Balista olhou para o guarda-costas sem dizer nada.

— Ah, bom, entendo a comparação, mas com certeza é totalmente diferente — Máximo soltou.

— É inevitável pensar que no fim das contas é uma boa coisa eu ser seu proprietário, em vez do contrário.

O enorme aríete de impacto seguia diretamente pela estrada, os manteletes protegiam as balistas e os arqueiros se abriam de ambos os lados.

Pai-de-Todos, lá vamos nós mais uma vez. Quase de modo inconsciente, Balista repassou seu ritual anterior à batalha: puxou a adaga para fora e então colocou-a para dentro mais uma vez; puxou a espada para fora e então colocou-a para dentro mais uma vez, tocando por fim na pedra de cura da empunhadura.

Quando os sassânidas entraram na linha de alcance da artilharia, passando pelos montes brancos de pedras, Balista acenou com a cabeça para Antígono, que deu o sinal, e a artilharia começou a atirar. Desta vez, o homem do norte tinha instruído os *ballistarii* a mirar exclusivamente na artilharia do inimigo. Os persas que empurravam o enorme aríete de impacto ficariam maravilhados com sua

sorte inesperada que, de acordo com o pensamento de Balista, poderia fazer com que Sapor e aqueles a seu redor parassem um momento para pensar.

A prática estava melhorando as habilidades dos homens de artilharia de Arete. Quando a linha sassânida chegou à seção da muralha pintada de branco, três de suas balistas tinham sido esmagadas por projéteis em alta velocidade.

Enquanto o ariete, os manteletes e os arqueiros continuavam a travessia dos últimos 200 passos até a muralha da cidade, a artilharia sassânida se destacou dos demais e começou a revidar. As honras foram mútuas; duas balistas da defesa e duas do ataque ficaram inoperantes. O *Dux Ripae* estava bem feliz. Esta era a única área do cerco em que ele venceria uma batalha de atrito. Então outra idéia lhe veio à mente. Que desgraça! Homens estão morrendo — tanto os meus quanto os inimigos — e eu estou só calculando o número de máquinas destruídas e avariadas, os efeitos da taxa de tiro. Que desgraça! Graças aos deuses que a guerra nunca pôde ser reduzida apenas a essa batalha de máquina contra máquina. Se pudesse, ela se transformaria em um negócio extremamente desumano.

Os oficiais sassânidas tinham controle admirável sobre seus soldados. Os arqueiros seguraram o fogo até que os manteletes tivessem sido fixados em posição, a apenas 50 passos das muralhas. Nenhuma flecha foi disparada até que a ordem fosse dada. Quando ela veio, o céu voltou a escurecer. Quando a tempestade de flechas se abateu, com um sibilo terrível, Balista mais uma vez ficou maravilhado com a grandiosidade quase inacreditável daquilo. Os defensores se agacharam atrás das fortificações e embaixo de seus escudos para agüentar a tempestade. Berros e gritos mostravam que nem todos conseguiram se defender e sair ilesos. Na pausa que antecedeu a onda seguinte, os arqueiros de Arete se levantaram de um pulo e mandaram de volta uma saraivada como resposta.

Agachado atrás do parapeito, com escudos a seu redor, Balista sabia que precisava ignorar a tempestade de flechas. Era irrelevante. Filósofos estoicos defendiam que qualquer coisa que não afetasse a razão moral de um homem era uma irrelevância. Para eles, a morte era urna dessas coisas: idiotas de merda. A única intenção de Balista era destruir o ariete enorme, o *Khosro-Shapur*.

A julgar pela tartaruga, o ariete tinha cerca de 1,80 m de comprimento. A ponta era coberta com uma bainha de metal, de maneira bem adequada, no formato de uma cabeça de carneiro. Provavelmente devia estar presa ao eixo com tiras de metal pregadas. O eixo de madeira em si parecia ter cerca de 60 centímetros de grossura. Assim como a tartaruga, estava coberto de peles cruas molhadas.

Com coragem suicida, guerreiros orientais correram a frente para tirar do caminho os restos da torre de cerco incendiada e jogar o entulho dentro do

buraco em que ela havia ficado presa. Os homens que faziam o trabalho pesado estavam a apenas 20 metros do portão. Era difícil os arqueiros romanos não acertarem. Havia algo profundamente perturbador em relação ao fanatismo com o qual os sassânidas se apresentavam para substituir os homens que tinham perecido: eles se ofereciam para a morte certa. Estariam bêbados? Estariam drogados?

A tartaruga avançava vagarosamente. O entulho no buraco afundou um pouco, mas aguentou o peso. O aríete se aproximou do portão.

— Pessoal, todos prontos. Lá vêm eles. Agora! — Com a ordem de Balista, legionários se ergueram frente à tempestade de flechas. Dois que estavam perto do homem do norte foram jogados para trás. Sem pausa, os sobreviventes, grunhindo de esforço, carregaram as enormes sacas que pingavam, feitas de peles ainda úmidas e cheias de palha, para cima das fortificações e as empurraram para baixo. As sacas caíram como enormes colchões encharcados. As cordas de restrição amarradas ao parapeito ficaram estiradas com um estalo. As sacas bateram com um barulho molhado no portão, que se manteve em seu lugar. Balista foi conferir e viu que tinha calculado o comprimento das cordas com exatidão. A madeira do Portão de Palmira estava protegida contra a força do aríete. As sacas encharcadas não pegariam fogo. Balista havia ganhado algum tempo. Acima da cabeça dos defensores, os braços dos três guindastes se projetavam.

Depois de uma pequena pausa, guerreiros sassânidas enxamearam na parte de trás da tartaruga. Carregavam foices acopladas a varas compridas. Em meio a sua decepção, Balista sentiu, contrariado, admiração por Sapor e seus homens. Eles tinham se preparado para esta artimanha. Não era à toa que Antioquia, Seleuceia e tantas outras cidades tinham caído nas mãos deles em seus momentos de dificuldade. Estes orientais eram melhores em cerco do que qualquer bárbaro com que Balista já tivesse se deparado.

Na área aberta ao pé do portão, os persas pareciam feito moscas. Na medida em que os homens caíam, outros chegavam para pegar as foices tombadas. Fanáticos do caralho, pensou Balista. Uma por uma, as cordas foram cortadas. As sacas começavam a balançar e ceder. Ele amaldiçoou a si mesmo por não ter pensado em usar correntes. Agora era tarde demais para se preocupar com isso.

Aos poucos, as peles recheadas e encharcadas caíram pesadas no solo. O portão externo de madeira de Arete não tinha nenhuma proteção. O grande aríete arremeteu, os chifres de sua cabeça se cravaram no portão.

O homem do norte se levantou. Foi recebido com uma chuva de projéteis. Com o braço direito por cima da cabeça, ele começou a guiar a garra de um dos

guindastes até o alvo; um pouco à direita, mais um pouco, pare, volte um pouco, para baixo, para baixo, feche os dentes. Projéteis passavam rodopiando por ele. Uma flecha se espetou em seu escudo e ele cambaleou para trás. Outra bateu no parapeito e ricocheteou bem perto de seu rosto. A garra pegou o aríete bem atrás da cabeça de metal. Balista fez um sinal para que o guindaste levantasse. As correntes se enrijeceram, O braço do guindaste gemeu. A garra escorregou uma fração, então segurou. A cabeça do aríete começou a se erguer vagarosamente, até apontar impotente para o céu.

Por um instante, pareceu que iria funcionar. Então, de repente, as garras se soltaram e escorregaram. A cabeça do aríete se libertou e apontou novamente para o portão. Mais uma vez, a tartaruga avançou até quase encostar nele. Já não havia espaço para a garra entre os dois: a oportunidade tinha se passado; a estratégia tinha falhado. Balista voltou a se agachar atrás das fortificações.

A cabeça de metal do aríete recuou embaixo da tartaruga, então disparou para fora. Todo o torreão tremeu. O estrondo ecoou pelas muralhas. O portão continuava em pé. O aríete recuou, então bateu de novo. Mais um estrondo ensurdecedor. Mais uma vez, o torreão reverberou. O portão continuou agüentando, mas um rangido estranho e atormentado indicava que não iria durar muito.

Com as costas para o parapeito, Balista observou Antígono e outro soldado levando os outros dois guindastes a seu alvo. As pedras enormes balançaram de maneira horrenda na ponta das correntes ao se colocar por cima da tartaruga. Uma olhada para cada um deles e os dois homens fizeram um sinal para que as pedras fossem soltas. Em uníssono, as garras soltaram a carga. Depois de um piscar de olhos, ouviu-se um estrondo estarrecedor.

Saindo de trás da proteção, Balista num vislumbre constatou que a tartaruga continuava inteira. As pedras enormes tinham ricocheteadado. Os braços dos guindastes já estavam voltando para a parte de

dentro da muralha para pegar a próxima carga, quando uma pedra de artilharia sassânida arrancou a cabeça de Antígono. Sem uma única pausa, outro soldado se apresentou para tomar seu lugar.

O enorme aríete bateu de novo. O tremor subiu pelas botas de Balista. Ouviu-se um som terrível da madeira que cedia. *Khosro-Sha-pur* tinha triunfado mais uma vez: o portão externo de Palmira tinha sido reduzido a lenha. Comemorações explodiram entre os homens que operavam a Fama de Sapor. O barulho definhou e morreu. Eles estavam esperando encontrar, como haviam lhes dito, um corredor que desse em um portão de madeira menos forte. Não foi o que aconteceu. Estavam olhando para uma muralha de pedra bem cimentada.

Os braços dos três guindastes, com as pedras balançando, traçaram um arco por

cima do torreão. Mais uma vez, Balista entrou no turbilhão para guiar um deles (direita, direita, um pouco mais para a frente); Máximo e dois dos *equites singulares* tentavam cobri-lo com escudos. Uma flecha atingiu um dos guardas na garganta. Ele caiu para trás e seu sangue respigou por cima do grupo. Ardeu nos olhos de Balista. As três garras soltaram a carga. Um impacto estrondoso de madeira quebrada e dois pedregulhos entraram pelo telhado da tartaruga, expondo suas entranhas macias e os homens sob a cobertura. Balista voltou para a segurança. Não havia por que bancar o herói se isso era desnecessário. Máximo e os guardas restantes aterrissaram em cima dele.

Não havia necessidade de dar mais ordens. Balista era capaz de sentir o cheiro do piche e do alcatrão. Tudo que era combustível e podia ser atirado ou lançado das muralhas estava sendo jogado no buraco aberto no telhado da tartaruga. Desejando que eles ainda tivessem um pouco de nafta para garantir, Balista fechou os olhos, tentou normalizar a respiração e firmar as mãos.

— Isto mesmo, isto mesmo, isto mesmo! — Ao abrir os olhos, Balista viu Máximo espiando do outro lado do parapeito de pedra. O hibernico dava socos no ar. — Está queimando... queimando feito um cristão no jardim de Nero.

Balista ergueu os olhos para seu *draco* que esvoaçava sobre o torreão. Com o vento sul assobiando em suas mandíbulas de metal, o corpo branco em forma de biruta estalava e se agitava feito uma serpente. O número de projéteis que se abatiam tinha diminuído.

Mamurra juntou-se a Máximo e eles seguiram observando por cima das fortificações, Demétrio e Bagoas estavam encolhidos no chão, O garoto grego estava muito pálido, Balista deu leves tapinhas nele, como se estivesse acariciando um cachorro.

— Já basta para eles. Estão fugindo. — Máximo e Mamurra ficaram em pé. Balista permaneceu onde estava.

De modo inexplicável, um grupo de garotas apareceu no telhado do torreão. Usavam túnicas muito curtas e várias bijuterias. Não havia mais projéteis no céu. Balista observou quando as moças caminharam até as fortificações. Fizeram uma fila e ficaram dando risa- dinhas. Juntas, ergueram as túnicas até a cintura. Estupefato, Balista olhou fixamente para a fileira de quinze bundas desnudas.

— Mas que porra é essa?

O rosto duro de Mamurra se abriu em um enorme sorriso.

— É dia 3 de maio. — Ao ver a incompreensão no rosto de Balista, o *praejectus fabrum* prosseguiu. — E o último dia do festival de *Ludi Florales*, quando as prostitutas da cidade tradicionalmente fazem uma exibição. — Ele apontou com o polegar na direção das moças. — Elas estão honrando os deuses e ao mesmo

tempo mostrando aos sassânidas tudo aquilo que eles não vão poder aproveitar.

Todos os homens no torreão estavam rindo. Apenas Bagoas não se juntou a eles.

— Vamos lá — disse Máximo. — Não seja pudico, Até mesmo um persa como você deve gostar de uma mulher de vez em quando, ainda que seja só quando faltam homens.

Bagoas o ignorou e se voltou para Balista.

— Mostrar as partes que não devem ser vistas é um mau agouro. Qualquer *mobad* poderia ter lhe dito isto. Pressagia a queda desta cidade de incorretos. Do mesmo modo que estas mulheres desvelam seus lugares secretos e ocultos aos sassânidas, o mesmo deve acontecer com a cidade de Arete.

Durante um dia e uma noite, uma coluna de oleosa fumaça preta se ergueu do norte, enquanto o *Khosro-Shapur*, a Fama de Sapor, queimava. As chamas do enorme ariete e de sua tartaruga iluminavam a escuridão.

Durante sete dias, os sassânidas se entregaram ao luto. Dia e noite eles lamentaram, beberam, entoaram hinos fúnebres e fizeram suas danças tristes, com as fileiras de homens girando devagar, abraçados uns aos outros. As mulheres choravam, rasgavam as roupas e batiam contra o peito. Os sons chegavam até o outro lado da planície.

Então, durante dois meses, os persas não fizeram nada — pelo menos nada muito significativo para dar continuidade ao cerco. Cavaram um fosso e fizeram um monte baixo de terra ao redor do acampamento; não havia madeira para construir uma paliçada. Fixaram piquetes montados além dos penhascos norte e sul e do outro lado do rio. Grupos de cavalaria saíam provavelmente para fazer reconhecimento do terreno ou para alimentar os animais. Em esporádicas noites sem luar, pequenos grupos se esgueiravam a pé até perto da cidade e disparavam uma saraivada de flechas, na esperança de pegar um ou dois guardas desatentos na muralha ou algum pedestre nas ruas atrás dela.

No entanto, por dois meses os sassânidas não se arriscaram a fazer mais ataques nem apresentaram novo maquinário de cerco. Durante todo o restante de maio, junho inteiro e julho, parecia que os orientais estavam à espera de alguma coisa.

O que eu estou fazendo aqui? Os pensamentos do legionário Castrício não eram felizes. Era o dia 24 de maio, o aniversário de nascimento do príncipe imperial Germânico, morto havia muito tempo... uma súplica à memória de Germânico César. E o meu aniversário. Estou no meio da noite escondido no meio de um mato rasteiro e úmido.

Uma brisa fresca que soprava pelo Eufrates do nordeste fazia o junco farfalhar. Não havia outro som além do grande rio que passava, gorgolejando, fazendo marola na margem. Havia um cheiro forte de terra molhada e vegetação podre.

Lá no alto, nuvens esparsas cobriam a lua de forma tão rota quanto a capa de um mendigo. Bem na frente do rosto de Castrício, uma teia de aranha se tingiu de prateado com o luar.

É o meu aniversário e eu estou com frio, cansado, assustado. E a culpa é só minha. Castrício se ajeitou de leve, ergueu uma nádega molhada do solo e recebeu uma chamada do homem atrás dele, que lhe disse para ficar quieto. Vá se foder, meu irmão, ele pensou, ao se acomodar mais uma vez. Por que sou sempre tão tolo? Um *optio* insignificante e ávido como Próspero pede voluntários (pode ser perigoso, rapazes) e a minha mão sobe igual à túnica de uma prostituta. Por que nunca aprendo? Por que sempre preciso provar que sou um grande homem, que encaro qualquer coisa, que não tenho medo de nada? Castrício refletiu sobre os anos e os muitos quilômetros que o separavam de seu professor da escola em Nemauso. Você vai acabar em uma cruz, o *paedagogus* dizia com frequência. Até então, havia errado. Mas Castrício tinha sido enviado para as minas. Ele sentiu um calafrio ao pensar nisso. Se eu consegui sobreviver às minas, sou capaz de sobreviver a qualquer coisa. Com ou sem luar, esta noite vai ser um passeio pelo paraíso persa em comparação com as minas.

O soldado a sua frente se virou e, com um gesto, indicou que estava na hora de ir, Castrício se ergueu com o corpo rígido. Agachados, deslocaram-se para o sul através dos aglomerados de juncos. Eles tentavam se movimentar sem fazer barulho, mas eram trinta: a lama se esmagava embaixo de suas botas, os adornos de metal dos cintos tilintavam; um pato, incomodado com a passagem deles, decolou em um explosivo bater de asas. E o fato de estarem contra o vento fazia com que todo som fosse levado até os persas, Castrício pensou. Luar, barulho e um oficial sem experiência: aquilo tudo cheirava a desastre.

Finalmente, chegaram ao paredão de pedra. O jovem *optio* Caio Licínio Próspero fez um gesto para que começassem a escalar. Se eu morrer para satisfazer as suas ambições, vou voltar para assombrá-lo, pensou Castrício quando passou o escudo para as costas e começou a subir. Desde que o jovem *optio* frustrara a tentativa de incendiar os celeiros, ele não fazia muito segredo de sua ambição. Próxima ao rio, a encosta do penhasco do sul era bem íngreme. Foi isso que tinha chamado a atenção de Próspero:

— Os sassânidas nunca vão esperar um ataque noturno vindo deste local.

Bom, logo vamos descobrir se você tem razão, meu jovem.

Castrício foi um dos primeiros a chegar ao topo. Altura não lhe dava medo e ele era bom em escalada. Deu uma olhada na beirada da ravina. A cerca de 50 passos de distância estava a primeira fogueira dos persas. Ao redor dela, era possível ver as silhuetas encolhidas dos homens que dormiam embrulhados em capas. Não havia sinal de qualquer sentinela. De uma certa distância vinham sons

de conversas, risadas, trechos de canções. Perto, não havia sinal de ninguém acordado.

Quando a maioria o tinha alcançado, Próspero disse:

— Agora.

Houve alguns momentos impróprios enquanto todos subiam atrapalhados até a beirada da ravina, ficavam em pé, tiravam os escudos das costas, desembainhavam as espadas. Milagrosamente, os sassânidas continuaram dormindo. Sem mais palavras de comando, a linha esfarrapada de voluntários atravessou os 50 passos até a fogueira. Talvez, apenas talvez, isto dê certo, pensou Castrício. Junto com os outros, ele acelerou até correr. Escolheu um homem: capa vermelha, chapéu puxado para cima da cabeça, imóvel. O soldado meneou sua *spatha*. Quando a lâmina atingiu o alvo, Castrício percebeu que tudo daria tremendamente errado: tinham caído em uma armadilha, e era muito provável que fosse morrer. A espada cortou o monte de palha que simulava um corpo. Automaticamente, Castrício se agachou o máximo que pôde, com o escudo bem erguido: e não demorou nem um instante para que a primeira saraivada de projéteis atingisse as fileiras romanas. Pontas de flecha batiam nos escudos de madeira, tilintavam nas vestes de cota de malha e nos capacetes de metal, enfiavam-se na carne. Homens berravam.

Um golpe na têmpora esquerda fez com que Castrício se estatelasse no chão. Demorou um segundo ou dois, enquanto ele desembainhava a espada e se levantava, para perceber que era uma flecha, e que eles estavam em meio a fogo cruzado.

— *Testudo*, formar *testado* — Próspero gritou. Bem abaixado, Castrício foi até o *optio* arrastando os pés. Uma flecha passou bem perto de seu nariz. Perto dele havia um homem soluçando e chamando a mãe em latim.

Uma trombeta soou, clara e confiante em meio à confusão da noite. As flechas cessaram. Os romanos olharam ao redor. Cerca de vinte deles tinham sobrevivido, em uma formação solta em vez de um *testudo* digno de desfile.

A trombeta soou de novo. O toque foi seguido por um cântico que foi se elevando:

— Pe-roz, Pe-roz, Vitória, Vitória.

Da escuridão, surgiu uma onda de guerreiros sassânidas. A luz do fogo reluziu nas armaduras dos orientais, nas lâminas muito longas de suas espadas e na expressão assassina em seus rostos,

— Mas que merda, são centenas deles — disse uma voz.

Como uma onda quebrando na praia, os persas estavam em cima deles. Castrício

evitou o primeiro golpe com o escudo. Desferiu um outro com a *spatha*, perto do chão, com a palma para cima, vindo da direita. Passou por baixo da guarda do homem e atingiu a canela dele. O impacto fez o braço de Castrício ir para trás. O sassânida caiu. Outro tomou o seu lugar.

O novo inimigo desferiu um golpe alto. Castrício segurou o baque com o escudo, e sentiu e ouviu quando ele se despedaçou. Da esquerda, uma espada romana lançou-se para a frente e tentou atingir a axila do persa. Faíscas voaram e a ponta da lâmina passou de raspão na cota de malha do oriental. Antes que Próspero pudesse se recuperar do golpe, outra lâmina sassânida brilhou e cortou fora sua mão direita, Castrício observou horrorizado enquanto o jovem *optio* dava meia-volta e caía de joelhos, com a mão esquerda segurando o coto do braço direito, a boca aberta em um berro inaudível. Havia sangue por todos os lados. Dois sassânidas avançaram para acabar com o oficial. Castrício deu meia-volta e correu.

Com as botas chocando-se forte contra a pedra, Castrício disparou na direção da beira do barranco. Ele jogou fora o escudo e largou a espada. Quando estava chegando perto da beirada do penhasco, jogou-se para o lado e para baixo, o que fez com que escorregasse os últimos metros. Caiu no espaço vazio, primeiro com as pernas, torcendo o corpo, tentando se agarrar a algo com os dedos. Durante um instante, achou que tinha calculado mal, que escorregaria para trás e desabaria no precipício. Neste ponto, a encosta tinha uma queda de mais de 30 metros. Se caísse, estava morto. Sentiu uma dor forte e aguda quando suas unhas se quebraram, mas conseguiu se segurar. Escorregando e deslizando as botas sem conseguir se firmar, com as pernas soltas no ar, ele foi descendo pela encosta do barranco.

Do alto da torre sudoeste de Arete, apesar de estar a pelo menos 400 passos de distância, Balista viu a armadilha se fechar com mais rapidez do que alguns dos homens que ficaram presos em seus dentes; o zunido de cordas de arco, os berros, os dois claros toques de trombeta.

— Droga — ele disse, de maneira bem sucinta.

— Precisamos ajudá-los — Demétrio comentou.

Balista não respondeu.

— Precisamos fazer alguma coisa — o garoto grego prosseguiu.

— Seria bom — disse Máximo. — Mas não há nada que possa ser feito. Tudo vai estar terminado antes de conseguirmos trazer algum soldado para cá. E, de todo modo, não podemos nos dar ao luxo de perder mais homens.

Balista ficou observando durante um tempo em silêncio, depois disse que

deveriam seguir rumo ao portão pequeno do sul, para o caso de haver algum sobrevivente. Ao descer os degraus da *Porta Aquaria*, o homem do norte reexaminou os acontecimentos em sua mente.

Ele tinha se guiado pelas palavras incutidas nele por seus mentores de ação em campo: uma defesa passiva não é defesa. Uma inativa, além de entregar toda a iniciativa, toda a vantagem aos realizadores do cerco, também destrói a disciplina dos homens e acaba com sua própria vontade de resistir. Assim, desde que o ariete tinha sido queimado, Balista passara a enviar pequenas unidades de ataque noturno com boa frequência. Mas, de algum modo, em seu coração, sentia que aquela não era exatamente a melhor opção.

A morte de Antígono tinha mudado as coisas. Com a tragédia, ele tinha perdido um mestre de operações clandestinas. Como o homem do norte sentia falta dele... Balista se lembrou de como Antígono tinha se livrado com brilhantismo dos sassânidas que ficaram presos na ilha do Eufrates, depois do primeiro ataque malsucedido à cidade: vinte persas mortos e nenhum romano perdido. Entre os juncos altos naquela noite, a morte tinha chegado, com velocidade e eficiência impressionantes, aos orientais apavorados. Desde então, os homens que Balista tinha mandado para executar os ataques deram o melhor de si, mas os resultados foram variados. Às vezes eram avistados, e a missão, abortada já no começo, O mais frequente era perder o mesmo quantitativo de homens que conseguiam matar. E agora, nesta noite, tinha ocorrido aquele desastre inqualificável. Independentemente do que a teoria dissesse, fossem lá quais fossem as doutrinas de seus mentores, decidiu que não executaria mais este tipo de ataque.

Balista se postou ao lado do portão pequeno e pensou em Antígono. Era estranha a maneira como em tão pouco tempo ele tinha aprendido a confiar nele. Essa era uma das coisas estranhas da guerra: criava com rapidez laços fortes entre os homens e então, com a morte, eles eram rompidos com ainda mais rapidez. Balista se lembrou da pedra de artilharia que arrancou a cabeça de Antígono; o cadáver decapitado, em pé por alguns instantes, o jorro de sangue.

Com os pulmões queimando, as pernas e os braços doendo, o suor escorrendo nos olhos, Castrício avançava sem descanso por entre os juncos. Ele tinha arremessado longe o capacete e arrancado a cota de malha quando chegou ao sopé da ribanceira. Sua única esperança de segurança estava na fuga. Ele correu e correu, com as tamareiras agitando suas folhas sobre sua cabeça, tropeçando nas raízes que se entrelaçavam a suas pernas. Em dado momento, caiu estatelado na lama e ficou sem ar. Lutando contra a exaustão e o desespero que lhe diziam para ficar onde estava, ele se esforçou para se levantar e deu continuidade a seu avanço.

Sem aviso, Castrício saiu do meio dos juncos. A sua frente, sob o luar, estava o árido solo rochoso do penhasco; do lado oposto, um grupo de tochas ao longo da

muralha baixa e ao redor do portão menor. Não havia sons que sinalizassem que ele estivesse sendo seguido. Ele saiu correndo mesmo assim. Seria uma pena ter chegado tão longe, e tão perto da segurança, para então ser abatido.

Eles ouviram sua aproximação antes de avistá-lo; a respiração difícil, os passos arrastados. No círculo formado pela luz das tochas, caiu um homem desarmado e coberto de lama. As mãos dele estavam sangrando.

— Ora, ora, mas se não é o rato dos túneis, Castrício — disse Máximo.

Na medida em que a primavera foi se transformando em verão, mais desertores se esgueiravam pelos barrancos ou se deslocavam furtivos pela planície em ambas as direções. Esta era uma característica de guerra de cerco que nunca deixava de surpreender Balista. Por mais fútil que fosse o cerco, alguns homens da defesa fugiam para o exército de ataque. Por mais malfadada que estivesse a fortaleza cercada, alguns homens do ataque arriscavam tudo para se juntar aos defensores. Demétrio disse que se lembrava de ter lido na *Guerra Judaica* de Josefo que tinha havido até mesmo desertores do exército romano em Jerusalém alguns dias antes de a maravilhosa cidade ser capturada e incendiada. Claro que havia uma explicação óbvia. Exércitos consistiam de um grande número de homens muito violentos. Alguns deles sempre cometiam crimes que acarretavam a pena de morte. Para evitá-la, ou apenas para postergá-la durante um curto período, os homens faziam coisas estranhas. No entanto, Balista não conseguia deixar de imaginar por que esses homens, principalmente entre os que estavam a cargo do cerco, não tentavam escapar e se esconder, ou então encontrar algum lugar distante onde pudessem recomeçar.

Desertores sassânidas pingavam para dentro de Arete, nunca mais do que vinte, apesar de haver suspeita de que outros tivessem sido discretamente despachados pelos guardas com os quais se depararam. Eles davam muito trabalho. Balista e Máximo passavam muito tempo entrevistando-os. Bagoas fora terminantemente proibido de falar com eles. Comprovou-se ser impossível distinguir os que buscavam asilo genuíno dos espíões e sabotadores plantados. Ao final, depois de fazer alguns deles desfilar ao longo da muralha na tentativa de incomodar o exército de cerco, Balista ordenou que todos fossem trancados em um alojamento bem próximo ao *campus martius*. Eram um problema extra indesejado. Dez legionários da centúria fixada ali em reserva, a de Antonino Posterior, tiveram de ser destacados para vigiá-los. Eles precisavam receber comida e água.

Inicialmente, grandes números escaparam de Arete. O fluxo logo cessou. Os sassânidas os puniam de modo exemplar. Ao longo da planície, postes de madeira afunilados na ponta foram erguidos. Os desertores eram empalados

neles, com a ponta do espeto entrando pelo ânus. A intenção era provocar uma cena horrorizante. Deu certo. Algumas vítimas ficavam vivas durante horas. Os sassânidas tinham colocado os postes bem na linha de alcance da artilharia, para incitar nos romanos o desejo de acabar com o sofrimento daqueles que tinham estado a seu lado, Balista ordenou que não se desperdiçasse munição. Depois de os corpos passarem alguns dias ali pendurados, os sassânidas os baixavam e os decapitavam. As cabeças eram lançadas pela artilharia sobre a muralha da cidade; os cadáveres, jogados aos cães.

Se havia algum motivo além da pura crueldade, Balista deduziu que seria o de desencorajar qualquer pessoa de sair de Arete para manter a demanda por alimento na cidade a mais alta possível. Se os persas esperavam causar problemas de fornecimento dessa forma, ficariam decepcionados. Os estoques que Balista acumulara ao longo dos meses anteriores ao cerco tinham funcionado bem. Sob administração rigorosa, havia alimento suficiente para durar pelo menos até o outono.

A abundância relativa de estoques foi incrementada pela chegada de um barco carregado de cereais. Tinha vindo de Circesio, a cidade sob controle romano mais próxima rio acima. O percurso de cerca de 80 quilômetros não se dera sem incidentes. Havia bastantes cavaleiros sassânidas em ambas as margens. Para a sorte da tripulação, o Eufrates, apesar de sinuoso, era largo o suficiente para que a embarcação se mantivesse fora do alcance de uma flecha, desde que permanecesse bem no meio do rio. O barco atracou na frente da *Porta Aquaria* no dia 9 de junho ironicamente, o dia do festival da *vestalia*, feriado público para os pádeiros.

A tripulação ficou um tanto decepcionada. Depois de correr riscos consideráveis, esperava recepção mais animada. Por outro lado, em muitos aspectos, a chegada da embarcação tinha representado uma certa decepção para a guarnição sitiada de Arete. Cereais adicionais eram bem-vindos, mas não essenciais. Quando o barco foi avistado, a expectativa geral era de que estivesse cheio de reforços, A tripulação de dez legionários para reforçar a *Legio IIII* era um contingente muito pequeno, Como nunca chegou a pensar que receberiam mais homens, Balista tinha a esperança de receber cartas, Havia uma. Era do governador da Cele-Síria, o superior nominal do *Dux Ripae*. Estava datada de quase um mês antes, escrita a caminho de Antioquia ("Bem longe de qualquer persa nojento", como comentou Demétrio, ácido).

A carta continha notícias que se autoproclamavam maravilhosas. O imperador Galiano, depois de esmagar os bárbaros no Danúbio, tinha nomeado o filho mais velho, Públio Cornélio Licínio Valeriano, como César. O novo César permaneceria no Danúbio enquanto o mais sagrado Augusto Galiano viajava pelo Reno. Na Ásia Menor, os deuses tinham manifestado seu amor pelo império,

um amor ameaçado pela piedade dos imperadores, ao fazerem o rio Rindacos subir com uma enchente, assim salvando a cidade de Cízico de uma incursão de piratas godos.

Não havia mais nada no comunicado do governador, apenas conselhos e incentivos de praxe: permaneça alerta, dê continuidade ao bom trabalho, a disciplina sempre conta. Balista estava esperando algum comunicado dos imperadores, algo em tinta púrpura com o selo imperial que pudesse ser exibido para elevar a moral, com alguma notícia definitiva sobre a organização de um exército de campo imperial, uma coluna de auxílio marchando na direção deles... possivelmente até algo que contivesse uma possível data para o fim do cerco. Ser informado de que a velha e boa *virtus* romana sempre estaria de pé era nada menos do que uma inutilidade enorme.

A imagem geral ficou ainda pior depois que uma conversa particular com os legionários do barco, regada a bebida, colocou as "ótimas notícias" em contexto. Longe de esmagar os bárbaros no Danúbio, Galiano precisou comprar a paz dos Carpi — a tribo contra a qual estava lutando — de modo que ficou livre para entrar no Reno, onde os francos e os alemânicos estavam causando a maior confusão. O novo César era apenas uma criança, um mero símbolo deixado no Danúbio, onde o verdadeiro poder estava nas mãos do general Ingeno. A enchente no Rindacos podia ter salvo Cízico, mas não impediu os godos de saquear Calcedônia, Nicomédia, Niceia, Prusa e Apamea. Toda a Ásia Menor estava ameaçada. O general Félix, acompanhado pelo grande engenheiro de cerco Celso, tinha sido enviado para proteger Bizâncio. O próprio Valeriano, com o exército de campo principal, tinha marchado Capadócia adentro para tentar expulsar os godos da Ásia Menor.

Por piores que fossem as notícias sobre os assuntos públicos, Balista ficou ainda mais decepcionado por não haver nenhuma carta de Julia. Ele estava com muita saudade da esposa. Não seria impossível uma carta escrita por ela em Roma ou da Sicília encontrar seu caminho até a extremidade oriental do *imperium*, até Circesio e de lá para o barco. Era provável que Julia incluísse um desenho do filho deles em qualquer carta que enviasse — rabiscos de tal abstração que apenas o próprio garoto poderia dizer o que representavam. Fazia dez meses que Balista não via o filho. Isangrim devia estar crescendo e mudando rápido, mas não a ponto de ele não o reconhecer, Balista assim esperava.

Para esquecer as decepções, Balista retornou ao comando de seus parcos recursos para defender a cidade. Os dez novos legionários foram colocados na centúria de Lúcio Fábio na *Porta Aquaria*, sob pretexto de que a experiência deles como marinheiros poderia ser mais útil lá do que em qualquer outro lugar. As perdas tinham sido surpreendentemente pequenas no dia em que o grande aríete de impacto queimara, e apenas poucos homens tinham morrido com flechas

persas ocasionais ou em ataques desafortunados até o desastre em que o jovem *optio* Próspero morreu. As centúrias da *Legio IIII* na muralha do deserto ainda exibiam cinquenta homens cada uma, as *turmas* da *Cohors XX*, quarenta. Balista as tinha reforçado com mais cem arqueiros convocados no *numerus* de Iarhai. O homem do norte esperava que o serviço ao lado dos soldados regulares incutisse determinação nos homens recrutados da cidade, ao mesmo tempo que incentivasse-os a fazer as coisas direito. Ele tinha plena consciência de que os fatos poderiam não acontecer assim, que a disciplina frouxa dos convocados pudesse ser disseminada aos regulares. Até agora, tudo parecia estar indo como Balista desejava, mas ele gostaria que Iarhai aparecesse com mais frequência nas fortificações. O grisalho escoltador de caravana parecia cada vez menos inclinado a ter qualquer responsabilidade em relação aos assuntos militares do cerco.

Na medida em que a estação avançava para o alto verão, a temperatura foi ficando ainda mais quente. Das muralhas de Arete, era comum ver miragens tremeluzindo no meio do deserto, o que tornava difícil avaliar as distâncias e mascarava o movimento dos persas. Para um homem do norte, o calor era quase insuportável. Assim que as roupas eram vestidas, ficavam encharcadas de suor. As cintas de espada e as correias das armaduras raspavam, deixando a pele em carne viva. Mas isso não era o pior de tudo. Havia poeira por todos os lados. Entrava nos olhos, nos ouvidos, na boca, ia até os pulmões. Todas as pessoas que não eram nativas da cidade apresentavam uma tosse seca e persistente. A poeira, de algum modo, conseguia penetrar nos poros da pele. E também havia as moscas e os mosquitos, zumbindo e picando continuamente, cobrindo qualquer pedacinho de comida, enxameando na beirada de qualquer bebida.

Havia apenas dois momentos do dia em que era mais ameno o inferno de se estar ao ar livre. À noite, a temperatura caía com a brisa fresca do Eufrates e o céu assumia por um instante o tom de lápis-lazúli. Logo antes do amanhecer, as aves selvagens levantavam voo e o domo do céu assumia um delicado tom cor-de-rosa antes de o sol se libertar do horizonte para dar início a sua tarefa de castigar os homens.

Ao meio-dia do dia 6 de julho, o primeiro dia do festival de Ludi Apollinares, Balista estava na piscina do *frigidarium* para amenizar o calor do dia. Como a casa de banhos em questão era particular, acoplada ao palácio do *Dux Ripae*, o homem do norte estava sozinho. Castrício, seu mais novo porta-estandarte, entrou e o saudou com distinção.

— Uma grande nuvem de poeira foi avistada ao sul, do nosso lado do rio, vindo nesta direção.

Quando Balista alcançou seu ponto de costume no Portão de Palmira, a nuvem

de poeira tornara-se inconfundível. Uma coluna alta, densa e isolada, que só podia ser formada por uma fila enorme de homens e animais marchando rio acima. O mais provável era que a vanguarda alcançasse o acampamento sassânida no início da tarde do dia seguinte.

A coluna persa avançava em boa velocidade. Na hora do almoço, já dava para ver os primeiros do grupo se aproximando do acampamento. Fileira após fileira, os camelos se estendiam tão longe quanto a vista alcançava. Balançando com suavidade, todos estavam muito carregados, e alguns arrastavam coisas pelo solo. Balista viu que quase não havia soldados acompanhando o grupo. Os sassânidas tinham mesmo uma confiança enorme.

— O que é isto? Parece haver pouquíssimos homens armados. Deve ser um bom sinal.

Vários soldados riram com as palavras de Demétrio.

— Infelizmente, não — Balista respondeu. — Eles já têm todos os guerreiros de que precisam.

— Provavelmente mais do que querem — disse Mamurra. — O número deles é tão superior ao nosso que eles poderiam se beneficiar tendo menos bocas para comer. E o perigo da peste é sempre maior com um exército muito grande.

— Então, aqueles camelos estão carregando alimentos? — Demétrio perguntou.

— Não acho que temos tanta sorte assim. — Balista tirou o suor dos olhos com a mão. — Tenho uma forte impressão de que eles estão carregando madeira. — Os soldados que estavam perto e escutaram assentiram com gestos graves mas, ao perceber que o jovem grego continuava sem entender nada, Balista prosseguiu. — Uma das coisas que nos manteve seguros e deixou os persas tão quietos nos últimos dois meses foi a falta de madeira por aqui. O pouco que havia foi queimado antes de eles chegarem. É necessário ter madeira para construir praticamente todo o maquinário de cerco... para fazer máquinas de artilharia, torres de cerco, aríetes de impacto, escadas, manteletes, tartarugas e todo tipo de tela. Madeira é necessária para estruturas de sustentação em escavações. A tomada de uma cidade exige muita madeira... a menos, é claro, que se ofereça aos homens da defesa grandes sacas de ouro para irem embora.

— Quem me dera, *Dominus*, quem me dera — disse Castrício.

— E, de fato, *Draconarius*. E uma pena que os sassânidas sejam uns sedentos de sangue de merda que preferem nos empalar a nos subornar.

Demorou dois dias inteiros para que toda a caravana chegasse. O acampamento persa agora se estendia da planície até as montanhas. Camelos blateravam,

homens berravam, trombetas soavam. Apesar de tudo parecer um caos, algum tipo de organização devia estar em prática. Em um dia já dava para ver carpinteiros trabalhando duro, os fogos das forjas portáteis acesos e fileiras de camelos descarregados dirigindo-se para o noroeste.

Os camelos retornaram um dia depois. Dava para ver homens descarregando tijolos. Desta vez foi o *praejectus fabrum*, Mamurra, que explicou os detalhes da engenharia de cerco ao jovem grego.

— Eles vão construir uma rampa de cerco para tentar sobrepujar a muralha em algum momento. Bom, uma rampa de cerco, uma *agger*, é construída principalmente com terra e entulho. Mas o solo daqui é arenoso, espalha-se com tanta facilidade quanto uma das mulheres de Máximo, de modo que precisam de paredes de contenção. E para isso que servem os tijolos. Os répteis não estavam tão à toa quanto nós pensávamos. Estavam produzindo tijolos secos ao sol em algum lugar fora de vista, provavelmente em um dos vilarejos de montanha a noroeste. Com toda aquela madeira, estão fazendo *vinæ* — abrigos móveis para os pobres coitados que vão ter de construir a *agger* — e artilharia para tentar foder com as nossas balistas e impedir que nós os matemos.

— Tucídides disse que demorou setenta dias para os espartanos construírem a rampa de cerco em Platéia — Demétrio disse, esperançoso.

— Se pudermos atrasá-los tanto assim, vai ser bom — Mamurra respondeu.

— Não há nada que possamos fazer para detê-los?

Balista matou uma mosca no braço.

— Não há necessidade de se desesperar. — Ele examinou o inseto esmagado de perto e o jogou para longe. — Estou pensando em uma coisa que talvez dê certo.

Durante a noite do dia 20 de julho, os sassânidas deslocaram sua artilharia, trinta balistas, para a linha de tiro do outro lado da extremidade sul da muralha do deserto. O nascer do sol as viu posicionadas atrás de telas resistentes a cerca de 200 passos de distância. O duelo de artilharia recomeçou. Na hora do almoço, longas cadeias de *vinæ* estavam instaladas, formando três túneis compridos, na frente dos quais o início da rampa começou a se tornar evidente. O longo período de inatividade tinha chegado ao fim. O cerco de Arete tinha entrado em uma nova e mortífera fase.

— Você parece um homem oferecendo um pãozinho a um elefante. Vamos lá, entregue aqui. — Apesar de Balista falar sorridente, o médico estava totalmente apavorado.

Ele era civil. A túnica esfarrapada sugeria que não estava no auge da profissão. Segurava a flecha nas mãos. Ou melhor, estava com os braços estendidos, com

as palmas para cima e a flecha sobre elas. Toda a sua expressão corporal parecia dizer: "Isto aqui não tem nada a ver comigo."

Ao perceber que o médico não iria se mexer, Balista lentamente deu um passo à frente. Sem fazer nenhum movimento brusco, como se o médico fosse um cavalo arisco, ele pegou a flecha. O homem do norte a examinou de perto. Era em sua maior parte absolutamente comum. Tinha cerca de 75 centímetros de comprimento, com ponta de três lâminas de ferro farpado, com cerca de 5 centímetros de comprimento. Nela, ainda dava para ver sangue e tecido humano. Como acontece com a maior parte das flechas orientais, o cabo consistia de duas partes: uma base fina de madeira unida a um cabo mais comprido de junco. Para reforçar, a junta era amarrada com tendão animal. O cabo era decorado com listras pintadas, uma preta e duas vermelhas. As três penas que tinham sobrado na extremidade anterior pareciam não ser tingidas, mas sim de um branco natural. Possivelmente penas de ganso, Balista pensou.

O cabo da flecha exibia vários cortes e lascas, sem dúvida o legado dos instrumentos pavorosos, em forma de gancho, que o médico tinha usado em sua extração. Mas o que fazia daquela flecha algo tão importante era a tira de papiro enrolada nela. Ela tinha sido presa bem na ponta do cabo. As penas tinham sido coladas por cima dela. O papiro tinha cerca de 7,5 centímetros de comprimento e um pouco mais de 1 centímetro de largura. A parte de dentro estava coberta de caracteres gregos escritos em caligrafia pequena e firme. Não havia pontuação, mas, claro, isso era bem normal. Balista tentou ler, mas não conseguiu identificar nenhuma palavra. A única coisa que ele reconheceu foi uma seqüência aparentemente aleatória de letras gregas. Ele destacou a mensagem codificada e a entregou a Demétrio.

— De quem você tirou isto?

O médico engoliu em seco.

— De um soldado do *numerus* de Ogelos, *Kyrios*, um dos moradores recrutados.

— O homem parou. Estava suando.

— Por que ele o procurou?

— Dois colegas dele, soldados, o trouxeram, *Kyrios*. Tinham-no levado ao médico do *numerus*, mas ele estava bêbado. — O homem apumou o corpo. — Eu nunca bebo em excesso, *Kyrios*, — Ele olhou para Balista cheio de orgulho. Continuava suando,

— E você descobriu o local onde ele foi atingido?

— Ah, sim, os amigos dele me disseram. Falaram que ele sempre fora azarado. Não estava na muralha, nem de guarda. Tinham passado a noite toda bebendo no

*A Kratera*. Estavam a caminho de casa, voltando para a torre logo a leste do portão menor. Estavam atravessando aquela parte de terreno aberto quando, *uosh*, da escuridão, a flecha caiu da muralha do sul e o atingiu no ombro.

— Ele sobreviveu?

— Ah, sim, eu sou um bom médico. — O tom dele revelava sua própria surpresa com o desfecho.

— Percebo, — Balista deu um passo na direção dele mais uma vez. Agora chegou bem perto, usando seu tamanho para intimidar, — Você não vai dizer isto para ninguém, Se eu ficar sabendo que falou... — Ele deixou a ameaça no ar.

— Não, ninguém, *Kyrios*, ninguém mesmo.

— Muito bem. Dê o nome do soldado e dos amigos dele para o meu secretário e está livre para ir embora. Cumpriu muito bem o seu papel de cidadão consciente,

— Obrigado, *Kyrios*, muito obrigado. — Ele praticamente correu até Demétrio, que segurava o estilo em riste.

Ouviu-se um barulho alto de algo rasgando o ar com rapidez, seguido por um estrondo enorme. O médico se sobressaltou visivelmente. Um fio de gesso caiu do teto. O duelo de artilharia já durava seis dias. Era óbvio que o médico não tinha o menor desejo de estar tão perto da ação, como naquela casa confiscada próxima da muralha do oeste. Assim que terminou de dizer o nome dos soldados, deu meia-volta e saiu correndo.

Demétrio fechou o bloco de escrever e o pendurou no cinto. Pegou o papiro mais uma vez e o examinou. Para lhe dar tempo, Balista foi até o outro lado da sala e serviu algumas bebidas. Deu uma caneca para Mamurra, uma para Castrício e outra para Máximo, colocou uma perto do secretário, sentou-se à mesa e começou a bebericar a sua.

Ouviu-se o som terrível de mais uma pedra de artilharia chegando, outro estrondo e mais uma vez um chuvisco de gesso, Mamurra comentou que um dos lançadores de pedra dos persas estava atirando mais longe do que o necessário, Balista assentiu.

Finalmente Demétrio ergueu os olhos. Deu um sorriso como quem pede desculpa.

— Sinto muito, *Kyrios*. Não consigo decifrar o código. Pelo menos não de imediato. A maior parte dos códigos é sempre muito simples... substitui-se a letra seguinte no alfabeto pela que deveria estar ali e coisas assim; às vezes é até mais simples: faz-se uma pequena marca perto das letras que devem ser lidas, ou elas são escritas em nível levemente diferente das outras... mas creio que este aqui

não é tão fácil assim. Se possível, eu gostaria de ficar com ele e estudá-lo quando não tiver outras tarefas. Talvez eu acabe por decifrá-lo.

— Obrigado — disse Balista. Ele se sentou e bebeu, enquanto pensava. Todos fizeram o mesmo, em silêncio. Em intervalos de cerca de um minuto ouviam-se mais estrondos e mais gesso caía do teto para aumentar a fina camada de poeira que cobria todas as superfícies.

Balista mais uma vez sentiu falta de Antígono; ele teria sido a pessoa ideal para a próxima tarefa que Balista queria ordenar. Mamurra já estava ocupado demais, e queria Máximo a seu lado...

— Castrício, quero que você converse com os três soldados. Descubra exatamente quando e onde o homem foi atingido. Faça com que jurem sigilo. Ameace-os um pouco para garantir que não vão falar nada. É melhor conversar logo com o ferido antes que ele morra por alguma infecção.

— Sim, *Dominus*.

— Então, escolha três *equites singulares* e faça com que fiquem de vigia, discretamente, na área. E querer demais achar que um deles vai ser atingido por uma flecha com uma mensagem codificada presa a ela, mas quero saber quem circula por aquela parte da cidade.

Mais uma vez, o porta-estandarte apenas disse:

- Sim, *Dominus*.

— Qualquer um que aparecer por lá pode ser o nosso homem procurando a mensagem que estava esperando e nunca recebeu. Pelo menos agora temos uma prova de que ainda temos um traidor entre nós.

A lua crescente ia baixa no horizonte. Acima dela, as constelações giravam devagar: Orion, o Urso, as Plêiades. Era dia 15 de agosto, o idos do mês. Balista sabia que, se ainda estivessem vivos para ver as Plêiades se porem em novembro, estariam a salvo.

Tudo estava em absoluto silêncio na castigada torre de Arete. Todo mundo escutava com atenção. As coisas pareciam silenciosamente fora do comum à noite, quando o duelo de artilharia do dia cessava. Mas, agora, quando eles se esforçavam para escutar um som específico, a noite fora da torre estava cheia de ruídos. Um cachorro latiu em algum lugar da cidade. Em um ponto mais próximo, uma criança chorou. Sons abafados percorriam a planície, vindos do acampamento sassânida: o relincho de um cavalo, uma explosão de gritos, trechos de uma melodia triste dedilhada em um instrumento de cordas.

— Pronto, está escutando? — A voz de Haddudad era um sussurro urgente.

Balista não escutava nada. Ele se virou para Máximo e Demétrio. A luz fraca, os dois pareciam hesitantes. Todos continuaram a forçar os ouvidos. A noite ficou mais silenciosa.

— Ali, lá está de novo. — A voz do capitão dos mercenários de larhai soou ainda mais baixa.

Agora Balista achou que talvez tivesse escutado. Segurou a respiração. Sim, lá estava: o barulho tilintante que Haddudad tinha descrito, que desapareceu assim que o homem do norte o escudou. Ele se debruçou por cima do parapeito e colocou a mão em forma de concha ao redor da orelha direita. O som tinha desaparecido. Se é que tinha mesmo existido. Tinha sido encoberto pelo barulho da patrulha persa que traçava seu caminho ao longo do penhasco do sul. As pedras que eram deslocadas e se espalhavam na semiescuridão, o rangido do couro, o choque de metal contra metal: tudo soava ruidoso. Eles deviam ter chegado a um piquete. Os homens que escutavam na torre ouviram o desafio baixo:

— Peroz-Sapor.

E a resposta:

— Mazda.

Balista e os outros mudaram de posição e respiraram fundo enquanto esperavam a patrulha atingir um ponto onde não pudesse mais escutar qualquer coisa vinda da planície.

O volume da noite retomou seu nível normal. Uma coruja arrolou. Outra respondeu. E no silêncio que se seguiu, lá estava ele: flutuando de algum lugar no fundo do penhasco, o tilintar contínuo de uma picareta batendo na pedra.

— Você tem razão, Haddudad, estão cavando um túnel. — Balista escudou mais um pouco até que, em algum lugar atrás dele na cidade, uma porta se abriu e uma gargalhada e vozes altas se sobrepuseram a qualquer outro som.

— Devíamos enviar um grupo de reconhecimento. Para descobrir exatamente onde começa. Só então poderemos estimar a rota que vai seguir. — Haddudad continuava falando em um sussurro. — Eu ficaria feliz em fazer isto. Posso escolher os homens amanhã pela manhã e sair à noite.

— Muito obrigado, mas não — Balista estava prestes a mandar chamar Antígono. Então se lembrou. Pensou durante alguns momentos. — Não podemos esperar até amanhã à noite. Se fizermos qualquer preparação para formar um grupo de reconhecimento, o traidor pode achar um jeito de alertar o inimigo. Nossos homens cairiam direto em uma armadilha. Não, precisa ser hoje à noite, agora. Eu vou com Máximo.

Ouviu-se uma inspiração coletiva, então várias vozes falaram ao mesmo tempo. Sem se exaltar, mas enfaticamente, Demétrio, Haddudad e suas duas sentinelas, cada um a seu modo, disse que isto era loucura. Máximo não falou nada.

— Eu tomei a minha decisão. Nenhum de vocês vai falar sobre isto. Haddudad, você e os seus homens vão ficar aqui. Demétrio, vá buscar um pouco de cinza ou rolha queimada e nos encontre — Máximo e eu — no portão menor do sul.

Haddudad e seus homens fizeram uma saudação. Demétrio hesitou um pouco antes de descer os degraus.

Quando pegou os apetrechos dentro da casa confiscada que servia de central militar e chegou ao portão menor, Balista já tinha relatado o plano a Cocio, o decurião que comandava a *turma* da *Cobors XX* fixada ali. Balista e Máximo iam partir do portão. Ele deveria ser deixado aberto até o amanhecer. Só então, deveria ser fechado, Não deveria ser reaberto a menos que o *Dux Ripae* e sua guarda-costas aparecessem a sua frente em plena luz do dia, quando o guarda poderia ter certeza de que eles estavam sozinhos. Caso não retornassem, Acilio Glabrio deveria assumir o comando da defesa de Arete. Balista tinha escrito uma ordem curta nesse sentido.

— Mas não acha que isso é a mesma coisa que colocar o lobo para cuidar das ovelhas, já que você mesmo acredita que ele é o traidor? — Máximo disse em celta.

— Se não voltarmos, penso que isso já não vai fazer a menor diferença — Balista respondeu na mesma língua.

Balista se preparou. Tirou o capacete, a cota de malha e as duas condecorações da cinta da espada — a coroa mural e o pássaro de ouro que tinha sido presente de despedida de sua mãe. Prendeu o cabelo claro e comprido com um pano escuro e, como sempre vestia-se de preto, só precisou esfregar o rosto e os antebraços com rolha queimada, Máximo demorou bem mais. Ele entregou os diversos ornamentos que enfeitavam seu cinto a Demétrio, com uma ameaça velada a respeito do que faria se o garoto grego perdesse algum deles. Como sua túnica era branca, ele a tirou e alguém o ajudou a escurecer o torso musculoso e cheio de cicatrizes. Com o mínimo de movimentos possíveis, eles atravessaram o portão.

Os dois homens ficaram parados por um momento, deixando que seus olhos se acostumassem à luz das estrelas e ao fraco luar. Balista deu um soco de leve no ombro de Máximo. O hibernico respondeu com outro soco suave; seus dentes brilharam na escuridão. Uma trilha, mais branda do que o rochedo, serpenteava penhasco abaixo.

Mudos, eles partiram, Balista na frente, Máximo seguindo seus passos logo atrás.

Eles já se conheciam fazia muito tempo; não havia necessidade de qualquer conversa. Máximo sabia que, como era o costume entre as tribos da Germânia, Balista, ao atingir a puberdade, tinha sido enviado para aprender os modos de um guerreiro com seu tio materno. Ele tinha sido um renomado líder de guerra da tribo dos Harii. Desde que Tácito tinha escrito seu *Germânia*, a fama dos Harii como guerreiros noturnos tinha se espalhado muito além das florestas do norte. Por preferência, eles lutavam em noites escuras como breu. Com os escudos enegrecidos e os corpos pintados, sua aparência sombria e fantasmagórica instigava o medo em seus inimigos.

Tácito chegou a ponto de alegar que "ninguém é capaz de agüentar uma visão tão estranha e infernal". Máximo sabia que havia poucos homens mais perigosos no escuro da noite do que seu amigo *Dominus*.

Depois de um tempo, o caminho fazia uma curva para a direita, na direção da planície, e, sempre descendo, estendia-se ao longo do flanco do penhasco. Agora Balista e Máximo estavam no meio da necrópole cristã. Acima e abaixo da trilha estavam as escuras entradas para as cavernas naturais e artificiais onde os adoradores do deus crucificado enterravam seus mortos. Balista parou e fez um sinal com a mão. Juntos, subiram a lateral do penhasco até a boca de uma caverna próxima. Cerca de 1 metro adentro, o túmulo estava selado com uma parede de tijolos de barro. Ainda mudos, os dois homens se agacharam, apoiando as costas contra a parede. Ouviram e observaram. Fogueiras de sentinela que tremeluziam podiam ser vistas no cume do lado mais distante do penhasco. De vez em quando, sons lhes chegavam, tão baixos que eram quase inaudíveis. Do fundo do penhasco, nada se via nem se escutava. Os sons da escavação do túnel tinham desaparecido.

Depois de um tempo que para Máximo pareceu uma eternidade, Balista se levantou. Máximo o seguiu. Balista virou para a parede, remexeu nas roupas e urinou nos tijolos.

— Não acha que mijar nos túmulos deles pode trazer má sorte? — A voz do hibérnico era bem baixa.

Balista, concentrando-se em desviar das botas, demorou a responder.

— Talvez, se eu acreditasse no deus deles. Mas eu prefiro mijar aqui na escuridão do que lá fora, a céu aberto. — Ele se arrumou.

— Se eu tivesse medo, não faria isto — disse Máximo. — Eu iria cultivar o solo, ou vender queijo.

— Se você não conhece o medo, não pode conhecer a coragem — respondeu Balista. — Coragem é ter medo mas ainda assim fazer o que é necessário apesar dele... pode chamar de generosidade masculina sob pressão.

— Bobagem — disse Máximo.

Eles partiram mais uma vez seguindo a trilha.

Outras trilhas secundárias que mal podiam ser vistas bifurcavam para ambos os lados. Balista ignorou as duas primeiras para a esquerda, que desciam. Parou na terceira. Depois de olhar ao redor e tentar avaliar a distância que tinham caminhado, fez a curva para a esquerda. Continuavam descendo, mas agora se deslocavam para trás, na direção do rio. Ao se aproximarem do fundo do penhasco, Balista passou a fazer paradas mais frequentes. Finalmente, fez um sinal para que deixassem a trilha e descessem diretamente a parede do penhasco.

A bota de Máximo desencadeou uma pequena avalanche de pedras. Os dois homens ficaram paralisados. Ninguém deu o alarme. A distância, um chagaladrou. Outros de sua raça se juntaram ao coro. Balista avaliou que o risco de fazer barulho era menor enquanto se deslocavam agachados, as espadas penduradas nas costas, menos do que o causado por caminhar diretamente nas trilhas. Se ele fosse o comandante da guarda sassânida, teria colocado uma sentinela nos pontos em que as trilhas chegavam ao fundo do penhasco.

Chegaram lá sem mais incidentes. Sem fazer pausa, Balista saiu para atravessar até a muralha sul do penhasco. Não havia tempo a perder. Eles já sabiam que persas patrulhavam o lugar de vez em quando, sem carregar luz alguma. Segurando as espadas longe do corpo, eles se deslocaram em uma caminhada lenta.

Assim que chegaram ao outro lado, começaram a subir. A encosta ali era mais íngreme. Eles se moviam vagarosamente, buscando lugares onde se segurar. Não fazia muito tempo que estavam subindo quando o aclave amainou. Balista fez sinal para que parassem. Deitaram de barriga para cima, olhando ao redor, escutando com atenção. Lá estava novamente, vindo da esquerda, mais para cima do penhasco, na direção da planície, o tilintar de picaretas na pedra.

Como caranguejos, eles se arrastaram pela face do barranco, tomando muito cuidado em relação ao lugar em que colocavam as mãos e os pés. Sem que ele lhe dissesse nada, Máximo já havia compreendido o raciocínio de Balista. A entrada da mina deveria ficar na face norte do penhasco, estendendo seu túnel na direção da muralha da cidade. A atenção de qualquer sentinela estaria voltada para a mesma direção. Ao atravessar o penhasco, Balista literalmente os colocara atrás das linhas inimigas. Com sorte, ninguém repararia neles ao se aproximarem de uma direção inesperada.

Máximo estava tão concentrado em não fazer barulho que não viu o sinal de Balista e esbarrou nele. Balista gemeu quando uma bota lhe atingiu a canela, e Máximo prendeu a respiração. Não fizeram mais qualquer barulho enquanto esperavam.

Com cuidado infinito, Balista se virou e fez um gesto para o outro lado do penhasco. Com o mesmo cuidado, Máximo também se virou. A entrada do túnel de cerco dos persas estava mais ou menos na metade da face norte do penhasco. Estava iluminada por dentro com tochas ou lamparinas. Nessa luz, a silhueta negra dos mineiros ia para a frente e para trás, criando grotescas sombras alongadas. O som das picaretas era claro. Homens que operavam roldanas e sarilhos para remover a terra retirada mal podiam ser percebidos na boca da mina. No mesmo instante, a mente de Balista se encheu de lembranças do norte distante, de histórias de anões planejando novas maldades no fundo de seus corredores escavados na pedra. Ficou imaginando o que estava se passando na cabeça de Máximo. Devia ser o de sempre: mulheres e bebida. Os homens que trabalhavam nas polias de repente pararam e, de maneira abrupta, uma espécie de tela foi colocada na boca do túnel.

Balista desviou o olhar para a escuridão na direção do rio até voltar a enxergar no escuro. Então, usando os fracos resquícios de luz que escapavam da tela e o vulto escuro das fortificações da cidade, iluminadas apenas por algumas tochas, ele tentou estimar a posição exata da mina. Fez isso com muitíssimo cuidado; à noite, fica mais difícil do que nunca julgar as distâncias. Dava para sentir que, ao lado dele, Máximo estava ansioso para ir embora, mas ele não se apressou. Não haveria segunda chance. Finalmente, ele tocou o braço do hibernico para sinalizar a retirada.

Mais uma vez como caranguejos, eles voltaram pelo mesmo caminho no barranco que tinham usado na vinda, avançando muito devagar. Balista tomava um cuidado extraordinário. Temia que o ânimo de estar a caminho de casa o fizesse cometer algum movimento em falso. Quando avaliou que estavam mais ou menos no lugar em que tinham começado a subir, fez um sinal para Máximo e eles desceram. Desta vez, ficaram esperando ao chegar ao fundo do penhasco, examinando a escuridão com todos os sentidos. Do outro lado do vazio se erguia a grande muralha de Arete, negra em contraste com o céu. Estava iluminada aqui e ali com uma tocha. Sua luz e calor eram convidativos, a solidez maciça dos tijolos e das torres deu a Balista o anseio de estar a salvo lá dentro mais uma vez. Ele afastou a sensação. Lá dentro, sua guerra consistia de registros burocráticos infundáveis, lista após lista de homens e suprimentos. Ali no escuro é que um guerreiro realmente podia atuar. Ali seus sentidos estavam totalmente alertas, potencializados até o limite.

Não perceberam nada de ameaçador no fundo do penhasco, Não ouviram nem sentiram o cheiro de qualquer coisa. Balista deu o sinal. Como antes, partiram devagar.

Os dois homens estavam na metade da travessia quando escutaram a aproximação da patrulha sassânida. Eles ficaram paralisados. As encostas do

penhasco estavam longe demais para correrem até elas, Não havia onde se esconder. Os barulhos estavam ficando mais altos: pedras esmagadas sob numerosas botas, armas batendo contra escudos e armaduras.

Balista se inclinou para bem perto de seu guarda-costas e sussurrou:

— São muitos para lutarmos contra eles. Vamos ter de sair desta na conversa. E melhor você não ter esquecido o seu persa.

O hibernico não respondeu, mas Balista tinha certeza de que ele estava sorrindo. A patrulha persa surgiu da escuridão que se estendia na direção do rio, um borrão manchado, mais escuro do que a paisagem.

De repente, sem dar aviso, Máximo deu um passo à frente. Em voz baixa, mas em tom firme para alcançar a patrulha, ele disse:

— Peroz-Sapor.

Um silêncio surpreso sucedeu o som do avanço dos sassânidas. A patrulha deveria ter parado. Não esperava ser desafiada naquele momento. Depois de alguns instantes, uma voz, levemente incerta, respondeu:

— Mazda.

Sem hesitar, Máximo disse em persa:

— Avancem e identifiquem-se.

O som de homens armados, em movimento, recomeçou.

Agora o borrão escuro transformou-se na forma de vários guerreiros. Balista observou que havia dois de cada lado, destacando-se do corpo principal e abrindo a formação. Por mais que ele admirasse o golpe ousado de Máximo, não tinha intenção de confiar sua vida às palavras do hibernico. Quando a patrulha estava a cerca de 15 passos de distância, Balista se adiantou e disse:

— Parem aí. Identifiquem-se.

Os sassânidas pararam. Os quatro das extremidades estavam com flechas bifurcadas nas cordas semiesticadas dos arcos. Parecia haver cerca de dez homens no corpo principal.

— Vardan, filho de Nashbad, liderando uma patrulha de guerreiros do Suren. — A voz transparecia estar acostumada com autoridade. — E vocês, quem são? Têm um sotaque estranho.

— Tito Petrônio Arbiter e Tibério Cláudio Nero.

Ao som dos nomes romanos, as estrelas reluziram nas espadas que os sassânidas sacaram; dos flancos, arcos rangeram quando as cordas foram esticadas ao

máximo.

— Mariades, o Imperador de direito dos romanos, é nosso mestre. Sapor o Rei dos Reis em pessoa decretou que seu servo Mariades enviasse alguns homens para fazer reconhecimento, em surdina, do portão menor da cidade dos incorretos.

Por um instante, tudo ficou em silêncio. Balista sentia o coração bater acelerado, as palmas da mão suando. Finalmente, Vardan respondeu.

— E como vou saber que não são desertores do grande imperador Mariades? — Havia um tom de desdém carregado nas palavras "grande imperador". — Que não são a escória romana correndo de volta para os seus?

— Se fôssemos tolos o suficiente para desertar para uma cidade condenada, nós mereceríamos morrer.

— Existem muitos tolos no mundo, e muitos deles são romanos. Quem sabe não os devo levar de volta ao acampamento para ver se sua história é verdadeira?

— Faça isso e virei para vê-lo empalado amanhã de manhã. Duvido que Sapor, Adorador de Mazda, Rei dos Arianos e dos Não Arianos, vá ficar contente ao ver um oficial do Suren contradizer suas ordens.

Vardan se adiantou. Seus homens estavam claramente surpresos. Começaram a caminhar apressados atrás do comandante. Vardan colocou a espada comprida contra a garganta de Balista. Os outros se fecharam ao redor dele. O comandante colocou a espada de lado e olhou bem no rosto de Balista. O homem do norte retribuiu o olhar.

— Descubram a lanterna. Quero ver o rosto deste aqui.

Um persa atrás de Vardan começou a se movimentar.

— Não. Não faça isso. — Balista colocou toda sua experiência de comando na voz. — A missão do grande Rei vai falhar se você mostrar a luz. Os romanos na muralha não vão ter como não vê-la. Sapor não vai receber a informação, e nós vamos encontrar nossa morte no pé daquela muralha.

Houve um terrível momento de indecisão antes que Vardan dissesse ao homem que carregava a lanterna para ficar como estava.

Vardan trouxe o rosto para tão perto que Balista sentisse o cheiro de seu hálito; uma lufada de especiarias exóticas.

— Mesmo no escuro, com seu rosto escurecido como o de um escravo em fuga, ainda consigo enxergar seus traços bem o suficiente para reconhecê-lo mais uma vez. — Vardan assentiu para si mesmo, Balista não se moveu. — Se isto for um

truque, se você estiver na cidade quando ela cair, eu vou atrás de você e vai haver vingança. Vou ser eu a assistir seu corpo definhando na estaca.

— Mazda queira que isto não aconteça. — Balista deu um passo atrás, mantendo as mãos bem afastadas das laterais do corpo. — A noite avança. Se desejamos retornar até o amanhecer, precisamos ir andando.

Balista olhou para Máximo, fez um movimento com a cabeça na direção da muralha e caminhou até a beira do círculo de guerreiros sassânidas. Os dois homens que bloqueavam seu caminho não se moveram. Ele se voltou para trás, para Vardan.

— Se não retornarmos, diga a nosso mestre Mariades que cumprimos nossa obrigação. Lembre-se dos nossos nomes: Petrônio e Nero.

Vardan não respondeu. Mas, a um sinal seu, os dois homens que bloqueavam o caminho de Balista se moveram para o lado. Balista e Máximo partiram.

E muito difícil caminhar normalmente quando se sabe que alguém está observando, mais ainda quando se acha que essa pessoa pode tentar matá-lo. Balista se esforçou para segurar a vontade de sair correndo. Máximo, Pai-de-Todos o proteja, seguia logo atrás de seu *Dominus*. O hibernico levaria a primeira flechada. Ainda assim, as costas de Balista pareciam terrivelmente expostas.

Cinquenta passos eram mais ou menos o limite de um tiro de flecha certo, talvez menos sob luz fraca. Que distância tinham caminhado? Balista começou a contar os passos, tropeçou de leve e voltou a se concentrar em caminhar da maneira mais normal possível. A caminhada parecia durar para sempre. Os músculos das coxas pareciam repuxar.

No final, a parede do penhasco surgiu quase como uma surpresa. Ambos os homens se viraram e se agacharam, transformando-se no menor alvo possível. Balista percebeu que estava arfando. Sua túnica estava empapada de suor.

— Puta que pariu, Petrônio e Nero? — Máximo sussurrou.

— A culpa é sua. Se você lesse qualquer coisa além do *Satyricon*, outros nomes poderiam ter aparecido na minha mente. Mas, bem, vamos dar o fora daqui, Ainda não chegamos em casa. Os répteis podem mudar de idéia e vir atrás de nós.

Demétrio estava parado logo à frente do portão menor, Ficou surpreso de se ver ali. É verdade que o decurião Cocio e dois de seus soldados também estavam lá. Mas, mesmo assim, Demétrio ficou surpreso com sua própria bravura. Parte de sua mente lhe dizia que poderia ouvir e escutar bem, talvez melhor do que ali, no alto da torre. Afastou esses pensamentos. Havia uma alegria estranha no fato de estar do lado de fora das muralhas depois de tantos meses.

Demétrio ficou ali com os três soldados, escutando e observando. O escuro ganhava vida com pequenos sons; animais noturnos correndo, o rufar de asas repentino de um pássaro. O vento suave tinha se deslocado para o sul. Fragmentos de sons, vozes, risadas e a tosse de um cavalo chegavam dos piquetes dos persas do outro lado do penhasco. Um chacal ladrou e outros se juntaram a ele. As batidas das picaretas iam e vinham. Mas não havia nada que revelasse o progresso de Balista e Máximo.

Os pensamentos do jovem grego se dissiparam para longe, até a planície escura que se estendia à frente das muralhas de Tróia, quando o troiano Dolon, com seu arco pendurado nas costas e arrastando a pele de um lobo cinzento ao redor de si, avançava sorratamente para espionar o acampamento grego. As coisas não tinham corrido bem para Dolon. No meio da planície escura, ele tinha sido caçado como uma lebre pelo astuto Odisseu e por Diomedes, dono do grande grito de guerra. Em lágrimas, implorando pela própria vida, Dolon tinha revelado qual era a disposição dos piquetes troianos. Em vão. Com um golpe de espada, Diomedes rompeu rapidamente os tendões de seu pescoço. A cabeça dele caiu por terra, do seu cadáver foram retirados o arco pendurado nas costas e a pele de lobo cinzento.

Demétrio rezou com fervor para que Balista e Máximo não compartilhassem do destino de Dolon. Se o jovem grego tivesse a poesia de Homero à mão, teria tentado ver qual seria o desfecho das coisas. Um método bem conhecido de adivinhação era pegar um verso aleatório da *Ilíada* e ver a luz que o divino Homero lançava sobre o futuro.

Os pensamentos de Demétrio foram arrastados de volta para o presente pelos sons de uma patrulha sassânida traçando seu caminho pelo penhasco, vinda do rio. Ouviu o desafio "Peroz-Sapor" e a resposta, "Mazda" seguida por um diálogo persa em tom baixo, Demétrio se viu, como os outros, na beirada do penhasco, inclinado para a frente, esforçando-se para captar as palavras. Era inútil. Ele não entendia absolutamente nada de persa.

Demétrio se sobressaltou quando uma enxurrada de luz saiu do portão menor. Deu meia-volta. A silhueta de Acilio Glabrio estava parada à frente do portão. A luz da tocha refletiu na armadura peitoral do nobre. Era moldada de maneira a se assemelhar aos músculos de um atleta ou herói. Acilio Glabrio trazia a cabeça nua. Os cachos de seu penteado rebuscado brilhavam. O rosto estava coberto pela sombra.

— Mas o que, em nome dos deuses, está acontecendo aqui? — O tom do patricio era irritado. — Decurião, por que este portão está aberto?

— Ordens, *Dominus*. Ordens do *Dux*.

— Bobagem, as ordens dele foram para que este portão permanecesse fechado o tempo todo.

— Não, *Dominus*. Ele me disse para manter o portão aberto até o amanhecer. — O oficial júnior se intimidou pela raiva aparentemente mal contida de seu superior.

— E por que ele faria isto? Para facilitar a entrada dos persas?

— Não... não, *Dominus*. Ele e seu guarda-costas saíram.

— Está louco? Ou andou bebendo em serviço? Se andou, vou fazer com que seja executado com a severidade de antigamente. E você sabe o que isso quer dizer.

Demétrio não sabia o que aquilo queria dizer, mas Cocio sabia. O decurião começou a tremer levemente. Demétrio ficou imaginando se a raiva de Acilio Glabrio era real,

— Nem mesmo o nosso amado *Dux* é tão bárbaro a ponto de desertar seu posto para sair circulando do lado de fora das muralhas no meio da noite.

Acilio Glabrio virou para trás. Apontou para o portão.

— Vocês têm alguns segundos para entrar e retornar a seus postos antes que eu mande fechar este portão.

Discutir com oficiais superiores não era fácil para Cocio.

— *Dominus*, o *Dux* continua lá fora. Se fechar o portão, ele vai ficar preso.

— Se ouvir mais uma palavra sua, vou considerar isto como motim. Para dentro, agora.

Os dois soldados foram para dentro, obedientes. Cocio começou a se mover.

— Não. — Demétrio quase berrou. — O *Dux* ouviu o barulho da escavação de um túnel. Saiu para espionar onde a mina persa está sendo escavada.

Acilio Glabrio se voltou para ele.

— E o que temos aqui? O garotinho adorado do bárbaro. — Deu um passo para perto de Demétrio. Ele tinha cheiro de cravo. A luz da tocha acentuava os pequenos tufo de barba que encaracolavam ao sair de seu pescoço. — O que está fazendo aqui? Vendendo a bunda para o decurião e alguns soldados para que eles abram o portão e o deixem desertar?

— Escute o garoto, *Dominus*. Ele está dizendo a verdade — Cocio falou.

A intervenção atraiu toda a atenção de Acilio Glabrio. Agora a raiva do jovem

patricio era genuína, palpável. Ele se afastou de Demétrio e chegou mais perto do decurião.

— Por acaso eu já não avisei? Para dentro, agora.

Cocio ousou fazer um último apelo.

— Mas, *Dominus, o Dux*... não podemos simplesmente abandoná-lo lá fora.

Esquecendo-se da espada que carregava, Demétrio se abaixou e pegou uma pedra.

— Está desobedecendo a uma ordem direta, decurião?

Demétrio sentiu a pedra afiada e áspera na mão. Os cachos da parte de trás da cabeça de Acilio Glabrio reluziam à luz da tocha.

— Ave, *Tribunus Laticlavius*. — Uma voz veio de trás da luz da tocha.

Acilio Glabrio virou-se para trás. A espada raspou na bainha. Ele se agachou com o corpo tenso.

Duas figuras fantasmagóricas, escuras e cobertas de poeira, surgiram no círculo de luz. A mais alta tirou um pano da cabeça. O cabelo claro e comprido caiu por cima dos ombros.

— Preciso cumprimentá-lo, Tribuno, por sua diligência. Patrulhar as muralhas no calar da noite, muito admirável — disse Balista. — Mas agora acho que devemos todos entrar. Temos muito a discutir. Temos um novo perigo a encarar.

Balista foi dar uma última olhada na rampa de cerco persa. Espiou de trás do parapeito improvisado. Praticamente todos os dias, a artilharia sassânida despedaçava o parapeito. Então, naquela noite, os homens da defesa o reconstruíram.

Apesar da nuvem espessa de fumaça, o progresso da rampa era evidente. Os persas tinham começado 13 dias antes do *kalends* de agosto. Agora faltavam nove dias para o de setembro. Contando o dia corrente, isso significava 36 dias de trabalho. Em 36 dias, a rampa tinha avançado cerca de 40 passos e estava sendo lentamente erguida, quase ao nível do parapeito da muralha da cidade. O fosso na frente da muralha, que tinha sido tão difícil de escavar para os defensores, tinha se enchido de entulho. Uma abertura parecida com um cânion ainda separava a rampa das defesas. Mas o cânion tinha apenas uns 20 passos de largura e era preenchido em parte pelo próprio banco de areia que a defesa tinha construído para escorar a muralha. Quando o cânion estivesse preenchido, o grupo de ataque dos sassânidas teria um ponto de abordagem final em uma ponte de terra nivelada com cerca de 25 passos de largura.

O progresso da rampa de cerco tinha se dado à custa do trabalho estafante de milhares de homens. Toda manhã, à luz cinzenta de antes do amanhecer, os *vinæ* persas, os abrigos móveis, eram empurrados para a frente e juntados para formar três compridas passarelas cobertas. Embaixo delas, fileiras de homens trabalhavam pesado para carregar a terra, o entulho e a madeira que os da frente, protegidos por telas robustas, despejavam no espaço à frente da rampa. Nas laterais da estrutura, mais trabalhadores, também protegidos por telas, nivelando e cimentando no lugar os tijolos de barro que formavam as paredes de retenção.

Esse progresso tinha ocorrido sob o preço da vida de muitos e muitos homens das fileiras sassânidas. Pouco depois de o trabalho ter começado, Balista instalou as quatro máquinas de artilharia de dez quilos da cidade atrás da muralha que estava alinhada com a rampa. Várias casas tinham sido demolidas para abrir espaço para a nova disposição da artilharia. Os proprietários que puderam ser encontrados receberam a promessa de indenização para o caso de a cidade não cair. Toda manhã, as *vinæ* tinham que avançar nas mesmas linhas, e então permanecer no mesmo lugar ao longo do dia. Toda manhã, os *ballistarii* responsáveis pelas armas de dez quilos, depois de conferir os ajustes do equipamento, podiam disparar às cegas em uma trajetória por cima da muralha, com bastante confiança de que, cedo ou tarde, com a ajuda dos olheiros da muralha, uma de suas pedras bem redondas acertaria uma das *vinæ* em

velocidade assustadora; esmagaria em velocidade estonteante a madeira e o couro e reduziria a uma polpa nojenta os homens que trabalhavam sob a segurança ilusória embaixo dela.

Assim que as sentinelas na muralha davam o aviso de "alvo, alvo", arqueiros da defesa surgiam dos abrigos que tinham cavado na base do anteparo interno na cidade, disparavam até as fortificações e derramavam uma enxurrada de flechas com pontas de ferro e de bronze para cima dos sassânidas expostos, que trabalhavam com fervor para reparar ou reposicionar as *vinae*.

Balista tinha ordenado que as duas peças de artilharia de três quilos situadas nas torres do trecho ameaçado da muralha se concentrassem nos pedreiros que trabalhavam nas paredes de retenção da rampa. Os *ballistarii* a cargo delas tinham linha de visão clara. As telas não conseguiriam agüentar sucessivos impactos. Mais uma vez, com o passar do tempo, a matança foi imensa.

A artilharia sassânida fez o que pôde para destruir as armas dos inimigos. Mas até agora não tinham sido capazes de restringir significamente o caos causado pela defesa. O homem do norte precisou substituir ambas as balistas de três quilos e a maior parte de suas equipes de operação duas vezes, e uma balista de dez quilos sofreu perda total ao ser esmagada. Não havia mais reservas de lançadoras de pedras. No entanto, o volume dos tiros tinha sido pouco reduzido.

Enquanto Balista observava, uma pedra de três quilos se deslocou com tanta velocidade que quase não se podia enxergá-la. Ela foi de encontro a uma das telas que protegiam os pedreiros. Farpas voaram, uma nuvem densa de poeira se ergueu; a tela pareceu cambalear, mas continuou no lugar. Mais uma ou duas dessas e outra tela estaria perdida: mais répteis mortos e mais um atraso.

Balista voltou a se proteger atrás do parapeito. Ele se sentou com as costas apoiadas na mureta, pensativo. Toda noite, os sassânidas recuavam e recomeçavam na manhã seguinte. Por quê? Por que não trabalhavam noite adentro? Eles tinham homens suficientes para isso. Se Balista fosse o comandante deles, era o que teria feito. Ele tinha lido em algum lugar que, sob o império oriental anterior — dos partos — existira relutância em lutar à noite. Talvez ocorresse com seus sucessores persas. No entanto, a escavação do túnel no penhasco tinha se dado à noite. É possível que houvesse algo especial para levá-los a fazer isso. Era um mistério, mas a guerra era mesmo uma longa sucessão de acontecimentos inexplicáveis.

— Já vi tudo o que precisava ver por enquanto. Vamos descer.

Agachado, Balista foi até a escada no telhado da torre e desceu os degraus. Caminhou alguns passos na direção de um de seus túneis, o que ficava ao norte. Castrício estava esperando logo na entrada. Balista primeiro fez sinal para que seu séquito entrasse: Máximo, Demétrio, o escriba do norte da África, dois

mensageiros e um par de *equites singulares*.

— Podemos conversar aqui.

Balista se sentou. Castrício ficou agachado ao lado dele; Demétrio, ali perto. Balista observou o lintel de aparência sólida, as grossas hastes de sustentação do buraco. Ali, bem perto da entrada, até que não estava tão ruim. A opressão do espaço fechado não poderia desconcertá-lo se ele ficasse a três ou quatro passos do ar livre.

Do outro lado do túnel, uma fila de homens passava cestos de terra de mão em mão, carregando-os para fora da mina.

Castrício apresentou vários pedaços de papiro, todos cobertos com seus garranchos. Expôs com clareza e brevidade admiráveis o trajeto de seu túnel. Ficava embaixo da muralha, passava sob o anteparo externo e subia, como uma toupeira, na direção da rampa de cerco dos persas. Consultando um pedaço de papiro após o outro, ele estimou quantos materiais precisaria: paus para escora do buraco, tábuas para segurar as laterais e o teto, lamparinas e tochas para iluminar o trabalho e vários materiais inflamáveis para a verdadeira finalidade da mina. Enquanto Balista ia aprovando os números, Demétrio os anotava.

Castrício foi então conferir o progresso dos trabalhos. Balista ficou sentado em silêncio onde estava. Um projétil sassânida causou um estrondo na muralha acima deles. Uma fina chuva de terra caiu do teto. Balista, imaginando se a escora do buraco à sua frente não estava um pouco deslocada, pegou-se pensando em Castrício e nas mudanças em seu destino. Ele devia ter cometido um crime terrível para ter sido mandado para as minas. Contudo ele tinha sobrevivido àquele inferno, e isso significava que tinha uma capacidade de adaptação fora do comum; tinha entrado para o exército (será que havia alguma regulamentação que impedisse isso?); o fato de ter encontrado o cadáver de Escribônio Muciano tinha feito com que o *Dux* tomasse ciência de seu conhecimento a respeito de minas; por ser um dos três sobreviventes da malfadada expedição do jovem *optio* Próspero, tinha ficado com o posto de porta-estandarte. Agora, pela segunda vez, sua experiência com minas o tinha ajudado, trazendo-lhe uma promoção como centurião em exercício para escavar este túnel.

Outra pedra atingiu a muralha; mais poeira caiu. Os pensamentos de Balista se deslocaram da mina e das inconstâncias do destino para novas ponderações quanto à questão da traição. Demétrio não tinha sido capaz de desvendar os segredos da mensagem acoplada a flecha, mas sua mera existência mostrava que ainda tinha, pelo menos, um traidor ativo na cidade de Arete... ou, pelo menos, os persas achavam que ainda havia um. Balista tinha certeza de que eles estavam certos.

O que ele sabia a respeito do traidor? Era quase seguro afirmar que ele tinha matado Escribônio Muciano. Tinha incendiado o armazém de artilharia. Tinha tentado organizar a queima dos celeiros, E mantinha comunicação, apesar de às vezes interrompida, com os sassânidas, Obviamente, o traidor queria que a cidade caísse. Quem poderia desejar uma coisa dessas, algo tão monstruoso? Será que era um dos cidadãos, alguém que tivesse perdido casa, túmulos da família, templos, escravos e todas as liberdades que lhes eram mais preciosas por causa das medidas defensivas que Balista tinha efetuado?

E por acaso ele não tinha cumprido seu papel? Até onde era possível ir antes de destruir aquilo que se tenta proteger?

Se fosse um dos cidadãos, tinha de ser um rico. Nafta custa muito dinheiro e fede: apenas um rico teria meios para adquirir a substância e a disposição de espaço para disfarçar seu cheiro insuportável. Se o traidor fosse um cidadão, tinha de ser membro da elite, da escolta de caravana — Anamu, Ogelos, até mesmo larhai — ou algum dos outros conselheiros da cidade, como Teodoto, aquele cristão que não parava de sorrir.

Mas será que era um cidadão? E os militares? Balista tinha plena consciência de que Máximo ainda desconfiava de Turpio. E não era sem razão. Turpio, com seu rosto gentil, tinha um passado dúbio. Ele tinha se beneficiado com a morte de seu comandante, Escribônio Muciano. Apesar dos apelos de Máximo, Balista nunca investigara a fundo o que Escribônio usara para chantagear Turpio. Talvez algum dia ele contasse, mas Balista duvidava muito de que Turpio pudesse ser forçado a abrir a boca. Por outro lado, ele tinha demonstrado bom desempenho ao longo de todo o cerco. Seu ataque ao núcleo do acampamento persa tinha exigido coragem excepcional: era possível dizer que ele tinha conquistado o direito de ser visto como uma pessoa de confiança. Mas, ainda assim, como Máximo o tinha lembrado, a coragem é útil para um traidor... assim como a confiança do líder.

Depois, havia Acilio Glabrio. Balista sabia que era preconceito seu, um preconceito extremo contra o *tribunas laticlavius*. O cabelo e a barba bem cuidados, o modo arrogante: o homem do norte não gostava de quase nada a respeito dele. Sabia que o jovem patricio detestava estar sob as ordens de um bárbaro. Se Turpio fosse o traidor, seria por dinheiro ou para impedir sua exposição como assassino de Escribônio... o que também significava dinheiro. Mas se Acilio Glabrio se comprovasse como o traidor, a questão estaria ligada à *dignitas* — aquela qualidade intraduzível que dava a um patricio romano motivos para acreditar em sua superioridade, razões para existir, Balista ficou imaginando se estar sob as ordens de um monarca oriental seria melhor para a *dignitas* de um patricio romano do que a humilhação de obedecer ao comando de um bárbaro do norte. Sob certo aspecto, o oriental poderia ser considerado menos bárbaro do que um selvagem das florestas do norte como Balista.

Apesar de Castrício estar agora responsável por esta mina, a vigilância à área da cidade em que a flecha com a mensagem codificada acertara o soldado azarado tinha continuado (obviamente, o homem morrera alguns dias depois de o médico extrair a flecha).

Quatro *equites singulares*, de que Balista mal podia abrir mão, mantinham observação mais ou menos discreta. Até agora nada de útil havia sido descoberto. Como era de se esperar, tanto Acilio Glabrio quanto Turpio foram vistos nos arredores. Todos os três escoltadores de caravana tinham propriedades na área. A igreja cristã de Teodoto tinha sido deslocada para lá.

Castrício voltou. Mais uma vez se agachou e eles conversaram sobre madeira, azeite de oliva e gordura de porco, sobre distâncias, densidade e o momento certo.

— Obrigado, centurião, muito obrigado.

Com as palavras de Balista, Castrício se inchou de orgulho. Ele se levantou de supetão, mas era experiente demais para bater a cabeça em uma das vigas. Fez uma saudação elegante.

Sair ao ar livre era a mesma coisa que entrar em um forno. O calor sugou o ar para fora dos pulmões de Balista. Havia nuvens de poeira por todos os lados. O homem do norte sentia o gosto de terra na boca, o pó invadir seus pulmões. Assim como todos, ele tinha uma tosse persistente.

Ao caminharem para a mina do sul, ouviram um grito de "vem aí um bebê". A maior parte do grupo se jogou no chão; Balista e Máximo permaneceram em pé. Os outros podiam interpretar o gesto como frieza diante do perigo, mas os dois homens sabiam que não era a verdade. Ambos olharam para cima, pensando que, se o projétil estivesse vindo na direção deles, poderiam vislumbrá-lo e levariam apenas uma fração de segundo para sair da frente,

Com um som terrível, a pedra rasgou o céu acima da cabeça deles e, com um estrondo, mergulhou em uma casa já em ruínas. Mais uma nuvem de fumaça se ergueu.

Mamurra estava esperando na entrada do outro túnel, que ficava na altura da torre mais ao sul da muralha do deserto.

— *Dominus*. — Seu rosto se abriu em um sorriso.

— *Praefectus*. — Balista retribuiu o sorriso. Eles se apertaram as mãos e então trocaram beijos na bochecha, dando tapinhas um nas costas do outro. Eles tinham aprendido a se gostar. Mamurra sabia que, no que dizia respeito ao *Dux Ripae*, sua consciência estava absolutamente limpa. Nada que dissesse ou escrevesse a respeito dele seria injusto ou malicioso. O bárbaro alto era um bom homem. Dava para confiar que ele faria a coisa certa.

Balista olhou com desgosto para a entrada do túnel: as vigas grandes e trabalhadas de maneira grosseira, o piso irregular, as paredes de pedras pontiagudas, o estado precário do teto. Ele entrou. A escuridão se estendia a sua frente, iluminada esparsamente aqui e ali por uma lamparina a óleo em um nicho. O silêncio daquela mina era estranho quando comparado ao barulho da outra.

— Como está indo?

— Bem, até agora. — Mamurra se escorou em uma viga. — Como eu disse que fariamos, escavamos fundo; por baixo da muralha, do anteparo externo e do fosso. Levamos o túnel até cerca de 5 passos além do fosso. Ali, escavamos uma pequena galeria de escuta em forma de cruz. Encontrei alguns escudos de bronze redondos em um dos templos. Eu os posicionei contra a parede e coloquei homens para usá-los como escuta.

— Os sacerdotes demonstraram alguma objeção?

— Não ficaram muito entusiasmados com a idéia. Mas, afinal, há uma guerra em andamento.

Apesar da regra de que um escravo nunca deve iniciar uma conversa com um homem livre, Demétrio não conseguiu se conter.

— Está dizendo que isso funciona? Eu sempre achei que fosse uma invenção literária dos escritores antigos.

O sorriso de Mamurra ficou mais largo.

— Sim, é um truque antigo, mas funciona. Eles amplificam bem o som.

— E escutaram alguma coisa? — Balista perguntou.

— Estranhamente, não escutamos nada. Tenho certeza de que, se eles estivessem escavando um túnel ali perto, teríamos ouvido as picaretas.

— Isso deve ser uma boa notícia — Demétrio disse. — Ou houve um desmoronamento e eles abandonaram a mina ou ela se desviou do caminho e não estão nem perto da nossa muralha.

— Sim, são possibilidades... — Mamurra parecia pensativo. — Mas, infelizmente, existe uma terceira. — Ele se voltou para Balista. — Quando você e Máximo me disseram onde o túnel deles começava lá no penhasco, eu achei, acredito que todos nós tenhamos pensado assim, que a intenção deles era enfraquecer as fundações da nossa torre mais ao sul, fazer com que ela desmoronasse para que nenhuma peça de artilharia ali pudesse interferir com a rampa de cerco deles. Agora já não tenho tanta certeza. Pode ser algo bem mais perigoso do que isso.

Talvez a intenção deles seja escavar direto por baixo das nossas defesas para possibilitar que seus soldados saiam atrás da nossa muralha. Se for assim, estão esperando que a rampa esteja quase pronta para poderem escavar a última parte do túnel, e assim serem capazes de nos atacar de dois pontos de uma vez só.

O grupo todo ficou em silêncio. Imaginando o fluxo inexaurível de guerreiros sassânidas esparramando-se pela rampa de cerco enquanto outro emergia do solo; imaginando a total impossibilidade de conter os dois ao mesmo tempo.

Balista deu tapinhas de leve no braço de Mamurra.

— Você vai escutar quando eles vierem. Vai pegá-los.

— E depois? — Demétrio se apegou de bom grado a este conforto. — Você vai atacá-los com fumaça, jogar abelhas e escorpiões no túnel deles, soltar um urso enlouquecido?

Mamurra deu risada.

— Provavelmente não. Não, vai ser o de sempre... um trabalho sórdido no escuro, com uma espada curta.

A flecha vinha direto rumo ao rosto dele. Com uma torção do corpo, Balista pulou de volta para um lugar protegido. A lateral de seu capacete bateu no parapeito da muralha, a parte que cobria a bochecha raspou na pedra áspera. Ele não fazia idéia de onde o projétil fora parar, mas tinha passado muito perto. Ele soltou o ar ruidosamente, tentando fazer com que a respiração voltasse ao normal. Atrás de si, escutou um soluço baixo.

Mantendo-se abaixado, de quatro, Balista se arrastou até o homem que fora acertado. Era um de seus mensageiros, o da Subura. A flecha tinha entrado na clavícula dele. Só as penas ainda estavam para fora. O homem as segurava com as mãos. Seus olhos mostravam incompreensão.

— Vai ficar tudo bem — Balista disse.

Ele ordenou a dois de seus *equites singulares* que carregassem o homem até um posto médico. Os guardas pareceram descrentes frente à tarefa inútil, mas obedeceram mesmo assim.

De volta para trás do parapeito, Balista se equilibrou. Contou até vinte e então espiou lá fora. Ali estava a rampa persa, o vazio entre a rampa e a muralha. Mas agora a vala tinha menos de 5 passos de largura. Debaixo das grades da frente, tão perto que parecia estar ao alcance do toque dos homens da defesa, terra e entulho, às vezes um tronco de árvore, caíam dentro do buraco.

Aquele seria o dia. Mesmo que ele não tivesse visto os soldados sassânidas se reunindo em enormes aglomerações na extremidade mais distante das passarelas

cobertas, ele sabia que o dia havia chegado. Os persas tinham obviamente decidido não esperar até que a rampa encostasse na muralha; eles usariam algum tipo de ponte de acesso. Estava dada a largada. De um modo ou de outro, aquele seria o dia da decisão.

Balista olhou ao redor, O sangue do mensageiro já estava se infiltrando nos tijolos, uma fina camada de poeira fazia com que a poça vermelho-vivo ficasse opaca.

Balista fez um sinal com a cabeça para os homens que estavam com ele e, mais uma vez mantendo-se bem próximo ao chão, engatinhou até o alçapão. Máximo, Demétrio e os três *equites singulares* restantes desceram pelos degraus atrás dele.

Castrício estava esperando na entrada de seu túnel. Sem nenhuma formalidade, ele lhes disse que se preparassem.

Balista tinha antecipado aquele momento com temor. Tinha chegado. Era inevitável. Ele tinha de fazer aquilo. Mas não queria fazer. Não pense, apenas aja.

— Vamos.

Ao penetrarem no túnel do norte, o sol da entrada logo desapareceu. Eles avançavam lentamente, sozinhos na escuridão. Nenhuma das lamparinas a óleo nos nichos estava acesa. Antes de entrarem, Castrício se certificou de que ninguém tinha cravos nas solas das botas. Tinham deixado as cintas de espada, as armaduras, os capacetes e tudo mais que era de metal na superfície. Uma fâisca descuidada poderia concretizar seu maior medo, um fogo prematuro.

Na escuridão preta como breu, eles se moviam em fila única. Castrício ia à frente, tateando o caminho com a mão direita na parede. Balista vinha logo atrás, segurando a parte de trás da túnica de Castrício com a mão. Depois vinha Máximo e, por fim, Demétrio.

O piso era irregular. Balista torceu a bota em uma pedra solta. Imaginou torcer o tornozelo, quebrar a perna, ficar preso lá embaixo. Conteve uma onda de pânico. Não pense, apenas aja.

A caminhada desafiava o tempo e a lógica. Daria para ter percorrido todo o trajeto pela planície até o acampamento persa.

Alguma coisa tinha mudado. Balista sentia o espaço se abrindo a seu redor. Devia ser a qualidade do som. O eco dos passos retornava mais devagar. O ar tinha um cheiro estranho. Fez com que várias coisas lhe viessem à mente: um estábulo, um açougue, um navio de guerra. Mas o ar estava menos denso do que antes.

Castrício parou. Atrás deles, os outros pararam. Com cuidado, com muito cuidado, Castrício abriu só uma frestinha na lanterna fechada, O facho fino de luz mal alcançava o outro lado da caverna. O teto estava perdido em sombras. Ele

voltou a baixar a lanterna e dirigiu a luz às colunas de madeira que seguravam o teto. Aos olhos de Balista, parecia haver um número muito pequeno delas, e as existentes tinham aparência extremamente fina.

— Há apenas o suficiente para segurar o teto — Castrício disse, como se tivesse lido a mente de seu comandante. — A madeira é boa, bem curada, bastante seca. Cobri-a com piche.

— Muito bem — disse Balista, sentindo que precisava falar algo.

Castrício apontou a luz para baixo. A maior parte da caverna estava coberta de palha até a altura da canela. Ao redor da base das madeiras, havia peles de porco recheadas com gordura.

— Alguns cozinheiros podem ter problema com isto, mas vai queimar bem.

— Muito bem — Balista disse novamente, em um tom de voz que lhe soou tenso.

— E aqui está o xis da questão. — Castrício direcionou a luz para trás deles. A esquerda da boca do túnel por onde eles tinham entrado, havia três caldeirões de bronze grandes, suspensos sobre blocos de madeira, com montes de palha ao redor, e uma trilha saindo debaixo deles e se estendendo pelo túnel. — Encontrei um pouco de betume para o primeiro caldeirão. Os outros contêm óleo.

— Compreendo — disse Balista.

— Está bom assim?

— Muito bom.

— O pavio perfaz a dois terços da extensão do túnel. Quando achar que está na hora, é só me dizer e, com sua permissão, eu acendo.

— Já tem a minha permissão.

— Então, vamos.

De volta à superfície, a luz do sol cegava. Lágrimas escorreram dos olhos deles. Depois de recuperar o fôlego, Balista disse a Castrício que tocasse fogo na mina. Eles se afastaram da entrada.

Durante algum tempo, nada aconteceu. Então eles escutaram o som das botas de Castrício deslocando pedras enquanto ele corria. Disparou para fora do túnel, em alta velocidade. Ele derrapou ao parar, olhou ao redor e, piscando muito, caminhou até onde estavam os outros.

— Está feito. Agora está nas mãos dos deuses.

Eles voltaram a vestir as armaduras, colocaram as cintas de espada e correram

até a torre. Subindo dois degraus de cada vez, Balista disparou até as fortificações. Mergulhou atrás do parapeito e olhou para fora.

Quase tudo estava como antes. Mas Balista sabia que havia algo errado. Lá estava o vazio. Lá estava a rampa persa com as telas ao longo de sua face. Mais longe, nivelada à base da rampa, a fileira de manteletes. Mais longe ainda, as posições da artilharia persa. Balista olhou com muita atenção, mas não enxergou nenhum traço de fumaça proveniente da rampa. Não havia evidência daquilo que deveria estar acontecendo, nenhum sinal da conflagração que deveria consumir a caverna artificial, do fogo terrível que deveria queimar as estruturas e fazer a caverna desabar, junto com a rampa dela. Tudo na superfície estava completamente imóvel.

Pronto, era isso: tudo estava completamente imóvel. Não havia ataques de artilharia, nenhuma flecha, ninguém jogando entulho no buraco, Seria agora. O ataque aconteceria a qualquer segundo.

— Haddudad, mande os homens para a muralha. Os répteis estão chegando. — Ainda enquanto gritava para o capitão mercenário, Balista viu a tela na frente da rampa persa começar a pender. Pai-de-Todos, vamos perder esta corrida... foi por tão pouco, só precisávamos de mais alguns minutos!

A tela foi colocada na horizontal. Balista se escondeu atrás do parapeito. Uma saraivada de flechas, como um enxame de vespas, zuniu por cima do topo, tirando lascas da pedra. Uma sentinela soltou um berro. Com uma flecha no ombro, ele se virou para trás, perdeu o equilíbrio e rolou pelo declive da rampa de terra interna, e ficou no caminho de alguns legionários que estavam saindo dos abrigos escavados e começavam a subida.

A tempestade de flechas cessou. Balista deu uma olhada rápida para fora. A ponte de acesso estava sendo empurrada na direção dele através do espaço vazio. Uma ponta ameaçadora se projetava por baixo da extremidade anterior. Balista olhou para trás, para a cidade. Os homens da defesa subiam o anteparo interno, soldados romanos regulares, mercenários e homens da cidade convocados: não chegariam a tempo.

A ponte de acesso desceu, com a ponta bem em cima do parapeito. Sem pensar, Balista a agarrou. A madeira parecia quente e lisa sob sua mão direita. Ele colocou as pernas em cima da ponte. As botas fizeram um barulho oco ao se chocar contra ela. De lado, com o escudo bem à frente, ele sacou a espada. Ouviu as botas de Máximo pousando logo à sua esquerda, as de outro defensor logo atrás das do hibérnico. A ponte de acesso não era larga. Se ninguém caísse, três homens seriam capazes de segurá-la... pelo menos por um curto período.

Na frente dele havia uma fileira de rostos ferozes, morenos, barbados, de boca aberta, berrando seu ódio. Sob uma camada de poeira estavam as cores fortes

dos sobretudos dos sassânidas e o brilho das armaduras. Suas botas batucavam na ponte de acesso.

Um oriental se jogou para cima de Balista berrando, sem nem mesmo tentar usar a espada longa que trazia na mão. Ele queria bater seu escudo contra o do homem do norte, simplesmente fazer com que o defensor recuasse e caísse da ponte.

Balista se deixou ser empurrado para trás. Deu um passo para a direita com o pé de trás (a ponte não tinha parapeito, sua bota ficou perto demais da beirada) e colocou o pé esquerdo de novo atrás do direito. O momento de vantagem do persa o sugou. Quando o corpo de Balista se virou, ele ergueu a espada e, com a palma da mão para baixo, acertou a clavícula do oriental. A cota de malha não foi resistente o suficiente, então a ponta da espada escorregou para dentro e cortou a carne macia até chegar ao osso.

Quando o primeiro sassânida caiu, ao lado e atrás de Balista apareceu o próximo. Balista caiu com um joelho no chão e traçou um arco com a espada, acertando a canela do homem. O persa desceu o escudo com rapidez para evitar o golpe. Inclinando-se para a frente, sem equilíbrio, o homem não teve muita chance. Balista se projetou para a frente e para cima, enfiando o escudo no peito do homem, empurrando-o para trás e para o lado. Foi possível notar o pavor momentâneo no rosto do persa quando ele se deu conta de que não havia nada embaixo de suas botas, que ele tinha sido empurrado para fora da ponte; então ele caiu para trás, agitando os braços no vazio.

Durante um segundo, Balista quase se desequilibrou na beirada, mas voltou a se endireitar. Deu uma olhada para a esquerda. Havia dois persas no chão perto de Máximo. Além disso, um dos *equites singulares* tinha perecido, mas outro tomara seu lugar. Gritando para que os outros defensores o acompanhassem, Balista voltou com cuidado até o corpo do primeiro sassânida que ele havia matado.

A linha de rostos nervosos e contorcidos parou. Para chegar até os homens de defesa, eles teriam de arriscar desequilibrar-se ao pisar em cima ou desviar dos corpos de quatro homens mortos ou moribundos. Os sassânidas não eram covardes, mas teriam de ser muito tolos para se colocarem voluntariamente em desvantagem em uma luta como esta.

Balista sentiu uma onda de confiança: ele era capaz de fazer aquilo; ele era bom naquilo. Um ataque tessalonicense perfeito, seguido por um arremesso do persa para fora da ponte. A euforia do homem do norte foi rompida por uma dor lancinante na coxa direita. Havia um fino traço branco sobre a pele, que logo inchou e se transformou em um vergão saltado. Quando o sangue escorreu, ele passou o peso do corpo para a outra perna. Estava doendo muito. Mas dava para sustentar o peso dele. A flecha só causara um ferimento de raspão na pele.

Bem agachado atrás do escudo, com flechas voando dos dois lados, Balista olhou por cima da beirada da rampa de cerco. Achou que tinha visto um fiapo de fumaça saindo dos tijolos de barro da lateral da rampa. Sumiu antes que pudesse ter certeza. Suor escorria por suas costas. Em um movimento enlouquecedor, uma mosca fazia repetidas tentativas de pousar em seus olhos. Sua perna latejava; logo ficaria rígida.

Um nobre sassânida berrava para o grupo de ataque na rampa. Eles recobriam a coragem a qualquer momento. Balista olhou por sobre a beirada mais uma vez. Pronto! Ali estava o fio de fumaça. Desta vez ele teve certeza. Mais um, e outro.

Os sassânidas que estavam na ponte de abordagem sabiam que havia algo de errado. Eles pararam de gritar e berrar para a defesa, Entreolharam-se confusos. Era o barulho, algo além do som dos homens em combate, algo profundo. Baixo e elementar. Algo como uma onda quebrando em uma praia rochosa.

Enquanto Balista observava, começou a sair fumaça de toda a rampa de cerco. O barulho mudo para o rugido profundo de um terremoto. A rampa parecia tremer. A ponte de abordagem começou a balançar enlouquecida. A expressão no rosto dos sassânidas transformou-se em horror. Devagar no começo, e de repente rápido demais para se acompanhar, o centro da rampa afundou e sumiu de vista. As três paredes laterais ficaram em pé por um momento. A ponte de abordagem chacoalhava de um lado para o outro por cima do abismo. — *Pulem!*

Ao berrar, Balista deu meia-volta e começou a correr. As tábuas de madeira sob seus pés se inclinaram. Ele se esforçava para sobir, usando as mãos e os pés, com a espada pendurada perigosamente no laço que a prendia a seu pulso. A ponte de abordagem escorregou para trás, para dentro do vazio. A ponta afiada ficou presa por um momento ao parapeito.

Com um pulo impulsionado pelo desespero, como o salto de um salmão, Balista conseguiu se agarrar com os dedos da mão direita à extremidade da ponte. Ouvia-se um ronco ensurdecedor, Uma nuvem em forma de cogumelo de poeira e fumaça o deixou engasgado e cego. O parapeito cedeu. A ponte de abordagem começou a deslizar para dentro do abismo.

Uma mão pegou seu pulso. A pele escorregou, depois se firmou. Outra mão se juntou à primeira. Depois outra. Haddud e Máximo puxaram Balista para a plataforma de batalha.

Durante um tempo, ele ficou deitado de barriga para cima no meio da poeira, com as mãos sobre a ferida da coxa. Através da escuridão, ele escutava o rugido do movimento de milhares de toneladas de terra, madeira e pedra, e centenas, milhares de homens berrando.

Rolos espessos e densos de fumaça que tinham a intenção de manter os enxames

de insetos afastados se erguiam dos turíbulos. Apesar das nuvens de mosquitos, a noite era o momento do dia que Balista ainda gostava em Arete. A artilharia ficava em silêncio e um vento frio soprava do Eufrates. O terraço do palácio do *Dux Ripae* era o melhor lugar para aproveitá-la. Ali, com a porta vigiada pelos *equites singulares* e a presença irritante de Calgaco, Balista podia desfrutar de certa privacidade,

O homem do norte pegou sua bebida e foi se sentar na amurada, deixou uma perna pendurada. À meia-luz, morcegos esvoaçavam pela face do despenhadeiro. Abaixo dele, o grande rio passava, sempre mudando, sempre o mesmo. O verde dos tamariscos fornecia alívio bem-vindo aos olhos. Do outro lado do rio, veio o rego de uma raposa.

Balista pousou a bebida na muralha e olhou de novo para o amuleto que os dois guardas tinham lhe trazido. O mensageiro da Subura tinha, obviamente, morrido. O amuleto tinha sido encontrado no corpo dele. Em vida, ele o tinha usado sob as roupas. A tira de couro usada para amarrar ao pescoço estava dura por causa do sangue seco. O amuleto era um disco circular que não chegava a 5 centímetros de diâmetro. Era uma placa de identificação; tinha um lado em branco, o outro marcado com duas palavras: MILES ARCANUS. Balista o virou nas mãos.

Os pensamentos do homem do norte foram interrompidos pela aproximação de Calgaco.

— Aquela vaca síria gostosa e o pai miserável dela estão à porta. Ele diz que quer falar com você. Deve estar querendo saber por que você ainda não a comeu.

— Esta conversa seria mesmo muito interessante.

— O quê?

— Deixe para lá. Pode pedir para que entrem?

Calgaco se afastou.

— O seu pai a teria levado para a cama meses atrás. Qualquer homem com a cabeça no lugar teria feito isso.

Balista colocou o amuleto na bolsa da cinta e desceu da muralha. Ajeitou a túnica. Ainda não havia tido oportunidade de se lavar nem de comer.

— *Dominus, o synodiarch* Iarhai e sua filha Bathshiba. — Calgaco não poderia ter soado mais cortês.

Balista tinha visto Iarhai muito pouco recentemente. Nos últimos dois meses, o escoltador de caravana raramente aparecia nas muralhas. Cada vez mais, confiava o controle de seus soldados ao capitão mercenário Haddudad. Ele era um bom oficial, mas as ausências contínuas de Iarhai eram preocupantes.

Quando Iarhai avançou da escuridão do pórtico, Balista foi surpreendido pela mudança nele. Parecia mais magro, até mesmo extenuado. O nariz e o pômulos quebrados pareciam mais pronunciados. As rugas da testa e ao lado da boca estavam mais profundas.

— *Ave*, Iarhai, *Synodiarch* e *Praepositus*. — Balista o cumprimentou da maneira formal, dando seus títulos tanto de escoltador de caravana quanto de oficial romano.

— *Ave*, Balista, *Dux Ripae*.

Eles apertaram as mãos.

Com um nó na garganta, Balista se voltou para a moça.

— *Ave*, Bathshiba, filha de Iarhai.

Os olhos dela eram muito pretos. Os dois sorriram quando ela retribuiu o cumprimento dele.

— Calgaco, pode trazer mais um pouco de vinho e alguma coisa para comer? Algumas azeitonas e castanhas?

— *Dominus*. — O ancião caledônio saiu sem fazer barulho.

— Se nos sentarmos na amurada, podemos sentir a brisa fresca.

Balista observou o movimento delicado de Bathshiba quando ela se sentou, dobrando as pernas embaixo de si. Estava vestida como um dos mercenários do pai. Tirou a touca e a colocou atrás de si na amurada. O cabelo preto e comprido caiu-lhe sobre os ombros. Pai-de-Todos, o corpo dela realmente tinha sido feito para se encaixar no de um homem!

Balista conhecia o suficiente dos orientais para saber que não deveria falar primeiro com a filha, muito menos perguntar ao pai subitamente o que ele desejava.

— Os seus homens fizeram um bom trabalho, Iarhai, muito bom mesmo.

— Obrigado. É em parte sobre eles que quero conversar com você.

Quando Balista assentiu, o escoltador de caravana prosseguiu.

— Eles sofreram muitas baixas. Sobraram apenas cento e cinquenta dos trezentos mercenários originais, e mais de cem dos cidadãos recrutados morreram. Gostaria de ter a sua autorização para convocar mais cem civis. Enquanto estiverem passando por treinamento, podem ser colocados junto à muralha do sul, onde as coisas costumam ser mais calmas.

— Sim, já previa que algo do tipo logo seria necessário. Acho que deveria tentar recrutar mais, digamos, duzentos. Se for difícil encontrar homens livres adequados, podemos oferecer a liberdade a alguns escravos saudáveis.

— Meus colegas escoltadores de caravana, Anamu e Ogelos, não vão gostar nada disso.

— Não, mas como eles não foram colocados na muralha do deserto, as tropas deles não sofreram baixas comparáveis.

— Vou conversar com eles sobre o assunto com muito tato. Não desejo aborrecê-los.

Calgaco trouxe comida e bebida. Balista deu um gole em seu vinho e ficou refletindo sobre as últimas palavras de Iarhai. Não apenas sua aparência parecia ter mudado.

Iarhai, que ainda estava em pé, aproximou a caneca de Balista.

— Parabéns pela destruição da rampa de cerco dos persas ontem. Foi um belo golpe, — Enquanto o homem do norte abaixava a cabeça para aceitar o cumprimento, Iarhai prosseguiu, — As defesas estão indo bem, A destruição da rampa foi um ponto crucial. Agora o perigo é menor.

Por dentro, Balista suspirou. Iarhai, no fundo, não podia acreditar que o perigo tivesse passado, de jeito nenhum, como o próprio Balista também não acreditava. O escoltador de caravana tinha plena consciência do túnel dos persas no penhasco, da possibilidade de outro ataque com força total, da ameaça de traição sempre presente.

— Acho que ainda há um longo caminho antes de estarmos a salvo. — Balista sorriu para tentar aliviar a impressão de qualquer suspeita de contrariedade a seu convidado.

Um breve silêncio se instalou enquanto todos tomavam um gole de vinho.

— As coisas vão bem ao leste. As suas providências no rio foram boas.

Como não tinha havido uma repetição da única empreitada sassânida por água, Balista tinha permitido que alguns barcos de pesca saíssem sob rígida supervisão militar. Pelo menos um legionário da *Porta Aquaria* acompanhava cada barco. Os dez legionários que trouxeram o barco de cereais de Circésio se mostraram úteis,

— Sim, é bom comer sardinha e enguia fresca — Balista respon deu. Ficou imaginando até aonde aquilo iria. Iarhai tinha estabelecido sua lealdade ao falar sobre seus soldados, depois fingira achar que o perigo tinha passado e agora

mencionava o rio. O homem do norte deu mais um gole. Quando conheceu Iarhai, tinha achado que ele era maravilhosamente direto para um oriental. Muita coisa tinha mudado.

Um músculo tremeu no pômulo quebrado de Iarhai.

— Sou dono de alguns dos barcos. — Ele olhou na direção do rio, para a noite mesopotâmica que se aproximava. — Um deles se chama *Ísis*. — Ele pronunciou o nome da deusa com desgosto. — É grande para um barco de pesca. Tem bancos para dez remadores. Antes disto tudo, eu costumava usá-lo para fazer passeios rio acima... para pescar e caçar. Às vezes ia até Circésio.

— Todo mundo no Ocidente acredita que seja impossível conduzir um barco contra a correnteza do Eufrates, porque ela é muito forte — Balista disse. Ele deu uma olhada em Bathshiba. Ela estava sentada absolutamente imóvel. Sua expressão não demonstrava nada.

— A corrente é forte. Geralmente, é preciso remar trechos curtos e se aproximar da margem. Conduzir um barco acima do rio que é a mãe de todos os outros dá muito trabalho. Mas é possível. Não seria interessante para os negócios das caravanas que as autoridades de Roma soubessem que isso pode ser feito. — Iarhai sorriu. Por um instante, pareceu o velho e bom homem de sempre.

— Bom, não vou dizer a eles, a menos que isso seja necessário. — Balista sorriu também, mas o calor tinha se esvaído do rosto de Iarhai.

— Eu gostaria de lhe pedir um favor, — Iarhai parou de falar. Não disse mais nada.

— Eu irei atendê-lo, se for possível — Balista respondeu.

— Quero que o *Ísis* me seja devolvido. Quero permissão para que dez dos meus homens o levem até Circésio. Quero que levem minha filha para lá.

Balista tomou o cuidado de não olhar para Bathshiba. Dava para sentir a imobilidade dela.

*Sinto muito, mas creio que não posso dar permissão para isto. Não é algo que possa ser feito em sigilo. Assim que as pessoas descobrissem que você levou a sua família para um lugar seguro, todo mundo pensaria que a cidade está prestes a cair. Causaria pânico. Se eu permitir que faça isto, como poderia recusar o mesmo privilégio aos outros? Anamu, Ogelos, os conselheiros... todos iriam querer um barco para sair e levar as pessoas que lhes são queridas para um lugar seguro. —* Ciente de que estava falando demais, Balista se calou.

— Compreendo. — A boca de Iarhai era uma linha fina, parecida com a de um peixe. — Não vou mais incomodá-lo. Preciso passar os meus homens em revista.

Vamos, filha.

Bathshiba se levantou da mureta. Ao se despedirem com formalidades, Balista não conseguiu ler nada no rosto dela.

Calgaco apareceu e os conduziu até a saída.

Balista se apoiou na mureta e olhou para a noite. Batendo as asas em silêncio, uma coruja caçava sobre a grande ilha. Mais uma vez, ele escutou o regougo de uma raposa, agora mais próximo. Ouviu um passo leve atrás de si. Virou-se rápido, já colocando a mão na espada. Bathshiba estava lá, parada, mas fora de seu alcance.

— A idéia não foi minha — ela disse,

— Não achei que fosse.

Eles se olharam sob o luar pálido.

— Estou preocupada com o meu pai. Ele não é mais o mesmo. A guerra já não está mais em seu sangue. Mal vai até as fortificações. Deixa tudo que diz respeito aos soldados a cargo de Haddudad. Fica o tempo todo em seus aposentos. Quando alguém pede a opinião dele a respeito de qualquer coisa, ele simplesmente responde que tudo vai ser como deus quiser. Você já deve ter visto. Ele está até mesmo sendo simpático com Anamu e Ogelos.

Balista deu um passo na direção dela.

— Não. O meu pai está esperando ao portão. Esqueci uma coisa aqui. — Desviou-se de Balista e pegou a touca na mureta. Ela a enfiou na cabeça e escondeu o longo cabelo preto embaixo dela. — Preciso ir. — Bathshiba sorriu e saiu.

Mais uma vez sentado na mureta, Balista pegou o amuleto da bolsa e o revirou nas mãos. MILES ARCANUS: literalmente, segredo ou soldado silencioso. Era a marca de um *frumentarius*.

Balista suava feito um cristão na arena. O ar era muito ruim lá embaixo, fechado e fétido. Era difícil respirar direito. Com um gesto de Mamurra, o homem do norte se agachou e se deslocou assim até a extremidade direita da galeria. O suor colava nas laterais do corpo. Ele se ajoelhou e encostou a orelha no primeiro escudo redondo que estava ajeitado rente à parede. O bronze era frio contra a pele. Ele escutou. Ficou com vontade de fechar os olhos para se concentrar na escuta, mas tinha medo do que poderia acontecer quando voltasse a abri-los. Ele já tinha feito isso uma vez, e não desejava reviver aquele arroubo quase físico de pânico que percorreu seu corpo quando seus olhos lhe disseram que ele continuava dentro do túnel.

Depois de um tempo, ele olhou para Mamurra e sacudiu a cabeça. Não conseguia escutar nada. Mamurra fez um gesto para o escudo seguinte. Com o medo atordoando-o, Balista arrastou os pés e encostou a orelha na placa de metal seguinte. Tapou o outro ouvido com a mão. Tentou se acalmar, filtrar as batidas fortes de seu coração, os pequenos ruídos de arranhões quando o escudo se movia imperceptivelmente e raspava na pedra. Sim, agora ele achava que tinha escutado alguma coisa. Escutou mais um pouco. Não tinha certeza. Fez um gesto de indecisão com as palmas das mãos voltadas para cima. Mamurra apontou para o último escudo. Com este não houve dúvidas. Lá estava. O tilintar ritmado e contínuo das picaretas na pedra.

Balista assentiu. Mamurra apontou, fez a mão descrever um arco de 45 graus à esquerda. Então, ainda sem falar, esticou os dedos da mão direita uma, duas, três vezes. A mina do inimigo estava se aproximando da esquerda; estava a cerca de 15 passos de distância. Balista assentiu e fez um movimento com a cabeça na direção da entrada. Mamurra respondeu com um aceno de cabeça. Ainda agachado, Balista se virou para sair, torcendo para que seu ridículo alívio não ficasse muito evidente.

De volta à superfície, vindo do mundo dos mortos, Balista sugou o ar para dentro dos pulmões. Apesar de quente, áspero e cheio do pó que pairava sobre a cidade de Arete, parecia a ele com o ar mais fresco e mais limpo do oceano do norte de sua infância. Inspirando-o com gosto, ele usou o lenço do pescoço para enxugar o suor e o pó que faziam seus olhos arderem. Máximo lhe passou um odre com água. Ele fez uma concha com a mão, encheu-a e lavou o rosto. Acima dele, a vela de vento sobre a entrada da mina estava caída. Um dos engenheiros de Mamurra derramava um balde de água sobre ela para tentar fazer com que esvoaçasse melhor.

— Agora posso mostrar a você a vista de cima — disse Mamurra.

Em contraste com o que tinha acontecido antes, a vista das fortificações da torre do sudoeste era olímpica. Ali, à direita, estava o que tinha sobrado da rampa de cerco dos persas. Toda quebrada, parecia uma baleia encalhada na praia. A amplidão da planície se estendia. Projéteis espalhados, roupas esfarrapadas e ossos bem brancos rompiam a monotonia ampla e bege que se prolongava até o acampamento sassânida.

Eles ficaram agachados atrás do parapeito consertado inúmeras vezes. Desde a destruição da rampa, os tiros tinham sido sem propósito, mas a visão de um homem, ainda assim, atrairia projéteis. Mamurra tomou emprestado um arco de uma das sentinelas. Escolheu uma flecha com penas bem coloridas. Ele olhou por cima da muralha para enxergar seu alvo, agachado mais uma vez atrás de uma proteção, respirou fundo e deu um passo à frente para puxar a corda e

soltar. Balista observou que Mamurra não puxou a corda do arco com dois dedos, mas sim com o polegar, como os nômades das estepes.

— Hum. — Mamurra grunhiu quando a flecha caiu no chão e ficou lá com as penas vermelhas ao vento. Refletiu por um momento ou dois. — Está vendo aquela flecha? Agora dirija os olhos 5 passos à direita. Agora, quase 10 passos à frente. Não chegue até o resto de material amarelo. Está vendo uma coisa que se parece com um monte alto de terra? — Balista viu. — Agora, vá mais para a frente, 25, 30 passos. Está vendo o monte seguinte? E depois, a distância semelhante, o que está além do segundo?

— Estou vendo todos, O seu tiro não foi muito bom — Balista disse.

— Já dei tiros melhores, — Mamurra sorriu. — Cumpru sua função, Agora você pode ver os poços de respiro que os répteis escavaram para a mina deles. O túnel dos persas é consideravelmente mais longo do que o nosso, de modo que os respiradouros se fazem necessários. O nosso tem cerca de 40 passos de comprimento. Se avançarmos muito mais, o ar fica ruim na ponta da mina. A vela de vento ajuda um pouco. Se houvesse tempo, teríamos escavado outro túnel ao lado da nossa mina: quando se acende uma fogueira na boca de um túnel paralelo, ela puxa o ar ruim.

Pai-de-Todos, mas este aqui é um bom engenheiro de cerco, um bom *Praejectus Fabrum*. Tenho sorte de tê-lo comigo.

— Acho que o túnel deles vai passar logo à esquerda da nossa galeria em forma de cruz. Vamos ter de cavar um pouco mais para pegá-los — Mamurra prosseguiu, em resposta à pergunta não proferida de Balista. — Existe o risco de eles nos escutarem, de estarem preparados para nós. Mas vamos cavar e escutar em turnos. De todo modo, não dá para evitar.

Ambos ficaram em silêncio. Balista ficou imaginando se Mamurra também teria conjecturado se o traidor já avisara os sassânidas a respeito do túnel dos romanos.

— Quando for interceptá-los, o que vai fazer?

Como geralmente era seu jeito, Mamurra ruminou a questão lentamente.

— Podemos tentar destruir o túnel por baixo, acender uma fogueira e enchê-lo de fumaça, forçando-os a sair. Ou podemos vir de cima, jogar projéteis, talvez derramar água fervente, tentar fazer com que a mina deles seja inutilizada. Mas nada disso realmente responde a questão. Como eu disse ao garoto grego quando ele falou de ursos, abelhas, escorpiões e essas coisas, vai ser um trabalho sórdido com uma espada curta.

— E depois?

— Vamos derrubar a mina deles. De preferência, quando não estivermos mais lá dentro.

— De quantos homens vai precisar?

— Não muitos. Um número muito grande pode ser um fardo no subsolo. Quando eu pedir, traga a centúria de reserva que está fixada no *campus martius*. Vou levar vinte deles no túnel comigo e juntá-los aos meus mineiros, Vou deixar o resto da centúria perto da entrada do túnel. Fique com Castrício, para o caso de as coisas não correrem bem. — Os cantos da boca de Mamurra estavam puxados para baixo.

— Vou dizer ao centurião Antonino Posterior que apronte seus homens.

Dois dias se passaram antes que um mensageiro com o rosto vermelho surgisse à procura do *Dux Ripae*. Balista reuniu Antonino Posterior e seus homens. Quando chegaram à mina, Mamurra estava esperando. Não havia tempo para despedidas extensas. Balista apertou a mão de seu *praejectus fabrum* e Mamurra conduziu vinte legionários para dentro do túnel.

Depois de um período de inatividade, quando nada era requisitado, Balista fez o que todos os soldados fazem: se sentou. Não havia sombra a partir da qual ele pudesse observar a entrada, de modo que ele se acomodou com o sol às suas costas. Observou a terrível boca negra do túnel. Era dia 29 de setembro, três dias antes do *kalends* de outubro. Era outono. No norte, devia estar fresco. Aqui, ainda estava muito quente. Ele enrolou a capa nos ombros para impedir que o sol batesse nos anéis de metal de sua cota de malha.

Calgaco chegou com alguns escravos do palácio. Eles distribuíram sacos de pele com água. Balista tirou o capacete e o lenço do pescoço. Colocou um pouco de água na boca, bochechou e cuspiu. Depois, segurando o saco longe dos lábios, derramou um jato reluzente do líquido fresco no fundo da garganta.

Balista passou o saco de pele com água para Máximo, olhou ao redor e avistou seu mais recente porta-estandarte: um macedônio de rosto encarado chamado Pudens.

— *Dracontius*, leve o meu estandarte até o Portão de Palmira. Faça com que os persas vejam o dragão branco esvoaçando lá como sempre. — Balista escolheu um de seus *equites singulares*, um gaulês de cabelo claro. — *Vindex*, leve minha capa. Vista-a e se exiba ao lado do estandarte. Finja que é o *Dux Ripae* por um tempo. Deixe que os persas pensem que este é um dia como outro qualquer.

Mamurra tirou o ouvido do escudo de bronze. Estava na hora. Segurando-o de

modo que não fosse se chocar contra nada, Mamurra deu um passo para a frente e se colocou no meio de dois mineiros, depois entre os dois homens com arcos. Apoiou o escudo na parede lateral para tirá-lo do caminho e se agachou. À luz bruxuleante das lamparinas a óleo, todos olhavam fixamente para ele. Sussurrando, Mamurra disse:

— Agora.

Os dois mineiros ergueram as picaretas, entreolharam-se e deram o golpe. O barulho soou muito alto depois do silêncio no espaço fechado. *Crash-crash*, farpas voaram. Os dois arqueiros protegeram os olhos. *Crash-crash, crash-crash*, os homens com as picaretas trabalhavam em conjunto, concentrando os golpes em um único ponto. Nus até a cintura, os corpos deles brilhavam com o suor.

Mamurra sacou as armas — uma espada antiquada curta, um gládio na mão direita e uma adaga, um *pugio*, na esquerda. Muito dependia da rapidez com que os homens com as picaretas conseguissem abrir uma entrada na fina parede do túnel. Mamurra torceu com fervor para que estivesse certo. De acordo com todos os seus cálculos — e com todos os seus instintos — a mina persa tinha avançado além do túnel romano. A abertura deveria levar os romanos a algum ponto atrás da superfície da escavação dos persas.

*Crash-crash, crash-crash*. Vamos lá, vamos lá. Qual seria a espessura da parede? Mamurra tinha certeza de que cederia a qualquer momento. Percebeu que estava cantarolando, sem abrir a boca, uma canção de marcha dos legionários, tão antiga quanto Júlio César:

*Para casa trazemos nosso comedor de putas careca,*

*Romanos, tranquem as esposas!*

*Todas as sacas de ouro enviadas a ele*

*Foram para pagar suas putas galesas.*

Uma das picaretas entrou até o cabo na parede. Os mineiros redobram os esforços para alargar o buraco. *Crash-crash, crash-crash*.

— Basta — Mamurra berrou.

Os homens que seguravam as picaretas deram um passo atrás. Os homens com os arcos deram um passo à frente. Puxaram a corda e soltaram as flechas diretamente dentro do buraco. Deu para ouvi-las ricocheteando na parede oposta. Puxaram as cordas mais uma vez. Atiraram novamente, agora um para a esquerda, o outro para a direita. As flechas pegaram nas paredes de pedra. Os arqueiros se colocaram de lado.

Mamurra e o homem ao lado dele se lançaram para o buraco e para o interior da mina persa. Ao bater na parede do outro lado, Mamurra virou para a direita. O homem ao seu lado se virou para a esquerda. Mamurra deu uns dois passos e então esperou até que outro homem se juntasse a ele.

Os dois avançaram juntos. Mamurra se manteve abaixado. Sem capacete nem escudo, ele se sentia terrivelmente vulnerável. A distância, um fecho de luz entrava por um dos buracos de respiro dos persas. Além dele, enxergou as silhuetas indistintas dos sassânidas. Teve um vislumbre de um arco recurvado. Resistiu à tentação de se colocar bem rente à parede — flechas eram capazes de acompanhar paredes. Ele se agachou, tentando encolher-se o máximo possível. Ouvia o zunido das penas quando as flechas cortaram o ar, sentiu um vento quando elas passaram.

Mamurra apurou um pouco o corpo, já que não estava disposto a bater a cabeça no teto irregular do túnel, e correu na direção dos persas. Os dois guerreiros orientais da frente sacaram as espadas, ficaram parados por um instante, então deram meia-volta para correr. Um tropeçou. O legionário que estava ao lado de Mamurra se lançou por cima do persa caído, firmou um pé na parte inferior da coluna dele e esfaqueou a cabeça, o pescoço e os ombros do homem, repetidamente.

— Espere — Mamurra berrou. — Tragam os escudos.

Escudos cobertos de vime foram passados para a frente. Quatro legionários improvisaram uma barreira.

— Onde estão os mineiros? Muito bem. Derrubem as vigas do túnel e façam a mina dos répteis ruir.

Quando os homens com as picaretas começaram a trabalhar, Mamurra se virou para ver o que estava acontecendo na direção oposta, na cabeça da mina. Ele não viu o que lhe atingiu, apenas sentiu o terrível impacto direto. Ficou em pé por um instante, atordoado, sem sentir nada além de uma vaga surpresa. Então uma onda violenta de náusea lhe subiu do estômago quando a dor o invadiu. Ele viu o chão irregular do túnel se aproximar ao cair. Sentiu o rosto ir ao encontro da pedra com força. Ficou consciente apenas tempo o bastante para ouvir o contra-ataque persa e sentir um homem pisar em sua canela.

A primeira notícia que Balista teve sobre o desastre abaixo do solo foi quando viu um legionário sair correndo da entrada da mina. Com as mãos vazias, o homem parou e olhou ao redor feito um idiota. Outro legionário se seguiu a ele. Quase deu um encontrão no primeiro homem.

— Merda — disse Máximo, baixinho.

Todos se levantaram. Os soldados ao redor da entrada apuraram as armas.

Antonino Posterior começou a fazer com que se enfileirassem. Agora havia um fluxo de homens correndo para fora da mina. Todo mundo percebeu o que tinha acontecido. Os persas tinham vencido a luta subterrânea. A qualquer momento, persas sassânidas explodiriam para fora da mina, bem nos calcanhares dos romanos fúgtivos. Castrício estava ao lado de Balista, esperando.

— Derrube a sustentação da mina — Balista disse.

Castrício se virou e deu uma seqüência rápida de ordens. Um grupo de homens com pés de cabra e picaretas se esforçou para entrar pela boca do túnel contra o fluxo de legionários tomados pelo pânico. Outros pegaram as cordas que já estavam amarradas nas vigas de sustentação da mina.

— Não! — Máximo pegou no ombro de Balista com um apertão forte. — Não, você não pode fazer isto. Os nossos homens ainda estão lá embaixo.

Balista o ignorou.

— O mais rápido possível, Castrício.

— Seu desgraçado, não pode fazer isto. Puta que pariu, Mamurra ainda está lá embaixo.

Balista abordou o guarda-costas.

— Você quer nos ver mortos?

Um barulho de trabalho frenético vinha da boca escura do túnel.

— Seu canalha, ele é seu amigo.

Sim. Sim, ele é, mas, Pai-de-Todos, preciso fazer isto. Não pense, apenas aja. Haverá muito tempo para recriminações mais tarde, para culpar-me. Não pense, apenas aja.

Os homens com pés de cabra e picaretas dispararam para fora da mina. Mais um par de legionários apareceu com eles. Castrício berrou mais ordens. Os homens das cordas se prepararam e... um, dois, três... começaram a puxar.

Balista observou. Máximo tinha se virado para o outro lado.

Primeiro um, depois outro homem se deslocou para a frente, tropeçando, alguns caíram quando a força se esvaiu de suas cordas. Uma por uma, as vigas de sustentação foram derrubadas. Ouviu-se um rangido baixo; depois, um urro estranho. Uma nuvem de fumaça densa envolveu a boca da mina.

Havia apenas luz suficiente para enxergar dentro do túnel persa. Apesar de Mamurra ter permanecido de olhos fechados, ele sabia que havia luz suficiente para enxergar. Estava deitado de barriga para cima. Havia um peso esmagador em cima dele, um cheiro forte de couro. Ele escutava vozes persas. Uma delas

obviamente berrava ordens. Estranhamente, a canela doía mais do que a cabeça. O pungente gosto ferroso estava em sua boca.

Com cautela, Mamurra entreabriu os olhos. Havia uma bota em cima de seu rosto. Ela não se movia. Obviamente, seu proprietário estava morto. Ouviu um rangido distante, que se transformou em um rugido. Houve uma explosão de gritos, o som de homens correndo e o túnel se encheu de poeira.

Mamura fechou os olhos e tentou respirar levemente pelo nariz. Não ousava tossir. Quando o momento passou, tudo ficou em silêncio. Voltou a abrir os olhos. Tentou se mexer, mas só o braço direito respondeu, e ele ralou a pele do cotovelo na parede. Deslocou um pouco a bota do morto para ficar mais fácil respirar.

Estava sob uma pilha de cadáveres. De algum modo, aquilo, o rugido e a poeira lhe revelaram tudo. Os persas vitoriosos tinham-no jogado de lado, para fora do caminho, junto com outras baixas.

Estavam bem nos calcanhares dos legionários em fuga quando Balista fez a mina romana desmoronar. Canalha. Canalha da porra! Não havia mais nada que o homem do norte pudesse fazer, mas que canalha da porra.

Tudo estava muito quieto. Mordendo o lábio para suportar a dor, Mamurra mexeu o braço direito. Sua espada e sua adaga não estavam mais lá. Descansou por um momento. Tudo continuava em silêncio. Lentamente, abafando um gemido de dor, ele movimentou a mão direita para cima e para o lado, empurrando-a para dentro da gola do colete de cota de malha, para baixo da gola da túnica. Sem conseguir evitar gemer com o esforço, ele liberou a adaga escondida. Deixou o braço cair, colocando a adaga perto do quadril direito. Fechou os olhos e descansou.

A morte não o preocupava. Se os filósofos epicuristas estivessem certos, tudo simplesmente seria uma questão de voltar ao sono e ao descanso. Se estivessem errados, ele não sabia muito bem o que iria acontecer. Claro que havia as Ilhas dos Abençoados e os Campos Elíseos. Mas ele, na verdade, nunca tinha sido capaz de saber exatamente se eram lugares diferentes muito menos descobrir o que era necessário fazer para se entrar neles. Ele sempre tivera talento para alcançar lugares em que não deveria entrar... mas desta vez ele desconfiava que não seria assim. O Hades estaria à espera dele. Uma eternidade na escuridão e no frio, agitando-se e guinchando feito um morcego sem consciência.

Devia ser mais fácil para os sassânidas. Perceber na batalha, tornar-se um dos abençoados e ir direto para o céu. Mamurra nunca tinha se incomodado em perguntar o que supostamente existia no céu oriental: provavelmente arvoredos sombreados, vinho fresco e um fornecimento infundável de virgens com o traseiro grande.

Talvez fosse mais fácil para o homem do norte como aquele cretino do

Balista... ele com certeza não teve escolha, mas era um cretino de todo modo. O canalha e ele tinham conversado a este respeito. Lute e morra como um herói, e o deus altivo do homem do norte com aquele nome extravagante talvez, apenas talvez, enviasse suas donzelas com escudos para carregá-lo até o salão de um senhor da guerra glorificado onde, à maneira típica da região, você passaria a eternidade lutando todos os dias e, com seus ferimentos curados por mágica, beberia todas as noites. Mamurra lembrava vagamente que, no mundo de Balista, até os deuses morrem no final.

Não, não era a morte que incomodava Mamurra; o que o desconcertava era não estar vivo. Parecia ser uma piada monstruosa e obscena o fato de que o mundo continuaria sem que ele soubesse nada a respeito. Não saber. Ele, um homem que tinha desencavado tantas coisas que não deveria saber.

Ele sabia o que significava estar vivo. Caminhar por um campo de grãos, passando a mão pelos trigais enquanto o vento agitava a plantação; galopar num cavalo robusto pelo vale, por entre árvores até a água limpa que corria, ou mesmo até as montanhas e as árvores do outro lado... para ele, aquilo não era realmente estar vivo. Não, estar vivo era esperar no escuro de um beco pelo servente que ele tinha subornado ou ameaçado para vir destrancar o portão da cancela, esgueirar-se para dentro, entrar ali para desvendar os segredos sujos dos poderosos, dos fodidos que se consideravam superiores a gente como ele. Era ficar deitado no escuro, encolhido atrás do teto falso, com medo de mover um músculo, aguçando os ouvidos para escutar os senadores bêbados passarem da nostalgia à traição nua e crua. Isso é que era estar vivo, mais vivo do que em qualquer outro momento.

A canção começou a repassar em sua mente:

*Para casa trazemos nosso comedor de putas careca,  
Romanos, tranquem as esposas!*

Mamura ouviu os persas voltarem. Colocou a mão direita dentro da túnica mais uma vez. Seu punho se fechou ao redor do disco duro de metal. Seus dedos traçaram as palavras MILES ARCANA. Muito em breve ele seria um soldado muito silencioso. Se não doesse tanto, ele poderia rir. Os sons estavam se aproximando. Ele colocou a mão de novo na adaga perto do quadril. Ainda não tinha se decidido: deveria levar um dos canalhas com ele ou acabar com tudo bem rápido? De um jeito ou de outro, o quarto *frumentarius*, aquele que os outros não tinham identificado, estava preparado para morrer. O punho da adaga escorregava em sua mão.

As ervilhas secas se movimentavam na pele do pandeiro. Não muito, mas era

perceptível.

Máximo não gostou daquilo. Era como se os que tinham sido abandonados lá embaixo estivessem tentando chamar atenção. Era como se aquele enorme canalha de cabeça quadrada do Mamurra estivesse tentando cavar uma saída. Pobre canalha.

Castrício pegou o pandeiro e o deslocou do parapeito oeste da torre para o norte. Esperaram até as ervilhas secas assentarem. Elas ficaram imóveis durante um tempo, então se moveram.

Saíram e inspecionaram os três grandes caldeirões de água ao longo da muralha que dava de frente para a cidade. A água estava imóvel em todos.

Castrício os conduziu ao norte. Ali, na face interna da muralha da cidade, em intervalos de cerca de 5 passos, havia mais três caldeirões de água. A superfície estava encrespada nos dois mais próximos à torre; continuava imóvel no mais distante.

— O que eles estão fazendo está claro — Castrício disse. — Se o coitado do velho Mamurra estivesse certo ao dizer que a intenção original deles era fazer o túnel passar por baixo da muralha para levar soldados até o interior da cidade, eles mudaram de idéia. Eles sabem que estamos prevendo isto, então decidiram destruir a torre do sudeste e sair a cerca de dez passos da muralha ao norte dela.

Ele é bom, pensou Balista. Não é Mamurra, que a terra seja leve em cima dele, mas é bom. Enquanto Balista imaginava a linha convencional, deu-se conta de sua clara incoerência,

— É possível detê-los?

Sem pausa para pensar, Castrício respondeu:

— Não, não há tempo. Eles podem abrir o túnel deles a qualquer momento. Quando as ervilhas e as águas pararem de se mover, será a hora. Vou mandar o recado.

Depois disso, Balista e sua comitiva mal chegaram ao Portão de Palmira quando o recado os alcançou. Eles se viraram e retraçaram seus passos.

Nada se movia na superfície das águas. As ervilhas secas ficaram paradas. Os persas tinham parado de cavar. Não havia nada a fazer além de esperar. A torre e a extensão adjacente de muralha tinham sido evacuadas. Dois voluntários tinham permanecido nas fortificações da torre. Os termos eram os de sempre, no caso do surgimento de um grupo de ataque. Se eles sobrevivessem, receberiam uma alta soma de dinheiro. Se não, um herdeiro receberia o dinheiro. Balista tinha convocado ambas as centúrias de legionários de reserva, a de Antonino Prior do caravançarai e a de Antonino Posterior do *campus martius*. Os homens

foram convocados ao espaço aberto atrás da torre. Estavam armados. Também carregavam ferramentas de trincheira. Pilhas de madeira e de tijolos de barro estavam à mão. Aquilo era tudo em que todos tinham conseguido pensar.

Turpio, que agora ocupava o cargo de *praejectus fabrum* em exercício além de comandar a *Cohors XX*, estava em pé ao lado de Balista. Depois de Turpio vinha Castrício, agora o segundo homem do *praejectus fabrum*. Do outro lado de Balista, como sempre, estavam Máximo e Demétrio. O *draco* branco pendia atrás deles. Ficaram esperando.

Depois de uma hora, o incansável Calgaco apareceu, seguido por uma fila de escravos carregados de água e vinho. O *Dux Ripae* e seus companheiros beberam ávidos, em silêncio. Havia pouco sobre o que conversar. Nem mesmo Máximo, um tanto contrariado desde o dia do desastre subterrâneo, tinha algo a dizer.

Quando aconteceu foi quase sem aviso. Ouviu-se um estrondo ruidoso. A muralha próxima à torre sacudiu. Pareceu tremer. Mantida no lugar pelos enormes anteparos de terra, sem poder desmoronar para fora, na direção da planície, ou para dentro, para cima da cidade, ela escorregou verticalmente, cerca de dois passos, para baixo. Ela se abalou, com rachaduras ziguezagueando por sua face, mas permaneceu em pé. Um silêncio estupefato. Mais um estrondo alto. A torre do sudoeste se projetou para a frente como um bêbado. No entanto, sua descida foi amortecida pelo anteparo de terra externo, e ela permaneceu inclinada. Uma parte do parapeito improvisado desabou ocasionando uma chuva de tijolos. A torre continuou em pé.

Balista achou que os dois voluntários na torre estavam berrando. Mas não, segurando-se ao que tinha sobrado das fortificações, eles uivavam, uivavam feito lobos. O uivo ecoou ao longo de toda a muralha na medida em que os soldados, um após outro, foram se juntando ao coro. Então começaram a entoar uma palavra:

— Ba-lis-ta, Ba-lis-ta.

O homem alto do norte riu. Homens davam tapas em suas costas. As defesas de Arete continuavam em pé.

## XVI

Balista se encontrava deitado na piscina do *frigidarium*. A água fria estava aromatizada com cravos. Ele estava sozinho; tanto Máximo quanto Demétrio tinham pedido a noite de folga. Para qualquer pessoa que os conhecesse, não chegava a ser surpresa nenhuma depois de um dia daqueles. Eles buscariam alívio cada um a seu modo. Máximo encontraria ao lado de uma mulher; Demétrio optaria por outros confortos bem menos tangíveis, oferecidos por um adivinho de sonhos, um astrólogo ou algum outro charlatão do gênero. Balista ficara contente em conceder a folga. A solidão era um bem raro para um homem em sua posição.

Ele colocou os polegares nas orelhas, bloqueou as narinas com os indicadores e afundou. Imóvel embaixo d'água, com os olhos fechados, ele escutou seu coração bater, *o plinque, plinque* da água pingando. Aquele tinha sido um bom dia. As coisas tinham ido bem na torre e na muralha. Mas cada perigo ultrapassado trazia consigo outros renovados.

Balista emergiu, sacudiu a água do cabelo e a tirou dos olhos com as mãos, Tinha gosto de cravo. Desatento, ficou imaginando onde Calgaco teria conseguido aquela fragrância nova e inesperada. Ficou lá imóvel. As ondas na água cessaram. Balista olhou para seu corpo. Os antebraços estavam morenos, queimados de sol; o resto era de um branco pálido, as duas longas cicatrizes na parte esquerda do tórax ainda mais brancas. Ele flexionou o tornozelo esquerdo, sentiu o osso raspar e estalar. Deu um enorme bocejo e sentiu dor do lado direito da mandíbula, onde o osso tinha quebrado certa vez. Ele estava com 34 anos. As vezes, sentia-se muito mais velho. Seu corpo tinha sido castigado nos 34 invernos nos quais ele tinha caminhado na terra média, entre os deuses acima e o inferno abaixo.

Balista começou a pensar no cerco. Empurrou os pensamentos para longe, ansioso por prolongar a sensação momentânea de paz que o banho tinha lhe trazido. Pensou em seu filho. Já fazia mais de um ano — treze meses, sendo exato — desde que deixara Isangrim em Roma. O menino completara quatro anos em março. Devia estar crescendo rápido, mudando rápido. Pai-de-Todos, não permita que ele me esqueça. Capuz Fundo, Realizador de Desejos, permita que eu volte a vê-lo. Balista se sentiu esmagado pela saudade, pela tristeza. Sem querer se entregar às lágrimas, voltou a submergir.

Ele se levantou em um gesto abrupto e a água correu por seu corpo muito musculoso e surrado. Saiu da piscina e torceu o cabelo para tirar a água, Calgaco apareceu de repente e lhe entregou uma toalha, O homem do norte começou a se enxugar. Por algum motivo, nunca se acostumara com o hábito romano de

fazer alguém enxugá-lo.

— Gostou do perfume? — Calgaco perguntou, mostrando o que achava daquilo na entonação da voz.

— É bom.

— Foi um presente. Do seu pequeno e afetado *tribunus latidavius*. Por saber como você e Acilio Glabrio se estimam, eu experimentei primeiro em um dos escravos da casa. Ele não morreu, então deve ser seguro, — Os dois homens sorriram. — E aqui está o chambre que você pediu; do puro algodão indiano, o mais fino que existe... sua florzinha sensível — Calgaco desdenhou.

— É, sou famoso por isso.

— O quê?

— Nada.

Apesar de falar no mesmo volume de sempre, Calgaco costumava acreditar que uma mudança de tom nas piadinhas que ele inventava quando estavam sozinhos fazia com que elas fossem completamente inaudíveis.

— Coloquei um pouco de comida e bebida no terraço para você. Deixei à sombra do pórtico. Está tudo coberto para afastar as moscas.

— Muito obrigado.

— Vai precisar de mim hoje à noite?

— Não. Pode ir se refestelar na lascívia embriagada e assustadora que seus vícios exigem.

Sem nenhuma palavra de agradecimento, Calgaco se virou e se afastou. Na medida em que sua cabeça em forma de domo foi se afastando, suas reclamações foram fluuando junto, atrás dele.

— Lascívia... vícios... e quando é que eu poderia achar tempo para essas coisas, trabalhando sem parar, até altas horas, para cuidar de você?

Balista apertou o chambre macio em volta do corpo e se dirigiu para o terraço. Na escuridão que ia aumentando embaixo do pórtico, ele encontrou a comida encostada na parede. Ergueu a pesada cobertura de prata pela alça, serviu-se de uma bebida, pegou um punhado de amêndoas. Depois de voltar a cobrir tudo, ele foi até seu lugar de costume na amurada do terraço.

Era a melhor hora do dia. A oeste, os campos cultivados da Mesopotâmia iam assumindo um tom púrpura na medida em que a noite avançava. Um vento fresco soprava por cima do Eufrates. As primeiras estrelas brilhavam. Morcegos

caçavam na frente da encosta do despenhadeiro. Mas nada disso trazia de volta a Balista a paz da casa de banhos.

As coisas tinham se desenrolado bem naquele dia. Mas fora um golpe de sorte. Balista tinha mandado construir os anteparos de terra para proteger as muralhas e as torres de ataques de artilharia e de aríetes; o fato de terem salvado as defesas da escavação de um buraco subterrâneo fora pura sorte. No entanto, Balista deu um sorriso desalentado no escuro: se os outros achavam que aquilo tinha sido um ato de prevenção bem sucedido, não fazia mal nenhum continuarem acreditando para levantar o moral. Ele tinha dado ordens para capitalizar em sua sorte. Durante toda a noite, homens trabalhariam para escorar a torre inclinada com terra. Pela manhã, os parapeitos da torre e de muralha já teriam que ter sido substituídos ou erguidos.

Os persas tinham lançado todos os instrumentos de guerra de cerco sobre a cidade de Arete: torres de cerco, o grande aríete (a Fama de Sapor), a rampa de cerco, a mina. Tudo tinha falhado. As defesas tinham se segurado. Agora era o primeiro dia de outubro. As chuvas deviam chegar em meados de novembro. Não havia tempo hábil para os persas reunirem novos materiais e darem início à construção de maquinário de cerco regular. Mas apenas defensores com muito pouco conhecimento poderiam acreditar que o perigo tinha passado. O Rei dos Reis não teria a intenção de se retirar derrotado. As frustrações, as perdas, a mancha em sua glória: tudo isso serviria para fortalecer seu ímpeto. Sapor não teria intenção de levantar o cerco. Se os engenheiros não fossem capazes de lhe entregar a cidade, ele os castigaria (provavelmente de maneira selvagem) e passaria para uma estratégia simples. Ele decretaria mais uma tentativa de invadir a cidade.

Cinco meses e meio de cerco tinham pesado sobre os defensores. As perdas só faziam crescer. Quando os sassânidas lançassem mais um ataque, Balista imaginava se ainda haveria ou não defensores em número suficiente para segurá-los. A investida não seria amanhã; não havia tempo suficiente para Sapor e seus nobres colocarem seus homens em clima de luta. Seria no dia depois de amanhã. Balista tinha um dia. Amanhã ele enviaria mais homens para a muralha do deserto. Ele iria junto. Conversaria com eles, tentaria incentivá-los. Amanhã à noite ele ofereceria uma última ceia para seus oficiais e para os homens de liderança da cidade; tentaria incutir entusiasmo neles. Da maneira infausta, ele pensou no jantar final de Antônio e Cleópatra em Alexandria. Como tinham chamado mesmo os comensais? "Aqueles que são inseparáveis na morte"... algo do tipo.

Ao ver que tinha terminado sua bebida, Balista ficou imaginando por um segundo se seria capaz de lançar o béquer pesado de cerâmica por cima do mercado de peixes lá embaixo e para o fundo das águas negras do Eufrates, Ele não fez nada

parecido. Em vez disso, caminhou de volta para o pórtico. Estava muito escuro atrás das colunas. Ele só encontrou a comida porque já sabia onde estava.

Ouviu um barulho de algo raspando nos tijolos. Ele ficou paralisado. Ouviu novamente o barulho, que veio da ponta sul do terraço. Balista se agachou rente ao chão. Do parapeito do sul, uma silhueta apareceu. Comparado  escuridão sob o pórtico onde Balista esperava, estava razoavelmente claro no terraço. Balista pôde perceber a figura vestida de preto que descia do parapeito do lado sul, que dava para a cidade. Mais sons de tijolos raspados e duas outras silhuetas vestidas de preto se juntaram à primeira. Houve um som de atrito fraco quando os três sacaram suas armas. A luz das estrelas reluziu nas espadas curtas.

Balista levou a mão a sua própria espada. Não estava em seu quadril. Seu tolo, seu tolo idiota! Ele a tinha deixado na casa de banhos. Então era assim que tudo iria terminar: traído por sua própria estupidez. Ele tinha baixado a guarda e seria castigado. *Seu burro idiota de merda.* Até o coitado daquele canalha do Mamurra o alertara quanto a isto.

Os três assassinos vestidos de preto avançaram lentamente. Balista puxou o chambre para cima da cabeça para esconder o rosto e o longo cabelo claro. Se por algum milagre ele sobrevivesse, precisaria agradecer Calgaco por ter encontrado um chambre do mais fino algodão indiano, na cor preta, que seu *Dominus* gostava de usar. As silhuetas escuras avançavam pelo terraço. Movimentando-se com muita suavidade, os dedos da mão esquerda de Balista encontraram a grande tampa de prata da comida. Ele agarrou a alça. Sua mão esquerda encontrou o béquer de cerâmica pesado do qual estivera bebendo. Como armas não eram l grandes coisas, mas eram melhores do que nada. Acalmou a respiração e esperou.

Uma raposa regougou do outro lado do rio. Os três assassinos pararam. Estavam a apenas alguns passos de Balista. Um deles acenou, fazendo um gesto para que o que estava mais próximo de Balista fosse para baixo do pórtico. O homem do norte se levantou, pronto para sair correndo.

A porta do terraço se abriu. Um feixe de luz amarela brilhou até a muralha, fazendo com que tudo fora dele ficasse ainda mais escuro. Os assassinos pararam.

— *Kyrios? Kyrios, está aí fora?* — a voz de Demétrio chamou.

Depois de um momento, como não houve resposta, deu para escutar quando o jovem grego voltou para dentro do palácio. Sua sombra desapareceu do retângulo de luz.

Um dos assassinos falou baixinho em aramaico. Todos os três se esgueiraram em silêncio em direção  porta aberta. Aquele que estava logo depois do pórtico, com a visão noturna prejudicada por ter olhado para a luz, passou a menos de

quatro passos de Balista. Na beirada do feixe de luz amarelada eles pararam e ficaram bem próximos. Mais uma vez, um deles sussurrou em aramaico, tão baixo que Balista provavelmente não teria identificado as palavras mesmo se falasse aquela língua.

O primeiro assassino se esgueirou para dentro da porta.

Estou a salvo, pensou Balista. Deixarei que eles entrem, correrei até o outro lado do terraço, até a mureta norte, pularei para o beco, alguns passos até os guardas na porta do norte, pegarei os dois, correrei até o pátio principal, pegarei os cinco *equites singulares* do quarto dos guardas, uma espada e então voltarei aos aposentos particulares através da porta principal, Pegarei um dos canalhas vivos, e assim saberemos quem os enviou.

O segundo assassino se esgueirou pela porta.

Mas... Demétrio. O garoto grego seria morto, talvez Calgaco também.

Balista se moveu. Quando o terceiro assassino entrou pela porta, Balista o seguiu. O homem do norte bateu com o béquer de cerâmica com toda força na parte de trás da cabeça do homem. Ouviu-se um baque, o som da louça se quebrando. Engolindo em seco a dor, o homem se virou. Balista enfiou a peça quebrada no rosto dele, fincando as pontas na carne. O homem caiu para trás com o rosto deformado e ensangüentado.

Bem ao lado da porta, Balista se agachou em posição de luta, de lado, segurando a tampa da comida como um escudo improvisado, os cacos do béquer para trás, prontos para dar um golpe.

Um dos assassinos arrastou o homem ferido para fora do caminho. O terceiro homem deu um salto à frente e um golpe por baixo com a espada. Balista aparou o golpe com o escudo improvisado. Sentiu o metal mole entortar. O impacto atingiu seu braço e seu ombro. Ele se projetou para a frente com o béquer quebrado. O salto foi curto demais e o homem vestido de preto se desviou para fora de seu alcance. O homem deu outro golpe. Balista posicionou o escudo para se defender do golpe. Mais uma vez, seu contra-ataque não conseguiu atingir o alvo.

O assassino que não estava ferido se colocou atrás daquele que atacava Balista, agitando-se de um lado para o outro, desesperado para encontrar uma posição para atacar a presa. Balista sabia que, enquanto dominasse a passagem da porta, eles só poderiam atacá-lo um de cada vez. Mais um golpe levou embora um naco do escudo improvisado do homem do norte. Balista percebeu que estava soltando um urro de raiva profundo e gutural, muito alto. Vez após outra, a espada de seu oponente acertava seu escudo cada vez mais avariado. A tampa de prata da comida era imprópria, oferecia menos defesa e parecia mais pesada a cada golpe recebido.

O assassino, incapaz de conseguir vantagem sobre Balista, parou de pular de um pé para o outro. Olhou para baixo, para os menos de 10 centímetros de aço que se projetavam de sua barriga. Abriu a boca. Sangue escorreu. Ele foi lançado para o lado. Ao perceber que havia algo de errado atrás de si, o assassino que lutava contra Balista se abaixou, girou e desferiu um golpe na direção da cabeça de Máximo. O hibernico segurou o golpe, virando o pulso para deixar a lâmina de lado, e deu um passo para dentro para enfiar a própria arma na garganta do assassino,

— Não mate o outro. Leve-o vivo — Balista gritou.

O homem ferido se arrastou para a lateral da sala. Havia uma mancha de sangue por cima das lajotas quadriculadas. Antes que Balista ou Máximo pudessem fazer qualquer coisa, o último assassino se colocou de joelhos, encostou a ponta da espada na barriga, apoiou a empunhadura entre duas lajotas e se jogou para a frente. Ouviu-se um som terrível quando a espada perfurou suas entranhas. Ele caiu para o lado, recurvado por cima da própria lâmina, tremendo na agonia da morte.

As coisas não correram bem no jantar de Balista desde o início.

Não era a ambientação: a grande sala de jantar do palácio do *Dux Ripae* estava decorada de maneira esplendorosa. As janelas que davam para o terraço estavam abertas para que entrasse a brisa da noite que soprava do Eufrates. Peças dos materiais mais finos estavam penduradas para afastar os insetos. As mesas de cedro polido estavam arranjadas em um U invertido. Desrespeitando a convenção de que os convidados de um jantar não deviam ultrapassar o número das nove Musas, havia lugares arrumados para 13 pessoas. Quer fosse um conselho de guerra ou uma reunião social, seria uma ocasião apenas para homens. Para jantar com Balista, estavam ali seus comandantes seniores Acilio Glabrio e Turpio, e os três escoltadores de caravana transformados em oficiais romanos, Iarhai, Anamu e Ogelos. Alguns oficiais de menor escalão estavam presentes, os dois centuriões seniores das duas coortes da *Legio III*, Antonino Prior e Seleuco, o da *Cobors XX*, Félix, e Castrício, como sub *praefectus fabrum*. O número se completava com três dos conselheiros mais influentes da cidade: o cristão barbado Teodoto, um homenzinho comum chamado Alexandre e, o mais fora do comum, um eunuco chamado Otes. Como o pobre Mamurra dizia com frequência, as coisas eram muito diferentes no Oriente.

Também não era a comida, a bebida nem o serviço. Apesar dos meses de cerco, havia carne, peixe e pão em quantidades suficientes. Na verdade, as frutas eram limitadas: apenas algumas maçãs frescas e um pouco de ameixas secas, e as verduras e hortaliças eram poucas e esparsas ("Quanto custa a merda de um repolho?", como Calgaco tinha exclamado com eloquência); mas não havia o menor perigo de o vinho acabar e de os convidados serem reduzidos ao

expediente infeliz de beber água, e os serventes iam e vinham com eficiência silenciosa.

Durante todo o decorrer da refeição, dos ovos cozidos às maçãs, havia uma sombra pairando sobre o banquete. Nunca mencionados, mas nem por um instante esquecidos, pairavam os três corpos pregados em cruzeiros na ágora e a traição que representavam. Ao amanhecer, Balista fizera com que os assassinos fossem despidos e exibidos publicamente. Em cada cruz, embaixo dos pés deles, estava pregada uma plaqueta oferecendo uma grande recompensa para quem os identificasse. O rosto de um deles estava mutilado, mas os ferimentos dos outros dois eram no corpo. Devia ser fácil reconhecê-los. Até então, apenas um louco e dois homens que só os fizeram perder tempo tinham se apresentado. Os soldados tinham lhes dado uma surra por sua audácia.

Perto do fim da refeição, quando Balista repartiu mais um pão sem fermento e passou a metade para Turpio, ele percebeu que não podia ser o único a pensar que o traidor tinha que estar naquela sala.

O homem que tinha organizado o atentado contra a vida de Balista na noite anterior, o homem que trairia a cidade para o inimigo se pudesse; ele tinha de estar ali clamando pela saúde de seus comensais, enfiando seu pão nas tigelas comunais.

Balista examinou os convidados, À sua direita, Acilio Glabrio passava a impressão de que claramente preferia estar em outra companhia enquanto bebia avidamente o vinho de seu anfitrião. À sua esquerda, Turpio parecia estar se deleitando sozinho com as loucuras da humanidade de um modo geral e com aqueles ao redor da mesa em particular. Os três escoltadores de caravana, curtidos na escola do desprezo que nutriam uns pelos outros, não entregavam qualquer coisa a respeito de seus sentimentos. Havia pouco a ser deduzido da aparência dos conselheiros da cidade: o cristão Teodoto parecia beatificado, o eunuco Otes era gordo, o outro chamado Alexandre era praticamente obscuro. Os quatro centuriões demonstravam as expressões de respeito esperadas. Juntos, todos pareciam um grupo tão distante "daqueles que são inseparáveis na morte" quanto era possível imaginar: um grupo de homens disparatados jogados juntos por Tiquê, sendo que um deles era um traidor.

Como não era de surpreender, a noite passou devagar e a conversa tinha sido fraca. Não era adequado que os integrantes de menos importância do grupo, os centuriões e os conselheiros da cidade, dessem início à conversa. Os outros, para evitar o tema das crucificações e tudo que ele acarretava, tinham repassado vez após outra o curso provável que os acontecimentos tomariam no dia seguinte.

Ninguém duvidava que os persas fariam outro ataque pela manhã. Durante todo o dia, nobres sassânidas tinham sido vistos cavalgando para dentro e para fora de

seu acampamento, reunindo seus homens. Não havia sido feita nenhuma tentativa de esconder a distribuição das escadas de cerco, os reparos apressados aos manteletes. Todos concordavam, com certa convicção, que, depois de suas perdas terríveis, os persas não se dedicariam com afinco ao ataque: se permanecessem firmes por mais um dia apenas, Arete e todos que tinham sobrevivido na cidade estariam finalmente a salvo.

Todos concordavam que a última disposição da parca oferta de homens da defesa era a melhor que se podia esperar. Como as nove centúrias da *Legio IIII* na muralha oeste agora tinham a média de apenas 35 homens cada uma, e as seis da *Cohors XX*, apenas 30, Balista tinha ordenado que todos os mercenários sobreviventes dos três escoltadores de caravana fossem fixados ali. A eles iriam se juntar alguns arqueiros recrutados entre os homens da cidade, comandados por Iarhai; levando em conta a agora contumaz falta de envolvimento deste último, na verdade estavam sob a responsabilidade de Haddu-dad, Além disso, Balista tinha feito com que o número de máquinas de artilharia ali voltasse aos 25 originais, ainda que isso significasse tirá-las de outros lugares. Tudo isso pareceu deixar a defesa da muralha do deserto bem firme. Cerca de 1.300 homens, compostos de quinhentos soldados regulares romanos, quinhentos mercenários e trezentos homens convocados, com o apoio da artilharia, enfrentariam o ataque persa. E claro que isso custaria um preço. As outras muralhas agora eram defendidas apenas por civis convocados, com o apoio parco de pouquíssimos soldados romanos regulares e um número escasso de máquinas de artilharia.

Na hora do queijo, o silêncio foi rompido pelo conselheiro eunuco Otes que, possivelmente surpreso com a própria ousadia, dirigiu-se diretamente a Balista.

— Então, está dizendo que, se nos mantivermos firmes só por mais um dia, estaremos a salvo?

Um ou dois oficiais do exército não conseguiram esconder um sorriso por causa do uso do coletivo pelo eunuco: "Se nos mantivermos firmes". Eles nunca o viram em nenhuma das fortificações.

Balista ignorou a expressão no rosto de seus oficiais. Tentou sobrepujar o preconceito contra os eunucos, inculido nele tanto por sua infância no norte quanto por sua educação romana, Não era fácil. Otes era gordo de dar nojo e suave em profusão. A covardia era evidente na voz aguda e cantarolada dele.

— Falando de maneira geral, sim. — Balista sabia que isso não era verdade a não ser em termos muitíssimo gerais, mas o intuito daquela ocasião era inculir coragem nos homens de importância da cidade de Arete.

— A menos, é claro, que o nosso traidor entre em ação... que o nosso próprio Efiates mostre a Xerxes o caminho ao longo do cume da montanha e rompa os

flancos da nossa Thermopylae, de modo a sermos sobrepujados lutando bravamente como os trezentos espartanos contra os incontáveis homens da horda oriental. — A referência de Acílio Glabrio ao traidor mais infame da história grega (a notoriedade de Efiltes tinha sido imortalizada por Heródoto) causou um silêncio impactante, que o jovem patricio fingiu ignorar durante um tempo. Deu um gole, então ergueu os olhos: seu rosto era o retrato da inocência falsa. — Ah, sinto muito. Parece que eu observei que Anibal está aos portões, que existe um elefante no canto da sala... falei o que ninguém ousava falar.

Balista percebeu que, ainda que o cabelo e a barba de Acílio Glabrio estivessem asseados como sempre, havia bolsas de aparência nada saudável sob seus olhos e suas roupas estavam levemente desgrenhadas. Era possível que estivesse bêbado. Mas, antes que Balista pudesse intervir, ele prosseguiu.

— Se amanhã compartilharmos o destino dos espartanos, é possível que passemos nossa última noite como eles passaram, penteando o cabelo uns dos outros, passando óleo no corpo um dos outros, encontrando todo o consolo que for possível. — Acílio Glabrio revirou os olhos na direção de Demétrio enquanto falava.

O jovem grego, em pé atrás do sofá de seu *Kyrios*, mantinha os olhos no chão com todo o recato.

— Eu acho que seria melhor, *Tribunas Latidavius*, se um Acílio Glabrio como você, de uma família que, pelo que sei, alega remontar à fundação da República, tomasse exemplos da antiga virtude romana como modelo, digamos Horácio, Cicinato ou Africano, de passar a noite toda de vigia, checando as sentinelas, permanecendo sóbrio. — Balista não fazia idéia se os heróis romanos que ele tinha apontado tinham reputação de trocar o sono pela obrigação ou se misturavam bastante água ao vinho. Não fazia diferença. Sentia sua raiva aumentar.

— *Alega* remontar à fundação da República? *Alega!* Como ousa! Seu insolente... — O rosto de Acílio Glabrio estava rubro, sua voz se exaltava.

— *Dominus!* — A voz do *primuspilus* Antonino Prior estava acostumada a se fazer ouvir por todo o *campus martius*. Fez com que o comandante de sua unidade passasse no meio da frase. — *Dominus*, está ficando tarde. Devemos acatar a sugestão do *Dux Ripae*, Está na hora de conferirmos os postos de sentinela. — Antonino prosseguiu, sem dar oportunidade para que seu superior falasse. — *Dux Ripae*, os oficiais da *Legio IIII Scythica* agradecem por sua hospitalidade. Precisamos ir. — Enquanto falava, o centurião tinha se levantado e se colocado ao lado de Acílio Glabrio. O segundo centurião da legião apareceu do outro lado. Juntos, Antonino e Seleuco fizeram o seu jovem comandante se levantar, com

gentileza e ao mesmo tempo com firmeza, e o impeliram na direção da porta.

Acílio Glabrio de repente parou. Ele se virou e apontou com o indicador para Balista. O nobre tremia, toda a cor tinha se esvaído de seu rosto. Ele parecia nervoso demais para conseguir falar.

Segurando um cotovelo cada um, os dois centuriões o levaram porta afora sem que qualquer outra palavra fosse proferida.

Depois disso, a festa não durou muito mais tempo. Turpio, com Félix e Castrício, os centuriões sob seu comando, foram os próximos a ir embora, seguidos em rápida sucessão pelos escoltadores de caravana e os conselheiros.

Assim que se despediu do último convidado, o eunuco Otes ("Muito agradável, *Kyrios*, um grande sucesso"), Balista, com Demétrio nos calcanhares, retirou-se para seus aposentos particulares. Máximo e Calgaco estavam a sua espera.

— Arrumou as coisas que eu pedi?

— Sim, *Dominus* — Máximo respondeu.

— E também foram caras para caramba — Calgaco completou.

Na cama, estavam estendidos dois conjuntos de roupas. Túnicas vistosas em vermelho, azul, amarelo e púrpura, calças e toucas, listradas, debruadas e bordadas em cores contrastantes, como era o estilo local.

— Vamos seguir com isto.

Balista e Máximo começaram a tirar as roupas normais e vestir os modelos orientais.

— *Kyrios*, isto é uma loucura — disse Demétrio. — Que bem isto pode trazer?

Balista, depois de remover os dois ornamentos de sua cinta — a coroa mural e a ave de rapina folheada —, olhava para baixo, concentrado em prender um novo enfeite que dizia FELIX, boa sorte.

— Quando um oficial subalterno diz a seus superiores o que pensa, esses desejam escutar: "Os homens estão de bom humor, dispostos a lutar". Imagine o que vão dizer ao Rei dos Reis. Eu não sou nenhum Sapor, mas é sempre mais agradável trazer as boas notícias do que as ruins. — Balista enfiou o cabelo comprido embaixo da touca síria.

— Por favor, *Kyrios*, pense nos perigos... se não por si mesmo, para o que pode acontecer com o resto de nós se não for bem-sucedido.

Balista ficou imaginando se deveria remover a pedra de cura de âmbar da empunhadura da espada. Resolveu que não.

— Pare de se preocupar, rapaz. Não há maneira melhor de testar o moral dos homens. Em seus postos, sem supervisão, eles falam com intimidade sobre suas esperanças e medos. — O homem do norte deu um tapinha no ombro de Demétrio. — Vai dar tudo certo. Já fiz este tipo de coisa antes.

— Ninguém parece muito preocupado comigo — disse Máximo.

— Nós podemos abrir mão de você — disse Calgaco.

Balista pendurou uma combinação de estojo de arco e aljava no ombro, amarrou uma pele de lobo ao redor de si e se olhou no espelho que Calgaco segurava. Então olhou para seu guarda-costas.

— Máximo, esfregue um pouco de fuligem no nariz. Tirando essa bunda brilhante de gato branco, ninguém vai ser capaz de nos reconhecer. Parecemos uma dupla de mercenários dos mais vis contratados pelos escoltadores de caravana.

Os dois homens trocaram uma palavra discreta com os guardas e se esgueiraram para fora do palácio, pela porta do norte. Viraram à esquerda e atravessaram a região dos militares, na direção da muralha do deserto. No *campus martius*, foram confrontados por um piquete de legionários da centúria de Antonino Posterior que estavam fixados ali: *Libertas*. Deram a senha (*prinápatus*) e prosseguiram seu caminho.

Subiram até as fortificações fazendo um ângulo a noroeste da muralha, perto do templo de Bel. Ao serem confrontados mais uma vez (*Libertas*, *Principatus*) pararam apoiados no parapeito durante um tempo e ficaram olhando para o penhasco ao norte e para a grande planície a oeste. A distância, as inúmeras fogueiras do acampamento sassânida lançavam um brilho avermelhado ao céu. Um zumbido baixo se espalhava pelo deserto. Um cavalo persa relinçou e, bem perto, outro romano respondeu.

Ao longo da muralha, tochas pingavam. De algum lugar na cidade veio o som da marreta de um ferreiro que trabalhava até tarde, fechando os rebites de uma espada ou os anéis soltos de uma cota de malha. Em cima da torre, um sentinela chamado Antíoco falava longamente e com monotonia de seu divórcio recente: sua esposa sempre fora uma víbora, com uma língua terrível, e pelos deuses, como ela falava, era pior do que ser casado com a própria sogra.

Balista se inclinou para perto de seu guarda-costas.

— Acho que você fez o suficiente ontem à noite para pagar a sua dívida e requisitar sua liberdade.

— Não. Tem de ser a mesma situação. Ontem à noite, é claro que aqueles três

poderiam tê-lo matado logo, mas não dá para ter certeza. Quando você me salvou, não havia espaço para dúvidas; de costas, depois de a arma me ter sido tirada da mão, em mais um segundo eu estaria morto, É o certo, precisa ser nas mesmas condições.

— Acredito que algumas religiões considerem o orgulho um pecado terrível.

— É fácil enganar as pessoas.

Balista e Máximo se deslocaram para o sul pela passarela da muralha. Aqui e ali, ao entrarem e saírem das áreas iluminadas pelas tochas, eram confrontados por sentinelas, homens de bochechas magras usando túnicas desgastadas pela guerra: *Libertas, Principatus; Libertas, Principatus*.

Na quarta torre a que chegaram, os sentinelas estavam jogando dados. Eram legionários da *III Scythica*. Seus escudos ovais, vermelhos com imagens azuis e um leão dourado, estavam empilhados ali por perto. Balista e Máximo ficaram à sombra, observando a luz do fogo brincar no rosto dos homens, escutando a conversa deles.

— *Canis* — um jogador resmungou quando o número quatro de seu dado caiu no "cachorro", o pior lance possível.

— Você sempre foi azarado.

— Besteira. Estou guardando a minha sorte para amanhã, porra, porque sei que vou precisar dela.

— Quanta bobagem. Amanhã vai ser um passeio no paraíso. Nós já os castigamos uma vez, faremos isso de novo.

— É você quem está dizendo. Não sobraram muitos de nós. A maior parte dos homens foi embora. A maioria dos que estão nesta muralha não passa de um bando de civis fodidos brincando de ser soldados. Estou dizendo, se os répteis forçaresserem de verdade amanhã, estaremos fodidos.

— Bobagem, Aquele bárbaro canalha fez a gente chegar até aqui. Ele vai acertar amanhã outra vez. Se ele diz que nós podemos defender esta muralha, você vai discutir com ele?

Balista sorriu para Máximo no meio das sombras.

— Eu preferia discutir com ele do que com aquele guarda-costas hibernico da porra que ele tem.

Os dentes de Máximo brilharam brancos nas sombras.

— Você tem razão. Eu é que não queria encontrar com ele em um beco escuro.

Que canalha feio, não é mesmo?

Balista pegou Máximo pelo braço e o conduziu escada abaixo.

Quando chegaram ao Portão de Palmira, a noite se arrastava e eles já tinham escutado o suficiente. Os soldados regulares pareciam já ter opinião formada; resmungando com furor, o desprezo deles se dividia igualmente entre o inimigo e os homens convocados junto ao povo de seu próprio lado. Os convocados tão desdenhados, principalmente os que eram novos na muralha do deserto, ou estavam muito quietos ou eram ruidosos em excesso: exatamente como seria de se esperar daqueles que ainda não tinham visto a face de uma batalha de perto.

Balista resolveu retornar ao palácio. Eles precisavam dormir. Amanhã seria outro dia.

Demétrio terminou de se vestir. Com muita pompa, ele voltou a amarrar o bloco de escrever e o estilo ao cinto, deixando-os pendurados. Olhou-se em seu espelho. Apesar da distorção do metal polido, ele conseguia ver que sua aparência era péssima. Havia um emaranhado de veias azuis bem finas sob seus olhos. Ele também se sentia muito mal. Durante a primeira metade da noite, ele não tirou a roupa e ficou andando de um lado para o outro. Tinha dito a si mesmo que não conseguiria dormir até que Balista e Máximo retornassem de sua missão tola e teatral. Quando, um pouco depois da meia-noite, eles voltaram, bem animados, dando risadas, contando piadas, Demétrio foi para a cama. Mesmo assim, não tinha conseguido dormir. Agora que não precisava mais se preocupar com os outros, ele era obrigado a encarar os medos que tinha em relação a si mesmo.

Não havia como fugir da idéia de que os persas voltariam a atacar. Demétrio não tinha ficado muito seguro com a performance de Balista durante o jantar. Ele conhecia bem seu *Kyrios*: o homem do norte, alto e forte, não era bom mentiroso, Havia algo de vazio em suas afirmações de que os persas não iriam se dedicar ao ataque com afinco. Quando o eunuco gordo perguntou se era verdade mesmo que, se eles sobrevivessem ao dia de amanhã, estariam a salvo, qual tinha sido mesmo a resposta de Balista? Disse que *de maneira geral*, sim. O *Kyrios* não era bom em dissimular. Mas enfim, era necessário dizer que, na vida privada, o *Kyrios* estava sempre preocupado. Em parte, era por isso que ele era um soldado tão bom; o cuidado obsessivo com os detalhes que o transformavam em um engenheiro de cerco tão excelente. Mas, desta vez, ele com certeza tinha razão em se preocupar. Este seria o último golpe dos persas. Sapor e seus nobres deviam estar incitando seus guerreiros em uma nuvem de fanatismo e ódio. Eles iriam querer comer ainda crus os corações dos homens da defesa.

Contra sua vontade, Demétrio ficou se lembrando do primeiro ataque persa. Os homens ferozes de barbas escuras enxameando acima das escadas, com espadas

longas nas mãos, com sede de sangue. E amanhã iria acontecer de novo: milhares de orientais por cima dos parapeitos, golpeando-os com aquelas espadas terríveis, retalhando os que se colocassem em seu caminho: uma orgia de sangue e sofrimento.

Nem é preciso dizer que no *gallinicum*, quando os gaios começam a cantar — mas, em tempos de paz os homens ainda dormem fundo —, aquela hora bem antes do amanhecer quando tinha sido dada a ordem para que a comitiva do *Dux Ripae* se reunisse, Calgaco precisou acordar Demétrio de um sono agitado, um sono em que ele perseguia avidamente um adivinho de sonhos ancião pelos becos estreitos e fétidos da cidade. Tentador, o homem estava sempre fora de alcance, enquanto de trás vinham os sons da perseguição dos sassânidas, os berros de homens e mulheres, o estalar de construções em chamas.

— Não há tempo a perder — o velho caledônio disse, gentilmente. — Estão fazendo o desjejum na grande sala de jantar. Vai dar tudo certo. Eles estão otimistas.

Calgaco não estava errado. Quando Demétrio entrou na sala de jantar, onde as lamparinas ainda queimavam naquele horário tão adiantado, ele foi recebido por uma onda de risadas. Balista, Máximo, o centurião Castrício, o porta-estandarte Pudens, os dois mensageiros restantes, o único escriba que tinha sobrado e dez *equites singulares* se apertavam em volta da mesa, comendo ovos fritos e bacon. Balista convidou Demétrio para que se aproximasse, apertou sua mão, fez Máximo chegar para o lado para abrir espaço. Claramente Balista e Máximo estavam ainda mais animados do que ao retornar na noite anterior. Davam risada e faziam piada com os outros homens. Demétrio, no entanto, com o prato de comida que não queria à sua frente, esmagado entre os dois homens do norte, achou que tinha detectado uma tensão subliminar, uma fragilidade naquele humor. Máximo caçoava do *Dux* por beber apenas água. Balista disse que queria ficar com as idéias claras — estado esse que, como ele assegurou aos homens, nunca tinha sido experimentado por seu guarda-costas; naquela noite ele beberia até começar a cantar músicas sentimentais, até dizer a todos que os amava como irmãos e perder os sentidos.

Com o desjejum terminado, eles marcharam rumo ao pátio principal do palácio para se armar. Agora estavam mais quietos; as conversas eram mais baixas; os arroubos de risada, mais curtos. Um após outro, os homens foram desaparecendo na direção da latrina. Dos aposentos particulares surgiram Calgaco e Bagoas, carregando a armadura de desfile do *Dux Ripae*, até então sem uso.

— Se você vai derrotar o Rei dos Reis sassânida, precisa ter a aparência de um verdadeiro general romano — disse Calgaco.

Balista preferia a sua velha camisa de cota de malha surrada pela guerra, mas

não discutiui. Calgaco sempre tinha o desejo de vê-lo bem-vestido, que Balista frustrava com frequência excessiva. Ele ficou lá parado com os braços estendidos, enquanto Calgaco e Máximo o ajeitavam dentro das placas de peito e costas da armadura de ferro musculosa, instalavam as ombreiras ornamentadas e a franja de tiras de couro pesadas feitas para dar proteção ao sexo e às coxas. Balista vestiu sua cinta de espada, e então permitiu que Calgaco prendesse uma nova capa preta por cima de seus ombros.

Sobre a capa, Calgaco enrolou a pele de lobo usada na noite anterior para protegê-lo da friagem do início da manhã e entregou a Balista seu capacete. O homem do norte observou que a pele de lobo tinha sido limpa; o capacete, polido.

— Se não derrotar Sapor, com certeza vai chegar bem-vestido a Valhala — Máximo disse na língua nativa de Balista.

— Espero que este não seja o fim de uma longa estrada para nós, irmão — Balista respondeu na mesma língua.

Eles saíram pelo portão principal do palácio, agora em silêncio. Na escuridão, com tochas que reluziam à brisa fria do sul, eles atravessaram as instalações militares, foram até o outro lado do *campus martius* e, depois, até a extremidade norte da muralha do deserto. Ao subirem os degraus ao lado do templo de Bel a noroeste da torre, uma sentinela os confrontou: *hangrim*, com a pronúncia correta da palavra estrangeira. Balista deu a resposta em latim, *Patria*, pátria ou lar.

Balista cumprimentou os homens nas fortificações, uma mistura de soldados da *Cohors XX* e homens locais convocados, apertando a mão de cada um deles. Então subiu até a metade da máquina de artilharia. Ele tirou o capacete e seu cabelo esvoaçou. O couro da armadura moldada brilhava à luz das tochas. Ele se dirigiu aos homens.

— *Commilitiones*, colegas soldados, chegou a hora. Hoje é o golpe final. — Ele fez uma pausa. Toda a atenção dos homens estava voltada para ele. — Os persas são muitos. Nós somos poucos. Mas os números deles não vão ser nada além de um empecilho. Nossos braços armados com espadas terão todo o espaço de que precisam. — Pôde ver os sorrisos desolados à luz das tochas. — Os números deles não são significativos. São escravos efeminados de um déspota oriental. Nós somos soldados. Somos homens livres. Eles lutam pelo mestre deles. Nós lutamos pela nossa liberdade. Nós já nos sobrepujamos a eles uma vez. Vamos fazê-lo novamente.

Alguns soldados sacaram as espadas e começaram a batê-las de leve contra os escudos.

— Se vencermos hoje, os nobres imperadores Valeriano e Galiano vão declarar este dia um feriado. Um dia sagrado a ser celebrado enquanto a cidade eterna de

Roma estiver em pé. Os nobres imperadores vão abrir o tesouro imperial sagrado. Vão fazer chover ouro sobre nós.

Os soldados riram em uníssono com Balista. O imperador mais velho não era conhecido pela generosidade. Balista esperou um momento, então, alterando o tom de voz, prosseguiu.

— Hoje é o último dia do nosso sofrimento. Se vencermos hoje, vamos ter conquistado nossa segurança com nossas próprias espadas. Se vencermos hoje, vamos ter conquistado a nossa fama, que será lembrada por séculos e séculos. Seremos memoráveis como os homens que derrotaram Aníbal em Zama, como os homens que derrotaram as hordas bárbaras dos cimbris e dos teutones nas planícies do norte da Itália, como os que derrotaram as multidões de Mitríades o Grande, que humilharam seu orgulho oriental e que o levaram ao exílio e ao suicídio. Se vencermos hoje, seremos lembrados por este dia por toda a eternidade.

Todos os homens deram vivas. O som das espadas batendo nos escudos era ensurdecedor. O cântico foi se enguendo:

— Ba-lis-ta, Ba-lis-ta.

Foi se transformando em uma enorme onda e rolou pelas passarelas da muralha e pelas torres da cidade fortificada.

Quando deixaram a torre, era aquele horário da manhã em que a luz das tochas primeiro se transforma em um amarelo pálido e depois vai desaparecendo até virar nada. Caminharam por toda a extensão da muralha em direção ao sul. Em cada torre, Balista fez uma versão de seu discurso. Os ouvintes sempre comemoravam; às vezes, entoavam "Ba-lis-ta, Ba-lis-ta"; outras vezes jogavam a cabeça para trás e uivavam como lobos. Quando mais uma vez terminaram a caminhada para o norte e assumiram seus lugares de costume no alto do Portão de Palmira, o sol já batia quente em suas costas.

— *Dominus*. — Dois soldados da *Cohors XX* estavam em posição de sentido. Entre eles havia um homem com trajes persas. — Marco Antonino Danimo e Marco Antonino Temarsas da turma de Antíoco, *Dominus*. Este aqui é um desertor. Chegou à muralha do norte ontem à noite. Disse chamar-se Khur. Disse que pode lhe contar tudo o que desejar saber a respeito do plano de ataque dos persas.

Ao som de seu nome, o persa mostrou os dentes feito um cachorro que espera uma surra. As roupas coloridas do homem estavam encardidas de poeira. A túnica larga de mangas compridas não tinha cinto. Ele deve ter sido removido quando ele foi revistado e desarmado. Embaixo da sujeira, seu rosto estava pálido.

Balista fez um gesto para que ele avançasse. O persa se aproximou, então se prostrou. Ele encostou a testa no chão e ficou de joelhos, com os braços estendidos em um gesto de súplica.

Demétrio observou o homem com desgosto enquanto Balista conversava com ele em persa. Antes de responder, o sassânida se prostrou mais uma vez, cobrindo as mãos com as mangas compridas. A maneira como aqueles orientais se rebaixavam era nojenta.

O homem se ajoelhou mais uma vez e se projetou para cima de Balista. A faca brilhou na mão do persa quando ele desferiu o golpe por baixo da placa do peito do homem do norte. Com mais rapidez do que Demétrio foi capaz de acompanhar, Balista deu um passo à frente, em direção ao golpe. Agarrou o braço do persa com ambas as mãos e ergueu o joelho. Ouviu-se um som alto de algo se rompendo quando o braço se quebrou. O homem berrou. O soldado chamado Danimo deu um salto para a frente e enfiou a espada entre os ombros do persa. O oriental caiu para a frente. Em poucos segundos, tossira até a vida abandoná-lo.

— Isso foi desnecessário, soldado — Balista disse.

— Desculpe, *Dominus*. Eu achei... — A voz de Danimo foi sumindo.

— Suponho que ele tenha sido revistado?

— Foi sim, *Dominus*.

— Por quem?

— Não sei, *Dominus*.

— Não foi por você?

— Não, *Dominus*. — Danimo baixou os olhos para o lugar em que escorria sangue de sua espada no chão. Ele suava em profusão. Seu abatimento não combinava com os enfeites chamativos de sua cinta militar: um raio de sol, uma flor, um peixe, um homem carregando uma ovelha e uma suástica. Demétrio percebeu que o assassino do persa era o único presente com uma lâmina em riste,

— Muito bem. Leve o corpo embora.

Danimo embainhou a arma e os dois soldados, cada um puxando uma perna, arrastaram o persa na direção da escada. O rosto do homem foi raspando pelo piso. Ele deixou uma trilha de sangue.

— Levantem a porra do corpo. Alguém pode se machucar se escorregar nesse sangue — Castrício vociferou.

Balista e Máximo se entreolharam cheios de dúvidas. Se estivesse desarmado ao desertar, alguém teria dado a faca ao persa. Não havia tempo para investigar isso agora. Eles poderiam procurar o culpado amanhã, se ainda estivessem vivos. Quase de maneira imperceptível, Balista deu de ombros e então se virou para examinar a muralha de cima a baixo.

Incapaz de absorver a erupção súbita de violência extrema seguida pelo retorno igualmente abrupto à normalidade, Demétrio observou seu *Kyrios* tirar o capacete. Quando Balista o entregou, Demétrio percebeu que suas próprias mãos estavam tremendo. O homem do norte deu um sorriso contido e disse que precisava mostrar aos rapazes que continuava vivo. Demétrio tomou consciência do silêncio opressivo nas fortificações, do tipo que precede uma tempestade de raios e trovões. Ele ficou observando quando Balista subiu na estrutura da máquina de artilharia mais próxima e ergueu os braços acima da cabeça. Virando-se lentamente para que todos pudessem enxergar, ele acenou. O vento do sul batia no cabelo empapado de suor. A armadura polida brilhava ao sol. Ouviu-se um som estranho, como se mil homens expirassem ao mesmo tempo. Bem perto, uma voz gritou:

— Flavius, Flavius.

Ao longo da passarela da muralha, soldados riram e adotaram o cântico:

— Flavius, Flavius.

"Loirinho, loirinho".

— Então, é assim que eles me chamam na verdade — Balista disse quando desceu.

— Entre outras coisas — Máximo respondeu.

Quando Demétrio tentou devolver o capacete, Balista lhe pediu que o colocasse junto com o resto de seu equipamento até que ele fosse necessário. O jovem grego obedeceu a suas ordens e colocou o capacete sobre a pele de lobo, que estava dobrada com cuidado ao lado do escudo do *Kyrios* que, mais cedo, depois de pensar um pouco, o escravo havia posicionado fora do caminho, no canto da torre.

Do parapeito da frente, Balista inspecionava as defesas. Os homens esperavam em silêncio. Acima de suas cabeças, as bandeiras flamulavam com a brisa. Duas torres para o sul, onde Turpio estava fixado, desfaldava-se a *vexillum* verde da *Cohors XX* com o nome da unidade destacado em dourado e a imagem de sua deidade patrona, um orgulhoso deus guerreiro de Palmira, agitando-se. Na torre mais ao sul estava o estandarte de batalha de Iarhai, o escorpião vermelho em fundo branco. Haddud estaria a postos ali. Balista ficou imaginando se o próprio Iarhai estaria ou não presente, A duas torres de distância para o norte via-

se o *vexillum* vermelho do destacamento da *Legio III* e, nele, as personificações da vitória em azul — a águia e o leão — e o letreiro dourado, O jovem patricio Acilio Glabrio devia estar posicionado embaixo da peça. Mais além estava desfraldada a flor de quatro pétalas amarela sobre fundo azul de Anamu. Depois dela ainda, perto do canto noroeste das defesas, estava a bandeira de Ogelos, uma imagem dourada da deusa Ártemis sobre fundo púrpura. E, no meio, em cima do portão principal, o *draco* branco do *Dux Ripae* flamulava e estalava. Aqui e ali ao longo da muralha, o ar tremeluzia onde as fogueiras esquentavam areia até uma temperatura insuportável.

A cidade de Arete estava o mais preparada possível para enfrentar este último teste. A muralha tinha se transformado na fronteira final do *imperium*, o ponto em que o Ocidente encontrava o Oriente, onde o *Romanitas*, até mesmo a própria *humanitas*, deparava-se com o *Barbaricum*. A ironia no fato de quatro dos seis estandartes que se desfraldavam sobre a muralha de Arete não serem realmente romanos não passou despercebida a Balista.

Ele olhou para o outro lado da planície avariada, para a horda sassânida. Era a quarta hora de luz do dia. Os orientais tinham demorado muito tempo para se preparar para a batalha. Será que era relutância? Será que tinha sido difícil para Sapor, seus reis clientes e nobres convencerem os homens a se apresentarem mais uma vez à tão temida linha de batalha? Ou será que tinha sido calculado, será que era apenas o desejo de que tudo desse certo? Será que estavam simplesmente esperando até que o sol não estivesse mais no horizonte do leste, longe dos seus olhos quando os dirigissem à muralha nua e solitária de Arete?

Então os sassânidas estavam prontos, formavam uma linha escura que se estendia pela planície. As trombetas e os tambores ficaram em silêncio. Milhares e milhares de guerreiros esperavam em silêncio. O vento levantava demônios de poeira na planície. De repente os tambores soaram, as trombetas tocaram. O sol bateu na bola dourada que ficava em cima do grande estandarte de batalha da casa de Sassan quando ele foi carregado na frente do exército. O *Drafsh-i-Kavyan* reluzia, amarelo, vermelho e violeta. Tímido de início, e depois mais encorpado, o cântico de "Mazda, Mazda" chegou do outro lado da planície. As palavras foram definhando e morrendo, e então outras tomaram seu lugar, agora mais forte: "Sapor, Sapor". Com o cavalo branco levantando poeira, as fitas brancas e púrpuras esvoaçando atrás dele, o Rei dos Reis cavalgou até a frente de seu exército. Ele desmontou, subiu no tablado elevado, acomodou-se em seu trono dourado e fez um sinal para que a batalha se iniciasse.

As trombetas soaram em um ritmo diferente. Uma leve hesitação, e o exército sassânida avançou. As telas foram colocadas de lado e as dez máquinas de artilharia remanescentes cuspiram projéteis. Balista fez um sinal com a cabeça para Pudens, que ergueu a bandeira vermelha. As 25 balistas da defesa

responderam. Esta fase do dia representava pouco perigo para Balista. As probabilidades do duelo de artilharia pesavam muito a seu favor.

Quando a linha sassânida deu início a seu longo avanço, Balista pediu o capacete e o escudo. Os dedos de Demétrio ajeitaram a tira do queixo. Balista se inclinou para a frente, deu um beijo na bochecha de Demétrio, abraçou-o e sussurrou em seu ouvido:

— Estamos todos com medo.

Armado, ladeado por Máximo e Castrício, Balista chamou o garoto persa Bagoas para que ficasse a seu lado e ajudasse a identificar o inimigo.

Quando a fileira sassânida cruzou a linha extrema de alcance da artilharia da defesa, Balista acenou com a cabeça mais uma vez para Pudens, que balançou a bandeira vermelha duas vezes. A artilharia de Arete mudou de alvo, da artilharia oriental para a infantaria que marchava. Flechas terríveis com pontas de ferro e pedras cuidadosamente arredondadas foram disparadas, buscando perfurar ou esmagar os manteletes persas e matar e aleijar os homens que se apertavam atrás deles. Quando os primeiros projéteis se abateram, a linha sassânida pareceu ondular, tal qual uma plantação de trigo ao sabor do vento.

Quando os orientais ultrapassaram a extensão da muralha pintada de branco, que delimitava 200 passos da muralha da cidade, e entraram na zona de efetivo alcance da artilharia da defesa, a linha começou a se fragmentar. Lacunas começaram a se abrir entre as unidades. Os estandartes de cores vistosas — sob os quais marchavam sakas, indianos e árabes, os homens do rei Hamazasp da Geórgia e os guerreiros que seguiam lorde Karen — estavam ficando para trás. Eles continuavam a avançar, porém mais devagar do que os homens sob os símbolos da família de Sapor: o príncipe Sassan o Caçador, o príncipe Valash, a Alegria de Sapor, a rainha Dinak de Messene, Ardashir, Rei dos Adiabene. O estandarte de lorde Suren ainda estava bem à frente. No primeiro plano da estrada que levava até o Portão de Palmira estavam os imortais liderados por Peroz da Espada Longa e os *Jan-avasper*, liderados pelo romano desertor Mariades.

— Vergonha, vergonha daqueles que fraquejam — Bagoas resmungou. — São verdadeiramente *margazan*. Serão atormentados no inferno por toda a eternidade.

— Quietos, menino — Máximo sibilou.

Balista estava perdido em seus próprios pensamentos. A mera presença das duas unidades de guarda na primeira onda de ataque era uma faca de dois gumes. Mostrava a fúria com que Sapor tinha a intenção de desferir o ataque. Mas, por outro lado, revelava que não havia reservas. Se a primeira onda falhasse, não

haveria outra.

— Então, que seja — Balista disse por entre os dentes.

Quando as primeiras unidades persas estavam a 150 passos da muralha, a bandeira vermelha foi sacudida três vezes e os arqueiros entre os defensores puxaram e soltaram as cordas de seus arcos. Dessa vez, os sassânidas não tentaram segurar os tiros até estarem a apenas 50 passos da cidade. Assim que as flechas romanas os atingiram, os persas responderam. O céu escureceu com suas flechas. Mas Balista observou com satisfação que os persas só atiravam quando lhes dava vontade: não havia saraivadas disciplinadas e boa parte dos tiros era bem dispersa.

A linha persa estava ficando cada vez mais fragmentada, as lacunas entre as unidades aumentavam. Agora os homens de lorde Suren e os da rainha Dinak estavam ficando para trás. Os homens de Mariades: "aqueles que se sacrificam", estavam desdizendo o nome dele. Na planície, os que já tinham ficado para trás estavam quase parados, Balista observou um cavaleiro com roupas coloridas dando bronca nos georgianos. Bagoas confirmou que era Hamazasp, o rei deles, que tinha perdido o filho no início do cerco. Ele tinha mais motivos do que a maioria para desejar vingança.

Balista então viu uma coisa que nunca tinha visto em qualquer outro campo de batalha. Uma linha de homens estava deslocada atrás dos guerreiros da Geórgia. Traziam chicotes nas mãos. Um guerreiro se virou para correr, foi literalmente chicoteado até retornar a sua posição. Balista olhou para os outros grupamentos de guerreiros. Atrás de cada um deles, mesmo dos que ainda estavam na frente, havia uma fileira de homens com chicotes. Havia uma até mesmo atrás dos Imortais. Pela primeira vez naquele dia, Balista sentiu sua confiança crescer. Ele sorriu.

Sem aviso, os guerreiros de Ardashir, Rei dos Adiabene, jogaram de lado os manteletes e saíram correndo rumo à muralha. Balista deu uma risada de alegria. Não era um ataque nascido da coragem nem da intimidação, mas sim do medo. Incitados e aferoados além do suportável, os guerreiros de Ardashir só queriam acabar logo com tudo, de um jeito ou de outro. Ignorando ordens e até mesmo sua própria proteção, eles correram para a frente. Era uma clássica fuga para o frente.

Em um instante, os projéteis dos defensores se concentraram em cima deles. Com o corpo inclinado para a frente, tropeçando ao carregar as escadas de cerco, os sassânidas correram para o meio da tempestade de ferro e bronze. Homens caíam. Escadas eram largadas. Mais homens caíam.

As primeiras três escadas chegaram à muralha. Foram erguidas, chocando-se contra o parapeito. Um simples tridente rústico empurrou uma das escadas para

o lado. Ela caiu, homens saltaram para não serem atingidos. Um caldeirão de bronze apareceu por cima de outra escada e derramou areia escaldante em cima daqueles que não foram rápidos o suficiente para escapar. Os guerreiros ao pé da terceira escada se entreolharam, então deram meia-volta e saíram correndo.

O pânico se espalhou como fogo em uma encosta de montanha no Mediterrâneo em alto verão. A planície onde antes tinha existido um exército, unidades distintas de guerreiros, agora estava coberta por uma massa indiscriminada de homens que corriam, todos com a idéia fixa de salvar a própria pele, de escapar dos projéteis que brilhavam na direção deles, vindos da impiedosa muralha de pedra. Os homens da defesa não os pouparam. Sem que houvesse qualquer necessidade de ordens, eles atiravam várias vezes nas costas desguarnecidas de seus inimigos em fuga.

Ao longo das fortificações, homens riam e comemoravam. Cânticos que competiam entre si se erguiam:

— Ba-lis-ta, Ba-lis-ta!

— Ro-ma, Ro-ma!

— Ni-ce, Ni-ce. [111](#)

Alguns homens uivavam feito lobos. A matança prosseguia.

Balista olhou para o outro lado da planície. No trono dourado, alto no palanque, Sapor estava sentado, imóvel. Atrás do Rei dos Reis, as grandes silhuetas cinzentas de seus elefantes se apresentavam impassíveis.

De repente, quando os sassânidas sobreviventes passaram da linha de alcance dos tiros, de modo súbito, como acontece quando um navio encalha, toda a disciplina se esvaiu. Sacos de pele e jarros de álcool apareceram, como que por mágica. Homens inclinaram a cabeça para trás, engolindo o vinho ou a cerveja local.

Máximo entregou a Balista uma jarra de cerveja. O homem do norte percebeu que estava com a boca cheia de pó. Bochechou um pouco da cerveja rala e amarga e cuspiu do outro lado da muralha. O líquido caiu em cima de um cadáver sassânida. Ele sentiu nojo. Bebeu mais um pouco da cerveja.

— Fico imaginando quantos desses fodidos nós matamos... milhares, dezenas de milhares desde que eles chegaram aqui. — Castrício tinha uma jarra de vinho para si. Um pouco do líquido escorria por seu queixo.

Balista não sabia o número de inimigos mortos, nem se importava com isso. Ele se sentia muito cansado.

— Castrício, quero que dobre o número de sentinelas hoje à noite.

O centurião pareceu estupefato, mas logo se recuperou.

— Faremos o que for ordenado e a cada comando estaremos de prontidão. — Ele fez uma saudação e, sem largar a jarra de vinho, saiu para dar as ordens necessárias.

O progresso de Balista ao longo da muralha foi lento. Cada homem queria apertar sua mão, dar-lhe um tapa nas costas, elogiá-lo. Primeiro ele caminhou para o sul. Duas torres depois do portão, sob a bandeira verde da *Cobors XX*, ele agradeceu e elogiou Turpio. O rosto do ex-centurião trazia um ar de prazer indisfarçável. Ele tirou o capacete; seu cabelo estava colado à cabeça pelo suor. Ele e Balista se abraçaram, Turpio colou o rosto no do homem do norte. Na torre mais ao sul, Haddudad estava postado sob o escorpião vermelho de Iarhai. O capitão mercenário explicou que o *Strategos* Iarhai estava indisposto. Balista disse que não importava, já que o nobre Iarhai tinha um capitão como Haddudad. O homem do norte olhou ao redor. Não viu sinal de Bathshiba. De modo bastante surpreendente, parecia que ela tinha acatado suas ordens de evitar a muralha e a linha de batalha. Havia uma concentração de mercenários de Iarhai em um canto da torre. Momentaneamente, Balista ficou imaginando se a estavam escondendo. Então ele afastou o pensamento para longe.

A caminhada de volta ao norte foi ainda mais lenta. As quantidades copiosas de álcool que estavam sendo consumidas tinham transformado as defesas naquele tipo de bacanal que geralmente fica velada com discrição por trás da escuridão da noite. Soldados bêbados se escoravam no parapeito. Estiravam-se em grupos no declive interno do anteparo de terra. Passavam sacos de pele e jarros de vinho de mão em mão. Vociferavam piadas e obscenidades. As prostitutas estavam presentes maciçamente. Sem qualquer vergonha, uma moça estava de quatro, a túnica curta virada para cima, acomodando um soldado por trás, outro na boca. Outra moça estava deitada de costas, nua. O soldado que enfiava com vigor entre suas pernas erguia o corpo dela com os braços para permitir que dois de seus colegas lhe alcançassem o rosto. Com os dois ajoelhados, ela virava o rosto de um lado para o outro, pegando um e depois o outro com a boca. Três ou quatro outros soldados estavam ali por perto bebendo, esperando sua vez. Balista observou que ela era loira, tinha peitos fartos, mamilos marrons escuros e muito grandes. Sentiu uma pontada forte de tesão. Pai-de-Todos, ele bem que estava precisando de uma mulher.

Das torres ao norte do Portão de Palmira, o *vexillum* vermelho do destacamento da Legio III esvoaçava. Quando Balista subiu até a plataforma de batalha no telhado, encontrou Acilio Glabrio sentado em uma banquetta, bebendo vinho. Um bonito garoto escravo segurava um guarda-sol por cima de sua cabeça. Outro o abanava. Ele demonstrava cortesia para com seus soldados, conversando com eles e elogiando-os à maneira de um patrício; afável mas sempre deixando que percebessem um certo distanciamento. O jovem nobre não se apressou em se

levantar para cumprimentar seu oficial superior.

— *Dux Ripae*, eu lhe dou a alegria de sua vitória — ele disse quando finalmente se levantou. — Um resultado maravilhoso, principalmente por tudo que havia contra você.

— Obrigado, *Tribunus Laticlavius*. — Balista ignorou as implicações ambíguas do que Acílio Glabrio dissera. — Uma parcela de leão da vitória é sua e de seus legionários da *Legio III Scythica*. — As palavras do homem do norte suscitaram vivas dos legionários presentes,

Acílio Glabrio não parecia satisfeito. Deu mais um longo gole em seu vinho.

— Um mensageiro idiota veio até aqui. O tolo alegava ter sido enviado por você. Eu sabia que era bobagem. Ele disse que você ordenara que o número de sentinelas fosse dobrado hoje à noite. Eu disse a ele, em termos bem precisos, que o nosso *Dux* não teria dado uma ordem tão ridícula assim. Mandei que ele fosse embora. — Acílio Glabrio tomou mais um longo gole. Ele parecia ruborizado.

— Acredito que tenha havido um mal-entendido — Balista tentou manter o tom de voz neutro. — A mensagem veio de mim, sim. Ordenei que o número de sentinelas fosse dobrado para esta noite.

— Mas por quê? — Acílio Glabrio deu uma risada, — A batalha está acabada de vez. Nós vencemos, eles perderam. Acabou. — Ele olhou ao redor em busca de apoio moral de seus legionários. Alguns assentiram. Um número maior evitou seus olhos. Eles olharam para o chão, sem querer se misturar à tensão crescente entre os dois oficiais seniores.

— Sim, nós vencemos hoje. Mas há enormes contingentes de guerreiros sassânidas ainda em circulação. Sapor deve estar desesperado agora. Ele deve saber que vamos comemorar muito. Seria o momento ideal para ele atacar, quando baixarmos nossa guarda por nos considerarmos a salvo. — Balista era capaz de escutar a irritação crescente em sua própria voz. Ele estava pensando coisas raivosas: Você pode ser um bom oficial, mas não force demais a barra, seu perfumadinho e empoladinho de merda.

— Puff. — Acílio Glabrio emitiu um som de desdém e fez um gesto com sua caneca de vinho. Um pouco do líquido derramou pela beirada. — Não há absolutamente nada a temer. Sapor jamais poderia forçá-los a voltar a atacar nesta noite. — Acílio Glabrio balançava de leve de um lado para o outro. — Não vejo razão para impedir que os meus garotos se divirtam. — Ele lançou um sorriso na direção de seus homens. Alguns retribuíram o gesto. Ao notar que não tinha recebido apoio unânime, o jovem nobre fez uma careta.

— *Tribunus Laticlavius*, vá ordenar a seus homens que dobrem as sentinelas hoje à noite. — Agora ninguém poderia deixar de notar a raiva na voz do homem do norte.

— Não vou ordenar nada. — Acilio Glabrio emanava seu desafio.

— Você está desobedecendo a uma ordem direta de seu oficial superior.

— Não — Acilio Glabrio cuspiu. — Estou ignorando o capricho absurdo de um bárbaro peludo e ousado que devia ter ficado na mísera cabana onde nasceu em algum lugar no meio da floresta.

Um silêncio profundo se instalou na plataforma de batalha. De trás da torre vinham os sons da comemoração.

— Acilio Glabrio, está expulso do comando. Vá entregar suas armas. Vá para casa e lá permaneça sob prisão domiciliar. Vá se apresentar no palácio do *Dux Ripae* amanhã, na quarta hora de luz do dia, para enfrentar a corte marcial.

Balista dirigiu-se a um centurião.

— Seleuco, informe ao centurião sênior Antonino Prior que ele deve assumir o comando do destacamento da *Legio IIII* aqui em Arete, Ele deve garantir que um número suficiente de seus homens permaneça sóbrio para dobrar a sentinela hoje à noite. E diga a ele que quero uma lanterna azul pronta em cada torre. Devem ser acesas ao primeiro sinal de atividade do inimigo.

— Faremos o que for ordenado e a cada comando estaremos de prontidão. — Não havia emoção nas palavras do centurião.

Acilio Glabrio olhou ao redor. Ninguém olhava para ele. Ao perceber que o que tinha dito era irrevogável, ergueu o queixo e assumiu a pose de um nobre contrariado. Largou a caneca de vinho, soltou a cinta da espada, puxou o cinto cruzado por cima da cabeça e largou-o no chão. Sem olhar nem para a direita nem para a esquerda, caminhou até a escada. Depois de um momento de indecisão, os dois garotos escravos se apressaram atrás dele.

## XVII

— Ninguém sabe o que a calada da noite pode ter reservado — Bathshiba disse, Ela estava rindo. Seus olhos eram muito negros.

Como você entrou aqui?, Balista estava pensando. Obviamente, Demétrio não estava por perto. O jovem grego não gostava de Bathshiba. Teria feito todo o possível para mantê-la afastada de seu *Kyrios*. Mas Máximo e Calgaco com toda a certeza estavam nos aposentos privados, pelos quais ela teria de passar para chegar até o terraço do palácio. Balista não tinha dúvidas a respeito do que se passava na mente deles quando permitiram que ela entrasse.

Ela atravessou o terraço e foi na direção dele. Estava vestida como um dos mercenários do pai, mas a túnica e a calça, as botas e a espada na cintura não conseguiam esconder em nada o fato de que ela era uma mulher. Balista se pegou observando o movimento dos peitos dela, a ginga de seus quadris. Ela parou na frente dele, mas fora de seu alcance. Balista sentiu um vazio no peito.

— O seu pai sabe que você está aqui? — Quando falou, as palavras soaram ridículas para o próprio Balista.

Bathshiba deu uma risada.

— Ele é parte do motivo por eu estar aqui. Mas, não, ele não sabe.

— Você não atravessou a cidade sozinha, não é? — Balista pensou no que tinha visto em seu trajeto até o palácio. A esta altura, horas mais tarde, a cidade toda se assemelhava a uma enlouquecida orgia dionisiaca. Os soldados em comemoração não teriam mais dificuldade do que Balista para enxergar através do disfarce de Bathshiba. Muitos entre eles teriam menos pudores do que o homem do norte para arrancar aquele disfarce. Balista não duvidava que ela seria capaz de usar a espada que trazia na cintura, mas contra um grupo aquilo não serviria de muita coisa. Sua resistência, o flerte com o perigo, só faria aumentar o prazer deles em possuí-la.

— Não. Eu não sou boba. Há dois homens bem armados esperando no pátio maior. A esta altura devem estar bebendo no quarto dos guardas.

— E será que um deles é, mais uma vez, Haddudad, o fiel capitão de seu pai com sua espada afiada?

Ela sorriu.

— Não, achei melhor trazer outros desta vez. Homens em cuja descrição acredito poder confiar.

Balista ficou olhando para ela. Não conseguiu pensar em nada para dizer.

Bathshiba tirou a touca. Quando sacudiu o longo cabelo preto em cascata, seus peitos se agitaram, pesados, cheios, convidativos.

— Você não vai oferecer nem uma bebida para uma moça que está arriscando a reputação?

— Sinto muito. Claro que sim. Vou pedir a Calgaco que traga um pouco mais de vinho.

— Será mesmo necessário? — Ela se aproximou de Balista, parou bem no limite em que seu braço não poderia alcançá-la e pegou a caneca dele da mureta. — Você se importa? — Ela ergueu a caneca até os lábios e bebeu.

— Por que está aqui? — Ele sabia que sua pergunta era deselegante, até mesmo hostil, Ele não sabia muito bem o que queria, o que faria.

— Como eu disse, é em parte por causa do meu pai. Ele não foi até as muralhas hoje. Ficou em casa, trancado em seus aposentos privados. Acho que estava rezando. Já faz um tempo que ele não é mais o mesmo. Em parte, estou aqui para pedir desculpas. — Ela deu outro gole.

— Não há necessidade. Um homem a mais ou a menos não teria feito realmente diferença. Ele deixou seus homens nas mãos de Haddudad. Ele é capaz.

Ela serviu o que tinha sobrado na jarra e entregou a caneca para Balista. Ele a pegou e bebeu. Agora ela estava mais perto. Ele sentia o perfume dela, de sua pele. O cabelo comprido fazia cachos ao redor da pele cor de oliva de seu pescoço, descia por sua túnica, derramava-se por cima da protuberância de seus seios.

— Os seus soldados sabem comemorar uma vitória. E você? — Ela ergueu os olhos para ele. Eram muito pretos, cheios de compreensão e de promessas. Ele não disse nada, nem se mexeu, — Diga, você acha que Sapor e seus nobres teriam se contido se tivessem tomado a cidade?

— Duvido. — A voz dele era grossa.

— Será que o homem que salva uma cidade deve gozar dos mesmos direitos de um que a conquistou?

Pai-de-Todos, Balista pensou, se algum dia uma mulher se ofereceu para mim, foi esta. Ele respirava fundo. O cheiro dela era forte em suas narinas, Ele sentia que estava começando a ter uma ereção. Ele a desejava. Queria rasgar a gola daquela túnica, ver os seios dela. Queria puxar aquelas calças para baixo, erguê-la para cima da mureta baixa, abrir suas pernas e penetrar nela. Ele queria

possuí-la ali, naquele momento, com a bunda na mureta, ele em pé na frente dela, enfiando-se nela.

Ele não se moveu. Algo o deteve. A feroz e sufocante moral de sua criação no norte, a lembrança de sua esposa, a superstição que tinha crescido nele a respeito da infidelidade e da batalha... ele não sabia o quê, mas algo o deteve. Ele não se moveu.

Bathshiba deu um passo atrás, ofendida. Os olhos dela estavam duros e furiosos.

— Seu tolo. Pode saber defender uma cidade, mas duvido que fosse capaz de tomar uma. — Ela pegou a touca, deu meia-volta e atravessou o terraço com passos enraivecidos.

Depois que Bathshiba saiu, Balista passou um tempo parado ao lado da mureta. O desejo nele se esvaiu, e ele sentiu-se frustrado e com uma noção pressagiosa mal definida. A caneca ainda estava em sua mão, Ele terminou de beber o vinho.

No final, ele caminhou de volta para o interior do palácio. Chamou Máximo. O hibérnico chegou batendo os pés pelos degraus da escada que vinham do telhado plano.

— O que estava fazendo lá em cima?

— Para dizer a verdade, não sei. Claro que não estava espionando você. Como sempre tem acontecido ultimamente, não havia porra nenhuma para ver. Só estava dando uma olhada. Sim, não consigo dizer o que é, mas tem alguma coisa que não está certa.

— Pelo menos desta vez, sei do que você está falando. Vá pegar uma capa. Diga a Calgaco que vamos sair. Vamos percorrer as defesas.

As ordens do *Dux Ripae* tinham sido obedecidas ao pé da letra. Ao longo de todas as passarelas da muralha e em cada torre havia o dobro do número de sentinelas habituais. Lanternas azuis de aviso estavam penduradas em cada torre. Com um ar contrariado, as sentinelas andavam devagar de um lado para o outro ou se apoiavam sobre os parapeitos, sentindo-se ressentidos pela sobriedade forçada e com inveja das comemorações dos colegas soldados. De dentro da cidade vinha o barulho das celebrações: risada, berros indecifráveis, gritinhos de mulheres, os sons de pés correndo e canecas sendo quebradas... a cacofonia inconfundível de soldados romanos se refestelando com álcool e mulheres.

Os sentinelas saudaram Balista e Máximo quando eles passaram caminhando em direção ao sul, ao longo da muralha do deserto.

— Faremos o que for ordenado e a cada comando estaremos de prontidão.

Havia uma resignação descontente, às vezes beirando a insubordinação, na voz

deles. Balista apertou a mão dos homens, elogiou sua disciplina, prometeu-lhes três dias de licença e uma soma de dinheiro, cuidadosamente não especificada, como donativo. Parece não ter surtido efeito algum.

A grande planície escura se estendia para o oeste. Além dela estavam as luzes do acampamento persa. Havia homens acordados por lá. Luzes bruxuleavam quando eles passavam na frente das tochas ou das fogueiras. No entanto, tudo estava estranhamente quieto. Não havia nada dos lamentos fúnebres, da música sombria e dos uivos estridentes que Balista esperava. O silêncio dos sassânidas era preocupante. Fez a sensação de mau agouro de Balista crescer.

Nas profundezas da noite, Balista e Máximo retornaram ao palácio. Tomaram uma caneca de vinho quente e Balista se retirou para seus aposentos de dormir. Tirou as roupas e se deitou na cama grande e muito vazia. Depois de alguns momentos de arrependimento, caiu no sono.

Passava muito da meia-noite, talvez já estivesse no fim da terceira hora, quando Balista escutou o barulho. Por instinto, sua mão se fechou na empunhadura da espada. Ele sabia que era inútil: de algum modo, sabia o que iria ver. Balista se forçou a enxergar. Ali, à porta, estava o homem alto, o rosto grande e pálido embaixo do capuz fundo do esfarrapado *caracallus* vermelho-escuro. O homem alto se adiantou. Ficou parado ao pé da cama. A luz da lamparina a óleo se refletia no colar de ouro grosso e na águia entalhada na pedra incrustada no pesado anel de ouro.

— Fale — disse Balista.

— Vou voltar a vê-lo em Aquileia. — Os grandes olhos cinzentos brilhavam de malícia e desprezo.

— Então eu o verei.

O homem alto deu uma risada, um horroroso som rascante. Ele deu meia-volta e saiu do quarto.

O cheiro da cera, que fazia com que a capa encapuzada fosse à prova d'água, permaneceu.

Balista suave em profusão. Livrou-se das cobertas, saiu da cama e abriu a janela para deixar entrar o ar fresco da noite. Nu, ficou parado na frente da janela, aguardando o suor secar em sua pele. Do lado de fora, viu as Plêiades baixas no horizonte.

Tudo aconteceria de acordo com o desejo do Pai-de-Todos.

Balista foi até a bacia de lavar, jogou a água fria no rosto, enxugou-se com uma toalha e voltou para a cama. Depois do que pareceu ser uma eternidade, ele caiu em um sono profundo.

— Acorde! Acorde!

Balista despertou com dificuldade.

— Acorde, seu merdinha preguiçoso.

Balista abriu os olhos. Calgaco estava em pé ao lado da cama e sacudia seus ombros.

— O que foi? — Balista se sentia atordoado, estúpido de sono.

A boca amarga e fina de Calgaco estava mais apertada do que nunca.

— Os sassânidas estão na cidade.

Balista saiu da cama com um só pulo. Calgaco ia falando enquanto entregava as roupas do homem do norte e ele se vestia.

— Eu troquei de lugar com Máximo no telhado. Vi uma lanterna azul de aviso em uma das torres na muralha do sul. Ficou acesa por um momento e logo se apagou. Pudens está soando o alarme. Castrício está convocando a guarda. Máximo está selando os cavalos. Demétrio e Bagoas estão levando a sua armadura para os estábulos.

— Qual torre?

— A mais próxima da muralha do deserto.

Já vestido, Balista pegou sua cinta.

— Então, precisamos ir.

Quando chegaram aos estábulos, encontraram o lugar em completa agitação. Valetes corriam para lá e para cá carregando selas, rédeas e outros arreios. Os cavalos sacudiam as cabeças, batiam as patas e relinchavam, de indignação ou de animação, por terem sido acordados naquela hora incomum. Em uma das baias mais distantes, um cavalo se comportava mal, dava coices e batia a cabeça contra a porta. Calgaco saiu para descobrir o que tinha acontecido com Demétrio e Bagoas.

Balista ficou parado, um ponto de calma no olho da tempestade. Ele inalou o cheiro familiar e aconchegante dos estábulos, a mistura forte de cavalo, couro, sabão de sela, linimento e feno. Ficou surpreso em ver como aquela cena parecia atemporal. Estábulos nunca eram muito diferentes; as necessidades dos cavalos não mudavam. À exceção de uma ou outra manjedoura de mármore ou de um pedaço de forração com madeira boa, os estábulos do *imperium* eram iguais aos de qualquer outro lugar. Eram a mesma coisa em sua terra natal e na Pérsia dos sassânidas. Os cavalos não se afetavam muito pela cultura dos homens que os cavalgavam.

Sob o brilho dourado das lamparinas, Balista viu Máximo percorrendo a fileira de cavalos. O ar estava espesso com a poeira levantada da palha pelas botas dos homens e pelos cascos dos cavalos.

— Selei Cavallo Pálido para você — Máximo disse.

— Obrigado. — Balista pensou por alguns momentos. — Obrigado, mas pode deixá-lo em sua baia. Vou montar o grande cavalo baio castrado.

Máximo não questionou a ordem, mas saiu para executá-la.

Calgaco apareceu, trazendo consigo Demétrio e Bagoas, que carregavam o equipamento de guerra de Balista. Ele ficou contente de ver que não tinham trazido a refinada armadura romana de desfile que ele tinha usado naquele mesmo dia, mas sim sua camisa de cota de malha desgastada pela guerra. Balista pediu que apenas Calgaco o ajudasse e entrou em uma baia desocupada. Enquanto o caledônio idoso o ajudava a vestir sua armadura, Balista falou com a voz bem baixa para que mais ninguém pudesse escutá-lo.

— Calgaco, velho amigo, estou com uma péssima sensação. Quando nós tivermos partido, quero que você recolha nossos bens essenciais, sele todos os cavalos que sobraram e carregue três deles com suprimentos: sacas de pele com água, pão de campanha, carne seca. Espere aqui nos estábulos com Demétrio e o garoto persa. Fique com a espada em riste. Não permita que ninguém encoste nos cavalos. Vou deixar cinco *equites singulares* aqui no palácio. Vou dizer a eles que acatem suas ordens. Coloque um homem em cada um dos três portões, um no terraço e um no telhado.

Do lado de fora, no beco estreito entre o palácio e os celeiros, Balista deu uma seqüência rápida de ordens. Ele organizou sua pequena coluna montada e disse a seus atendentes, aos escravos da casa e aos cinco guardas que ficaram para trás que seguissem as instruções de Calgaco. Este recebeu a ordem com uma enorme falta de entusiasmo.

Balista apertou o grande cavalo baio com as coxas e partiu, deu a volta no pequeno templo de Júpiter Doliqueno e desceu pela rua larga que levava até o *campus martius*. A pequena coluna se deslocava em passo de meio-galope em fila única. Mantinham-se bem próximos uns dos outros. Depois de Balista vinham Máximo, Castrício, Pudens e os cinco *equites singulares*.

Toques de trombeta ecoavam por toda a cidade. A distância, homens gritavam. Ouviam-se sons de golpes e de coisas se quebrando. No entanto, a área militar estava estranhamente deserta.

Alguns soldados corriam, alguns cambaleavam, e apenas um número insuficiente se dirigia para seus postos. Em algumas portas, soldados estavam largados, inconscientes. Quando passou pelos banhos militares, viu um soldado

estirado nos degraus, morto para o mundo, uma moça seminua ao lado dele, com uma das pernas pálidas entrelaçada à dele, Um jarro grande de vinho estava ali perto.

Ao entrar no *campus martius*, Balista viu Antonino Posterior parado no meio do amplo espaço aberto. O centurião estava com a cabeça descoberta, carregava o capacete na mão. Estava gritando com seus homens. Só havia dez deles. Um ou dois não pareciam muito firmes em cima das pernas. Balista se aproximou.

— Faremos o que for ordenado e a cada comando estaremos de prontidão. — A ironia de dizer a frase ritualística em nome de sua reduzida companhia pareceu escapar ao centurião.

— E só isto, Antonino?

— Temo que sim, *Dominus*. Mandei outros cinco para tentar acordar alguns rapazes.

— Será como os deuses quiserem. Assim que conseguir reunir mais alguns, quero que você os conduza à torre na muralha do sul que fica mais próxima da muralha do deserto.

— Faremos o que for ordenado e a cada comando estaremos de prontidão.

Balista começou a virar o cavalo.

— *Dux*, espere, — Da escuridão do norte saiu Acilio Glabrio. O jovem patricio montava um belo cavalo e usava armadura dourada, Havia uma espada em sua cintura. Balista sentiu um jorro de raiva se erguer dentro de si, mas, antes que pudesse falar, exigir saber como o jovem canalha ousava desrespeitar sua prisão domiciliar, desobedecer mais uma ordem e se armar, Acilio Glabrio desceu de sua montaria. O cavalo era bem treinado; ficou parado e obediente. Acilio Glabrio caminhou até Balista, então se ajoelhou na terra, com os braços estendidos em um gesto de súplica.

— *Dux Ripae*, desobedecei a suas ordens. Mas não quero que pense que sou um covarde. Se os sassânidas tiverem penetrado as defesas, vai precisar de todos os homens disponíveis. Peço sua permissão para acompanhá-lo como soldado raso.

Balista não gostava do aristocrata perfumado a seus pés nem confiava nele, mas nunca tinha duvidado de que o jovem detestável fosse um bom soldado.

— Monte em seu cavalo e venha conosco.

Balista virou a montaria e saiu em direção ao sul. Não havia portão no muro para separar o *campus martius* da parte civil da cidade, de modo que precisaram voltar. Depois de três quarteirões, chegaram à rua principal, que atravessava a cidade do Portão de Palmira até a *Porta Aquaria*. Ali havia mais gente, soldados

e civis, no entanto, um número excessivo dos últimos e insuficiente dos primeiros. Balista virou à direita e parou o cavalo na frente do grande caravancharai. Jogou a perna por cima do pescoço do animal, pulou para descer e correu para dentro. A luz das tochas que pingavam, a cena era bem parecida com a do *campus martius*. No meio do pátio, com a cabeça descoberta e exasperado, estava Antonino Prior. O centurião, que tinha se tornado o comandante temporário de todos os legionários em Arete desde a desgraça de Acilio Glabrio, berrava com seus homens. Mais uma vez, havia apenas uns dez deles, e ali também a maioria parecia estar em péssimo estado. Balista deu, rapidamente, as mesmas ordens de antes e correu de volta para seu cavalo.

Aquilo estava demorando demais. Ninguém sabia o que estava acontecendo. Ainda não havia nenhum som de luta. Mas aquilo tudo era um desperdício de tempo.

Eles cavalgaram na direção do Portão de Palmira durante um quarteirão e então viraram à esquerda, na rua que os levaria para mais perto da torre onde Calgaco tinha visto a lanterna azul de alerta. Havia muito barulho, mas nada ainda que apontasse claramente para luta. Podia ser um alarme falso, mas Calgaco não era dado a caprichos. Em todos esses anos que o conhecia, Balista nunca tinha visto o caledônio se entregar ao pânico. A lanterna podia ter sido acesa por engano. Pai-de-Todos, permita que seja o caso. Mas, se fosse, por que nenhum mensageiro veio da torre para explicar e suplicar desculpas? Balista seguiu em frente, forçando o cavalo a simular algo parecido com um galope.

Com exceção de um soldado bêbado que apareceu no caminho deles e então recuou cambaleando, chegaram ao fim da rua sem incidentes. Balista ergueu a mão direita e freou o cavalo. A torre estava a cerca de 50 metros de distância, logo à direita, do outro lado de uma área aberta.

Ela estava envolta em escuridão. Balista achou que enxergava homens na plataforma de batalha. Ficou lá parado, brincando com as orelhas do cavalo, pensando. Uma protuberância na muralha o impedia de enxergar a torre seguinte à esquerda, mas, à direita, tudo parecia normal na torre mais ao sul da muralha do deserto. Tochas queimavam ali, diferentemente da torre a sua frente.

Ele indicou que deveriam avançar. Conduziram os cavalos até a área aberta e abriram a formação em leque, em uma fila. Máximo estava à direita de Balista; Pudens, à esquerda. Tudo parecia muito quieto, os ruídos de fundo, muito distantes. Os únicos sons que Balista escutava nas proximidades vinham dos cascos dos cavalos no chão de terra batida, o silvo da brisa soprando através das mandíbulas do *draco* acima de sua cabeça e sua própria respiração pesada.

Na metade da área aberta, Balista ordenou que parassem. Os cavalos permaneceram enfileirados, mexendo as patas sem sair do lugar. Estava tudo

muito silencioso. A parte interna da muralha da torre estava a cerca de 20 passos de distância. A porta estava fechada. Balista respirou fundo para chamar a atenção da torre.

Ouviu o zunido dos arcos sendo soltos, o som cortante das penas no ar. Teve apenas um vislumbre da flecha. Desviou a cabeça para a esquerda e levou um golpe de raspão quando a flecha ricocheteou do ombro direito de sua cota de malha, fazendo faíscas voarem. O cavalo baio recuou. Já desequilibrado, Balista caiu. Perdeu o escudo ao cair pesadamente de encontro ao chão. Rolou para o lado para se livrar dos cascos do cavalo que batiam no chão. O cavalo ao lado empinava e descia com força sobre o piso duro a centímetros dele. Balista se encolheu em uma bola apertada, usando os braços para cobrir a cabeça.

Uma mão forte o pegou embaixo de sua axila e fez com que ele se levantasse.

— Corra — Máximo disse.

Balista correu.

Os dois dispararam na direção da muralha do deserto; flechas batiam no chão ao redor deles. Desviaram-se para a direita para colocar um cavalo caído que agitava as pernas entre eles e os arqueiros na torre. Balista corria com a cabeça abaixada.

Alcançaram o anteparo de terra interno da muralha do deserto. Correndo, arrastando-se de quatro, chegaram ao topo. Com as costas contra a muralha, Balista se agachou no ângulo em que as muralhas do sul e do deserto se encontravam. Máximo cobriu os dois com o escudo, mas ninguém mais atirava neles. Balista olhou ao redor de si. Acilio Glabrio e dois dos *equites singulares* ainda estavam com ele; não havia sinal de Castrício, de Pudens, nem dos outros guardas. Olhou para trás, para o lugar de onde tinham vindo. Uma coluna de guerreiros sassânidas se derramava pela área aberta. Pareciam emergir do próprio chão, embaixo da muralha, no lado mais próximo da torre.

— Caralho, tinha outro túnel — disse Máximo.

Balista se levantou e deu uma olhada do outro lado da muralha. Do lado de fora, à luz das estrelas, uma longa coluna de guerreiros persas serpenteava pela lateral do penhasco do sul. Luzes se acenderam na torre tomada pelos sassânidas. Tochas se agitavam para sinalizar. Com o súbito feixe de luz, Balista viu uma silhueta conhecida no alto da torre.

— Não, eles estão vindo pelas tumbas cristãs escavadas na encosta do penhasco — ele disse.

Com a cabeça careca que refletia a luz e a farta barba desgrenhada, Teodoto, conselheiro de Arete e sacerdote cristão, estava imóvel na torre, no meio de toda aquela comoção.

— Nunca confiei nesses fofidos — disse um dos guardas.

A coluna persa se deslocava para o norte, para dentro da cidade, subindo a rua que, momentos antes, Balista e seu grupo tinham descido a cavalo.

Havia uma agitação na passarela da muralha ao norte. Balista sacou a espada e, junto com os outros, virou-se para a esquerda para ficar de frente para a nova ameaça.

— Roma, Roma.

Os recém-chegados gritavam a senha da noite, Turpio e meia dúzia de soldados da *Cohors XX* apareceram na cena.

— Salus, Salus.

Balista e seu grupo gritaram em resposta.

— Mais más notícias — disse Turpio. — Outro grupo de cristãos dominou as sentinelas no Portão de Palmira. Estão baixando as cordas para os sassânidas subirem. Nas passarelas das muralhas, não há homens sóbrios em número suficiente para expulsá-los. — Turpio sorriu. — Quem poderia pensar que eles teriam coragem para isto?

Seus modos sugeriam que ele estava apenas fazendo um comentário leve e descompromissado a respeito dos pontos fracos de um grupo social; quem pensaria que eles, entre todos, poderiam gostar tanto de banhos e do circo? Nada nele traía o fato de que tinha acabado de anunciar a sentença de morte da cidade de Arete e da maior parte dos que o escutavam, quase com certeza.

Todos estavam olhando para Balista. Ele os ignorou e se recolheu para dentro de si mesmo. Seus olhos, sem enxergar nada, apontavam para o penhasco escuro. Eles estavam presos no canto sudoeste da cidade. Calgaco e os cavalos estavam a sua espera no palácio, na parte nordeste da cidade. A rota direta, as ruas logo abaixo deles, estavam se enchendo de guerreiros sassânidas. Se fossem para o norte ao longo da muralha do deserto, iriam se deparar com os persas que entravam pelo Portão de Palmira. O trajeto pela passarela da muralha do sul estava bloqueado pelo inimigo na torre em que Teodoto se encontrava. Fosse qual fosse a rota escolhida por Balista, eles teriam de abrir um caminho da fuga. Ele pensou em Bathshiba. Ela devia estar na casa do pai. A mansão de Iarhai ficava perto da *Porta Aquaria*, no canto sudoeste da cidade. Balista tomou sua decisão.

— Ali. — Balista apontou para a careca reluzente de Teodoto em cima da torre a leste. — Ali está o traidor. Nós vamos nos vingar. — Na semi-escuridão, ouviu-se um grunhido baixo de aprovação dos homens. — Entrem em formação em silêncio, rapazes.

A passarela da muralha tinha largura suficiente para quatro homens lado a lado. Balista assumiu a posição à direita, ao lado do parapeito. Máximo se colocou ao lado dele, depois Acilio Glabrio e, por último, Turpio. Balista ordenou que Turpio ficasse na retaguarda. Seria uma temeridade colocar todos os oficiais seniores na linha de frente. Um soldado da *Cohors XX*, desconhecido de Balista, ocupou o lugar que Turpio vagou. Balista olhou ao redor, para sua falange diminuta. Continha apenas 12 homens no total: quatro fileiras de largura e três de profundidade. Máximo disse a um dos soldados da retaguarda que entregasse seu escudo ao *Dux*. O homem obedeceu, relutante.

— Todos prontos? — Balista perguntou. — Então, vamos... em silêncio: quem sabe ainda conseguimos lhes fazer uma surpresa.

Saíram correndo em ritmo leve pela passarela da muralha. A torre não estava a mais de 50 passos de distância. Havia um grupo de cerca de uma dúzia de persas perto da porta aberta que levava da passarela da muralha ao interior da torre. Estavam olhando para a cidade, apontando e rindo. A falange romana estava quase em cima deles antes que percebessem. Os persas podiam não estar esperando um contra-ataque, mas fizeram jus a ele.

Balista acelerou os últimos passos em uma corrida desenfreada. O sassânida que estava na frente dele ergueu sua espada longa para descê-la na cabeça de Balista. Ele se desviou e, aproveitando o momento ao máximo, golpeou o corpo do homem com o escudo. O sassânida saiu voando para trás. Chocou-se com o guerreiro às suas costas. Ambos caíram na passarela da muralha. Enquanto o primeiro persa tentava se levantar, sua perna esquerda perdeu a cobertura do escudo por um instante. Balista desceu a espada e acertou com força o joelho do homem. O sassânida urrou. Com o instinto de defesa sobrepujado pela dor, ele se agarrou à articulação machucada. Balista enfiou a ponta da espada na virilha do homem. Ele já não contava mais,

O segundo sassânida tinha se levantado, Balista pulou para cima dele por sobre o homem que gemia no chão. O sassânida desceu a espada ferozmente. Balista o aparou com o escudo: farpas voaram dele. Rápido como um clarão, da esquerda de Balista, a espada curta de Máximo entrou na axila do persa. O homem se encolheu e caiu contra o parapeito.

Com a perda de mais ou menos a metade de seus homens, os persas deram meia-volta e fugiram.

— Atrás deles! — Balista vociferou. — Não deixem que fechem a porta.

Os soldados romanos irromperam na torre nos calcanhares dos sassânidas em fuga. Os perseguidos se jogaram escada abaixo para encontrar segurança nos homens que entravam na cidade como uma enxurrada vinda da necrópole cristã.

Balista escolheu a escada que levava ao telhado. Subiu dois degraus por vez.

Quando Balista surgiu na plataforma de batalha, viu dois persas segurando tochas, de costas para ele. Estavam fazendo sinais para os que estavam do lado de fora, ainda subindo pelo penhasco. Um golpe lateral na cabeça abateu o persa que estava à sua direita. Um golpe de frente pegou o cotovelo esquerdo do outro quando ele se virou. Ele assumiu uma expressão de surpresa ao ver o sangue jorrar do coto do braço; então Balista enfiou a espada em sua boca. Por um segundo, a lâmina ficou presa. Então Balista a soltou e trouxe junto cacos de dentes e sangue.

— Venham! — Uma voz de trovão ecoou pela torre. — E eu vi, e contemplei, um cavalo pálido, o nome de seu cavaleiro era morte e Hades o seguia.

Teodoto apontava para Balista. Entre os dois, havia uma linha de homens que lutavam. Balista era capaz de enxergar com clareza o alto sacerdote cristão por cima das silhuetas agachadas e em movimento dos combatentes. O rosto de Teodoto brilhava. Ele berrava, sua voz se sobrepujava ao som metálico das armas.

— O sexto anjo derramou sua tigela sobre o grande rio Eufrates e sua água secou, para preparar o caminho para os reis do Oriente.

A.s palavras não faziam sentido para Balista.

— Por que, Teodoto? Por que trair seus concidadãos?

Teodoto riu, fazendo sua enorme barba sacudir.

— O número de soldados de cavalaria era duas vezes 10 mil vezes 10 mil; eu ouvi o número deles... os cavaleiros usavam placas sobre o peito da cor do fogo e de safira e de enxofre.

— Seu tolo — Balista berrou. — Eles vão matar todos nós. Não vão poupar os cristãos. Não vão poupar ninguém.

— Eu vi a besta — Teodoto continuou a divagar — com dez chifres e sete cabeças, com dez diademas em cima dos chifres e um nome blasfemo por cima das cabeças... permita que aquele que compreende reconheça o número da besta, porque é um número humano, e o número é 666.

— Por quê? — Balista urrou. — Por que permitir que os sassânidas massacrem o povo desta cidade? Tenha dó, homem, por quê?

Teodoto parou de recitar. Olhou diretamente para Balista.

— Estes sassânidas são uns répteis. Não faço isso por eles. Não são melhores do que você. São meramente um instrumento de Deus. Faço isto por piedade...

piedade pelos pecados das pessoas. Os sassânidas são o castigo que Deus ordenou em sua misericórdia infinita pelos pecados do povo de Arete. Cristão e pagãos, somos todos pecadores.

Em menor número, os sassânidas na plataforma de batalha estavam se rendendo. Um soldado rompeu a linha deles e foi para cima de Teodoto.

— Se alguém adora a besta... deve ser atormentado com fogo e danação na presença dos santos anjos e do Cordeiro.

O soldado deu um golpe com a espada e acertou Teodoto na perna, O cristão cambaleou.

— Abençoados são aqueles que morrem no Senhor.

O soldado deu outro golpe. Teodoto caiu de quatro.

— Salvação...

O soldado o despachou em conformidade com as determinações do manual de treinamento: um, dois, três golpes pesados atrás da cabeça.

A resistência persa na plataforma de batalha tinha terminado. Balista contou seus homens que restaram: Máximo, Turpio, Acilio Glabrio, dois *equites singulares*, três soldados da *Cohors XX*; nove homens incluindo a si mesmo.

— Há algum ferido que não consegue correr?

Uma pausa se instalou. Turpio se adiantou.

— Demos... um jeito neles.

Balista assentiu.

— Eis o que vamos fazer. Os persas estão vindo por baixo da muralha. Vão se dirigir direto para a cidade. Não há persas na muralha. — Balista não fazia idéia se esta última informação era verdadeira. Percebeu que andava de um lado para o outro, explodindo de ansiedade. — Vamos nos dirigir para o leste, ao longo da muralha, na direção do rio. Quando for seguro, vamos descer da muralha. Vamos nos deslocar até a casa de Iarhai. Lá devemos encontrar... devemos reunir mais alguns homens. Vamos traçar nosso caminho pela parte leste da cidade, até o palácio.

Balista percebeu os olhares perplexos.

— Há cavalos a nossa espera lá.

Os homens assentiram. Balista sabia que não tinha a menor idéia do que pretendia fazer se conseguissem chegar até lá, mas qualquer plano parecia bom para os homens agora já que pelo menos lhes dava algo por que trabalhar,

fornecia um vislumbre minúsculo de esperança.

Com Balista na liderança mais uma vez, eles desceram as escadas bem rápido e saíram pela porta do leste. Ao deixarem a muralha, ouviram um grito e receberam uma saraivada de flechas. Logo atrás de Balista, homens berraram. Ele mergulhou com o capacete na altura do escudo e correu. Uma flechada infeliz na perna e tudo estaria terminado.

Em pouco tempo, as flechas pararam de voar. Os gritos dos sassânidas foram ficando bem para trás deles. Era uma longa corrida até a próxima torre. Os pulmões de Balista queimavam. Ao seu redor, ele escutava os homens respirando com dificuldade.

A porta da torre seguinte estava aberta. Balista se jogou para dentro, pronto para lutar. A torre estava deserta. Ele a atravessou em um pulo e saiu do outro lado.

A torre seguinte não estava longe. Mais uma vez, tinha sido abandonada por seus defensores. Desta vez, Balista os conduziu escada abaixo e do térreo para dentro da cidade. Antes de sair pela porta, parou para permitir que retomassem o fôlego. Olhou ao redor. Só faltavam dois homens.

Balista espiou para fora. O beco próximo à muralha estava vazio. Ele os conduziu para o exterior e, virando à direita, correram na direção do rio.

Quando atravessaram a área aberta, onde o soldado tinha sido atingido pela flecha dirigida ao traidor — Teodoto, o canalha —, havia pessoas espalhadas, soldados e civis, dirigindo-se para o mesmo lado que Balista e seus homens: para a *Porta Aquaria* e o rio.

Depois de um tempo, Balista fez uma curva para o norte na rua que o levaria à mansão de Iarhai.

O portão principal da casa estava aberto. Havia seis mercenários ali, com as armas em riste. Pareciam ansiosos. Balista parou perto deles. Abaixado, com as mãos nos joelhos, puxando o ar para dentro dos pulmões, demorou um pouco para conseguir falar.

— Iarhai... onde ele está?

Um mercenário fez um sinal com a cabeça,

— Lá dentro, — respondeu, ríspido. — Rezando.

Quando Balista entrou, Bathshiba correu direto para seus braços. Ele a segurou. Sentiu os peitos dela contra o seu corpo. Estamos todos prestes a morrer, ele pensou, e eu ainda estou pensando em foder esta mulher. Um homem é sempre um homem.

— Onde está o seu pai?

Ela o pegou pela mão e o conduziu aos aposentos privados do escoltador de caravana.

Em um quarto branco, com mobília parca, Iarhai estava ajoelhado em um tapete, rezando.

— Seu canalha. Você sabia, não é mesmo? — O tom de voz de Balista era selvagem, — Responda,

Iarhai olhou para ele.

— Responda!

— Não. — Um músculo no pômulo quebrado de Iarhai se repuxou. — Sim, eu me tornei cristão. Estou enojado com a vida, com essa matança. Teodoto me ofereceu redenção. Mas, não, eu não tinha idéia de que ele faria isto.

Balista tentou refrear sua raiva. Ele acreditava em Iarhai.

— Vou lhe dar uma chance de redenção. Nesta vida, se não na próxima. — Iarhai olhou para Balista sem nenhuma curiosidade. — Se depender de mim, não tenho intenção de morrer nesta cidade nojenta e cheia de moscas. Tenho cavalos a minha espera, selados, no palácio. Se eu conseguir chegar até lá, tenho um plano que pode dar certo. Vou levar a sua filha comigo. Mas nunca vamos chegar ao palácio a menos que alguém segure os sassânidas.

— Vai ser como Deus quiser — Iarhai disse em tom monótono.

— Levante-se e arme-se, seu canalha sem colhões — Balista berrou.

— Não matará — Iarhai entouu. — Nunca mais vou tirar a vida de outro homem.

— Se há uma coisa neste mundo que você ama, é a sua filha. Não vai se prontificar a salvá-la?

— Será como Deus quiser.

Balista olhou ao redor, furioso. Bathshiba estava ali perto. Sem aviso, ele a agarrou pelos cabelos e puxou-a para si. Ela berrou de surpresa e de medo. Balista a segurou a sua frente, com a mão esquerda apertada bem firme na garganta dela.

Iarhai se levantou um pouco. Automaticamente, sua mão foi para o lado esquerdo do quadril, à procura da espada que não estava lá.

— Vai deixá-la cair nas mãos dos sassânidas? — Balista falou baixinho. — Você sabe o que eles vão fazer com ela. — Iarhai não disse nada. — Vão estuprá-la. Um após outro, vão estuprá-la. Dez, vinte, trinta homens, cem. Vão mutilá-la. Ela

vai implorar para que a matem muito antes de fazerem isto.

Havia um ar de indecisão agonizante no rosto de Iarhai.

— É isto que você quer?

Com a mão direita, Balista agarrou a gola da túnica de Bathshiba. Com um puxão selvagem, ele rasgou o tecido. Os peitos de Bathshiba soltaram-se. Ela berrou e tentou cobrir os mamilos castanho-escuros com as palmas das mãos.

— Seu canalha. — Iarhai estava em pé, com uma expressão de dor indescritível no rosto.

— Arme-se. Você vem conosco,

Balista soltou Bathshiba. Ela saiu correndo do quarto. Iarhai foi até um baú no canto. De lá, tirou sua espada e a prendeu à cintura. Balista deu meia-volta e saiu. Ao portão estavam apenas os seis homens que tinham chegado com Balista.

— Os mercenários fugiram — disse Máximo.

Em poucos minutos, Iarhai surgiu das profundezas da casa com Bathshiba. Ela vestia uma túnica nova. Não olhou para Balista.

— Hora de partir.

Com passo firme e apressado, saíram em direção ao norte, para o palácio. O trajeto parecia cenário de um pesadelo. Não muito longe, eles ouviam gritos. Já havia um cheiro de queimado no ar. Em cada cruzamento de rua, tiveram de lutar para abrir caminho entre a multidão tomada pelo pânico que corria para o leste, em direção à *Porta Aquaria* e ao rio. Balista sabia que eles veriam cenas de horror quase inimagináveis na margem do rio e nos embarcadouros, onde milhares de indivíduos apavorados estariam brigando por um lugar em algum dos pouquíssimos barcos. Crianças separadas das mães, pisoteadas: ele nem queria pensar. Balista abaixou a cabeça e correu para o norte.

Tinham acabado de passar pelo templo de Zeus Teos, estavam a um quarteirão do terreno aberto do outro lado do palácio. Foi aí que ouviram a perseguição.

— Ali está ele. Cinco quilos de ouro para o homem que levar a cabeça do bárbaro alto para o Rei dos Reis.

Por um segundo, Balista achou que tinha escutado a voz do oficial persa que ele tinha enganado naquela noite escura no penhasco, mas percebeu que eram apenas seus próprios pensamentos cansados pregando-lhe peças.

Os sassânidas ainda estavam a 100 passos de distância, mas havia muitos deles, e pareciam descansados. Balista e aqueles que o acompanhavam estavam exaustos.

— Siga em frente — disse Iarhai. — A rua é estreita. Eu consigo detê-los.

Balista olhou para Bathshiba. Esperava que ela fosse gritar, agarrar-se ao pai e lhe fazer súplicas, mas ela não fez nada disso. Ficou olhando para o pai, então deu meia-volta e correu.

— Você não vai conseguir detê-los sozinho. Eu fico. — Acilio Glabrio se voltou para Balista. — Você não tem apreço pelos patrícios, mas vou lhe mostrar como um Acilio Glabrio morre. Como Horácio, vou defender a ponte.

Balista assentiu e, com Máximo, correu atrás dos outros. Logo escutou o som da luta. Quando passou pelo arsenal da artilharia, Balista parou para tomar fôlego. Faltavam apenas 50 metros para chegar ao palácio. Ele olhou para trás. O fim da rua estava cheio de persas. Ele não conseguia enxergar Iarhai. O escoltador de caravana não tinha tido tempo de vestir a armadura. Não devia ter durado muito. Mas lá estava Acilio Glabrio, uma silhueta pequena a distância, rodeada pelo inimigo. Balista continuou correndo.

— Você demorou. — Calgaco estava radiante.

Balista deu um sorriso fraco. Estava cansado demais para responder. Apoiou-se na parede do estábulo. Comparado com a situação anterior, o lugar estava deserto. Balista se apurou para perguntar ao guarda onde estavam os outros *equites singulares*. O homem pareceu acanhado.

— Nós... eles... ah, acharam que você não iria voltar. Só sobrou Tito lá fora... e eu.

— Por alguns instantes eles quase estiveram certos. — Balista passou as mãos no rosto. — Qual é o seu nome?

— *Félix*, Dominus.

— Então esperemos que o seu nome seja um presságio.

Balista inquiriu Calgaco a respeito dos escravos do palácio, e foi informado de que todos tinham desaparecido. Fechou os olhos e respirou os cheiros reconfortantes do estábulo. Seu peito doía. Todos os músculos de suas pernas se contraíram de cansaço. O ombro direito estava em carne viva onde a cinta da espada tinha pressionado a cota de malha. Sentiu a tentação de simplesmente se deitar na palha. Claro que ele estaria em segurança, rodeado por aqueles cheiros tão conhecidos, claro que os sassânidas não o encontrariam ali, certo? Ele só precisaria dormir.

A fantasia ingênua do homem do norte foi estilhaçada pela chegada de Máximo.

— Estamos prontos para partir. Todos estão lá fora, montados, exceto nós.

O hibernico jogou um saco de pele com água para ele. Balista tentou pegá-lo com uma das mãos, mas não conseguiu. Ficou equilibrando-o nas duas mãos até estar firme. Abriu a ponta, derramou um pouco de água na mão e lavou o rosto, enxaguando os olhos cansados. Em seguida, bebeu.

— Então, está na hora de ir.

Do lado de fora, a lua no céu estava quase cheia. O beco estreito entre o palácio e os celeiros estava banhado pelo luar. Balista tentou se lembrar se, em sua terra natal, aquela era a lua da colheita ou do caçador. Estava cansado demais para se recordar. Ele caminhou até o bloco de montar. Demétrio chegou com Cavallo Pálido. Balista montou com dificuldade.

Na sela, ele se sentiu um pouco melhor. Olhou o beco de cima a baixo, para os cavalos e os cavaleiros. Fora ele, havia mais 14 pessoas: Máximo, Calgaco, Demétrio, Bagoas, Turpio, os dois integrantes restantes de sua equipe oficial (um escriba e um mensageiro), os dois *equites singulares* Tito e Félix, e mais quatro soldados que tinham atravessado a cidade com ele (três integrantes da *Cobors XX* e um guarda). E havia Bathshiba. Havia ainda três cavalos carregados com suprimentos.

— O que vamos fazer a respeito dos outros seis cavalos selados no estábulo? — Calgaco perguntou.

Balista sabia que devia mandar matá-los ou aleijá-los, para o caso de serem encontrados pelos perseguidores.

— Corte as barrigueiras e as rédeas.

Calgaco desceu do cavalo, desapareceu dentro dos estábulos e voltou logo em seguida. Quando o caledônio montou novamente seu cavalo, Balista fez sinal para que avançassem.

Pela segunda vez naquela noite, Balista liderou uma coluna de cavaleiros ao redor do templo de Júpiter Doliqueno. Saíram na rua larga que levava ao *campus martius* e Balista fez Cavallo Pálido galopar. Para o caso de ele cair, explicou rapidamente o plano que tinha imaginado a Máximo, Calgaco e Turpio. Eles não pareceram muito entusiasmados. Ele não iria dizer nada aos outros. Não havia motivo para assustá-los ainda mais.

A área militar que atravessaram em disparada estava vazia. Os romanos tinham fugido, os persas ainda não tinham chegado. Fumaça vinda do sul cobria a rua. Ao galopar em frente aos banhos militares, Balista notou que o soldado em coma tinha sumido dos degraus. A moça também. Boa sorte para você, irmão, ele pensou, e para você também, moça.

O grupo disparou rua abaixo, o barulho de trovão dos cascos ecoando pelas

paredes.

De uma rua à esquerda veio o som de luta. Balista viu de relance um mercenário encurralado contra a parede do anfiteatro, sua espada brilhando à luz das tochas enquanto ele tentava manter afastada uma turba de guerreiros sassânidas aos berros. Em instantes, a visão e o som foram substituídos pelo cenário da esquina seguinte.

— Haddudad! — Bathshiba gritou, Ela fez seu cavalo parar abruptamente. Os que vinham atrás dela precisaram desviar ou puxar as rédeas com rapidez para não se chocarem contra ela.

— Deixe-o — Balista gritou, — Não há tempo.

— Não. Precisamos salvá-lo. — Bathshiba deu meia-volta com o cavalo e, cravando os calcanhares nos flancos do animal, voltou na direção da esquina.

— Droga — Balista resmungou. Quando virou Cavalo Pálido, disse a Turpio que seguisse em frente com os outros, e a Máximo que o acompanhasse. Ele saiu atrás de Bathshiba. Qual era o problema dela? Tinha deixado o pai à morte certa, sem lançar nada mais do que um olhar pesado na direção dele, mas agora estava arriscando a vida por um de seus mercenários. Será que era a culpa por ter deixado o pai para trás que a fazia agir assim? Será que era alguma coisa a respeito de Haddudad? Balista sentiu uma pontada de ciúme.

Cavalo Pálido quase derrapou ao dobrar a esquina; a montaria de Máximo estava apenas uma cabeça de desvantagem. Haddudad ainda estava em pé. Havia um par de orientais caídos a seus pés, A pressão ao redor do mercenário tinha relaxado com a chegada de Bathshiba. Enquanto Balista observava, ela derrubou com um só golpe um persa que estava a seu lado, Mas então o cerco se fechou. Dois homens agarraram as rédeas dela. Outro pegou sua bota esquerda e a puxou da sela. Um ruidoso grito de comemoração se ergueu.

Toda a atenção dos persas voltava-se para a moça e o mercenário. Estavam completamente alheios à aproximação dos dois outros cavaleiros. Balista segurava a espada em riste, em paralelo ao pescoço do cavalo, com o braço rígido. O persa recuou a cabeça para trás instantes antes do impacto. Era tarde demais. A espada perfurou a cota de malha e entrou no meio das costas. O choque fez Balista se projetar para trás na sela. Ele deixou o braço balançar para a frente, para baixo e depois para cima enquanto o persa caía para o lado, soltando-se da lâmina com seu próprio peso.

Balista saiu do outro lado do nó de guerreiros persas. Máximo estava a seu lado. Viraram os cavalos. Fincando os calcanhares nos animais, avançaram mais uma vez. Pelo canto do olho, Balista viu Haddudad lançar um ataque feroz sobre os dois sassânidas que ainda estavam a sua frente.

Um persa tentou atingir a cabeça de Cavallo Pálido. Balista bloqueou o golpe com o escudo, então baixou a espada em um golpe de quebrar os ossos no alto do arredondado capacete de ferro do homem; faíscas voaram, um barulho alto se ouviu e a lâmina atingiu o crânio.

Mais uma vez, Balista atravessou a multidão, sempre com Máximo a seu lado. Os persas que restaram estavam fugindo. Havia vários no chão. Entre eles estava Bathshiba, imóvel.

Haddudad correu até ela. Pegou a cabeça da moça nos braços.

— Está tudo bem. Ela vai recobrar os sentidos.

Ele a ajudou a se levantar. As pernas dela pareciam sem força. Máximo se aproximou com seu cavalo, puxando o de Bathshiba. Haddudad a ajudou a montar na sela. Então, com um pequeno pulo e total intimidade, o mercenário se acomodou atrás dela.

— Hora de partir — disse Balista, disfarçando a irritação.

Os cavalos saíram batendo os cascos pelo caminho que tinham traçado antes, Balista e Cavallo Pálido mergulharam na sombra escura e densa entre o *principia* e os alojamentos militares e saíram no vazio banhado pelo luar do *campus martius*. Desta vez, não havia chance de a silhueta de Acilio Glabrio aparecer. Balista apontou Cavallo Pálido na direção do templo de Bel e da muralha do norte.

Ele freou o cavalo ao chegar ao portão menor do norte. Estava aberto. Turpio e um dos guardas estavam voltando a subir em seus cavalos. Deviam ter precisado desmontar para abrir o portão. O mais provável é que as sentinelas o tivessem fechado ao fugir. Balista ficou imaginando para onde teriam ido. Podiam ter fugido a pé para o leste, margeando a muralha externa. Talvez tivessem tentado descer o barranco perto do rio, na esperança de encontrar um barco... mas, talvez, apenas talvez, eles tivessem tido a mesma idéia que ele. Sem cavalos, não poderia dar certo. Eles não teriam chance de escapar.

Balista deu ordens rípidas para que os suprimentos fossem cortados de um dos cavalos de carga. Haddudad saltou da sela de trás de Bathshiba e montou no lugar ocioso do cavalo de carga. Pegando um dos menores sacos de provisões descartados, Balista perguntou a Bathshiba se ela estava bem. Ela respondeu apenas que sim.

— Hora de partir de novo.

Balista fez Cavallo Pálido atravessar o portão a passo e virou para a direita. Os outros o seguiram. O caminho tinha largura suficiente para dois cavalos lado a lado, mas a ameaça da queda livre à esquerda os forçava a avançar em fila única. Ele fez o cavalo seguir no mesmo ritmo até alcançar o grande deslizamento de terra que tinha avistado, há meses, no dia da caçada ao leão. Fez

um sinal para que todos parassem e se virou de frente para o grupo. Apontou para baixo.

Balista estava esperando uma resistência coletiva, uma onda de protestos. Nada disso aconteceu. Ele olhou para baixo, para a grande rampa formada pela terra que tinha deslizado. Começava cerca de 1 metro abaixo da beirada e então se estendia em um ângulo terrivelmente íngreme, de 45 graus ou mais. Sob o intenso luar, o piso parecia solto e traiçoeiro. Aqui e ali, uma pedra perigosa se projetava. Parecia se estender para sempre.

Balista olhou para os outros. Estavam completamente silenciosos. Ninguém se movia. Sob os capacetes, os olhos dos soldados eram poços de sombras negras. Balista compreendia bem a hesitação deles. Um cavaleiro avançou com muita cautela, Era Bathshiba, O cavalo dela parou na beirada. Sem proferir uma única palavra, ela fincou os calcanhares no cavalo e o animal saltou para a frente. Balista observou quando ele tocou o chão. Lutando para manter o equilíbrio, com as ancas quase no solo, começou a agitar as patas e deslizar para baixo.

Balista se forçou a olhar para o outro lado. Aproximou Cavallo Pálido da montaria de Demétrio. Pegou as rédeas das mãos do garoto e conduziu o cavalo até a beirada. Prendeu as rédeas na parte alta da frente da sela do menino. Inclinou-se para perto e disse baixinho a ele que esquecesse as rédeas, que apenas se inclinasse para trás e se agarrasse à sela. O garoto trazia a cabeça descoberta e parecia apavorado. *Segure firme*. Balista sacou a espada. O garoto tremeu. A espada brilhou ao traçar um arco no ar. Balista bateu com a parte chata da lâmina, com toda a força, na anca do cavalo do garoto. Ele deu um salto para a frente, para o espaço vazio.

— Então, vocês estão com medo de seguir a trilha que uma moça e um secretário grego ousaram tomar? — Balista pediu o cabresto de um dos cavalos de carga. Ele o conduziu até a beirada. Olhou para a queda vertiginosa. Pai-de-Todos... e pensar que na tarde da caça ao leão achei que seria divertido fazer isto aqui. Ele apertou os calcanhares com força.

Quando Cavallo Pálido caiu, Balista se ergueu no ar, quase saindo da sela, No momento em que os cascos do cavalo castrado encontraram a rampa, Balista foi de encontro à sela mais uma vez, sentindo o impacto reverberar na espinha. O cabresto ficou rígido, puxando o braço direito para trás, forçando o ombro, com o couro escapando-lhe por entre os dedos, queimando, O cavalo de carga o seguiu e a pressão se desfez.

Balista se inclinou para trás o máximo que pôde, segurando as costas contra o apoio traseiro da sela, firmando as coxas no da frente, A queda da rampa se estendia à frente dele. Pedras pontudas e cortantes se projetavam. O fundo do penhasco parecia infinitamente distante. Ficou imaginando se deveria fechar os

olhos, lembrou-se de como a terrível realidade tinha transbordado quando ele voltou a abri-los no túnel de cerco e, então, fixou o olhar na crina de Cavallo Pálido.

Para baixo e para baixo, foram mergulhando. Para baixo e para baixo. Então estava terminado. Cavallo Pálido firmou as patas embaixo do corpo e eles correram no leito plano do penhasco.

Balista levou os dois cavalos até o lugar em que Demétrio e Bathshiba estavam esperando. Máximo passou por eles como um trovão, berrando feito um louco. Um após o outro, Calgaco, Bagoas, o mensageiro e o escriba chegaram ao fundo. Então o desastre se abateu.

Na metade da rampa, a montaria de um dos soldados (era impossível saber qual) perdeu o equilíbrio. O cavalo tropeçou para a frente; o cavaleiro foi jogado para fora da sela. O cavalo caiu em cima dele. Juntos, em uma avalanche de pedras e terra, foram rolando para baixo. O cavaleiro seguinte quase saltou para cima deles. No último instante, o emaranhado ensangüentado e quebrado de cavalo e homem foi parar na extremidade da rampa. O caminho estava aberto mais uma vez.

Todos os restantes conseguiram chegar ao fundo. Turpio foi o último, conduzindo um dos cavalos de carga. Que homem corajoso, Balista pensou. Quanto mais cavalos desciam a rampa, mais a superfície ficava irregular e instável.

Balista os organizou em uma fila. Faltava Félix. O nome dele não tinha se comprovado profético. O cavalo de um dos outros soldados estava mancando. Balista apeou para inspecionar a pata do animal. Era uma das dianteiras. Estava machucada demais para que pudesse correr. Balista livrou a bagagem de um dos dois cavalos de carga restantes e disse ao soldado que o montasse. Soltou o cavalo manco. Ele ficou parado, com ar desconsolado.

Acenando para que os outros o seguissem, Balista direcionou Cavallo Pálido para subir pelo penhasco, no sentido oposto do rio. Na liderança da fila, ele os mantinha em ritmo constante de meio-galope. Não tinham andado muito quando ouviram os gritos. Lá no alto, à esquerda, tochas brilharam. Uma trombeta soou. Guerreiros sassânidas montados se deslocavam pela beirada, seguindo o caminho que eles tinham traçado. Balista sentiu uma depressão imensa. De algum modo, tinha achado que seria possível escaparem sem serem notados, como ladrões na calada da noite. Pai-de-Todos, Capuz Fundo, Altivo, Realizador de Desejos, faça com que os cavalos deles refuguem frente à descida tenebrosa, permita que a coragem de seus cavaleiros os abandone. Ele tinha poucas esperanças de que sua prece fosse atendida. Passou a torcer para que os cavalos deles tivessem estragado tanto a superfície da rampa a ponto de fazer com que os persas compartilhassem do destino sangrento de Félix.

Ainda que os sons dos perseguidores inimigos estivessem se intensificando, Balists segurou o ímpeto de fazer o cavalo galopar. Dava para sentir os pensamentos de todos aqueles que vinham atrás dele, desejando que ele apertasse o passo. Ele os ignorou. Não funcionaria. Ele se lembrou do caminho acidentado de sua perseguição ao onagro. Forçou-se a manter o Cavalo Pálido em constante meio-galope, deixando que o animal escolhesse seu próprio caminho.

Logo a curva no penhasco os escondeu de seus perseguidores. O calor do dia anterior ainda pairava pesado nas profundezas, Balista cavalgava através das nuvens de mosquitos, Eles entravam em seus olhos e boca.

Balista se aproximou do entroncamento no penhasco. Antes de fazer Cavalo Pálido entrar na trilha estreita ao pegar a passagem da direita, ele olhou para trás. Bathshiba e Calgaco estavam perto. Ele não enxergava Máximo. Não tinha ouvido nenhum cavalo cair. Não havia percebido nenhuma confusão. Ficou surpreso, mas não se preocupou sem motivo. Prosseguiu a meio-galope. O caminho estava se transformando em uma subida mais íngreme.

Máximo tinha se deleitado com a descida da rampa. Ele se orgulhava de saber que aquela tinha sido a intenção de Balista desde o início. Assim que tinha visto a rampa de terra no dia que mataram o leão, Máximo soube que em algum momento tentariam descê-la. Certo, ele não tinha achado que seria na calada da noite, fugindo de uma invasão da cidade. Mas isso só tinha adicionado tempero à aventura.

Quando ouviu os sons da perseguição, Máximo se virou em cima da sela e olhou na direção do fim da coluna. Tudo parecia bem. Mas ele reparou quando Bagoas afastou o cavalo para o lado e deixou os outros começarem a ultrapassá-lo. Máximo fez a mesma coisa. Gradualmente, foi chegando ao fim da coluna. Quando entraram na passagem à direita do entroncamento do penhasco, ele estava apenas três cavaleiros atrás de Máximo. Quando a passagem voltou a se abrir, ele colocou o cavalo contra a parede de pedra e fez um sinal para que Tito e Turpio passassem.

Máximo ficou parado esperando. Não havia sinal do garoto persa. Máximo deu meia-volta com o cavalo, sacou a espada e voltou a percorrer o caminho por onde tinha vindo. Então este é o seu jogo, seu pequeno canalha traiçoeiro. Vai ficar esperando no entroncamento para dizer a eles aonde nós fomos. Bom, você vai estar no Hades antes que isto aconteça, seu fodido. Ele seguiu em frente ligeiro, as pedras fazendo barulho sob os cascos do cavalo.

E era aquilo mesmo, lá estava Bagoas imóvel em seu cavalo no entroncamento. Máximo fez sua montaria avançar com mais rapidez. O garoto persa viu Máximo se aproximar, com a espada em riste. Ele estendeu as mãos com as palmas para cima.

— Não, por favor, não. Por favor, não me mate.

Sem proferir uma palavra, Máximo continuou a avançar.

— Não, por favor, você não compreende. Não vou trair vocês. Estou tentando salvá-los. Vou direcionar os persas para o lado errado.

Máximo fez o cavalo parar de supetão e o animal quase empinou. Ele esticou o braço e agarrou o cabelo comprido do menino. Puxou-o para fora da sela. A espada do hibérnico brilhou e encontrou a garganta do garoto. A ponta da lâmina penetrou de leve na pele. Um filete de sangue, muito negro ao luar, escorreu pelo aço reluzente.

— E por que devo acreditar em você? — Bagoas olhou nos olhos azul-claros de Máximo, terrivelmente indecifráveis. Ele não conseguia falar, O barulho da perseguição ecoava no penhasco. Com os sons que ricocheteavam nas paredes de pedra, era impossível saber qual era a distância dos perseguidores. — Fale logo, não temos a noite toda.

Bagoas engoliu em seco.

— Balista e você não são os únicos homens que têm honra. Você salvou a minha vida quando os legionários me atacaram. Agora eu vou pagar a dívida.

Durante um tempo muito longo, nenhum dos dois falou. A espada permaneceu na garganta de Bagoas. Os olhos azuis fixos não entregavam nada. Os sons da perseguição estavam ficando mais altos.

A espada se foi. Máximo a limpava com cuidado em um trapo que trazia na cinta. Ele a embainhou. E sorriu.

— Até a próxima, menino.

Máximo deu meia-volta com o cavalo e disparou pelo caminho de onde tinha vindo, pelo lado direito do entroncamento, atrás dos outros.

No alto das colinas, Balista estava acomodado em cima de Cavalos Pálidos e olhava para a cidade em chamas. O vento do sul estava ficando mais forte. Lançava grandes línguas de fogo ao céu noturno. De vez em quando, nuvens densas de fagulhas, como um vulcão em erupção, erguiam-se quando uma construção desabava. A cidade moribunda estava a pelo menos 2,5 quilômetros de distância. Nenhum som chegava até Balista. Ele se sentia grato por isto.

Tanto esforço para acabar assim, ele pensou. Será que a culpa é minha? Será que eu me concentrei demais no maquinário de cerco dos sassânidas e não prestei atenção suficiente à possibilidade de traição? Se eu tivesse pensado melhor a respeito dos cristãos, será que teria percebido indícios, será que teria me dado conta?

Mais uma construção grande desabou e um redemoinho de fagulhas se ergueu. A parte inferior das nuvens que corriam pelo céu estava tingida de cor-de-rosa. Um pensamento feio e indesejável emergiu como um peixe enorme com a boca cheia de dentes afiados vindo à tona da mente de Balista: aquilo estava previsto. Por isso tinham-no enviado, não Bonito ou Celso. Foi por isso que ninguém me deu soldados adicionais, Foi por isso que os reis de Emesa e Palmira se sentiram no direito de recusar meu pedido por soldados. Nunca houve qualquer esperança de alívio. Os imperadores já sabiam que os dois exércitos de campo seriam necessários em outros locais nesta temporada de campanha; que um iria para o Danúbio com Galiano para enfrentar os Carpi, e o outro, com Valeriano para dar conta dos godos na Ásia Menor. Sempre acharam que Arete iria cair. A cidade, sua guarnição, seu comandante; todos eram dispensáveis. Nós deveríamos ser sacrificados para ganhar tempo.

Balista se pegou rindo. Em certo sentido, ele tinha sido bem-sucedido. A cidade tinha caído, mas ele tinha feito o *imperium* romano ganhar um pouco de tempo. Ao custo de bastante sofrimento, de muitas vidas, ele tinha conseguido. Os imperadores deveriam recebê-lo como um herói. Claro que isso não aconteceria. Eles queriam um mártir, não uma testemunha viva da sua traição impiedosa à cidade de Arete. Queriam que seu *Dux Ripae* bárbaro dispensável morresse com a espada na mão, nas ruínas enegrecidas pela fumaça da cidade, não cambaleando de volta à corte imperial, fedendo a fracasso e traição. Balista seria uma vergonha, Ele seria culpado, transformado em bode expiatório, com a reputação em frangalhos.

Um dia, ele jurou, este *imperium* vai se arrepender de todas as coisas que fez.

A cidade ainda ardia. Balista tinha visto tudo o que queria ver.

Yirou-se sobre a sela e olhou para o fim da fila. Todos aqueles que eram importantes para ele estavam ali: Calgaco, Máximo, Demétrio. E lá estava Bathshiba. Outros pensamentos lhe vieram à mente: a figura encapuzada do homem alto, Mamurra soterrado no escuro embaixo das muralhas. Ele os afastou. Olhou para além da coluna. Não havia indício de qualquer perseguição. Fez um sinal para que prosseguissem,

No fim da fila, o *frumentarius* sobrevivente olhou para a cidade de Arete em chamas. Ficou imaginando que relatório escreveria aos imperadores a respeito de tudo aquilo. Deu uma última olhada no fogo no Oriente e fincou os calcanhares no cavalo para seguir os outros. Ele espirrou. E ficou imaginando como terminaria aquela nova jornada.



11 Para os gregos, Nice (ou Niké) era a deusa que personificava a vitória, (N. do E.)